OS QUE HERDAM A ESCURIDÃO



GIL CLEBER
ROMANCE

Os Que Herdam a Escuridão

Gil Cléber

OS QUE HERDAM A ESCURIDÃO

ROMANCE

EDIÇÃO DO AUTOR — 2025

Arte final e capa: Gil Cleber
Ilustração da capa:desenho do autor, com aplicação de efeitos digitais, sobre imagem de papel velho, também do autor.

Sobre esta edição:

Esta edição difere ligeiramente daquela publicada em meu *site*, em formato PDF, em razão de algumas poucas correções e breves alterações visando tornar mais claras as datas na história, que não sofreu qualquer alteração.

Nota importante:

Sendo o autor contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:
gilccarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Sobre este romance

A Bíblia tem sido uma fonte inegavelmente rica de inspiração para a literatura, além de ser, ela própria, uma grande obra literária. Assim, Machado de Assis foi buscar na rivalidade entre os irmãos Esaú e Jacó, filhos de Isaque e netos de Abraão, tema para o romance **Esaú e Jacó**, e também o escritor sueco Pär Lagerkvist trouxe dos evangelhos a idéia para seu **Barrabás**. Thomas Mann, em sua monumental tetralogia **José e seus irmãos**, narra a grande aventura de José desde a época em que Jacó, seu pai, serviu a Labão a fim de alcançar a mão de sua bem amada Raquel. Já o escritor português José Saramago subverte os evangelhos com o belo e polêmico **O Evangelho segundo Jesus Cristo**, que despertou a ira da Igreja Católica. O romancista norte-americano William Faulkner também escreveu dois grandes romances sobre temas bíblicos: **Absalão, Absalão**, no qual aborda a história de Davi e seu filho Absalão, transposta, no entanto, para o Sul dos Estados Unidos; e **Uma fábula**, no qual o comandante de um regimento rebelde do exército francês, durante a Primeira Guerra Mundial, encarna a figura de Jesus, e os doze soldados sob seu comando a dos doze apóstolos.

Certamente outros autores terão buscado inspiração nas Sagradas Escrituras, às quais eu também não me mantive insensível, e o que me seduziu foi a idéia — sem dúvida ambiciosa — de abordar o perturbador **Apocalipse de São João**: assim, em 1992, concebi o romance *"Os que herdam a escuridão"*[1].

Sem avançar em comentários que ofereçam pistas, desejo não obstante assinalar que João, o narrador, personifica o próprio São João, assim como Patmos é o nome da pousada onde ele se hospeda ao retornar à terra de seu nascimento, Pilar, um lugarejo perdido no sertão, com o fito de recordar e escrever a história de sua vida. Naquele lugarejo ele vai também recuperar um antigo diário de família que abandonara ao partir para o mundo, diário esse no entanto fechado de modo inviolável com sete gotas de lacre (e por que não dizer sete selos?). Quanto às outras figuras do Livro das Revelações que vão surgindo ao longo do romance, calo-me por aqui.

[1] O título ainda não era esse, e para ser exato diversos títulos foram ensaiados ao longo dos anos que durou a escrita do livro, até encontrar um que fizesse uma referência direta aos personagens. Penso que a escolha acabou acertada.

Evidentemente o poder criativo dita normas, e ao mesmo tempo que me impedia de ater-me exclusivamente ao Apocalipse (não seria decerto possível encaixar numa única narrativa tantas personagens e tantos episódios como se encontram ali), impelia-me para outras direções, de forma que mantendo alguns traços essenciais do conteúdo bíblico fui aos poucos elaborando o que posso sem dúvida chamar de uma história apenas minha.

Não foi, contudo, um trabalho retilíneo: de construção nada simples — digamos que eu tive de "atravessar o Canal da Mancha" ao escrevê-lo, com o que, num desafio ao leitor, convido-o a fazer por sua vez a mesma travessia —, estendeu-se por doze anos, tendo-o finalizado somente em abril de 2004.

A principal dificuldade em escrever este romance esteve no próprio tema: não era fácil concatenar os episódios, de tal forma que já havia escrito cerca de 460 páginas (aproximadamente, portanto, 4/5 do livro!) sem que a trama estivesse "amarrada". Entenda-se por "amarrada" uma trama em que os episódios descritos se inter-relacionem de maneira orgânica, construindo com a narrativa uma estrutura não fragmentária. (Cito como exemplo o suicídio de uma personagem, ocorrido no capítulo terceiro, que ainda restava por explicar mesmo já tendo escrito a maior parte do livro!)

Momentos houve ao longo desse tempo em que cheguei a perder o interesse pelo romance, passando-se meses — às vezes até mais de um ano — sem nem ao menos lançar os olhos sobre ele. Vendo, porém, que o tempo avançava mas o livro, apesar do número de páginas escritas, continuava estacionário, em 2003 encetei um trabalho decisivo, duro e exaustivo: reler as mais de 400 páginas, alterando drasticamente o texto — alterações que, no entanto, já numerosas no decurso dos últimos anos, foram então ainda mais profundas; e modificar diversos episódios de forma a se encaixarem e adquirirem a organicidade exigida para uma trama bem estruturada.

As idéias então fervilhavam, e apesar da dificuldade de lidar com um texto extenso, após — como referi — uma releitura do romance com as necessárias alterações, reescrevi quase integralmente o antepenúltimo capítulo (que não obstante já fora concluído); do penúltimo capítulo eu havia escrito talvez duas ou três páginas, e foi daí por diante, isto é, mais ou menos a partir do último quinto da obra, com toda a trama finalmente "amarrada" (e penso, embora não me lembre bem, que foi nesse ponto que sobreveio a idéia para o desfecho), que me dediquei à conclusão desse e do último capítulo.

Em 9 de abril de 2004 pus um ponto final no romance — mas ao con-

trário do que pode parecer, o livro ainda não estava pronto: fiz uma releitura dos dois últimos capítulos e outra do romance desde o início até o fim, com as necessárias correções, para, logo em seguida, encetar uma nova e rigorosa revisão integral do texto.

Fica claro que, ao fim de tantas alterações, pouco ou nada restava do texto inicial no que concerne à técnica de escrita.

A título de exemplo, vamo-nos deter aqui em algumas breves considerações sobre o *Exordium* (capítulo primeiro), o qual mantém sua estrutura como a concebi desde o começo: uma introdução solene e retórica, e de certa forma obscura, a que se segue uma parte intermediária longa com a narrativa que compõe o próprio início da trama, e a retomada do tom solene na terceira parte do capítulo, finalizando-o. Esse capítulo foi inteiramente alterado com respeito à construção textual e aos episódios descritos na parte intermediária, com numerosas inserções. Na primeira e terceira partes, porém, eu mantive o tom solene adotado pelo narrador não só por tratar-se do relato de sua própria vida, como também por introduzir desde o começo a idéia da tragédia que a permeia — logo, o tom solene, além de um sentido estético, tem também cabimento em relação à história.

Por último, em 2022, após nova releitura do romance, além de umas poucas correções gramaticais e de erros de digitação, foram feitas breves inserções com a finalidade de se estabelecerem com mais clareza as datas da história, bem como descrever melhor alguns episódios — alterações, no entanto, mínimas, que em quase nada modificam o texto original.

Lançado o desafio, no fim das contas não há de ser assim tão espinhoso: estou certo de que o leitor interessado atravessará a nado o Canal sem grandes sobressaltos e sem correr o risco de submergir.

Capítulos

Exordium 1

Interlúdio 24

Infância 49

Adolescência 80

Um Episódio Com a Morte 133

Um Príncipe da Igreja 154

Sobre Uns Encontros Com o Diabo 191

A Pupila 264

Almoço em Família 293

Quadros 367

Assombro 437

O Homem de Preto 506

Conclusão 562

"E, olhando para a Terra, eis que haverá angústia e densas trevas, e serão entenebrecidos com ânsia, e arrastados para a escuridão."

Isaías, cap. 8, vers. 22

"Porque da janela da minha casa, olhando eu pelas frestas, vi entre os simples (…) um moço falto de juízo que passava pela rua junto à sua esquina, e seguia o caminho da sua casa; no crepúsculo, à tarde do dia, na tenebrosa noite e na escuridão."

Provérbios, cap. 7, vers. 6 a 9

Exordium

"E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos."
(**S. João** — *Apocalipse, cap. 5 vers. 1*)



ntão transpus o pórtico.

Outra vez sob meus pés a frescura aveludada do mármore que reveste o chão, nítida a impressão de mergulhar não nas sombras aprisionadas entre as paredes altas e sob essa abóbada de fria e crepuscular majestade; mas na trama irrevogável dos dias, que, fugindo ao esquecimento imposto pelo tempo e ao desterro da lembrança no calabouço dos papéis antigos, se guardavam naquele lugar para a ressurreição, quando aquele que se destinava a regressar e fazê-los reviver, enfim de regresso, abrindo essas portas, mais uma vez e sem hesitar os trouxesse à luz.

Pois era preciso fazê-lo, e eu estava ali.

Seria, porém, profanação entrar outra vez naquele lugar? Pude sentilo num repentino desfalecimento das minhas forças (do qual logo me recuperei), quase a faltar-me o apoio sobre as pernas enquanto seguia devagar entre os bancos ainda em fileiras, imaginando que logo os fiéis ocupariam seus lugares e o sacerdote mais uma vez, envergando os paramentos, na mão o turíbulo ardendo incensos, subiria até o altar dando início à celebração da liturgia…

Hoje, quando me detenho e investigo as coisas ao meu redor, percebo que eu voltara não para contaminar com minha maldição um recinto santificado, mas para uma vez mais evocar o Mal esquecido naquele lugar. Eu, ainda há pouco, estivera caminhando do lado de fora entre as velhas árvores, das quais restavam agora alguns troncos ressequidos, outros meio mortos, outros ainda principiando esse lento e corrosivo processo de morrer, com o musgo vagaroso a invadir-lhes a casca áspera e grossa, os parasitas penetrando fundo além da superfície e sugando-lhes a seiva, as brocas de corpos anulares e moles desafiando e vencendo-lhes o cerne rijo a atestar não só a curruptibilidade da existência, mas seu estúpido propósito; caminhava arrastando os pés por uma viela com calçamento de pedra já quase por inteiro coberto por folhas secas e pela relva que brota entre as fendas, a contemplar não somente a ruína

que tomara conta de tudo mas os vestígios do próprio Mal que eu me propusera trazer de volta à superfície, arrancando-o ao lodo sob o qual estivera por tantos anos sepultado. Do meu ato temerário veremos, a seu tempo, as trágicas conseqüências.

Um outro pensamento — movido por antiga lembrança, uma das muitas que me fizeram regressar, mas sem dúvida a mais duradoura e a única que estivera comigo em todos os meus dias — sugeriu-me uma sutil indagação, para a qual, contudo, não me era dado encontrar uma resposta satisfatória: se essa lembrança fazia também parte do mesmo mal que contaminara minha vida, por que eu, ao ansiar pela redenção, arriscava-me a evocá-la? Fechando os olhos, então, vencia o Tempo e outra vez naqueles dias antigos era-me possível vê-*la* passar com seu silêncio, sua indiferença, sua talvez suave loucura…

Essa volta no tempo, porém, não podia durar, então abri os olhos.

E reencontrei essas formas exiladas do mundo em sua hierática imobilidade: a estatuaria indiferente ao poder destrutivo do tempo, as colunas — braços eretos e insensíveis sustentando o teto — a se dissolverem na penumbra ao fundo, os reposteiros espessos e negros — mas já desbotados e com rasgaduras — sobre as paredes laterais e suas janelas, conferindo assim uma atmosfera de solene austeridade ao recinto sagrado e intensificando as sombras que se avolumavam desde os cantos mais remotos, o clerestório com suas ogivas por cujos vitrais filtrava-se uma luz rarefeita a dissimular a escuridão, enfim o altar onde, na enredada trama de altos-relevos, sobressaía-se um Cristo pendente de sua perpétua e insuprimível cruz, inquestionavelmente morto.

Tudo ali me era familiar.

Momentos antes eu havia parado em face do pórtico que resplandecia ao sol vespertino. O tímpano fora ornado com um minucioso relevo que, de um lado descrevia o arrebatamento dos justos enquanto do outro, os ímpios, tomados de pavor, eram empurrados para o Inferno através de um portal que imitava a dentuça de um monstro mitológico. De novo contemplei com encanto essas figuras, inda que muitas e várias vezes na juventude tenha admirado não só o talento, a habilidade e a precisão com que foram extraídas da pedra, a perícia e a graça com que se recortaram, burilando-se as arestas, os contornos, os entalhes irregulares até obter a forma exata, mas também a imagística dos povos primitivos de que nasceram os deuses e os homens e os episódios e os símbolos sagrados a pulsar na luz ocídua, onde Querubins os erguiam sobre a humanidade em Juízo dentre a qual cada um deveria ou não, e poderia ou não contemplá-los sem remorso ou medo. Eu então não me supunha ainda sujeito ao breve desfalecimento que sofreria ao entrar, quando por um curto instante julgasse profana minha intenção: pois, parado agora

sobre o cruzeiro, minhas roupas — um traje social simples e sapatos empoeirados — ocultando a condição especial de sacerdote de que me via investido, estou certo de que os meus olhos e a expressão do meu rosto eram os de um céptico, o mais céptico, o mais descrente, o mais incréu dos homens, e me apercebi de que ato profano algum seria possível em um recinto já inquinado pelo Mal, e também de que voltara àquele lugar não apenas para que a velha história fosse contada outra vez: posto que o tivesse como o motivo precípuo de estar ali, um outro — essa lembrança que sobre todas as outras se impunha — impulsionava-me para adiante, e enquanto me mantinha imóvel naquele ponto sentia o coração pulsar acelerado, pois sabia próximo o momento… o momento pelo qual ansiava, numa impaciência aflitiva que me inquietara durante os últimos dias, desde que tomara a decisão de voltar.

Cruzei o transepto volvendo meus sentidos para a exuberância da arquitetura gótica, enchendo-me dela em sua antigüidade maciça e seu peso a esmagar silêncios, enquanto os sedimentos da memória estagnada se revolviam como vasa à força da enchente e eu me punha a lembrar, ou antes não a lembrar porque os dias terríveis jamais estiveram esquecidos para mim, mas a sentir mais viva sua presença, sua existência impalpável mas injuntiva, imperceptível mas esfíngica, encerrada entre os mármores e os reposteiros.

O altar recebia do exterior alguma luz, e, ainda que o estado geral dos vitrais fosse de boa conservação, alguns estavam quebrados; e mesmo não adotando a atitude do crente cujas incertezas não bastam para dissipar-lhe a fé, senti medo ante o latente furor evocativo das imagens e dos petrechos sagrados, o turíbulo e o cibório de argento, os castiçais de ouro, e ainda o grande crucifixo de marfim e todas as narrativas e lendas rupestres da abside, ao deter-me junto do altar (esse súbito sentimento de pavor o que instantes atrás, entre abatido e confuso, interpretara como de profanação, e só agora o percebia, compreendendo o quanto pode pesar o abandono): os objetos sagrados nada expressavam a não ser o pó e os excrementos de rato a recobri-los, enquanto a imagem pendente da cruz, despojada de toda sua significação hierática, já nada exprimia a não ser um triste sentimento de inutilidade; as esculturas da abside, retratando os próceres do Velho Testamento sob a luz vermelha da tarde, eram vazias de sentido, inconsistentes em sua antigüidade, e seus nomes já não despertariam nenhuma fé; em tudo aquilo se estampavam apenas os efeitos do tempo. Entristecia-me com isso, apesar da minha incredulidade, e por certo minha amargura não provinha da ausência de sentido cada vez maior com que olhava a Casa de Deus, mas de tudo que podia evocar ao contemplá-la, desejando descobrir ainda alguma razão que me fizesse ajoelhar diante da Cruz, ou sentir dentro de

mim, num arrebatamento, o Numinoso, a encher-me de vida e glória.

Tais considerações de ordem religiosa distraíam-me de minha aflição, e por alguns instantes conseguiam mesmo acalmar-me um pouco, mas logo essa sensação angustiosa voltou a acentuar a tremura de minhas pernas e a fraqueza geral de meu corpo: senti-me exausto e, para não cair, sentei-me no chão, recostando-me no altar.

Nesse silêncio intermitente, cortado por um ou outro canto de pássaro, fora, no arvoredo, ou pelo rumor do vento ou por qualquer um desses indefiníveis e múltiplos ruídos campestres, meditei. Era o segundo desfalecimento desde que entrara, e embora pudesse atribuí-lo ao cansaço e à saúde debilitada, em meu íntimo eu sabia não serem apenas essas as razões. Soergui-me a custo depois de algum tempo, e me senti um urubu velho e torto no esforço para equilibrar-me sobre os cambitos, arrastando os sapatos com um ruído áspero.

Então me dirigi para o fundo da capela.

E vi: ocupando toda a parede dos fundos, terrível como há de ser o fim dos tempos, eis a grande pintura, o vasto painel onde se retratara o Apocalipse de São João, a paisagem devastada do mundo pela qual cavalgavam os quatro cavaleiros, do céu precipitando-se os sete anjos com suas sete trombetas e do abismo emergindo as bestas, a Grande Prostituta, o dragão… por fim, acima de tudo e de todos Ele, o Juiz, já não o Cordeiro mas o Leão nesse que há de ser o Grande Dia de Sua Ira, com suas chagas, sua humilhação e sua desgraça convertendo-se em triunfo sobre a humanidade esmagada, essa a única representação sacra ainda a preservar intacta para mim sua carga simbólica e seus efeitos sobre meu espírito confuso, fazendo-me perguntar se aquilo seria mesmo verdade e reconhecer entre incrédulo e abismado que sim: pois a verdade é que esse conjunto de símbolos, pintados de maneira inesperada, ligava-se a uma época trágica de minha juventude e sua força evocativa se prendia não aos motivos sagrados mas aos profanos, àqueles dos quais quisera dizer "não os vivi, não os presenciei", assim mesmo perdendo um tanto sua prevalência para que meus sentidos se ativessem a uma só figura, quase em tamanho natural, que se via no meio do quadro, agora sob a sagital claridade do entardecer, e dominando todo o furor do Céu e do Inferno em sua última batalha — a *Mulher Vestida de Sol*, todavia não uma mulher, senão uma menina, somente uma menina, que outra não poderia ser além daquela que não apenas se vestia de luz, como foi para mim a própria luz… e a escuridão: o rosto, os olhos, a boca, a beleza que eu não havia esquecido…

Outra vez desfaleci?

Muito se ouvirá ao longo desta história acerca da mulher vestida de Sol, sendo desnecessário que neste ponto me detenha sobre tal assunto

e em vista do que por ora me calo, exceto para dizer que sim, outra vez fui vítima de um desfalecimento durante o qual meus olhos escureceram e, para não cair, apoiei-me a uma pequena coluna decorativa que havia diante da grande pintura e naquilo que há muitos anos fora depositado sobre o capitel: o objeto que eu viera recuperar, um velho cimélio, um livro — o Livro.



Nada é mais duvidoso do que a descrição da realidade.

O que é a realidade? Desejar conhecê-la é como perguntar se existem árvores no jardim, quando não há ninguém ali olhando para elas. Alguém dirá: Deus sempre olha para as árvores do jardim. Mas, e se nem Ele estiver no jardim, haverá então ali alguma árvore?

Posso estar certo de que aquilo que leio nos livros sobre o tempo antigo é fiel aos fatos, e não apenas o consenso de alguns acerca do que seria, baseado tão só na opinião geral, ou em outros casos numa opinião particular e restritiva, esquecidos e mesmo ignorados pormenores muitas das vezes capazes de transformar a face da verdade? Penso que o passado resta se não perdido pelo menos esgarçado, e tudo que temos é um conjunto de impressões, o mais das vezes vagas, em muitos casos contraditórias, no qual, se em algum momento julgamos nos firmar em sólido terreno, súbito somos surpreendidos pela areia movediça que nos atraiçoa os passos.

Portanto, na crônica que ora principio, possa eu talvez descrever com o máximo de fidelidade aquilo que vi — e vivi — por tê-lo visto e vivido e, à época, anotado neste velho diário que herdei de meu pai (e cuja finalidade, como veremos, era mesmo a de registrar a história da família). Mas como estar certo daquilo que outros — meu pai, por exemplo — escreveram, ou que me tenha sido contado e chega a estas páginas de segunda ou terceira mão? Sim — pois se é verdade que alguns dos relatos a seguir me foram feitos por quem presenciou os acontecimentos, outros no entanto ouvi de quem deles apenas teve notícia. E se há nos primeiros algum grau de incerteza por descreverem, mais que a simples e dúbia realidade, o particular entendimento de quem os contou, não se revelarão os últimos ainda mais incertos, pois à inexatidão da narrativa feita por estranhos não se somam as modificações que com o tempo vão, de boca em boca, acrescentando novidades e transformando o real em lenda? Ora, cada um tem a sua maneira de contar a própria história; não terá, portanto, de contar a história alheia? Além do mais, se é verdade que cada um entende e descreve de maneira pessoal aquilo que viu, quem garante que a narrativa feita por mim das minhas

próprias experiências seja exata, e que o leitor irá entendê-las como eu as estou contando — livre como é para fazer as inferências que quiser, ao ser advertido de que se trata do relato de fatos e não de ficção? Terá o leitor percebido o que eu sentia no momento em que rascunhava a introdução, contida nas páginas anteriores, num estilo algo solene e decadente a dar impressão de grandiosidade e mistério? Posso formular a pergunta de outra maneira: terei eu conseguido dar a entender meu estado de espírito através dela, sem ter de explicar tintim por tintim seu significado — e ainda que venha a explicá-lo, conseguirei ser suficientemente claro?

Como se vê, não se pode exigir exatidão, pois não sou, à maneira de outros escritores, o narrador onisciente que de alguma forma — que não vem ao caso — conhece tudo aquilo de que fala e sobre o que não cabe dúvida. Sou apenas o cronista das minhas incertezas, das incertezas alheias que mais de perto tiveram a ver comigo, e o resto são vãs especulações.

Para começar, conduzirei o leitor aos tempos antigos, e a uma antiga fazenda perdida no sertão, a Fazenda das Oliveiras, onde os dias de grandeza, já extintos, ainda que por certo não de todo esquecidos foram, a um tempo, breves e tenebrosos. O que nunca se conseguiu saber ao certo — e eis aqui uma das primeiras dúvidas pela qual inicio o relato — é de onde teria surgido esse senhor de terras conhecido por Teodomiro Oliveira Leão, portador de uma ligeira papada e de uma calva ampla, além de algumas medalhas e condecorações e um título de nobreza.

Amiudando, poder-se-ia dizer que a incipiente papada denotava boa mesa, e a calva — precoce, por contar com pouco mais de quarenta anos e os cabelos remanescentes serem ainda negros — não bastaria para tornar-lhe desagradável a figura altaneira mas discreta e algo distante, que chamava mais atenção ao lhe rebrilhar no peito o conjunto de suas medalhas. Esses sinais, pude descrevê-los a partir de um grande retrato a óleo que havia no salão principal da casa, um busto em que Teodomiro aparecia em tamanho natural, três quartos de frente e o rosto voltado para o espectador. Desse rosto não se diria de todo comum, mas também sem características que o fizessem destacar-se de modo especial, e quanto ao corpo, apenas pelo retrato podia-se deduzir que era um homem de estatura pouco acima da média, não passando de um metro e setenta e cinco, e sem ser corpulento teria uma compleição forte.

Diga-se aqui que medalhas e condecorações eram para os dias festivos, quando sentia necessidade de destacar-se, mas vez por outra, em certas tardes mornas, sentindo-se após o banho bem humorado e disposto, a ponto de lhe parecer impossível ficar enfurnado dentro de casa,

saía agalanado a vistoriar o serviço do dia. Não que precisasse mostrar ao senhor Edgar Feitosa, seu primo presuntivo e assessor direto nos negócios, ou aos subalternos e aos de fora, sua importância como homem de posses. O senhor Edgar já a conhecia bem, os subalternos não a ignoravam, e os de fora com o tempo saberiam quem ele era. Mais que tudo isso, no entanto, já que papada, calva, condecorações e títulos de *per si* não conferem expressivo poder a ninguém, Teodomiro possuía também fortuna. Se todos os demais atributos fossem incertos — e alguns até ousassem questioná-los em segredo (não consta que aconteceu, é apenas uma hipótese que apresento por plausível, há sempre aqueles que duvidam) —, ninguém por sua evidência se atreveria a pô-la em dúvida diante dos gastos feitos tanto na construção da casa principal e com seu mobiliário quanto da capela e sua ornamentação sacra, de que ainda falarei.

As Oliveiras — que até então não tinham esse nome —, sabia-se pertencerem a uma casa bancária que a arrematara em hasta pública, anos antes, após a derrocada do antigo proprietário. Como uma casa bancária não pratica atividades agrícolas ou similares, as terras, cujas pastagens eram aproveitadas por alguns confrontantes e vizinhos que para lá encaminhavam seu gado a fim de poupar e recuperar as suas próprias, permaneceram ao deus-dará; é certo que naquele meio tempo alguém teria ousado talvez avançar um pouco suas cercas na ilusão de assim possuir uma propriedade maior, um outro resolveu fazer por lá, vez em quando, algumas plantações, e parece que houve mesmo o caso de quem se apropriara de um trecho de terra, levantando um casebre e para lá ficando, como dono. Tal situação perdurou até a chegada de Teodomiro em fins daquele distante ano de 1872: com as novas medições, as cercas reerguidas, os limites outra vez definidos, essas benesses tiveram fim — o que pode ter contrariado uns e outros, causado alguns transtornos, mas nenhum alarme relevante entre os principais proprietários. Não se pode, entretanto, negar que rebuliço houve, e até uma certa inquietação, pois o novo proprietário, como desconhecido que era, sempre podia representar alguma ameaça a interesses locais. Essa inquietação fez que a gente do lugar se reunisse em deliberação, unânimes na opinião de que o melhor a fazer seria aproximar-se do recém-chegado e conquistar-lhe a simpatia, quando menos sondar-lhe as intenções.

Tão logo foi erguida e ocupada a casa senhorial das Oliveiras — obra que durou pouco mais de um ano, na qual trabalharam mestres carpinteiros de truz e muitos braços escravos —, alguns acharam por bem visitá-lo a fim de prestar-lhe as boas-vindas, fazendo-se preceder por um serviçal, um preto da lavoura, a solicitar audiência para seu senhor em dia e hora convenientes. Na data aprazada, lá comparecia o senhor fu-

lano de tal em seus trajes domingueiros, do bolso do colete a invariável e necessária corrente de ouro do relógio, ao lado de sua senhora, no anular direito da qual um não menos necessário anel com incrustações numa demonstração de fausto e bom gosto, e assim apresentavam suas escusas por tardarem em vir cumprimentá-lo. A todos recebeu Teodomiro com não descortês mas altiva dignidade: prodigalizou sempre o mesmo sorriso breve, não mais que tênue descerrar-se de lábios, falou com voz segura, grave e pausada, sublinhando as frases por meio de gestos estudados, os olhos cinzentos produzindo nos que com eles se defrontavam a impressão de uma barreira — hermética, inviolável e fria.

Além dessas visitas de cortesia, o viúvo Antenor Honorato Gomes, um dos mais abastados proprietário locais, achou por bem oferecer em sua casa uma festa de recepção ao novo vizinho — festa à qual compareceu em peso a sociedade rural de Pilar.

Julgo conveniente intercalar neste ponto algumas observações sobre o centro dos episódios que me proponho a narrar. A Fazenda das Oliveiras ficava a cerca de duas milhas acima de um povoamento cuja identificação prefiro omitir, mas que conheceremos por Pilar, e que então se compunha de três ou quatro dezenas de casas espalhadas por meia dúzia de ruas, além de uma igreja, uma intendência, um armarinho, um armazém, uma botica minúscula e um bordel, disfarçado — mas de todos conhecido — nos fundos de uma bodega onde, talvez com intervalos, funciona até hoje. A povoação expressiva mais próxima situava-se a seis ou sete milhas, distância transposta quando necessário em lombo de animal ou numa vagarosa charrete, sendo também esse — e outros similares — os meios de locomoção utilizados pelos proprietários entre suas propriedades. À época, a julgar pelo que constato agora, as estradas nem eram largas nem muito bem cuidadas, mas suficientes para o pouco trânsito que havia, e, excetuando-se os moradores da aldeia, as demais casas principais, espalhadas pela vasteza do sertão, distanciavam-se significativamente entre si.

É de se calcular, pois, a importância de uma festa para a gente do lugar, mais ainda se essa festa não era uma simples quermesse de igreja, mas algo como uma recepção importante em casa de algum abastado fazendeiro. De Pilar, compareceu a gente mais destacada; os demais que encheram a casa do viúvo Antenor Honorato Gomes constavam de proprietários vizinhos e suas famílias, gente de qualquer maneira mais afeita às missas de domingo não como momento de devoção e reverência mas como oportunidade de encontros, reencontros e proseio, fosse à entrada, fosse — e então mais à sua vontade — à saída. Por isso a festa promovida pelo viúvo e organizada pela filha, que dos detalhes interiores cuidou por si mesma, tinha sua importância, e foi ocasião mais que

propícia para que saíssem das gavetas velhos vestidos a que a ausência de moda na roça mantinha sempre atuais, antigas jóias familiares que, havendo ou não moda, valiam por si mesmas, ternos de casimira, coletes, gravatas e finas camisas brancas que o dia-a-dia não oferecia oportunidade de vestir, em todos os peitos masculinos rebrilhando a correntinha de ouro do relógio de bolso, e nos femininos o broche ancestral e alguma pequena flor de jardim, como era costume.

A Teodomiro, porém, não impressionaria a orquestra de violinos que animava as danças — ao contrário do que seria de esperar, uma orquestra de violinos, ainda que composta de no máximo três ou quatro instrumentos, não era usual e brotara da imaginação da anfitriã, que a encomendara de fora, já que bailes na roça costumam ser animados por acordeons e pandeiros que, para a solenidade da ocasião, lhe pareceram inadequados, se não escandalosos —; bem como se mostraria ainda indiferente à grande mesa posta na espaçosa sala de jantar, não ofuscando o mérito de suas medalhas e condecorações (fez questão de usá-las naquela noite: autênticas ou não, seriam pelo menos mais de meia-dúzia) o resplendor dos lustres nem tornando menos notável o corte de seu terno as já referidas *toilettes* das damas provincianas que, pela primeira vez, esqueciam os vestidos e as jóias das amigas — e das rivais —, para contemplar o imponente visitante "cujo olhar lembrava tardes de inverno, altivo que a testa ampla parecia tocar o cume dos céus, tendo um firmamento estrelado no peito e movendo-se com passos e gestos de um lorde britânico da mais pura e inquestionável nobreza", no seu íntimo esta a primeira e definitiva impressão, ainda que não a houvesse demonstrado, ou, a tê-lo feito tão somente com o brilho indisfarçável dos olhos grandes e mortiços, a desbotada Inês, a anfitriã, essa única e solteirona filha do dono da casa, que aos trinta anos conservara do começo da juventude não uma beleza apagada, que nem assim a possuíra, mas um ar verde e doentio que lhe vinha da adolescência; e não uma aparência séria e comedida de moça solitária e envelhecedoura, mas um aspecto de patética e jocosa coqueteria em seu vestido azul claro, que lhe deixava nus os braços muito brancos e magros, o pescoço e o busto esquelético onde não se percebia o menor vestígio de seios, falta essa que procurava disfarçar, segundo as más línguas, pregando no interior das roupas uns enchimentos de paina, braços esses, porém, e pescoço e busto ostentando uma bizarra miscelânea de ouro e pérolas e brilhantes numa quase — e por que não de todo — ridícula tentativa de fazer-se atraente e chamar atenção. Completavam sua exótica figura um penteado que copiara não se sabe de onde, que lhe avolumava os cabelos no alto da cabeça, presos por uma pregadeira de marfim; e, encavalado no nariz um tanto adunco, um constante e inseparável pincenê, que a infe-

liz ainda por cima era caolha, tudo isso sublinhado por um sorriso um tanto lorpa a lhe escancarar a boca muito grande de lábios finos, mostrando dentes brancos e perfeitos (a que alguns debochados — e não só por mero deboche, mas decerto pelo despeito advindo das tentativas frustradas de lhe abocanharem a fortuna, já que Inês, mesmo na iminência do celibato involuntário das "titias", não se deixava levar por qualquer proposta — se refeririam não como uma "dentição perfeita" mas como uma "impecável dentuça").

Não só Inês Honorato Gomes se derreteu à vista do nobre visitante, sentindo um doce calor e inesperada umidade entre as coxas ao lhe ser apresentada: uma e outra jovem senhora não se furtaram ao prazer de segurar nas suas por um pouco mais de tempo aquela mão forte, de gestos delicados mas viris, ou de demorar um pouco mais o olhar nos olhos cinzentos e intransponíveis, e alguma outra solteirona que lá estivesse passaria a noite admirando-o, sonhadora, a distância; já as mocinhas casadouras podiam contemplá-lo sem a cobiça das mulheres feitas: viam-no mais como um "príncipe inatingível", mas agradável de olhar, do que como um pretenso partido, pois o visitante era um homem de meia idade — acordavam tacitamente — embora digno e belo; galante, sem dúvida, mas — tratando ainda tacitamente de não dissentir — muito mais velho.

"Muita pompa, muito dinheiro" murmurou ao ouvido de Teodomiro em momento propício o senhor Edgar, seu primo presuntivo, com cinco ou seis anos a mais e tão apagado e insignificante quanto hábil e manhoso nos negócios, e que por trás de seus ares discretos, de uma vaga afabilidade, de suas roupas comuns e uma calva pontilhada de fios esparsos, encobria não só um caráter ardiloso e frio mas ainda uma personalidade forte e cruel, que Teodomiro Oliveira soube reconhecer, compreendê-la útil e, mantendo-o junto a si e jamais deixando-o esquecer que era ele, Teodomiro, quem dava as ordens, usar de seus talentos sempre que necessário. Esses talentos se manifestavam em muitas ocasiões através de uma ou outra frase inocente, meras observações como a de então, com que Teodomiro não impressionado mas de maneira alguma desinteressado concordou com um movimento de cabeça. Noutro momento durante o baile, em que por acaso o teve junto a si no salão, cochichou-lhe: "A beleza da filha do nosso anfitrião não está no corpo, mas naquilo que se encontra sobre o corpo", e Teodomiro, que minutos antes a convidara para uma contradança, constatando-a um tanto desajeitada mas não a ponto de arranhar-lhe o verniz dos sapatos, deixando-se conduzir não com a leveza e graça de um cisne, mas não também com o peso e toleima de um hipopótamo, concordara com um sorriso levando aos lábios uma taça de Bourbon, enquanto, num momentâneo enle-

vo produzido pela música que recomeçara, observou com mais atenção o tamanho dos brilhantes que reluziam no busto magro da moça. No outro lado do salão Inês Honorato Gomes entretinha-se em conversar com algumas senhoras e relanceando-lhe a vista encontrou o olhar que lembrava tardes de inverno, dizendo consigo mesma que não podia ambicionar aquele homem pois até os sonhos têm um limite, e no entanto ele agora lhe sorria, um sorriso curto e afável ao qual correspondeu acertando meio desajeitada o pincenê no nariz de papagaio.

A terceira frase inocente de Edgar naquela noite foi na volta. Vinham numa charrete coberta. O silêncio, quebrado apenas pelo tropel da alimária, tornava-se incomodativo, a viagem parecia encompridar-se, cansava, fazia-se imperioso puxar assunto, dizer alguma coisa. "Uma esposa não tem obrigação de ser bela nem muito… acesa na cama", ao que Teodomiro, os olhos fechados e o corpo amolecido pelo balanço regular do veículo e pelo sono que se avizinhava, anuiu sem nada dizer mas imaginando por que o primo supunha Inês pouco "acesa".

O resto da viagem transcorreu em silêncio, que de um momento para outro deixara de parecer incômodo ao quase calvo Edgar.

Do que se comentou aquela noite sobre a chegada de Teodomiro em Pilar, constou que a propriedade havia pertencido a um banqueiro do sul de origem germânica que ali não estivera senão duas ou três vezes, e sobre quem correra o boato de que o vício do jogo e das belas mulheres havia levado à bancarrota e, na iminência de ser processado por dívidas, a hipotecar sua fazenda e enfim a perdê-la. Isso se dera em época imprecisa, do malsucedido jogador não se sabia o fim, das terras abandonadas as cercas caíram e as pastagens foram invadidas pelo gado dos proprietários vizinhos. Sabia-se que entre estes houve quem farejasse o possível resgate dos títulos, mas sem êxito em seu escopo por não ter descoberto então a quem pertenciam — até o dia em que teve início a construção de uma casa num lugar de grande beleza: o alto de uma montanha, de onde se podia gozar uma vista deslumbrante, e então se soube que a propriedade tinha um novo dono.

As especulações por fim caíram no vazio das respostas vagas ou das interrupções do prestimoso Edgar, ao lembrar-se de alguma providência para o dia seguinte, "lembro-a ao primo agora pois quase ia me esquecendo" dizia a título de explicação, voltando-se para os demais com um sorrisinho infantil; Teodomiro balançava a cabeça e, algo distraído, dava outro rumo à conversa rindo-se consigo mesmo da expressão de seus interlocutores, impossibilitados de retornarem ao assunto principal.

Houve um momento em que, conseguindo esquivar-se de seus perseguidores, que o importunavam vez por outra com cumprimentos e retardatárias saudações de boas-vindas, insistindo em privar de sua com-

panhia sem se darem conta em seu provincianismo canhestro de o quanto se iludiam e pareciam aos olhos de Teodomiro não simpáticos mas simplórios, não senhores mas servos; houve, pois, um momento em que, livrando-se dessa caterva, logrou descer ao jardim e passear entre as árvores, só. Não tardou, porém, que Edgar o alcançasse, e num silêncio de tácito acordo puseram-se a caminhar juntos avaliando o futuro mas sem se ocuparem com planos, pensando apenas nos frutos a serem colhidos. Aqui não fez Edgar qualquer observação, não soltou nenhuma palavra inocente, nada, pois não era preciso: além de saber que o primo já tinha em mente tudo em que ele próprio pensava, era agradável passear meditando nos sucessos que previa, na estranha forma de poder que ambicionava — estranha porque guardada na obscuridade, na autoreclusão em um mundo reservado e impenetrável: algum incauto talvez alegasse que Edgar não se apercebia de sua posição subalterna, já que um parentesco duvidoso e um cargo de confiança só poderiam conferir modesta distinção a quem sonha com o poder, o que se confirmou em seguida, pois mal deram pela falta de Teodomiro começaram a perguntar entre si "alguém o viu?", "não, não o vimos, talvez esteja na varandinha dos fundos", "não, vim de lá agora, lá não está", "quem sabe no jardim?", "oh, sim, no jardim, vamos procurá-lo que não fica bem deixar o convidado sozinho" e foram encontrá-lo entre as alamedas onde as árvores altas e antigas enchiam a noite com um suave ruído de folhas. Acercando-se todos, sugeriram que retornasse ao salão, "está frio aqui fora, V. Exª pode constipar-se", e quando Teodomiro retrucou, dizendo agradar-lhe passear com o sereno e que não era preciso cuidado, instaram: "oh, dê-nos o prazer de sua presença no salão, vão começar as danças" e envolvendo-o esqueceram à sombra de um castanheiro o silencioso e apagado Edgar, que de mãos nos bolsos observava e sorria. Se esse incauto pudesse ver tal sorriso, compreenderia seu erro, que a Edgar não interessavam aqueles louros: consciente de sua posição, punha-se voluntariamente longe do assédio das pessoas. Tinha, como o primo, o gosto da solidão e o hábito de ficar às vezes com o olhar grave e longe, a mente talvez vazia, ausente de si mesmo e perdido em conjecturas; mas enquanto o primo comprazia-se às vezes em estar entre a multidão, não negligenciando embora sua altivez e seu ar estudado e grave, de quem as pessoas acercando-se mantinham, conscientes de si mesmas, respeitável distância; ele, Edgar, sufocava meio ao povaréu, preferia ser esquecido, ignorado, deixado em seu canto. Assim, o poder que buscava não era para ostentação mas para si, apenas para si e pela consciência de poder mais que o comum das gentes. Queria o poder pelo poder e ao assumir sua condição de braço direito do primo apercebera-se da força de sua influência: tudo — ou quase tudo — que este obtivesse seria por

intermédio de suas cavilações, e embora Teodomiro se esforçasse por mostrar quem ditava as normas, quem era o senhor e quem, primo ou não, o modesto adjunto, quase podia afirmar-se que o calvo e obscuro Edgar podia tanto quanto ele, ou pelo menos muito mais do que aparentava, e deixando a inquietude febril dos salões e o suspirar das solteironas ricas (feias ou não, ricas) para o primo, permanecia em seu canto manejando cordéis.

Havia ali, sob um caramanchão de buganvílias principiando a inflorescência, uns banquinhos de madeira, onde nas tardes quentes de verão Antenor Honorato Gomes acompanhara anos antes a finada esposa, gorda e obtusa, a manear com os dedos hábeis as agulhas de crochê compondo peças que a todos surpreendiam, não por sua habilidade mas pela riqueza inventiva dos pontos e motivos: toalhas rendadas para mesa de jantar, colchas e dosséis em que combinava a seda pura e o linho, pequenos jogos individuais para copos e pratos; mantilhas e luvas, e mesmo blusas e vestidos forrados de cambraia, com matizes de encantadora simplicidade e beleza em cores claras e pouco contrastantes, conforme seu gosto, revelando sua natural percepção dos tons próximos e de suas possibilidades combinativas, o que teria por certo feito dela excelente pintora caso um dia houvesse cogitado tomar de pincéis e tintas e não de agulhas e linhas. Enquanto a hábil senhora tecia suas alfaias, ele para ali ficava, sentado, a contemplar ora a placidez quase imóvel da água do lago em frente, ora a filha que, sozinha na outra margem, onde também havia banquinhos sob as árvores e canteiros ao redor, tinha por costume passar seus dias de solitária adolescência com um livro nas mãos, nem sempre lendo, muitas vezes admirando-se — do que talvez nem se apercebia — de o quanto sua vida era, como o lago, imóvel e sem perspectiva. Honorato Gomes, então com pouco mais de quarenta anos, reconhecia na filha uma jovem sem nenhum talento, pouca ou nenhuma graça, e não sem disfarçada tristeza dizia para si mesmo — embora sufocasse tal idéia com remorso — que melhor lhe teria saído um filho, macho e forte, que o sucedesse na administração da fazenda. Nessas ocasiões desviava os olhos observando de esguelha a obesa senhora ao seu lado, alheia a tudo na feitura atenta dos seus rendilhados, lamentando sua fraqueza orgânica que do primeiro parto resultara uma definitiva esterilidade que lhe desfizera de vez a esperança de um varão. A obesa senhora, sabedora da conformada decepção do marido, não se teria lamentado se este buscasse fora de sua alcova o varão desejado — nem era de seu temperamento sereno lamuriar-se do que quer que fosse, tanto mais que reconhecia naquela alternativa um direito do homem. No entanto, os conceitos morais que constituíam seu caráter e disciplinavam seus atos impediam Antenor de fazê-lo, mais ainda porque reco-

nhecia que um filho nascido fora do lar não teria a mesma importância e os mesmos direitos que sua Inês, esta sim, apesar de fêmea e sem qualidades, sua, e de sua mulher, e de sua casa, aquela sobre a qual "a Santa Madre Igreja deitara a bênção" refletia, benzendo-se.

Assim, pois, naqueles banquinhos de madeira sob as buganvílias e diante do lago, nessas tardes lassas de calor, Honorato Gomes viu transcorrerem os anos pensando que o emaranhado dos dias monótonos era tecido pela agulha incansável de sua silenciosa mulher com os fios incorruptíveis do Tempo. Engano, que alguns anos já se haviam passado desde sua morte e os dias continuavam a entretecer-se do mesmo jeito, iguais, iguais…

A casa fez-se assim mais quieta e vazia, e Antenor, bem mais velho, vinha sentar-se nesses banquinhos enquanto do outro lado sua Inês permanecia só, com algum livro no colo. Muito apegada à mãe, não chegara a casar-se — não por falta de pretendentes, pois mesmo a uma moça feia surgem pretendentes, mas pela pouca inclinação que tivera por qualquer deles e mais ainda pela ausência daquela que na verdade fora sua única amiga. Um casamento não só não supriria essa falta como a privaria da solidão a que se acostumara e que nessas tardes (e nessas noites) lhe propiciava evocar sua presença balofa e tranqüilizante. Tinha vez por outra a impressão repentina de sua presença, como se a fosse rever de súbito sob o caramanchão, tecendo com suas agulhas uma nova realidade. Quase falava com ela nessas ocasiões, chegando mesmo a erguer o busto e dizer alguma coisa para o banco vazio. Foi quando Honorato Gomes percebeu que sua Inês desarranjara-se e teve de tomar medidas drásticas: um especialista no assunto para acompanhá-la, um tratamento demorado, uma viagem, e o regresso depois de um ano e tanto, com a filha recuperada e em seu estado de ânimo normal: sempre quieta em algum canto, sozinha no quarto ou no jardim, à beira do lago, com um livro nem sempre lido nas mãos. Ela e o pai não conversavam muito, e sempre que este, esperançoso, propunha algum rapaz que o atraía para genro, Inês baixava os olhos grandes e não respondia de imediato, indício que ele reconhecia como precursor de uma negativa. Depois, olhando-o com carinho: "O senhor deseja tanto assim ver-se livre de mim, meu pai?" E Honorato Gomes, bondoso e complacente, afagava sorrindo a cabeça da filha, incapaz de obrigá-la a algo que não lhe fosse da vontade: "Não, menina. Falo mais por você…", e a menina, já não tão menina assim, beijava-o na testa: "Se é por mim, não é preciso preocupar-se, papai", e o assunto estava encerrado.

Foi num desses banquinhos sob o caramanchão, no escuro da noite cuja quietude enchia-se de música, em contraste com o coaxar dos sapos entre a vegetação aquática, batendo seu ininterrupto martelo ao

avançar das horas, nessa noite festiva em que Antenor Honorato Gomes com seus cinqüenta e quatro anos olhava, tomado de estranhos e contraditórios sentimentos, o visitante, ao mesmo tempo admirando-lhe a nobreza da figura e sentindo um vago e incompreensível mal-estar ao defrontar-se com seus olhos de muralha, por alguma razão ainda mais incompreensível temendo que um dia sua Inês viesse a se casar com aquele homem de egrégia posição e fortuna embora reconhecendo nisso a maior ambição que pudesse ter para a filha e a menos racional, pois, não lhe havendo passado despercebidos os olhares de Inês em sua direção nem as vezes diversas que dançaram, quando a moça reclinava ao peito metálico a desgraciosa cabeça, não lhe passara despercebida também a indiferença de Teodomiro por todas as moças e jovens senhoras a quem convidara para dançar; foi, portanto, num desses banquinhos que o misantropo Edgar descansou até o momento de ir embora, envolvido pela treva e respirando o aroma da floração silvestre trazido de quando em quando pelo galerno, enquanto dentro do lago a Lua atingia o zênite.

No salão, a pequena orquestra de violinos desfiava valsas e polcas para deleite dos mais novos enquanto alguns dos mais velhos procuravam pelas salas vizinhas, na maciez das poltronas, onde tirar um breve cochilo.

Teodomiro dançou sem que se alterasse a indiferença com que conduzia Inês ou qualquer outra dama presente, por exemplo, a (quase) impúbere Cristianinha — Cristiana Soares Mendonça —, filha única dos Soares Mendonça, proprietários de uma granja, uma quase pequena fazenda no município vizinho, fortuna menor que não poderia atrair a atenção do nobre convidado e despertar o interesse do seu obscuro primo. Não apenas por isso, mas também pelo fato de não ter mais de treze anos, e apesar de toda sua graça e beleza, concordavam entre si as mais velhas e pretensiosas, um homem "de tal prosápia, um nobre, visto ser um barão", jamais teria o cuidado de uma segunda olhada para uma fedelhazinha dessas. Muito menos a fedelhazinha, que de súbito ruborizada deixara-se levar, a princípio confusa, sem entender bem para onde nem para quê, até dar-se conta de estar dançando com o barão; muito menos ela, portanto, poderia esperar dele essa segunda olhada naquela noite. Então Cristianinha achou que a música não fosse mais acabar tão acanhada se sentia, e sua mãozinha, trêmula e gelada, transpirava entre os dedos firmes do cavalheiro, e quando por fim foi reconduzida para junto dos pais respirou com alívio. Nada disso, todavia, a impediu de uma ou duas vezes erguer os olhos curiosos e sorrateiros para o rosto do acompanhante enquanto dançavam, e não saberia explicar mais tarde por que ao encará-lo, e defrontar-se com os olhos dele que apenas uma vez cruzaram com os seus, tinha a impressão de olhar para um homem

cujas feições imóveis e distantes eram como que ensambladas na pedra. Sim, Teodomiro não demonstrava na fisionomia nenhuma alteração, o menor sinal, o mais ínfimo indício de preferir esta ou aquela dama, e todos se voltaram comovidos quando logo após foi tirar de seu canto esquecido a viúva Fragoso que, aos sessenta e sete, e balançando seus penduricalhos (os quais colidiam com as medalhas que ele trazia ao peito, num vago rumor de carrilhões), o acompanhou no ritmo compassado de uma valsa, os velhos olhinhos azuis mais brilhantes que quanto ouro carregasse sobre os ossos chocalhos. Teodomiro dançou pelo menos três vezes com a honorável viúva.

Foi por volta das duas da manhã que se despediu. Honorato Gomes não sabia se era de bom tom instar para que ficasse um pouco mais, ou se deveria apenas acompanhá-lo até a porta. Na dúvida, disse: "O baile só finda às três ou quatro…"; Teodomiro sorriu, curvou-se com a atávica (talvez fingida) elegância de secular nobreza, "infelizmente está na hora, para mim" e acrescentou: "breve retribuirei a honra". Junto do velho a inusitada Inês com sua irremediável sensaboria, ambos conduzindo o convidado até a varanda, onde Edgar o aguardava. Antes de sair, no entanto, fora para Cristianinha o único olhar significativo naquela noite, breve e intenso, revelador como uma confissão.

Ao se deitar, sem trocar mais palavras com o primo que um simples boa-noite, perdeu o sono e ficou de olhos abertos no escuro (não estava acostumado a noites como aquela, e mesmo sem ter bebido ou comido com exagero — comedimento à mesa era mais um traço de sua personalidade construída —, incomodava-o agora uma acidezinha que não passaria enquanto não tomasse o bicarbonato); as pernas lhe doíam um pouco pelo muito que permanecera de pé, *"afinal sempre me atacam os joelhos quando fico muito tempo de pé"*, e não pôde evitar que os pensamentos acudissem. Enquanto o bicarbonato não fazia efeito, e avaliando a impressão que causara — decerto fizera boa presença junto àqueles cavalheiros ricos e matutos (em nenhum momento iludia-se quanto à real intenção ao homenageá-lo com uma festa, ah, provincianos ingênuos nas baldadas investidas contra sua pessoa, nas tentativas anódinas de devassarem sua vida através de temas inocentes de conversa — o cultivo do café, as especulações financeiras, o investimento em ouro…), e as senhoras sem dúvida o olharam com simpatia, admiração, talvez um obscuro e inconfessado desejo —, refletia em seu talento natural para representar, para forjar aquele tipo de tal maneira que gestos frases olhares lhe saíssem espontâneos, sem esforço, sem risco de trair-se. Pensou nos violinos que animaram o baile, na acanhada timidez das damas com quem dançara; sorriu ao relembrar Sinhá Fragoso muito viva, ainda que seca, ao peso de suas jóias antiquadas.

O sono chegou devagarinho, o cansaço dominando-lhe o corpo, que relaxava sob os cobertores. Mas alguma coisa persistia-lhe no pensamento frouxo, um rosto cambiante a flutuar na memória, ora adotando as feições esverdinhadas da solitária e envelhecedoura Inês, ora os traços leves e perfeitos da (quase) impúbere Cristianinha, até que ambos se foram fundindo um no outro, e depois diluindo-se, diluindo-se, diluindo-se…

Então adormeceu.

Ora, se pouco ou nada apanharam a respeito do novo vizinho durante a festa, e após sua saída todos confabulassem entre fumaças de cigarro, cochichos cúmplices e risadas roufenhas e arrastadas, de acordo quanto à distinção do desconhecido, figura notável e — o que não se discutia — de ilustre ascendência — afinal um nobre, possuía um título de barão e várias condecorações! —, mas ainda persistindo a dúvida, ainda irresolutos em se inclinarem a ele que, se por um lado prendia pelo fascínio (quem sabe se também por um misto de inveja e receio) suas atenções provincianas, por outro lhes viera tirar o rotineiro sossego; enquanto a música cessava no salão, os músicos eram conduzidos aos seus quartos encerrando-se o baile, e as senhoras invadiam a reunião de seus graves maridos que, afetando ares de quem discute assuntos de estado, erguiam-se sacando do bolso dos coletes os pesados cebolões de ouro e assustando-se com a posição dos ponteiros, "quatro da manhã! É hora, é hora"; se, portanto, não apanharam nada então — salvo que o senhor Teodomiro havia resgatado a propriedade por uma soma fabulosa (não, ninguém ouvira em quanto montava tal soma, nem sequer fora feita uma referência direta à mesma, porém só podia ser grande, sim, uma verdadeira fortuna, havia os juros, lembrem-se, havia os juros!), e que para lá se mudara com o primo, o senhor Feitosa, seu assessor nos negócios —, muito menos viriam a descobrir na festa dada por ele em retribuição, dois meses depois, à qual, convidados, compareceram em massa, curiosos não apenas em conhecer por dentro a casa, a fazenda, que por fora se avistava de longe, mas também em ver aquilo que os rumores decerto muito aumentados e acrescidos faziam chegar aos ouvidos mais distantes: não uma capela como sói haver em muitas fazendas cujos donos, bons católicos mesmo que maus cristãos, mandam erigir ao santo de sua devoção; não, não propriamente uma capela, mas quase uma catedral, se não tão grande — pois certamente não seria mesmo uma catedral, mas tão só uma capela — pelo menos tão luxuosa, toda em mármores vindos do estrangeiro e rica em dourações, vitrais e esculturas, "dizem que leva anos para ficar pronta!"

Dessa vez os rumores não exageravam.

Não exageravam, e não o faria quem visse no anfitrião um homem singular em tudo, até mesmo na fortuna, que os recebia com uma graça

e elegância que desconheciam, que os assombrava com seu fausto, sorria-lhes durante o jantar, mas que não tinha êxito (ou talvez não se preocupando com isso) em esconder por completo algo de gélido que, mesmo atenuado por uma frase inteligente ou um sorriso oportuno, aflorava vez por outra àqueles olhos "cinzentos como tardes de inverno".

Também nessa noite Teodomiro sentou-se, após o jantar, com os eminentes convidados na biblioteca — pois em sua casa havia lugar para uma biblioteca, bem sortida de excelentes volumes —, para descanso e palestra acompanhada do café forte e do fumo, discorrendo sobre sua intenção de entrar para a cafeicultura, não deixando de lado projetos de investir também em gado bovino e cavalos de raça, ante o que os fazendeiros prestaram-se a dar todas as informações necessárias e disponíveis — alguns possuíam gado, nenhum se dedicava a cavalos de raça, mas todos ao cultivo do café —, e com sua habilidade natural Teodomiro desviava o assunto das incomodativas perguntas com que o assediavam mal houvesse ensejo de fazê-lo, não deixando de verificar com uma olhadela a presença de Edgar para intervir quando fosse oportuno (e, sim, ei-lo aboletado numa poltrona aos fundos da sala de leitura, folheando um volume sobre cavalos árabes); enquanto isso as senhoras e os mais jovens divertiam-se embaixo, na varanda ou no terreiro iluminado, aguardando o início do baile, ocasião em que os músicos tomariam lugar no salão de festas e para onde todos se dirigiriam atraídos pela música.

Também então Teodomiro fez-se presente durante as danças, e mais uma vez não deixou de lado Sinhá Fragoso, que apesar da idade se mostrava bastante desempenada e destra na valsa; e não deixou esquecida em seu canto a desenxabida Inês com quem dançou não uma mas várias vezes, ninguém estranhando que convidasse a jovem Cristianinha Soares Mendonça quando a orquestra executava mais serena melodia, em que se dançava mais devagar e com os corpos mais próximos. A menina, agora menos perturbada por dançar com Teodomiro, sentia-se mais à vontade para encará-lo, e caso seu olhar encontrasse o dele, já não ruborizava mas sorria sem constrangimento, o que lhe permitia verificar que apesar de bem mais velho era um homem atraente, de traços fortes e viris; que em nada sua meia calva o enfeava, pelo contrário, conferia-lhe à testa ampla um ar de nobreza e sapiência, e a papada nem aparecia tanto.

Também durante essa festa Teodomiro ausentou-se do salão (para algum recanto ignorado da casa), e por coincidência após dançar com Cristianinha, ninguém prestando atenção ao fato de que esta, ao mesmo tempo, também desertara do salão. Quinze minutos mais tarde — quando muito, vinte — ali estava ele de volta, numa polca com Sinhá Fragoso, Cristiana Soares Mendonça junto aos pais admirando de longe o

homem que minutos antes a tivera nos braços e a beijara na boca, a ela, que nunca fora beijada, que se encantara com esse beijo a molhar-lhe ainda os lábios, julgando-se apaixonada e jurando-lhe, a ele, um amor eterno.

Também nessa madrugada ouvia Teodomiro ao seu primo Edgar, no silêncio da varanda — silêncio que parecia impróprio a Edgar, incomodativo, abafadiço — de onde podiam ver sob a Lua clara os últimos convidados indo embora e ouvir o chiar das rodas e o tropel dos cavalos apagando-se ao longe; uma simples frase, mera observação como que sem nenhuma finalidade, após a qual deixou o recinto: "Dona Inês por certo não tem os predicados de uma grande amante, mas os tem, e muitos, de uma conveniente esposa" — sim, deixou o recinto, mas levou nos ouvidos o som de um suspiro e de uma frase algo sonhadora: "Ah, mas que grande amante deve ser Cristianinha".

Seguiu-se o que todos supunham e se tornou o assunto da ocasião, não deixando de receber também a aprovação da matuta sociedade de Pilar: Teodomiro deixou correr o tempo mas a certa altura foi se fazendo assíduo à casa de Honorato Gomes, uma assiduidade que não deixava somente dúvidas mas também desapontamentos, que desfez esperanças e gerou rancores aos quais, contudo e sem prever o futuro, parecia indiferente…

Enfim, estava feito.

Porque foi assim que um estranho, dono de fortuna, títulos e condecorações, tendo adquirido vasta propriedade em terras na localidade conhecida como Pilar, chamando-a de Fazenda das Oliveiras, aí se estabeleceu construindo sua casa ao mesmo tempo luxuosa e de aparência austera no alto de uma montanha de onde, olhando-se para adiante e para baixo, podia ver-se a sinuosidade montanhosa da região, o denso verde das matas ainda virgens, aqui e ali pedaços vermelhos da estrada que descia ao vale e à aldeia. Foi naquele lugar que mandou construir uma capela, miniatura de uma catedral em estilo gótico tardio, exuberante em estatuaria sacra que descrevia passagens bíblicas, encomendada a artistas anônimos mas não inábeis. Foi assim também que se casou alguns anos depois nessa mesma e suntuosa capela com Inês Honorato Gomes, tendo contudo desde muito seduzido secretamente uma adolescente por todos conhecida como Cristianinha, que compareceu ao dito casamento levando ao colo um lindo menino de quase cinco anos e que teria chamado mais atenção que a noiva em seu rico vestido ou o noivo todo reluzente em suas medalhas adrede lustradas de véspera, e ao qual todos lançavam olhares curiosos seguidos de risinhos e cochichos abafados, mas que em nenhum momento deu ouvido a esses rumores ou baixou a cabeça — tinha fibra a menina, o olhar sempre altivo, o queixo

empinado, o rosto um tanto pálido mas indiferente a todos os comentários sussurrados pelos cantos, a voz baixa e firme, os gestos peremptórios de quem não tem nenhum medo ou vergonha e nada a esconder —, consigo os pais algo envelhecidos pelo desgosto mas sólidos e poderosos ao seu lado.



Eis, portanto, o Livro.

Dois decênios de poeira depositados na capa de couro de carneiro formavam uma camada espessa sobre a qual, tendo-me recuperado e recuado um passo, ficara a marca de minha mão; decênios durante os quais se mantivera fechado a quantos quisessem ou pudessem deter-se sobre os diferentes cursivos que lhe enchiam as páginas, desde que fora largado naquele lugar em que, cerradas as portas num golpe brusco, pesasse o momento dessa pancada, desse golpe, o som intacto e único a dilatar-se em sua unidade e prosseguir, sem fim, mesmo depois, no silêncio, mais que simples selo ou lacre no recinto vazio e dessacralizado, inscrito na concretude do mármore e na intangibilidade das sombras, que eu ainda podia ouvir ao chegar e cruzar o pórtico, abrir outra vez a porta e entrar, cavo e austero; porque naqueles tempos foi o que ficou no fim de tudo, como incontestável ponto final num livro cuja última folha virara-se e sobre ela pesava a capa. Assim, de existência insuspeitada em todo o tempo de quietude que veio com seus ventos e sua poeira, e sua dança invisível no correr do vagaroso envelhecimento das coisas, cuja nódoa num avanço gradual invadira a brancura do papel tornando-o amarelo, e mais tarde escuro, e por fim quebradiço e frágil, descritos na erosão de suas páginas os prolongados anos de turbulência — assim, pois, permaneceu intocado, livre da trivial curiosidade que o pudesse vasculhar.

A época, no entanto, de reviver-se a lenda havia chegado.

Recuperado do desfalecimento desviei os olhos da figura que tanto me perturbara, primeiro recuei um passo, depois me aproximei outra vez e, avançando as mãos valetudinárias, achacadas de uma tremura que às vezes me impossibilita de segurar a pena e escrever — pois se tento fazê-lo ficam sobre o papel branco uns rabiscos tortuosos como o rastro de uma aranha bêbada cujas patas se tivessem enfiado num tinteiro —, toquei o livro com certa reverência emocionada, corri os dedos pela superfície deixando marcas sinuosas na camada de poeira; em seguida, e ainda sem retirá-lo do capitel espanei a capa e detive-me a olhá-lo, provecto repositório de segredos que eu pretendia contar…

Relembrei então em suas minúcias o dia distante…

Imponente, o casarão ainda dominava o promontório antes que no silêncio da tarde derradeira o fogo o devastasse. Eu, sozinho, um quase velho — contudo, apenas um garoto! —, de súbito concentrei o olhar em minha sombra esquálida que o sol pálido de inverno produzia no chão após transpassar as nuvens de uma chuva que vinha caindo sem parar nos últimos dias, sombra similar a um ponto de exclamação, o ponto escorreito, incisivo, final, que se segue a um grito de espanto, medo ou surpresa: um "Oh!" que se pronunciasse ao vencer o entorpecimento dos membros, como soa, abafado e mudo e não com a boca mas com os olhos e não no mesmo instante, mas depois, quando a calma que sobrevém nos permite ordenar o pensamento disperso, os sentidos desordenados, restituindo-lhes o equilíbrio e então avaliar com atilamento a extensão formidável dos acontecimentos; como soa, pois, quando se contempla a ruína e tudo que se tem é apenas esse grito. No entanto, onde estava ele, o grito? — perguntei-me, e volvi o olhar para o promontório: por muito tempo olhei a casa, e tive a impressão de estar viva, de que depois de tudo também ela se punha a olhar, do alto, o fim daqueles dias; e dei-me conta de que estava ali: a casa, de portas e janelas abertas na tarde imóvel, no alto do promontório, era como uma exclamação, um "Oh!", um grito mudo de espanto, de olhos escancarados, hirtos, detendo-se sobre os restos.

Então ateei fogo no madeirame, e o vi arder.

Quase nada levei ao partir. Ainda era dia quando desci os degraus de pedra que vinham do promontório e, passando entre as árvores, encaminhei-me para o pórtico, onde parei. Aos reflexos das labaredas que ainda crepitavam em alguns barrotes e caibros, os mármores do tímpano como que exibiam os justos e os ímpios iluminados pelos clarões do Juízo final. No entanto, refletindo que no promontório grassava o fogo mas os ímpios já não existiam, e refletindo mais, que aquele fogo trazia a semelhança de um holocausto derrisório a um deus morto, ao qual se sacrificavam tão só memórias, memórias e memórias, tive medo; e entrei na capela, onde ao isócrono ruído dos tacões dos meus sapatos no piso, similar a um motivo percussivo monótono executado por algum mecanismo, tive com assombro a impressão de que outros pés me seguiam pelo interior da nave e, parando, olhei, timorato, para trás, mas não havia ninguém comigo; prossegui então até a pequena coluna a que me referi, depositando sobre ela o volume grande e retangular que tinha nas mãos, o Livro, onde ficou por mais de vinte anos. Voltei-me então para a saída e, de encontro aos vitrais que deixavam passar a leve luminosidade da tarde que morria, antolhava-se-me em perspectiva o grande crucifixo do altar, e o braço voltado para mim parecia apontar-me num

gesto admonitório, ao qual estremeci e procurei esquivar-me o mais rápido possível, e outra vez tive medo dos meus passos. Mas já não me atrevi como antes a olhar para trás, como se fosse encarar a tremenda criatura que me perseguia, não por certo o Cristo de marfim que teria descido de sua cruz no altar, nem mesmo algum dos demônios de mármore que figuravam no painel da abside, mas — e era então o que naquela hora de irracionalidade e delírio delineando-se em meu cérebro doente enchia-me de pavor — a imagem melancólica a personificar o horror, fitando-me com a loucura dos seus olhos fundos e pedindo: "leva-me contigo!"; e quando bati a porta da capela, trancando-a a chave, pensei fazê-lo para sempre, porque em seguida desci, também eu, na direção da estrada, e em momento algum interrompi meus passos para olhar para trás.

Foi assim que, naqueles dias, deixei este lugar.

Já uma luminosidade rubra varando os vitrais insinuava a fulgurante consumpção do dia, anunciando a noite, e então despertei do meu breve alheamento e me vi ainda diante do capitel, sem tocar o Livro, os olhos úmidos, pois a memória rediviva forçava-me umas lágrimas que, não reprimidas mas livres para correr e dar alívio a essa sensação de sufocamento que a comoção sói produzir, desciam tortuosas entre as rugas das faces; e dando-me conta de que era hora do Ângelus, já o clarão do crepúsculo apagando-se entrava a noite vagarosa a leste, num gesto sem mais delongas rápido, seguro, arrebatei o Livro e afastei-me do capitel e da grande pintura, parei diante de uma imagem da Virgem dobrando os joelhos que, forçados a um movimento rude, estalaram como velhas dobradiças emperradas causando-me uma dor aguda à qual todavia abstive-me de gemer, e murmurei com voz áspera e um tanto cansada uma prece. Mas — coisa singular! — ouvindo esse barulho estranho que provinha da minha boca, semelhante a um zumbido como se dos recantos da capela, e da abóbada, dentre a escuridão outra voz me acompanhasse em coro, distraí-me, interrompi a prece e fiquei prestando atenção ao silêncio que se seguiu, refletindo que após duas décadas aqueles sons eram os primeiros produzidos por voz humana no recinto, para, em seguida, voltar os olhos à imagem da Virgem, já não mais que um vulto, e num esforço buscar no fundo do meu ser, do meu coração, do meu pensamento, quaisquer resquícios de fé, reiniciando a prece interrompida. De novo, porém, o eco de minha voz pelos recantos atraiu-me a atenção, apagando-se-me do pensamento a imagem sagrada, as palavras que já não lembro se de súplicas ou de graças, até estampar-se-me no entendimento estagnado (pois à ausência inconteste de fé numa prece desfiada mecanicamente e cujo sentido se perdia não só de minha mente mas também do coração, sublevava-se, sedicioso, o pen-

samento, recusando-se a fixar-se nos símbolos sagrados que a hora do Ângelus sugere) que em meu espírito não existia fé ou contrição; e mais uma vez, sem saber se me tomava inesperado delírio, repentino desarranjo nervoso devido ao cansaço e à saúde fraca e mesmo às comoções daquele dia, tive medo, um medo que me gelou o corpo eriçando-me os cabelos. Pus-me de pé tão rápido quanto a fraqueza das pernas e a dor das articulações me permitiam, apertando contra o peito o encadernado e, na densa escuridão que se fizera dentro da capela, olhando apreensivo para os lados, rumei para a saída deixando mais uma vez atrás de mim o abandono e o silêncio; não mais o de antes, porém outro, pois, pernicioso e herético ao calar-se de uma oração tartamudeada sem crença e interrompida a meio como discurso profano, um outro terrível silêncio se impunha, ao fechar-se outra vez sobre a vacuidade daquelas paredes a pesada porta de carvalho.

Então saí para o ar fresco da noite.

Só muito mais tarde, já madrugada, quando me recolhi ao meu quarto nesta hospedaria cujo singular e evocativo nome de Patmos sugere-me estranhas abstrações, e onde passo os dias trabalhando na tranqüilidade pastoril da aldeia, em que pese o cansaço dos dedos que se articulam às vezes com dificuldade sobre o teclado de uma antiquada Remington, e dos olhos que a custo se firmam nas linhas meio apagadas das páginas do Livro aberto à minha frente — que no entanto mantêm o vívido frescor dos acontecimentos —; só muito mais tarde, portanto, naquela noite, ao apor o antigo volume sobre o mármore da escrivaninha que há no meu quarto (a qual, dispondo-me não só a trabalhar nela mas também a guardar ali os poucos objetos pessoais que trouxera comigo, para tê-los sempre à mão, teve de passar antes por um banho recuperador de querosene para eliminar os cupins que já carunchavam a madeira, e limpá-la da poeira acumulada nas reentrâncias dos arabescos, entre as fendas das tábuas, dentro das gavetas) e preparar-me para romper o lacre com que há muitos anos atrás cerrara inviolavelmente sua capa, espalhando nas bordas unidas por um fecho algumas gotas vermelhas, ainda intactas, à guisa de selo, dei-me conta, surpreendido, de que essas gotas, esses selos, eram em número de sete!

Interlúdio

"Mergulhado como me encontro na desgraça (…),
espero que me perdoem procurar um alívio, bem leve
e bem curto, nesses detalhes pueris e divagantes."
(**Edgar Allan Poe** — *William Wilson*)

Foi numa noite ominosa que ela veio — decrépita em suas rugas seus cabelos ralos seus invernos nevados a desmoronarem como geleiras; iminente em sua charrete coberta puxada por um possante cavalo vermelho, depois, com passos de fantasma pela calçada de pedra embaixo do aguaceiro acompanhados do isócrono ruído, surdo e intervalado, da bengala de ipê roxo toc… toc… toc…; terrível em seus diamantes rebrilhando à luz dos candelabros, o vulto negro e seco destacando-se das sombras com gestos morosos e artríticos a sugerirem o ranger de velhas fechaduras, a voz rascante de mulher nonagenária.

Aquele que viria a ser meu pai fê-la entrar pela porta da frente no salão principal quase às escuras, onde nos lustres de cristal — não pendurados do teto mas flutuando nas sombras — já não rebrilhava a luz das velas, e a acompanhou pela escada ao andar de cima iluminando os degraus e depois o corredor com o castiçal erguido acima da cabeça enquanto ela seguia, vagarosa e infalível toc… toc… toc…, até deter-se ante uma porta, e em seguida entrar.

O outro, deitado no leito próximo à vidraça não dormia, mas, apesar do adiantado da hora, olhava a noite, e ter-se-ia por certo sobressaltado quando assomou à porta e entrou indo até a cama e sentando-se ao seu lado — *ela*. Sim, ela, outra vez ali, a bengala entre os dedos cruzados, o capuz caído às costas, e exposta à luz de um lampião (e dos relâmpagos através das vidraças) uma cabeça muito velha mas ainda viva, não a afetando o cheiro de remédio misturado ao de urina e dos defumadores que se queimavam numa assepsia ilusória, e, mais penetrante, o do presságio da morte na atmosfera abafadiça do quarto.

Aquele que viria a ser meu pai permaneceu junto à porta, atento, que outra coisa não fazia além de permanecer atento junto à porta, deixando-a entreaberta para acorrer talvez em caso de necessidade, ou para ouvir melhor, de qualquer maneira para não deixá-lo só, isso regularmente naqueles dez anos de agonia. O obscuro Edgar havia envelhecido

muito, e em sua aparência de cansaço, no quietismo de suas ações e de suas olheiras arroxeadas, pode ser que ocultasse a força a revolvê-lo por dentro, mas não o sofrimento a desenhar-se-lhe por fora.

Contudo, ouvia as vozes, ouvia o horror.

— Há quanto tempo vim pela primeira vez — ela disse, os olhos miúdos e vivos postos na chama imóvel do lampião sobre a cômoda, depois na vidraça onde, iluminadas pelos relâmpagos, as gotas de chuva eram pequenos brilhantes escorrendo pelo vidro. Só então olhou para o enfermo, sumido sob os lençóis, cujas faces angulosas e emagrecidas pela doença se contraíram na tentativa de falar, saindo-lhe do peito, porém, apenas uns roncos. — E daquela vez também chovia.

Fora então o próprio Teodomiro quem a recebera.

Pela tarde aparecera um preto para prevenir que a viúva Fragoso viria visitá-lo naquela noite, visita que muito lhe agradava, uma vez que neste lugar havia encontrado bem poucas pessoas interessantes — exceção feita à viúva, que não só dançava ainda a valsa ou a polca com certa vitalidade, mesmo com alguma graça apesar da idade, como também demonstrava uma inteligência muito viva e penetrante no discorrer sobre quaisquer questões, bem como no compreender, pelas entrelinhas, as intenções disfarçadas nas conversas.

Assim, ao ouvir baterem à porta não esperou que o prestimoso Edgar fosse abrir: correu a fazê-lo ele mesmo, recebendo uma rajada de vento e neblina enquanto a senhora entrava; ajudou-a a desvestir a capa molhada, apressou-se em trazer-lhe uma toalha com que enxugasse o rosto e o cabelo e a conduziu através do salão principal até uma poltrona aquecida junto à lareira que havia na sala ao lado, onde a velha se aboletou esfregando as mãos e sorrindo.

— A senhora por certo há de tomar um vinho — curvou-se Teodomiro para a visitante.

Sinhá Fragoso meneou mansamente a cabeça, e sempre com um sorriso disse preferir algo mais forte, "uma cachacinha, talvez", e Teodomiro de pronto voltou-se para Edgar, que no fundo da sala folheava um livro sobre pássaros. O primo presuntivo depôs de lado o livro e os óculos, ergueu-se, saiu, e um minuto mais tarde voltou com uma garrafa e dois copinhos. Teodomiro então cochichou-lhe algo ao ouvido e ele os deixou a sós.

Teodomiro Leão acomodou-se também junto à lareira onde, tomando de sua caixa de fumo, preparou com certa cerimônia o cachimbo — há tempos dera-se a esse hábito, fumar o cachimbo apreciando enquanto isso as toras se consumirem ao fogo. Noutras ocasiões Edgar fazia-lhe companhia lendo poemas clássicos em voz alta e comentando-os; o primo, atento à leitura, vez em quando movia a cabeça à guisa de comen-

tário, e enquanto a fumaça aromática se dissipava no ar estendia as pernas, recostava-se e, de olhos fechados, reclinando-se para trás punha-se a divagar, esquecido por vezes da poesia, da presença do inseparável Edgar ou, o que seria mais grave, do próprio cachimbo. Nessas ocasiões Teodomiro não se detinha num pensamento único, não uma única questão ocupava-lhe a mente: pelo contrário, deixando-a voar, seguia esse vôo em seus mais caprichosos volteios — recordações, coisas de ontem e de hoje, de muito tempo atrás e até o que podia vislumbrar no futuro adquiria forma, não mais que meros esboços de projetos, logo porém deixando-os de lado e, volúvel, dirigindo-se para outra direção — até que uma voz o vinha colher em pleno vôo, "interessante essa estrofe de Camões, não?… Teodomiro!", e então se lembrava: seu primo lia poemas para ele ouvir. O cachimbo ainda entre os lábios, expelia uma baforada abrindo os olhos, "desculpe-me, Edgar, mas não prestei atenção" — esse o seu feitio, nada de subterfúgios, de concordar a fim de não estender o caso, nada disso, dizia com franqueza não ter prestado atenção e Edgar, compreendendo que mais uma vez o primo se distraíra, perguntava: "Alguma coisa o preocupa?", ao que o outro, já o cachimbo entre os dedos e fixando a lareira, o fogo, a lenha semi-consumida, expirando respondia: "Nada, não é nada. Repita a estrofe que lhe chamou a atenção". Agora, contudo, não era o caso: a sós com uma interessante visita, enquanto enchia o fornilho comprimindo o fumo com a ponta do indicador, observava-a com o canto do olho que, silenciosa, a bengala de castão de prata entre os dedos magros, parecia por sua vez distante como se a lareira em frente fosse um objeto miraculoso em que pudesse ver desfilar as imagens antigas, o que fora a juventude, talvez a infância… A Teodomiro, pareceu-lhe que a viúva estaria mesmo a meditar nisto — o que seria a cabeça de uma sexagenária que passara toda a vida naquele lugar sem ver o mundo, inerte e quieta, a revolver os pensamentos, a retirar da vasa e do pó acumulados a memória fossilizada, rostos, ações, frases, vozes, tudo que possivelmente não se julgaria senão extinto, tornado só aquilo, vasa e pó? A viúva manteve-se assim, o busto aprumado diante do fogo, as mãos agarradas à bengala, os olhos além das chamas, na mesinha ao lado o copo que ainda não tocara, quando por fim estendeu a mão para pegá-lo.

— Sua visita deixa-me satisfeito, senhora — disse Teodomiro. — Aliás, quando o preto a anunciou hoje à tarde fiquei ansioso por sua chegada, de forma que ao anoitecer e desabar esse temporal disse para mim mesmo: que pena, sinhá Domingas por certo não virá mais.

A velha tomou de um só gole a dose de aguardente. Estalou a língua com um gesto aprovativo de boa conhecedora e repôs o copo vazio na mesinha.

— Apenas uma chuva — disse, e acrescentou com uma risadinha breve, o olhar fixo no outro: — Quem já viveu quase setenta anos tem duas alternativas: deitar e morrer, ou morrer de pé. Eu escolhi a segunda.

— Entretanto — replicou Teodomiro Oliveira —, a senhora não me parece disposta a morrer tão cedo, pois não? Talvez algum negócio importante, e que diga respeito antes à vida que à morte, trá-la à minha casa debaixo dessa água toda.

Sinhá Domingas não respondeu de pronto. Limitou-se a olhar o fogo e mover a cabeça, vagarosa, os olhos já fugidios, como se de repente regredisse no tempo, alheando-se nesses anos compridos, nessas idades perdidas — o alheamento a estender-se pela quietude da sala onde rebrilhavam os lustres, os cristais, o dourado sobre a alvura dos mármores, e onde na atmosfera morna vibravam tão só os estalidos da madeira queimando e o rumor dos trovões. "Manias de velho" pensou Teodomiro que acabara de preparar o cachimbo e acendê-lo, mantendo silêncio em respeito à visitante. Que ela dissesse a que vinha quando bem entendesse — ainda que ao dono da casa começasse a espicaçar a curiosidade.

— Só para uma prosa, meu amigo — disse a velha por fim. — Aqui estou apenas para uma prosa — e após uma pausa: — Bem pode vossência imaginar o quanto incomoda a uma velha como eu estar sempre só, inda mais quando teve a vida cheia de gente à volta, e muito com que preencher os dias.

Teodomiro considerou a visitante por um momento, olhando-a reservada mas atentamente. Das poucas vezes que a vira, e até então, quase nada soube a seu respeito: excetuando ser proprietária de umas terras férteis, se bem que de pouca extensão mas com excelentes pastagens e matas virgens, e viver sozinha em sua fazenda (com a qual as Oliveiras confrontavam a Leste por uma faixa estreita de floresta), nada mais poderia afirmar sobre ela. Corriam vagas histórias a respeito da fazenda dos Fragoso, mas aquilo que cai no domínio das gentes logo passa a ter o sabor de lenda, o povo conta e reconta os fatos, suprime detalhes, acrescenta novidades, pule aqui, ajeita ali para criar um interesse mais de acordo com seu gosto, e em breve o que fora uma história verdadeira deixa de ser digna de crédito. Essas histórias, Teodomiro Leão não se furtara a ouvir e mesmo a conjecturar sobre elas, despendendo para isso as horas da madrugada em que o sono não vinha e a Lua cheia no céu negro-azulado o convidava a debruçar-se na janela e estender a vista pela paisagem: o vulto sombrio dos montes próximos, o esbranquiçado do vale e das distâncias, a aragem fresca arrepiando o pêlo dos braços, os sons daquelas horas tardias transformados, adquirindo novos timbres, nuances inesperadas, significações profundas — o

canto de um grilo ou as águas despenhando-se na cachoeira, o grito de uma coruja ou o vento nas folhas, os ratos que correm com seu tropel miúdo no forro da casa ou o animal maior que anda sob o arvoredo —, assim tudo, sons e imagens e luzes modificando-se, já não materiais, já não comuns mas outros, absorvidos na solidão, íntegros daqueles momentos mágicos. E o Teodomiro insone vigiava, abismava-se na noite pensando, meditando, refletindo. Ao curvar-se para apanhar o copinho de aguardente (servira-se de uma pequena dose, apenas para acompanhar a visitante) rememorou, de relance, aquelas histórias — ouvira-as de seu primo presuntivo Edgar — segundo as quais Sinhá Fragoso enviuvara aos trinta anos quando lhe mataram o marido numa tocaia, e na noite do velório, com o auxílio de seus jagunços e escravos, teria sustentado fogo contra os mandadores do crime que, julgando-a abalada pela viuvez e sem forças para defender sua terra e sua vida, consideravam fácil apropriar-se de tudo pela extinção completa da família; dizia-se também que jamais voltaria a casar-se em razão de um juramento de fidelidade junto ao túmulo do marido, enquanto ali perto apodreciam os corpos dos assassinos insepultos, que em breve os urubus começariam a devorar. Ouvira ainda que tempos depois, as carnes já de todo desfeitas, o túmulo fora violado e os ossos espalhados por muitos lugares; e a viúva, não conseguindo reavê-los todos, guardou a partir de então em seu quarto, numa gaveta da cômoda, os poucos que recuperara — dentre os quais um crânio sem o maxilar inferior que, segundo se dizia, não pertencia ao mesmo corpo (mistério de que, como se verá no decorrer da narrativa, só muito mais tarde, conheci a solução) —; dessa maneira as histórias se multiplicavam numa farta variedade de versões pitorescas. Teodomiro divertia-se com tais lendas sem as levar a sério, mesmo porque ao conhecer a viúva Fragoso não lhe percebera nenhum ar do mistério que sugeriam, ao contrário, parecera-lhe ela uma velhota simpática e afável, antes querida por todos que a conheciam do que odiada a ponto de desejarem sua morte; e embora essa visita inesperada lhe estimulasse a curiosidade, Teodomiro, por polidez, decidira-se por não aludir a tais boatos, esperando que ela própria o fizesse.

A visitante por sua vez não perdia nenhuma oportunidade de examinar bem, embora com discrição, o novo proprietário, e quando ele se curvou para apanhar de sobre a mesinha o copo de aguardente, momento em que seu perfil se destacou contra o fogo da lareira, pôde mais uma vez perceber em suas maneiras polidas e no porte altivo aquilo que transparecia em seu tom de voz por meio de frases bem postas e seguras, no sorriso capcioso com que se esquivava a um assunto desagradável, mudando o rumo da conversa, e até mesmo no jeito como dançava a valsa, ou seja, um caráter afável mas enérgico, atraente mas gelado,

presente mas longínquo, concluindo de tais observações que esse caráter era de seu agrado, que talvez viesse muito a calhar…

Quanto a Teodomiro, o que este não sabia sobre a viúva Fragoso (e viria a saber naquela noite da qual se lembrava agora, ao avizinhar-se a morte em sua lenta agonia vinte e um anos depois, quando mais uma vez ela estava ali, a coruja esquelética mas ainda assustadoramente viva e, mesmo que subjugada pela idade, contemplando do fundo de sua senectude o passado que se abria à memória como abismo; os sentidos alertas e a certeza da derrota, "que esta é uma luta que iniciamos para perder, sempre foi assim e sempre será, mas à qual muitos continuarão se entregando pelos tempos afora, quando menos para assistirem rolar a própria cabeça", derrota na qual, entretanto, permanecia soberana e trágica) é que a velha era uma dessas pessoas de caráter firme e grande força de decisão que jamais tomam uma atitude sem refletir, para que não venham a sobejar motivos de arrependimento; capazes de todos os ardis mas a quem a vitória não impressiona, a derrota apenas uma conseqüência da luta e para quem o que ontem fora o mais odiado inimigo hoje seria um aliado que, amanhã, não hesitaria em esmagar conforme lhe conviesse; se acaso ocorria ser ela própria esmagada, recolhia-se tranqüila à espera de sua oportunidade e, enquanto isso, quieta em seu canto, não lhe custava sorrir e mesmo afagar o inimigo, sem lhe abalar a expressão serena do rosto o rodamoinho a agitar-se-lhe por dentro. Há muitos anos esse rodamoinho a revolvia em vão, e de seu canto sorria e esperava, já não mais que uma velha fazendeira de outros tempos, solitária entre receitas de bolo e pontos de tricô, talvez um tanto rica mas — e era o mais certo — a só ostentar os restos de uma fortuna que findaria com sua existência; sorria e esperava, e a ninguém seria possível conhecer esse sorriso ou adivinhar que nas horas tecidas com o tricô construía-se uma espera de algo mais que a morte — se a morte viesse, dizia consigo mesma, que fazer senão resignar-se? Que fazer senão reconhecer que seu tempo fora aquele, suas chances aquelas, o que tinha de ser seu aquilo que obtivera, a ninguém cabendo culpa alguma, e morrer tranqüila? Ao contrário, porém, podia não sobrevir a morte e, não sobrevindo, reconhecia ainda seu esse tempo, e seu não só aquilo que obtivera, suas não só as chances passadas…

"E não sobreveio" disse ela depois de estar quieta algum tempo a olhar o fogo, "não sobreveio e vi que outra vez tinha o jogo nas mãos e ainda havia tempo para jogar". Teodomiro sentia um ligeiro tédio quando a velha Fragoso assumia aqueles ares misteriosos e falava por meio de enigmas. Mas ao mesmo tempo o desejo de ir até o fim com aquilo motivava-o a ouvi-la. Se havia o tédio de alguns momentos, em outros sentia-se instigado pela curiosidade e mesmo pela incômoda perturba-

ção que sentia ao avançar a velha o rosto, o dedo erguido em sua direção, sentenciando: "Foi o senhor quem me trouxe as chances de jogar outra vez, senhor Teodomiro".

A viúva Domingas Ilídia Fragoso vivia naquele lugar desde muito moça. Filha única de um homem velho — já passado dos sessenta quando ela nasceu — e muito devotado a Deus, perdera a mãe (robusta e ainda jovem, que uma febre incurável bastou para reduzir a pele e ossos em poucas semanas) antes de completar doze anos, e viu-se assim entrando na adolescência apenas sob os cuidados de um pai com quem por certo nunca tivera muito o que conversar, que a amava mas a seu modo, reservado e tão distante dela como de sua juventude. Esse homem, também filho único e de uma família de certas posses, ao herdar consumira quase todos os bens na mocidade. Ao ver-se na iminência da miséria decidira mudar sua conduta de estróina e se mostrou ajuizado ao abrir um pequeno negócio com parte do que ainda possuía, deixando o resto a render juros até aparecer algum investimento lucrativo e seguro. Já não havia, contudo, muito o que aplicar, e de tempos em tempos oscilando seu negócio e suas rendas, redobrando às vezes as horas de trabalho, já abandonadas desde muito a farra, as bebedeiras, as noites perdidas de sono nas rodas de jogo, deu consigo entrando na idade madura com um pé-de-meia um tanto parco, bastante apenas para uma vida discreta, muito aquém do que noutra época atirara pela janela. Não desistindo de recuperar pelo menos parte do que esbanjara (e na dureza do trabalho o homem maduro recriminava, maldizia o moço imprevidente), continuou a labutar com afinco e por fim pôde ver-se não rico como pretendia, mas dono de um patrimônio razoável. Já não era jovem a essa altura — com seus cinqüenta anos, solteirão, sozinho na vida dividia-se entre os negócios e o descanso dos finais de semana acrescido de um ou outro raro passeio, e por mais meia dezena de anos manteve-se assim. Um dia, para surpresa geral, apareceu casado com uma jovem de cerca de vinte e cinco anos. Esse casamento intempestivo e nunca até então comentado, mesmo entre os amigos mais próximos, deu origem a boatos aos quais, se um ou outro chegou aos seus ouvidos, ignorou preferindo evitar contrariedades: dizia-se que aquela jovem bonita, um tanto graciosa, teria sido abandonada pelo noivo e, vendo-se quem sabe a esperar a chegada de um inconveniente visitante, para salvar as aparências fora obrigada a aceitá-lo como marido, um quase velho e pouco conservado, possuidor de bom pecúlio e nada mais que pudesse atrair uma mulher jovem; como o tempo passasse e o esperado visitante não apareceu — nem prenunciou sua chegada nos primeiros meses da união —, alguém se lembrou de que ele a teria encontrado num bordel e, apiedando-se de sua condição, para evitar que se perdesse

de todo resolvera ampará-la; como a levasse para um meio onde não a conheciam, pouco custava dar-lhe seu nome já que lhe dera seu lar; outros advertiam que ela talvez tivesse um amante pobre e arranjara esse casamento para fazer seu pé-de-meia; assim que acumulasse algum fugiria deixando o infeliz marido a ver navios no deserto — e se indignavam antecipadamente ante tão aleivosas intenções; como não se desmentiu nem se confirmou a primeira hipótese e nem se cumpriu a segunda, ficou-se por aí, os rumores cessaram após algum tempo, os interesses mudaram de rumo e o casal integrou-se por completo em sua comunidade. Sua única filha nasceu cinco ou seis anos mais tarde, e esse homem que fora na juventude um perdulário e mundano, dia a dia tornava-se um crente sincero e devoto, algo fanático mas de caráter bondoso e mesmo filantrópico, pois mais de uma vez, seguindo o princípio cristão de "repartir aquele que tem duas túnicas com quem não tem nenhuma", procurou, na medida de suas posses, socorrer uns e outros que, famintos ou nus, foram bater à sua porta. O casal parecia viver bem, a conduta da mulher não permitira que voltassem à tona os antigos rumores, e se não eram ligados por um amor intenso, eram-no por um afeto que nascera do convívio e da compreensão, e quando a mulher veio a morrer anos depois, o velho estaria só e desamparado não fosse um casal de escravos já idosos, a seu serviço desde tanto tempo que haviam se tornado membros mais ou menos próximos da família, que o ajudaram a cuidar da filha de doze anos, pobrezinha, que ele, um homem de setenta e três não tinha jeito para lidar com uma quase adolescente sem a presença materna, essa presença que — podia percebê-lo na carinha triste e assustada da menina — já começava a fazer imensa falta. Mas as dores saram com o tempo, as perdas comuns aproximam aqueles que estão distantes, e três anos depois o velho decidia deixar a cidade e mudar-se para o interior, antevendo para a menina uma vida plena e sadia no campo, e para si mesmo um fim de vida sossegado. A garota, com quinze anos feitos, tinha um pretendente sério que lhe agradava e, disposto a acompanhá-los ao campo, havia sugerido Pilar como a melhor escolha onde, conforme se sabia, poderiam demarcar uma propriedade da maneira que quisessem e de acordo com seus projetos de colonização. "Uma terra quase virgem, senhor meu sogro, onde cada um escolhe o pedaço que quer!" teria dito o moço, encorajando o futuro sogro. Convém esclarecer que então Pilar ainda não existia como povoado, que se formaria alguns anos mais tarde: havia apenas na região um entreposto com esse nome, um vasto armazém sortido de modo a atender as necessidades daqueles que por ali chegavam, fosse só de passagem, fosse para ficar, ao redor a imensidade da terra devoluta e uma ou outra propriedade já de longe em longe demarcada. O pai de Do-

mingas, idoso mas ainda rijo e bem disposto, desfez-se de tudo que era seu e rumou para Pilar: meteu-se pelo mato, subiu morros, abriu trilhas na floresta, geriu o trabalho ativo dos negros, passou à frente de muitos, afastou-se dos arruados, e por fim ergueu uma choupana. Tinha provisões, uma filha, um quase genro, dinheiro, escravos: agora era apanhar a terra, o que fez com vontade mas evitando ir com muita sede ao pote "que a ganância nada constrói e o pouco com Deus é muito", opinião com que o genro não concordou de bom grado, só não insistindo por uma questão de respeito e porque "sempre haveria tempo", como dizia à jovem esposa ao traçarem projetos para o futuro, "o seu pai é um homem bom e religioso, mas não compreende que nós somos jovens, estamos começando, temos ambições." A mulher, nova e inexperiente, concordava em silêncio, achegando-se ao seu homem pois decerto preferia a linguagem prazerosa do amor àqueles projetos entrevistos assim, no leito, vagos e distantes. Afinal, para que falar de tais coisas então? Havia tempo…

Haveria mesmo? Não seria desrazão pensar que sim — e houve, mas a certo preço. Consta que tempos depois, estando já instalados e com a propriedade iniciando produção, apeou-se certo dia no terreiro um indivíduo de meia idade e chapelão na cabeça que bateu palmas para anunciar-se. Não viera sozinho: do lado de fora da porteira, aguardando-o, alguns homens que pareciam tê-lo acompanhado desciam de suas montarias e se acomodavam à sombra de umas paineiras. Atendeu-o o Fragoso velho, mandou-o entrar e sentar, ordenou a uma negra que trouxesse café e refresco. Conversaram. Durante a conversa, entrou na sala a filha do Fragoso; teria escutado alguma coisa detrás da parede? Pode ser, é até provável que tenha, e como o assunto dizia respeito a todos sentou-se e participou da conversa. O indivíduo, um certo Silvério Honorato Gomes, apresentou-se como vizinho, elogiou a prosperidade da fazenda e por fim tratou daquilo que o levara até ali: uma questão de limites, ele disse, estava para medir sua propriedade a fim de saber ao certo onde passariam seus rumos, e "gostaria de contar com a compreensão dos novos vizinhos para o caso de esses rumos se aproximarem um pouco", de resto, ele possuía papéis, "afinal, são precisos os papéis, os vizinhos também devem possuí-los, pois não?", depois do que partiu, não sem antes reiterar suas congratulações pela atividade que fazia prosperarem a olhos vistos aquelas terras até então selvagens.

O velho Fragoso morreu com oitenta e oito anos. Sua severa religiosidade deixava por fim de ser um entrave à ambição do genro — ambição que pouco a pouco contagiara Domingas — pelas terras, vastas a não ter fim, os limites aqueles que se quisessem, a fortuna apenas uma questão de estender a mão (ainda que estendê-la com não pouca cora-

gem e muito menos vazia). Aos vinte e sete anos, a menina de outros tempos tornara-se uma robusta mulher decidida a apoiar os ambiciosos projetos do marido, entre os quais dilatar horizontes aquele a seu ver o mais urgente — não sem antes uma reflexão a amadurecer-lhes os atos e evitar surpresas, contando com o ermo a propiciar o silêncio das sepulturas, as matas virgens com suas locas de pedra escondidas, a terra mole dos lodaçais, os brejos onde a água dos rios espalhando-se entre os juncais alagavam o planalto; tudo que podem oferecer essas imensidades quietas e solitárias para evitar a denúncia das asas negras no céu… Foi mais ou menos por essa época que o ódio teve início.

O que ficou dito acima sobre a vida da velha Fragoso não foi o motivo de sua conversa com Teodomiro naquela noite: veio de alguns registros feitos por meu pai em seu diário, os quais reproduzi fazendo quando muito algumas correções gramaticais e de estilo. Aquela alusão das asas negras no céu é de seu punho, uma imagem de certa beleza e significado claro. Esses registros, no entanto, são bastante resumidos. Não fez menção mais detalhada, p. ex., sobre esse visitante de nome Silvério — a quem, pelo que já foi dito, podemos por ora apenas atribuir um parentesco com o Honorato Gomes pai de Inês. Sua última referência foram essas anotações acerca da facilidade com que alguém podia livrar-se de seu inimigos em tal lugar. Por que teria agido assim? Presumo, se de fato teve notícias mais minuciosas a respeito, que pretendia continuar a partir daquele ponto, já que após sua última frase deixou em branco várias páginas. É possível que tenha adiado as anotações que preencheriam essa lacuna enquanto se ocupava de outros assuntos, até perder, quem sabe, o interesse por elas, e a narrativa permaneceu incompleta. Do resto da história, bem como de outros pormenores, vim a saber muito mais tarde e em circunstâncias incomuns, como veremos.

As anotações seguintes feitas por Edgar, e que mais relevância têm para esta narrativa, referem-se ao diálogo travado entre Teodomiro e sua visitante, diálogo esse que vimos acompanhando desde o início.

— A senhora é uma das pessoas mais antigas desta região, ou estarei enganado, dona Domingas? — perguntou Teodomiro.

Essa pergunta fez com que a velha suspirasse, os lábios contraindo-se numa imitação de sorriso. Os olhinhos brilhantes encontraram os de Teodomiro, solenes mas afáveis. O movimento negativo de cabeça não era uma resposta à pergunta do outro, mas uma conclusão acerca da vida. Por fim relaxou, recostou-se na poltrona macia, um confortável descanso para os ossos sob as carnes mirradas.

Suspirou uma segunda vez fitando o teto, ao reclinar a cabeça para trás. Parecia meditar, mas logo volveu os olhos para as chamas e, ao responder, fê-lo com lentidão:

— Pelo que me lembro, papai estava entre os primeiros a chegar nestas terras. Pouco tempo depois de nos instalarmos num casebre, lá mesmo onde mais tarde erguemos a fazenda, algumas famílias começaram a formar um arruado no local do antigo entreposto. Essa gente, em parte ex-colonos de outros proprietários locais, que deixavam seus patrões e passavam a trabalhar para si próprios, em parte apenas gente que vinha chegando, uns ficando na terra, outros indo embora, essa gente deu feitio a Pilar. O arruado transformou-se no arraial de hoje em dia. Isso foi há cinqüenta anos.

— Cinqüenta anos… — repete Teodomiro, olhando a velha com interesse.

— Cinqüenta anos — ela reforça. — Quanta coisa pode acontecer em cinqüenta anos. Quanta gente morre e nasce, quanta coisa se conquista ou se perde, quantas histórias são vividas… e a tudo testemunhamos impotentes, porque por mais que julguemos estar ativos, por mais que pensemos poder alguma coisa, a única certeza que nos resta no fim da vida é que enfim nada fizemos por nós mesmos, e nenhum poder para nada nos foi concedido.

A velha voltou o rosto enrugado na direção de Teodomiro, os olhinhos miúdos brilhando.

— Ouvi isto de meu pai, que morreu um dia depois de tê-lo dito com oitenta e oito anos. E ouvindo meu pai naquela tarde — uma tarde morna de outubro, lembro-me bem, o céu avermelhava no poente, no avizinhar-se da noite, podíamos vê-lo pela janela aberta —, ouvindo portanto meu pai naquela tarde prometi a mim mesma que comigo seria diferente (fora-me ensinado que todo o poder pertence a Deus. Meu pai, à medida que envelhecia, convertia-se num homem religioso e temente a Deus, e falava-me dEle com muita freqüência). Disse aquilo e no dia seguinte amanheceu morto. Quando o sepultei, eu e mais dois negros, esses dois negros velhos e rijos que nos acompanhavam desde muito tempo, creio que desde a juventude de meu pai, renunciei a esse temor insensato que nos últimos anos se apoderara dele e entreguei minha vida ao propósito de não ser impotente ante a existência, de tudo fazer por mim mesma, não propriamente de expulsar de mim o Deus que me haviam ensinado, mas de não me importar com Ele — e a velha concluiu com o dedo erguido para Teodomiro que, não pouco impressionado, ouvira-lhe a fala enérgica e incisiva com um interesse cada vez maior. Sorriu para ela então, e disse:

— A senhora fala-me de uma curiosa doutrina pregada por seu pai. Se entendi bem, ele via no homem uma testemunha impotente de seus próprios atos, e conquanto pense dirigir-se a si mesmo na existência, nada do que faz fá-lo por sua própria vontade.

A velha parecia exausta. Respirou fundo sem responder, Teodomiro prosseguiu:

— Mas é um determinismo extremado, estranho num homem que crê na Bíblia. Seria mais coerente pregar o livre arbítrio.

A velha Fragoso sorriu.

— Talvez meu pai visse essa questão de uma maneira muito particular.

— Gostaria de ouvir mais a respeito.

— Meu pai não era um homem de letras, senhor Teodomiro. Em sua velhice lia muito a Bíblia e a vida dos santos, ensinou-me a religião, sim, a fé, mas quase não me falava do seu próprio modo de encarar essas questões. Talvez por me considerar muito nova para entendê-las, não sei, mas o mais certo é que não soubesse expô-las, e ele próprio tivesse uma vaga compreensão de tudo que se esboçava em sua mente. Quem sabe enfeixava todas as questões e dúvidas e conclusões num amálgama de idéias confusas e contraditórias que não saberia destrinçar?… No entanto, recolhendo trechos do que me dizia às vezes consigo explicar essa aparente contradição.

— Estou curioso — disse Teodomiro acomodando-se melhor na poltrona, voltado de todo para sua visitante.

A velha pigarreou.

— O homem é livre, sem dúvida, é livre em todos os seus sonhos, suas aspirações, seus desejos. É livre para ambicionar tudo quanto queira e lançar mão de todos os artifícios para obtê-lo — mas não é livre para consegui-lo, e é nesse ponto que surge a aparente contradição. Vou dar um exemplo: um homem deseja casar-se com uma senhora que conheceu num baile. Sonha todo o tempo com a tal senhora, a ponto de já não ter outro pensamento, e com o vê-la repetidas vezes, apertarem-se as mãos vez ou outra, fazerem-se amigos, mais aumenta sua paixão. Sabe que ela é acessível, não é comprometida nem orgulhosa para se recusar a ele. Mas sabe também que há outro pretendente que se encontra em condições similares, tanto de paixão quanto de possibilidades de conquistá-la, e se vê subitamente preterido em favor do outro. Revolta-se, porque a mulher dos seus sonhos poderia tê-lo escolhido — o outro não é melhor que ele em nada: não é mais rico nem mais bonito, não possui mais instrução nem é mais honrado. Ambos se equiparam nesses aspectos tão importantes. No entanto, foi com o outro e não com ele que ela decidiu casar-se. Ele foi livre para escolhê-la, ela por sua vez para escolher o outro. Ele também é livre para tentar de tudo ao seu alcance a fim de mudar a situação a seu favor: desacreditar o outro aos olhos dela, caluniá-lo, fazer-lhe propostas diretas, e assim pensando nosso homem age. Tudo ele faz, mas em vez de obter a simpatia da amada é o contrário que ocorre, pois suas atitudes mesquinhas fazem com que a mulher

conclua: "Este senhor não é um cavalheiro". Articulando e maquinando, o pobre homem faz-se hipócrita e falso: mostra-se arrependido perante ela, pede-lhe perdão, e a senhora vendo-o tão humilhado enfim perdoa-o pois que, reflete, um homem que ama ao ver-se recusado pode muito bem dar-se a certos excessos, mas uma vez que reconhece seus erros e mostra-se arrependido, merece consideração. Por algum tempo o homem age como se nada mais houvesse, e do amor que sentira, ou nada restava a não ser a lembrança ou acautelava-se a fim de evitar novos desentendimentos. A tal ponto mostra-se gentil que o rival concorda em convidá-lo para o casamento a realizar-se, digamos, daí a dois meses, convite que ele aceita de bom grado. Mas uma semana antes da data festiva o rival é encontrado morto, com os bolsos vazios, vítima por certo de um salteador, um ladrão de estrada; e lá vai o apaixonado consolar a senhora que chora em seu ombro agradecendo-lhe a amizade, a atenção, a compreensão diante da tragédia. Sem saber, aperta as mãos que assassinaram seu noivo, furtando o relógio e o dinheiro para simular um roubo. O homem espera, como manda a conveniência, passar os primeiros dias, e volta uma tarde à sua casa a fim de sondar o terreno. Tem esperanças de que ela, vendo-o tão solícito e atencioso, passe a estimá-lo mais e acabe aceitando-o. Ela o recebe com um ar abatido mas se mostra contente por ele, seu melhor amigo, estar ali. Tomara uma decisão e queria que ele fosse o primeiro a saber: como era de seu conhecimento, ela diz, pretendia casar-se com um bom homem que a amava e respeitava, e muitos planos haviam feito juntos, mas quando sobreveio a tragédia esses planos se transtornaram. Em decorrência disso resolvera entrar para a vida religiosa, o que já fora acertado: dentro de duas semanas seria recebida como noviça em um convento, onde iria passar o resto da vida em atitude contemplativa e em orações. Aí está: o pobre homem tudo fizera para ter a mulher que amava, recorreu mesmo ao crime, mas eis que a vida, ante a qual se via impotente, o subjugara. O que tinha de agora em diante era levar a frustração de seu maior desejo e o remorso de um crime inútil.

— Muito bem! — exclama Oliveira Leão. — A história explica com muita exatidão a doutrina do seu velho e sábio pai. No entanto, a senhora acredita que seja assim?

— Como eu disse, senhor, eu estava disposta a tudo para vencer a força desconhecida que acaso se me opusesse. Sim, e tudo eu fiz, e houve um tempo em que pensei estar derrotada. Lembrei-me do que me dissera meu pai um dia antes de sua morte… e resignei-me. Mas creio que a luta pode recomeçar, que a derrota ainda não se abateu, e todo esse tempo foi talvez uma trégua, apenas uma trégua.

Teodomiro Leão, erguendo-se da poltrona junto à lareira, foi até a

porta que dava para a sala de leitura, onde, sabia, Edgar folheava algum livro, e pediu um café bem quente. Retornou para junto de sua visitante, mas não se sentou.

De novo com as mãos cruzadas sobre o castão de prata, o corpo magro e reto diante do fogo, a viúva Fragoso aguarda. Teodomiro compreendera que não devia apressá-la: fora à sua casa com um propósito — a cada minuto mais se convencia disso, e também se surpreendia na mesma proporção pois tinha uma suspeita: não se tratava de um mero mexerico interiorano mas de algo maior, ligado por certo à sua vida naquela terra, vida com muito mais que lendas contadas em rodas de jogadores e bêbados nos botequins de Pilar.

— Tudo que fiz desde a morte de meu pai foi para contradizer essa doutrina, senhor Teodomiro — disse, olhando o outro diretamente, mesmo alteando o busto em sua direção —, e envelheci convencida de ser uma esperança inútil. — Retomou a postura ereta de antes, e prosseguiu: — Estive casada catorze anos, enviuvei aos trinta, e nesse meio tempo havíamos conquistado muito… muito, em bens e em rancores. Não posso falar em escrúpulos, bem sei, depois de tudo… no entanto, eu estava decidida.

Nesse ponto ela se detém pensativa, movendo a cabeça devagar, à sua frente não o fogo alto da lareira mas o passado revisitado. Eis ali, decerto, os rostos e os acontecimentos que povoavam sua existência, que lhe faziam companhia na solidão da velhice.

Foi o próprio Edgar a trazer o café, que fumegava pelo bico do bule impregnando o ambiente com um cheiro agradável, e Teodomiro de imediato serviu à visitante.

— O cheiro do café — disse — é o cheiro da casa. Do aconchego do lar, melhor dizendo.

— Deixei a cozinheira de sobreaviso — disse Edgar — caso precisem de mais alguma coisa. Vou recolher-me agora.

— O cheiro do café — replicou a Fragoso depois de um minuto — muitas vezes lembra o da morte. — Sorriu enquanto sorvia aos golinhos a bebida fumegante. — Nesta terra, o vermelho dos grãos é na verdade o vermelho do sangue. — Dissera-o mais para si mesma, mas voltando o rosto para Teodomiro atirou, de supetão: — O senhor Teodomiro é capaz de imaginar quantos fui obrigada a matar para defender meu café?

Teodomiro, apesar de sua frieza e autocontrole, sentiu-se desconfortável — até mesmo um tanto embaraçado com a declaração da velha. Sorriu contrafeito:

— A senhora não tem aparência de alguém que mata, ainda que para defender-se.

A velha riu em silêncio e terminou o café sem dizer mais. Repôs a xícara na bandeja e agarrou outra vez a bengala.

Por um instante ficou imóvel, o rosto crispado como se alguma profunda reflexão lhe ocupasse o pensamento. Descontraiu-se, contudo, pouco a pouco, e fez um movimento de cabeça acompanhado de um leve sorriso de ironia.

Teodomiro, outra vez à vontade, serve-se de mais café. Reflete irritado que deixara impressionar-se, e aquela declaração repentina fizera-o a contragosto estremecer, como se ele próprio fosse um homem que se deixasse intimidar. Uma ou duas vezes tivera de fazer desaparecer alguém, um número maior de vezes articulara para obter algumas vantagens, *"afinal"* pensa, *"quem é que enriquece sem ousar?"*, e por certo chegara até ali sem saber o que fosse escrúpulo. Admite aborrecido que ao seu lado acoitara aquele primo Edgar que, em sua existência subterrânea, era o principal responsável por suas articulações; arrastava-o consigo como um peso incômodo, embora até gostasse dele, mas sentindo por vezes certa ojeriza em sua presença. *"É um réptil, astuto e perigoso, uma serpente, mas é útil… e amigo"* pensava às vezes, e conquanto recalcitrasse em admiti-lo, com algum esforço escondendo de si mesmo o reconhecimento de sua própria ineficiência, em suas horas de meditação solitária concluía — e como o incomodava, como o constrangia essa conclusão! — que era ele a ostentar tudo que um outro, bem ou mal, construíra. Ele, Teodomiro, servia apenas para gerir uma fortuna e apresentar-se como homem importante aos olhos encantados da sociedade matuta, mas se a vitória numa grande empresa requer planejamento, de onde vinha o mérito dessa vitória senão da figura apagada e mesmo subalterna que muitos tinham na conta dum simples secretário ou íntimo confidente, um primo distante acolhido pelo rico senhor para ajudá-lo em negócios menores, miudezas de serviço? Ocorria-lhe mesmo, e sempre com íntimo desconforto, a idéia de que ele e Edgar estavam tão ligados em suas afinidades que podiam considerar-se as duas partes de uma mesma personalidade: Teodomiro, a parte visível, que se mostra à luz, que todos podem tocar e com a qual todos se encantam; Edgar, ao contrário, a face obscura, aquela que ninguém vê mas que, sempre à sombra, existe como sustentáculo da outra. Tudo isso passa como um relâmpago por seu pensamento naquele intervalo em que se serve de café e observa o movimento de cabeça e o sorriso irônico da velha Fragoso.

— Então o senhor se casa em breve — disse ela de repente, mudando o rumo da conversa.

Teodomiro, que se repoltreara entre as almofadas atirando as pernas com indolência em direção do fogo, apenas moveu a cabeça como res-

posta. De imediato, porém, volveu o rosto para a visitante e aprumando-se convenientemente acrescentou:

— É verdade — e, após uma pausa, durante a qual vigiava pensativo o fogo na lareira, prosseguiu: — Faz cinco anos que vim para as Oliveiras, lugar que, confesso, muito me agradou e onde resolvi fixar residência. Só não me decidi antes pelo casamento em razão das viagens e das longas ausências a que me obrigaram os negócios, mas agora que pretendo parar, que já é tempo, além do que já tenho idade… até já passei da idade. E encontrando, como encontrei, uma noiva adequada…

— Traz um grande dote a sua futura esposa — observou a viúva de maneira prática, e ficou olhando para o tapete como se refletisse antes de acrescentar outra observação. — Além de ser herdeira única…

— Além do que já nos conhecemos o suficiente. Bem sei que não é uma mulher muito jovem, nem muito bela — disse Teodomiro no mesmo tom, e a velha agitou a mão ressequida, com uma expressão aprovativa:

— Oh, isso é o de menos, nenhuma importância — e em voz mais baixa, como se falasse consigo mesma: — O importante é que seja fértil. Ainda que bem madurona, pois a moça Inês certamente já terá seus trinta e poucos, não?

— Trinta e cinco — diz Teodomiro.

— Pois ainda assim não duvido de que ela lhe dará herdeiros. — E depois de um breve reflexão: — Graça e beleza o senhor já tem encontrado por aí — fez uma ligeira pausa, no mesmo tom concluiu, a expressão do rosto um tanto carregada: — Belezas bem jovens, conquanto não… tão ricas.

Teodomiro compreendeu a alusão, e isso o preocupou. Para evitar falatório fora até então excessivamente cuidadoso nos seus amores com a menina Cristianinha Mendonça, que tiveram início secretamente na primeira festa que dera em sua casa e por fim rendera um fruto, uma encantadora criança, um menino que agora contava quatro anos. Durante esse tempo sondara através do ouvido arguto e atento de Edgar se, à boca pequena, alguma conversa maliciosa correra em qualquer ocasião, fosse na aldeia, na vizinhança ou mesmo entre os serviçais. Não, era certo que ninguém desconfiava, pois além da providencial distância entre as duas propriedades havia a diferença de fortuna e de idade (não se considerando a de nascimento por nenhum brilho provir também do berço de Inês, a não ser o do ouro), e ainda a altanaria e grave sobriedade de seus ares, que nada deixavam transparecer. Não, ninguém teria motivo algum de suspeitar, mais ainda porque saindo de sua casa a cavalo, como de costume sempre pelas nove ou dez horas da noite, retornava desses encontros — em que se deleitava com duas ou três horas de

amor — antes das cinco da manhã, e tão embrulhado em mantas e capotes que não o poderiam reconhecer. Não, ninguém teria motivo algum para suspeitar — mas a viúva suspeitava, sabia.

Teodomiro não respondeu. Teria a velha comentado com alguém sua desconfiança?

— Mas é claro que isso é natural — acrescentou depois de algum tempo a viúva, desanuviando as feições —, até mesmo aconselhável. Ah, os homens o podem. E afinal é a carne, sempre a carne…

Teodomiro suspirou.

— Com os devidos cuidados — concluiu a velha — não há mal algum.

A última coisa dita naquela noite pela viúva antes de partir, quase às duas da manhã quando a chuva cessara de todo, restando na atmosfera gelada um vento cortante e uma névoa que se adensava, diluindo os volumes na escuridão, foi uma frase inocente, à meia voz, como quem pensa e fala consigo mesmo:

— Um grande dote… contudo, lá há muito mais que um grande dote.

Teodomiro sentira um frio por dentro ao ouvi-la, teria respondido mas vira-se tolhido em suas palavras (e mais uma vez aborreceu-se: a Fragoso tinha mesmo o poder de assustá-lo!) e já a velha subia na charrete, enrolando-se mais em seu xale e jogando por cima dos ombros uma capa. Partiu em seguida. Teodomiro permaneceu parado à porta de casa por muito tempo, mesmo após ter silenciado o som rangente das rodas e o tropel do soberbo cavalo vermelho, olhando a treva, pensando.

Um trovão seguiu-se, muito próximo, após um banho de luz branca que por alguns segundos deu ao quarto a claridade do meio-dia. O enfermo estremeceu, mas a acompanhante manteve-se imóvel, ereta como estátua, sentada na banqueta de vime ao lado da cama, a bengala entre as mãos nodosas, o vulto a destacar-se na luz fulgurante como o de um emissário do Inferno que, alheio e incontestável, ali estivesse para ler ao moribundo sua sentença.

— Eu ouço a voz dEle — gemeu o doente —, e ela soa terrível. — A velha o olhou como a perquirir que voz seria essa entreouvida na noite, e o doente continuou: — A voz do Senhor, que soa como trovão.

Mas a outra moveu a cabeça em desacordo enquanto outro raio inundava de luz o quarto estreito, seguindo-se novo estrondo.

— O Senhor não nos fala, a nós — ela replica —, esteja tranqüilo quanto a isto. O que você ouve são mesmo trovões. Está chovendo forte.

— Oh, sim — insiste o enfermo —, fala, e fala com poder, e fala-nos até o fundo da alma.

A velha talvez tivesse sorrido nesse momento, duvidando.

— E por que haveria de falar-nos, a nós — ela pergunta — que tudo

pensamos poder e nada podemos? Por que nos falaria a nós, que permanecemos atados?

A velha fez uma pausa em que ficou suspensa, olhando o negro retângulo da janela, como a esperar o clarão intenso que poderia advir a qualquer momento. Nesse intervalo, viu tão só a noite e não ouviu mais que a chuva. Falou outra vez ao enfermo:

— Por que não nos deixaria a dúvida?

O enfermo respira com dificuldade, as palavras se lhe embaralham às vezes na língua. A conversa já o cansa, contudo sente necessidade de falar.

— Porque nunca estivemos atados — responde. — Porque fomos sempre livres.

O vento atira grossos pingos de chuva contra a vidraça, assoviando na beira do telhado seu prenúncio de morte. Ouvem-se as gotas caindo das telhas nas poças que se formavam embaixo.

— Assim pensei por muito tempo… que estivesse livre e pudesse vencer, se me fosse dada outra chance de luta. Fiquei em meu canto esperando o meu tempo, e todos os dias dizia para mim mesma: quando a hora chegar, quando a hora chegar…

A velha bateu com a bengala no chão uma, duas vezes. Parou. E bateu mais uma vez, mais outra, atenta para o quanto era estranho aquele som, aquele silêncio.

— Talvez eu morresse antes de chegar a hora — disse. — E então estaria acabado.

Baixou a cabeça, apoiando-a nas mãos fechadas ao redor do castão. Fungou, pigarreou, ergueu a cabeça.

— Foi demorado compreender que é justamente a morte que torna impossível a vitória, e quando julguei ter chegado o tempo outra vez, e outra vez me empenhei contra Ele, sim, contra Ele que nos disse "sois livres", mas que mentiu ao dizê-lo, não dei pelo fato de que só tinha pela frente a perspectiva, a possibilidade da morte.

Sorriu.

— O quanto foi vão tudo que fizemos!

Teodomiro moveu-se penosamente na cama tentando mudar de posição. Aquietou-se um pouco, respirou com sofreguidão devido ao esforço. Abriu a boca para falar, mas não falou: manteve-a aberta, respirando sempre, como se o ar a penetrar-lhe pelas narinas fosse pouco. Por fim aquietou-se de todo, embora mantivesse ainda aberta a boca.

— Não — disse por fim —, não creio nisso. Tudo fizemos por nossa própria vontade, e se alguma coisa escapou do nosso controle não foi porque teria de ser assim, mas porque não somos infalíveis.

Respirou pela boca, e acrescentou:

— Tenho ouvido a voz que só ouvem os que estão próximos da morte. É Ele quem fala comigo. Aponta-me meu crime, mostra-me o castigo.

A velha sorri, movendo a cabeça.

— Teu crime, meu pobre amigo?!… Não o teu crime apenas, mas o nosso… meu, e dele — aponta para a porta, fora da qual no corredor velava aquele que haveria de ser meu pai. — Ele, que viveu tramando em seu canto, ele, em quem adivinhei minha arma, com sua truculência e seus ardis, ele… sim, nosso crime, meu e dele. Por que então eu não ouço essa voz? Ou ele, por que não a ouve também?

O outro fez um gesto com a mão, e respirou com esforço. Rolou a cabeça no travesseiro branco.

— Vós fizestes, vós… oh, por que o diz? Acaso eu não autorizei tudo? Não dei o meu aval?… Sem que eu consentisse, nada se teria feito, nada!

Nesse momento assomou à porta do quarto a figura insone daquele que velava, que se atribuía um parentesco com o poderoso moribundo e se convertera na sentinela de sua agonia.

— Senhora — disse —, não deve cansá-lo.

Mas do leito o enfermo ergueu a mão:

— Deixe, Edgar, deixe… estarei morto pela manhã, portanto o tempo é curto… — respirou fundo produzindo um ruído desagradável, a mão erguida caiu nos lençóis — há muito que falar… Muitas lembranças, tantos anos…

Edgar retirou-se da porta para o corredor, retornando à sua cadeira. Por um largo intervalo de tempo não se ouviu voz dentro do quarto. O doente respirava com um ruído incômodo. A visitante, quieta na banqueta de vime, aprumada e rija, meditava. Talvez ambos pensassem a mesma coisa nessa hora. Sim, muitos anos a serem rememorados numa única noite durante a qual progredia com a exaustão o processo trivial e prosaico de morrer. Então Oliveira Leão pediu:

— Eu desejo que se abram as vidraças.

A viúva moveu a cabeça àquele pedido, sem se levantar.

— Mas está frio — disse —, e o vento…

— Que me importa o frio? — respondeu. — Que faça frio! Que vente! Que chova um dilúvio pela janela aberta… quero que se abram as vidraças.

Teodomiro começou a arquejar e agitar os braços pelo esforço de ter tentado gritar, e a velha, imperturbável, se levantou da banqueta indo até à janela. Ao correr as vidraças, um sopro de vento apagou a vela sobre a cômoda, a névoa invadiu o recinto morno, regelando-o. Gotas de chuva molharam o assoalho. O doente pareceu mais tranqüilo, mas outra vez a sentinela apareceu à porta:

— Não devia abrir a janela, senhora. Não fará bem…

— Edgar — disse Teodomiro impaciente —, Edgar, por favor, seus zelos e cuidados não têm mais razão de ser… Vá embora, vá cuidar de sua vida… deixe que eu morra como queira.

Mais uma vez o zeloso Edgar retirou-se para sua cadeira no corredor. No quarto escuro, a velha retornou à banqueta ao lado da cama — e agora, enquanto o ar do recinto esfria pouco a pouco, Teodomiro Oliveira Leão inicia a visitação ao subsolo dos seus dias.

O subsolo — a mina escura a que se desce pelo fio da memória. Porque agora nesse fundo inominável surgem os entroncamentos dos dias, as galerias, os corredores, o vigamento derruído dos anos; os olhos que espreitam dos cantos em acusatório silêncio… De novo ali, onde não esperara nem desejara entrar outra vez, o que todavia, ela vindo ter com ele — e isso era uma certeza —, não poderia evitar, pois se antes em seu prolongado definhamento, na consumpção vagarosa mas irremediável em que se acabava, nas conversas longas e improfícuas com seu fiel adjunto procurava divagar, e evitando as noites assombradas mergulhava no torpor de algum soporífero em doses mais fortes à medida que o corpo reagia paulatinamente ao efeito, a obrigá-lo numa espécie de castigo consciente a encarar as vozes do silêncio e as imagens da escuridão; agora que a tinha junto a si, e não só para dar-lhe forças mas para ter com quem dividir as culpas, e mais quando adivinhava próxima a Hora, era quase com alegria, pelo menos com um suspiro de alívio, que pela primeira vez em muitos anos reencontrava-se com seus horrores.

E então se perguntava, numa tentativa última de não enfrentá-la, a quem caberia a culpa — se a ela que, plácida e sossegada, se limitou a esperar enquanto transcorriam os anos a corroerem o corpo perecível mas não a vontade indômita, esperando porque certa de que se voltasse ao embate talvez vencesse, ou não vencesse mas pelo menos não teria estado inerte vendo a vida triunfar, até que ele apareceu e ela viu que era hora de novo; se ao outro, à sombra que velava agora junto à porta, quieto e inarredável como cão de guarda, que maquinara sempre por trás da imperceptibilidade dos gestos e da voz apagada, da figura esbatida e ordinária que ao falar nunca o fazia de modo direto, porém por meio de evasivas e rodeios sugerindo, instilando o gérmen da idéia; ou se a ele, que se nunca dissera sim a tudo, consentira-o por não o impedir; e se em momento algum levantou a mão armada para ferir, assim mesmo ferira por não suster as mãos erguidas à sua sombra — e ainda perguntando-se a quem caberia a culpa, inquiria-se qual a extensão dela e o quê, afinal, significava.

À tal pergunta confundiu-se, talvez sem conhecer a resposta, talvez por conhecê-la e ter-lhe causado medo e não porque obscura e pertur-

badora mas, por simples e vulgar que fosse, estarrecê-lo em sua simplicidade, sua condenatória clareza; e ficou olhando a noite menos negra lá fora, não só o frio e a chuva entrando pela janela aberta, mas rumores, rumores…

Então parecia ouvir aquele rumor de passos vindo pelo salão e assomar à porta Antenor Honorato Gomes, não mais o fazendeiro aprumado, o homem rijo de outros tempos, mas uma sombra, um velho encurvado e doente, com os cabelos ralos e brancos, as faces muito pálidas e enrugadas, os olhos fundos, cercados de olheiras e grandes bolsas lacrimosas que pendiam sob a pálpebra — olhos, contudo, nos quais vislumbrava-se um brilho de ódio impotente e medroso. Foi dessa maneira que ele apareceu pela última vez arrastando diante de Teodomiro sua miséria — não para comovê-lo, mas para acusá-lo; não como súplica, mas como maldição.

— O que quer ainda de nós, demônio, depois de tudo?! — ele exclamou com sua voz trôpega, meio trêmula e meio cantante devido à fraqueza. — O que espera ganhar ainda?

Ora, mas que incômodo!, pensa Teodomiro levantando os olhos do jornal para a patética figura parada, de pé, na porta que dava para o corredor. Então o velho resolve insurgir-se, e abala de casa até ali para tirar-lhe o sossego?

— Senhor meu sogro — começou Teodomiro com tranqüilidade —, não sei por que ainda se dá o trabalho de vir até aqui reclamar, e, sinceramente, reclamar não sei do quê. Creio que ainda lhe sobrou o bastante para viver seus últimos dias, e de mais a mais, eu precisava de algumas compensações. Afinal, livrei sua filha da pecha de titia, coisa para ela de grande importância já que, além disso, com o consórcio adquiriu um título de nobreza, coisa com que noutras circunstâncias nem poderia sonhar…

— Filho de satanás! — e a voz do velho tornou-se mais trôpega e cantante, à qual o ódio conferia um tom singular de pilhéria.

Teodomiro respirou fundo com tédio, olhou para o alto, disposto a ouvir as maldições teatrais do sogro, que agora lhe apontava o dedo com veemência e, por último, dera para usar aquela ridícula expressão: filho de satanás! "Mas que desagradável!" resmungou consigo mesmo Teodomiro voltando a olhar para o jornal, mas já sem conseguir concentrar-se na leitura, "pois quem é que consegue ler com essa ladainha nos ouvidos?"

Naquele dia Antenor Honorato Gomes, sem fugir à regra, despejara seu falatório brandindo o dedo como se fosse um estandarte, até que Inês atraída pelo barulho apareceu para acalmar o pai — ela sempre vinha e o levava até a cozinha, onde lhe servia café com uma

fatia de bolo, ou uma fruta, uma laranjada, que o velho recusava terminantemente.

— A todos ele envolveu e destruiu, minha filha — bradava o velho sem forças —, roubou a todos, converteu-os em seus devedores, e por meio de que artimanhas! Por meio de que artifícios!… Oh, céus, céus!! Quem fomos admitir em nossa casa, em nossa família!

— Aceita pelo menos o que lhe ofereço, meu pai — ela pedia —, é de sua filha que parte o oferecimento.

— Se ainda venho a esta casa — replicava o velho —, é porque ainda tenho voz para amaldiçoar esse homem. É o que me move… Não, como poderia aceitar pão sob esse teto?

Inês baixava a cabeça e desistia de dissuadir o pai.

— Volte para casa, minha filha — ele pedia. — Ainda é preferível a honra ao amor. Por outro lado, não creio que possa amar esse miserável depois de passar a conhecê-lo.

Inês não respondia. Não tinha forças para deixar a casa, ainda que ela mesma não conseguisse explicar por quê. Olhava o pai com os olhos tristes, e nesses momentos um reconhecia no outro — nas faces encovadas, no olhar, no ar enfermiço e nos cabelos que embranqueciam — a marca do horror.

— Está acabado — ele dizia, e ia embora acompanhado de um negro que permanecia à sua espera no terreiro. Inês, sozinha, punha-se a lembrar, e ainda que a nitidez das recordações fossem a confirmação daqueles acontecimentos, com que assombro rememorava tudo — com que sentimento de incredulidade via passar diante de si, como numa desfilada de assombrações, aquelas histórias.

— Ele morreu um dia depois… — veio da cama a voz, e ela soube que Teodomiro havia entrado em seus subterrâneos.

— Enfim é preciso olhar para o fundo outra vez — disse, fazendo um movimento com a bengala.

— Sim — ele concordou —, não se pode fugir a isso. É o cálice intransferível: sempre é forçoso tragá-lo até o fim.

E pela janela continuavam entrando os rumores.

Agora podia ouvir o pranto da mulher junto ao ataúde no salão principal, onde as pessoas entravam falando baixo, permaneciam por alguns momentos e saíam depois para a varanda. Ouvia a voz das pessoas que, reverentes, cochichavam, e sentia seus olhares sobre si quando atravessou o salão e foi, por sua vez, espiar o homem dentro do ataúde. Ouvia a voz — e via o rosto do velho — quando ele, consumido e quase morto, ainda dispunha de forças para olhar em seus olhos e lançar maldições — maldições que não o abalavam e ante às quais sorria num desprezo irônico, e mesmo agora diante do corpo mantinha-se indiferente e distan-

te, conquanto devesse fingir algum sentimento para impressionar os presentes, e com discrição secou o canto dos olhos, retirando-se em seguida. Mas podia ouvir também outra voz — uma voz antiga mas da qual não se esquecera, que ao entrar agora com o vento fazia-o indagar-se o que fora feito dela, que enquanto pôde revirou o mundo — em vão — para encontrá-la, e tudo que lhe ficara, tudo que o vendaval lhe fazia reviver eram os gritos histéricos, cheios de ódio e loucura, de quando Inês abatia-se sobre ele com seu desespero, percorrendo os quartos e salões tomada de cólera e relembrando-o dos seus crimes, até que exausta e sem forças caía desfalecida, batendo com a cabeça nalgum móvel. "Eram crises que amiudavam dia para dia" Teodomiro murmura vendo passar na janela, batido pelo vendaval, o vulto dela que desde então parecia flutuar ali, pois em sua última crise a trágica Inês perdera o rumo e em vez de irromper por uma porta berrando e sumir-se numa das salas contíguas, até seus gritos se perderem nalgum cômodo distante, acabou por arremeter-se através de uma janela próxima, um grito que silenciou de repente com o baque do corpo contra o calçamento de pedras embaixo, sem que ninguém se tenha perguntado (ou mesmo percebido) por que a janela, que até um minuto atrás estivera fechada, estava agora aberta, não havendo no aposento ninguém mais que presenciasse o acontecido, que visse talvez um gesto rápido de mãos a empurrar detrás dos estores e uns passos rápidos que corriam para a outra ala da casa. Atraído pelo alvoroço, Edgar apareceu em seguida, já não viu ninguém, mas as cortinas balançadas ao vento chamaram sua atenção. Chegou à janela… e logo a casa encheu-se com seus gritos de pavor: "Acudam! Acudam! Dona Inês caiu!".

— Aquela janela — ela o ouviu murmurar, enquanto o quarto se enchia de neblina — nunca ficava aberta… — Teodomiro esforça-se então para sentar-se no leito, tenta erguer-se apoiando-se nos cotovelos, e quando a visitante faz um gesto em sua direção para ajudá-lo, ele repele a ajuda com um movimento de mãos e uma negativa com a cabeça. Inúteis seus esforços, recai no leito respirando com dificuldade. — Eu desci correndo pelos fundos e fui esconder-me na capela… ninguém me viu, e um minuto mais tarde ouvi os gritos de Edgar… — virou a cabeça na direção dela, que o escutava sem responder. Mas não acrescentou palavra: tentou sorrir, houve apenas uma ligeira contração da face.

Ela no entanto ouviu aquilo que o doente não chegara a dizer: "Meus crimes também foram terríveis", e uma coisa dita à meia-voz ela não teria compreendido se não conhecesse bem os fatos:

— A bem amada… o filho querido…

Porque naquela noite Teodomiro também se recordou de Cristianinha: do amor por ela, já que, por mais incompreensível que pareça, e

por mais incoerente, a adolescente Cristianinha foi para aquele homem já entrado na idade madura o amor, um amor particular — ou, melhor dizendo, uma forma particular de amar alguém, e não suficiente para que renunciasse ao casamento de interesse com Inês. Teodomiro havia amado a adolescente, esse amor estender-se-ia ao filho que ela lhe dera na mesma proporção em que desprezaria os que tivera com a esposa legítima, e sua vida perderia o rumo de vez quando já não tivesse nem uma nem outro.

— Talvez vosmecê não tivesse direito à inocência, por isso ela partiu — disse a viúva.

O doente escutou, mas não respondeu.

— Um ódio a mais lhe custou ter-se aproximado dela — diz a viúva depois de uma pausa —, da menina.

— O seu, velha, o seu — falou, arquejando.

Esse curto diálogo anotado por Edgar não faz, a princípio, nenhum sentido. Eu era menino quando herdei e li este livro onde meu pai fazia suas anotações, e fui tomando conhecimento das histórias que envolviam as Oliveiras. Neste ponto, lembro-me bem, não compreendi por que a viúva condenara Teodomiro por ter seduzido Cristianinha, já que ela mesma havia de certa forma aprovado sua escolha, tanto da esposa quanto da amante, "belezas bem jovens, conquanto não… tão ricas" havia dito, e me pareceu que Edgar se enganara em alguma coisa. Somente anos mais tarde vim a saber dos fatos. Assim sendo, não me parece adequado adiantar-me, deixemos que cada coisa venha a seu tempo.

Teodomiro, quantos rumores mais ouviu naquela noite: o tiroteio das tocaias, as maldições, os gritos de medo, o ruir das casas incendiadas, os próprios passos soando ordinários e comuns na sonolência dos salões quando lhe vinham dar as notícias — novidades que ele ouvia com interesse para depois afastar-se até uma janela e ficar espiando, taciturno, para fora, na fuga inútil dos pensamentos e do pavor que principiava a avolumar-se-lhe por dentro, detrás de seu tácito assentimento, perceptível contudo o movimento dos vultos familiares do seu cão de guarda e *dela*…

Quando amanheceu continuava olhando para fora, o rosto voltado para a janela, meio enegrecido entre a brancura dos lençóis, sem que entretanto avistasse a manhã ensolarada e alegre, cheia de luz e de sons — porque depois de um tempo longo amanhecia outra vez, mas ele estava morto.

— Enfim — disse ela, o vulto negro curvado sobre a cama —, enfim…

Pela janela, de repente, entrou matinal e tranqüilo conquanto vibrante e vivo o canto de um galo que, no silêncio do dia, parecia prosseguir ainda depois de se calar.

A viúva Fragoso aprumou-se.

E deu com Edgar que, atrás de si, entrara no quarto sem barulho e sem nada dizer, as mãos juntas à altura do estômago, grave, nenhum sentimento visível nas feições congeladas — apenas abatimento e cansaço, olhando o morto com ar estranho.

A velha tentou sorrir, com um movimento de mão parecia dizer "aí está", mas o sorriso imobilizou-se, a mão ficou pendida ao lado do corpo.

— Tem um galo cantando em frente à janela — disse sem querer.

Mas dentro do quarto apenas essas vozes raras, e no silêncio a própria hesitação junto à cama do morto fazia como que um barulho incômodo.

A viúva moveu-se — arrastando os sapatos, as pancadas intervaladas da bengala no chão toc toc o ruído de um terceiro passo cujo pé não arrastava como os outros dois — até a janela, e ficou olhando o galo embaixo a ciscar a terra.

Recostou-se no peitoril e voltou-se para Edgar — quando pôde vislumbrar-lhe o sentimento: quase nada mudara naquele rosto, a atitude de permanecer de pé, as mãos cruzadas na frente do estômago, olhando o morto, era a mesma; contudo, eis ali a sutil contração do cenho, as pálpebras caídas, os cantos da boca curvados para baixo, visível o quanto estava velho e magro apesar dos bigodes pretos, por certo tingidos há pouco tempo — e refletiu que tipo de vaidade podia levar alguém que nunca tivera vaidade nenhuma a tingir os bigodes e o que lhe restava dos cabelos numa circunstância como aquela.

E outra vez o galo feriu a quietude enfermiça com a vida de seu canto.

A velha percebeu que divagava (singular capacidade de abstrair-se diante da morte, a mente invadida por pensamentos banais), e Edgar recompôs-se, reassumiu o ar indiferente e grave de antes, olhou para ela. A Fragoso acercou-se do leito — um de frente para o outro, de cada lado da cama espiando o defunto.

— De que adiantou tudo? — perguntou a velha com descrença, a voz áspera, e então se defrontaram.

Mas Edgar não respondeu. Moveu a cabeça com lentidão (perplexidade? incerteza?), virou-se para a porta, saiu.

Domingas Fragoso ficou sozinha no quarto — e fora, o galo cantou outra vez.

Infância

"Porque a imaginação do coração do homem é má
desde a sua meninice."
(*Gênesis, cap. 8 vers. 21*)

Foi na infância que aprendi a ler a Bíblia, esse livro terrível que iria encher-me de dúvidas e assombro não apenas no início de minha vida, mas pelos anos afora. Na verdade, conheci as primeiras letras menino de quatro para cinco anos, quando o já bem velho Edgar, sentado na cadeira de balanço da varanda, apontava-me com o dedo impreciso passagens do Evangelho, obscuras para o entendimento de uma criança, e narrava-me essas histórias fabulosas enredando-se por longas e minudentes explicações com as quais conseguia apenas aumentar minha confusão, quando não meu terror, isso durante aqueles entardeceres na colina de onde podíamos admirar até a última distância no horizonte. Recordo esses dias de inocência em que, conchegado ao velho na cadeira de balanço e ouvindo-o narrar a História Sagrada, via nos confins da linha sinuosa e escura da Terra o sol pôr-se, a noite chegar e o céu, antes vermelho e ouro, enegrecer, nuvens se avolumarem sobre os montes em blocos compactos e pesados que, com o fim do dia, pareciam gigantes adormecidos a despertar, movimentando-se vagarosos, indolentes.

Muitas vezes já havia anoitecido por completo e continuávamos ali — a voz segura e suave de meu pai, no escuro, a falar do Evangelho; e eu, atento, que apesar de pouco ou nada compreender de suas palavras não me atrevia a interrompê-las com perguntas inoportunas, pois ouvindo-o tinha a impressão de que discorria não para mim, ainda que falasse comigo, mas para si mesmo — para convencer-se de que houvera encontrado o *Caminho*, penso, agora que conheço os seus crimes e o julgo arrependido deles na velhice; e não só por isso, mas também para certificar-se de ter sido nele admitido. Costumava entrar nessas horas Ismália, minha mãe, uma bonita e robusta camponesa levada aos quinze anos à casa de meu pai para tornar-se sua mulher legítima e dar-lhe um filho, após o que passou a ocupar nas Oliveiras o posto que desde o início lhe parecia destinado, o de governanta, com pouco tempo assumindo integralmente o controle dos serviços domésticos; obedecida em suas ordens pelos serviçais, negros quase todos, era tida como "a sinhá", ela

embora declinasse desse tratamento e se mantivesse modesta e comedida como em seu primeiro dia na casa; com certeza não mais retornara ao leito do marido, dia para dia mais solitário e ausente, desinteressado dos assuntos da matéria e voltando-se para os problemas do espírito numa espécie de ascese e mística contemplação que o fazia afastar-se da realidade; entrava, pois, Ismália com um lampião, mas meu pai mal se movendo na cadeira e sem levantar os olhos ordenava-lhe com sua costumeira placidez que fosse embora "porque estou educando meu filho nos caminhos do Senhor, e não devo ser interrompido". Então minha mãe saía sem retrucar, e refeito o silêncio a voz prosseguia desfiando suas lendas, suas fábulas — sua loucura.

Mas nos dias curtos e frios de inverno minha mãe retornava por volta das seis dizendo "hora do banho, o menino deve preparar-se para o jantar", e meu pai permitindo que eu saísse permanecia só, meditando na Palavra. As histórias que eu lhe ouvira há pouco desapareciam da minha cabeça, porque o banho tornara-se para mim, entre meus cinco e oito anos, algo de ritualístico e quase sagrado, durante o qual os carinhos que minha mãe me prodigalizava, conquanto me parecessem naturais, tinham o poder de cativar-me e atrair-me nessa hora que algumas crianças costumam evitar a todo custo. Eu continuava de pé dentro da bacia enquanto minha mãe, com uma cuia, aos poucos derramava-me água quente na cabeça, nas costas, em todo o corpo; em seguida ensaboava-me e, com a esponja macia, esfregava-me a pele em movimentos circulares e seguros, mas vagarosos como numa carícia. A esponja percorria-me o pescoço, o peito, as costas, aos poucos encaminhando-se para minha barriga, deslizando-me então pela cintura, chegando às nádegas e descendo, sempre vagarosa e acariciante, por uma perna até os pés, subindo em seguida pela outra. Meu corpo já quase todo ensaboado, Ismália largava a esponja e seus dedos percorriam o interior das minhas coxas, alcançando-me as virilhas e se detendo sobre meu piruzinho no mais das vezes encolhido de frio. Um dia, eu tinha perto de seis anos, uma coisa inexplicável aconteceu: quando seus dedos me tocaram daquela maneira e se detiveram ali, uma espécie de calor fez intumescer minhas partes baixas, minha respiração acelerou perceptivelmente e eu fechei os olhos; minha mãe porém não se demorou nessa carícia, interrompeu-a e de novo seus dedos subiram pela minha barriga e meu peito, terminando o gesto com um tapinha em meu rosto e voltando a derramar água pelo meu corpo para enxaguar-me. Terminado o banho não tinha por costume embrulhar-me logo com a toalha, senão que me apertava as mais das vezes num abraço úmido beijando-me o pescoço e fazendo-me rir. Ela ria também, levando-me para a cama, onde o ritual prosseguia: passando com força a toalha em meu cabelo deixava-o arre-

piado e quase seco, para pentear-me em seguida com um carinho maternal. Então me fazia deitar e punha-se a olhar para mim muito tempo numa espécie de "jogo do sério" que eu sempre perdia. Quando eu desatava a rir, enchia-me de dentadas o peito e a barriga, de que eu me estorcia às gargalhadas até parar ofegante, contendo o riso, enquanto ela permanecia suspensa sobre mim, como se a qualquer momento fosse reiniciar a sessão de mordidas. Às vezes ouvia-se um ruído de porta se fechando no andar de baixo, e então ficávamos atentos: era meu pai que, deixando a varanda, entrava e trancava a porta da frente cujo golpe como que permanecia suspenso, preservado na atmosfera imobilizada da casa. Meu pai dirigia-se então para a sala de jantar onde, sobre a mesa, um candelabro provia o ambiente de uma luz amarelada e incerta. De lá, como de muito longe, vinha sua voz: "Cadê o meu menino? O jantar já está na mesa!" Minha mãe corria até a porta do quarto, gritando para o corredor: "O menino já vai! Está terminando de vestir-se!", voltava, vestia-me, recompunha-me o cabelo e, com uma palmada, mandava-me descer.

Eu me aproximava da mesa onde meu pai já se havia acomodado e ia sentar-me defronte dele. Sobre a toalha, as travessas de louça inglesa repousavam em pequenos aparadores de metal, mas tínhamos o hábito de esperar por minha mãe que, pouco depois, vinha juntar-se a nós.

Após uma breve oração de agradecimento, o jantar tinha início.

Eu aprendera a não falar à mesa: devia esperar que meu pai o fizesse primeiro, e como de costume para prosseguir no ensinamento das Escrituras:

— Eu te ensino a Palavra, meu filho, não para que te conduzas como um santo, mas para que te abstenhas de pecar sempre que puderes. Assim hás de aprender que há muitas maneiras de pecar, mas também que todas se reduzem apenas a três: o pecado da carne, a falta de amor por teu semelhante e a descrença no Altíssimo.

Dizendo assim interrompia seraficamente a mastigação, o talher imobilizado dentro do prato e, com os olhos fixos em algum ponto indefinido além de mim (pois que olhava em minha direção mas não para mim), mantinha-se parado, meditando, pelo espaço de dois ou três minutos, até baixar os olhos outra vez para o prato.

— Meu pai — eu dizia então —, fale-me desses pecados para que eu aprenda a evitá-los.

Ele mais uma vez parava de comer, concentrando-se e, como sinal de reflexão, surgia em sua testa uma ruga profunda antes de responder:

— Haverá tempo, meu filho. Para tudo há um tempo, como diz o Eclesiastes — e assim dizendo, voltava a comer. Eu não insistia. Terminávamos o jantar, minha mãe punha-se de pé para retirar a mesa e ele

permanecia ali, sentado, por mais quinze, vinte minutos, ora sem nada dizer, compenetrado como se debatesse consigo mesmo alguma grave questão espiritual; ora comentando com bonomia e desinteresse qualquer assunto corriqueiro relativo aos afazeres da casa ou do campo, e em certas ocasiões — quando, por exemplo, aparecia algum prato diferente, já que minha mãe, dona de uma certa aptidão para a culinária, vez por outra introduzia no cardápio novas receitas, algumas de sua criação — chegava a parabenizar Ismália pelo jantar; fazia-o, porém, com comedimento, com um sorriso breve e um comentário acerca do tempero, do ponto da carne "que ficara a gosto" dizia, "a senhora se sai bem na cozinha, o que é bom", e dito isto calava-se. Caso nenhuma novidade o motivasse a falar, persistia em seu lugar, quieto, pensando, e eu o acompanhava em seu silêncio. Até minha mãe retornar:

— Já se faz tarde. Está na hora de ir para a cama.

Edgar mantinha-se imóvel enquanto ela, parada na soleira, aguardava sua ordem.

— Leve-o para lavar-se — dizia meu pai, levantando-se — e pode pô-lo na cama. Eu também vou recolher-me — e com a lentidão da velhice saía da sala.

No quarto minha mãe despia-me, pendurava minha roupa em cabides no armário e trazia meu pijama, verificando se os lençóis estavam devidamente limpos; então fazia-me deitar. Punha em todos esses cuidados uma ordem solene, quase cerimonial, que se repetia todas as noites à luz amarela de um lampião colocado à minha cabeceira. Depois de tudo pronto ela vinha e, sentando-se na beira da cama, entretinha-se em acariciar minha pele. No começo não ia além, e antes de dizer boa-noite e retirar-se reclinava-se sobre mim, beijando-me no rosto: "Está tudo bem?" queria saber, e eu fazia que sim com a cabeça; "não vai precisar de nada?", e eu fazia que não; "então dá um beijo na mamãe", e eu a beijava na testa. Aos poucos, contudo, vencendo o que suponho não um escrúpulo mas uma espécie de medo sua atitude foi-se modificando: pousava às vezes a face em meu peito, deixando-se estar assim um minuto, dois; corria a língua em minha pele, meus mamilos, meu umbigo e noutras ocasiões em meus lábios, surpreendendo-me, acostumando-me a beijos longos e repletos de carinho que me pareciam apenas brincadeira, pois em dado momento eis que me mordia na barriga fazendo-me rir, e então ela ria também mordendo-me outra vez, repetindo a brincadeira de após o banho, quando me punha para secar; deslizava as unhas pela minha pele fazendo-me cócegas, obrigando-me a cair na gargalhada e espernear para, de repente, parar e, de chofre, tocar-me o nariz com o seu em movimentos vagarosos e em seguida beijar-me uma vez mais. Pouco a pouco a brincadeira foi se estendendo a outras partes do meu

corpo, e depois daquela primeira vez em que meu piruzinho enrijeceu entre seus dedos, punha-se às vezes a acariciá-lo e mesmo a beijá-lo fazendo-me conhecer um prazer intenso que me sacudia por inteiro. Por fim apagava o lampião e saía. Jamais revelei a alguém os carinhos pouco maternais que minha mãe me concedia — embora não me furtasse a gozá-los —, nem sequer fiz alusão, indireta que fosse, a eles, pois cedo e ainda que de uma maneira um tanto abstrata, como não podia deixar de ser em alguém da minha idade (hoje eu admito o motivo de minha cumplicidade com Ismália, mas à época tais noções não podiam, por desconhecimento, ocorrer-me), dei-me conta de que essas "simples brincadeiras" continham qualquer coisa de proibido que era preciso a todo custo manter em segredo, não só para não deixar de fruir daquele novo e desconhecido mas incomparável prazer, como também porque, uma vez descoberto o segredo — eu intuía — as conseqüências talvez fossem desastrosas (vinha-me então à mente a austeridade de Edgar, meu pai, imaginando qual seria sua atitude se ele viesse a saber de tudo). O que posso, todavia, responder aos que, lendo-me, me condenarem com anátema? Explicaria insistir em que na minha idade de seis para sete anos nada podia compreender daquilo? Justificaria argumentar que para o prazer não se busca compreensão, não se definem limites, mas a ele entrega-se sem pensar (como, aliás, veremos no decorrer desta narrativa num exemplo mais óbvio e, talvez, cruel)? Seja o que for que pensem aqueles que me lêem, não hei de afligir-me agora por isso, pois se é verdade que eu mereça condenação, é verdade também que para quem viveu o que eu vivi, a esta altura da vida nada mais tem muita importância.

Eu nem sempre adormecia logo após minha mãe deixar o quarto: em certas noites de insônia (mal que me perseguiria toda a vida) não raro rolava na cama até de madrugada, pegando-me às vezes de olhos abertos às primeiras luzes da manhã, quando, extenuado, um amolecimento ia dominando meu corpo, pesando-me as pálpebras, mergulhando-me só então num sono profundo que durava até as dez, onze horas da manhã. Nessas noites acontecia às vezes ouvir muito tarde um tropel de cavalos e o ruído de rodas de uma charrete parando no pátio, bem embaixo da janela do meu quarto. Então eu me levantava e corria para a janela; afastando a cortina podia ver luzes embaixo, alguém segurando uma tocha acima da cabeça enquanto uma espécie de serviçal ajudava um vulto vestido de negro a descer da charrete. Meio encurvado, apoiando-se numa bengala, o vulto subia até a varanda. Ouvia-se então a voz de meu pai: "Ismália, leva o Manduca à cozinha para tomar café", e um minuto depois tudo se aquietava. Da primeira vez que vi chegar esse tardio visitante noturno não consegui reprimir a curiosidade: cauteloso,

saí do quarto e cruzei o corredor até perto da escada, de onde pude ouvir que conversavam embaixo, embora sem compreender o que diziam.

Neste ponto requer-se uma descrição, ainda que sucinta, do primeiro pavimento para que o leitor melhor se situe no ambiente e compreenda os fatos presentes bem como os futuros: dessa já referida varanda lateral onde passávamos, eu e meu pai, as tardes a examinar as Escrituras, entrava-se em casa através de uma sala mais ou menos espaçosa e quase desprovida de mobília a que, por comodidade, chamarei de vestíbulo. Esse vestíbulo abria-se à direita para um corredor que por sua vez abria-se em dois outros corredores perpendiculares que se intercomunicavam em ambas as extremidades, conduzindo à sala de jantar e dependências contíguas e também à cozinha, à despensa, e às dependências destinadas aos serviçais; à esquerda havia um outro corredor, menor, que dava para o salão principal, um aposento vasto repleto de móveis, quadros e velhas tapeçarias muito ao gosto do antigo proprietário, de onde se podia sair para a frente da casa através de uma porta larga e pesada de folha dupla, em minha época, no entanto, raramente utilizada; contíguos a esse salão havia outros aposentos que não têm nenhuma relevância para a narrativa; no já referido vestíbulo, à esquerda, uma escada em curva suave conduzia ao andar de cima, e uma porta discreta nos fundos dava para outra sala, de dimensões modestas mas bastante aconchegante, onde havia uma lareira e poltronas ao redor. Era por essa porta que, nas noites frias, quando não seria confortável estar no salão principal, se conduziam as visitas para a sala da lareira, e foi aí, nesse ambiente acolhedor, que a vi pela primeira vez de perto, bem de perto. Ora, o vestíbulo, salvo por um retângulo de luz proveniente da sala da lareira, de ordinário permanecia quase às escuras. Com redobrada cautela desci em silêncio degrau por degrau e fui colocar-me, longe da luz, num ângulo que me permitia boa visão daquele aposento: junto à lareira apagada, pois estávamos numa noite morna de outono, sentara-se meu pai de costas para mim, e defronte dele, rígida, as mãos cruzadas sobre o castão de prata de uma bengala de ébano, a figura de negro que minutos antes avistara pela janela do quarto. Vê-la naquelas circunstâncias causou-me, a mim, menino de seis anos, uma impressão ao mesmo tempo de fascínio e pavor: era uma mulher velhíssima, aparentando mais de cem anos, e o rosto recoberto de rugas possuía uma cor indefinível entre o cinzento e o ocre, que o brilho amarelo das velas nos candelabros destacava das sombras densas ao fundo da sala. A velha exibia uma certa dureza nas feições, os olhos sumiam-se em covas escuras e a boca era um mero rasgo franzido que se movia numa ou noutra frase esporádica, enquanto os cabelos ralos, brancos e longos, trançados formavam uma "coroa" no alto da cabeça. Fiquei olhando aparvalhado para aquela

figura que parecia surgir das histórias fabulosas ouvidas a medo entre os antigos escravos e os velhos colonos da fazenda, misturadas ainda aos anjos e demônios das lendas bíblicas que meu pai me referia como autênticas verdades; e apavorado julguei tratar-se da própria Morte que viera buscar-me e nesse momento negociava com Edgar o preço da minha vida. Convém assinalar que poucos dias antes ouvira uma história sobre a Morte, uma velha de milhares de anos que vinha de tempos em tempos buscar alguém para levar ao Céu ou ao Inferno, mas que antes conversava com os membros da família avisando-os de sua missão. Em nenhum momento, em meu medo e na minha ignorância de criança a respeito da *indesejada*, pensei que sua vítima pudesse ser meu próprio pai, velho e doente, o que seria mais natural, já que eu era um menino ainda, e saudável; também não pensei que eu pudesse ser levado para o Céu, porque se àquela altura não tinha pecados a pagar (não posso nem mesmo garantir que estivesse muito certo acerca dos pecados, pois meu pai os referia por alto mas ainda não mos havia explicado em detalhe), lembrava-me dos banhos ritualísticos de todas as tardes, que agora me pareciam coisa proibida. Mas o susto não durou muito tempo, pois logo Ismália entrou servindo à velha um cálix de aguardente, uma especial aguardente destilada na fazenda, e meu pai comentou:

— Como antigamente, senhora, a cachacinha continua boa.

A velha saboreou a bebida enquanto, a um gesto de meu pai, Ismália se retirou da sala.

— Como antigamente — disse a velha —, sim, como antigamente.

Pareciam ambos não ter o que dizer, deixando-se ficar muito tempo em silêncio entre uma frase e outra como se estivessem ali não para conversar, mas para lembrar calados e meditar em comunhão.

— Que idade tem o menino? — ela perguntou de repente.

Eu me encolhi mais para o escuro ao ouvir falarem de mim, temeroso de ser descoberto. Decerto não levaria uma surra, mas o olhar reprovador de meu pai causava-me por antecipação mais susto que uma promessa de pancada. Talvez por não saber bem se o que sentia por ele era amor ou profundo respeito, nunca consegui distinguir ambos os sentimentos, que se mantiveram indenes e indiscerníveis mesmo depois quando, crescido e já apto à compreensão da vida, conheci seu caráter ardiloso e cruel de antes, por ele mesmo descrito em seu diário. Acontece que ao tomar contato com suas anotações, eu, que vivera uma infância doce ao seu lado e já não o tinha comigo, que ainda guardava a lembrança de seus minutos finais quando, cabeça toda branca e faces encovadas, o corpo mirrado mal fazendo volume sob a coberta, conservava a despeito de tudo aberta junto de si a Bíblia, companheira constante de sua agonia, tendo ainda forças para apontar uma passagem e pedir: "lei-

a, leia ainda uma vez para mim…"; eu, portanto, não o podia julgar (que outros o fizessem), muito menos odiá-lo ou desprezá-lo, senão manter em meu coração, indistinto, aquele sentimento — amor ou respeito — que sempre me inspirou.

— Seis anos — disse Edgar.

A velha permaneceu calada por mais um bom tempo, como se refletisse e, abismada em suas memórias, fosse delas extrair algo definitivo a meu respeito.

— Seis anos — ela repetiu enfim —, é hora de ensinar-lhe o Caminho.

— Há muito venho ensinando — respondeu meu pai. A velha aprovou com um movimento breve de cabeça, deixando escapar um suspiro de cansaço.

— Há um tempo em que finalmente nos perguntamos se estivemos certos, e se respondermos com sinceridade diremos que não. É melhor não termos de ouvir nossa própria voz nos reprovando. Para nós, que não temos mais redenção, não vale a pena retroceder, talvez não se possa retroceder, nem faça sentido, mas aos pequenos ainda é tempo de se ensinar o Caminho.

Meu pai concordou, sempre com movimentos pausados de cabeça, e ao fim disse:

— Sossegue, ele já está aprendendo. Não gostaria de vê-lo?

— É tarde — a velha respondeu. — Deixa o pobrezinho dormir.

Sempre que ela aparecia na casa, tarde da noite, os dois punham-se a conversar sobre coisas antigas, e ouvindo aquelas conversas eu fui, pouco a pouco, compreendendo que ambos tinham muito do que se recriminar, embora em minha meninice eu não atinasse com o quê e nem com a extensão do que fosse. Associei a figura sinuosa, seca e negra da velha à idéia do Mal, e olhando-a sob a luz amarela dos candelabros sobrevinha-me um invariável estremecimento de pavor.

Uma noite ela veio e eu, como de costume, desci ao vestíbulo para espreitá-la e ouvir a conversa. Via-os ali em seus longos silêncios compartilhando tudo quanto pudessem dizer sobre seus crimes, ela reta e rígida, as mãos no castão de prata de sua bengala de ébano; ele, imóvel, tamborilando os dedos no braço do sofá. Quando ela disse:

— Há tempos não vejo o menino.

— É verdade, faz muito tempo.

A velha fez uma pausa, e sem encarar meu pai, ao contrário, olhando direito para frente, para a lareira apagada, acrescentou:

— Estava aprendendo a gatinhar da última vez… não, já andava, lembro-me agora, já corria por aí… não é bom que uma criança veja amiúde uma velha como eu; aliás, sempre prefiro evitá-lo, mas sente-se saudade também…

— Gostaria de vê-lo agora? — meu pai perguntou.

A velha esteve suspensa por alguns momentos, por fim moveu a cabeça numa confirmação.

— Não creio que só por esta vez lhe fará tanto mal — disse.

Meu pai então se levantou e foi ter com Ismália, que nessas ocasiões permanecia no cômodo ao lado para atendê-lo no que precisasse:

— Traga o menino.

Apavorado, afastei-me correndo escada acima, mas por mais cuidado que eu tivesse tropecei no último degrau e caí, e o ruído que em outra ocasião não seria sequer notado foi como um estrondo na quietude do casarão àquela hora da madrugada. Minha mãe apanhou-me do chão aflita perguntando-me se eu me machucara, e, mesmo eu afirmando que não, arrastou-me à sala e, diante de meu pai e de sua visitante, para meu maior constrangimento submeteu-me a um minucioso exame, revirando-me o rosto, os braços, o corpo todo, até constatar que eu não sofrera nenhum ferimento.

— Ele estava nos espionando — gorgolejou a velha, com um sorriso sem dentes. Eu me sentia apavorado demais para qualquer resposta, mas o rosto de meu pai expressava sua natural bonomia, tranqüilizando-me quanto ao meu "ato de espionagem".

— João — ele disse —, esta é uma amiga do papai, cumprimente-a — empurrou-me com brandura em sua direção. Eu estendi a mão para ela, que a tomou entre as suas apertando-a, calorosa.

— Um bonito menino — ela disse enquanto me examinava com atenção, fixando-me os olhos com uma insistência incômoda e olhando em seguida para meu pai: — Haverá de ser muito inteligente, vê-se isso.

— Sim — concordou meu pai —, é inteligente e aplicado. Ouve as lições com interesse e aprendeu a ler com muita facilidade. Também quase não teve dificuldades com as quatro operações e outros cálculos aritméticos, e isso em menos de um ano de estudo.

— Oh, oh — fez a velha encarando-me. — Isso é notável, meu pequeno, notável! — Então passou-se uma coisa singular: ela puxou-me para si, conchegando-me ao seu corpo, no que pude sentir-lhe nas roupas o cheiro penetrante de naftalina, e pôs-se a acariciar meus cabelos com seus dedos ossudos. Todo o medo que lhe tinha desvaneceu para dar lugar a um sentimento de mal-estar que a custo refreava. Ergui os olhos para seu rosto, de feições contorcidas, e de imediato o pavor voltou a dominar-me. Porém, ainda imobilizado pelo medo não pude sair de junto dela. Não sei ao certo quanto tempo durou aquilo, mas em dado momento ela disse:

— Eles virão um dia.

Meu pai não respondeu logo. Fiquei esperando que ele ou minha

mãe me arrebatasse das garras da velha e de seu cheiro de desinfetante, mas os segundos se passavam com extrema lentidão e nenhum dos dois parecia interessar-se por meu desespero. Então meu pai falou:

— Talvez venham, conquanto isto aqui decerto não represente grande coisa.

— Ainda se comunicam, penso eu — tornou a velha, sempre acariciando meus cabelos.

— Ano a ano recebo uma carta, só de um deles, o que está no estrangeiro. Quanto aos outros… onde andarão os outros?

— Ele, o que está no estrangeiro, não sabe? Não diz?

— Disse qualquer coisa… que procura por notícias… deseja conhecer os irmãos… enfim, não diz muito.

— E o que mais?

— Mais nada… alude à intenção de vir, mas diz não ter tempo por enquanto.

— Oh, sim — disse a velha num ganido estridente —, leva outra vida. Por que ligaria para isso aqui?

— Sim…

E outra vez a conversa esmorecia. Eu me impacientava ante a indiferença de meu pai e de minha mãe, que se deveriam dar conta do meu sofrimento mas, ao contrário, era como se o ignorassem.

— Mas um dia virão — disse a velha outra vez, e sua voz continha uma nota de ameaça que me fez estremecer —, pelo menos esse que vive no estrangeiro…

E depois de uma pausa:

— É preciso proteger o menino.

Então olhei furtivamente mais uma vez para ela, e o mesmo ríctus (ou era apenas impressão minha?) torcia-lhe as feições.

— Talvez não sejam maus — disse meu pai —, enfim, estão longe, não mostram interesse pela propriedade…

Mas ela insistiu:

— Ainda assim, é preciso pensar em proteger o menino.

Calou-se, parou de acariciar-me os cabelos. Por fim:

— Eu ainda tenho algum poder — e depois de uma breve pausa: — Vou botar gente minha pra agir. E o menino ficará seguro.

Comecei a choramingar baixinho, e ainda assim os outros não percebiam meu mal-estar. Quando porém os soluços me sacudiam o corpo a velha afastou-me de si, encarando-me com certa surpresa, e disse para minha mãe que "era muito tarde para manter uma criança acordada, o pobrezinho deve ir logo para a cama". Só consegui dormir muito mais tarde, ouvindo a voz de minha mãe cheia de ternura numa canção de ninar.

A velha voltou em diversas ocasiões, mas suas visitas eram separadas pelo intervalo de meses, e nem sempre manifestava interesse em ver-me, bastando-lhe as notícias que meu pai lhe dava a meu respeito: que eu crescia, apresentava um notável progresso na leitura e mostrava especial interesse pela Palavra, notícias que pareciam contentá-la enormemente. Tive sempre presente a lembrança daquela noite em que me vi arrebatado em seus braços, o cheiro enjoado de suas roupas embrulhando-me o estômago, mas sempre que vinha eu não podia evitar correr até a janela, vê-la descer da charrete ajudada por meu pai ou, às vezes, pelo criado que a acompanhava, e entrar na casa com seus passinhos miúdos e inseguros escorada na bengala; para em seguida esconder-me no vestíbulo e pôr-me a escutar o que diziam — numa conversa, de resto (como já foi dito), que se desenvolvia mais por largos períodos de silêncio que por palavras. Se era noite de inverno, enquanto o vento assobiava sacudindo janelas e portas ambos mantinham-se juntos da lareira acesa observando o fogo consumir a lenha devagar, e a sala enchia-se de pequenos estalidos, do crepitar das chamas na madeira seca, a fumaça absorvida em grandes goles ininterruptos pela chaminé. Vez por outra um deles dizia alguma coisa, a velha sempre tomando pequenas doses de cachaça sem jamais largar sua bengala, vestida com as costumeiras roupas escuras, compridas mantas e um capuz que, de ordinário, ocultava-lhe o rosto quase por completo.

Uma outra forte lembrança da minha infância é a capela.

Inúmeras vezes entrei ali em criança, ora na companhia de minha mãe, que ia supervisionar a limpeza, ora de alguma escrava velha incumbida de esfregar o chão, tirar o pó dos bancos, lavar os vitrais, e enquanto os negros trabalhavam eu vagava pelo recinto olhando, espantado da primeira vez, curioso das outras, as colunas, as imagens sacras, o grande crucifixo a destacar-se reluzente acima do púlpito, bem como os petrechos utilizados no ritual eucarístico, o cibório de prata, o turíbulo, os castiçais de ouro, tudo devidamente acomodado em seus lugares e recoberto por toalhas brancas de renda, talvez da época de Inês Honorato Gomes, ou saídas do bastidor de sua obesa mãe e até então preservadas pela sua arte, como relíquias de família dignas de serem usadas ali, onde todas as coisas ressumavam luxo e ostentação excessivos para o que devia ser uma simples capela.

Às vezes passava toda uma tarde a admirar a luz que, entrando pelos vitrais, coloria o chão, ou detendo-me diante das imagens, das esculturas, do busto na coluneta ao fundo da nave, cujo rosto majestoso em sua imobilidade rupestre, na calva pronunciada, na papada incipiente, nos lábios finos, no nariz afilado e nos olhos vazios que, fixados para adiante

a olharem não para o futuro, desconhecido e impenetrável, não para o passado obrigatório, mas para o momento presente, eterno, estático, impoluto; denotava mais que frieza, impassibilidade, mais que decisão, força. Tudo aquilo afigurava-se aos meus olhos mistério, enigma — e o que poderia um menino de sete anos compreender em face de todos aqueles símbolos? Mas foi um menino de sete anos que Edgar levou pela mão certa manhã à capela para falar desse mistério, decifrar o enigma, embora eu não esteja certo de tê-lo percebido com clareza.

Nesse dia meu pai se deteve diante do pórtico, pegou-me ao colo para que eu as visse mais de perto, e apontou as figuras esculpidas:

— Eis como há de ser no dia da Divina Ira — ele disse —, um dia terrível do qual não há de ficar memória sobre a Terra.

E prosseguiu discorrendo sobre o juízo final da humanidade, o pavor da condenação destinada aos incréus e o gozo que espera os escolhidos no Paraíso. "Então o diabo será solto por mil anos" dizia meu pai erguendo-me nos braços, enquanto eu enxergava já de uma outra maneira aqueles desenhos, imaginando que o Inferno teria com certeza uma boca imensa, como a da figura entalhada, através da qual os condenados seriam atirados num lago de fogo. A figura do demônio aterrava-me fascinando-me ao mesmo tempo, embora de início não a visualizasse com exatidão. À noite, enquanto não vinha o sono, punha-me a imaginar como seria esse ser eterno como Deus, que se atrevera a antagonizar o Todo-Poderoso e teria mil anos de liberdade para imperar sobre a Terra e nela estabelecer seu domínio. Na minha imaginação de criança ele foi gradualmente adquirindo a forma de um homem muito forte e belo com grandes asas cobertas de penas negras e lustrosas, que, empunhando uma espada e um escudo, chegaria um dia em nossa casa pela hora do crepúsculo: "Agora eu domino a Terra" diria ele a meu pai com jeito de quem não admite réplica, "e todos devem me obedecer"; deixaria aqui seus guardas, partindo em seguida para outras casas, e em todos os lugares deixaria suas sentinelas, estabeleceria seus comandos. Então seria um tempo de pavor em que todos, encolhidos pelos cantos, curvar-se-iam ao seu poder, pagando muito caro quem ousasse sublevar-se. Via assim o demônio, o príncipe dos mil anos, via dessa maneira o Inferno instaurado em todos os recantos da Terra e me perguntava o que seria de mim, pobre menino perdido e só no meio do Mal que tomava corpo. Em pensamento percorria furtivamente os corredores de minha casa deparando, no alto da escada, com a atitude vigilante e hostil de uma figura medonha de olhos esbraseados, sempre à espreita; ou, olhando por uma janela, lá enxergaria no meio do terreiro outra figura a montar guarda, enquanto todos, negros e brancos, escravizados, suavam na infindável labuta sob o sol e o chicote dos feitores satânicos. Até onde me

conduzia a imaginação nessas noites de menino sem sono, depois das histórias que ouvia de meu pai, e por que não desviava seu rumo para fantasias mais amenas, permitindo-me entrever também as prometidas compensações por sermos retos, justos e tementes a Deus? Não sei que inexplicável atração essas visões assombrosas do Inferno exerciam sobre meu espírito conturbado, em cujo horror descobria uma espécie de beleza épica e sombria, incapaz de visualizar as delícias de um paraíso onde, ouvindo cânticos angélicos, visse passar ao longe o Todo-Poderoso cofiando a barba branca, com seu séquito de Querubins e Serafins. Pergunto-me agora, doente e caminhando para a velhice, se isso não eram os indícios dessa irreversível falta de fé com que agora mantenho gelado meu coração diante dos símbolos sagrados, a perdurar desde minha infância. Ou se não será mais fácil crer no demônio do que em Deus, pois o horror nos arranca de nossa apatia com mais violência, toca-nos mais fundo que a beleza (não deixando de haver nesse horror também uma espécie de medonha beleza!). Eu não saberia responder com certeza a tais perguntas, e é por isso que creio melhor calar-me a elas por enquanto.

Dentro da capela meu pai se deteve olhando, sem nada dizer, as coisas à nossa volta sempre envolvidas por essa semi-obscuridade que se estendia a partir dos cantos mais distantes. A quietude do lugar lembrava uma epiódia que se entoasse por todos os mortos sem nome cujos espíritos conturbados — se espíritos há, que nunca vi nenhum — por certo estariam ali, à espreita, à espera… Por fim, sentando-se num banco, disse (disse-o naquele dia, e leio-o eu agora no Livro aberto sobre a escrivaninha, quase as mesmas palavras, que apesar do tempo não me fugiram da lembrança):

— Toda essa desolação, essa morte, que sobrevêm à tormenta… — então acariciou minha cabeça, puxando-me para si, acrescentando: — Temo tanto, meu filho, que essa calmaria seja tão só um interlúdio de paz a anteceder dias terríveis aos quais não estarei presente, mas que você por certo haverá de conhecer.

A princípio pode parecer estranho, até mesmo absurdo, que meu pai tivesse tais temores. Nem em seu diário encontrei, sobre esse com quem ele se correspondia e de quem dizia ser um "homem de religião", qualquer referência que lhe descrevesse um caráter perverso a ponto de causar algum receio quanto a males futuros a que eu estaria sujeito; aliás, em bem poucas ocasiões refere-se a ele em seus escritos. Quando muito diz "hoje escrevi-lhe informando-o das coisas referentes à casa" ou então "chegou-me esta semana correspondência dele", mas nem nas cartas enviadas nem nas recebidas, a deduzir de suas anotações — e só por elas, já que dessa correspondência não encontrei vestígio —, havia

qualquer referência importante que justificasse seus temores. Quanto aos outros, os irmãos desaparecidos desse "homem de religião", deles tampouco podia meu pai ter motivo de receio: desconhecia seu paradeiro, tanto podiam estar vivos como mortos. Verdade é, porém, é que meu pai temia — cisma? Intuição? O certo é que temia, temor de que partilhava sua visitante noturna, que em algumas ocasiões falou da necessidade de manter-me protegido e pelo menos uma vez prometeu pôr gente a seu serviço "para agir".

Como veremos, cisma ou intuição, eles não se enganavam.

Nessa manhã, sentado naquele banco meu pai explicou-me como a capela fora construída trazendo-se de fora os mármores mais finos, as imagens mais bem talhadas, "os painéis, porém, foram encomendados a um escultor brasileiro", tudo para satisfazer o sonho de grandeza do antigo proprietário; referiu o casamento nessa mesma capela que, então, se enchera de gente, gente essa que voltaria a estar ali muitas vezes para assistir às celebrações eclesiásticas e entre a qual, no último banco, vinham sentar-se um granjeiro e sua mulher que olhavam com olhos acusadores o senhor feudal. Todos já se haviam acostumado, dizia meu pai, a ver naquele banco, nas manhãs de domingo, o casal de granjeiros com seu ar carrancudo, com eles a filha que dera à luz sem estar casada, ouvindo a missa e olhando para Teodomiro como a pedir satisfação pelos seus atos. Inquiriam-no direta — se não afrontosamente — com o olhar, ao fim da celebração postavam-se à saída esperando-o passar e, quando ele vinha, encaravam-no em atitude de desafio. Teodomiro, porém, passando por ambos com indiferença e sem ao menos olhá-los, saía para o pátio sendo cumprimentado por uns e outros; trocava algumas palavras com os mais íntimos e seguia depois para casa.

— Um dia os presentes estranharam não ver mais em seu canto o casal de granjeiros — disse meu pai recostando-se no banco e permanecendo quieto durante um bom tempo. Esteve calado olhando para o teto, para o altar, movendo a cabeça com lentidão como se com isso pudesse avivar as recordações tardas. Respeitei seu silêncio, permaneci quieto, esperando que ele prosseguisse com a história quando tivesse vontade. — O homem fora encontrado morto, ao lado do cavalo, no fundo de um barranco, e a mulher trancara-se apavorada em casa com a filha e o neto, então com quatro anos. Foi então que a capela começou a esvaziar-se. A cada missa menos pessoas vinham, a cada domingo havia mais lugares vazios nos bancos, até que um dia apenas o cura subiu ao altar seguido pelo coroinha, e somente três pessoas assistiam à celebração: eu, ele e a esposa, Inês… a pobre Inês.

Meu pai olhou para mim:

— Havia-se acabado. Não houve mais celebrações nem fiéis, a cape-

la foi fechada e tudo começou a desmoronar. Não, não a capela — meu pai brincou sacudindo-me a cabeça com as mãos, "como você vê, a capela ainda está de pé" —, não a capela mas ele, ele que em poucos anos reduziu-se a um miserável resto de homem em frangalhos, junto a quem Edgar permaneceu até o fim.

— Não foi apenas um sonho de grandeza — ele disse ainda —, não apenas isso… mas um delírio, um desvario, uma loucura sangüinária!

Também nessa manhã falou-me dos filhos de Teodomiro, "os três filhos dele" meu pai disse, "que vivem sabe-se lá onde" e explicou que se correspondia com o mais velho, "um homem de religião" salientou, para em seguida acrescentar, pensativo, "queira Deus que seja mesmo de religião"; correspondência pouco freqüente, apenas para dar satisfações quanto à propriedade. Dos outros dois não tinha notícia, nem sabia se estavam vivos e em que lugar. "Quem serão esses homens?" disse meu pai para si mesmo, "é possível que nenhum deles queira saber daqui, pode ser que nunca ponham os pés nas Oliveiras, mas eu não sei, que garantias eu tenho disso?". E então me levou para ver os outros personagens de pedra que povoavam as colunas e paredes da capela, demorando-se ao discorrer sobre Moisés e o povo hebreu; sobre Davi e seu combate contra Golias; Salomão, o sábio, e sua imensa riqueza; parados em frente do crucifixo, no altar, falou sobre os episódios que envolviam o nascimento, a vida e a morte de Cristo e, finalmente, retornou às revelações que o apóstolo João ouvira em Patmos — do que em outras ocasiões falava com riqueza de detalhes sem se aperceber do terror que me infundia com suas evocações de bestas de sete cabeças e dez chifres, de cavaleiros que assolariam o mundo e anjos que tocariam trombetas semeando pragas entre os povos.

Não foi preciso, porém, que me dissesse quem era o homem cujo busto ficava em um canto, sobre o capitel de uma coluneta decorativa. Desde que o vira, sabia ser o retrato em bronze do antigo proprietário da casa.

Um dia meu pai me falou da Divina Ira, e ao ouvi-lo discorrer sobre as revelações da Ilha de Patmos, a voz arrastada de velho dando às palavras um tom mais veemente e destacando-lhes as cores mais escuras, vi aproximar-se a noite com apreensão, temeroso de que com ela sobreviesse o império do Mal que entrevia em minhas alucinações quando, sozinho e envergonhado de meu medo, ia refugiar-me durante as tardes no porão e lá me punha a pensar, sem ânimo para referir a alguém — nem mesmo a meu pai, o responsável por aquilo — o que me atormentava, pensando ao mesmo tempo que ouvir palavras de conforto poderia

trazer-me tranqüilidade, mas que também seria ridículo para mim revelar minha covardia diante de um "perigo" que talvez não estivesse tão próximo ou nem fosse real: pois apesar do meu pavor, havia em meu coração laivos de dúvida, uma dúvida com que só viria a me debater muitos anos depois.

Já se pusera o sol quando, saindo do meu esconderijo, fui à varanda, onde encontrei meu pai como de costume na cadeira de balanço olhando o crepúsculo. As montanhas que se viam no horizonte, cedo azuis e enevoadas pela distância, eram agora ondulações escuras, estando cinzento o céu que no decorrer do dia passava por cambiantes diversos, enquanto o vale enegrecera por completo. Meia hora mais tarde era noite fechada, e junto a meu pai que, nada dizendo, apenas acariciava-me os cabelos, senti-me mais confortado e protegido, não só porque sua companhia instilava-me uma natural sensação de segurança, mas por não ver passar, soberbos e devastadores, os Cavaleiros do Apocalipse, nem emergir do vale meio a nuvens de fumaça e línguas de fogo a besta escarlate, ou rasgar-se o céu de um lado a outro trazendo o Juízo Final: pelo contrário, o que eu podia observar era apenas um prosaico conquanto bonito entardecer, e um começo de noite sossegado no qual, em breve, apareceria minha mãe com um lampião aceso, advertindo-me:

— Hora do banho.

Ah, a hora do banho! Essa hora que me fazia esquecer todos os pavores e saltar do colo de meu pai que lá permaneceria um pouco mais, cismático e perdido no tempo, sem adivinhar, ao menos suspeitar por que eu o deixava com tamanha presteza para acompanhar minha mãe, e era com um disfarçado sentimento de piedade que descia para o jantar, às oito horas, indo encontrá-lo à minha espera em sua ignorância dos fatos.

Desde alguns dias, porém, a hora do banho nada mais tinha de seus mistérios. Embora minha mãe me chamasse sempre à hora costumeira, e fosse ela mesma quem me lavasse na bacia grande do quarto, fazia-o maquinalmente, esfregando-me o corpo com a esponja e, depois de enxaguar-me, secava-me e vestia-me como se estivesse com pressa de que aquilo acabasse; além do mais, não compreendia por que uma negra aparecia sempre nessa hora e punha-se a arrumar a cama ou o armário, dobrar e desdobrar roupas, sacudir algum lençol à janela, limpar aqui e ali, andar enfim de um lado para outro denotando atividade, mas como quem não quer nada olhando vez por outra em minha direção. O que havia mudado? Era certo que minha mãe, ultimamente, vinha-se mostrando um tanto arredia comigo, e mais de uma vez, espreitando-a às escondidas, notava que de súbito interrompia o trabalho e uma expressão que hoje eu entendo como de profundo sofrimento, mas que então não compreendia e me punha confuso, transtornava-lhe o rosto, e seus

olhos pareciam contemplar o horror. Nessas ocasiões, só pouco a pouco ela voltava ao normal para então continuar o que estivera fazendo. Essas súbitas transformações e essa atitude arredia em relação a mim teriam começado desde que a hora do banho era vigiada por uma das negras da casa? À época eu não podia estar certo disto, nem mesmo era capaz de cogitá-lo.

Uma certa noite — eu já completara oito anos então — a hora do banho fora tão trivial como das últimas vezes, e mal minha mãe começou a despir-me a negra entrou, ocupando-se em arrumar gavetas, dobrar peças de roupa e outras miudezas que ia descobrindo para fazer.

O banho terminou sem novidades e eu desci, como de hábito, por volta das sete e meia e encontrei o velho Edgar acomodado para o jantar. Parecia perdido em alguma provável lembrança, o queixo apoiado numa das mãos, enquanto com a outra tamborilava na mesa. O jantar transcorreu sem alterações e durou até perto de nove horas pois meu pai, enquanto mordiscava o doce de pêssego cortado em cubinhos no pires, levando-os à boca um a um, decidiu falar, contar mais uma de suas histórias sagradas, e então discorreu sobre a fé, relatou como São Tomé descreu ao ser-lhe dito que o Senhor havia ressuscitado e fora visto pelos outros discípulos, tirando daí uma lição que, se hoje me parece banal, aplicada àquela época e a tais circunstâncias demonstrava o quanto meu pai aferrara-se à idéia de um Juiz Universal que olharia inflexível para os seus delitos, e a quem somente poderia abrandar por meio de atos de contrição. Depois voltou a falar do pecado, dizendo que aquela era uma das formas de pecado que já me havia referido, a descrença, a falta de fé. Quais seriam as outras? eu perguntei, e ele, mesmo respondendo como de costume que haveria tempo suficiente para que eu aprendesse, e mais ainda sobre a descrença, pois o que me havia dito então limitava-se apenas a um breve ensaio sobre assunto tão profundo; disse-me que a falta de amor ao próximo era a segunda, mas havia ainda uma terceira, mais terrível talvez, a luxúria ou, em outras palavras, o pecado da carne. "Com o tempo você aprenderá tudo isso" ele disse, mas ao contrário das outras vezes em que tocava no assunto não o deu por encerrado então, havia algo a acrescentar, percebia-se pelo jeito como se concentrava, o busto ereto, um braço reto para frente com a mão fechada apoiada na mesa e o dedo indicador aberto batendo de leve sobre a toalha: "Mais terrível, porém, é este último" disse por fim, "pois conduz à descrença e à falta de amor pelo semelhante, portanto às outras duas formas graves de pecado", e como se não bastasse isso, prosseguiu discorrendo sobre os castigos reservados àqueles que incorrem nessas faltas e delas não se arrependem, e pintou um Inferno com cores perto das quais empalideciam as idealizações de um Rafael ou de um

Miguelângelo! Era incisivo ao falar dirigindo-se a mim, e de cada discurso tirava uma lição que traduzia ao meu entendimento incipiente da vida; à certa altura minha mãe levantou-se bruscamente com as feições transtornadas e saiu, o que me causou surpresa mas não a meu pai, que sem alterar-se prosseguiu por um ou dois minutos ainda e por fim silenciou. Então me dei conta de que era hora de sair também. Levantei-me, pedi sua bênção beijando-lhe a mão e fui levado por uma negra da casa de quem ainda falarei, a Rufina, até o meu quarto.

Era Rufina, ou uma das outras negras do serviço doméstico (às vezes também meu pai, que de ordinário nunca o fizera), quem me levava para o quarto nos últimos tempos, já não mais minha mãe, que lá aparecia apenas para dar-me boa-noite, quando então curvando-se sobre a cama depunha-me um beijo na testa, sem nem mesmo sentar-se ao meu lado, um beijo rápido e distante e uma bênção apenas murmurada, saindo em seguida.

Nessa noite a negra fez-me deitar, cobriu-me, apagou o lampião e saiu. O quarto permaneceu, no entanto, bastante claro, devido ao esplêndido luar que entrava feito uma grande pérola pela janela. Não peguei logo no sono (eu nunca adormecia de imediato): de minha cama fiquei a espiar através da vidraça o claro céu noturno, sem dar pela passagem das horas. Quanto tempo permaneci de olhos abertos? Um grande silêncio fazia há muito tempo na casa quando escutei a porta de meu quarto abrir-se devagarzinho e, olhando naquela direção, vi Ismália, minha mãe, que entrava pé ante pé:

— João — ela disse em voz apenas sussurrada, fechando outra vez a porta.

— Mamãe?

— Shhhhh!…

Minha mãe levou o dedo aos lábios pedindo-me silêncio, o que era desnecessário pois eu intuitivamente lhe respondera também em voz baixa, como se tivesse consciência (não a teria, por acaso?) de que naquele momento o silêncio mais que necessário requeria-se como algo essencial. Após trancar a porta, avançou até a cômoda e acendeu o lampião.

— O que você quer, mamãe? — eu perguntei em voz ainda mais baixa, erguendo-me sobre os cotovelos.

— Vê-lo, filhinho — ela disse, ainda cochichando —, a mamãe está com muitas saudades de você — e veio sentar-se ao meu lado.

— A mamãe não me traz mais para a cama como antes — eu reclamei.

Estivemos a nos contemplar por alguns segundos, e por fim ela disse:

— E há muitos dias a mamãe não brinca com o filhinho…

Eu não respondi, mas senti meu coração disparar.

— … e a mamãe gosta de brincar com o filhinho, sabe?

Então afastou os lençóis de mansinho e começou a desabotoar-me a camisa de dormir, no que consenti com os olhos muito abertos e um sorriso que se era de um tenso nervosismo não o seria menos de alegria. Pouco a pouco minha mãe me despiu, e quando nenhuma peça de roupa havia sobre meu corpo, ela disse:

— Meu filhinho é lindo, meu filhinho é muito lindo!…

E com as pontas dos dedos e as unhas começou a percorrer-me a pele em movimentos suaves, que se tornaram mais tensos mas não menos suaves quando seus dedos me roçaram as nádegas após subirem caricio-sos pelo interior de minhas coxas. De súbito, porém, ela interrompeu o movimento das mãos em meu corpo e abriu a blusa, exibindo-me os seios morenos e firmes, que eu olhei estarrecido! Meu Deus, foi tudo quanto vi do corpo de minha mãe, e assombrou-me!

Muitas vezes na hora do banho, e sem compreender o que se passava, via-a interromper a esfregação de minha pele, e ajoelhada, puxando o vestido para cima, metia a mão entre as coxas. Apoiava-se então em mim, a fronte pousada em meu peito, e "fazia coisas" que eu não conseguia ver, ouvindo apenas sua respiração acelerar até um tremor agitá-la por inteiro; aquilo perturbava-me um pouco, e posso mesmo afirmar que era a parte do banho que menos me agradava, mas nada me deixou tão perplexo quanto a nudez de seus seios, repentina, quase brutal àquela hora da noite em meu quarto, iluminada pelo luar. Ismália compreendeu meu espanto e sorriu para deixar-me mais à vontade; curvou-se sobre mim e roçou-me o peito, a barriga, com os mamilos; senti seus dedos firmes apertarem minhas nádegas enquanto uma expressão de prazer lascivo transformava suas feições de tal maneira que não se apagaria mais de minha memória; mesmo hoje sou capaz de evocar sua expressão de gozo — que vi pela primeira vez também naquela noite, pois das ocasiões anteriores, quando a ouvia arfar com a fronte apoiada em meu peito, Ismália não erguia o rosto para mim.

— Por que a mamãe faz essas coisas? — eu perguntei, assustado.

— É a última vez que a mamãe brinca assim com o filhinho — ela disse, e debruçando-se sobre mim encarou-me com um meio sorriso que não via em seus lábios há dias, pois naquele momento nenhuma sombra de sofrimento marcava seu rosto. Depois, curvando-se mais para mim beijou-me a boca, a língua penetrando entre os meus lábios, meus dentes, para depois descer aos mamilos, ao umbigo, e — como em diversas outras ocasiões — envolver por fim meu sexo, deter-se sobre ele até um prazer indescritível fazer-me estremecer todo o corpo.

A Lua já não era visível de minha janela quando minha mãe deixou o quarto, e então eu adormeci…

…para acordar na manhã seguinte bem cedo com a casa em alvoroço — falatório, gritaria, ruídos de passos alterados e choro. Assustado, pulei da cama e saí para o corredor, mas começando a descer a escada deparei com uma cena que me deixou sem ação, e de tão brutal não a pude assimilar por inteiro logo de uma vez: um corpo de mulher pendia de uma corda presa no lustre, imóvel como o pêndulo de um relógio quebrado. À sua volta estavam os serviçais estarrecidos e também meu pai, com a aparência de alguém cujas forças todas minguaram.

Após o abalo inicial, continuei descendo devagar, com os olhos fixos no pêndulo humano, junto ao qual um preto subia numa cadeira posta sobre uma mesa para soltá-lo do lustre, e só a meio da escada reconheci o corpo de Ismália. Então perdi os sentidos e rolei o resto dos degraus.



Não se encontrou uma explicação para o suicídio, e eu, de súbito tomando contato direto com a morte, passava horas recolhido em meu refúgio no porão, na minha cabeça misturando-se a lembrança de seu corpo pendurado no lustre, as indagações que eu me fazia sobre o acontecido e a lembrança da hora do banho, que então me perseguia como uma culpa.

Quem poderia conhecer, ou ao menos imaginar, o motivo que levou minha mãe a matar-se? Nunca dera sinais de desequilíbrio: conquanto se mostrasse às vezes um pouco nervosa e agitada, e em especial supersticiosa, cuidava regular e pacatamente do serviço doméstico e dos pretos que compunham a criadagem; conversava com meu pai com naturalidade embora não mais lhe freqüentasse a cama e tivesse um quarto só para si, e mesmo na véspera desempenhara suas ocupações sem nenhuma mostra de anormalidade. Todos, tanto os da casa quanto os de fora, ao saberem do ocorrido não deixaram de expressar seu pesar e sua perplexidade.

Ao excitar-se comigo na hora do banho, minha mãe — é o que penso hoje — o fazia apenas por faltar-lhe coragem para trair meu pai com algum escravo ou mesmo com um dos colonos; o menino de então não podia pensar dessa forma, embora — como dito acima — a lembrança de tais ocorrências lhe trouxesse um inequívoco sentimento de culpa; eu não deixava de intuir que também a ela por fim lhe sobreviessem arrependimento e remorso, pois era muito recente sua mudança de comportamento à hora do banho, ultimamente vigiado por uma das pretas da casa (providência que tempos depois, refletindo sobre o fato, julguei entender como uma iniciativa sua, para que não sucumbisse à tentação de, como ela dizia, "brincar" comigo), e mesmo a atitude fria e distante com que vinha até meu quarto dar-me boa noite e murmurar uma bênção, ocasiões em que não se demorava mais que um ou dois

minutos; na minha cabeça de criança ia ligando tais indícios, mas nada satisfazia o meu entendimento, pois o ato de tão inopinado só se explicaria se de um minuto para outro passasse a entender como abomináveis as "brincadeiras" da hora do banho (que já se prolongavam por três anos), e a idéia do pecado irremediável aflorasse de maneira tão súbita e intensa que bastasse para levá-la à loucura; assim, mesmo as mudanças que eu percebera não eram suficientes para explicar o ocorrido. Se em algum momento, porém, quando minha compreensão do mundo foi se alargando, imaginei que meu pai, o velho Edgar, a matara (por ter quem sabe descoberto "nosso segredo" — coisa que o teria abalado devido às suas exigências tão severas quanto tardias de puritanismo), repeli como absurdo esse juízo por três razões óbvias: primeira, nenhum rebuliço ocorrera na casa naquela noite, caso contrário eu, com meu sono leve, teria acordado; segunda, um homem velho, enfraquecido e doente como ele não dispunha de força para dominar uma jovem robusta de vinte e quatro anos; e terceira, nem ele nem ninguém conhecia esse "segredo", guardado pelo tácito silêncio e pela porta aferrolhada.

Dessa maneira o ocorrido ficou, para mim e para todos que vieram naquela tarde, sem explicação. O corpo de Ismália jazia no salão principal, num esquife que Florêncio, feitor das Oliveiras, mandara fazer às pressas no arraial, já que meu pai, abalado, mal se movia de sua cadeira na sala, onde permaneceu boa parte do tempo de cabeça baixa, num gesto lerdo apenas levantando a mão para receber os cumprimentos de cada um que chegava. Eu, igualmente aturdido, andava de cá para lá entre o povo sem me fixar em ninguém: escutava o zunzum dos comentários, percebia mais ou menos quando uns e outros olhavam para mim, decerto com ar penalizado e, baixando mais ainda a voz, diziam qualquer coisa, o que me era de todo indiferente — comentassem o quanto quisessem, sentissem pena à vontade, nada seria capaz de afetar-me naquele dia.

Um episódio apenas chamou minha atenção: a chegada de alguém. O leitor há de imaginar que alguém que viesse para o velório só poderia ter qualquer efeito sobre mim em tais circunstâncias se fosse a viúva Fragoso, cuja má impressão sobre mim já referi. De fato a viúva Fragoso chegou pouco depois do meio-dia provocando algum alarido entre os presentes, que se acotovelaram para deixá-la passar, aumentando os cochichos: ela chegou, entrou e esteve um momento junto ao caixão espiando a morta; eu, que a vira entrar na sala e seguir direito até a mesa, relanceei os olhos em sua direção e posso afiançar que, se sentia algum pesar pelo acontecido, não se lhe podia perceber nas feições: os dois ou três minutos que esteve junto ao caixão, passou-os calada, o rosto velho e impenetrável em momento algum se crispou, e só se mo-

veu dali para sair; partiu sem olhar para os lados, sem ao menos cumprimentar meu pai — o que não passou despercebido dos presentes e provocou comentários.

Não me refiro, porém, à viúva Fragoso, quando digo que me surpreendeu a chegada de alguém naquela tarde: foi por volta das três horas que entre os presentes, bastante numerosos então, formou-se um rebuliço que começou fora, no terreiro, e conquanto eu permanecesse abúlico ora junto de meu pai, inerte em sua cadeira, ora perto do corpo de minha mãe, ouvindo o alvoroço cheguei à porta e o vi: um homem chegara montado num cavalinho preto escanzelado, e apeando subia agora os degraus que conduziam ao salão. Apesar de despertar minha curiosidade, os particularismos de tal figura não permaneceriam na memória de um menino de oito anos abalado com a morte inesperada e sem explicação da mãe, não fosse porque, das outras ocasiões em que novamente me deparei com ele, parecia ter o mesmo aspecto e cavalgar sempre aquele animal preto e desnutrido. Era um homem miúdo e magro, de rosto chupado e pele terrosa, que parecia da mesma forma não se alimentar como convinha; tinha um bigode fino e reto que devia aparar com muita meticulosidade — mas de longe parecia riscado a lápis — e as faces bem escanhoadas. Vestia-se de preto, um terno muito surrado e de corte simples, desses usados por pessoas de poucos recursos, um tanto amarrotado ainda que limpo, pelo menos limpo o quanto permitiam suas jornadas a cavalo, completando-lhe o vestuário uma gravatinha também preta, pouco mais que uma risca vertical a destacar-se contra a camisa branca, e um chapeuzinho preto de camurça que ele tirou e manteve na mão ao deter-se por um momento na porta e entrar em seguida.

Quem seria tal criatura? eu me perguntei, e no que ele passou por mim virei-me e o segui com o olhar. O homem de preto avançou alguns passos até o meio do salão, de onde alguém o conduziu até onde estava meu pai, ao lado do féretro, apresentando-os, "o senhor investigador, seu Edgar". Meu pai, numa das poucas vezes em que saiu de sua apatia e levantou os olhos vermelhos, pôs-se de pé com algum esforço para cumprimentar o recém-chegado, e por alguns instantes o examinou com certa atenção sem compreender o que se passava — quem, afinal, havia mandado chamar um investigador? devia estar se perguntando; acontecera algum crime naquela casa? O alvoroço produzido pela chegada do homem de preto diminuíra a essa altura, digo mesmo que se fazia um silêncio cheio de expectativa, no qual cada um dos presentes aguardava com ansiedade o que viria em seguida. Por fim meu pai se moveu, fazendo um sinal ao estranho conduziu-o até o vestíbulo, e eu os acompanhei. Parou sob o ponto onde o corpo de minha mãe fora encontrado e apontou para o alto, "lá" ele disse, e explicou de maneira um tanto con-

fusa, o mais claramente porém que lhe permitiam os nervos, como encontrara o corpo suspenso do lustre "com esta mesa aqui embaixo" ele disse, "e aquela cadeira, na qual deve ter subido, caída ali", sempre alegando que não tinha qualquer explicação para o fato; o homem, contudo, franzindo a testa numa conveniente demonstração de pesar respondeu que não viera por esse motivo, que lamentava a tragédia mas sua finalidade era outra, "procuro um criminoso" disse, "um foragido da Justiça", e a estas palavras fez-se de novo entre os presentes tal alvoroço que não pude compreender o mais que se disse. Todos pareciam falar ao mesmo tempo — "um criminoso?", "mas a que criminoso ele se refere?" e junto a mim alguém teria murmurado "é um homem terrível, nenhum criminoso lhe escapa". Vendo, porém, que não obteria nenhuma informação relevante para seus propósitos, o estranho cumprimentou meu pai mais uma vez, curvando-se em sinal de respeito, e saiu; corri até uma das janelas do salão: fora, ele montou no cavalinho escanzelado e partiu num meio trote ligeiro.

Não voltaria a vê-lo por muito tempo.

Rufina, uma negra imensa — e então é momento de falar dela — que não chegara ainda aos quarenta anos e andava pelos cômodos com os passos lentos e pesados dessas antigas matronas que nas casas senhoriais exerciam a função múltipla de ama-seca, chefe dos criados e mucama, veio ocupar o lugar de minha mãe, tanto na cozinha junto às pretas quanto nos demais afazeres domésticos, e, pior, incumbida por meu pai de sempre velar por mim, "principalmente depois que eu me for" recomendara ele com muito empenho, o que demonstra o quanto era merecedora de confiança. A negra já lidava nas Oliveiras havia alguns anos, mas pareceu de uma hora para outra ocupar toda a casa com seu corpanzil redondo, sua voz de taquara rachada volumosa e estrídula, seus gestos amplos e abrangentes, como se não houvesse um quarto, uma sala, um recanto onde ela não chegasse, toda gestos e vagareza, ou não se ouvissem, altissonantes, seus brados:

"O quê é que 'ocê 'tá fazen'aí, minino?"

"Olha as estripulias, minino!"

"Vamos, minino, hora do banho!"

…hora do banho!

Que medonha então a hora do banho, com as mãos pesadas de Rufina esfregando-me com sua espontânea e dedicada violência; inspecionando-me os ouvidos, o nariz, o pescoço; "lava as partes 'ocê mesmo, menino, já está bem grandinho para fazer isso", secando-me no meio do quarto como se tivesse a intenção de esfolar-me e quase arrancando-me os cabelos ao penteá-los! E também quanto vim a afeiçoar-me a Rufina,

imensa e boa, à medida que crescia sob sua vigilância, ouvindo seus brados e admoestações, comendo sua comida carregada nos temperos!… Quanto a meu pai, desde o dia da morte de Ismália sentiu a saúde, já precária, deteriorar-se progressivamente, raro a partir de então deixar a casa, mesmo para um simples passeio pelo terreiro. Já não tinha forças para administrar a fazenda, agora a cargo de Florêncio — um homem de idade indefinível entre os quarenta e cinco e cinqüenta anos, alto e vigoroso, muito queimado de sol, com quase metade da cara coberta por uma barba cerrada e meio ruiva —, que há alguns anos exercia com muita competência as funções de feitor. Assim, meu pai não tinha com que se preocupar: recebia vez em quando Florêncio, que o punha a par dos afazeres e atividades na roça e nos currais; implicava um tanto com Rufina por minha causa, achando sempre que eu não era bem cuidado, e na maior parte do tempo deixava-se estar na varanda, sentado, a Bíblia aberta no colo, os olhos pregados no horizonte espiando o dia passar.

Uma tarde sentiu-se mal e recolheu-se ao leito mais cedo. Não sabíamos o que sentia, e é possível que nem ele soubesse, pois ao perguntarmos limitava-se a responder "é o tempo, é o tempo…". Rufina levava-lhe uma canja na hora das refeições, preparando sempre uma novidade com que estimular seu apetite quando já lhe turbava a premonição da morte, mas que apetite terá aquele que sabe próxima sua hora? Por essa época, excluindo a companhia incerta de meu pai, que adoecera, ou de Rufina, que me deixava livre para fazer o que quisesse, eu me sentia sozinho naquela casa como ainda não me sentira. É verdade que só de raro em raro encontrava-me com outra criança, e não me acostumara às brincadeiras e reinações com que todos os meninos se divertem porque não chegara a conhecê-las. Que folguedos conhecerá um garoto criado com um velho numa casa enorme sem a presença de outros de sua idade, não brincando por não saber o que fosse brincar e muito cedo despertado para as profecias aterradoras do Apocalipse, sua primeira cartilha, e para os sentimentos e sensações confusos e contraditórios e, mais que tudo, incompreensíveis, do sexo incestuoso que "exercitava" com a própria mãe na meninice? O silêncio de meu pai doente, a ausência de minha mãe morta, os dias que transcorriam sem alteração em sua monotonia campestre, tudo reforçava cada vez mais a sensação de isolamento que foi tomando conta de mim. De início eu me recolhia ao meu refúgio no porão onde ficava por muito tempo na meia obscuridade, pensando ora em minha mãe, ora nas coisas que me relatara meu pai sobre a história daquela casa e desse homem desconhecido com quem raro em raro se correspondia; às vezes pensava também no antigo dono das Oliveiras, autor de crimes medonhos que meu pai dizia ter sido seu

primo, e lembrando-me da História Sagrada levava para lá — para o porão — uma vela e punha-me a ler com essa luz escassa que fazia ressurgir nos recantos sombras inusitadas que minha imaginação febril convertia em bestas e demônios; já não me sentia temeroso, pelo menos não tanto quanto antes — pelo contrário descobria um prazer assustador em ler no escuro essas passagens densas do Evangelho, a tentação no deserto, a traição de Judas, a tortura e a crucificação de Cristo, mais ainda se no instante em que lia punha-me a imaginar que, enquanto tudo ali no porão era treva e cheiro de bolor impregnando o ar parado, lá fora havia muita luz, muito ar puro e uma brisa que trazia até a varanda o perfume das flores silvestres. Que prazer deveras estranho obrigava-me a permanecer tardes inteiras no escuro do porão imaginando essas coisas e, depois, passando por uma espécie de agonia ao sair dali e dar com a tarde de sol e a passarada que fazia alvoroço nos ramos, ofuscado por tanta luz e quase sentindo frio à aragem do jardim, comparar o porão em que estivera todas aquelas horas a uma espécie de Inferno do qual fugia finalmente, galgando as escadas rumo ao Paraíso. Punha-me a correr entre as árvores e aquela sensação de iluminada liberdade causava-me como que um mal-estar, um inexplicável mal-estar que me fazia ter saudades do porão. Um pensamento pecaminoso e de cuja gravidade eu tinha consciência ocorria-me nessas ocasiões: "Será que os salvos têm alguma espécie de saudade do Inferno — mesmo que nunca tenham estado lá?" E como certa vez ouvira alguém falar que o Paraíso deveria ser por demais monótono com todos aqueles anjos entoando seus cânticos de louvor, aquele céu sempre limpo, os animais em perfeita harmonia entre si, de forma que já o leão não devoraria a zebra, nem o lobo a ovelha, e todos, todos, muito felizes, andavam de cá para lá sem fazer nada, esse pensamento herético sobrevinha com mais freqüência do que eu desejava, e se tentava afastá-lo de minha mente, reconhecia nisso uma tarefa nada fácil! Uma vez, contudo, quis experimentar o porão à noite, saber como era descer até lá muito tarde e sair quando tudo ainda estivesse escuro, não podendo dessa maneira contar com a segurança do dia a me compensar dos terrores gerados embaixo pela luz fúnebre da vela e a leitura da Bíblia. Não lembro bem minha idade então, nove, talvez dez anos, mas me recordo de ser muito tarde quando desci, indo para meu recanto costumeiro. Depositei a vela num nicho e me sentei perto, no chão, abrindo a Bíblia ao acaso, disposto a ler a passagem que me caísse sob os olhos. E li:

"1 Chegai-vos, nações, para ouvir, e vós, povos, escutai; ouça a Terra, e a sua plenitude, o mundo e tudo quanto ele produz.

"2 Porque a indignação do Senhor está sobre todas as nações, e o seu

furor sobre todo o exército delas; ele determinou a sua destruição, entregou-as à matança.

"3 E os seus mortos serão arrojados, e dos seus cadáveres subirá o mau cheiro; e com o seu sangue os montes se derreterão.

"4 E todo o exército dos céus se dissolverá, e o céu se enrolará como um livro; e todo o seu exército desvanecerá, como desvanece a folha da vide e da figueira.

"5 Pois a minha espada se embriagou no céu; eis que sobre Edom descerá, e sobre o povo do meu anátema, para exercer juízo.

"6 A espada do Senhor está cheia de sangue, está cheia de gordura, de sangue de cordeiros e de bodes, da gordura dos rins de carneiros; porque o Senhor tem sacrifício em Bozra, e grande matança na terra de Edom.

"7 E os bois selvagens cairão com eles, e os novilhos com os touros; e a sua terra embriagar-se-á de sangue, e o seu pó se engrossará de gordura.

"8 Pois o Senhor tem um dia de vingança, um ano de retribuições pela causa de Sião.

"9 E os ribeiros de Edom transformar-se-ão em pez, e o seu solo em enxofre, e a sua terra tornar-se-á em pez ardente.

"10 Nem de noite nem de dia se apagará; para sempre a sua fumaça subirá; de geração em geração será assolada; pelos séculos dos séculos ninguém passará por ela." [2]

À medida que avançava nessas profecias apavorantes, uma espécie de aflição tomava conta de mim, fazia nascer pavores que há muito já não me perseguiam: esses pavores, eu os tivera antes, mas depois me habituara à leitura, à pouca luz ambiente, ao cheiro abafado do porão; sabia que os ruídos eram causados por insetos ou ratos, e não me assustava quando sentia uma formiga subir pela minha perna. Dessa vez, contudo, alguma coisa indefinível começara a inquietar-me. Pressentimento? Intuição? Como explicar? Em dado momento comecei a ouvir uma espécie de rumor distante mas contínuo que antes não ouvira, e levantei os olhos da página olhando primeiro para o fundo do porão, cujo negrume não me permitia enxergar muito longe, depois para cima, como se esperasse descobrir alguma coisa além do teto baixo de tábuas grossas, e fiquei assim por algum tempo, quieto, olhando ora para os lados, ora para cima, enquanto o rumor indecifrável persistia. Com algum esforço para não me inquietar mais, voltei a ler, mas minutos depois o porão, cuja temperatura era sempre tépida, começou a encher-se de um ar frio que me fazia arrepiar a pele e bater o queixo, ao rumor de antes juntando-se um outro similar a trovões, mas abafados como se

[2] Isaías cap. 1, v. 1-10

viessem de longe, e alguns estalidos que não notara ainda soavam claros no teto. Perturbado, voltei a ler procurando ignorar os ruídos que de repente enchiam o porão, e também o frio, minuto a minuto mais incômodo. Mas não consegui vencer o medo que me ia dominando, e por fim vieram aqueles passos vagarosos bem acima da minha cabeça. "Tem alguém andando na sala" pensei tentando ser racional e convencer-me de que tudo tinha uma explicação plausível, mas os passos persistiam de maneira um tanto incomum: iam e vinham, distanciando-se e aproximando-se em cima, na sala; detinham-se por um instante para recomeçar logo em seguida, no mesmo ritmo lento e profundo, como se um imenso tambor fosse percutido dentro da minha cabeça — não que o som fosse forte, mas surdo e pausado fazendo-me imaginar não sei que terrores e assombrações (voltaram-me, por exemplo, à lembrança as sentinelas que o Príncipe dos Mil Anos, passando por nossa casa em sua conquista do mundo, deixaria, e imaginei que bem acima da minha cabeça estivesse uma daquelas criaturas monstruosas em sua ronda habitual; contudo, sabendo da minha presença embaixo, no porão, e com seus olhos de fogo capazes de enxergar através dos obstáculos, vigiava-me os atos esperando qualquer deslize da minha parte para atacar-me, submeter-me a castigos tais que eu nem ao menos era capaz de imaginar). Então me vi na mais absoluta escuridão: alguma coisa, uma presença que eu sentia junto a mim e figurava diabólica (a sentinela havia descido, estava ali agora e era provável que já viesse castigar-me, se bem que eu não tivesse cometido nenhum delito, pensamento que então não me ocorria e, mesmo que me ocorresse, não bastaria para tranqüilizar-me), havia apagado a vela. Então me descontrolei: atirei-me em direção da escada tropeçando em pilhas de garrafas vazias, caindo, dando encontrões em móveis velhos que de súbito (e por moto próprio, no meu entender) se interpunham em meu caminho… Não sei bem como cheguei aos degraus após novas quedas e encontrões no escuro, mas emergi em cima, na despensa, aos berros e sem encontrar dessa vez a luz acalentadora do sol (era ainda madrugada), e tão grande foi o susto — num relance passando-me pela mente a imagem de um Inferno de onde não se consegue sair, pois ao encontrar-se o caminho que se julga conduzir para fora dele, conduz na verdade para outro, talvez mais negro e medonho — que redobrei os gritos caindo de joelhos. Uma tempestade parecia sacudir a casa, e os relâmpagos iluminavam momentaneamente a noite para em seguida tudo recair na treva. Foi quando vi surgir uma luz no cômodo vizinho e a figura da besta apocalíptica aproximar-se de mim. Então desmaiei.

Não, não era a besta: era Rufina, cujo quarto ficava próximo à despensa e que ouvindo os meus gritos me acudiu.

No dia seguinte, restabelecido do susto e após ouvir uma descompostura da negra, refleti na aventura vivida conseguindo uma explicação para todos os acontecimentos da noite anterior: o rumor contínuo que se iniciara de repente mais não era que uma chuva inesperada e bastante forte cujo barulho chegava transformado, longínquo, àquele recanto do porão. Os estalidos explicaram-se pelo vendaval que fazia vibrar o madeirame, e o frio sobreviera naturalmente à chuva, parecendo mais intenso quanto maior fosse o meu medo. Os passos eram de Rufina, que ia e vinha corredor afora, em cima, com uma prosaica dor de dentes; a vela não fora apagada por um sopro sobrenatural: apenas queimara até o fim, e os objetos não se interpunham de moto próprio em meu caminho como me pareceu naquele momento de pavor, mas eu mesmo correra em ziguezague, sem atinar com a direção certa da escada e indo de encontro a eles. Apesar de todo esse arrazoado lógico, passei muito tempo sem voltar ao porão, e quando lá me aventurei outra vez, fi-lo pela manhã, com a segurança de ter um largo período de luz do dia pela frente.

Mas se algumas vezes ia enfurnar-me feito um doido no porão, outras, no entanto, distraía-me em passeios solitários a cavalo ou, com menos freqüência, a pé, isolando-me em algum alto de morro ou numa encosta, onde ficava por vezes tardes inteiras. Eram momentos em tudo por tudo diferentes daquelas horas de porão: podia respirar o ar fresco do serrado, deitar-me na grama sob o sol e deixar minha pele amorenar-se, sentir-me ao fim do dia mais leve e repousado, com o espírito tranqüilo. Como explicar essas disposições de ânimo tão opostas e contraditórias? Como, se após um dia de tranqüilidade nos matos e uma noite de sono sem sonhos, eu acordava inquieto e presa duma indefinível sensação de angústia que me obrigava a ir para o porão e retomar minhas leituras obsessivas? (Além da Bíblia, habituara-me na infância a outras de que a biblioteca me provia, algumas das quais também perturbadoras pelo seu poder evocativo de horrores. Entre elas havia os contos de Edgar Alan Poe, em especial "A casa de Usher", que me fez ter pesadelos e levou-me outra vez a evitar o porão por três ou quatro semanas, já que tão logo punha os pés na escada sobrevinha-me a impressão de que a qualquer momento a porta embaixo iria abrir-se e dar passagem ao fantasma de Madeleine[3], ou então que, uma vez ali, as paredes de repente rachariam e antes que eu pudesse escapar a casa desmoronaria sobre mim, soterrando-me. Os contos de terror de Poe, além de pesadelos, causaram-me insônia por noites a fio, esgotaram-me os nervos a tal ponto que Rufina, percebendo algo errado em mim, passou a preparar-me chás de camomila e de dormideira para acalmar-me. Não sei se os chás

[3] Personagem e episódio de **A casa de Usher**, conto de Edgar Alan Poe.

fizeram qualquer efeito pois só a muito custo cheguei ao fim do livro, e enquanto isso não acontecia continuei inquieto, insone e cada vez mais pálido. Esse episódio com esse livro de histórias pode parecer um tanto inverossímil, pois bastaria concluir logo a leitura para que eu me visse livre de sua influência; contudo as coisas não se passaram dessa forma: li, sim, "A casa de Usher" e "O gato preto" numa única tarde, mas a partir daí prossegui a custo, não porque a leitura se tivesse tornado desinteressante, mas porque tão logo abria o livro suas figuras sobrenaturais adquiriam vida em minha mente, e com um tal vigor que a qualquer momento saltariam das páginas diante dos meus olhos e se materializariam à minha frente. Nesses momentos fechava o livro, cobria o rosto com as mãos e me encolhia, encostando-me com força à parede, e nessa posição tentava acalmar-me, respirando devagar, relaxando aos poucos para enfim retomar a leitura. Ao fim de quinze dias meu estado era tal que Rufina começou a desesperar dos chás, mas mesmo crivando-me de perguntas sobre o que poderia estar acontecendo comigo eu respondia "nada, apenas não consigo dormir direito" — dizia-o para tranqüilizá-la, o que pouco adiantava pois se ela não conhecia o verdadeiro motivo da minha aparência enfermiça, tampouco conseguia fazer-me dormir com suas infusões. Mas também ao fim desses quinze dias concluí a leitura do livro, e quando me vi livre dele respirei aliviado, larguei-o num canto e aos poucos fui recobrando as cores num novo período de passeios ao ar livre. Outros livros similares li — o "Frankenstein", de Mary Shelley, o "Fausto", de Goethe, o poema "Lenore", de Gottfried August Bürger etc. —, alternando sempre — e sem que eu mesmo pudesse compreender — a escuridão opressiva do porão com a liberdade luminosa dos passeios pelo campo.)

Nesses meus passeios a cavalo passava por propriedades onde eu via florescerem extensos campos cultivados, e em todos eu descobria o formigar da azáfama cotidiana, homens, mulheres e crianças no trabalho, negros com o dorso nu e luzidio de suor sob os fardos ou no serviço de enxada, moleques pastoreando cabras e bois, limpando os currais ou acompanhando os mais velhos às plantações. Eu me via distante de tudo aquilo, incapaz das mesmas atividades, estranho àqueles meninos com os quais não chegaria a brincar, cujos nomes ignorava e que me olhavam de longe como a um bicho desconcertante. Distraíam-me, contudo, do ressentimento a paisagem, o gado tangido ao pasto, os latidos de cães na lonjura do campo. Gozava daquela liberdade e punha o cavalo a correr para fruí-la melhor, como se esperasse (ou previsse) perdê-la algum dia.

Desse modo foram transcorrendo os dias de minha infância. Tudo na casa parecia normal, podia afirmar-se que a vida seguia seu curso ordinário. Certa manhã meu pai recusou a canja preparada pela Rufina, e com dificuldade mantinha-se recostado na cama. Mandou-me chamar

Florêncio para as disposições finais e lhe fez recomendações quanto à administração, pois o dono ausente e desinteressado podia aparecer de uma hora para outra, "não se engane, ele não é desinteressado como parece…" disse-lhe meu pai (referia-se apenas àquele com o qual se correspondia, decerto por ser o único que sabia estar vivo), "às vezes recebo dele uma carta… respondo então que tudo segue como de costume… ele está longe, no estrangeiro, mas a qualquer momento… quando menos se esperar…". Em seguida falou à Rufina, confiando-lhe minha guarda, "olhe sempre pelo menino" disse já lhe desfalecendo a voz, "assegure-se de que nada lhe falte". Depois, despedindo-os, voltou-se para mim e indicou a mesinha de cabeceira, "apanhe a chave que está na gaveta menor", e em seguida a cômoda, "a caixa, na gaveta de baixo". Levei até a cama uma caixa de madeira forrada de veludo medindo cerca de quarenta e cinco por sessenta centímetros, e a abri: de dentro retirei um livro, um grande livro encadernado em couro marrom.

— Em breve você fará onze anos e poderá entender o que isto seja — disse meu pai, fazendo um patético esforço para sentar-se na cama e segurando sobre as pernas o volume fechado. — Pode ser apenas uma mania de velho, mas neste livro venho há muitos anos registrando a crônica desta casa. Agora, porém… — e aqui meu pai, que olhava direto para mim, fez uma pausa e seu olhar vagueou pelo quarto, estendeu-se através da janela aberta para os morros onde verdejavam matas, e pareceu divagar por alguns momentos — …agora que o fim está se aproximando… deixo a você, meu filho, a incumbência de continuá-la.

Fez uma nova pausa para descansar, pois mesmo o esforço de algumas palavras o deixava extenuado, e continuou:

— Mania de velho… coisa sem importância… mas se você quiser prosseguir do ponto onde parei, deverá ler o que está escrito para compreender o que se passou neste lugar…

Respirou fundo, e abriu o livro na primeira página. Sem nada dizer continuou folheando-o com os dedos inseguros, passando página por página sem deter-se em nenhuma — virava as folhas mecanicamente, como se não precisasse relembrar o que escrevera, pois tudo aquilo (penso hoje) ainda devia estar vivo em sua memória: estou convencido de que naquele momento, se alguma coisa ainda sobrevivia em sua velha e corroída carcaça, essa coisa só poderia ser a memória.

— A Palavra — ele recomeçou fechando o livro e entregando-o a mim — diz que o Senhor visita a corrupção dos pais nos filhos até a terceira e quarta gerações… o meu filho não está isento da ira do Senhor, mas pode atenuá-la com uma conduta correta e justa, e com orações pode atrair sobre si o Seu beneplácito… — então seu corpo foi escorregando devagar sob os lençóis, até estar outra vez deitado, e con-

tinuou: — A Palavra diz também que a semente que for plantada, dessa haver-se-á de colher… contudo, as sementes aqui plantadas ainda não germinaram, e você as verá florescer, ainda que para seu espanto e pavor. Porém, do que vir, bom seria se ficasse aqui o registro fiel… quando mal não seja apenas para agradar este velho cheio de manias…

Compenetrado, movi a cabeça numa aquiescência mostrando ter compreendido, e encarei meu pai cuja face descorada e emagrecida parecia sumir-se no travesseiro fofo. O sol da manhã entrava radioso pela vidraça, e o quarto resplendia em brancura. Nessa hora de luz, como dar-me conta desse lampejo de profecia nas palavras do velho, ao prever as sementes há tanto tempo plantadas já próximas de germinar?

Pela tarde, sem sobressaltos nem aflições meu pai morreu segurando minha mão enquanto, atendendo a seu pedido, eu lia para ele trechos do Eclesiastes. Percebi que não me ouvia mais quando interrompi a leitura ao fim de um versículo e dei com seu olhar imóvel, vidrado, na direção do teto.

Foi velado durante toda a noite por mim, Rufina e os outros criados, enquanto Florêncio abria uma cova atrás da capela. Deviam ser duas ou três da madrugada quando um tropel de cavalos e rodas no terreiro nos chamou a atenção. Rufina acudiu, e logo em seguida uma mulher muito velha entrou, apoiada numa bengala, e ao vê-la depois de três anos — quando já a julgava morta — recuei para o fundo da sala, horrorizado, como se visse uma assombração. Foi Rufina quem a conduziu até junto do ataúde, onde a velha se manteve por alguns minutos olhando o morto; e depois para uma poltrona, acomodando penosamente os ossos. Não tomou conhecimento de minha presença, pois a certa altura chamou Rufina com um gesto e perguntou: "O menino?". A negra apontou em minha direção, e a velha olhou-me com insistência para reter na memória minha fisionomia assustadiça, e depois pareceu esquecer-me. Não havia clareado ainda quando se retirou, depois de estar junto ao morto mais uma vez, e pela manhã o corpo foi enterrado nos fundos da capela, depositando-se sobre a terra fofa da cova duas grandes lajes, à maneira de tampa e lápide.

Eram dez horas da manhã quando, trancado em meu quarto, retirei da caixa o livro que na véspera me fora confiado por meu pai, e mesmo antes de iniciar a leitura daquelas páginas cheias de uma caligrafia miúda e minuciosa, fiz, datei e assinei na primeira folha em branco a seguinte anotação:

"Hoje, dia do sepultamento de meu pai, inicio a leitura da crônica contida neste volume, à qual, consoante sua vontade, darei prosseguimento.
Pilar, 27 de setembro de 1921."

Adolescência

"Não sei ao certo. Existe algo que eu chamo de nojo do conhecimento. O estado no qual basta um homem penetrar uma coisa para sentir-se enojado a ponto de querer morrer, e sem nenhuma disposição para perdoar."
(**Thomas Mann** — *Tônio Kroeger*)



irando ao acaso as folhas do Livro — e para desfazer esse tom de mistério quando me refiro ao Livro seria mais próprio falar de maneira simples e prosaica, dizendo por exemplo "o caderno de meu pai" ou "o diário de família", já que, como vimos, trata-se apenas de um antigo caderno grande com capa de couro e páginas pautadas, usado como diário; mas já é quase mania falar desta forma, que me reprovo e de que procuro emendar-me no mais das vezes, mas não em todas as vezes —; virando, portanto, ao acaso estas páginas, enquanto folgo de minha tarefa que já se torna cansativa, pois meus dedos enrijecem com a escrita, as juntas doem e é preciso interromper o trabalho para mergulhar as mãos na água fria, lá deixá-las dentro do cântaro ou sob a bica por vários minutos — o que sempre traz algum alívio —, encontro uma fotografia antiga que meu pai colou numa das páginas: o cavaleiro em seu cavalo branco, apenas um menino que sorri para o fotógrafo, talvez para o pai que estaria de pé atrás do fotógrafo observando-o com carinho, um sorriso porém que alcançaria o futuro, a quantos olhassem essa imagem pelos tempos afora. Não sei em que circunstâncias essa fotografia foi tirada, pois bem poucas foram as oportunidades de Teodomiro estar com seu filho — o filho que ele deveras amou e que cedo foi apartado de si. Edgar em seus registros disse apenas que Cristianinha partira levando o menino, e a julgar pela criança do retrato Teodomiro não deve tê-lo conhecido com mais de quatro ou cinco anos, idade que o pequeno cavaleiro aparenta.

Edgar não relata mais que isso, no máximo acrescenta umas observações superficiais acerca do relacionamento entre Teodomiro e Cristianinha, sempre tenso e angustiado por nunca decidir-se a tomá-la de vez para si, grande parte da alegria da menina convertendo-se em decepção e dor. A jovem, grávida, suportava a vergonha graças à compreensão e complacência dos pais, mas já não saía de casa a não ser muito raramente e onde Teodomiro já não punha os pés — até que a criança nasceu e

recomeçaram as visitas, espaçadas, é verdade, mas constantes. Especular sobre o pensamento da moça? Muito jovem e ingênua, Cristianinha, ao ver o carinho e o encantamento de Teodomiro com o filho no colo, sentia renovarem-se suas esperanças de algo mais além de umas visitas a horas mortas e uns presentinhos valiosos e banais (uma correntinha de ouro, um alfinete dourado para prender as fraldas, cuja cabeça era um pequeno brilhante, um enxovalzinho em seda inglesa, coisas assim). É possível que, a contragosto da mãe, continuasse esperando durante os anos seguintes, enquanto via seu menino crescer, que ele enfim se decidisse a tomá-la por esposa — isto são conjecturas minhas —, até correr a notícia de seu casamento com Inês — ao qual, com inusitada coragem e afrontando a sociedade matuta e seus costumes, compareceu com o filho nos braços — e as esperanças finalmente minguarem. O que aconteceu então? Que tragédia foi aquela em que, durante costumeira viagem ao município de N…, o cavalo no qual cavalgava o pai de Cristianinha, assustando-se com sabe-se lá o quê, desembestou e atirou-se por um precipício abaixo — isso conforme o relato de uma única testemunha, um forasteiro nunca visto por ali que não soubera explicar como lhe fora possível ver tantos detalhes à noite, nem como um cavalo tão manso pudera assustar-se daquela maneira e tomar o freio das mãos de seu cavaleiro. A mãe não remoeu em silêncio suas suspeitas e seu rancor por aquele homem que aparecera em suas vidas para destruí-las: sem mais rodeios falou de sua desconfiança à filha, que, compreendendo enfim seu equívoco, tomou não a melhor mas a única decisão plausível — partirem para longe em segredo, deixando por lembrança ao homem que a enganara apenas uma fotografia, um tanto de desespero e todo o ódio que essa perda faria despertar em seu coração.

É uma boa história, bastante verossímil, as coisas podiam ter-se passado de acordo com ela e tudo estaria bem contado; a seu tempo, no entanto, veremos que a verdade apresentava aspectos sutis e inesperados.

Deparar com o retrato do menino em seu cavalo trouxe-me lembranças mais claras. Ele não deve ter estado nesta casa nem tê-la conhecido, poucas vezes sentara-se ao colo do pai, um dia partiu… que sentimentos despertaram-me em outra época essas reflexões!, e novas dúvidas passaram a ocupar meu pensamento: quem havia sido esse menino, e onde estaria agora? Por que meu pai nunca me falou dele? Divagações… Mas não devo continuar divagando. No capítulo anterior falei de um tempo de suavidade que não cheguei a conhecer bem, os anos de inocência. Neste, proponho-me a falar do período que o sucede.

Minha adolescência transcorreu sem grandes incidentes, e esse foi com certeza o período mais tranqüilo de minha vida. Não tinha preocu-

pações de nenhuma ordem, pois enquanto Florêncio cuidava da fazenda e Rufina da casa, eu não fazia nada e era conhecido apenas como "o menino das Oliveiras". Consideravam-me o dono de tudo, e não porque eu, como os donos ausentes, e por afinidade de sangue com o antigo proprietário (meu pai, afinal, dizia-se primo de Teodomiro), também tivesse direitos ali, mas porque não havia com quem competir: as Oliveiras, desde muito — mesmo desde antes da morte de meu pai — não produziam grande coisa, os últimos colonos esqueciam-se da vida e pouco a pouco iam se retirando, mudando-se, sumindo, até não restar quase ninguém. Meu pai sabia muito bem do que estava acontecendo, mas parecia não se importar, pois imaginava com sua atitude fatalista dos últimos dias que o fim seria aquele, e ao recomendar a Florêncio e a Rufina cuidados a meu respeito fazia-o para estar em paz consigo mesmo, mantendo sobre minha segurança, em seus momentos finais, uma certeza que noutras circunstâncias não valeria de muita coisa, mas que agora o tranqüilizava.

Conforme o diário de Edgar, os três filhos de Inês Honorato Gomes haviam sido retirados de casa muito cedo, ainda crianças, e enviados para longe sob a guarda de um velho conhecido (é possível que fosse um membro antigo da família, mas não há qualquer referência a parentesco aqui) que assumiu o papel de tutor dos meninos; mas as razões por que Teodomiro assim fizera não são muito claras: seria o desejo de levar à loucura a mulher, cuja vida arruinara sem piedade? Ou por causa dos constantes entreveros com o sogro, resultando na destruição de sua saúde e culminando com sua morte? Teria sido mesmo por desprezo, se não ódio, dos filhos que tivera com uma mulher a quem não amava, enquanto aquele que lhe era tão querido desaparecera? Meu pai, testemunha imóvel num tempo em que já lhe começava a pesar a consciência, não registrou o que sabia sobre isso, mas tudo leva a crer que esses três motivos teriam sido mais que suficientes para que Teodomiro separasse os filhos de sua mãe, e não se pode duvidar de que os três motivos se resumiam num só: sua natural tendência para a perversidade.

Durante os dois últimos anos de vida de Inês Honorato Gomes, a convivência entre os membros da família fora-se tornando, dia a dia, insustentável, conforme estes trechos do próprio punho de Edgar:

> *"Hora do jantar. Que horrores nos aguardam sempre à hora do jantar. Nosso temor agora é quando nos dirigimos à mesa e lá encontramos esse homem demoníaco que se apossou de nossas vidas, que nos transformou em condenados a um Inferno do qual não há escapatória — a não ser que o destruamos logo e percamos o que resta de nossas almas já quase de todo perdidas. Esse é o nosso temor, e no entanto é isso que sempre há de*

acontecer, pois se não o encontramos à mesa é ele que nos vem encontrar, com seu sorriso de leve ironia, com seus gestos comedidos, com sua força. Não podemos esperar clemência dele, não podemos esperar que se ponha à mesa e coma tranqüilamente, sem atormentar-nos com seus dichotes e zombarias. E estamos sozinhos nesta casa (eu e essa pobre mulher, que melhor teria feito se houvesse continuado em seu involuntário celibato de solteirona do interior), não sem meios de fugir dela, mas sem coragem, sem ânimo, embora saibamos que se fugíssemos ele não nos haveria de perseguir.

"O que nos retém aqui?

"Ontem lhe falei mais uma vez nessa idéia que tive há algum tempo e que me parece a única viável, mas ela não concordou com minha proposta. Disse-lhe que poderíamos partir, os dois, e ir para longe. Inês possui algumas jóias valiosas que lhe permitiriam refazer a vida, e eu tenho minhas economias. Mas ela se recusou: espera ainda saber para onde foram levados seus filhos, espera que morra talvez o pai, o velho Honorato Gomes, que não é mais nem sombra do homem saudável e bem disposto que conheci, ou quem sabe mantém ainda a esperança de que morra ele, o amaldiçoado. Mas bem vejo em seus olhos os sintomas de um mal que não queria reconhecer, que relutava em aceitar pois, se isso for mesmo verdade, se eu não estou enganado, então ver-me-ei só e terei certeza de jamais sair daqui: Inês está enlouquecendo, e louca não poderá — não quererá — ir embora, nem ao menos poderá atinar com a necessidade de fazê-lo, e como partir sem levar a infeliz comigo?

"Estou falando como se fosse inocente nessa história. Ela sim, é: Inês não tem culpas de que se redimir. Solteirona, amou um homem e a ele entregou sua vida como uma adolescente que descobre seu primeiro amor. Mas eu não, eu não sou inocente e tudo que sofrer nesta casa será pouco, pois ajudei a engendrar o Mal, ajudei a trazer o demônio para cá e a atingir aqueles que dele se aproximaram. Portanto não posso esperar clemência: ainda acima falei do velho Honorato Gomes e de como está o pobre homem, arruinado e doente. Mas não tive culpa nisso? Acaso não urdi os planos que meu primo seguiu para destruí-lo, e acaso não foi por meu intermédio que os outros foram da mesma forma destruídos? Que esperança posso ter de redenção?

"Por não ter de ouvir o escárnio de meu primo, escondo-me no meu quarto para buscar o alívio, e no mais das vezes faço-o tarde, às altas horas: acendo uma vela e leio um pouco das Sagradas Escrituras. Vem-me então um grande conforto, e meu espírito, ainda que por alguns momentos, repousa: não está escrito ali que todo pecado há de ser perdoado, bastando que o pecador dele se arrependa de todo o coração? Sim, de todo o coração — eis como sinto esse arrependimento que às vezes julgo tardio, como se não houvesse mais salvação, mas a Palavra garante-me que não é tarde, que

ainda tenho tempo de me redimir. Em outras horas, contudo, desespero-me na antevisão do castigo, pois é certo que o castigo virá, e eu tenho de esperá-lo com resignação, submeter-me a ele com mansidão e agradecendo a Deus ter olhado para mim, nem que seja para castigar-me, pois dessa maneira sei que minha alma estará sendo purificada.

"Mas meu primo descobriu que eu leio a Bíblia à noite, adivinhou que me esquivo de sua zombaria: percebi seus passos no corredor pela madrugada e tenho certeza de que andou espiando pelo buraco da fechadura. Eu lia recostado na cama e ele me viu. No dia seguinte chamou-me de carola e disse esperar que eu não o abandonasse, pois ainda tem 'uma missão a cumprir'. Uma missão de satanás, pois é dele sua alma há muito tempo, e quer impedir-me de salvar a minha, mas não vou permitir: agora que descobri a Verdade hei de manter-me nela custe o que custar, e se acaso ele quiser expulsar-me desta casa estará fazendo o que mais desejo, pois só assim terei forças para partir. Mas esse homem é tão ardiloso que, com toda certeza, já adivinhou o que espero que faça, e não o fará. Deixar-me-á ficar aqui para atormentar-me, pois bem sabe que não há de dobrar minha vontade nem de modificar meu caminho, agora que encontrei um.

"Ontem esteve aqui o velho Honorato Gomes. Vinha exigir que Teodomiro trouxesse de volta os filhos. O pobre velho sabe que vai morrer e deseja ver os netos ainda uma vez (embora eu me pergunte se vale a pena, se essas crianças nascidas do diabo não serão pequenos demônios também que melhor seria se estivessem mortas), mas não esperava convencê-lo, pois Teodomiro riu-se dele e disse que os meninos não voltarão, que estão muito bem, sendo de sua vontade que permaneçam longe da família — e encarou o sogro com ar de quem pensa noutra coisa, até que concluiu: 'É tudo que poderá ter por enquanto dos meninos, senhor meu sogro. Para vê-los, terá de esperar que eles mesmo regressem, se o quiserem.' Fiquei espiando a cena pela fresta da porta entreaberta, e aquele homem arruinado que em suas últimas forças enfrentava o inimigo era o resultado de minhas urdiduras.

"Quando reflito sobre essas coisas desespero da salvação por que anseio, mas pela madrugada quando abro a Palavra minhas esperanças retornam, e de novo, por alguns momentos, meu espírito repousa

"Então é hora do jantar, hora que o hábito faz reunir-nos os três à mesa: Inês senta-se, eu me ponho à sua frente e quando ele vem ocupa a cabeceira, como um verdadeiro chefe de família. Como de costume pergunta com ar escarninho quem vai dar graças, e como não respondemos começa a servir-se sem cerimônia. Ontem, após repetir a mesma pergunta e servir-se, notou que eu inclinava a cabeça numa breve e silenciosa oração. Isso o irritou, e sem mais nem menos apanhou um copo d'água e atirou-me ao rosto. Quando o olhei com espanto, disse-me: 'Pensei que estive sonolento,

meu primo! Nada como um pouco de água fria para despertar', e continuou a comer com indiferença."

Ao leitor pode parecer estranha, senão absurda, a atitude de Edgar em suas muito ácidas críticas a Teodomiro. Noto que, apesar de admitir-se culpado do muito mal que se fez neste lugar, por exemplo no trecho em que fala de "suas urdiduras" responsáveis pela destruição do velho Honorato Gomes, chama Teodomiro entre outras coisas de "homem demoníaco" e afirma que ele havia se apossado de suas vidas — sua e de Inês, dizendo-se sozinho nesta casa com ela e como que à sua mercê, o que, deduzindo-se do que está escrito e dos acontecimentos posteriores, não deixa de ser exato. O que teria levado meu pai a tal estado de contrição? — é a pergunta que, se ainda não fiz (e não me sinto com ânimo de rever as páginas já escritas e verificar se me fiz ou não essa pergunta), faço agora. Por esse trecho é fácil perceber o quanto havia modificado seu caráter, iniciando-se por uma religiosidade que se mostrava no recente hábito de ler a Bíblia. Tal mudança de caráter, embora admissível, costuma ser bastante improvável; conquanto um homem como Edgar possa a certa altura da vida dar-se conta da gravidade de seus erros e procurar emendar-se, a maneira como isto se deu, conforme transparece de suas palavras, requer um motivo mais imperioso do que apenas uma recaída de consciência. Que motivo poderia ser esse, indago-me, se não o amor? Quero deixar claro que a conclusão a que chego sobre esse fato não está justificada por nenhum indício explícito nas anotações de meu pai; trata-se de uma suspeita, mesmo uma suspeita que me ocorre agora, não sendo pois da época em que tomei conhecimento delas: que meu pai ter-se-ia apaixonado por Inês. Inverossímil? Tudo que se relata aqui tem esta característica, a inverossimilhança, de sorte que essa paixão não será mais surpreendente que os episódios já referidos ou ainda a referir, como o leitor poderá comprovar se persistir na leitura. Assim, ocorreu-me que meu pai, justo quem a princípio insinuara quanto à conveniência de um casamento entre Teodomiro e aquela solteirona "nem bela nem muito acesa na cama", com o tempo ter-se-ia caído de amores por ela — sem querer especular o que teria despertado esses amores, pois então já estaria indo um pouco longe demais; amando-a, deve ter-se revoltado com o sofrimento que o marido lhe impunha, mas habituara-se a resignar-se em nome dessa nascente religiosidade. É certo que, para livrá-la desse marido inconveniente, poderia tê-lo assassinado, ou com suas próprias mãos, ou pagando alguém que o fizesse, já que nunca fora um homem de escrúpulos, mas se assim tivesse agido desmentiria a religiosidade em que se iniciava e da qual fui testemunha na minha infância, ou seja, que se tratava de uma

religiosidade não só austera mas autêntica; se não o fez, é porque esse amor já operara nele mudanças, de forma que tal atitude não só não lhe ocorreria, como também lhe repugnaria caso ocorresse. Admitiria apenas fugir desta casa com Inês, conforme afirma ter-lhe proposto, mas uma vez que ela se recusara, restou-lhe apenas resignar-se e ficar. Reitero, todavia, que tudo isso não passa de meras considerações, e pode ser que em nada corresponda à realidade.

Em um trecho anterior do diário, meu pai relatou da seguinte forma como Teodomiro retirara os filhos de casa:

> *"Hoje Teodomiro deliberou mandar os dois filhos mais velhos para longe — parece que irão morar com uma espécie de tutor, ou algo assim, que se incumbirá de sua educação numa pequena cidade de interior. Não consegui que me dissesse onde, mas é certo que os manda para outro estado. Inês, vê-se no semblante dessa mulher infeliz o quanto a amargura essa idéia, o quanto lhe dói separar-se dos meninos, ainda que lhe reste o mais novinho, de quatro anos, e se sente desamparada e sozinha nesta casa de maldição. Não sei se a pobre mulher com efeito esperava ser feliz com esse homem, talvez tivesse ousado sonhar, talvez não se tivesse dado conta, em sua provinciana ingenuidade, de que há sonhos que mesmo para os que, como ela, nasceram em casa abastada, são absurdos, senão impossíveis.*
>
> *"Os meninos estão com cinco e seis anos e ainda não sabem que irão embora. A esse pai pouco amoroso não importa a separação, já que saiu de sua cabeça essa idéia, e aos meninos por certo não importará muito também. Não são apegados ao pai, que os ignora a maior parte do tempo, nem à mãe, creio que por uma herança natural de indiferença que já se percebe em ambos. Inês, é certo que finge não notar essa indiferença dos filhos por ela, pois de seu coração amoroso não pode ser desconhecido isso que salta aos olhos de quem vive aqui. Até mesmo entre os pretos ouvem-se comentários pelos cantos, e a um deles, dado à prática de rituais das religiões africanas, ouvi outro dia que vê nessas crianças uma sombra em suas almas, a sombra do Mal. (Até que ponto isso será crendice, até que ponto verdade? A julgar pelo pai que possuem, a mim não me espantaria descobrir nesses meninos inclinações homicidas.)*
>
> *"O velho Honorato Gomes, opondo-se à idéia do genro, veio tentar convencer esse homem empedernido a desistir. Vi que o afastamento dos netos, que tampouco por ele têm qualquer afeição, abalava-o, mas trata-se já de uma decisão, e em Teodomiro decisões sempre têm algo de irrevogável, mais ainda se perceber o quanto está ferindo alguém com elas. Assim, de acordo com sua vontade, os meninos em breve estarão longe desta casa, nalgum colégio cujos rigores hão de acentuar seu caráter arredio e cujos ensinamentos aguçarão seus espíritos em que já se descobrem cálculos e ardis."*

E noutro trecho, escrito dois anos depois, lê-se:

"Outra vez o desespero domina essa pobre mulher, já desequilibrada e doente: Teodomiro decidiu que também o filho mais novo deve ser mandado para fora de casa, e fixou a data: daqui a dois meses, quando tiver completado seis anos, o menino partirá. Mais uma vez foram vãs as súplicas, as lágrimas e, por fim, os gritos de Inês amaldiçoando o marido, suas investidas furiosas tentando alcançar-lhe a cara com as unhas afiadas.

"O que mais me surpreende nesses encontros entre ambos, quando ela parece possessa e mesmo capaz de matá-lo, é a calma com que ele lida com a situação: não a toca, a não ser para conter seus gestos, e mostra-se incapaz de esbofeteá-la. Sorri sempre, o sorriso breve, com um suave acento de ironia que lhe é próprio, e procura afastá-la de si, empurrando-a se não com delicadeza, tampouco com brutalidade até um sofá, uma cadeira, onde a deixa no mais das vezes entorpecida, sem forças para novamente levantar-se e atacá-lo."

.....

"…hoje o menino partiu, aos cuidados de uma preta e de uma freira que em vão tentou consolar a mãe.

"Inês parecia enlouquecida, e os pretos da casa, por ordem de Teodomiro, tiveram de segurá-la com força, contê-la, pois com brados e arremetidas era como se fosse saltar sobre aqueles que levavam seu filho embora. A religiosa incumbida de acompanhar a criança, diante da reação de Inês, mostrou-se alarmada e ponderou com o pai, perguntando se era certo separar assim uma mãe de seu filho. Teodomiro assumiu um ar de consternação e, puxando-a para um canto, disse: 'Irmã, como a senhora pode ver, minha mulher está enlouquecendo. Dói-me fazer o que faço, mas é para a segurança de meu filho… A senhora não sabe dos meus temores, dia e noite, diante da possibilidade de, num repente de loucura, ela apanhar o menino e… oh, Deus, tremo só em pensar!… é por isso que…' E a religiosa, edificada ante tal demonstração de cuidado por parte de um pai tão extremoso, saiu daqui convicta de que aquilo era mesmo o melhor a ser feito."

Inês morreu poucas semanas depois. Esteve casada menos de dez anos.

Uma anotação de meu pai, com data aproximada de dois meses mais tarde, assinala o início da derrocada de Teodomiro:

"Hoje ele caiu doente. Foi pouco depois do almoço: estava na varanda e parecia bem. Quando ouvimos a queda no assoalho corremos, e o encontramos estendido imóvel no chão. Veio o médico, examinou-o, coçou a

cabeça e ficou pensativo durante algum tempo. Por fim levantou os olhos para mim e disse, com um movimento de desânimo:

"— Não há nada a fazer. É esperar o fim.

"Não desejo ser profeta, mas se há justiça em Deus, no que creio agora com convicção, essa espera há de ser muito longa. A mim caberá parte do castigo, pois se estive com esse homem em todos os seus momentos, se o auxiliei em seus crimes, se lhe suportei os escárnios, deverei acompanhá-lo em sua agonia, cuidar dele como o faria uma mãe carinhosa ainda que não o ame como mesmo um estranho deve amar a outro estranho, e o vigiarei como um cão de guarda, ainda que como um cão que deseja devorar àquele de quem cuida."

Durou dez anos a agonia de Teodomiro e o devotamento de meu pai a ele.

Apesar de ter tomado conhecimento desses horrores em minha infância pelo diário onde meu pai — como se vê pelos trechos acima — descrevia com muito vigor e minúcia todos os acontecimentos daquela época turbulenta, e ainda que me tenha causado surpresa e até mesmo consternação descobrir nele um criminoso (mesmo que arrependido e a transformar seus últimos dias num contínuo e sincero ato de contrição), essas impressões foram, com o passar do tempo, se dissipando e dando lugar aos pensamentos próprios da infância — quando se é muito susceptível às influências, boas e más, mas também quando, nas circunstâncias em que eu vivia, a ingenuidade toma a forma de um remédio, uma panacéia que nos vai curando de todos os males. A famosa "hora do banho", por exemplo, já se atenuara o suficiente em minha memória para que me causasse alguma impressão — toda impressão ressurgiria mais tarde, mas naqueles dias era uma lembrança apenas esporádica. A morte inusitada de minha mãe deixara-me perturbado e doente: após o velório caí de cama por vários dias, durante os quais tive febre e mesmo cheguei a delirar; não digo, pois, que não me lembrasse dela nem afirmo que vez por outra, fechando os olhos no escuro, não revisse seu corpo pendurado no lustre da sala, mas o efeito que essa visão devia produzir em meu espírito já produzira, o tempo diminuíra a força do acontecimento e por fim, se me entristecia lembrar-me e me perguntava sempre por que minha mãe tomara tal atitude, qualquer coisa que em seguida me desviasse a atenção dessa lembrança seria suficiente para que não pensasse mais nela por muitos dias. Assim, mesmo tomando conhecimento dos horrores que tiveram lugar naquela casa, tudo parecia muito distante e de pouca relevância para o garoto que lia aquelas longas páginas manuscritas; uma história antiga e nada mais, cuja veracidade ou gravidade não entrava em cogitação. As confissões de meu pai, em que

se dizia culpado de tais e tais faltas, ao meu entendimento pareciam um tanto incompreensíveis, pois como é que um homem tão religioso podia ser culpado de atos tão graves? Pouco a pouco, à medida que crescia e relia essas confissões repletas de dor, fui compreendendo a extensão dos seus crimes e ao mesmo tempo, distante deles e de sua época, fui perdoando-os — não atino com a maneira correta de exprimir esse sentimento que não é claramente perdão, diria melhor talvez "fui fazendo vistas grossas", evitando pensar naquilo; lembrando apenas o pai dos bons momentos, que foram todos os que passei em sua companhia, e ignorando seus erros.

Senti falta de meu pai nos primeiros tempos: sua presença na casa ainda era muito forte, e se acaso saía à varanda, se descia à capela ou mesmo se entrava em seu quarto, lembrava seus ensinamentos, seu jeito de abrir a Bíblia e apontar um trecho qualquer, discorrer sobre a Palavra com vigor e por muito tempo sem repetir-se (acaso teria o dom da palavra, seria um orador brilhante se ousasse discursar em público, para uma audiência maior que a de ordinário — eu). Depois ficou apenas uma recordação, uma saudade que não doía, a atenção voltando-se agora para outros interesses. O diário que ele me outorgara (não como herança mas como obrigação, dever a ser cumprido), deixei-o esquecido numa gaveta e só de raro em raro o abria, lia aqui e ali um trecho, uma passagem, fazia uma anotação curta e outra vez ia guardá-lo na gaveta.

O tempo de retomá-lo ainda não havia chegado.

Eu vivia então o tempo de ser feliz.

Meus dias começavam sempre muito cedo. Acostumara-me a acordar por volta de seis horas nos meses quentes, entre novembro até fins de março, e só ficava até mais tarde na cama com a chegada do frio, a partir de abril. Ainda faz dias quentes em abril, mas já é outono; com a chegada de junho, sobrevindo o inverno com seu manto de umidade, a serra tornava-se muito fria, e naquelas manhãs cinzentas nada melhor que o conforto do quarto e dos cobertores. Nessas manhãs eu tinha sono, dormia até mais tarde, e só quando via o sol resvalar por minha vidraça é que punha o pé fora das cobertas. Então já seriam quase oito horas. Eu me espreguiçava, vestia-me e, ainda agasalhado, descia até a cozinha ao encontro de Rufina, que já pusera a mesa, o pão caseiro, a manteiga feita de nata, o café fumegando pelo bico do bule. Algumas vezes havia bolinhos, outras vezes panquecas; se hoje ela me surpreendia com uma gostosa torta de maçã, amanhã por certo teríamos pão frito na gordura de porco — Rufina sempre variava o café da manhã: conhecia meu gosto e se comprazia em ver-me comer com tanto apetite.

Quando fazia calor minha alegria aumentava. O sol que tinia no ter-

reiro, os aguaceiros que caíam ao entardecer, a vagabundagem pelos campos, tudo isso trazia para mim o fascínio da vida. Estar vivo tinha o jeito do sol nos dias de verão, das cores da primavera, da despreocupação de ser feliz. Ser feliz — eis no que se resumia o meu entendimento da vida, ainda que de uma forma inconsciente, pois, menino como era, não refletia nessas coisas.

Vendo-me tomar o café com tanta pressa e espiar pela janela, guloso, meu mundo lá fora esperando por mim, Rufina encarava-me com suas imensas bochechas reluzentes: "Calma, minino, tudo continua no mesmo lugar. As coisas não vão fugir, não é preciso pressa!" Em resposta, uma olhadela de pouco caso em sua direção, continuando a comer sempre apressado. Ao terminar, dava-lhe um beliscão na bochecha e punha-me porta afora.

Estava livre!

Então era escolher: podia ir pescar no ribeirão e trazer para o almoço algum bagre gordo e cheio de espinhas que Rufina fritava com aborrecimento, rezingando "será que esse minino não tem o que comer, que precisa trazer esses troços pra dentro de casa?"; também podia entrar pelo mato para caçar ninhos — esse fora meu passatempo em certa época, caçar ninhos, no que Rufina sempre me repreendia: "é pecado, minino, não vê que os passarim vão ficar tudo aflito por seus filhotim?", e eu replicava: "Mas Rufina, no ninho tem quatro, eu só vou tirar 'unzinho' para criar!". Sem dar mais atenção à negra, apanhava o filhote e passava dias e dias cuidando dele: punha-lhe grãos de arroz cozido no bico, dava-lhe água com um pinga-gotas, via-o crescer, emplumar-se, e quantas manhãs acordava ouvindo-o encher a casa com seus gorjeios! Se o passarinho morria, que dias de tristeza! Não queria mais sair de casa, perdia a fome, recusava-me a comer. Então lá vinha Rufina à hora do almoço com alguma novidade para que eu me alimentasse; com seu jeito gordo mas leve dizia palavras de encorajamento (que era um dia tão bonito pra eu ficar enfurnado dentro de casa, que fazia um sol excelente para um banho no ribeirão, que ela queria tanto fritar uns bagres para o almoço), corria os dedos pelo meu cabelo e prometia ir comigo, ela mesma, procurar outro ninho, trazer outro filhote, ajudar-me a alimentá-lo… Transcorriam-se os dias e essas dores de infância eram tão efêmeras que eu nem sei dizer como desapareciam, pois na semana seguinte eu já roubara outro filhote de um ninho qualquer, e recomeçavam os cuidados: os grãos de arroz cozido no bico, a água em pinga-gotas, a vigília ao lado da gaiola, e por fim, ei-lo mais uma vez crescendo, emplumando-se, e mais uma vez podia ouvir gorjeios todas as manhãs…

Nessas minhas vadiações ocorreu-me certa vez, tendo saído a cavalo, chegar a uma fazenda abandonada. Eu não completara ainda onze anos,

só de raro em raro afastava-me tanto de casa (o casarão perdido no meio do matagal ficava a cerca de três léguas das Oliveiras), e foi com surpresa que ao chegar num descampado avistei a velha construção quase inteiramente em ruínas. Aproximei-me devagar receando ser surpreendido por alguém, muito embora o lugar parecesse de todo abandonado. Lembrando-me de algumas histórias contadas por meu pai acerca dos Honorato Gomes (e também de coisas que havia lido em seu diário), deduzi — com acerto, conforme soube depois — que aquela fora sua casa, cujas terras desde antes da morte de seu proprietário haviam sido anexadas às de Teodomiro. O mato crescera muito em volta e para alcançar o terreiro em frente tive de amassar o capim alto com um pau e pisá-lo até abrir um trilho. Do terreiro era mais visível o estado de abandono da casa: as paredes descascadas, o branco da cal cedendo lugar ao ocre do barro, mostravam largas rachaduras, e o gradil carunchado da varanda parecia ter sido quebrado em vários lugares; janelas e portas haviam sido arrebentadas (talvez por algum ladrão ocasional) e depois pregadas de qualquer maneira com tábuas; subindo à varanda verifiquei que o telhado ruíra parcialmente, havia ripas soltas e muitas telhas tinham caído e se espatifado no assoalho, agora repleto de cacos. O madeiramento, contudo, parecia sólido ainda, e só por isso a casa permanecia de pé, apesar de todos os temporais que vinha enfrentando ao longo dos anos. Contornando o casarão e encaminhando-me para os fundos pude espiar para dentro: as folhas de diversas janelas haviam caído e ninguém se preocupara em pregá-las outra vez; através de uma delas notei um salão espaçoso com uma porta ao fundo, e de um lado uma escada que conduzia ao segundo pavimento. Espiando pelas outras janelas ia assistindo ao que sobrara dos melhores dias da família Honorato Gomes: porões escuros, quartos, salas, corredores vazios, alpendres apodrecidos… Não me animei a entrar na casa, e olhando em volta procurei em que direção deveria haver um lago cercado de árvores onde o velho fazendeiro tinha por hábito passar as tardes ao lado de sua mulher, enquanto esta se distraía com seus crochês e bordados, e observando a filha que se isolava noutro banco a folhear um livro. Mas não consegui encontrar o lugar, embora pela descrição contida no caderno de Edgar fosse próximo de casa. Devia, contudo, haver um rio por ali, pois era possível ouvir um ruído de água rolando entre pedras. Com efeito, ao meter-me pela vegetação, onde esta se fazia mais rala, descobri um bosque de árvores muito iguais e de madeira nobre de onde provinha com mais força o rumor de águas. Um rio corria por perto, e fora dele com certeza que Honorato Gomes puxara um córrego para abastecer o lago, mas do córrego, do lago, do jardim — nenhum vestígio restara.

Não comentei em casa minha aventura daquele dia, mas à noite em

meu quarto abri mais uma vez o diário escrito por meu pai e li suas anotações, suas referências às visitas de Teodomiro à casa dos Honorato Gomes, tudo que ficara sabendo dos hábitos, costumes e temores do fazendeiro através das conversas que entretinham, mesmo alguns segredinhos e mazelas de família que não raro vinham à tona.

As referências de meu pai nesse ponto não deixam de ser interessantes: ao visitar os Honorato Gomes, Teodomiro costumava ficar às vezes uma tarde inteira conversando ora com o pai, ora com a filha. Com esta falava de trivialidades, ela punha-se a relembrar a mãe e seus bordados (e como houvesse guardado muitos deles, mostrava-os a Teodomiro enaltecendo a beleza do trabalho), queria sempre saber alguma coisa da vida mundana na qual não fora iniciada, "afinal, o senhor compreende, vivendo nesses recantos…" e ficava a ouvi-lo com encantamento referir as festas e o luxo das capitais, as damas que desfilavam em vestidos da última moda, os espetáculos nas casas de ópera… Com o pai o assunto seria mais sério, talvez mais íntimo, pois Antenor em algumas ocasiões fizera confidências, "minha pobre filha, senhor Teodomiro, como o senhor sabe, não demonstra inclinação para o casamento. E que esperanças pode ter um velho como eu, a não ser num neto que dê continuidade à família?"

Dessas visitas resultou o que poderia ser, para o velho, uma esperança efetiva de netos: Teodomiro pediria a mão de Inês, que não lhe sendo indiferente — pelo contrário, espichava para ele olhos famintos de solteirona sem contato com a carne e que em seu íntimo já temia envelhecer sem conhecer homem — nem mesmo relutou quando o pai lhe referiu as intenções do cobiçado vizinho. (O leitor poderá interpelar-me neste ponto, afirmando que eu me contradigo, pois é certo que no início eu me referi a uma Inês indiferente aos partidos que lhe apareciam e ao casamento que a privaria dessa solidão a que se acostumara. Sim, faz-se necessária uma explicação, ainda que mais uma vez eu me veja na iminência de fazer deduções: a meu ver, a indiferença de Inês perante seus pretendentes e, por conseguinte, em face do casamento, devia-se tão só aos partidos que se lhe haviam apresentado até então. A Inês por certo não preocupavam questões relativas a bens materiais, é certo que os moços que a cortejavam viam nela um belo pé-de-meia, mas não seriam também desprovidos de recursos: no mais das vezes, rapazes e mesmo homens maduros que, ou herdariam, ou já haviam herdado, mas que de qualquer maneira pretendiam aumentar seu patrimônio. Assim, faltava a Inês um homem diferente de todos aqueles que conhecera, e esse homem ela o encontrou na pessoa de Teodomiro, não pela fortuna que acaso possuísse, mas por tudo mais que se podia enxergar nele: sua figura, seu mundanismo, suas medalhas… Então o casamento passou a ser o

principal senão o único motivo de sua vida, e o risco de permanecer solteira, de não conhecer o leito daquele homem a quem passara a cobiçar devia apavorá-la. Em resumo, Inês estava apaixonada, e dizendo-se isto está dito tudo.)

Não retornei logo ao casarão em ruínas, e nem tinha por que ir lá. Mas um outro episódio envolvendo casas abandonadas, cujos efeitos sobre mim foram bem mais contundentes, deu-se algum tempo depois. Já havia completado treze anos, ou faltaria pouco para completá-los, e como da vez anterior — por ter saído a cavalo e desejar ir o mais longe possível — afastei-me bastante de casa certo dia. Tomei um caminho diferente na altura em que a estrada, bifurcando-se, seguia à direita em direção dos Honorato Gomes, e à esquerda penetrava mais fundo na mata. Segui pela esquerda, mergulhei na mata e assim cavalguei sozinho toda a manhã sem encontrar ninguém durante o percurso. O arvoredo estendia sua galhada sobre o caminho, que em alguns pontos se convertia num mero trilho coberto de relva sem nenhum sinal de alguém ter passado por ele recentemente, o que me fazia crer que, ou aquele seria um caminho abandonado, ou os moradores — se é que havia — raro saíam de casa. O trilho no meio da mata parecia não ter fim, e depois de muito tempo de cavalgada — duas horas, talvez mais — eu apenas insistia em dobrar mais uma curva, seguir até o fim de uma reta ou chegar ao topo de uma subida, curioso em ver o que havia do outro lado. Do outro lado, porém, continuava o trilho, o caminho, a vereda, e apenas a mata podia ser vista estendendo seus galhos que se roçavam com um suave rangido e, além deles, o céu, o sol a anunciar o meio-dia. Pude observar uma coisa curiosa durante todo o percurso: em alguns lugares o caminho apresentava-se tão estreito que mesmo um cavalo passaria com certa dificuldade, noutros porém alargava-se de modo que poderia seguir por ele com folga uma charrete, e às vezes parecia-me descobrir sob a relva suaves depressões como se por ali em outros tempos houvesse trafegado com freqüência uma charrete, uma carroça ou condução similar. A região de Pilar há não muito tempo passara por uma grande transformação — e por que não dizer decadência —, muitos engenhos e granjas haviam falido, fazendeiros endividados, pressionados pelo impiedoso Teodomiro (não apenas o sogro, o velho Honorato Gomes, fora vítima dele), venderam suas terras por preços muito abaixo do real valor e, quase na miséria, partiram para outras paragens. Em pouco tempo a região que parecia próspera converteu-se num novo deserto que a mata ameaçava abraçar outra vez. O arraial vira sua população reduzir-se a menos da metade e se transformou de uma pequena cidade que progredia num povoado prestes ao esquecimento devido a sua pouca importância. Assim refletindo, compreendia que era provável ter havido ali

noutra época uma estrada larga por onde passassem com freqüência até mesmo alguns coches e carruagens transportando ricas senhoras provincianas, acompanhadas de suas filhas casadouras e de seus respeitados maridos. Disso davam conta não apenas os sinais visíveis ainda no chão, como os próprios registros de meu pai em seu diário, onde em algumas ocasiões se referira a passeios não só a cavalo mas também em carro fechado. Seguia distraído com esses pensamentos quando vi, numa encosta a descambar para um vale estreito e voltada para o oeste, uma outra casa — outra fazenda que, a exemplo da anterior, apresentava também claros sinais de abandono. Detive o cavalo e fiquei olhando a casa não com surpresa (afinal, não é improvável encontrar uma casa ao fim de um caminho) mas com um sentimento estranho que mesmo hoje tenho dificuldades em descrever. Não posso dizer que houvesse algo de premonitório nele, um sentido de alarme ou prevenção, nenhum pensamento ocorreu-me de imediato, apenas fiquei parado olhando o casarão cercado por árvores de cujos galhos pendiam compridas barbas-de-velho, e cujas paredes mostravam-se tão devastadas quanto as da fazenda Honorato Gomes. Fazia silêncio no lugar, vez por outra vinha de longe, do meio da mata, o grito agudo de um pássaro ou o guinchar dos micos escondidos na folhagem, e em seguida restabelecia-se a quietude para voltar a romper-se depois, da mesma maneira. Haveria alguma coisa de anormal ou mesmo singular nessa quietude?, perguntava-me, sem contudo formular a pergunta com clareza e sem decidir-me por uma resposta afirmativa (ainda que um leve receio começasse a inquietar-me), pois naqueles ermos o que poderia haver de mais comum que uma quietude, um silêncio assim? Refletia somente, suspeitava, e enquanto isso fui me aproximando devagar através do vale, onde o caminho era outra vez largo e recoberto de vegetação rasteira, indo parar no meio de um grande terreiro cheio de mato, defronte a uma varanda nos fundos da qual janelas e portas permaneciam fechadas como cofres.

Para minha surpresa, no entanto, descobri ali algo que não encontrara na fazenda dos Honorato Gomes: sinais de ocupação. Por mais evidente que fosse o estado de abandono, havia alguém morando ali! De repente ouvi um ruído de passos vagarosos vindo de dentro, como se pisassem o assoalho de madeira talvez com furtivo cuidado. O som de passos silenciou e alguns minutos depois, límpido no ar claro do meio-dia, ouvi o tinir de um instrumento de metal — um talher? uma caneca de alumínio? — caindo em algum cômodo, talvez na cozinha.

Minha curiosidade instigou-me a descer do cavalo e tentar descobrir alguma coisa pela entrada dos fundos. Onde quer que eu andasse, contudo, via que mesmo junto às paredes e sobre a calçada há muito o mato não era cortado, as grandes árvores em volta estendiam seus galhos

acima do telhado, e as longas barbas-de-velho com o movimento produzido pelo vento tremulavam feito flâmulas, ou arrastavam-se sobre as telhas, sobre os beirais, como curiosos dosséis. Deixei de divagar quando cheguei aos fundos da casa onde, da mesma forma, via-se um espaço muito amplo e tomado pelo matagal: bem adiante o mato tornava-se mais alto e ia visivelmente adensando até converter-se numa capoeira e por fim em mata fechada, na qual sobressaíam as árvores mais altas; uma pequena área do quintal fora limpa há pouco, o gramado apresentava-se plano e regular, e como houvesse algumas peças de roupa estendidas sobre a grama deduzi que servia de quaradouro; sob uma coberta avarandada havia uma espécie de tanque junto ao qual um negro de carapinha branca parecia lavar e descascar legumes para o almoço, tão distraído que não deu pela minha presença. Sem levantar a cabeça disse para dentro da cozinha alguma coisa que não entendi; uma negra também velha apareceu à porta e, também sem perceber-me, disse:

— A sinhá não tem pressa, pra que esses resmungos agora?

Então estremeci: atrás da negra vi aparecer uma velha — a "sinhá" — que não deixou de me avistar junto ao oitão da casa bisbilhotando a breve cena entre os negros: cravou-me a distância seus olhinhos sumidos entre as rugas, mas que eu podia adivinhar no fundo de suas olheiras escuras com o mesmo brilho cheio de mistério, talvez de horror, que já conhecia. Era então ali que arrastava sua vida de culpas e remorsos a viúva Fragoso, que com Teodomiro e meu pai assolaram aquelas terras com seus crimes! E vivia ainda!, eu me espantava, pois desde a morte de meu pai não mais tivera notícias suas a ponto de ter-se-me apagado da memória qualquer lembrança, e se naqueles anos em alguma ocasião recordei-me de suas antigas visitas, foram recordações fugazes, lampejos que não se fixavam, logo desviados por outros interesses próprios da idade. Vivia ainda, apesar de centenária! Ficamos a nos contemplar durante — que sei eu? — um minuto, dois… um tempo indefinível, ainda que eu não saiba dizer se curto ou longo. Também não senti medo, pelo menos de imediato, e agora eram os negros que me olhavam com surpresa, longe de esperar por uma visita àquela hora, àqueles dias esquecidos do mundo… mas logo me refiz: não estou bem certo se sobreveio por fim o medo, não sei descrever a mistura de sentimentos que me agitaram, confundindo-me o entendimento; apenas saí correndo, saltei sobre o cavalo e afastei-me de lá a galope.

Tampouco dessa vez referi a Rufina o inesperado encontro daquele dia. Sozinho à mesa, pois a hora do almoço já havia passado, comi sem dizer nada, ou melhor, disse apenas ter saído para cavalgar, indo mais longe que de costume. À tarde fui até o ribeirão, por lá me demorei — já anoitecia quando entrei em casa.

Mas não era só de andar à toa que meus dias eram feitos. Às vezes acordava sem vontade de sair: olhando pela janela, a solidão dos campos tinha para mim um ar de suave agonia com sua quietude iluminada pelo sol. Chegando à varanda, espiava o terreiro, ia até a borda do penhasco vigiar a amplidão: o sol queimava; nas vertentes cobertas pelo arvoredo uma rara brisa fazia ondular as copas, cigarras prolongavam seu canto no calor abafado… não tinha vontade de entrar na mata, não me atraía a idéia de nadar no ribeirão, mas alguma coisa instigava-me a voltar para dentro de casa: eu então me recolhia à biblioteca para ler. É verdade que no inverno eu passava mais tempo na biblioteca, e nos dias de chuva dividia-me entre os livros abertos na mesa e a janela — agradava-me ficar espiando a chuva, ver os pingos baterem em rajadas na vidraça, escorrerem pelo vidro, o vento projetando para cima e para baixo a galhada das árvores. Depois de entreter-me durante muito tempo em olhar a chuva, voltava para a leitura, e a comodidade da poltrona macia, o calor dos agasalhos e mesmo a luz que ia morrendo no entardecer enquanto a chuva persistia fustigando lá fora, a satisfação de poder estar ali e gozar do conforto do lar, com a certeza de que em breve Rufina entraria levando um lampião aceso e ralhando-me porque "ler no escuro faz mal às vistas, minino, será que 'ocê não sabe?", enfim, todas essas miúdas alegrias ao mesmo tempo que me enchiam de contentamento proporcionavam-me uma sensação de grande segurança como se todas as coisas girassem ao redor de mim — porque era para mim que Rufina trazia o lampião, era comigo que se preocupava ao preparar uma novidade para o café da manhã, e mesmo ao ralhar-me, era ainda em meu bem-estar que estava pensando. Até mesmo Florêncio, com quem meus contatos não eram tão freqüentes visto que passava mais tempo nas ocupações de fora, junto aos poucos colonos restantes, até mesmo Florêncio, fazendo-se mais íntimo, vez por outra conduzia-me pela mão a um passeio pela propriedade, onde já não havia muito para ver, o que no entanto sempre nos proporcionava alguma distração, principalmente a mim, que tinha então oportunidade de estar mais próximo das pessoas e falar com elas. Pode parecer estranho que apenas durante esses passeios ocasionais com Florêncio eu conversasse com pessoas de fora, mas era o que acontecia pois no mais das vezes eu mesmo, e não sei bem por quê, tratava — sem o perceber — de me afastar de todos e isolar-me com meus pensamentos, mantendo-me alheio ao que acontecia à minha volta. Sabia apenas que as Oliveiras não produziam mais como noutros tempos, os colonos restantes eram poucos e diminuíam de dia para dia, como se depois da morte de meu pai se tivesse extinguido o interesse em continuar ali; sabia disso, mas não me ocorria que uma administração eficiente pudesse mudar a situação —

Florêncio não era eficiente nem ineficiente, talvez não tivesse interesse em tomar atitudes decisivas —, e os acontecimentos seguiam seu curso sem que eu me sentisse afetado por eles. Bastava-me para ser feliz o conchego do lar, o carinho de Rufina, os passeios ocasionais com Florêncio, os livros da biblioteca que pertencera a Teodomiro e todas essas pequenas coisas que aos poucos compunha minha infância. Essas pequenas coisas, eu as fui assimilando instintivamente, sem que alguém precisasse falar-me delas para perceber seu valor; e se em algum momento, pensando por exemplo na pobreza desses últimos colonos, eu me dizia: "Não, eu não me acostumaria a dormir numa cama sem um colchão macio", ou "deve ser muito ruim estar numa casa pequena e sem livros num dia de frio ou de chuva, como as casas dos colonos", noutro eu reconhecia por fim que para eles, para aqueles homens e mulheres habituados aos rigores de sua vida simples não faria falta o meu colchão, e os livros não teriam uma utilidade maior que os gravetos que usavam para acender o fogo, e que sua pobreza, longe de ser um entrave em suas vidas era um estímulo a conquistar seus sonhos, que não seriam grandiosos mas apenas suficientes, conquistas pelas quais já não lutariam ali, mas noutras paragens para onde aos poucos iam se retirando. Florêncio levava-me, e eu me deixava levar pois aprazia-me estar em sua companhia. Ele, ao fim desses passeios, não poderia dizer "se o patrão chegar amanhã, não terá do que se queixar", pois se o homem com quem meu pai se correspondera fosse exigente haveria muito que reprovar na conduta de um encarregado tão sem interesse; mas costumava perguntar se eu havia gostado da caminhada, e eu fazia que sim com a cabeça. Às vezes ele parava diante de uma casa de colono abandonada e, esquecendo por algum momento minha presença, murmurava consigo mesmo qualquer coisa sobre o crescente abandono das terras, e em seguida virando-se para mim dizia: "Não lhe parece, menino, que as coisas estão um pouco aos deus-dará?" e de novo eu fazia que sim, querendo saber por que todo mundo estaria se mudando, mas Florêncio não tinha nunca uma resposta satisfatória, fazia um gesto de indefinição com as mãos e depois de um suspiro queixava-se: "Não sei, menino. Não entendo… creio que são os tempos…" e logo seguíamos caminho sem que essas considerações tivessem maior importância: fosse o que fosse, "os tempos" como ele dizia ou o desejo de mudança daquela gente, ou só a desesperança de cada um quanto a continuar na terra onde haviam nascido, logo minha atenção era desviada por outra coisa, uma curiosidade qualquer, uma dúvida, uma pergunta, e já Florêncio apontava noutra direção, dizia algo, e outra vez a despreocupação da infância habitava em mim.

Referi no capítulo anterior como teve início minha educação: com a leitura da Bíblia, nas ocasiões em que meu pai, chamando-me para junto

de si e abrindo as Escrituras em qualquer página, apontava-me uma letra perguntando-me se a reconhecia. Quando ele me fez essa pergunta pela primeira vez eu teria entre quatro e cinco anos, e devo tê-lo olhado com espanto pois está visto que eu não compreendia aqueles sinalzinhos pretos que enchiam as páginas e o via examinar com tamanha atenção. Minha mãe muitas vezes dizia-me: "Não vá atrapalhar o papai, que está lendo agora", então eu me afastava, ia brincar longe dele para não incomodá-lo. Mas um dia ele me chamou e apontou para mim as páginas repletas de "sinalzinhos", e quando demonstrei espanto diante do que via, disse-me: "Este livro, meu filho, conta uma história muito bonita, a mais bonita que se pode ler, porque é a história do mundo", e ficou olhando-me para ver que impressão causara. Percebendo que eu não havia compreendido, disse: "Não entendeu, não é?", e eu confirmei com a cabeça. Então ele apontou para fora, o quintal, os morros, o céu: "Veja, há sol lá fora, mas quando chega a noite o que vemos no céu?", "A Lua!", "Sim, a Lua, e também estrelas, muitas estrelas. Já experimentou contar as estrelas, para saber quantas existem?", e eu balancei a cabeça sorrindo, não porque me parecesse absurdo contar as estrelas, mas por não ter a menor idéia do significado de "contar". "São tantas" prosseguiu meu pai sem se aperceber da minha ignorância, "que ninguém pode contá-las. Mas, por que as estrelas estão lá em cima? Por que a Lua aparece no céu certas noites, e por que o sol está agora brilhando?", e eu devo ter feito uma cara muito engraçada pois meu pai riu e disse: "Alguém colocou as estrelas, a Lua, o sol lá em cima, não lhe parece? E alguém deve ter colocado a Terra aqui embaixo. Mas… quem fez isso?" Dei de ombros, pois questões como essa nunca me haviam ocorrido, como estou certo não ocorrem a nenhum menino dessa idade. "Este livro" e meu pai ergueu a Bíblia, dando uma pancadinha na capa, "este livro conta quem colocou lá em cima as estrelas, e também quem pôs a Terra aqui embaixo e criou tudo que existe sobre ela. Eu quero ensinar-lhe a ler, João, para que você também possa conhecer a História Sagrada", e foi assim que nesse dia meu pai iniciou minha educação, pacientemente, ensinando-me os números e os valores que representavam, as letras e o modo de reconhecer os sons que produziam quando se reuniam, como elas se agrupavam para formar as palavras e como com essas palavras podiam compor-se todas as frases que pronunciávamos… Meu vocabulário começou a enriquecer com palavras novas para mim: culpa, castigo, arrependimento, pecado, maldição, dor, sofrimento e outras tantas de que aquele livro assustador estava repleto. Minha formação intelectual foi, portanto, paralela à minha formação religiosa, e assim por exemplo para saber se eu havia compreendido bem os sinônimos meu pai abria no Gênesis, apontando para o primeiro capítulo: "Aqui

fala da Criação, filho. Dê-me um sinônimo de criação", ou, se desejasse verificar o que eu aprendera sobre a derivação das palavras, apontava-me no Êxodo a história do bezerro de ouro perguntando-me de que palavra derivava 'idolatria', e assim por diante, "conjugue o verbo crucificar, dê o plural de 'tormento infernal', diga de que gênero é a palavra serpente…", e para constatar se eu era capaz de fazer uma interpretação de texto correta, mandava-me ler alguma passagem escabrosa, como a da crucificação de Cristo ou a que narra o assassínio dos inocentes, e fazia-me perguntas depois.

Meu aprendizado foi bastante rápido: ao fim de um ano eu era capaz de ler com facilidade, e meus conhecimentos de matemática permitiam-me muito mais do que tão só identificar o número da Besta. Apesar do método um tanto singular de ensino, da cartilha bastante incomum, não tive dificuldades, seja porque eu me aplicasse às lições com verdadeiro interesse, seja porque com seu carinho, sua voz mansa, meu pai conseguisse fazer delas uma atividade agradável. Logo esse aprendizado mudou de rumo: já não eram as questões da língua que se discutiam, já não era dos verbos, dos substantivos que se falava naquelas tardes: a língua passou a ocupar um espaço bem pequeno durante as aulas, porque meu pai logo que pôde fez-me ingressar na compreensão da Bíblia. Narrava-me em breves palavras um livro inteiro, o Livro de Jó, por exemplo, contava-me sua história de maneira sucinta, e depois mandava-me ler um ou outro capítulo. Eu sabia então que nos dias seguintes ele falaria sempre sobre a história de Jó, far-me-ia compreender suas provações, sua fé, sua resignação e sua vitória sobre o diabo. Esgotaria assim aquele livro de uma forma que minha cabecinha de criança pudesse compreender com facilidade e, com facilidade, fixar as lições ministradas. Se alguma passagem parecia-me cruel, se ia de encontro à minha noção ainda incipiente de certo e errado, então ele fechava o livro e dizia com voz pausada: "Os desígnios de Deus estão, muitas vezes, além da compreensão humana, meu filho. Você estaria certo em seu raciocínio se, além dele, não houvesse a sabedoria divina. Mas haverá tempo para que você alcance esses mistérios, e se lhe for concedida a graça, a compreensão virá para você como uma luz que se acende dentro da noite, e a tudo ilumina com fulgor." Sua voz mansa porém foi, pouco a pouco, à medida que o objeto de estudo se deslocava da língua para a compreensão daquela estranha cartilha, dando lugar a uma ênfase que não raro me assombrava. Não que a entonação de sua voz se alterasse ou ele se exaltasse quando eu opunha uma observação ou dizia não compreender suas explicações: meu pai em nenhum momento irritava-se comigo. Era seu natural tratar de assuntos cruéis e enfatizar os mais escabrosos episódios bíblicos com frases vigorosas, plenas de convicção, acentuadas de tal

maneira com a expressão de seu rosto que o que antes me parecia leve e até mesmo inócuo atormentava-me agora e me punha medo.

Nos anos seguintes posso afirmar não ter lido quase nada além da Bíblia, cujo ensino metódico me era ministrado por meu pai todas as tardes. Mas se por um lado eu me assustava com tais ênfases e expansões da parte dele, por outro não me era desagradável essa leitura sistemática, esse aprendizado teológico, e acredito não estar mentindo se disser que então me pareciam verdades acima de toda prova (ainda que em muitos momentos, como deixei entrever, eu questionasse meu pai, pusesse em dúvida certa afirmações — suas ou das Escrituras, o que no fim seria o mesmo, pois ele nada afirmava que nelas não tivesse eco) as histórias contidas nas páginas sagradas, pois a descrença levaria muitos anos ainda para habitar meu coração e minha razão obstinada.

Com a morte de Edgar passei a vasculhar a biblioteca da casa, onde antes não havia entrado talvez uma dúzia de vezes, e conquanto vez ou outra ainda lesse um salmo ou um capítulo do Evangelho, meu interesse começou a se voltar para os clássicos profanos, cuja leitura divertiu-me em alguns momentos, perturbou-me em outros, encantou-me sempre. A biblioteca não era vasta, quatro ou cinco centenas de volumes se tanto, mas a seleção dos títulos passava, sem exagero, por primorosa, e tanto de literatura clássica quanto de história geral e mesmo história natural e geografia consegui adquirir suficientes luzes, considerando as circunstâncias, e talvez tivesse aprendido muito mais se mais me tivesse aplicado.

Aos quinze anos eu me havia convertido num rapazola espigado de corpo, de faces coradas e constituição se não rija, também não por demais delicada. Eu era o resultado sem discrepância da formação que tivera: saudável, tendo levado sempre uma vida tranqüila, sem grandes preocupações nem graves problemas.

Mas não nos adiantemos. Foi no meu começo de adolescência, aí pelos treze anos, que descobri um volume caído atrás de uma das estantes, livro que não era possível identificar e que talvez por isso atraiu minha curiosidade, mas como foi difícil desentocá-lo de seu esconderijo! Não era possível alcançá-lo com o braço, a estante estava próxima o suficiente da parede para que eu não pudesse avançar o corpo pelo espaço entre ambas, e tão pesado era o móvel que mesmo vazio um homem só não conseguiria arredá-lo. Com uma vara tentei fazer o livro subir parede acima ao mesmo tempo que o ia puxando para a minha direção, e quando pensei que o tinha nas mãos, eis que o teimoso escapole, mergulha outra vez nas profundezas e vai engastalhar-se bem embaixo, entre uma saliência da tábua e uma irregularidade da parede. Aí caiu, aí ficou por muitos dias, sem que minhas tentativas subseqüentes de recolhê-lo tivessem mais êxito que a primeira. Resignado, resolvi esvaziar a estante

para afastá-la, e quando Florêncio a meu chamado entrou na biblioteca espantou-se com a desordem dos livros empilhados sobre a mesa, as cadeiras, ou mesmo amontoados no chão; espantou-se mais ainda com o peso do respeitável móvel de jacarandá enegrecido e teve de chamar mais três colonos para movê-lo alguns centímetros; seu espanto foi maior ao compreender que todo aquele trabalho se dera por causa de um único livro, ainda que volumoso. "Com tanto livro nas prateleiras! Esse menino…"

O volume estava bastante ralado e comido de traças devido ao longo tempo que permanecera entalado e esquecido atrás da estante, amarelado por causa da sujeira e da antigüidade, mas ainda legível, e mais, muito mais curioso que tudo que lera até aquela data — pois não era outro senão um exemplar do Decamerão que acabara de descobrir.

Devo dizer, para não fugir à exatidão quando se me oferece oportunidade de ser exato, que a princípio me senti enfastiado: embora tenha passado bem pelo breve e filosófico *Proêmio*, mais por ser breve do que por ser filosófico, veio a longa e fastidiosa *Primeira Jornada* (pareceu-me então fastidiosa, apesar de relatar a escabrosa pestilência que atingira a cidade de Florença no ano de 1348), e momentos houve em que o largava de lado e punha-me a divagar, ia espiar pela janela, não raro desistia de continuar lendo naquele dia e era com tremendo desânimo que no dia seguinte deparava com ele em cima da mesa, cogitando em retomar a leitura; compreende-se, eu era apenas um menino, lera já uma coisa e outra, mas o gosto pela leitura ainda não se instalara de todo em mim, e se eu me preocupara em desentocar o livro de trás da estante, agi movido tão só por uma natural curiosidade já que, não sabendo de que obra se tratava, não poderia ter *a priori* qualquer interesse por ela; começar a ler aquelas páginas cheias de letrinhas miúdas (bem menores que nos outros volumes) fora apenas uma conseqüência do grande trabalho que tive em recolhê-lo de onde estivera perdido até então. Devo acrescentar, pois, e ainda para não fugir à exatidão do relato, que desisti de chegar ao final da primeira jornada e cada vez com maior desânimo passei a folhear o livro, admitindo para mim mesmo que não havia valido a pena tanto esforço. Deu-se porém que a certa altura apareceu uma ilustração que ainda não havia percebido, depois outra, e o desejo de verificar quantas ilustrações havia no livro fez que eu continuasse folheando-o. Além do mais eram ilustrações, algumas vezes, bastante curiosas: parecia que o editor tivera o cuidado de selecionar, ou encomendar, desenhos e gravuras que realçassem o lado licencioso da obra, pois, por exemplo, para a quarta novela da primeira jornada viam-se, explicitamente, uma mulher nua curvada sobre a cama de forma a projetar para o alto suas volumosas nádegas, e um padre que soerguia a batina, exi-

bindo seu pênis ereto — figura que não ilustrava com muita fidelidade a história, assim como seria, noutras circunstâncias, dispensável o desenho a bico de pena escolhido para a segunda novela da segunda jornada: um homem nu deitado no leito e, sobre "suas partes", uma mulher também nua confortavelmente sentada.

Está visto que tais ilustrações despertaram-me o interesse pelas novelas, e minha primeira leitura do Decamerão deu-se de maneira salteada: li antes as novelas cujas ilustrações mostravam cenas sensuais. Através dessas leituras iniciei meu aprendizado acerca de algo para o que fora precocemente desperto na minha hora do banho, aos cinco anos de idade.

Após a morte de minha mãe, é preciso que se diga, as coisas que aconteciam na hora do banho — e que, como já foi dito, no mais das vezes tinham continuidade após o jantar, quando minha mãe punha-me na cama — foram caindo no esquecimento, de forma que após certo tempo (e mais que o tempo, o mistério dessa morte e o abalo que me causou contribuíram para isso) não eram mais que lembranças sem consistência.

Se em alguma rara vez a experiência das antigas horas do banho me levavam a botar a mão dentro das calças e acariciar meu piruzinho duro, a coisa não ia muito longe e parava logo por aí, pela simples razão de que eu não sabia o que fazer. Não pretendo negar que essas carícias não me proporcionassem prazer, mas como nunca progredissem, entediavam, e com o tédio essas já diluídas lembranças permaneciam no seu desterro, nunca levando-me a pensar de contínuo nos assuntos do sexo.

Assim cheguei à adolescência sem dar-me à prática do prazer solitário a que muitos garotos costumam entregar-se antes — e mesmo após — suas primeiras experiências com mulher. Mas a leitura do Decamerão, melhor dizendo, dessas novelas, e mais ainda as ilustrações com toda sua explicitude, fizeram bulir alguma coisa em mim: a leitura abria-me as perspectivas de uma atividade nova, prometia prazeres desconhecidos que eu apenas imaginava; as figuras insuflaram minha curiosidade e examinando-as experimentei pela primeira vez o desejo em toda sua intensidade. Outra vez — e agora de uma forma obcecada — punha-me a acariciar o pênis, e ao senti-lo enrijecido apertava-o com força e desespero entre os dedos a ponto de provocar dor. Que dias passei então com aquele livro diante de mim, a porta da biblioteca trancada para evitar surpresas, e desejando fazer aquilo que as figuras demonstravam em suas posições estranhas e surpreendentes! Certo dia bateu-me à porta Rufina, e quando fui abrir — não sem antes esconder o livro numa gaveta e substituí-lo sobre a mesa por outro — devia ter as feições um tanto congestionadas, pois ela me olhou com ar de estranheza perguntando-me se eu estava bem, "…que 'ocê tá com uma cara, minino!"; eu

respondi que não era nada, sentia-me perfeitamente bem, e perguntei o que ela queria. "A comida tá na mesa" ela disse, recomendando-me que não demorasse pois passava das sete e meia, e só então percebi que já havia anoitecido. Imaginei então como seria fazer "aquilo" com a negra, mas logo um sentimento de pudor dominou-me, pois Rufina era muito mais velha, não possuía quaisquer atrativos e ao mesmo tempo tinha comigo cuidados de mãe. O respeito que devia devotar-lhe interpôs-se entre meu desejo e minha razão, pois esta dizia-me apenas que em Rufina eu encontraria um espécime repulsivo por sua aparência física e o fedor de suor que por certo lhe encontraria no corpo após um dia de labuta pela casa. Percebi então que nem sempre dominamos nossos pensamentos, e que estes podem ser às vezes traiçoeiros e perigosos. A lembrança de minha mãe sobreveio-me naquela noite com uma força desconhecida, e no prazer que me fizera sentir na infância encontrava o sabor do mistério: pois Ismália naqueles momentos deixava de ser a mãe para assumir uma nova personalidade, a de uma mulher perdida a aplacar seus desejos no próprio filho ainda criança, talvez por medo de trair o marido com um dos serviçais, talvez por desvario, talvez… por quê? E ainda que tais reflexões devessem despertar-me pavor, na verdade excitavam-me — e eu reconheci que meus próprios desejos, exacerbados e incontinentes, só seriam por sua vez aplacados quando eu mesmo encontrasse o caminho do prazer que me conduzisse à saciedade. Naquela noite mal preguei os olhos, e ao acordar na manhã seguinte, tresnoitado, tinha uma única meta para aquele dia: procurar uma mulher com a qual me satisfizesse, mesmo que tivesse de usar a violência (a idéia da violência, com efeito, ocorreu-me: cheguei a imaginar como faria para arrancar-lhe a roupa e imobilizá-la, se ela opusesse resistência, e me perguntei se eu teria força suficiente para tanto).

Rufina percebeu minha ansiedade ao tomar o café com os bolinhos que preparara para o desjejum. Devo ter tomado meia caneca, comido um ou dois bolinhos apenas, quando de hábito esvaziava o prato, e foi sem dar atenção às suas perguntas que deixei a cozinha e me preparei para sair. Não me vesti com cuidado para não chamar a atenção de ninguém, mas já na varanda Rufina, apreensiva, me chamou:

— O quê que tá havendo contigo, minino? — perguntou, encarando-me com apreensão.

Olhei para ela e num relance o acontecimento da noite anterior fez-me sentir uma ponta de remorso, pois afinal ali estava aquela que fora minha mãe desde que eu ficara órfão, uma negra a quem eu devia muito mais que os cuidados que ela me dispensara, pois devia ainda o grande amor maternal que me tinha, e a quem eu ofendera gravemente, ainda que essa ofensa permanecesse conhecida apenas de mim mesmo. Isso

talvez fosse pior, pois se eu tivesse feito uma malcriação, se eu a tivesse ofendido às escâncaras, então poderia chorar em seu regaço e pedir-lhe perdão. Mas como pedir perdão a ela por um mal que lhe causara apenas em pensamento? Como explicar-lhe o que se passava comigo no momento em que batera à porta da biblioteca, e como os pensamentos são traiçoeiros, formando-se sorrateiramente no mais fundo de nós mesmos e, furtivos, vindo à tona para dar forma a idéias medonhas? Sorri para ela, procurando desanuviar meu semblante, e respondi que não era nada, "estou apenas um pouco ansioso pois tenho estado muitos dias fechado em casa, lendo. Só quero dar umas voltas por aí".

— 'Ocê não deve ler tanto, minino, que faz mal às vistas — ela recomendou ajeitando a gola de minha camisa —, vai passear na aldeia para espairecer.

— Não tenha cuidados, Rufina, irei. Vou por aí…

E saí na direção do estábulo.

Mas em vez de seguir para Pilar tomei o caminho da antiga fazenda dos Honorato Gomes. Como tivesse grandes esperanças de encontrar o que buscava, o sol que já pelas oito começara a esquentar não seria suficiente para desanimar-me. Essa esperança, dirá o leitor, essa quase certeza que me impelia a sair à procura de alguém com quem satisfazer meu desejo, não devia, como se pode deduzir das circunstâncias, firmar-se em nenhum indício, exceto no otimismo que às vezes tem sua origem na própria esperança, mas que em geral resulta em nada, já que esse conjunto de esperança, certeza e otimismo compõem o ludíbrio de um círculo vicioso. Mas não era bem assim, como veremos em seguida.

Antes, contudo, de continuar narrando os episódios daquele dia, creio que não devo deixar de refletir sobre a conduta que me sentia disposto a seguir, coisa que então eu não fiz mas que depois inquietou-me e ainda hoje me perturba, fazendo com que uma pergunta persista em minha cabeça, como uma dor, uma ferida inflamada que lateja: diz a Palavra que o Senhor visita o pecado dos pais nos filhos até a terceira e quarta gerações; será porque herdam os filhos os pecados dos pais em todas as gerações? Dentre muitos dos misteriosos trechos das Sagradas Escrituras, esse me preocupa desde muitos anos, desde que parti, tentando em vão fugir dos horrores que vi nesta casa. Quantas vezes tenho me detido nessa página buscando vislumbrar aí um sinal da justiça divina: que Deus seria esse, cruel e impiedoso, que castigaria inocentes por crimes alheios? Não, não seria possível, protestava comigo mesmo, Deus não seria tão perverso, até que julguei encontrar a resposta na própria natureza humana: assim como sua bondade, a maldade dos pais continua em seus filhos, que praticarão suas ações de acordo com essa herança. Às vezes me dou conta de que deve haver um erro nesse raciocínio,

pois haverá filhos que não herdem a maldade ou a bondade de seus pais, e assim ficarão sem o castigo — ou o prêmio — de seu merecimento, conquanto eu creia que Deus saberá reconhecer o verdadeiro merecimento de cada um. Mas e o livre arbítrio? pergunto-me, como alguém poderá ser livre se há de carregar consigo, involuntariamente, tão negra e pesada herança? Confuso, não tenho uma resposta satisfatória para essa difícil questão e não posso deter-me em minha narrativa para tais especulações, já que por enquanto não hei de chegar a lugar algum com elas. Se eu, contudo, havia herdado de meu pai a vocação para o Mal, o que me levava a seguir naquela manhã em direção da extinta casa dos Honorato Gomes era o próprio Mal.

Como já foi dito, a fazenda estava em péssimo estado e as terras, não houvesse ali uma casa para atestar que já tinham tido dono, passariam por devolutas: o lugar estaria deserto se nos fundos da fazenda, após um arvoredo, não fumegasse todos os dias a chaminé de um casebre de pau a pique para onde, há pouco mais de um ano, fora morar uma família de lavradores. Essa família, parece-me que vinha de longe; e conquanto quase todos os colonos tivessem ido embora, haviam chegado esses, que procuraram Florêncio e pediram um canto onde pudessem cultivar uma pequena roça, criar algumas galinhas, duas ou três vacas e viver. Florêncio mandara-os para lá onde, de início, ficariam ao abrigo no porão da fazenda, mas como aí não estariam seguros e também não seria conveniente permitir que ficassem (afinal, caindo ou não, fora casa de senhores, não de colonos), deviam apressar-se em construir para si um outro abrigo. Lembro-me de ter acompanhado Florêncio no dia em que os novos colonos se mudaram para a casinha de pau-a-pique recém-construída. A família era composta por quatro pessoas: o pai, um homem quase velho e chupado, a exibir os ossos sob a pele queimada de sol e uma barba rala entremeando os fios pretos e brancos à volta de uma boca sem dentes; a mãe, visivelmente enferma, devia passar os dias sentada numa velha cadeira de balanço, sem poder trabalhar por causa de um inchaço nas pernas que, segundo ela, "ataca mais em certas épocas do ano, sô Florêncio, quase não posso andar, quase não posso fazer nada quando estou assim, o senhor não calcula!"; uma moçoila de seus treze anos que pela idade não podia ser filha, e depois soube ser neta, órfã do único filho do casal; e um negrinho, um menino de onze anos que o casal criava para ajudar no serviço da roça.

Foi em direção a essa casa que segui naquela manhã. Ainda não pusera meus pensamentos em ordem, mas minha única e obsessiva idéia era alcançar a satisfação de meu desejo justo com a moçoila, a neta dos velhos, que por certo àquela hora estaria lavando roupa no rio. Não havia, contudo, traçado um plano: não sabia como abordá-la, o que lhe

diria, e se me passava pela cabeça que ela poderia não ter a mesma vontade que eu e recusar-se, acometê-la com violência parecia-me solução suficiente e eficaz para essa dificuldade.

Mas a excitação de que fora presa, à medida que me aproximava, convertia-se em nervosismo, de modo que, deixando o cavalo no terreiro da casa-grande, ao tomar a pé o trilho que entre o arvoredo conduzia até a casinha de pau-a-pique, sentia o coração aos saltos e uma sensação de falta de ar que me obrigou a parar sob uma árvore, apoiar-me nela e respirar fundo até acalmar-me. "Afinal, o que vim fazer aqui?" eu me perguntei assustado com minha iniciativa, e fiquei olhando na direção da casa — que ainda não se via dali — sem ânimo para continuar. "Devo prosseguir?" voltei a perguntar-me, desta vez em voz alta. "O que vou fazer se encontrar a moça? Tomá-la mesmo a força? É isso? É a isso que estou disposto?", e a cada nova pergunta que eu me fazia mais aumentava minha insegurança, mais confusa tornava-se minha cabeça, menos ordenados os meus pensamentos. "Sim, tomá-la a força… arrancar-lhe a roupa… e…" eu murmurei em voz muito baixa, e pus-me a andar outra vez, mas sem nenhuma decisão, e mais certo de que se a encontrasse no rio lavando roupas não teria coragem de fazer o que pretendia.

De uma curva do caminho avistei a casinha, e me detive.

Prestei atenção.

Nenhum ruído na manhã iluminada a dissentir da atmosfera de serena tranqüilidade em que a casa, a mata, as terras pareciam mergulhadas. Ao pensar mais uma vez no que me levara ali, de novo saltou-me o coração, de novo veio a falta de ar, a vertigem, e segurei-me em uma árvore para não cair. Então eu estava mesmo decidido a fazer aquilo!

Entrei no mato procurando o caminho do rio, e cheguei à beira de um barranco de onde podia avistá-lo embaixo, por uma larga extensão. Como eu me lembrava, por já ter estado ali uma ou duas vezes, mais adiante o rio era raso e com pedras largas sobressaindo feito pequenas ilhas no meio das águas. Nesse ponto a moça escolhera uma das pedras para ajoelhar-se e entretinha-se em esfregar a roupa, lavando-a na água clara que corria à sua volta. Não era uma moça bonita, embora o cabelo comprido estivesse solto e fosse de uma agradável cor de palha, entre o loiro e o castanho claro. Tinha os traços um tanto fortes, os lábios eram finos mas a forma da boca pouco graciosa. Talvez não fosse de todo feia: robusta, braços roliços e coxas vigorosas que, à mostra, se revelavam muito brancas. "Então vai ser com ela" eu pensei, sem mover-me, e continuei olhando-a, alheia a tudo que a cercava, compenetrada no seu trabalho.

Agora, porém, não me sobressaltava mais pensar no que iria fazer, co-

mo se já soubesse que não teria coragem de aproximar-me dela, de levar a efeito aquilo a que até momentos atrás estivera disposto, e essa certeza me deixava tranqüilo. Senti-me seguro e respirei aliviado, embora a visão de suas pernas nuas ao sol fosse pouco a pouco excitando-me outra vez.

Não sei por quanto tempo estive escondido entre as moitas no alto do barranco, observando-a de longe, quando ouvi um rumor de passos às minhas costas e voltei-me de um salto: eis ali o menino, o negrinho adotado pelos velhos a dois passos de mim, espiando-me com curiosidade, os grandes olhos fincados nos meus. A seguir tudo se passou de maneira muito rápida, e tão inesperada que ainda muitas horas depois, muitos dias depois eu me perguntava como fui fazer aquilo: porque de súbito aproximei-me do garoto, agarrei-o com força e, enquanto comprimia minha mão esquerda sobre sua boca para que não gritasse, com a outra arranquei-lhe como pude as calças, e saciei-me nele como desejaria ter feito com a garota. Ele resistiu frouxamente, submeteu-se em seguida, e quando saí dali deixei-o caído, espiando-me espantado com os olhos muito vermelhos e uma lágrima que não se decidia a escorrer da pálpebra.

Antes de afastar-me, eu disse em voz baixa e imperiosa:

— Amanhã aqui, outra vez, e nesta mesma hora!

Depois veio o medo de ser descoberto. Meu ato fora para mim tão aterrador quanto deve ter sido para o menino, e aquele resto de dia passei entre a alegria de ter feito aquilo pela primeira vez e o medo de que ele falasse ao velho e este fosse queixar-se a Florêncio. Já me antevia sob olhares reprovadores ou escarninhos onde quer que fosse, pois a história alastrava-se, todos saberiam o que eu fizera…! Durante aquele resto de dia estive fora. Embrenhei-me pelos matos e na hora do calor mais forte adormeci na relva à sombra das árvores. Já de tarde corri ao ribeirão. Demorei-me muito tempo na água, e anoitecia quando entrei em casa. Para encarar Rufina assumi uns ares inocentes, pus-me à mesa, jantei e permaneci sentado até o momento em que Florêncio entrou. Procurando disfarçar minha apreensão servi-me de mais um prato de sopa e continuei comendo devagarinho, em expectativa, mas ele nada dizia e observando-o de rabo de olho não notava em suas feições nenhum sinal, nada que me fizesse crer que ele já soubesse. Tranqüilizado saí, apanhei o Decamerão na biblioteca e fui para o meu quarto. Deitei-me, mas era-me impossível ler pois a recordação da manhã mantinha-se como verruma em minha cabeça.

No outro dia, ainda que o desejo me impulsionasse a voltar ao local do meu crime, faltou-me coragem. Deixei-me estar em casa toda a manhã, pela tarde desci para a capela que, como de costume, se mantinha

fechada, e abrindo a porta fui refugiar-me na sacristia — ato que só posso explicar pela necessidade de afastar-me de casa e de Rufina, a quem ainda não ousava olhar nos olhos, como se ela pudesse encontrar nos meus algum sinal que me denunciasse. Continuava pensando no menino. O desejo de estar com ele outra vez fazia-me fremir, e a tal ponto que determinei voltar lá no dia seguinte, a ver se ele também iria. Outra vez permaneci à mesa na hora do jantar até que Florêncio entrou — era preciso descobrir se o colono fora queixar-se com ele —, mas ele não fez qualquer comentário, falou com naturalidade acerca do dia que tivera, e assim, com mais leveza na alma retirei-me para o meu quarto.

Também nos dias seguintes, apesar de determinado a voltar à fazenda Honorato Gomes à procura do menino, não o fiz, sempre esperando que uma noite Florêncio chegasse do serviço e me chamasse à parte para ralhar-me, dizendo-se já sabedor do meu ato vergonhoso. Mas isso não aconteceu, e ao fim de duas semanas eu estava certo de que o menino não contara nada a ninguém. "Já não há perigo" eu pensei, "já posso voltar lá…"

Não é preciso esmiuçar aqueles dias de excitação e ansiedade: inúmeras vezes voltei a rondar próximo à casa, entrei pelo mato indo ocultar-me nas moitas sobre o barranco de onde podia observar a moça lavando roupa, e ficava aí por muito tempo, até que ela terminasse sua tarefa e fosse embora. Passei então a entregar-me ao prazer solitário, ali mesmo entre as moitas, imaginando-a nua junto de mim. Nesses dias voltava para casa frustrado, pois o prazer conseguido daquela maneira não só não me satisfazia, como me mostrava minha incapacidade de agir: diante de uma mulher eu não conseguia mais que esconder-me e ficar espreitando… Quanto ao menino, não apareceu mais em nenhuma ocasião; uma vez quando seguia para lá avistei-o de longe, mas ele, vendo-me também, escondeu-se no mato, o que tomei como sinal de que passara a ter medo de mim.

A conclusão desse episódio deu-se algum tempo depois e de uma maneira curiosa: já se haviam transcorrido cerca de três meses desde que eu o agarrara no meio do mato, quando certa manhã Florêncio chamou-me para acompanhá-lo até a velha fazenda. Respondi logo que não, receoso, mas refletindo que já não tinha nada a temer reconsiderei e fui com ele. Florêncio ia à casa dos colonos tratar de algum assunto com o velho, e eu de antemão ia pensando que teria de manter todo meu sangue frio para defrontar-me com o olhar acusador do negrinho. Lá, entramos na cozinha estreita onde a velha doente mexia numa panela um cozido para o almoço e em seguida passamos a uma salinha pouco maior, onde nos acomodamos mal e mal numas cadeiras velhas. Não sei do que falavam Florêncio e o velho, pois, ainda que aparentasse

calma, ia-me por dentro uma grande excitação esperando que a qualquer momento entrasse na sala a moça da casa ou o negrinho. Foi este último quem apareceu de repente e, ao ver-me, estacou na porta sem saber se avançava ou se retrocedia. O velho não lhe deu tempo de fazer nem uma coisa nem outra:

— O sinhozinho deve estar cansado de nosso proseio, não é? — disse, com um sorriso para mim e, voltando-se para o garoto: — Neco, leve sinhozinho para ver os canteiros. 'Ocês são crianças, vão brincar.

Eu não poderia justificar satisfatoriamente uma recusa (e de resto nada havia ali que me retivesse), por isso me levantei de imediato, enquanto o menino não tinha como desobedecer ao velho. Baixou a cabeça e saiu, e eu saí atrás dele.

O garoto seguiu na frente, sem falar, e eu também sem falar o acompanhei por um trilho entre o matagal até chegarmos a um terreno plano e limpo dividido em diversos canteiros de hortaliças e áreas maiores, adiante, onde se cultivava arroz. "É aqui" o garoto disse, e andou à volta dos canteiros sem levantar os olhos para mim. Parou, mexendo com o pé na terra úmida enquanto, atento, eu o observava com o canto do olho, o dorso negro e nu, luzidio ao sol. "Você não voltou lá" eu disse depois de um minuto (embora eu mesmo não tivesse voltado e, portanto, não pudesse ter certeza do que dizia), mas ele permaneceu imóvel, nada respondendo nem fazendo qualquer gesto que confirmasse ou desmentisse minha afirmação. "Por quê?" perguntei, mas ele ainda se manteve quieto, de cabeça baixa. Então me aproximei e pus-lhe a mão no ombro, mas ele se retraiu ao meu toque, encolhendo-se. Estaria assustado? Decerto temia-me, talvez me odiasse, eu cometera um ato vergonhoso para o qual não havia remissão possível, e se de repente sobrevivesse o Juízo Final (vinham-me à lembrança as palavras de meu pai sobre o Juízo Final, quando o diabo seria solto por mil anos, e por mais que o tempo já se tivesse passado sobre os dias de minha infância, em que eu ficava a imaginar a chegada do Príncipe das Trevas nas Oliveiras para instalar ali o seu império, assustava-me sempre a possibilidade de ver o Inferno absorvendo a Terra), que horrível punição eu sofreria pelo meu crime?

Então aconteceu uma coisa inesperada: o menino levantou os olhos para mim e recuou alguns passos, sempre encarando-me, e assim esteve. Quanto tempo nos olhamos, eu sem perceber o que ele pretendia, e ele — com que intenção? A intenção revelou-se no instante seguinte: pois que despiu o calçãozinho de saco exibindo-me o corpo nu. Eu podia entender tal atitude? Tive uma vertigem, misturaram-se em minha cabeça, confusamente, a idéia do Juízo Final, o pavor do castigo, a lembrança da hora do banho, ao mesmo tempo que me sentia excitado. Mas tal atitude teve também um outro efeito sobre mim: passado o pri-

meiro instante de perplexidade e excitação, senti-me envergonhado a tal ponto que, virando-lhe as costas, corri de volta para junto de Florêncio, deixando para trás o negrinho, que por certo entendeu tanto minha reação quanto eu a dele.

Nessa tarde abandonei os livros profanos — mais que todos *aquele*, o pernicioso e diabólico livro de novelas indecentes (agora, na minha opinião, todas as novelas do Decamerão seriam indecentes) —, que haveriam desde então de ficar esquecidos em suas estantes. Começou a tomar forma em meu pensamento, e de uma maneira decisiva para o curso posterior dos acontecimentos, uma noção rigorosa do ilícito e do proibido; meu crime preocupava-me, pois enquanto reconhecia sua gravidade procurando entender por que fora tomado de súbita e tão intensa vergonha, um pensamento sorrateiro dizia-me que eu fora bastante tolo, que tivera chance de desafogar-me à vontade com o pretinho e a desperdiçara; pensando isso, excitava-me, mas determinado a evitar uma recaída foi em brasas que me contive nos dias seguintes e não o procurei mais. Para ter forças recorria à Bíblia, mas enquanto obsessivamente buscava em suas páginas iluminação e reforço para minha fé, renovavam-se as dolorosas lembranças da hora do banho, as palavras de meu pai acerca dos poderes do Inferno em seu império de mil anos, e até mesmo minhas próprias visualizações do Mal. Avançando no texto sagrado era absorvido por sua doutrina sinuosa e muitas vezes contraditória, de difícil penetração; a leitura confundia-me e a todo momento eu me via obrigado a parar e refletir sobre o que lera na vã esperança de compreender; julgando que enfim entendera alguma coisa, ao deparar adiante com um trecho em conflito com minhas conclusões perdia-me, minha cabeça dando voltas eu esfregava os olhos cansados e era preciso recomeçar. À noite sobrevinham as imagens, eu me revia nu na bacia e minha mãe dando-me banho a esfregar cariciosamente minha pele com a mão, mas já não era o menino de cinco ou seis anos e sim o adolescente de treze ou catorze a quem ela acariciava; de repente já não era minha mãe mas o negrinho que, também nu, entrava na bacia e me abraçava, e ao mesmo tempo que me vinha o desejo de sodomizá-lo, era ele a agarrar-me por trás; outras visões iam-se formando e tal era meu apavoramento que eu acendia a lamparina, levantava-me e me punha à janela, ou então andava em silêncio pela casa até que o sono chegasse. Durante meses sofri pelo pavor do pecado na iminência de enredar-me outra vez em sua teia, mas eu estava determinado, e, mesmo sem compreender a Palavra como gostaria, aferrava-me a ela para ter sempre em mente seus ensinamentos, lembrando-me de suas doces promessas, refletindo também sobre os horrores do castigo para a desobediência às suas leis, e dessa maneira conseguia pouco a pouco derrotar o Inimigo.

Após esse para mim infindável período de tentações e luta, sobreveio uma etapa suave de paz e alegria. Outra vez na presença de Deus, sentia meu coração leve e livre de culpa, e era com prazer — não mais com fastio ou medo — que passava os dias debruçado sobre a Bíblia, lendo e relendo os pontos mais obscuros, as narrativas mais belas.

Agora, ao contrário de até então, já não saía muito e era obrigado a escutar as ralhações de Rufina, pois "não pode ser bom pr'um minino feit'ocê só ficar enfurnado lendo livro", e eu perguntava:

— Que é que tem um menino feito eu, Rufina?

— Ora, o que é que tem! É preciso sair, passear. Por que não vai inté Pilar ver alguma moça de seu agrado, namoriscar?

Florêncio, se ouvia as admoestações da negra, ajuntava:

— Concordo com Rufina, João! Você já tem o quê?, catorze anos, está na hora de fazer-se homem!

Eu sorria e, sem contestá-los, afastava-me a caminho do quarto onde, deitado de bruços em minha cama, punha-me a ler e meditar. Os dias transcorriam dessa maneira, e eu me tornava cada vez mais convicto da Verdade, da Grande Verdade contida nas Escrituras. Isso, contudo, não me impedia de seguir os conselhos de Rufina, e no transcurso desse tempo de meditação no Evangelho ia vez por outra passear na aldeia, de preferência à noite — por aquela época a paróquia local promovia uma quermesse com vistas a arrancar dos fiéis um donativo a mais, mas havia também as festas juninas, em que se acendiam fogueiras enormes e assavam-se batatas ao calor do braseiro, enquanto moças, rapazes e crianças dançavam a quadrilha animada por um fole de sanfona. À hora da missa, muito religioso, muito contrito, permanecia atento à homilia, acompanhando os cantos e as rezas, persignando-me à saída mas sem deixar de esticar um olho para as mocinhas da minha idade. Depois, na festa, na hora das brincadeiras, punha-me a um canto observando o ir-e-vir do povo, procurava alguma fronte ornada de cabelos longos, olhava as saias, as caras, fazia grande esforço por interessar-me por alguma delas e às vezes julgava encontrar ora num par de olhos um certo brilho, ora num rostinho feminino algum encanto, neste sorriso uma inesperada graça, naqueles gestos de mão e movimentos de cabeça uma suave delicadeza adolescente… Então eu pensava em aproximar-me, pronunciar algumas palavras bonitas, chamar atenção sobre mim com algum dito inteligente (que sem dúvida passaria despercebido daquelas cabecinhas provincianas e incultas). E fazia isso: fi-lo algumas vezes, e não posso me queixar dos resultados. Numa ocasião demorei-me duas horas numa conversa animada com uma bonita mocinha de catorze anos cujos pais nos espiavam de longe, com disfarçada aquiescência. Animei-me enfim a tomar-lhe a mão, segurar seus dedinhos

miúdos entre os meus, o que a fez corar muito e, alegando o frio, recolhê-la aos bolsos do vestido à procura de um par de luvas, "está correndo uma aragem incômoda, o senhor não está sentindo, senhor Feitosa?" Quando me recolhi nessa noite, refletindo que em vez de concordar com a jovem deveria ter dito simplesmente "não, senhorita, pois estando junto a si não consigo sentir frio algum", levava comigo a recordação táctil do suave toque de seus dedos e ao mesmo tempo a certeza de que um encontro como aquele não se renovaria: eu em absoluto nada sentia pela jovem a não ser, talvez, um pouco de amizade, e apesar do que poderia ter dito, apesar da seda de sua mão permanecer na minha, tudo que teríamos de então por diante seriam encontros amistosos, cumprimentos sem maiores pretensões e, para o futuro, quando essa jovem viesse a desposar um daqueles rústicos mancebos que da mesma forma a cortejavam nas festas, até mesmo isso acabaria. De outra feita senti-me bastante atraído por uma moça mais velha que eu um ou dois anos. Foi à saída da igreja, num domingo, que conversamos pela primeira vez após um recíproco namoro com os olhos que já vinha durando umas duas semanas; mas mal trocáramos meia dúzia de palavras uma imensa e rotunda matrona de bochechas luzidias e cabelos escassos, amarrados num minúsculo coque à altura da nuca, aproximou-se tomando-a pelo braço e, sem mais cerimônias, afastou-se com ela rua afora. Informei-me nesse mesmo dia com um conhecido e soube que essa jovem fora prometida a um granjeiro das vizinhanças, homem já de certa idade e poucas graças físicas mas de boa situação: os pais eram pobres e queriam assegurar não tanto a felicidade da filha mas seu próprio bem-estar na velhice, conforme os comentários que corriam. Tempos depois sobreveio o escândalo: o casamento já não se realizaria pois duas semanas antes da data escolhida a moça "perdera-se" com o dono do botequim. Esse botequineiro, um rapaz de atitudes decididas e ares de valente, vinha se interessando pela garota desde algum tempo, parece que mesmo desde antes de eu me aproximar dela: algumas semanas depois do meu insucesso fora sua vez de aventurar-se, mas a mãe, como fizera comigo, interveio e não lhe deu nenhuma chance. O rapaz resolveu fazer barulho pela pequena e gritou em praça pública que a levaria consigo de qualquer maneira, caso ela quisesse, e não ia ter quem impedisse. A rapariga deve ter querido, pois certa manhã quando os fregueses esperavam que o botequim abrisse, alguém apareceu à porta da casa ao lado e disse que o proprietário partira na noite anterior carregando numa carroça seus teréns e que alguém ia com ele. Quase ao mesmo tempo juntou-se a este um outro rumor: o de que a rapariga de seus desejos desaparecera de casa também na véspera, e todos compreenderam o que havia acontecido — mas já era tarde (a curiosa conclusão dessa história foi que seis meses

depois os fujões estavam de volta: o botequim voltara a abrir, o botequineiro no balcão atendia o povo, uma preta cuidava dos serviços de casa e a agora *esposa* — cheguei a vê-la nas vezes em que passei por lá — trançava daqui pr'ali muito orgulhosa de sua gravidez pesada. A matrona de bochechas luzidias e cabelos escassos, ao contrário do que se poderia imaginar, parecia bastante satisfeita, já que não saía do lado da filha, parecendo mais ansiosa à espera do neto do que a mãe à do rebento). Eu, de minha parte, não lamentei. Sim, tivera por ela talvez algum momentâneo interesse, quem sabe me atraíram seus olhos muitos negros, ou seu sorriso muito puro, mas não a amei, não a amaria, e agora que partira bastava-me saber que não havia mais esperança para logo esquecê-la.

Uma outra jovem viria, pouco tempo depois, ocupar seu lugar — mas que trágica e definitivamente passaria a fazer parte da minha vida: Eliete.

Nos festejos pela passagem do ano, como era costume em Pilar, onde todos se conheciam e se relacionavam às vezes mais como uma grande família do que como um povoado, após a missa da véspera de ano bom o povo reunia-se na praça para um jantar de confraternização ao qual eram convidados, a princípio, todos os moradores, devendo cada família contribuir de alguma forma para os comes e bebes. As mulheres da aldeia recebiam a incumbência de preparar a comida enquanto os homens providenciavam a lenha e a carne, sangrando uns leitões e uns novilhos para o assado. Se fazia bom tempo, as mesas eram postas ao ar livre, mas se ameaçasse chuva erguia-se uma grande barraca cujas paredes eram entrançadas de bambu do qual não se tiravam os ramos, que uma vez unidos formavam um sólido anteparo ao vento, e cujo teto fazia-se também de bambu e sapê, impermeável a qualquer aguaceiro. O pároco abençoava a ceia, o intendente aparecia para pronunciar um breve discurso e em seguida o povo sentava-se para comer. Um pouco mais tarde retiravam-se as mesas para que começassem as danças, quando então o sanfoneiro, estimulado por um copo e outro de aguardente e sentado num tamborete, exibia sua perícia. Era mais uma das ocasiões propícias a conquistas, as moças à espera de que os rapazes as fossem convidar para uma dança, e estes — no mais das vezes — não hesitando em fazê-lo, já que todos estavam ali para divertir-se. Essa festa era para todos, embora no salão nobre da intendência um outro jantar se desenrolasse: nesse jantar compareciam apenas as pessoas de maior vulto do arraial — o próprio intendente e sua família, o pároco, o tabelião com a esposa, um ou outro proprietário mais abastado a ostentar sua pompa miúda atravessando a praça com ar empinado, terno de casimira inglesa e chapéu alto enquanto as esposas baixavam o rosto, recatadas, e as filhas espiavam os rapazes com o rabo dos olhos.

Eu, desde que me tornara adolescente, comparecia a essa festa anual, participava dos folguedos e do jantar público; mas ao completar quinze anos procedi de maneira diversa: misturei-me às pessoas e, quando após a bênção os membros da modesta "elite" provinciana se retiraram para o salão da intendência, fiquei a espiá-los com curiosidade. Intimamente amargava algum desapontamento: por que não fora convidado aquele ano para tomar parte na ceia? Por que nunca fora convidado? Bem, poderia pensar que antes, ainda meninote, não houvesse por que participar de tal cerimônia, mas agora fazia-me homem, havia crescido e conquanto não tivesse ainda nenhum sinal de barba, nem mesmo um leve buço que tornasse minha cara mais adulta, tinha o principal, idade (quinze anos feitos no início de dezembro), e isso deveria ser suficiente. Mas não era, e mesmo que eu não me importasse muito com aquilo, desejaria ter sido convidado, ainda que para satisfazer um simples sentimento de orgulho. Esse sentimento tomou vulto quando vi passar a família de um granjeiro das vizinhanças: passou a família com seu chefe vestindo casaca preta — um tanto antiquada, aliás — e exibindo um vistoso bigode; seguia-o sua gorda mulher com ares de grande dama e as duas filhas, uma moçoila de doze anos, corpo miudinho e ares infantis e a outra, uma jovem robusta e quase da minha altura, de cabelos muito negros, olhos grandes como avelãs e os lábios vermelhos sobressaindo no rosto moreno. Aquela era Eliete. Já fazia algum tempo que prestara atenção à sua figura agradável, se não pela beleza, já que não chegava a ser bela (seria bonita, concedo que era algo bonita), pelo menos pela impressão de frescura e saúde que emanava de seu corpo: rosada, membros rechonchudos, delicioso sorriso… Pensando nela, punha-me a relembrar-lhe os olhos, os lábios, as formas, e o desejo — que eu julgava adormecido depois de tantas leituras e meditações — renasceu. Esqueci-me dos evangelhos, dos símbolos sagrados, das homilias acerca da virtude que, infatigável, padre Elpídio — nosso pároco — repetia ao menos uma vez por mês a fim de melhor conduzir seu rebanho por bom caminho, para deleitar-me com a lembrança da moça e sentir o impulso da virilidade sacudir o meu corpo num arrepio. Estaria então apaixonado? Naquele momento em que, escondido pelas sombras de um castanheiro, seguia Eliete com os olhos através da praça, esquecido das pessoas que em grupos barulhentos se revezavam à mesa, não saberia dizer se o que sentia era amor ou desejo — decerto não saberia distinguir ainda entre tais sentimentos: queria-a simplesmente, e esse querer foi aos poucos se fortalecendo.

Até então não tivera oportunidade de estar ou conversar com ela, nem mesmo de olhá-la nos olhos e certificar-me de já ter tomado conhecimento de minha existência, aliás, via-a apenas de longe, e sem

acreditar que já houvesse prestado atenção em mim. Naquela noite — a última do ano — eu me decidira a não retornar para casa sem lhe falar, embora não me tivesse ocorrido de que maneira, e nem bem Eliete desaparecera detrás da porta da intendência eu já me concentrava na elaboração de um "plano". Imaginei de início enviar um garoto à intendência com a finalidade de lhe dizer que desse uma escapada até a praça, pois havia alguém desejando vê-la — mas de imediato percebi que tal plano não funcionaria: primeiro não seria possível dar o recado sem ser notado pelos pais, que haveriam de investigar o que tinha a filha a tratar com estranhos na praça; segundo por ser muito pouco provável que aceitasse o convite de alguém que (não conhecia e) não se identificava. Ruminando minha insatisfação aproximei-me da intendência e fiquei espiando as janelas altas, iluminadas, das quais provinham ruídos de um animado jantar: ouvia o tinir dos talheres, então para mim uma aprazível melodia, e as vozes dos convivas, misturadas e indistintas mas alegres, de quando em vez sobressaindo uma risada, um chamado, uma advertência… Então tive a idéia de bater à porta da frente e, sem mais nem menos, pedir para ver como era o salão à noite, com a mesa posta e os lustres acesos — mas logo retive meu impulso: todos achariam inoportuna aquela interferência, eu seria olhado primeiro com curiosidade e em seguida como um intruso, e em vez de despertar a meu favor a atenção da moça, fazendo tão triste figura o efeito seria contrário ao desejado. Uma outra idéia me ocorreu, mas era por demais audaciosa e eu sabia de antemão que não teria coragem de pô-la em prática: bater à porta da frente e, quando atendessem, entrar e com uma mesura desculpar-me ante os convivas pelo meu atraso. Por certo cada um se perguntaria quem me convidara para o jantar, mas não se oporiam a que eu ocupasse um lugar à mesa e o intendente, mesmo sem compreender, daria ordens a meu respeito — "sirva o nosso convidado, que chegou com algum atraso" diria. Eu me sentaria à mesa, tomaria parte na festa e poderia trocar olhares com Eliete; após todos se levantarem não faltaria uma oportunidade de aproximar-me e dizer-lhe alguma coisa, iniciando assim uma conversa que terminaria com a declaração formal de meu interesse por ela. Tudo planejado em minha cabeça, o ardil era perfeito e não poderia falhar… mas faltou-me, como previra enquanto admirava as janelas da intendência iluminadas e ouvia os rumores do jantar, coragem para pô-lo em prática. Por fim pensei que seria melhor esperar que a ceia terminasse e todos saíssem para a praça. Não era improvável que se demorassem aí observando as danças e as brincadeiras até bem tarde, mesmo porque haveriam de esperar a passagem do ano, e então a oportunidade surgiria. Com efeito, perto de meia-noite os convivas deixaram a intendência e saíram para a praça; de longe avistei Eliete e meu cora-

ção saltou. Mas já as pessoas se aglomeravam para esperar a chegada do ano, o tumulto aumentou com a aproximação da meia-noite, e por mais que eu procurasse estar perto da garota, na esperança de que em algum momento seus olhos dessem com minha figura cobiçosa de si, isso não aconteceu. O alvoroço atingiu o auge à meia-noite, ouviu-se uma gritaria como se de repente todos estivessem perdendo o juízo, espocaram os fogos que iluminaram a noite, depois sobrevieram os aplausos, cumprimentos e felicitações, e os músicos atacaram uma marcha barulhenta. Foi então que, frustrado em meus anseios e sem esperança de falar à menina, ocorreu-me o que era mais simples, aquilo que seria inteiramente natural e não despertaria a atenção de ninguém, nem mesmo dos pais dela: todos estavam se cumprimentando e felicitando, eu faria o mesmo: cumprimentaria Eliete e lhe diria… diria… o que lhe diria, afinal? Não sabia, nada me passava pela cabeça, nem uma frase de efeito, ao menos uma palavra… então estaquei. "Não há tempo a perder" pensei com impaciência e aborrecido comigo mesmo, "diga o que disser, saia o que sair, é preciso aproveitar agora…" e corri até ela. Quando me aproximei tive-a de costas para mim por um curto instante no qual estremeci aspirando o perfume adocicado que provinha de seu corpo, e hesitei olhando seus cabelos, seus braços rechonchudos, seus quadris muito delineados (por causa do espartilho, pensei, e como desejei então livrá-la dessa incômoda peça), ouvindo sua voz, pois falava a alguém que escolhera aquele justo momento para cumprimentá-la também. Mas eu estava decidido, e apesar do pavor que sentia, da tremura que me afrouxava as pernas, do gelo que me combalia o coração, toquei seu ombro e ela se voltou para mim: momento de graça aquele!, momento de glória em que ela me olhou nos olhos e em seu lábios abriu-se um sorriso de surpresa enquanto uma indagação — talvez algo de um leve constrangimento — transformava suas feições.

— Senhorinha — eu disse aproximando meu rosto enquanto as palavras saíam, automáticas —, não posso deixar de cumprimentá-la nesta noite, e dizer que tenho por si grande admiração. Peço que me conceda a oportunidade de, numa ocasião mais oportuna, falar-lhe de mim e também ouvi-la, pois a senhorinha é possível que… enfim… — aqui eu engasguei, sem saber como prosseguir e perguntando-me se meu discurso já não se prolongara demais, tornando-se indiscreto ou incômodo ("Afinal, falei muito, falei pouco, expressei-me como devia?"). Vi, contudo, que Eliete punha-se vermelha, e isso me deixou mais à vontade: se ela encabulava, era sinal de não ser eu o único a assustar-se com a situação, e assim nos instantes seguintes ambos ficamos mudos, encarando-nos com embaraço, até que resolvi tomar outra vez a iniciativa: — Então, senhorinha, o que me responde?

Devo dizer que mantinha sua mão entre as minhas. Notando-o, Eliete recolheu a mão com presteza, embora ninguém desse com o que fazíamos, ocupados em se falarem entre si.

— Eu não sei quem é o senhor — ela disse, baixando os olhos. — Como o senhor me conhece? — perguntou em seguida, olhando-me de novo.

— Eu me chamo João, moro nas Oliveiras — apressei-me a informar, e acrescentei: — E se a conheço… ora, como não conheceria se não faço outra coisa a não ser pensar em si? Se vim aqui esta noite certo de encontrá-la, de falar-lhe do que sinto… Meu único desejo é que a senhorinha mo permita… assim poderíamos encontrar-nos numa outra ocasião, e conversarmos… — permaneci calado um segundo, como se não tivesse mais a dizer (fazia enorme esforço para ficar à vontade, mas a timidez voltava pouco a pouco a dominar-me), e perguntei: — Creio que seus pais não se oporiam… ou…?

— É que tenho apenas catorze anos, enquanto o senhor não me parece ter muito mais que isso também…

Eu não estava pronto a responder a tal objeção, e a encarei aparvalhado. Eliete pôs-se vermelha outra vez, como se lhe desse pejo ter-me cortado daquela maneira.

— Senhorinha, para nos conhecermos basta sabermos um o nome do outro. Eu sei o seu há muito, e agora a senhorinha também sabe o meu. Se não lhe pareço inconveniente, ou antipático… talvez…

— Não — ela respondeu —, não… o senhor não é antipático, nem inconveniente, e os meus pais não são muito severos…

— Então?…

— Bem…

— ?…

— Sim…

— Sim?…

— Sim, creio que poderemos ver-nos noutra ocasião…

— Quando? — perguntei, aflito.

Mas nesse momento uma senhora gorda a alguns passos de nós voltava a cabeça para todos os lados como se procurasse alguém, e logo sua caraça faiscou em nossa direção. Ouvi uma voz pesada chamar:

— Eliete!

— Sim, mamãe — ela respondeu, deixando-me e aproximando-se da mãe. A gorda senhora curvou-se para a filha e lhe falou alguma coisa ao ouvido — perguntando talvez "quem é esse rapaz com quem 'a senhora' palestra tão à vontade" — ante o que a menina aproximou o rosto e lhe disse algo que fê-la encarar-me um tanto séria e mover a cabeça de uma forma que interpretei favorável. Então Eliete veio até mim, tomou-me pela mão e levou-me até sua mãe…

Naquela noite, ao retornar para casa, sentia em meu corpo uma maravilhosa sensação de leveza, e quando me deitei a cama pareceu-me nuvens onde eu flutuava ao sopro de um vento que me conduzia ao encontro dela… Eu não somente sentia isso: dizia-o em voz alta para mim mesmo, tentando exprimir essas sensações por meio de frases e expressões cheias de um lirismo piegas como costumam os jovens se referir ao seus primeiros amores, ainda cheios de toda ilusão que essa idade despreocupada permite. Sim, pois a mim me era permitido sonhar — por enquanto era-me permitido sonhar —, e eu sonhava, e naquela noite — e nas noites que se seguiram — sonhei com Eliete.

Meus encontros com a menina — a que a família, satisfeita, não se opunha — aconteciam sempre aos domingos, à saída da missa. Eu, que antes já me havia convertido à religião (ainda que não soubesse bem a que religião, pois apenas buscara nas Escrituras um alívio ao desespero em que havia mergulhado após o meu crime, cujo horror a aferroar-me a consciência ansiava por aplacar), voltara-me agora para o catolicismo com fé redobrada e freqüentava a igreja como um perfeito carola: lá não encontraria apenas a salvação ou a namoradinha ocasional, mas muito mais que um mero amor de adolescência, um amor profundo e quase divino que estaria sempre à minha frente como um facho de luz a iluminar-me nas trevas, as mais terríveis que caíssem sobre meu caminho. Não posso deixar de observar que eu assistia às missas com verdadeiro espírito de contrição, agradecendo a Deus por ter-se lembrado de mim com seu perdão, pois que agora me conduzia para sua casa "como o bom pastor conduz sua ovelha ao aprisco", e à paz que antes me proporcionara ao espírito envilecido e conturbado, no momento em que o remorso tornava-me a existência insuportável, acrescentara a descoberta do amor. Eu ainda não sabia, como sei hoje, que ia à missa não para ouvir a homilia mas para ver Eliete: apenas os clamores da carne, mais uma vez a me instigarem, levavam-me à igreja nas manhãs de domingo, e não o desejo de cultuar a Deus, embora em meu pensamento estivessem sempre presentes as palavras do Evangelho e eu sentisse no coração uma alegria que parecia verdadeira. Eu fazia poesia, idealizava minha fé e essa paixão nascente que todas as semanas me levavam à missa e depois à casa da jovem, acompanhando-a com modos de cavalheiro e procurando fazer figura diante dela e de sua família.

Passava assim as tardes de domingo na agradável companhia de Eliete, à noite jantávamos juntos e conversávamos todo o serão como se eu já fizesse parte da família. Despedia-me por volta das nove horas e prometia encontrá-la no domingo seguinte. Estar com ela proporcionava-me grande satisfação, mas nos momentos em que ficávamos a sós — o que acontecia, em geral, à tarde, quando seus pais e sua irmã se retira-

vam da sala para que estivéssemos mais à vontade, ocasiões em que também nos levantávamos e saíamos à varanda ou descíamos para o quintal, onde, à sombra de uma latada de buganvílias, sentávamos em banquinhos de madeira —, nesses momentos portanto uma coisa muito natural punha-me desassossegado e apreensivo: Eliete aconchegava-se a mim, apertava minhas mãos e falava com uma voz muito mansa, e seu hálito assim próximo, seus olhares cheios de brilho, o calor que vinha de seu corpo, tudo isso me excitava a ponto de causar desconforto, um "inchaço" a avolumar minha calça e eu me sentia envergonhado; a fim de evitar que ela percebesse o que acontecia tinha de continuar sentado muito tempo, posição que permitia disfarçar o embaraço; se, porém, calhava ela convidar-me para caminharmos um pouco pela estrada, ou irmos até o pomar onde podíamos apanhar goiabas e distrair-nos vendo os patos nadarem no lago, eu opunha uma discreta recusa, pedia que esperasse um pouco mais, "o sol está muito quente ainda, Eliete, mais tarde", causando-lhe impaciência, "ora, você não faz o que eu quero" ela reclamava franzindo o cenho e fazendo com os lábios um biquinho de descontentamento. Então eu via seus olhos fuzilarem e me concentrava para que o "inchaço" se desfizesse; tão logo estivesse em condições de pôr-me de pé, tomava-a pela mão, "vamos, minha querida, vamos então, o sol já não está tão quente". Ela, é provável que já se tivesse apercebido do que acontecia, divertia-se com meu acanhamento, e quando enfim nos víamos sozinhos no pomar, quando erguendo o braço colhia uma goiaba amarela que mordia revelando sua polpa vermelha e, aproximando-se de mim, oferecia-me colando seu corpo ao meu, Eliete não deixava de provocar-me conscientemente, sabendo das reações que se operavam em mim. Em minha timidez eu me afastava dela com o pretexto de apanhar "aquela outra, que está madura, e veja como é graúda!", evitando assim por algum tempo outro "inchaço". Mas nem sempre isso era possível: ou não havia um pretexto plausível para afastar-me sem ser indelicado, ou ela era mais rápida e abraçava-me de surpresa; então acontecia: seu corpo colado ao meu, vinha o "inchaço" e ela o sentia contra o ventre. Abraçava-me então com mais força, enlaçando-me pela cintura premia seu corpo contra o meu e, repousando a cabeça em meu peito deixava-se ficar assim…

Não sei se nos vigiavam quando nos afastávamos, se tinham alguma desconfiança do que pudéssemos fazer sozinhos, porém mais de uma vez éramos obrigados a nos distanciar um do outro apressadamente pois ouvíamos vozes vindo em nossa direção — vozes de ordinário mais altas que o natural: o pai chamando pela filha mais nova que se atrasara, a mãe soltando uma risada sem motivo, o ruído de um graveto sendo pisado para advertir-nos de que alguém se aproximava, dando tempo de

evitar uma situação embaraçosa. Quando nos iam encontrar, estava Eliete sentada à relva sob uma mangueira e eu, mais adiante, espiava a água do lago onde os patos faziam sua grazinada comum. Então — fosse seu pai quem chegasse com a mulher, fosse esta apenas com a filha mais nova — aparentávamos inocência e eu fazia qualquer comentário: ou sobre os patos, ou sobre as goiabas que agraudaram naquele ano mais que nos outros, e secando o suor da testa referia o calor dos últimos dias… Conquanto essas interrupções fossem aborrecidas, tinham a vantagem de, com o susto e a pressa de não sermos pegos "tomando liberdades", fazer que o "inchaço" logo desaparecesse.

Nossas "liberdades" não iam muito além disso, porém. Está claro que Eliete, apesar de saber o que acontecia comigo e assim mesmo provocar-me, tinha medo e ao pressentir a "aproximação do perigo" ela própria tomava a iniciativa de deixar-me. Afastava-se, e onde quer que estivesse aduzia um pretexto para retornarmos à casa, sentarmos sob a latada ou então "entrarmos um pouco, João, é hora do lanche". Sim, era hora do lanche, entrávamos, ficávamos na sala onde a todo momento surgiria a irmã, o pai passando pelo corredor lançaria uma espiada para nós ou a mãe entraria oferecendo "uns biscoitinhos, o café eu acabei de passar e está fresquinho, não querem?", e ela se sentia segura. Mas nem sempre somos prudentes, nem sempre sobrevêm o medo ou, quando vem, os impulsos nos fazem superá-lo, e às vezes as circunstâncias são favoráveis à aventura…

Foi numa ocasião dessas que possuí Eliete pela primeira vez.

Talvez porque seus pais já confiassem em nós, deixavam-nos mais à vontade (já ia para quatro meses que a visitava, e agora eu tinha licença para vê-la também às quartas-feiras à noite, entre as seis e as nove, com o que nosso namoro adquirira o caráter de um compromisso mais que firmado: definitivo); pode ser que não levassem em conta nossos impulsos naturais ("São ainda crianças" pensariam) e julgassem suficiente para manter nossa compostura a companhia da filha mais nova naquele domingo em que ambos saíram depois do almoço para uma visita, deixando-nos em casa os três. Nem mesmo eu e Eliete podíamos prever o que aconteceria, e quando nos encaminhamos para o pomar nessa tarde apenas planejávamos um passeio como de costume. A irmã mais nova, na sala, entretinha-se com um antigo livro de ilustrações que lhe havia prometido e levara naquela manhã, de modo que estávamos sozinhos no pomar. Não tínhamos isso em mente, porém; não pensávamos que as coisas entre nós se fossem precipitar, e quando Eliete abraçou-me premindo o corpo contra o meu para sentir o "inchaço" que avolumava minhas calças, fê-lo com a mesma e inocente malícia de sempre. Pouco a pouco, porém, o desejo nos foi envolvendo, minha timidez cedendo

lugar a uma audácia que me fazia recordar aquele dia na mata com o negrinho, enquanto ela ia se mostrando cada vez mais receptiva às minhas carícias, mais ousadas à medida que minha mão se aproximava de suas "intimidades"…

Muito mais tarde abrimos os olhos e vimos as nuvens formando um grande círculo esbranquiçado e transparente no céu, contra o qual pontos negros passavam em bando, num vôo direto e tranqüilo enquanto a brisa diluía a grazinada de seu canto áspero e movia a folhagem das árvores acima de nós… O sol ocupava o centro do círculo, e agora um grande pássaro de asas luminosas cruzava num vôo lento a extensão que meus olhos podiam cobrir; na chácara fazia silêncio e uma brisa fresca… Virei o rosto para o lado e dei com Eliete que me olhava com uma expressão de saciedade e alegria, a calma tornando suas feições quase transparentes. Então senti um sobressalto, sentei-me, esfreguei o rosto com ambas as mãos e levantei-me, recompondo-me rapidamente. Eliete, sem pressa, sentou-se abotoando o corpete do vestido; depois apoiou-se em mim para pôr-se de pé e com tranqüilidade terminou de ajeitar-se, bateu a roupa para caírem as folhas secas e os gravetos que haviam grudado. Olhei-a com espanto, pois enquanto eu me sentia assustado de verdade, ela, como se nada houvesse acontecido, soltava os cabelos, sacudia-os e os deixava cair em ordem pelas costas, pelo peito, sempre sorrindo-me.

— Eliete… — eu comecei, mas minha voz engasgou e não consegui dizer mais nada. Ela aproximou-se de mim, abraçou-me e disse com ternura:

— Agora você é meu.

Minha cabeça rodava quando cheguei em casa.

O ato do amor deixara-me atordoado não apenas por não ter sido premeditado, mas por suas conseqüências caso fôssemos surpreendidos (a irmã de Eliete vez por outra vinha encontrar-nos no pomar, ou seus pais poderiam ter voltado mais cedo da visita — eram as possibilidades que me ocorriam), enquanto o risco de uma gravidez, no estado traumático em que me via, não me preocupava naquele momento. Por outro lado, como me sentia orgulhoso, até mesmo eufórico, não só por estar apaixonado, mas também pela típica vaidade do macho ao possuir sua fêmea! Esse inusitado acontecimento, porém, apresentava-me ainda um outro aspecto, mais cheio de cores e beleza a obliterar, no fim das contas, o orgulho e a apreensão: Eliete, a virgem que me entregara sua pureza, tornara-se para mim ainda mais pura, e nosso ato de amor transcendia a carnalidade do prazer físico para a espiritualidade do prazer celestial, do êxtase divino, e se agora eu era o macho e ela a fêmea, eu

era também o bravo e santo guerreiro que a protegeria do mal, e ela, a ainda virgem cuja sorte estaria entregue ao valor do meu braço (¡poesia, a sempre patética e ridícula poesia!…) e a quem eu em instante algum poderia faltar. Assim, em meu coração por toda aquela noite, e sem conseguir dormir, associavam-se pavor e orgulho, medo e vaidade, carne e espírito, e quando veio o sono, adormeci tão profundamente que o sol já ia alto no céu quando acordei e de muito bom humor corri para a mesa, corri para Rufina que me esperava com seu café com leite e bolinhos deliciosos.

Não é preciso que me alongue na descrição dos nossos encontros seguintes. Aproveitávamos todas as chances que tínhamos para fazer "aquilo", mas como essas chances não fossem freqüentes ela passou vez em quando a ir às Oliveiras, e tudo se tornou mais fácil: nunca ia só, está visto — com ela iam a mãe e a irmã, mas enquanto a velha entretinha-se na cozinha com Rufina e suas receitas de bolo, eu arrastava Eliete à biblioteca, para onde a cautelosa mãe ordenava que a filha mais nova nos acompanhasse. A menina, porém, já sabedora (e cúmplice) do que fazíamos, mostrava-se sempre disposta a nos ajudar: entretinha-se aí a folhear os livros de ilustrações e atenta à aproximação de alguém para nos avisar em caso de perigo, enquanto nós corríamos para o meu quarto onde, apressados, nos entregávamos às nossas "brincadeiras". Depois, com ares de inocência, retornávamos à biblioteca, e uma hora mais tarde, quando a mãe lá aparecia para nos fiscalizar e ver em que nos ocupávamos, encontrava-nos, os três, ao redor da mesa conversando e vendo livros. Não creio que a mãe de Eliete pusesse alguma dúvida quanto ao nosso comportamento por demonstrar absoluta confiança em mim, "um moço tão distinto, de tão bonitos modos" como costumava dizer; se, porém, em alguma ocasião chegou a passar-lhe pela cabeça que pudéssemos ir além "de onde devíamos" não se deixou alarmar por essa preocupação: afinal a filha mais nova estava em nossa companhia; tinha ainda como certo que nos casaríamos em breve, e a possibilidade de ver sua primogênita dona das Oliveiras era um motivo mais que suficiente para que fechasse os olhos a certas inconveniências.

Tudo parecia correr bem para nós, nada nos ameaçava e isso seria suficiente para deixar-me tranqüilo. O perigo, contudo, muitas vezes vem de direções inesperadas, e muito precariamente sabemos enfrentá-lo nessas ocasiões. Como eu poderia estar pronto para defrontar-me com uma ameaça que vinha de mim mesmo, do fundo do meu próprio pensamento? Os horrores que testemunhei mais tarde em minha jovem vida nesta casa não se atenuariam se aquele "perigo" não tivesse surgido, mas é certo que eu não me sentiria tão impotente ao defrontar-me com eles (Como afirmar que, tendo o amor de Eliete, e amando-a como

a mim me parecia então que a amava, eu não teria mais força para suportar o que viria? Não será a solidão a mais terrível das fraquezas humanas, não por constituir em si mesma uma fraqueza mas por oferecer condições propícias para que o Mal nos domine quando não temos em quem nos sustermos nas horas de medo e insegurança? E não será a perda da fé a pior forma de solidão, quando nem mesmo com a companhia de Deus podemos contar?). Quando esse momento chegou eu estava só, e a fé, abalada, não tardou em desmoronar de vez. Mas não nos adiantemos: vamos falar do perigo que nasceu dentro de mim.

Começou com um certo fastio em meus encontros com Eliete. Dizer "um certo fastio" para o que senti no início não é exato: na verdade começou numa tarde enquanto, abraçados, observávamos os patos no lago, e ocorreu-me pela primeira vez que àquela hora eu preferia estar em casa ocupado com a leitura de um livro muito interessante que iniciara no dia anterior. Vinham-me à memória trechos que havia lido e, em vez de dar atenção ao que a namorada dizia pus-me a refletir sobre o assunto do livro a ponto de ela ter de chamar-me com insistência para que eu me apercebesse de onde estava. Naquele dia inventei uma desculpa para não ficar em sua companhia como de costume até as nove, e retornei mais cedo sem nenhum pesar, entregando-me à leitura que tanto me interessava. A partir de então, já não era com o mesmo gosto que ia à sua casa aos domingos, e conquanto continuasse freqüentando a igreja e ouvindo os sermões fazia-o também com tão pouco interesse (pois, como veremos adiante, minha devoção diminuía, enfraquecia minha crença nas coisas sagradas ao mesmo tempo que meu amor esfriava) quanto à hora da saída teria em oferecer o braço a Eliete. Não podia, porém, deixar de fazê-lo, e continuei visitando-a após a missa, embora não raro a deixasse bem antes das nove, tendo algumas vezes, sob qualquer pretexto, saído de sua casa ainda dia claro, e se acontecia aos domingos amanhecer com um ligeiro resfriado comparecia tão somente à missa e, à saída, lamentava não poder acompanhá-la "pois eu hoje me sinto deveras febril, e o corpo só quer estar na cama". Apesar de tudo, comparecia aos encontros de quarta-feira à noite, mesmo porque no mais das vezes estar com ela era agradável e fazia-me falta. O fastio, porém — e agora já podia chamá-lo assim —, ia-se insinuando, vagaroso mas implacável a ponto de eu não mais esconder de mim mesmo que Eliete começava a cansar-me: sentando-me ao seu lado, tomava-lhe a mão como de costume, mas o envolvimento que antes fazia-me tremer o corpo e a fronte latejar abeirando-me de um abismo no qual, duma vertigem, fosse precipitar-me, aquela ternura que em borbotões de lava ardente me transbordava o peito fazendo com que meus olhos só conseguissem enxergar os dela, plenos de brilho e doçura, já não eram tão

vivos e arrebatadores; e se num dos dias determinados para os nossos encontros eu ficasse em casa retido por uma chuva forte, ou ela, por sua vez, não pudesse ir às Oliveiras por qualquer motivo, sua presença já não me fazia tão grande falta e com um vivo sentimento de alívio punha-me a ler em meu quarto ou, revivendo os tempos de minha infância, saía a passear sem destino certo, entrando na mata, indo pescar ao ribeirão, coisas que podia muito bem fazer em qualquer dos dias livres, mas que naqueles me pareciam mais agradáveis. Não quero afirmar que a essa altura não sentisse de todo sua ausência, ou que o "inchaço" não mais avolumasse minhas calças quando, nas horas de liberdade que tínhamos, ela se achegava a mim esfregando o corpo no meu com sua inocente malícia de sempre. Ora, continuávamos sentindo os mesmos impulsos, e quando a tinha nos braços era ainda com furor que me deitava sobre ela, era com o mesmo gozo que a via gemer, contorcer-se e arranhar-me as costas com as unhas compridas. Começava porém a refletir com preocupação sobre essa espécie de incômodo que sentia agora à idéia de encontrar-me com ela, e percebi também — não com menor apreensão — que o mesmo sentimento aflorava ao pensar que naquele dia teríamos chances de estar a sós por muito tempo, e possuir seu corpo vigoroso e cheio de desejo passara a ter um vago sentido de obrigação. De novo não podia reter os impulsos, e tudo que fazíamos era ditado pelo império da carne — mas esse império, de súbito e sem que eu me desse conta, começara a mostrar-me o lado obscuro de seus subterrâneos.

Para compreender esse lado obscuro que me tirava o sossego, preciso reportar-me à descrição do sentimento que no início ligou-me a Eliete: houve entre nós uma atração que eu julgara estar além do mero desejo. Como não encantar-me diante de seus olhos tão vivos e sonhadores, e como ser indiferente à candura de seu rosto, dotado ao mesmo tempo de uma ingênua malícia e de uma doçura que eu dizia angelical (ainda que, como o leitor deve estar lembrado, Eliete fosse algo bonita, mas não propriamente bela)? Quando passei a notá-la durante as missas ou nos festejos da cidade, o que nela me despertou a atenção foram essas qualidades — físicas sim, mas não carnais: o jeito delicado de baixar os olhos com o assomo de um leve rubor às faces, como se algum pejo súbito a forçasse a isso, os movimentos dotados de uma tal leveza que me faziam esquecer que ela chegava a ser um pouco "cheinha" (ainda que não de todo gorda), a voz que me parecia um canto de pássaro; e no meu arrebatamento amoroso, eis-me mais uma vez a fazer poesia dos meus sentimentos. Eliete não era uma criatura de carne que eu pudesse tocar mas uma espécie de anjo que me agraciava com a visão de si, e se ao olhar para ela sobrevinha-me um pensamento não direi obsceno mas

menos virtuoso, eu o repelia com vigor e indignação, pois que não era digno ter tais pensamentos acerca dos anjos, por mais belos que fossem, pois sua beleza, eu me dizia, não era sensual. Durante nossos primeiros encontros, tratava-a com os cuidados que um antiquário dispensa a algum raríssimo e valioso jarro de porcelana, vindo da antiga China imperial. Pegava em sua mão ao mesmo tempo com carinho, volúpia e amor, tocando a pele de seu rosto com as precauções com que se toca uma frágil relíquia para não danificá-la. Ficava às vezes observando-a mover-se pela casa — fosse à hora do almoço, em que ajudava a mãe a pôr ou retirar a mesa, fosse ao levantar-se do meu lado para fazer qualquer coisa — ajeitar uma toalha sobre um móvel, atender a um chamado da irmã —, ou, como fazia às vezes, quando parava à porta e com a cabeça um pouco abaixada erguia os olhos para mim — somente os olhos, grandes e negros —, ocasiões em que, os cabelos resvalando por seus ombros, uma mecha ia dividir num corte reto seu rosto claro em duas partes iguais, e uma mera insinuação de sorriso permitia vislumbrar-lhe entre os lábios rosados a alvura de um lampejo… Eliete não era carne, e se não chegava a adquirir aos meus olhos cheios de fantasia a hierarquia de um querubim, muito pouco faltaria para que a visse dessa forma e, reverente, afastasse de si minha humana e imperfeita presença. Eis o que são os amores juvenis, com seus enlevos tolos e também tão doces e puros!… E se Eliete não era carne, olhar seu corpo — olhá-lo apenas, contemplá-lo com admiração — não deveria abrir caminho para pensamentos impuros. Por isso qualquer contato mais próximo perturbava-me, pois aquele "inchaço" sobrevinha como uma contradição concreta demais às fantasias que o meu amor devoto criara. No dia em que nos entregamos um ao outro na relva entre as árvores do pomar, com o miraculoso encantamento da descoberta que fazíamos de nós mesmos, longe de minha poesia sobre anjos desfazer-se, ou mesmo perder sua força, adquiriu contornos novos: o ato que praticáramos — e que voltaríamos a praticar — era sem dúvida um dom divino que nos fora concedido para que experimentássemos a excelsa doçura do paraíso, e a pureza daquilo residia em nos ser dado conhecê-la em toda sua plenitude. Ao nos despirmos — e, como relatei mais acima, ao nos entregarmos às nossas "brincadeiras" —, não era com um sentimento de concupiscência que contemplava seu corpo, mas de respeito pelo sagrado, evitando mesmo olhar para seu sexo porque vê-lo parecia-me coisa proibida. Perdoe-me o leitor maçá-lo com essas pieguices que sei enfadonhas: correspondem à verdade dos meus primeiros sentimentos cheios de fantasia (eu era só um menino tolo!) e permitem compreender melhor a transformação por que passei pouco tempo depois, quando pureza e inocência cederam seu lugar ao imundo, senão ao diabólico. Não foi com pro-

priedade que me referi às nossas "brincadeiras" — nossos encontros passaram a ter para mim esse significado algum tempo depois, quando o encantamento foi aos poucos se desfazendo, quando já me era permitido contemplar a face proibida, vasculhá-la com os dedos e revirá-la de todas as maneiras, ao que Eliete se submetia com uma boa vontade muito pouco condizente com a atitude que deveria ter uma criatura elevada à hierarquia angelical. Fui compreendendo — para aumentar minha confusão e levar-me a uma absoluta incredulidade — que ela apreciava aquelas extravagâncias, e o que via em seu rosto agora já não era candura mas vício! Vício — e essa palavra passou a atormentar-me. Eu era incapaz de compreender que entre um homem e uma mulher que se pertencem tal conceito deixa de ter consistência pois chocava-se diretamente com meus sonhos e punha-os todos por terra! Como eu preferia que Eliete me tivesse repelido com ódio naquele instante em que, pela primeira vez, toquei seu sexo de maneira até então inabitual, enfiando meus dedos ali, até o fundo: mas ela apenas estorceu-se de gozo! Eu bem quisera ter visto no seu rosto não satisfação, mas repulsa por minha atitude para dessa maneira — e só dessa maneira — trazer-me de volta ao paraíso que em definitivo se perdia para mim, mas em vez disso ela balbuciou: "Não pára!"

E assim, quando pela primeira vez a sodomizei e a vi gritar de prazer enquanto eu me movimentava com furioso vigor, toda a poesia que o adolescente sonhador criara acerca do amor desmoronou, jazeu em ruínas como uma casa velha diante de seus olhos assombrados e incrédulos.

Não existia Amor: havia apenas vício, um vício incontrolável, e agora, em todas as ocasiões que a possuía dessa maneira não conseguia deixar de compará-la com o negrinho. Afinal a diferença não era tanta, eu pensava: é verdade que o corpo de Eliete era bonito e cheiroso (o negrinho fedia, embora na época isso não me tivesse servido de empecilho e quisesse até repetir o feito), mas o gozo no fim das contas era quase o mesmo — para não falar, no fim, do ato de limpar-me com trapos que de propósito levava no bolso, observado por ela que sorria para mim sem o menor sinal de embaraço.

Eliete convertera-se aos meus olhos numa criatura vulgar que não merecia meus domingos perdidos, minhas noites de quarta-feira, e finalmente era por pura obrigação — porque ainda não conseguira encontrar um meio de livrar-me dela — que ia vê-la com a mesma freqüência de antes, e sempre que possível inventando pretextos para ir embora mais cedo. Não deixava, contudo, transparecer o aborrecimento que sentia por ir ao seu encontro, e enquanto permanecesse ao seu lado, à vista de sua família ou mesmo a sós em sua companhia eu continuava dedicado e atencioso, evitando dar-lhe motivos para desconfiar de meu

fastio. O rompimento era inevitável, dizia comigo mesmo, não suportaria por muito tempo mais aqueles encontros forçados, mas enquanto não descobria um meio de afastar-me dela sem magoá-la, agia de maneira a fazer-lhe crer que tudo continuava bem entre nós. Às vezes eu me decidia a falar-lhe, dizer-lhe de uma vez que o melhor era nos afastar um do outro antes que nossa situação se complicasse. Ignorava que a situação já se complicara, e a cada domingo, a cada quarta-feira em que para lá me dirigia disposto a pôr um ponto final em nosso namoro, olhando em seus olhos cheios de ternura recuava pesaroso, sem coragem. Certo dia tomei a decisão de falar-lhe à primeira oportunidade, escolheria as palavras mas seria franco, dir-lhe-ia evitando olhá-la nos olhos (para que à última hora não recuasse uma vez mais) que aquele seria nosso último encontro, que se tratava de uma decisão que havia tomado após pensar bastante, concluindo que não era certo de minha parte enganá-la por mais tempo: visto que me dava conta de não a amar como ela merecia e não estar à altura de um amor tão puro quanto o que ela poderia me ofertar (seria preciso enfeitar um pouco as palavras!…), determinara afastar-me a fim de que ela pudesse encontrar alguém que a merecesse, etc. etc. Em casa, ensaiei repetidas vezes essa frase-feita tão estúpida (e me dei por feliz ao chegar à sua casa num momento em que seus pais acabavam de sair da sala — ocupados talvez com alguma tarefa doméstica, eu pensei, o que era ótimo pois poderia ir direto ao assunto), mas logo que pensei em dizer as palavras inúmeras vezes repetidas para mim mesmo naquela semana, Eliete antecipou-se dizendo que ouvira "rumores" a meu respeito. Estremeci desarmado, e olhei-a nos olhos: havia neles uma reprovação cheia de tristeza, e percebendo que ela enfim "sabia de tudo" sobre mim fiquei mudo, sem ter como justificar-me.

— Rumores? — eu perguntei. — Mas que rumores?

Eu bem sabia que rumores eram esses: Eliete com certeza descobrira que nas noites de domingo e quarta-feira, quando inventava um pretexto para deixá-la mais cedo, eu na verdade não ia assim tão cedo para casa mas permanecia na aldeia — tomando, é verdade, algum cuidado para não ser visto, mas sabendo que quaisquer cuidados mais cedo ou mais tarde seriam inúteis e importando-me pouco com isso —, onde comparecia a uma "certa casa" que ali funcionava há muito tempo sob a discreta fachada de uma bodega. Quem, no entanto, a teria informado, quem falaria de tal coisa a uma moça de família?, perguntei-me enquanto olhava assombrado para ela, que pareceu ter compreendido a indagação que eu não pronunciara:

— Meu pai ouviu falar — ela começou, baixando o rosto, retorcendo os dedos. Não continuou, e em seguida ergueu os olhos lacrimosos para mim: — Então você freqüenta aquele lugar?

Continuei sem resposta, enquanto as lágrimas começaram a rolar, a cair em nossas mãos entrelaçadas.

— Minha mãe está descontente — ela disse —, não quis vê-lo hoje, tampouco meu pai aprova isso… e quanto a mim…

Percebi então o motivo por que os pais dela saíram da sala no momento da minha chegada — nenhum afazer os chamara para dentro, quiseram apenas evitar-me e transferiram à filha a incumbência de tocar no assunto, o que me surpreendeu, pois não era comum que os pais — ou o pai, o chefe da casa — numa situação assim (e na maioria das situações envolvendo a família) deixassem a pendência a cargo dos filhos, e tampouco seria próprio de uma moça tratar tal assunto com o noivo. Eliete, porém, parecera-me sempre muito independente tanto para sua idade quanto para a época em que tudo aconteceu. Seus pais, ou não eram mesmo severos, ou além da muita confiança que nos dispensavam ambicionavam para a filha mais velha o grau de proprietária das Oliveiras, para não temer inevitáveis falatórios a nosso respeito. Os falatórios, como não podia deixar de ser, surgiram, mas somente quando meu comportamento se tornou recriminável, pois meu compromisso com ela era coisa tida como certa e bem vista por todos. Quanto a mim, só dei por eles depois desse dia.

— Eliete…

— Então não me ama? — ela perguntou.

Seria o momento de dizer que já não a amava e não devíamos vernos mais: outra vez faltou-me coragem.

— Errei — eu disse —, mas não tornarei a fazê-lo.

E naquela noite não consegui dormir antes de clarear o dia.

Há umas tantas coisas a esclarecer sobre minhas atitudes — inesperadas para o menos crédulo e mais atento leitor, que deverá lembrar-se da transformação por que passei após o meu crime, de como vim a encontrar a paz na leitura da Palavra e numa religiosidade exacerbada; e também cobrar de mim mais coerência na descrição dos fatos.

Abominei, pois, após o "ato vergonhoso" um pobre e velho livro como coisa do diabo, e depois agradeci a Deus ter-me feito conhecer um de seus querubins, proporcionando-me através de sua misericórdia o "verdadeiro sentido de Sua Glória". Mas de súbito tudo se desfazia: corrompera-se aos meus olhos esse querubim e meu próprio sentimento havia-se tornado um "vaso de imundície", fazendo-me enxergar o vício onde deveria haver apenas amor… E por fim passara a freqüentar um prostíbulo à procura de um prazer escuso. Não será tudo isso contraditório e incompreensível? Talvez o seja, eu digo, se for nosso intento compreender o que ocorre no fundo da mente humana, penetrar com uma luz acesa aqueles corredores de onde vêm a grande fera que nos ameaça.

Mas será que algum dia poderemos entrar nesses corredores com uma lâmpada, ou sempre teremos de esperar à sua porta que lá do fundo avance em nossa direção essa fera e, só quando já não podemos recuar ou nos esquivar de seu bote, ela se mostre aos nossos olhos assustados?

Não é difícil compreender o que acontecia comigo durante aqueles dias: quando o fastio por Eliete se insinuou — quando ainda não poderia ser chamado assim — teve início um período de minha vida em que vi minha crença nas coisas sagradas ir, passo a passo, minguando. Ao mesmo tempo que ela se tornava desinteressante para mim, o ritual cumprido aos domingos na igreja, em que o pároco reiterava seus sermões sobre a virtude, bem como os cânticos e preces e todo o resto iam aos poucos tornando-se tediosos até que lá comparecia apenas para não deixar transparecer minha intenção de afastar-me da casa de Deus e do meu dever com a moça que cortejava. Passei a ir com freqüência à bodega, chegando em casa de madrugada, algumas vezes sendo surpreendido pelo sol numa cama estranha; abria os olhos já dia claro tendo ao meu lado uma mulher que eu mal conhecia, sentia um cheiro de aguardente ruim no ar e a desordem do aposento minúsculo e miserável aturdia-me. Logo me recordava de que naquela noite dormira fora, e era com raiva que me punha de pé, vestia minha roupa e rumava para casa.

Rufina não deixou de notar minha mudança de comportamento, e numa das ocasiões em que cheguei em casa bem depois do amanhecer, tonto da noite perdida na esbórnia, disse, enquanto servia o café com leite e punha na mesa uma travessa com pão e fatias de queijo frito:

— Meu minino anda fazendo arte — e lançou-me uma olhadela na qual percebi uma leve sombra de censura.

— Ora, Rufina… — resmunguei com um sorriso constrangido.

— O minino não tem medo de que a menina Eliete descubra suas estripulias?

Calei-me, "é isso mesmo que eu queria que acontecesse" pensei responder, mas então teria de perder um longo tempo em explicações desagradáveis tanto para mim quanto para a pobre negra. Sim, era aquilo que eu esperava acontecer, mas quando aconteceu eu recuei: não que de uma hora para outra eu me desse conta de amar Eliete e temesse perdê-la, ou que receasse um escândalo, embora imaginasse o que poderia sobrevir: a mãe a torcer-me o nariz enquanto o pai viria às Oliveiras tomar satisfações e, encontrando-me sozinho, talvez até me batesse com um chicote; além disso haveria falatório e eu seria apontado na rua — embora tais receios e temores seriam mais naturais nela, eu pensava, pois se rompêssemos, aos olhos daquela gente antiquada a desonrada seria ela, não eu, tanto mais por tudo que já ocorrera entre nós; sim, meu ato poderia ser escandaloso mas não me traria grande vergonha:

receberia uma repreensão por parte de Rufina, Florêncio mostraria alguma severidade e diria de cara amarrada "não se faz isso na casa dos outros"; a mãe poderia torcer-me o nariz e o pai até bater-me, mas os rapazes de Pilar, com quem afinal de contas eu não mantinha nenhuma relação íntima de amizade, olhar-me-iam com uma admiração invejosa e eu acabaria com fama de conquistador, o que faria os pais temerem por suas filhas e estas, por outro lado, me olharem com olhos de cobiça. Pensei em tais conseqüências e disse comigo mesmo: "Que me importa a raiva dos pais de Eliete? Que diferença faz se as pessoas me apontarem na rua e se o padre passar-me um sermão em regra?… Aliás, não irei mais à missa pois nada mais tenho a fazer lá!"

O que, pois, estorvara-me a decisão de deixá-la?

Ocorria comigo algo de certa forma similar aos temores que tive depois de pegar o negrinho na mata e que dosava com clareza o grau de insegurança e timidez que seria sempre um entrave para mim em certas ocasiões. Procurava uma desculpa aferrando-me por exemplo, numa tentativa de justificar-me, à idéia de que afinal magoar Eliete não era coisa que me agradasse, e isso fez com que eu desistisse por algum tempo de abandoná-la. Esse algo tinha um único nome, que contudo eu não admitia e talvez nem pensasse nele: covardia — sim, pois só a covardia faz que inventemos justificativas descabidas para não tomarmos uma decisão necessária.

Uma semana depois de Rufina repreender-me ao café da manhã, Eliete descobriu o que eu vinha fazendo (quase) às escondidas.

É preciso deixar claro que todas essas transformações ocorreram num período de tempo muito curto: eu acabava de completar quinze anos quando, naquela festa de ano bom, tomando coragem lhe falei do meu interesse. Foi mais ou menos em fins de abril que se deu a cena no pomar, perto do lago. Nos quatro ou cinco meses seguintes meu amor degenerou-se e em outubro o rompimento era inevitável. De sua gravidez eu, por enquanto, não sabia.

Entre o extremo de minha fé e o outro extremo, o da descrença, transcorreram apenas esses poucos meses nos quais troquei a igreja pelo prostíbulo, substituí o amor da noiva pela cama das putas, e passei a ver numa como noutras a mesma coisa: perversão. Essa perversão a certa altura começou a perturbar-me: quando Eliete descobriu minhas visitas à bodega já principiava por sentir ferroadas na consciência, e ainda que não ir mais à missa fosse coisa decidida, havia noites em que varava a madrugada refletindo sobre meus atos: se de um lado, como disse acima, eu não me importava em ser apontado na rua e até sentia algum orgulho com aquilo, de outro toda aquela sujeira — o cheiro da aguardente, o ranço do corpo suado das putas, o ambiente sórdido dos quartinhos

nos fundos em que elas recebiam os homens — prostrava-me em tormentosos pensamentos; começara a ouvir dentro de mim os apelos de meu coração, em que as acusações do meu novo "crime" (o abandono a que estava condenando a menina, a desonra que levara à sua casa e ao seu nome) se misturavam a um reconhecimento do estado miserável de alma em que me afundara.

Foi, portanto, com um misto de pavor e pesar — a que hoje chamo covardia — que recuei naquele momento decisivo em que Eliete perguntou-me se já não a amava. Era também com pesar que reconhecia em meu coração aquele tédio que me distanciava dela de maneira irrevogável. No momento em que reconheci meu erro e lhe prometi não fazer mais aquilo mentia, e mesmo que na hora houvesse recuado de minha decisão, eu sabia que o rompimento era apenas uma questão de tempo.

Falar, contudo, em "extremo de descrença" talvez seja um exagero. É provável que eu nunca tenha chegado a esse extremo, e se falei nele foi em razão da dificuldade que há em expor de maneira clara o que se passara comigo durante aqueles poucos meses: quando recorri às putas apertava-me o peito a grande decepção de reconhecer no amor um sentimento finito e quase trivial. Todos os meus sonhos, toda a poesia adolescente que eu fizera convertia-se em palavras ocas, banais como os sons cotidianos que a todo momento entram por nossos ouvidos sem que lhes prestemos maior atenção, porque não merecem de nós maior atenção, porque não significam nada a não ser o que são na verdade: barulhos comuns. Percebi que o amor que eu imaginei deveria ser como a música ou como a verdadeira poesia: sons — ou palavras — dotados de transcendência, alcançados apenas com o espírito, nunca com os corriqueiros sentidos do corpo, ainda que estes pareçam ser as vias pelas quais chegam ao nosso conhecimento e ferem nossa sensibilidade.

No fim, este seria o resumo dos fatos: a Bíblia ficara longas semanas esquecida na gaveta da mesinha de cabeceira, eu enjoava na companhia de Eliete e deixando-a ia finalizar minha noite nos fundos da bodega, a vida tornou-se sem sentido para mim e pela primeira vez me perguntei o que seria do meu futuro, o que haveria para mim detrás dessa porta? (Se eu tivesse uma resposta para tal pergunta fugiria de casa, levaria minha namorada comigo, ou iria só, de qualquer maneira não ficaria ali; mas não era possível abrir tal porta antes do tempo, a qual, ao revelar-nos o recinto que se estende além de seu umbral e o que há nele, o que nele há nos envolve de tal modo que já não é possível escapar.) Eis, enfim, o que aconteceu: eu e Eliete continuamos nos encontrando aos domingos e às quartas-feiras, embora eu não mais fosse à missa. Chegava em sua

casa depois do meio-dia e passava a tarde junto dela. Procurava ser atencioso, conversávamos, mas eu evitava todas as situações em que pudéssemos ficar a sós, para o que tinha como pretexto o falatório que já se iniciara entre as beatas e fora se estendendo pelas ruas até ganhar a intimidade dos lares e o recinto pernicioso dos botequins. Em sua casa isso não era difícil: seus pais se mantinham bastante reservados comigo agora, nossas conversas já não eram tão espontâneas e eu sentia uma ponta de acanhamento em conversar francamente com eles, razão pela qual poucas vezes nos afastávamos da casa em direção ao pomar, e como desde o incidente provocado por minha imprudência Eliete não fosse às Oliveiras, esperando que com o tempo o embaraço que nos tolhia se fosse desfazendo, as oportunidades de estarmos a sós quase inexistiam.

— Você não tem mais ido à missa — ela disse uma tarde. Sim, fazia duas ou três semanas que decidira não ir mais à igreja.

— Não tenho vontade — respondi com franqueza, e isso a inquietou.

— Talvez tenha lhe faltado tempo… — ela insinuou, segurando minha mão, mas eu tornei com a mesma franqueza:

— Não, Eliete, faltou-me vontade. Não pretendo, por ora, voltar à igreja.

Ela me olhou com apreensão e ansiedade, que vi em seu rosto como um ponto de interrogação.

— Tem a ver comigo?

— Não, claro que não. Estou apenas esperando…

— Esperando o quê?

— Preciso… bem, preciso estar certo de que é importante para mim freqüentar a missa. Não se pode ser religioso levianamente.

— Antes você não tinha essas dúvidas.

— Antes de quê?

— Antes de… de ir… naquele lugar.

Eliete não era tola, nem um pouco tola, e parecia ver o que se passava dentro de mim. Meus receios, minha insegurança, o amor que se convertera em cansaço, tudo isso ela percebia.

— Eu sei — ela começou antes que eu a contradissesse —, eu sei que muita coisa mudou agora… Você já não me ama, e eu estou desonrada. Papai poderia obrigá-lo… mas eu não quero dessa maneira.

Apertei-lhe as mãos entre as minhas, penalizado. Não queria mentir-lhe mais, mas me sentia incapaz de confirmar suas suspeitas. Continuei calado, e aquele resto de tarde foi longo e penoso para nós. Foi também um dos últimos em que estivemos juntos: chegara outubro e a porta, a Grande Porta estava prestes a abrir-se à minha frente.

Um Episódio Com a Morte

"E apareceu um cavalo amarelo: e o que estava montado sobre ele tinha por nome Morte, e seguia-o o Inferno."
(**S. João** — *Apocalipse, cap. 6 vers. 8*)

Numa tarde cinzenta de inverno eu o vi pela primeira vez. Era quase noite. Uma garoa gelada caíra durante todo o dia, deixando como vestígio a terra encharcada e um chuvisco persistente. Eu estava em meu quarto, à janela, embrulhado num cobertor e me pusera a espiar para fora sem pensar talvez em nada… Não, não me lembro em que pensava, apenas deixava-me ficar ali, e o livro que havia apanhado para ler, esquecera-o sobre a cama aberto numa página qualquer. De vez em quando o vento sacudia com vigor as árvores em frente, salpicando a vidraça de respingos; ao longe, nas encostas, as copas estorciam-se enquanto rajadas cortavam sobre a mata. Que onda de súbita alegria encheu-me o coração por estar assim, abrigado do mau tempo no conforto de meu quarto e sabendo que Rufina logo colocaria à mesa uma tigela de sopa fumegante, momento em que ouviria embaixo sua voz anunciando-me o jantar. Então eu desceria e já encontraria a sala iluminada, Florêncio talvez ainda não tivesse chegado, contudo não tardaria, e era certo que iríamos os três juntos para a mesa. Talvez conversássemos um pouco, e mais tarde, muito mais tarde quando me recolhesse, ainda poderia escutar os ruídos da noite através da janela fechada, talvez um pio de ave mal acomodada reclamando da chuva, um tropel ao longe na estrada, qualquer coisa… Fechei os olhos por algum tempo na antecipação desses acontecimentos simples e prazerosos — dez, vinte segundos, um minuto? — e procurei aguçar os outros sentidos: pousei as mãos espalmadas na vidraça para experimentar o frio da tarde, pus-me a escutar a ventania no arvoredo, concentrei-me nessas sensações e na antevisão da noite que não tardaria, dos perigos que rondavam lá fora (sempre somos levados a fantasiar perigos que nunca nos alcançarão quando nos sentimos seguros), refletindo que apesar de tudo ali estava eu, são e salvo, em meu abrigo.

Foi então que abri os olhos e o vi.

Surgira de repente montando um cavalo amarelo e se detivera no ponto onde o caminho se bifurcava, distante cerca de cento e cinqüenta

metros da casa. Subindo, chegava-se às Oliveiras, descendo, ia-se a Pilar. Detivera-se olhando a casa, creio que com alguma curiosidade, o chapéu tombado sobre a testa, o rosto pouco visível, as mãos segurando as rédeas à frente do peito numa atitude de cavaleiro experiente. Vestia um longo balandrau encardido que descaía sobre os flancos da montaria e o vento agitava, e como viesse uma rajada mais forte, decerto mais fria, o homem levou uma das mãos à gola e virou-a para cima, mantendo-a assim por alguns momentos. Depois bateu as rédeas devagar, tocou o cavalo com um movimento de pernas, sem fazer uso das esporas, e seguiu a passo em direção do arraial.

Como explicar minha curiosidade acerca daquele homem que aparecera tão de repente em meu campo de visão e depois se afastara com a indiferença dos condenados, para sumir-se, quem sabe, para sempre? Não, pensei, eu não poderia deixá-lo sumir para sempre.

Por isso decidi segui-lo.

(Esses acontecimentos se deram antes dos fatos relatados no último capítulo, mas devido às suas características singulares e inesperadas resolvi dedicar-lhe um capítulo à parte. Eu completara treze anos havia pouco, e não passava de um garoto — um garoto com seu tanto de criança, já começasse embora a ensaiar atitudes e pensamentos de adulto. Não posso, contudo, garantir que ao me ver arrastado por aquela curiosidade eu estivesse agindo como adulto, embora não fosse também uma decisão infantil: o homem do cavalo amarelo, sua figura magra e esguia com a grande capa ocre batida pelo vento, que num gesto displicente segurou junto à gola, fechando-a para proteger-se do frio, o chapéu tombado no rosto como se desejasse ocultar sua identidade, o movimento vagaroso de instigar o animal a seguir caminho sem usar das esporas como se bastasse aquele jeito nas rédeas para ser compreendido, não sei por que impressionou-me, e quando dei por mim preparava-me para sair, sabendo que o seguiria até Pilar, até mesmo mais longe se preciso, mas sem o ter deliberado, sem ter refletido no que fazia, sem ter ao menos pensado se o devia fazer: nenhum empecilho existia para mim, só a decisão de ir. E fui.)

Quando cheguei à bifurcação já não pude vê-lo: embora seguisse a passo, a cavalo seria sempre mais rápido e eu tive de apressar-me para alcançá-lo. Ao dobrar uma curva avistei-o mais abaixo, nunca acelerando o passo da montaria, e como ventasse mais forte agora e o chuvisco engrossasse um pouco, o homem tombara a cabeça para frente, continuando a segurar a gola erguida a fim de proteger o rosto. Detive-me para observá-lo, e só então, quando as rajadas passaram a fustigar-me com mais força eu me apercebi de como fazia frio. Embrulhei-me mais

em meu casaco, imitei-o segurando a gola levantada para cobrir as orelhas e a garganta, e o vigiei afastar-se morro abaixo até sumir numa curva. Então corri para alcançá-lo e, chegando à curva, tive de parar bruscamente: por algum motivo ele também havia parado, apeara pouco adiante e apertava a cilha. Escorreguei para trás de uma moita e dali o espreitei: ele apanhou uma das patas dianteiras do cavalo como que para avaliar as condições da ferradura, fez o mesmo com as outras, dando volta ao animal devagar e quase com desleixo. Acariciou-lhe o pescoço com um carinho de amigo, e depois com a habilidade dos grandes montadores, saltou para a cela e se afastou, sempre devagar. No salto uma das abas da capa subiu, descobriu-lhe a cintura, deixando ver o cabo de uma arma de grosso calibre e um longo punhal cuja bainha estava presa à perna por tirinhas de couro. Com o mesmo movimento de pernas, sem fazer uso das esporas, fez o cavalo avançar num trote ligeiro através da vargem que se abria à frente. Detrás da moita, continuei escondido vendo-o afastar-se ligeiro rumo a Pilar.

A noite começara a cair rapidamente, já entre as moitas e as árvores à margem da estrada as sombras se tornavam mais fechadas e nos morros desaparecia a massa escura do arvoredo, os animais que pastavam e não foram recolhidos aos currais, os troncos eretos e imóveis das cercas em cujos arames a ventania assoviava sua canção monocórdia, encobertos por uma névoa densa e opaca que ameaçava invadir a paisagem. Logo seria noite fechada, "deve passar das cinco horas" eu pensei, "deve ser quase seis, ou mais de seis"; então saltei detrás da moita: "não" reconsiderei, "não passa de seis, senão já estaria escuro de todo" e corri pelo caminho na tentativa de alcançá-lo, ainda sem refletir no que pretendia com tal atitude. Começara a chuviscar mais forte agora.

Entre as Oliveiras e Pilar o caminho descia sempre, costeando a montanha em suas saliências e reentrâncias por cerca de quatro quilômetros, difíceis de vencer nos dias chuvosos em que a água escorria abrindo valetas e indo depositar-se nos trechos planos, onde formava charcos quase intransponíveis, se o caminhante estivesse acaso preocupado em manter sua roupa impecável até o fim da viagem. A partir do ponto em que eu me detivera a estrada abria-se num trecho longo e reto que se quebrava bem adiante numa curva fechada para a esquerda, enquanto à direita uma encosta muito inclinada descia, recoberta pelo matagal, até um brejo. Corri através dessa reta para diminuir a distância entre mim e o estranho, e mais uma vez ao chegar à curva parei: vi o cavalo amarelo mordiscando uns tufos de grama na beira do caminho, mas nenhum sinal do cavaleiro. Desconcertado, e enquanto se fazia cada vez mais escuro, já começava a me perguntar o que fora feito do homem, olhando para um lado e outro à procura de outra moita onde

me esconder, quando senti o alicate de uns dedos muito fortes apertar-me o ombro ao mesmo tempo que uma voz grave e tranqüila, terrível em seu tom de velada ameaça, dizia:

— Então temos um mocinho nos seguindo!

Com um grito de assombro voltei-me num pulo, meus cabelos se eriçaram, e deparei com o cavaleiro a encarar-me com um ar entre severo e levemente debochado. Nada encontrei de amigável naquela cara que a noite já quase fechada impedia-me de ver com clareza, imobilizado à sua frente, os olhos arregalados e a boca aberta, sem voz nem atitude.

— O que há de querer o rapazinho conosco, hein?

Tentei dizer alguma coisa, mas percebi que em vão movia os lábios: a voz não saía, e uma bambeza nas pernas quase me levaria ao chão não me sustivesse a garra de aço a pinçar-me o ombro, erguendo-me outra vez. Seus dentes rebrilharam num sorriso que eu não saberia, então, se perverso, se irônico, se francamente debochado…

— Segure-se, rapazinho, que é isso? Surpreende-me com esse pavor repentino da mesma maneira como me espantou que se pusesse a me seguir.

— Eu não o estava seguindo — atirei de uma vez só, ainda mantido sobre as pernas pela garra que continuava pinçando-me o ombro.

O homem moveu a cabeça numa negativa cheia de piedade por minha ingênua tentativa de argumento, e com um movimento brusco alçou-me pelos quadris, atirando-me para a garupa do cavalo. Quando dei pela situação, também ele havia montado e cavalgava num trote ligeiro rumo à aldeia. Achei uma temeridade protestar, não nego ter-me passado pela cabeça saltar do cavalo e tentar uma fuga, mas refleti que seria tolice: afinal como escapar de alguém como ele, cheio de astúcia? E enquanto me deixava levar, ia-me perguntando como pudera perceber que eu o seguia.

— Mora naquela fazenda lá em cima, não é? — ele perguntou sem voltar a cabeça.

— Para onde está me levando? — por minha vez eu perguntei, atitude típica em mim que, em certas circunstâncias, sofria ao mesmo tempo a ação do medo e de uma coragem inexplicada. Isso acontecia quando dominado por forte irritação: então, dentre as barreiras do medo vinham-me uns assomos de audácia que noutras circunstâncias eu não teria; e o quanto irritava-me a maneira altiva, superior, que o homem tinha comigo, como se eu fosse uma criança apanhada a fazer artes, um moleque surpreendido a furtar um doce, a espiar embaixo da saia de uma senhora…

— Para que quer saber? — ele disse, e eu, cuja coragem ainda mantinha seu pavio aceso, retornei com outra pergunta:

— Por que não posso saber, já que se trata de mim?

Ele soltou uma risada, o vento derribou-lhe o chapéu às costas, e com um movimento de suas pernas fez o cavalo acelerar o passo.

— Você estava me seguindo — ele disse —, e isso se refere a mim.

Agora entrávamos em Pilar, em cujas ruas alguns lampiões resistiam acesos à ventania que vinha de vez em quando. O cavaleiro sofreou o trote largo da montaria e seguiu devagar através da praça em direção da bodega — aquele mesmo estabelecimento que dois anos mais tarde eu freqüentaria já não como um garoto assustado, mas como um quase adulto perplexo e confuso. Saltou para o chão, agarrou-me pela cintura e puxou-me para baixo. Mal equilibrado nas pernas, fiquei de pé ao seu lado esperando pelo que viria em seguida. O homem segurou-me pela mão e disse:

— Vamos, é hora de você virar homem — e me arrastou para a bodega.

Quando entramos havia uns poucos fregueses encostados no balcão, as mesas quase todas vazias, e o forte cheiro de aguardente misturado ao fumo dos cigarros de palha embrulhou-me o estômago. Os presentes pareceram surpresos com nossa chegada, mas em seguida deixaram de nos encarar, não com indiferença mas como se a presença do estranho de certa forma os pusesse pouco à vontade, e percebi que de vez em quando dissimulavam uma olhada em nossa direção, como se um cuidado qualquer — cujo motivo eu não conseguia penetrar — os deixasse alarmados. O homem levou-me até uma mesinha nos fundos da bodega, fez-me sentar e foi até o balcão, onde apanhou uma garrafa e dois copos. Ao aproximar-se do balcão pareceu-me que os que ali se achavam apressaram-se em dar-lhe passagem e que o bodegueiro o servira com uma excessiva presteza e um sorriso contrafeito, mostrando os dentes em mau estado… De volta, porém, à mesa, pôs um copo à minha frente, encheu-o e ordenou que eu bebesse. Apalermado, tentei ler em sua cara se estava brincando comigo, se aquela ordem era a sério. A dureza de suas feições disse que sim e eu, com a mão trêmula, segurei o copo.

— Eu não tenho hábito…

— Beba — ordenou sem alterar a voz.

Levei o copo à boca, o cheiro forte do álcool causou-me mal-estar, mas assim mesmo provei da bebida, que me pareceu péssima.

— Não posso… — disse em voz baixa, procurando no aço de seus olhos claros um pouco de piedade.

— Beba — voltou a dizer — assim — e virou de uma só vez toda a bebida que pusera para si.

Balancei a cabeça com vigor numa negativa apavorada, mas ele reiterou a ordem, e de maneira taxativa:

— Beba, ou o farei engolir isso a força — e aproximou a cara da mi-

nha, os olhos fuzilando.

Assombrado, levei outra vez o copo à boca e tomando coragem derramei um grande gole sobre a língua, depois outro, e outro, e logo o horrível líquido escorregou-me garganta abaixo como se estivesse a engolir água fervente. Não agüentei beber todo o copo, engasguei, meus olhos se encheram de lágrimas, comecei a tossir e a dar de braços desesperado como se fosse morrer sem ar. Tentei levantar-me da cadeira, mas de tão aturdido desequilibrei-me e fui dar ao chão, de bruços, onde continuei tossindo para logo depois vomitar tudo que havia no estômago. O homem soltou uma gargalhada e ajudou-me a sentar outra vez; percebi então que todos me olhavam, não sei se divertidos com minha desgraça ou se penalizados, em todo caso sem tomar qualquer iniciativa para defender-me.

Mas já o estranho empurrava em minha direção outro copo cheio:

— De novo. Agora para arrematar.

Encarei-o com verdadeiro pavor, movi a cabeça numa recusa pouco veemente, afastando o corpo para trás, e fiquei olhando ora o copo de veneno — a essa altura já não tinha dúvida de que se tratava de veneno o que havia no copo —, ora o homem. Ele no entanto franziu a testa, e eu, ainda aturdido e por isso mesmo sem vontade própria, não tive escolha: segurei o copo e o levei à boca. Penso que estivesse com o olfato e o paladar anestesiados, porque não senti o cheiro repugnante nem o gosto da bebida, embora queimasse como da primeira vez. Estremeci, fiz uma careta, e mais uma vez meu estômago se revoltou: caí de quatro no chão e vomitei; como se não bastasse, com as contrações que me arqueavam o corpo quase atirando-me para frente, lançava agora um líquido esverdeado que saía na forma de umas golfadas curtas e terrivelmente amargas, até que por fim sentia apenas as contrações, o vômito seco que doía como se me lanhassem por dentro, sem sair mais nada. Quando parei, ofegante, de vomitar, e pude levantar-me, senti tudo rodar à minha volta e contra a vontade deixei o corpo arriar na cadeira.

Então ele disse:

— Agora podemos conversar.

Aturdido demais para pensar, mal escutando o que dizia, olhava-o perplexo, e em alguns momentos parecia-me estar num lugar não só estranho mas longe, muito longe de casa.

— Conhece mulher? — ele perguntou, e eu, sem compreender bem o sentido de sua indagação não respondi.

— Parece que não — ele disse com um sorriso breve —, mas pelo visto isso deverá ficar para outra vez. Você não suportaria outra novidade esta noite.

Baixei a cabeça.

— Por que me seguia? — ele quis saber.

Dei de ombros, sem encontrar o que responder.

— Andava atrás de mim e não sabe por quê?

— À toa — enfim disse, de cabeça baixa.

— Hum, à toa — então espiei seu rosto por um momento. Encheu outra vez o copo, reclinou-se na cadeira e ficou algum tempo parado, olhando direto para frente, como se, muito concentrado, pensasse em alguma coisa importante. Tinha o rosto magro, podia ver agora sob a luz do lampião de carbureto que alumiava a bodega; mas a barba ruiva cerrada escondia-lhe os lábios, e salvo quando falava ou sorria, a boca desaparecia sob aquela moita de pelos. O nariz era fino e um pouco alongado, mas não muito, e como os cabelos fossem compridos, caíam cobrindo a testa, e isto fazia com que vez por outra metesse os dedos entre as mechas (também ruivas), jogando-as para trás. — Não tem medo das conseqüências de uma atitude tão estúpida? — ele perguntou de repente, assustando-me.

— Não queria fazer-lhe mal — eu disse sem refletir. O estranho primeiro olhou para mim como se não acreditasse no que ouvia, e em seguida soltou uma estrondosa gargalhada. Fiquei envergonhado, dando-me conta da asneira: "não queria fazer-lhe mal", como se eu em algum momento pudesse fazer qualquer mal a um tipo como aquele. Nem se o tivesse sob a mira de uma espingarda, pois mesmo neste caso faltar-me-ia coragem para dar ao gatilho, e se ousasse disparar erraria o alvo, ou ele atiraria primeiro, matando-me.

— Quis dizer que não foi por mal — tentei emendar.

Ele ainda ria, fez que sim com a cabeça e emborcou outra vez o copo.

— Conhece-me? — perguntou.

— Não, senhor — respondi, olhando-o com timidez, que então se levantou batendo com o copo na mesa em atitude de quem pretende discursar.

— Atenção — ele falou em voz alta erguendo uma das mãos, e todos se imobilizaram, encarando-o —, peço a atenção de todos. Sabem o que este menino fazia ainda há pouco? — e ficou esperando que respondessem. Alguns balançaram a cabeça, outros mastigaram um não medroso, e o homem retornou: — Seguia-me pela estrada.

Todos os olhares se voltaram para mim, e envergonhado baixei os olhos (talvez eu não devesse sentir vergonha, já que minha atitude fora mais que corajosa, temerária, e só um valente seria capaz de fazer o mesmo impunemente, mas naquele momento eu ainda não sabia disso).

— Sim, senhores — o homem continuou —, vinha me seguindo feito um soldado, um polícia. Isso não é engraçado? — e riu-se, riu-se muito, enquanto os outros lhe faziam coro, creio que mais para agradá-lo do

que por acharem mesmo graça naquilo. Cada vez mais embaraçado, mantinha-me de cabeça baixa, sem ousar qualquer palavra. — Gostei de você — ele disse então, com voz baixa, inclinando-se em minha direção. — Não sei o que tinha na cabeça quando saiu atrás de mim, mas gostei disso. Você tem uma audácia que me agrada.

— Quem é o senhor? — eu perguntei, num assomo de coragem. — Por que estava olhando tanto para minha casa, lá em cima?

— Por nenhum motivo especial — ele disse, enchendo pela terceira vez o copo. Percebendo porém que os presentes ainda prestavam atenção a nós, ergueu-se da cadeira: — Pode esquecer da gente, cambada. Não tem mais nada aqui pra ficarem olhando! O rapaz passou na prova — e para mim: — Diga a eles — encheu uma vez mais meu copo —, mostre a eles.

Esse "mostre a eles" significava que eu deveria ainda beber do veneno, por isso estremeci. Agüentaria aquela provação pela terceira vez? Contudo, como o homem agora se mostrasse mais amistoso, não podia decepcioná-lo, e sem titubear avancei a mão para o copo, estanquei o movimento a meio caminho da boca quando o cheiro da aguardente produziu novas revoluções no meu estômago, mas tomei coragem e virei o copo na boca: uma queimação insuportável dilacerou-me a garganta, os olhos lacrimejaram e então quase não tive tempo de virar o corpo de lado: vomitei, e com tal violência que as tripas parecia que me fossem sair pela boca. Ninguém riu quando pálido e meio tonto me aprumei, amparando-me na borda da mesa. O estranho disse:

— Você cresce rápido.

Agora estava de pé, a tontura deixara-me sem equilíbrio, mas assim mesmo tentei caminhar até a mesa mais próxima. Porém, faltando-me o apoio desabei de comprido no chão. Não sei quanto tempo estive inconsciente, talvez dez ou quinze minutos, e ao recobrar os sentidos vi-me deitado numa cama dura e muito suja num dos quartinhos vazios nos fundos da bodega. Em cima de uma mesinha haviam posto uma vela acesa, e o estranho fumava tranqüilamente sentado aos pés da cama, esperando que eu acordasse. Aos poucos me lembrei de onde estava e de tudo que havia acontecido, e a muito custo consegui sentar-me.

Senti uma dor forte na testa, e quando pus a mão percebi que ao cair sofrera um corte. O corte fora profundo, em minha camisa havia enormes manchas de sangue, e minhas mãos também estavam sujas de sangue.

— Você tentou matar-me — eu disse, sem saber ao certo por quê.

— Matá-lo? — o outro riu. — Não, a você não!

Reclinei-me outra vez no travesseiro e relaxei o corpo. Uma sonolência tomava conta de mim, a cabeça rodava um pouco, mas persisti de olhos abertos, lutando contra o mal-estar.

— Durma sem medo — o outro disse.

— Preciso ir para casa — repliquei, esfregando os rosto com as mãos. — Mas como posso ir embora desse jeito?

— Descanse um pouco mais — ele disse —, depois eu o levo embora.

— Não quero nada de você — respondi com raiva e fraqueza.

— Não me culpe de nada — ele disse com um risinho curto —, cada pessoa é responsável por si mesma. Com você não é diferente.

— Tive de beber aquilo…

— Não, não teve. Jamais o obrigaria, se não quisesse.

Percebi que debochava de mim, e que era tolice retrucar. Calei-me, resolvi fechar os olhos para não ter de olhar para ele.

— Você perguntou por que eu estava olhando para sua casa. Ainda quer saber?

Abri os olhos e ergui um pouco a cabeça. O homem continuava fumando tranqüilo, a fumaça subia fazendo desenhos cheios de curvas e espirais e por fim se dissolvia, deixando o ar menos transparente.

— Quando olho essas casas antigas penso que poderia viver bem feliz numa delas, e fico imaginando que os moradores devem se sentir confortados entre aquelas paredes. "Isto é meu" dirão satisfeitos, e em dias frios como o de hoje fecharão tranqüilos os olhos, conchegando-se às cobertas. É o que penso. Talvez pense assim porque não tenho nada, sim, não se espante, é verdade: que é que eu tenho? Um cavalo, uma mochila onde carrego algumas mudas de roupa, minha arma… Homens como eu não tem nada de seu… a não ser a estrada, as trilhas na mata por onde escapar em momentos de precisão… um teto a céu aberto, e bodegas como essa para passar a noite de vez em quando… Nem o amor de uma família… só o das putas que recebem seus fregueses em quartinhos assim… por sinal hoje deve ser folga, isto aqui está sempre infestado de putas…

Seu rosto, sempre duro, agora fazia-se mais sereno, quase sonhador, como se pensar aquilo lhe trouxesse alguma lembrança, alguma tristeza; mas logo voltou a endurecer e encarou-me com rudeza:

— Não queira um dia ser como eu, não vale a pena. Não apenas perderá tudo que é seu, decerto guardado entre as paredes daquela bonita fazenda, mas também aquilo que ainda não é seu e pode vir a ser… Não terá mais família, só o carinho comprado a dinheiro das mulheres da vida, nem amigos, apenas uma arma para lhe fazer companhia. Já pensou nisso? Poder confiar apenas na arma que tem na cintura?

— Por que o senhor precisa de uma arma? — perguntei.

Ele sorriu de minha pergunta, tragou o cigarro com vagar e soltou a fumaça lentamente, formando-se um halo ao redor de sua cabeça e en-

cobrindo-lhe o rosto que ficou, por instantes, invisível. Aos poucos o halo de fumaça se desfez e seu sorriso voltou a aparecer, agora mais diluído, mais distante, e percebi que outra vez deixara-se dominar pelos pensamentos: nessas ocasiões seu rosto abrandava. Mas em seguida endurecia: atirou a ponta do cigarro no chão, apagou-a com o bico da bota, olhou-me com frieza.

Já não sorria.

— Homens como eu precisam de uma arma. É da única coisa que de fato precisam. Nada mais é importante, nada é indispensável, somente uma arma, uma boa arma.

— Por que homens como o senhor?

Ele não respondeu. Talvez estivesse me julgando infantil ou idiota. Contudo, como não podia estar certo de seu pensamento a meu respeito, continuei:

— Só pessoas ruins precisam de uma arma. Tenho certeza de que o senhor é um homem bom.

Dizer isto não soou sincero para mim — disse-o tomado de súbita simpatia, talvez uma inexplicável piedade, um desejo de agradá-lo, e devo tê-lo agradado pois prestou atenção às minhas palavras e o que eu disse pareceu tê-lo tocado de alguma maneira. Pensando nisso hoje, ou mesmo na época em que anotei o episódio no diário que pertencera a meu pai, quando já sabia — pelo menos em parte — quem ele era e o que fizera, vejo que se não o tivesse tocado, sua reação natural seria a hilaridade. Mas não riu, não me olhou com deboche: manteve-se sério, uma ruga vertical na testa indicando que considerava minha sinceridade, que lhe agradara ter ouvido aquilo, ainda que o preocupasse ou o amargurasse.

Por fim disse:

— De certa forma, até um homem como eu pode ser bom. Diga-me, seus pais são os donos daquela fazenda?

— Não é bem assim — eu disse —, mas eles já estão mortos.

— Ah… mas como "não é bem assim"? Fale-me deles.

— O que quer que eu diga?

— Ora essa, quem foram, como se chamavam. Isso.

— Ah… bem, meu pai se chamava Edgar… era primo do antigo proprietário daquela casa, que morreu há muito tempo, eu nem era nascido.

O outro pareceu pensar por alguns instantes, encarando-me. "Edgar" disse, "Edgar…" e suspirou, olhando para o teto. Parecia agora prestar atenção em alguma coisa, concentrava-se semicerrando os olhos.

— E sua mãe?

— Minha mãe?… Chamava-se Ismália… mas era muito nova quando se casou com meu pai, que já era idoso.

— Ismália — ele repetiu —, sim, Ismália… — e balançou levemente a cabeça, a expressão de seu rosto quase sonhadora. — Agora eu sei porque gostei de você — ele disse, ainda com a mesma expressão em seu rosto.

O que se passou em seguida, contudo, foi tão repentino e brutal que não tive tempo de ter medo. Mal pronunciou essas palavras, a porta do quarto abriu-se com violência, chocando-se num estrondo contra a parede e no limiar surgiu a figura de um negro empunhando uma arma, uma espingarda de cano mais ou menos curto e pesado calibre. A reação de meu acompanhante foi, contudo, imediata e me surpreendeu pela rapidez de seus reflexos (diante do que, o fato de ter pressentido na estrada que alguém o seguia parecia tão só brincadeira de um menino esperto): de onde estava, atirou-se para frente e para o chão, voltando-se num movimento felino para a porta e, meio deitado e já de arma em punho, disparou repetidas vezes contra o negro, que não teve tempo de fazer uso de sua espingarda: caiu para frente, por inteiro dentro do quarto, e outro que vinha atrás dele, um mestiço de pele terrosa cujo rosto ensombrecia-se de uma barba encarapinhada e que me pareceu muito suja, esse outro homem, portanto, que também portava uma espingarda, foi por sua vez alvejado duas ou três vezes e caiu sobre o corpo do companheiro, igualmente sem chegar a atirar. Mas ainda não havia acabado: de onde estava, ainda meio deitado no chão, o estranho girou sobre si mesmo no momento exato em que a única janelinha do quarto explodia sob o impacto de diversos disparos vindos de fora; vi então surgir, com rapidez surpreendente, outra arma em sua mão, e agora ele atirava na direção da janelinha com ambas as mãos, onde um terceiro personagem caiu, dobrado em dois, metade do corpo para dentro, metade para fora do cômodo. Houve por fim um instante de calmaria durante o qual o silêncio foi tão grande quanto no momento anterior foram grandes o susto e a turbulência. Meu "novo amigo" pôs-se de pé, apagou a vela e espreitou para fora, para os fundos da bodega, um terreno muito sujo e mal iluminado repleto de trastes e entulho e que dava para um matagal — mas parecia não haver mais ninguém aí. Então escutei sua voz no escuro:

— Viu por que um homem como eu precisa de uma arma?

Em seguida, empurrou para fora o cadáver que ainda atravancava a janela, meteu-se por ela com a agilidade de um gato e desapareceu. Alguns segundos depois escutei o tropel de um cavalo que se afastava a galope.

Não posso afirmar que ficara paralisado pelo medo: era antes surpresa, pois toda essa cena não durou talvez um minuto, e só depois de ter certeza de que ele havia partido, e quando pude mover-me, percebi meu

pavor. Mas já os fregueses e o dono da bodega entravam no quarto trazendo lamparinas, e enquanto alguns cutucavam os feridos para ver se ainda viviam, o proprietário acercou-se de mim, preocupado.

— Como vai o menino? — perguntou com nervosismo. — Oh, Deus Todo-Poderoso, como vai o menino?

— Estou bem — gaguejei com alguma dificuldade, olhando assustado para o dono da bodega —, eu… não tenho nada…

— Quem é o garoto? — alguém quis saber.

— Creio que estão mortos — disse um dos fregueses abaixando-se ao lado dos corpos.

— Pudera — disse outro —, ele por acaso perde algum tiro?

— E mira sempre na cabeça — comentou um terceiro —, onde sabe que mata.

— Hoje foram três — disse o primeiro —, mas em R**, numa festa que teve lá certa ocasião, quando se viu acuado o Ruivo matou dois paisanos e cinco polícias num abrir e fechar de olhos. Os cabras estavam armados, mas… quedê que tiveram tempo de fazer alguma coisa? A festa acabou na hora… o povo estarrecido s'escafedeu… os cincos mortos ficaram estirados pra lá inté o dia seguinte… eu 'tava lá, vi tudo…

— Quem… quem é ele? — eu perguntei, apalermado. — O que foi… que aconteceu…?

O dono da bodega tirou de algum lugar um casaco com o qual me envolveu, pois o meu, além de sujo de sangue, estava úmido e frio. Ordenou-me que o despisse, e quando me viu de novo agasalhado, disse:

— Como foi se meter com aquele sujeito?

— Bem eu… — e fiz um gesto de indefinição — …eu vinha até a aldeia… ele — e resolvi mentir — me trouxe na garupa…

— Fuja dele, menino — disse um dos fregueses, um homem já velho, de barba rala e esbranquiçada, a pele do rosto vincada de rugas. Esse velho, eu o conhecia embora não tivesse com ele grande intimidade. Sabia chamar-se Alípio e morar num pequeno sítio próximo às Oliveiras, mas jamais havia ido à sua casa, e por certo poucas haviam sido as ocasiões, até então, em que trocara com ele meia dúzia de palavras. — Fuja dele como o diabo da cruz. Não é companhia para cristão nenhum, muito menos para uma criança.

— Ele… ele é… perigoso? — perguntei cada vez mais assustado, olhando cada um dos presentes nos olhos.

Ninguém riu. O velho, contudo, contraiu o canto dos lábios, numa imitação de sorriso. Fez um movimento com a mão na direção dos corpos:

— O que lhe parece?

— Parece-me… parece-me… — eu gaguejei, e logo: — Creio que ele se só defendeu…

O dono da bodega interveio:

— Sem dúvida ele se defendeu… e muito bem por sinal! Mas ainda assim…

— Mas… o que foi tudo isso…? — tornei a gaguejar.

— Seu amigo matou esses homens — disse um dos fregueses, pulando por cima dos corpos e aproximando-se da cama. — Não percebeu?

— Mas… esses homens queriam apanhá-lo… por quê? — tornei, ainda sem compreender.

— Quem é o garoto? — perguntou um outro.

— Oh, Jesus, quem é o garoto! — exclamou o bodegueiro. — Pois então não é o mocinho das Oliveiras?

— Ah, o filho do falecido Edgar…

— Pois então!

— Bem, rapaz — tornou o mesmo freguês —, o que você viu hoje foi uma demonstração. Esse homem… enfim, isso que ele fez não foi nada…

Eu não respondi. Apenas escutava, sem levantar-me da cama e sem despregar o olho dos presentes.

— Eles — e indicou os mortos — é que foram estúpidos. Ninguém pega o "Ruivo" de surpresa.

— Mas quem é ele afinal? — perguntei.

— Quem sabe de onde veio? — disse um outro. — Aparece e desaparece… sabe-se que já matou muita gente, não se sabe quanta… enfim, um criminoso que até os soldados têm medo de enfrentar. Esses três aí por certo o estavam seguindo para matar… é possível que a mando de alguém. Mas, como vê, não foram bem sucedidos.

— Um criminoso — eu repeti olhando os mortos.

— Um assassino — disse o dono da bodega —, um assassino… mas agora você, menino, agora você…

— O que tem eu? — perguntei.

— Quem pode levar o menino para casa? — disse o dono da bodega olhando em volta, e o velho que me prevenira contra o "Ruivo" prontificou-se:

— Eu vou para aqueles lados. O menino vai comigo.

Levantei-me da cama, mas em frente à porta parei: os dois cadáveres atravancavam o caminho e não tive coragem de pular sobre seus corpos como os demais faziam. Fiquei parado, olhando um e outro com indecisão. Isso fez com que o clima se desanuviasse um pouco provocando um riso quase geral — o dono da bodega, preocupado demais para rir, permaneceu sério. Um dos fregueses apanhou-me por baixo dos braços e passou comigo sobre os corpos. Deixou-me no corredor e eu, meio tonto, saí para o salão. O velho vinha atrás de mim:

— Vou levar você até sua casa.

O dono da bodega ajuntou:

— Faça-me esse favor, mestre Alípio, leve-o em segurança. O menino é das Oliveiras… Oh, Deus! Preciso avisar as autoridades.

E enquanto saíamos para a rua tomando o caminho de casa, o dono da bodega corria em direção da intendência.

A essa altura já não chovia, mas, uma vez distanciados dos lampiões da aldeia, tínhamos dificuldades em enxergar o caminho e vez por outra afundávamos o pé numa poça. Mestre Alípio (assim chamado por ser mestre carapina, muito antigo) manteve-se quieto durante um bom trecho, e eu, ainda aturdido e ao mesmo tempo embaraçado por ter aparecido em Pilar em tal companhia, também não dizia nada. Já caminháramos bastante — ou assim me pareceu, porque no escuro andávamos devagar e a demora para vencer um pequeno trecho de estrada era maior — quando o velho, como que falando de si para si mesmo, penseroso, disse:

— Não vai ser fácil alguém pegar o "Ruivo".

— Mas quem ele é, afinal? — eu perguntei.

Mestre Alípio pareceu refletir antes de afirmar, como na bodega, que era apenas um assassino.

— Homem de muitas mortes — acrescentou —, se bem que talvez não seja o pior. Mas decerto é o mais perigoso.

— Não… não entendo…

Continuamos a andar, e depois de um minuto ele explicou:

— Não é difícil entender: é o mais perigoso porque, como o povo diz, mais fácil é o diabo se benzer do que ele perder um tiro.

— Não erra nunca?!

— Talvez porque nunca atira em vão.

— ?…

— Mas tem uma vantagem: não é sujeito covarde, a não ser para aqueles que devem a ele. Não mata por paga. Não é matador de aluguel. Se chega numa casa, qualquer que seja a hora do dia ou da noite, pede uma refeição, ou dormida. Se tiver moça donzela, não bole, nem põe os olhos, e respeita pai de família. Até já dormiu em minha casa certa vez.

— Em sua casa?… E o senhor não teve medo?

— E que mal iria me fazer, a mim, um velho que nenhum perigo representava para ele?

— Poderia recear que o denunciasse…

— Não me pediria pousada se desconfiasse de mim. É muito ladino.

— O senhor falou daqueles que devem a ele… mas devem o quê? Dinheiro?

— Não — ele disse com voz pausada —, dinheiro não — e calou-se.

Fiquei sem entender. Depois de algum tempo, como se deliberasse da

conveniência de continuar falando comigo sobre tal assunto, disse:

— Honra, meu filho, honra é coisa sagrada para ele. Por isso eu lhe falei que respeita pai de família. No dia em que pediu pousada em minha casa, enquanto bebia um café com batata doce, sentado no canto do fogão… naquela noite fez muito frio, até geada caiu, requeimando as folhagens novinhas, tanto que no dia seguinte minha horta amanheceu esturricada, Deus me dê outra, como me tem dado sempre, graças a Deus!… — e então o teria visto levar a mão ao chapéu, não fosse a escuridão. Dando-se conta de que divagava, retomou, após uma pausa, o caso que começara a contar: — Bem, estava tomando café, e enquanto isso estendia as mãos na direção do fogo para aquecê-las. Foi quando falou da honra.

O mestre carpinteiro fez nova pausa, como se procurasse lembrar com que palavras o Ruivo lhe falara da honra.

— "Semana passada matei um homem", ele me disse então. "Um chefe de família, mas não tive outro jeito". Havia pedido pousada numa casa, e o dono era pai de moça donzela. Teve medo, mas o Ruivo tinha-lhe dito que ele podia estar sossegado: "Não bulo com filha dos outros, moço" ele disse, mas desconfiando da cara de dúvida do outro não dormiu, e de madrugada percebeu que o homem saía de fininho. Pôs-se-lhe nos calcanhares, e no meio da mata viu o cabra tomar o rumo do arraial… foi indo, "eu ia que nem um gato" ele disse, "tenho treino de andar sem fazer barulho", mas já perto das primeiras casas deixou-o ir adiante e ficou na moita. Então o homem voltou com os praças, mas não o encontraram. Sempre amoitado, esperou que os polícias fossem embora e que a casa ficasse outra vez sossegada. Então chegou e entrou na casa, todos se sobressaltaram, o homem ajoelhou-se, pediu clemência, a mulher agarrava-se ao marido chorando e a moça segurando seu braço implorou perdão, ofereceu a ele sua "fruta-em-flor", sua virgindade para que poupasse o pai. "Segurei a moça com cuidado para não melindrar a pobre" ele disse, "afastei-a do caminho e, no homem, acertei-lhe no meio da testa. Uma bala só. Suficiente. Depois ganhei a noite."

— Honra, para mim é assunto sério — ele arrematou, enquanto emborcava a caneca de café que eu acabara de lhe servir. Depois tornou a estender a mão para o fogo e pegou a imaginar, não sei em que imaginava, quem espiasse pra ele naquela hora diria que seu corpo estava ali, mas o espírito, sabe Deus onde…

Mestre Alípio calou-se, pensativo. Tenteou o caminho; entrado em anos, a escuridão e a lama deviam ser para ele difíceis de vencer.

— Tem um código de honra diferente. Como disse, não aceita morte encomendada… mas já matou gente… justiça é o que faz, a seu mo-

do… ele entende que tem de ser assim, justiça…

Caminhamos por algum tempo em silêncio, refletindo sobre o código de honra do meu inusitado parceiro de bebedeira naquela noite.

— Aqui nestas montanhas muito sangue já rolou por causa da ganância… O menino é das Oliveiras, decerto já ouviu falar.

— Meu pai me contava umas histórias — eu respondi —… mas pelo que sei, isso foi muito antes de eu nascer.

— Vivia aqui em outros tempos uma velha proprietária que teve de enfrentar muitas lutas para manter o que era seu.

— Uma velha? — eu perguntei, pensando na mulher que costumava visitar meu pai sempre tarde da noite, e de quem na infância tive tanto medo.

— Uma velha cuja conta dos anos já se perdeu. Alguns dizem que tem mais de cem anos…

— E que ainda não morreu, morreu?

Mestre Alípio não respondeu. Talvez, como eu, soubesse que a mulher ainda era viva, conquanto não saísse mais de casa — aquela fazenda antiga aonde eu fora parar um dia, numa de minhas andanças a cavalo. Penso que em Pilar não todos, mas alguns sabiam que a velha Fragoso ainda vivia, embora não fosse comum falarem dela.

— Que importa!… viva ou não, continua sua luta.

— Como?! — admirei-me.

— Por nome Domingas, ficou conhecida como a Fragoso, e depois de mais antiga, Sinhá Fragoso. Quando veio para cá com a família, tornou-se dona de muita terra. Era uma época em que o chão não tinha dono e quem chegasse primeiro se apropriava, corria uma cerca, plantava, punha gado a criar, enfim… progredia. Foi o que eles fizeram. Depois veio a luta, é uma história esticada demais e passou muito janeiro desde então; eu não vivi aqueles tempos, nem era nascido… As notícias que se têm hoje são muito desencontradas, ninguém sabe das coisas como realmente aconteceram.

— Mas o senhor, o que o senhor sabe?

Mestre Alípio não referiu detalhes, afirmou não conhecer bem os fatos, e só consigo explicar sua atitude devido ao mau tempo que fazia aquela noite — voltara a chuviscar e a chuva ia engrossando — e à dificuldade do caminho, o que talvez lhe tirasse a vontade de contar o que sabia. Como ainda veremos, sabia muito, sabia tudo, quase tudo.

— Sei que a Fragoso lutou. Tinha gente fiel de seu lado, gente capaz de dar a vida por ela. Houve guerra, morticínio, mas apesar de decidida e de não estar de todo sozinha, era mulher, e perdera o marido. A terra, a que lhe restara depois de tantos confrontos, encolheu, por fim não teve forças para continuar, resignou-se…

— Então ela perdeu tudo?

— Sempre lhe sobrou qualquer coisa, mas estava sozinha.

— Só não entendi o que tem a ver o tal "Ruivo" com essa história.

Ele então parou e se pôs a preparar um cigarro de palha, ofício no qual tinha prática pois mesmo no escuro picava o fumo na palma da mão e enchia com ele um pedaço de palha de milho que devia ter em estoque no bolso da camisa. Depois riscou um fósforo. Manteve-o aceso por alguns momentos, protegendo a chama com as mãos em concha; por fim, com uma grande tragada recomeçou a andar, recendendo no ar o cheiro forte e adocicado do fumo. Mestre Alípio agora se convertera numa brasinha vermelha: lá ia, a única coisa visível na escuridão.

— Isso foi muito depois — disse. — Isso, em comparação, foi ontem…

Pigarreou, limpou a garganta e cuspiu.

— Uma moça desonrada — disse —, um desses casos que sempre sucedem, desonrada e expulsa de casa quando se descobriu que estava de barriga. Andou daqui pr'ali sem rumo certo durante alguns dias e por fim foi dar na casa da Fragoso. Passou por lá o restante da prenhez, nasceram gêmeos, menino e menina. A moça morreu de febre uma semana depois. Foi a Fragoso quem criou as crianças, e se apegou a elas como se fossem suas. Deus do céu! Como ela amava aquelas crianças!

— E o que foi feito delas? — perguntei.

— A menina era, desde novinha, atacada dos nervos. Tinha saúde, não era doente não… bem fortezinha ela era… mas nervosa!… E assustada! Apavorava-se com qualquer coisa. Um dia estive lá para uns consertos no telhado da fazenda, essas casas antigas requerem sempre muitos reparos, e pousei… depois da janta, pra distrair as crianças contei um causo, uma história de assombração feito se escuta por aí, vosmecê já deve ter escutado alguma… Naquela noite a menina não dormiu, passou por uma madorna e acordou gritando, dizia que a assombravam, que via coisas… A Fragoso me chamou muito a atenção por causa disso; então eu não sabia que a pobrezinha tinha seus nervosos?, perguntou… Mas depois cresceu… casou… — aqui mestre Alípio hesitou. Disse "depois cresceu", fez uma pausa mais ou menos prolongada, e a frase seguinte, "casou", foi dita em voz mais baixa, como se não desejasse referir pormenores sobre a menina, mas assim mesmo, a contragosto, essa última frase lhe escapasse. Estaria evitando dizer alguma coisa?

— E o menino? — perguntei. — Ele é o Ruivo, não é?

— Ele é o Ruivo, o menino criado pela Fragoso…

— Então foi a velha que fez dele o que ele é hoje…

O velho tenteava de novo o caminho, procurando melhor apoio para os pés.

— Pode ser que seja… pode ser que não… quem sabe?

— Mas o senhor não sabe? Não o conheceu em criança?

— Eu não ia lá com muita freqüência, só uma vez ou outra quando precisavam de meu serviço… Mas a Fragoso maquinava suas idéias, deve de ter ensinado coisas ao menino… sim, pode ter sido ela, mas pode ser também que já fosse índole dele…

Então paramos.

— Moro ali adiante — mestre Alípio disse indicando uma direção qualquer que eu não podia discernir na escuridão, uma trilha que se abria à direita pelo meio do mato e costeando o morro dava numa grota não muito distante, onde havia uma casinha de sapê que eu conhecia dos meus passeios a cavalo —, mas como ainda tem um bom trecho até as Oliveiras, eu acompanho o menino.

Não haveria mais o que contar? Mestre Alípio seguiu em frente. A chuva engrossou. Eu continuava curioso sobre o Ruivo, mas não fiz novas perguntas, e assim devagar, ou o quão rápido a noite, o caminho ruim e o mau tempo permitiam, fomos seguindo em direção de casa.

Dois dias mais tarde apareceu nas Oliveiras um inesperado visitante.

Pouco antes das duas horas estávamos na cozinha — eu, que acabara de me acomodar à mesa para tomar uma limonada, Rufina, que fritava bolinhos, e uma outra preta que a ajudava no serviço pesado; Florêncio saíra para o campo e ainda não voltara —, quando ouvimos bater palmas. Levantei-me prontamente e corri até a varanda. Ali estava ele: viera num cavalinho preto escanzelado que parecia o mesmo de anos atrás, e talvez fosse — não era possível haver outro cavalo como aquele! —, e como da primeira vez vestia-se de preto: o terno surrado, de qualidade inferior mas limpo, o mais limpo que viajar por aqueles caminhos enlameados permitia, a gravatinha fina e por baixo uma camisa branca. Vendo-me apeou, não se preocupou em amarrar o cavalo como se o animal não estivesse habituado a fugir, e antes de subir os degraus falou:

— Procuro um garoto. Talvez o conheça, chama-se João.

Eu não respondi logo, apalermado com tal aparição, e por alguns segundos permaneci imóvel e encarando o sujeito: examinei bem seu rosto chupado e o bigode fininho, o corpo miúdo e magrelo, as mãos secas e aparentemente frágeis, deveriam ser frágeis com aqueles dedos finos, aqueles ossinhos delgados aparecendo sob a pele corrugada. Uma dessas mãos se moveu, num gesto preciso mas vagaroso, e descobriu-se. Percebi que o chapéu denotava uso excessivo, e como não havia sinais de desbotamento deduzi que fora tingido — ou engraxado — há pouco. Por fim respondi:

— Sou eu, sim, senhor…

Mas a voz falhou-me, e mais não pude acrescentar. No instante se-

guinte o visitante batia os pés nas pedras da calçada para tirar a lama dos sapatos e, em seguida, subia os degraus. Algo hesitante caminhei em sua direção, e ele se curvou um pouco para mim com um sorriso, um quase sorriso, um sutil movimento dos lábios.

— Peço licença ao menino — disse, imóvel junto ao portão.

— Entre — eu disse, mas continuei plantado à sua frente, sem saber se o mandava acomodar-se ali mesmo na varanda, ou se o introduzia no vestíbulo. Por fim decidi que seria mais conveniente conduzi-lo para dentro de casa e fiz um sinal. O homem caminhou na minha frente e entrou.

Uma vez aí não falou de imediato, e conquanto eu indicasse uma cadeira manteve-se de pé, examinando tudo à sua volta com curiosidade. Encaminhou-se até o corredor que dava para o salão principal e dali continuou a examinar o ambiente. Por fim voltou-se para mim, não com rapidez, mas num gesto algo solene e vagaroso:

— Estive aqui certa vez — disse, e baixou a cabeça como se procurasse lembrar aquele dia —, naquele salão velava-se alguém que falecera, a saber, uma senhora…

— Minha mãe — eu disse.

— Ah, sim? Hum… Perdoe-me se a alusão lhe traz uma lembrança triste, mas… ocorre que o esposo…

— Meu pai — tornei a dizer.

— Como?… Ah, sim, entendo… o féretro estava mesmo ali, não? Pois o esposo, muito abatido, levantou-se e me trouxe até aqui, indicando um ponto do teto onde a senhora se pendurara… — o homem de preto relanceou as vistas para cima. — Sim… naquele lustre… Menciono o fato porque parece ter havido um engano então… pensaram, deduzi à época, que eu estaria aqui por causa do suicídio daquela senhora, para investigar, mas o motivo de minha visita era outro, e de modo algum eu imaginara que iria encontrar na casa um velório…

O homem de preto encarou-me, sorriu brevemente, cruzou as mãos atrás das costas:

— Fiquei um tanto embaraçado, creia-me, e me expliquei aos presentes… de toda forma, fora um erro involuntário, o que não deixava de ser assaz embaraçoso.

Olhando-me nos olhos agora, foi minha vez de sentir-me perturbado e para ocultar meu incômodo indiquei-lhe de novo uma cadeira. Aceitando desta vez meu oferecimento, caminhou sempre mantendo as mãos atrás das costas e curvando ligeiramente para frente o busto. Acomodou-se. Eu também me sentei e esperei que ele falasse.

— O motivo que me trouxe aqui aquele dia, traz-me hoje outra vez.

Como estivesse mais perto agora, pude examinar melhor suas feições.

No rosto muito magro e anguloso a pele era dessa cor amarelada que, queimada pelo sol, adquire a tonalidade de um couro curtido. Muitos pés-de-galinha à volta dos olhos indicavam que já não era um homem jovem, conquanto também não de todo velho: teria perto de quarenta e cinco anos, uns fios brancos no cabelo cortado, poucos porém, e talvez o muito andar sob o sol fizesse sua aparência parecer mais consumida. Impressionaram-me, contudo, seus olhos: claros e penetrantes, revelavam uma grande inteligência, assim pelo menos pareceu-me na ocasião, e a isso somando-se seu ar de pobreza, a solenidade de seus gestos e o jeito tranqüilo e seguro de falar, tive a impressão de estar na presença de uma pessoa cheia de ardis e pronta a lançar suas armadilhas à minha frente. Conquanto eu nada tivesse a temer de tal criatura, não deixei de sentir um certo receio, e admito que sua presença punha-me pouco à vontade.

— Soube que ele esteve no arraial e um menino o havia visto. Soube também que esse menino andara em sua companhia e até bebera com ele. Por fim me disseram que esse menino chamava-se João e morava nesta casa.

— Quem? — eu perguntei, sem disfarçar minha confusão.

— Quem o quê? — ele retrucou.

— Quero dizer, quem esteve no arraial… e…

O homem fez um bico com os lábios enquanto olhava a ponta dos sapatos. Depois voltou a encarar-me:

— Eu o procuro há muitos anos — disse então —, trata-se de um homem perigoso, o menino ao que me parece pôde comprovar o quanto esse homem é perigoso, pois não?

A pergunta foi tão direta que baixei os olhos, não apenas sabendo a quem se referia como também lembrando-me de como o Ruivo matara três homens num abrir e fechar de olhos duas noites atrás.

— Desde a primeira vez que estive aqui — prosseguiu o homem de preto, melhor dizendo, o, como era chamado, *investigador* — estou no seu rastro. Ele é bastante esperto, mas não fugirá para sempre. Gostaria de saber como o menino o encontrou.

Como relatei ao investigador meu encontro com o Ruivo? Minha voz saía surda e baixa, e no mais das vezes meus olhos permaneceram baixados, medrosos de encará-lo. Relatei sem muitos detalhes como o avistara e resolvera segui-lo, como ele havia percebido que o seguiam, preparando-me uma armadilha, e tudo que aconteceu depois: nossa ida ao bar, eu ter sido forçado a beber e o quanto passara mal em seguida, inclusive perdendo os sentidos, e por fim como o vira matar três homens e depois fugir pela janela.

Quando terminei o investigador manteve-se de cabeça baixa por al-

gum tempo, um pouco curvado para frente, pensativo.

— Nenhuma palavra ele terá deixado escapar sobre seu destino — disse.

Respondi que não, em voz baixa.

— O menino nunca o tinha visto — disse ainda.

Movi a cabeça: nunca o vira antes daquele dia.

Agora seus olhos pousavam em mim. Levantou-se. O que acrescentou em seguida com sua voz pausada e segura surpreendeu-me por não ter nenhuma ligação com aquilo que lhe interessava:

— Num dia a casa está cheia de pessoas, noutro já não há ninguém — e se levantou, caminhou outra vez até embaixo do lustre no qual, anos atrás, minha mãe se pendurara. Ali esteve alguns instantes, calado, olhando para cima.

— Nem sempre onde se reúne muita gente há alegria — acrescentou, voltando-se e olhando em redor, como a examinar porém sem grande interesse o aposento em que estávamos. Em seguida, encarou-me, curvou-se. Chegou a sorrir?

Um instante mais tarde escutei fora o tropel do cavalinho escanzelado.

Demoraria alguns anos ainda para que ele aparecesse uma terceira vez.

Um Príncipe da Igreja

"Uma mulher vestida de Sol, que tinha a Lua sob os seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça."
(**S. João** — *Apocalipse, cap. 12 vers. 1*)



conteceu de madrugada.

Um tropel de cavalos no terreiro, um grande alarido de rodas e vozes despertaram-me; não tardou que ouvisse passos na varanda e pancadas na porta, que se repetiram mais fortes e insistentes após um minuto. Apavorei-me pensando alguma desgraça, e logo a figura de Eliete morta se desenhou como um presságio em minha lembrança (ante os últimos acontecimentos, podiam ocorrer-me apenas desgraças — e associadas a ela, minha preocupação constante daqueles dias); atarantado joguei um roupão sobre o pijama, calcei os chinelos e corri para fora. Quando cheguei no alto da escada, Rufina, embrulhada num grande lençol branco, de lamparina na mão, corria para a porta da frente — prestes a cair sob furiosas bordoadas, pois quem batia assim, pensava eu, valia-se por certo de alguma barra de ferro ou tora de madeira.

— Quem está batendo? — eu gritei de cima, enquanto compunha o roupão e atava a faixa. Amaldiçoei o chinelo que me escapuliu do pé e foi cair embaixo, junto ao último degrau, e apressava-me para descer e apanhá-lo quando Rufina abrindo a porta recuou horrorizada com um grito. Então uma rajada de vento apagou a luz. Na soleira, contra o clarão de um quarto crescente, apareceu um vulto enorme cuja capa agitava-se ao vento, e atrás dele outros vultos, mas nem um nem outros decidiam-se a entrar.

Então o vulto no desvão da porta falou, a voz recordando um rolar de trovoadas que me gelou por dentro e me fez esquecer o chinelo:

— Será possível que alguém acenda essa maldita lamparina?

Seguiu-se um silêncio medonho durante o qual todos estivemos imobilizados; podia-se ouvir fora a ventania assoviando nos galhos. Isso durou um instante, pois logo apareceu Florêncio com outra lamparina. A luz, contudo, em vez de trazer conforto após aqueles momentos de susto no escuro, causou-me ainda mais pavor. Agarrado ao corrimão, encarei o visitante enquanto me ocorriam lembranças da infância e eu

julgava que as predições apocalípticas de meu pai por fim se cumpriam: avançou sala adentro, olhando em volta com movimentos lerdos de cabeça, um homem enorme, alto e de uma obesidade tal que deveria pesar cento e setenta quilos, a caraça vermelha com uns olhos que se sumiam quase fechados sob espessas camadas de gordura e na qual um nariz arroxeado e repleto de veiazinhas protuberantes sugeria, vasto e tremendo, o chifre de um rinoceronte; empunhava uma imenso cajado com castão de ferro na forma de uma cabeça de fera (com que por pouco não pusera a porta abaixo), sendo a outra extremidade guarnecida de uma luva de aço, e vestia uma roupa vermelha similar a uma capa ou hábito que lhe ia quase até os pés. Aquele, pensei, não poderia ser outro: eis o Senhor dos Infernos, Belzebu, que surgia em pessoa para instalar na Terra seu império. Vinha de outras casas onde já estivera, chegando por fim a nossa vez de receber sua visita. Ao contrário, porém, do que eu imaginara, não possuía a figura típica dos heróis antigos que eu lhe atribuíra na infância, nem vestígios da glória celestial perdida de que se valeria para submeter-nos não a força mas pela sedução, não à dor mas à iniqüidade do prazer: ali estava uma criatura repugnante, poderosa, à qual nos prostraríamos pelo pavor e que pretendia mostrar-nos de imediato o grau de sua maldade para desde já perder-se qualquer esperança de salvação. "Então estamos todos perdidos!" pensei, e eu com meus pecados não teria qualquer chance de escapar ao castigo. Lembrei-me de Eliete e de minha covardia contra ela, de como deixara de lado as Escrituras e afundara no lodo da bodega, reconhecendo em minha consciência que a sombra do meu primeiro crime (com o negrinho na mata) não se havia desfeito. Atrás do Senhor dos Infernos vi aparecer uma figura pequena e delicada com a cabeça e o rosto escondidos por uma mantilha negra de rendas, não em razão do frio mas, acredito, por não querer revelar-se a nós — pelo menos por enquanto —, pois de outra forma não seria preciso ajeitar a mantilha, que escorregara mostrando um pouco os cabelos muito loiros, gesto que me deixou perceber uns dedos claros, a mãozinha miúda da cor do leite. Grande surpresa me causou essa aparição, em completo contraste com a anterior, e no instante em que ela avançou dois ou três passos vi surgirem sob o vestido longo pés pequenos como de uma menina; ainda que não visse seu rosto não duvidei de que se tratava de alguém muito jovem — talvez uma adolescente —, e a imaginei caminhando lá fora, ao luar de inverno que brilhava: não tardou em minha fantasia que a considerasse uma presa, refém do Inimigo, cujos páramos por certo seriam os céus e cujos pés deveriam estar pousados sobre a Lua. (A descrição do que passou por minha cabeça naqueles poucos instantes, confundindo-se o medo de estar diante de Belzebu, a quem observava com atenção e susto e cujas

formas me assombravam e se impunham ao meu espírito inseguro, as lembranças das previsões de meu pai e a fértil fantasia que logo fez-me ver na jovem encoberta uma vítima das Trevas, pode parecer em seus pormenores excessiva: afinal tudo isso se deu, como ficou dito, em breves instantes. No entanto, e apesar das incertezas que por motivos vários envolvem uma narrativa, posso afirmar que tal descrição não se desvia da verdade, pois esse mecanismo desconhecido que dentro de nós faz com que o tempo se comprima ou se distenda conforme as circunstâncias é o responsável por tantas impressões e pensamentos cruzarem súbitos e simultâneos nossa percepção, como faíscas, cintilações múltiplas, que mesmo fragmentárias não são por isso menos nítidas nem completas: é que tarda às palavras descrever essas imagens mentais, no presente caso, verdadeiras, pois delas ainda me recordo como tal clareza como se os fatos tivessem acontecido ontem, podendo até dispensar as anotações registradas no Livro para reproduzi-las com fidelidade.)

Mas logo a voz dele se fez ouvir, assustando-me a arrancando-me de meus devaneios:

— Chegou a hora de levantar na Terra meu império — julguei ouvir o demônio dizer —, aqui estou para que saibais que o tempo da Graça é findo, e já não há salvação para vós.

Logo, porém, dei-me conta do desarranjo nervoso que me afetava, pois aquele não era — não podia ser — o demônio, e em seguida, a muito custo, compreendi o que de fato ele dizia:

— …afinal não há ninguém…? — e irritado golpeou o chão com a bengala. Florêncio adiantou-se, ainda não refeito de sua surpresa, enquanto Rufina encarando-o com pavor recuara dois ou três passos. Aos poucos fui-me acalmando, desci os últimos degraus e embaixo parei. Esperando pelos acontecimentos procurava o chinelo que pouco antes me escapulira do pé.

— Senhor Cardeal — dizia Florêncio —, sua chegada inesperada nos causa surpresa… Vossa Excelência não enviou nenhum aviso de sua vinda… não repare… não podíamos esperar… porém, quanto gosto…

— Não quero ouvir histórias, verá em breve que minha vinda não lhe poderá trazer tanto gosto assim. Quem é o senhor?

— O encarregado, senhor Cardeal, Florêncio.

— Ah, o encarregado… sim, tenho recebido sua correspondência com regularidade. Creio que o velho Edgar deixou-me um homem se não eficiente, pelo menos algo atencioso. Melhor assim. No entanto, gostaria de conhecer o filho do velho Edgar, ele deve estar em casa a esta hora, não?

— Sim, senhor — eu disse, avançando um passo, e só então o enorme homem deu pela minha presença, voltando o pescoço em minha

direção — estou aqui. — Os olhos empapuçados eram dois rasgos negros na cara gorda, e ao encarar-me mostrou um princípio de sorriso, mas insuficiente para exibir os dentes miudinhos.

— Hum — e examinou-me com atenção —, chama-se João, se não estou enganado?…

— Sim, senhor.

— Hum-hum — e continuou examinando-me de forma incômoda. Embaraçado, busquei em vão com os olhos apoio em Rufina, que mal se recuperava em seu canto, e em Florêncio, que segurava a lamparina acima da cabeça para melhor iluminar o ambiente. Procurei manter-me firme, mas baixei o olhar pois aquele exame fazia-me tremer, como se de seu resultado pudesse sair meu banimento da casa ou minha condenação à morte. — Está bem — ele disse por fim —, amanhã falaremos. Agora é tarde. Precisamos de acomodações para mim e para a senhorita. Comigo não veio mais ninguém, a não ser um criado de quarto que está aí fora e também precisa de acomodação, mas não na casa principal. Deve haver um celeiro ou coisa parecida…

— A casa é grande, senhor — disse Florêncio —, pode abrigar a todos.

— Senhor Florêncio — tornou o Cardeal com um ar de aborrecimento —, uma coisa que deverá aprender ao tratar comigo é jamais discutir uma determinação minha, a não ser que eu peça sua opinião. Os serviçais não terão autorização para ocupar a casa. Irão dormir no celeiro, como é conveniente.

— Sim, senhor.

— Aí fora estão alguns carregadores que contratei para trazer-me a bagagem. Pague-os com isto e os despache logo — entregou a Florêncio um saquinho com moedas e acrescentou: — Quanto às minhas acomodações, serão distintas das da senhorita. Que se providencie sem demora.

— Sim, senhor — murmurou Florêncio. — Rufina — disse, e a negra deu um passo, mal refeita do susto. — Arrume o quarto grande para o senhor Cardeal, e um dos menores próximo à biblioteca para a moça. Providencie também água quente para se lavarem.

— Quem é esta negra horrenda? — o Cardeal perguntou, examinando Rufina com a curiosidade com que se observa um bicho repulsivo.

— É quem dirige o trabalho na casa, senhor — eu disse. — Criou-me como se fosse minha mãe… — e aqui, ainda que pareça estranho, ocorreu-me comparar mentalmente Rufina e Ismália, e lembrando-me da "hora do banho" pensar no quanto seriam grotescas as carícias de minha mãe repetidas pela negra. A lembrança não durou mais que um instante, e a fim de afugentar logo a imagem inoportuna acrescentei: — Além do mais, Rufina é muito eficiente.

O Cardeal olhou-me com surpresa, como se não esperasse um elogio

à negra, que como parecia claro não o agradara, e rosnou:

— Então o meu primo foi criado por uma negra. Não me lembro de o velho Edgar tê-la mencionado alguma vez, e não foi bom que me ocultasse o nome de alguém que teve tanto acesso à casa, senhor Florêncio.

— Perdoe, senhor Cardeal, não pensei que…

— Bem, amanhã veremos — cortou o Cardeal com rispidez —, amanhã veremos. Por ora precisamos nos lavar e descansar. E você, garoto — voltou-se mais uma vez para mim —, precisamos nos conhecer melhor, mas conversaremos amanhã. Pode recolher-se agora.

Obedeci sem hesitar e corri escada acima, trancando-me no quarto. Meu nervosismo ia passando aos poucos; deitado, puxei os cobertores até cobrir o queixo e fiquei olhando para o teto, onde a Lua, entrando pela vidraça, punha curiosas formas que se moviam ao ventar. "São os galhos das árvores" murmurei com o intuito de ouvir minha voz, "é só isso, os galhos das árvores". Meus nervos deviam estar bastante desarranjados, pois bastara um incidente noturno para fazer-me imaginar absurdos — de outra maneira, como explicar que por alguns momentos eu tivesse acreditado tratar-se de uma visita do demônio? —, mas refletindo no imprevisto de tal episódio concluí que enfim acontecera, ali estava um daqueles cuja influência sobre mim meu pai temia. Não demoraria muito para que os outros também aparecessem, pensei, e só quando os três estivessem reunidos na casa é que eu poderia avaliar até que ponto meu pai tinha razão. Senti-me inquieto, pois o homem vestido de vermelho usava trajes eclesiásticos, possuía uma alta graduação da Igreja, mas em vez de inspirar confiança como o nosso vigário — e como de resto se espera de um religioso —, olhar sua figura rotunda e imensa fazia estremecer, e o sentimento que experimentava era o medo. Que intenções teria aparecendo tão de repente, ele, que apenas sabia da existência de uma propriedade de família escondida nestes sertões, só se comunicava com o encarregado através de uma correspondência ocasional e jamais manifestara a intenção de vir? Se os outros dois também viessem — e agora eu tinha como certo que viriam, e que nada de bom haveria de resultar dessa "reunião de família" —, o que estaria reservado para o futuro?

Com tais dúvidas e inquietações adormeci, acordei cedo, vesti-me e me preparei para encontrar o Cardeal.

Desci fingindo uma tranqüilidade que não sentia, e embaixo, ao entrar na sala de jantar, dei com uma visão espantosa: aquela que na véspera escondia o rosto numa mantilha negra — e que atiçara minha curiosidade — estava sentada à mesa, de frente para a entrada. Contemplei a menina — pois era uma menina, uma adolescente de catorze anos, se tanto: tinha a pele muito clara e nas faces cheias assomava um

leve rubor, um rosado esmaecido de pétala, enquanto os cabelos longos, lisos e de um loiro quase branco, refulgiam à claridade da manhã que enchia o recinto; os olhos, de uma cor indefinível e cambiante que eu diria entre o azul e o cinza, não se fixavam em coisa alguma — mal se voltaram para mim à minha entrada e logo se desviaram, alheios a tudo, distraídos, perdidos em profunda introspecção, enquanto os lábios carnudos, entreabertos, sobressaíam vermelhos feito romãs, como que pintados de carmim. Um raio de sol, entrando pela vidraça do lado oposto da sala, ia refletir-se nos espelhos da cristaleira às suas costas, envolvendo-a num clarão de tal forma que se diria *vestida de Sol*, e os cristais dentro do móvel brilhavam como estrelas ao redor de sua cabeça… Tal visão produziu-me um baque no peito, um jorro de sangue ferveu-me as faces e meu coração pulsou com violência — mas eu, perturbado, não pude aperceber-me da verdadeira natureza de tal sentimento.

— Está surpreso, garoto?

Estremeci e virei-me assustado: às minhas costas o gigante obeso, "o Cardeal", sorria com malícia. Não respondi, embasbacado diante daquele homem imenso que se aproximara de mim pelas costas sem o menor ruído, e logo senti uma grande vergonha: era possível que estivesse ali observando-me há tempos… Eu mesmo, quanto tempo me deixara envolver pela visão da *Menina Vestida de Sol*? Ruborizado, tentando vencer meu embaraço, procurava algo que dizer, mas a língua imobilizara-se, as palavras parecia-me esquecê-las de súbito, nada saía de minha boca e apenas consegui mover os lábios…

— Parece engasgado, rapaz! — ele exclamou com uma risada e, passando por mim, encaminhou-se para a mesa. — Venha, está na hora do desjejum.

Continuei parado, e só depois de ele sentar-se eu me aproximei da mesa, devagar, ocupando meu lugar em silêncio e sem coragem de levantar os olhos fosse para ele, fosse para sua pupila. Rufina entrou trazendo café, leite, pão, um bolo que havia preparado na véspera e biscoitos. Servia-nos sem nada dizer, com certeza temerosa do novo patrão, e terminando de pôr a mesa afastou-se um passo, à espera de alguma ordem. Com uma olhada rápida em sua direção, constatei que a negra estava apavorada, talvez pelo receio de não se ter apresentado adequadamente, mas o homem parecia satisfeito. Eu não me atrevi a servir-me: esperei que ele tomasse a iniciativa. O Cardeal, porém, já havia desdobrado o guardanapo sobre os joelhos e, com a faca em punho, preparava-se para cortar uma fatia do bolo, quando levantou os olhos para a negra:

— A senhora cuida da casa desde a morte do primo Edgar, não?

— Sim, senhor — Rufina respondeu em voz baixa, com um movimento afirmativo de cabeça.

— No entanto, a senhora é uma criada, e não se houvesse ainda abolido a escravatura neste imenso e desorganizado país — coisa que por mais que me esforce não consigo compreender —, seria com certeza uma escrava.

Surpreso olhei para ele, e o ouvi com perplexidade, que prosseguiu sem alterar seu tom de voz:

— Portanto, deverá ocupar um quarto fora da casa, como deve ser. Não se pode admitir que empregados, mormente negros, ocupem o mesmo teto que os senhores. Alguma dúvida quanto a isso?

A surpresa não era menor por parte de Rufina, que não teve voz para responder, fazendo apenas um gesto negativo de cabeça e arregalando os olhos. Sem alterar-se, o Cardeal reiterou:

— Quando faço uma pergunta, espero uma resposta. Pergunto: alguma dúvida quanto às novas ordens? Responda com a boca e não balançando a cabeça feito um animal selvagem, ainda que esteja mais para bicho do que para gente, já que negros de fato estão num meio-termo entre bicho e gente.

— Não, senhor — Rufina conseguiu dizer.

— Muito bem. O desjejum está a contento. Pode ir, e assim que tiver arranjado suas acomodações no celeiro — ou onde queira, contanto que fora desta casa —, avise-me. Estarei a maior parte do tempo na biblioteca — e voltou-se para mim: — O rapaz aprecia a leitura? Assim que me levantei hoje andei pela casa e descobri um acervo, pequeno mas razoável… claro, livros velhos e mal cuidados, mas algumas das edições mais antigas são até bastante raras…

Falava olhando direto para mim, que o encarava com timidez. Percebendo a presença da negra, o Cardeal interrompeu o que dizia, voltou a caraça para ela:

— Creio que terei trabalho com a senhora. Acaso não percebeu que já era hora de ter saído da presença de seus senhores? — e para mim, enquanto Rufina fugia apressada: — Percebo que você não soube ser um patrão, embora esteja inclinado a acreditar em falta de traquejo. Mas haverá tempo para botarmos tudo em ordem.

Então serviu-se de uma fatia de bolo, que cortou em pequenos cubos no prato. Apanhou o café e o leite, percebi seu gosto por açúcar em excesso e ao sorver o líquido fumegante o fez com muita classe, sem ruídos, como um *gentleman*. Só então tomei coragem e me servi também, e enquanto o fazia olhei de través para a pupila: agora, mais perto dela, pude observar melhor suas feições, que mais ainda me encantaram pela pureza dos traços, a suavidade da pele branca realçada pelo rubor das faces, a doçura distante e alheia de sua expressão. Nunca vira beleza assim, e a impressão que me causara não passou despercebida ao Cardeal.

— Vejo que aprecia a menina, rapaz — ele disse, fazendo-me estremecer. Desastrado, deixei a fatia de bolo cair dentro da xícara, derramando café com leite na toalha.

O Cardeal riu e aconselhou:

— Tenha mais cautela à mesa, não posso admitir que um membro de minha família seja um atoleimado.

Fiz um movimento de cabeça e murmurei umas desculpas quase inaudíveis, limpei mal mal a sujeira que fizera utilizando um guardanapo e, acanhado, comecei a tomar meu café.

— Mas como dizia, percebi que apreciou a menina. Diga-me, o que acha de minha jovem acompanhante?

Levantei o rosto e interrompi a mastigação encarando-o estupidamente, a boca cheia, sem engolir, sem falar.

E tive o primeiro motivo real de pavor perante aquele homem de quem, ainda que em terceiro grau, eu era primo: irritado com minha estupidez, desferiu um violento soco na mesa, suas faces tornaram-se purpúreas e os olhos desapareceram sob as camadas de gordura das pálpebras, enquanto bradava, cuspindo farelos:

— **Imbecil!** É retardado ou quer mofar comigo? Será que não consegue conversar como uma pessoa normal?

O susto fez-me derramar café mais uma vez e saltar da mesa, derrubando a cadeira, para pôr-me em segurança a alguns metros de distância. A menina olhou-me com indiferença, como que acostumada a tais explosões, e continuou comendo sem nada dizer.

— Venha sentar-se, e termine seu café — disse o Cardeal com severidade, arregalando os olhos para mim. De pronto obedeci, refletindo que a melhor maneira de não irritá-lo seria fazer sua vontade. Vendo, contudo, a nova sujeira que eu fizera, ergueu a voz e, sem gritar, apenas com firmeza, chamou Rufina.

— Limpe a mesa, e traga-lhe uma xícara limpa.

Rufina obedeceu com rapidez e o desjejum transcorreu sem maiores novidades. Vez por outra eu lançava uma espiada na direção da pupila, que em nenhum momento importou-se com minha presença; diria mesmo que a única ocasião em que olhou para mim foi quando saltei derrubando a cadeira. A partir de então ignorou-me por completo, e apesar dos sustos que passara, senti-me frustrado com sua indiferença. O Cardeal nada mais disse, e quando o vi fazer menção de se retirar, outra vez embaraçado não soube o que fazer — agora por pensar que ficaria sozinho com a menina, perspectiva que se por um lado me parecia agradável, por outro confundia-me. Contudo, enganava-me: uma vez de pé, o Cardeal ordenou que ela também se retirasse e fosse para o quarto. "Não deverá andar por aí sozinha até que eu dê permissão" ele

disse, e eu fiquei só na sala.

Sem terminar meu café corri até a cozinha. Encontrei Rufina, olhos vermelhos, abanando o fogão. Sobre a chapa, panelas ferviam; uma outra preta a ajudava com o assado, e um moleque entrou com um punhado de lenha miúda.

Vendo-me, Rufina arrastou-me pelo braço através do corredor até a despensa, onde ficamos sozinhos. A negra encostou-se atarantada à parede, e secou o rosto suado com o avental. Indeciso, parado à sua frente, esperei que falasse.

— Chegou um tempo medonho para todos nós, minino, Deus queira que eu esteja enganada. — Não soube o que responder, e ela reiterou: — Tempos terríveis… queira Deus… queira Deus… — e aproximando o rosto, cochichou: — Esse homem é mau, minino, tome cuidado!

— Por que você pensa assim? — eu perguntei.

A negra secou ainda a testa com o avental.

— Eu sei… é alguma coisa aqui dentro — e pôs a mão no peito —, sinto isso, uma opressão… Hoje pela manhã, muito cedo, ele esteve na cozinha com seu criado, deu ordens para o almoço…

— E o que queria?

— Saber quem preparava o almoço, quantas pessoas havia para comer… determinou que só ele, a menina e vosmecê poderão usar a mesa da sala de jantar… Meu Deus, se fosse noutros tempos… quando Florêncio, eu, qualquer um podia sentar-se à mesa…

— E você? E Florêncio? — perguntei.

— Ora, havemos de ficar cá pela cozinha… embora tenha de estar sempre pronta a atender seu chamado… Deus do céu!, quando olho para ele, estremeço…

— Tudo se ajeita — eu disse sem convicção —, talvez não seja como parece…

— Ah, minino… — e a negra balançou a cabeça com descrença. Eu me calei e saí, deixando-a sozinha. Sabia que ela estava certa em seus temores. Os *tempos* haviam chegado.

O único criado que acompanhava o Cardeal fora incumbido naquela manhã de observar com atenção o que ia para as panelas e o modo como se cozinhava, além disso cuidaria todos os dias para que, à mesa, tudo estivesse dentro das normas estabelecidas por seu patrão impertinente e mau humorado, disposto sempre a severas reprimendas ante qualquer contrariedade.

A cerca de cento e cinqüenta metros da casa principal erguia-se a antiga senzala, que passando por algumas modificações fora transformada num celeiro onde se armazenavam as colheitas de grãos — quando

ainda se colhia alguma coisa nas Oliveiras. O Cardeal determinou que para lá se mudassem Rufina e Florêncio naquele mesmo dia, e foi bem triste vê-los carregar seus trastes no fim da tarde, ocupando uns cômodos pequenos e encardidos que mal conseguiram limpar a tempo. O criado particular do Cardeal teria de avir-se como pudesse num quartinho escondido e distante ao lado da despensa, embora pertencente ao prédio principal, e enquanto andava de um lado para outro observando como se cumpriam suas ordens, ouvi-o acrescentar que se à noite precisasse de algo seria atendido pela senhorita (referia-se à pupila). Verdade é que não seria bem assim, como logo se constatou, pois a qualquer hora que precisasse o homem chamaria por seu criado, ou faria estremecer a casa golpeando com violência o assoalho, valendo-se da ponteira de metal de seu cajado, e invocando aos berros a presença da pobre Rufina, que sempre atendia com uma expressão de pavor no rosto.

Notando minha presença, voltou-se para mim e exclamou:

— Vejo, rapaz, que está sempre espionando-me com esses olhos de quem tem alguma culpa! Não é preciso temer por si: afinal pertence à família e continuará na casa.

Amedrontado apressei-me em sair de sua presença, mas continuei a vigiá-lo às escondidas durante suas andanças por todo o dia, vistoriando, dando ordens, dispondo tudo à sua maneira.

Enquanto transportava suas coisas, Rufina descobriu-me no quintal, a um canto, espiando. Não me dispusera a ajudá-la por medo de uma reprimenda daquele homem de nariz imenso e maldade estampada na cara larga, a quem já aprendera a temer: "Como! Um senhor trabalhando para seu criado! Deseja ser castigado, garoto?", pois era bem provável, pensava eu, que o Cardeal não hesitaria em aplicar-me castigos corporais se eu desse algum motivo. Vendo-me, a negra mostrou uma expressão angustiada, mas baixou os olhos e seguiu adiante sem nada dizer. Entrei, contrariado, praguejando contra esse homem perverso que aparecia sem mais nem menos em minha casa e começava a dispor de tudo e de todos como… como se fosse o dono? Sim, como se fosse o dono… mas não era o dono, afinal de contas? Não tinha ele o direito — mais que eu — de fazer o que bem quisesse? Era forçado a reconhecer que, por mais que suas atitudes me contrariassem, podia tomá-las a seu bel-prazer, pois a casa lhe pertencia.

Corri para meu quarto, caí na cama enfezado e fiquei olhando o teto sem pensar em nada a não ser na minha raiva, até que foi escurecendo devagar e eu percebi que já era noite.

Levantei-me e fui à cozinha, onde apanhei água quente para um banho, desejando estar apresentável para o jantar. Decerto — e não me enganava — o Cardeal exigiria minha presença à mesa, e não lhe agra-

daria ver-me com má aparência. Fui o primeiro a sentar-se, era cedo ainda, mas não tardou que a menina entrasse — ainda *vestida de Sol*, pois continuava a vê-la como pela manhã. Entrou, parou como se hesitasse um instante sob o lustre onde ardiam velas que, na minha fantasia, afigurou-se um céu estrelado acima de sua cabeça, e se encaminhou para a mesa como se não tivesse notado minha presença. Sentou-se e aguardou a chegada de seu tutor. Olhei-a bastante à vontade, tanto mais quanto ela menos parecia perceber minha admiração, e o que havia de vago e distante em sua beleza embebia-me, acordando em mim sensações que eu desconhecia e experimentava com delícia. Apaixonara-me por ela? É possível, e eis que me era dado conhecer um sentimento diferente do que me ligara a Eliete (cuja lembrança naquela hora não tinha força para arrancar-me de meu alheamento), um sentimento que de uma hora para outra exibia sua força, mais ainda: mostrava que estivera sempre ali, poderoso e voraz, esperando que algo o despertasse…

— Percebo que lhe agrada admirar a senhorita — veio a voz odiosa do cômodo defronte, às escuras, e eu saltei na cadeira. Pus-me de pé, receoso sem saber de quê, e vi em seguida o Cardeal surdir da escuridão, pesado, transportando seu imenso corpo até a cabeceira da mesa, onde se acomodou estendendo a mão para uma sineta que ele mesmo havia providenciado. Tocou a sineta e seu criado particular apareceu. — Pode servir — disse, e voltou-se para mim, que permanecera de pé: — Sente-se, é hora do jantar.

Obedeci. O criado perfilou-se enquanto Rufina entrava em companhia de outra negra com as travessas. Depois todos se retiraram e ficamos à mesa, como pela manhã, apenas os três: o Cardeal, a pupila e eu.

— Notei, meu primo João, que admirava minha pupila.

— Apreciava sua graça — arrisquei. Não sei se minha frase o aborreceu ou o alegrou, pois enquanto franzia o cenho, sorria quase sem mover os lábios.

— Ainda lhe falarei sobre ela — ele disse em seguida —, mas não é hora. Há tempo para tudo, e agora tenho fome. Congratulo-me, no entanto, com você: soube enfim dar uma resposta, ainda que atrevida. Tenha sempre o cuidado de manter-se afastado dela.

— Não pretendo aproximar-me — disse, baixando o tom de voz ao máximo.

— Terá quem sabe uma noiva… — ele insinuou, com maldade.

— Sim, senhor… bem, não senhor. Tive, mas… não tenho mais.

— Ter-se-á aborrecido da moça… ou ela aborreceu-se de você? — ele perguntou sem nenhuma consideração.

— Nós… é… nos desentendemos — eu disse, e esperei que ele começasse a servir-se para acompanhá-lo. O Cardeal permaneceu em si-

lêncio enquanto punha pequenos bocados de comida no prato (espantei-me de que fosse tão gordo comendo com tanta moderação), e eu, pouco desejoso de conversar, nada fiz que ensejasse uma retomada do assunto no pé em que ficara.

Após um demorado intervalo, durante o qual apenas rompia o silêncio da sala o ruído dos talheres, o Cardeal provocou-me mais uma vez — e com que ironia irritante o fez, como se lhe desse prazer espicaçar-me os sentimentos:

— Não alimente qualquer esperança sobre ela, meu rapaz — indicou a pupila, encarando-me para ver até onde tocava-me com tal advertência. Mantive-me o mais firme possível, mas como ele me surpreendesse com a inesperada reiteração de sua ordem, não pude evitar interromper a mastigação, e com a boca cheia fiquei olhando para ele com ar idiota. Ele sorriu e continuou comendo, sem alterar-se. — Já disse, a seu tempo lhe falarei sobre ela. Por ora, fiquemos nisso.

Tive vontade de pôr-me de pé e, num arrebatamento, dizer-lhe com firmeza que pouco me importava sua pupila, que fizesse com ela o que bem entendesse pois mulheres não faltavam na aldeia e eu poderia ter quantas quisesse. Retinha-me, contudo, antes de mais nada o medo de sua reação, e depois a certeza de que estaria blefando: mulheres havia na aldeia, e eu poderia ter quantas quisesse, mas quem naquele antro miserável se assemelharia à Menina Vestida de Sol, qual delas tinha sua beleza, seu mistério, capaz de acordar em mim o amor? Calei-me desapontado com sua determinação e com minha falta de firmeza, e terminei meu jantar tristemente. Deixei a mesa logo que pude e me recolhi cedo ao meu quarto, onde passei boa parte da noite pensando.

O Cardeal chegara em meados de janeiro (era o ano de 1927), e com sua presença na casa minha vida converteu-se num permanente sobressalto. Não conseguia descobrir-lhe sinais de bondade; julgava que a cada instante ele poderia decidir-se por uma ação cruel, uma maldade gratuita, e encasquetei na cabeça a idéia de que ele se pusera desde o início a fazer comigo um jogo de gato e rato: sem dúvida notara o pavor que lhe tinha e comprazia-se em enervar-me, deixar-me em suspense esperando uma explosão, uma reprimenda, uma palavra de escárnio acerca de minha matutice.

Ele tinha por hábito levantar-se muito cedo, por volta das cinco ou cinco e meia, hora em que já o criado estava de pé para atendê-lo. Em seguida saía para caminhar, retornava uma hora mais tarde e metia-se na biblioteca, onde ficaria lendo até as sete e meia. Mandara transportar para lá os numerosos volumes que trouxera em sua bagagem, mas também explorava os livros que haviam pertencido ao pai, entretendo-se

com eles boa parte do dia. Passei então a evitá-lo, e para isso permanecia até mais tarde na cama, em geral até as oito ou oito e meia. Causou-me surpresa e alívio não ter-se queixado nem exigido que estivesse à mesa pela manhã, pelo menos na maioria das vezes, embora fizesse questão de que eu não faltasse à hora do almoço. Essas refeições eram sempre penosas para mim, e bem satisfeito ter-me-ia esquivado a elas também se não receasse aborrecê-lo: tinha de ouvi-lo e tentar manter com ele algum diálogo, mesmo que pouco à vontade por eu não saber ao certo como fazê-lo, e meu embaraço tornava-se maior diante da pupila, que, apesar de ignorar-me por completo, inquietava-me com sua presença.

Fora desses horários via-o pouco, e sentia-me tranqüilizado com isso. Sabia-o na biblioteca, aonde eu não tivera coragem de voltar, e como lá permanecesse durante muito tempo eu saía, só ou na companhia de Florêncio, a quem as mudanças nos hábitos da casa pareciam não haver afetado; quando não saía, deixava-me estar na varanda, ou descia até o arvoredo nos fundos da capela, enfim, procurava manter-me sempre fora do alcance de suas vistas.

Contudo, apesar do pavor que sentia ao imaginá-lo por perto — um pavor que se manifestava de modo intermitente: em certos momentos seria capaz de aproximar-me e falar-lhe se não com espontaneidade, pelo menos sem receio; noutros, porém, dominava-me um medo súbito, vinham-me não sei que idéias ou lembranças das advertências de meu pai, e eu então me afastava correndo ao perceber sua aproximação, metia-me na ponta dos pés pela porta mais próxima e sumia no cômodo vizinho, e em mais de uma ocasião fui refugiar-me atrás de alguma cortina ou embaixo de algum móvel para não ser descoberto, embora eu nada estivesse fazendo de errado —; apesar, portanto, do pavor que às vezes sentia pelo Cardeal passei, com a máxima cautela, a vigiar a Menina Vestida de Sol, que após os primeiros dias recebera licença para estar na varanda ou fazer pequenos passeios pelas proximidades.

Vigiava-a sim, sem que ela me percebesse, mas os cuidados que tinha eram mais devidos a ele, que poderia surpreender-me desobedecendo sua determinação, do que a ela, que parecia mal notar minha presença. Assim, quando eu sabia que a pupila estava na varanda — ora lendo um livro, ora distraindo-se com um bordado, as únicas atividades de que se ocupava —, ia esconder-me entre as árvores à volta da capela e, subindo a um dos galhos mais altos, punha-me a admirá-la; ela, noutras ocasiões, descia até o terreiro e ia sentar-se num banquinho sob uma acácia: eu corria para o andar de cima e por uma fresta entre as cortinas a contemplava. Momentos sublimes aqueles em que a podia olhar à vontade e embeber-me de sua graça, quando um desfalecimento abatia-me, e sentia vir de muito fundo uma ponta de desespero, pois da minha cer-

teza sobre o amor que passara a conhecer nascia uma outra: a de que não podia ter nenhuma esperança, já que o objeto desse amor nunca me pertenceria. Foi então que me apercebi de uma coisa: já não idealizava o motivo de meu amor, nem fazia poesia, e à parte o chamá-la comigo mesmo de a Menina Vestida de Sol — adjetivo que tivera sua origem numa impressão momentânea —, nunca a tivera na conta de uma criatura etérea, uma enviada do paraíso, e todas essas bobagens que os apaixonados imaginam para enfeitar a idéia da pessoa amada: não, ela era apenas uma menina que me despertara o amor e cuja visão me proporcionava esse sentimento de plenitude que ao corpo me transmitia uma sensação de calma, e ao espírito, inquietação. Uma menina que se converteria numa mulher, que muito bem poderia vir a ser minha, não fosse o empecilho que desde o começo se interpunha — não fosse até mesmo sua indiferença à minha pessoa, um empecilho com certeza maior que o outro. Contudo, era-me suficiente olhar para ela para sentir-me feliz, não me ocorriam pensamentos luxuriosos, e se a imaginava minha mulher, vinha-me apenas a prosaica visão de uma casa com crianças, quartos em que se ouviria o choro de um bebê, um assoalho de cuja madeira se elevaria o ruído de passinhos inseguros, o riso e a algazarra infantil num quintal onde haveriam de misturar-se com pequenos animais domésticos… De outras vezes, contudo, nenhum pensamento: olhava-a apenas, feliz em estar ali, amando-a em segredo.

Dois ou três dias depois de sua chegada à fazenda, o Cardeal interessou-se em conhecer Pilar, por onde havia passado tarde da noite, deparando apenas o casario adormecido e mal iluminado e sem ter idéia da extensão do lugarejo. Nessa visita pretendia conhecer não só a povoação, mas as pessoas importantes do lugar, e fez questão de que eu o acompanhasse. Para isso, eu e a pupila fomos numa charrete leve tirada por cavalinho ligeiro — ela mantendo-se todo o tempo indiferente e distante —, enquanto ele aboletou seu corpanzil num coche robusto puxado por dois possantes burros de carga.

Sua chegada dera-se quase em segredo: se alguém viu quando o grupo passou por lá naquela madrugada não deu importância, julgando tratar-se de uma tropa de rancheiros a caminho de casa; os comentários não tiveram tempo ainda de se propagar, de forma que ao entrar na ruazinha principal às dez horas da manhã daquele sábado, e, descendo sem pressa do coche, encaminhar-se até a praça, aquele homem imenso com seu hábito berrante (em vez de escolher a cor escura, fez questão de ostentar o vermelho), seguido por uma menina muito graciosa que caminhava ao seu lado, além de mim (que todos conheciam), o pasmo foi geral. Paramos bem no meio da praça, defronte à qual a intendência

aparecia como um edificiozinho na verdade acanhado de janelas estreitas (cuja madeira já perdera a cor) e paredes descascadas como, aliás, quase todas as casas da aldeia. Examinando o velho casario, que à luz do dia certamente confirmava a impressão que lhe causara ao passar por ali de noite, o Cardeal nem ao menos notava os transeuntes que paravam para admirá-lo — uma ou outra senhora da "sociedade" local metida em seus trajes de província, mulheres do povo com trouxas na cabeça, negros com feixes de lenha às costas, tropeiros que chegavam ou saíam com seus animais carregados… todos se detinham um momento para olhar o homem obeso vestido de escarlate, em quem decerto supunham "alguém importante".

Padre Elpídio, nosso pároco, a quem até agora fiz uma ou duas referências muito rápidas, reconheceu por aquelas vestes um alto dignitário da Fé e saiu apalermado à rua, atravessou o largo em frente à igreja e foi prosternar-se aos seus pés, agarrando-lhe a mão e beijando-a com o mesmo ardor que teria beijado as chagas de Cristo. Não sabendo o que fazer ou dizer, conseguiu apenas balbuciar um "venha comigo, Eminência" e o conduziu para o interior da nave, secando a testa luzidia com a manga da batina enquanto ia murmurando, em estado de graça: "Quanta honra, Eminência, como haveria de supor…? Oh, Senhor das alturas, quanto lhe agradeço por esse dia, receber em minha pobre paróquia tão alta autoridade eclesiástica!". O Cardeal entrou na igrejinha e foi sentar-se com a pupila num dos bancos da frente, próximo ao altar, enquanto eu — pois minha fama já me tornara indesejável na cidade — permaneci entre a porta da frente e a saída lateral, meio escondido na sombra para ser visto o menos possível. A palestra com o pároco demorou cerca de meia hora, e a mim me pareceu que o Cardeal procurava inteirar-se de todos os assuntos referentes à aldeia para depois prosseguir sua visita de exploração. Houve um momento em que me chamou para junto de si, apresentando-me como membro de sua família, e eu, muito encabulado, tive de aproximar-me. Notando minha confusão, bateu-me no ombro para deixar-me à vontade, e disse:

— Então, rapaz, o que há? Que cara é essa na presença do nosso pároco? Por acaso não tem sido uma boa ovelha?

Padre Elpídio, desdobrando-se em desvelos, todo sorrisos e encabulação, com gestos trêmulos quase tocou a batina do visitante, retraiu as mãos e esfregou-as como se desejasse conter seu impulso ("Quanta honra tocar em tão santo homem, mas que pecado teria sido" quase podia ouvir o pobre pároco pensar), e disse com a voz insegura:

— Eminência, não constranja o rapaz… enfim, são coisas da idade… em outra hora, se Vª Eminência por ora não fizer questão…

— Então meu jovem primo andou fazendo das suas! Vamos lá, faço

questão sim! Vejamos o que ele fez.

E foi assim que padre Elpídio, muito vermelho, muito embaraçado, gaguejando todas as justificativas para atenuar minha culpa, relatou o sucedido entre mim e "uma das moças da paróquia", quase afirmando que a culpa decerto cabia mais à ela que a mim "pois, Eminência, essas meninas de hoje…" O Cardeal o ouviu, atencioso, e olhou para mim com uma cara severa, franzindo a testa onde se formaram grossas dobras de gordura; moveu a cabeça como reprovação, "muito mal feito, muito mal feito, em casa conversaremos".

— Não seja duro, Eminência, não seja duro com o rapaz — suplicou todavia padre Elpídio, ainda mais vermelho e suando em bicas. Tornou a secar a testa com a manga da batina e dirigindo-se a Deus no céu: — Que constrangimento, Senhor, que infelicidade incomodar Sua Eminência com tais assuntos numa hora tão importante!

Da igreja fomos à intendência, agora seguido por padre Elpídio que, com seus cuidados e ademanes, dir-se-ia buscar inspiração divina para adivinhar o mais simples desejo de seu superior, satisfazer-lhe a menor curiosidade acerca de qualquer assunto da aldeia. Eu agi com a mesma cautela, mantendo-me em reservada distância, e na primeira oportunidade escapuli para a rua indo sentar-me num banco da praça. A palestra durou menos de uma hora, e ao fim desse tempo o pequeno grupo apareceu na varanda: o intendente, encantado, beijou a mão da Menina Vestida de Sol e, em seguida, ajoelhando-se, o anel de ouro que o eclesiástico lhe estendia.

Esse foi o primeiro contato do Cardeal com a pequena comunidade de Pilar. Aproveitara para dizer que a Santa Madre Igreja lhe concedera uma licença e pretendia passá-la em sua propriedade, deixando a todos surpresos e cheios de espanto, pois ainda não se haviam esquecido de todo as histórias — embora antigas e já com aspecto de lenda — acerca das Oliveiras. "Nunca poderíamos supor que um Cardeal de Roma…" teria comentado o intendente, secundando-o padre Elpídio com um sorriso de encantamento.

— Vivi toda a minha vida fora — esclareceu o Cardeal enquanto sorvia com vagar o licor que lhe fora servido numa pequena taça —, os senhores compreendem, a vida na cidade, principalmente numa cidade da Europa, as tarefas da Fé, sempre árduas…

— Por certo, Eminência, por certo, é perfeitamente compreensível. Também nestas lonjuras!… — disse o pároco.

— Vª Eminência possui outros parentes, pois não?… Além do rapaz, claro…

— Tenho dois irmãos, mas não os vejo desde a infância — e aqui deteve-se um momento, para inventar com frieza uma mentira sobre

o fato de ter perdido os irmãos de vista. — Um é marítimo — ele disse após uma pausa —, fez-se marinheiro, enfim, viaja. O outro pertence ao exército.

E todos fizeram que sim com a cabeça, muito honrados com aquela informação.

A pupila foi apresentada como uma criança que ele recolhera da rua; "estendi para ela a mão" disse o Cardeal, "seguindo o exemplo do Mestre que nos ensinou 'deixai vir a mim as criancinhas' e que no calvário estendeu ambas para nós, sofredoras e miseráveis criaturas que somos", e terminou de emborcar a taça de licor.

— Apegou-se a mim como uma filha — acrescentou —, segue-me a todos os lugares e diz que não deseja deixar-me. Até pensou em fazer-se freira — e para mostrar-se pai, abraçou-a com carinho e depositou-lhe um beijo na testa.

— Um magnífico exemplo a ser seguido — exclamou padre Elpídio, edificado.

— Contive-a, contudo, quanto a essa intenção — esclareceu, talvez para justificar o fato de mantê-la ainda consigo —, pois a intenção pode ser santa, e a carreira religiosa é uma das mais bonitas…

— Por certo, Eminência — disse padre Elpídio pressuroso em concordar —, nada como a vida monástica!

— …mas há que levar-se em conta a vocação! Então eu disse: cautela, minha filha, cautela! Estudemos primeiro sua vocação!

— Quanto atilamento! — murmurou maravilhado o pároco.

— De modo que continua em minha companhia, vez que ainda não está bem segura — ele concluiu.

— E a senhorinha está apreciando a nova casa? — indagou o intendente, curvando-se na direção dela.

Foi nesse momento que deixei a sala e corri para a praça.

Na semana que sucedeu à visita do Cardeal à aldeia, preparou-se aí uma recepção calorosa, à altura da grande autoridade a que era destinada, e ambos, o pároco e o intendente, foram em pessoa convidá-lo. Seria para o domingo seguinte, e "se não for incômodo, que honra, que glória para toda a paróquia se Vª Eminência concedesse em celebrar a Santa Missa, após a qual teremos o almoço no salão nobre da Intendência, estando convidadas nossas principais famílias"; como se falar tudo isso representasse um enorme esforço, padre Elpídio suspirou e, para não fugir ao costume, secou o suor da testa com a manga da batina.

— E Vª Eminência — curvou-se o intendente, como se desejasse mostrar-se o mais subserviente possível, julgando com isso conquistar as graças do Cardeal — ouvirá um discurso em sua homenagem, pelo mui-

to que nos engrandece tê-lo em nosso meio.

Não houve maiores novidades naquele domingo, todo o povo de Pilar pareceu em estado de graça ao ouvir a missa celebrada pelo Cardeal, e o almoço na intendência fez dos convivas pessoas muito especiais por estarem à mesa com o grande homem da Fé, ouvindo sua sábia palavra quando discorreu sobre a multiplicação dos pães (logo após dar graças pelo alimento), e mesmo quando elogiou o vinho e tentou fazer-se engraçado ao dizer que aquele era "realmente digno de converter-se no sangue de Nosso Senhor" no ritual da Eucaristia. Os homens aprovaram a observação com um movimento de cabeça enquanto as gordas senhoras sorriram encantadas, pois "Sua Santidade fala com muita beleza e nos enobrece a todos ao elogiar a ceia que preparamos em sua homenagem" (quem pronunciou o disparate foi a esposa de um opulento fazendeiro que fizera questão que doar os vinhos — dizia-se que tinha bons vinhos em sua adega —, no que foi logo corrigida pela mulher do intendente que, ao seu lado, deu-lhe de cotovelo e cochichou "Não é 'sua santidade' que se diz, é Vª Eminência", ao que a lustrosa senhora replicou: "Então não sabe que já se cogita o nome dele para papa?"). Cabe aqui observar que, embora convidados, os pais de Eliete — para meu alívio — nem estiveram na igreja naquela manhã, nem compareceram ao almoço, pretendendo talvez evitar minha presença. Tudo mais correu bem, tão bem que nem mesmo o fato de eu estar ali incomodou às famílias presentes, apesar — como já disse — da fama que havia granjeado.

Fazia dois meses se tanto que o Cardeal chegara às Oliveiras quando, certa manhã, estando ainda à mesa — apenas eu e ele, pois naquela manhã a pupila estivera indisposta e permanecera na cama —, recebemos (eu recebi) uma desconcertante visita: bateram palmas em frente de casa e Rufina foi atender antes mesmo de ouvir a imperativa sineta. Um minuto depois entravam na sala Eliete e a mãe. Ela vir àquela altura às Oliveiras procurar-me (havia alguns meses não lhe punha as vistas em cima, sendo certo que não fazia questão alguma de vê-la) foi uma tolice que me deixou contrariado, e num gesto involuntário ergui-me da cadeira para cair sentado outra vez, sem ação. O Cardeal olhou com curiosidade a mãe e a filha e não fez nenhuma pergunta. Notando a barriga volumosa da moça, olhou-me de esguelha disfarçando um sorriso malicioso, como a querer dizer: "Então, seu maroto!…"

E agora estendia a bandeja com biscoitos à mãe e, sorrindo com afabilidade, à filha. Cerimoniosa, a mãe colheu um dos biscoitos e o mor-

deu com visível embaraço, mas Eliete, que devia estar com os enjôos, recusou até mesmo o café com leite. Eu comia de cabeça baixa, sem coragem de encará-las.

— Bem, senhora — disse o Cardeal erguendo a xícara, mas, notando a presença de Rufina, interrompeu a frase e voltou-se para ela. Apenas com um olhar em sua direção fê-la compreender que nada mais tinha a fazer na sala e devia recolher-se ao seu posto, onde aguardaria que a chamassem. Rufina saiu na ponta dos pés, e o Cardeal dirigiu-se novamente à mãe de Eliete: — Criados negros — reclamou ele —, que grave equívoco da Princesa Isabel! Mas enfim… Pretendo modificar um pouco as coisas por aqui, fazê-las funcionar do meu jeito. Mas voltando ao nosso problema: eu já fora informado dos fatos, as notícias neste lugarejo deixam logo de ser novidade, e é com grande satisfação que venho a conhecê-las… a propósito, a senhora não esteve presente à missa que fui convidado a celebrar, pois não?, durante o almoço na intendência pelo menos estou certo de não tê-la visto…

— Nem na missa, Eminência, nem na missa… já não tenho cara para pôr os pés fora de casa… quanta vergonha temos passado em vista dessa… dessa situação…

— Sim, compreendo… bem, mas voltando a questão: trata-se de uma situação assaz embaraçosa, reconheço, mas a senhora há de compreender que eu não disponho de poder sobre meu primo para obrigá-lo a qualquer atitude. Se fosse filho meu, que não o tenho, impedido como sou pelos votos, mas só por hipótese, se fosse filho meu… no entanto o garoto é apenas um primo em terceiro grau.

— Contudo, Eminência, Vª Eminência é homem da Igreja… em Pilar as senhoras dizem que é um santo homem — e ao ouvi-la o Cardeal fez um gesto com a mão como para conter aquele exagero, sem deixar de sentir uma ponta de lisonja que se lhe estampava na cara inchada (não, é certo, por ser considerado santo, mas pela vaidade do alto posto eclesiástico que ocupava) —, e eu acredito, oh, sim! — enfatizou a mulher, olhando-o com cara de súplica —, eu acredito… por isso há de compreender que…

— Compreendo, senhora — cortou-a com suavidade —, compreendo e tentarei ajudá-la da maneira que está ao meu alcance: aconselharei o rapaz, está ouvindo, não é, mocinho?, é quanto posso fazer, alertá-lo sobre seu erro e apelar para seus bons sentimentos, e mais!, para seu compromisso com a Igreja. Estou certo de que chegaremos a uma solução.

— Sim, Eminência, também creio que… Vª Eminência compreende que este é um lugarejo de interior… logo todos começam a falar, desde muito que já estão falando… e Eliete é uma boa menina, será uma boa esposa para o rapaz, não é por ser minha filha, mas conheço-a bem e

estou certa de que…

— Sim, sim — outra vez o Cardeal interrompeu, com um gesto conciliador e um sorriso amistoso —, não é preciso fazer o panegírico de sua filha, sabemos que é uma excelente menina — e sorriu para Eliete; estendeu a mão roliça e pesada sobre a mesa e pousou-a num afago quase rude sobre a dela, inerte ao lado da xícara: — Nós sabemos disso não é, filha? Como lhe disse — tornou para a mãe, levando um biscoito à boca num gesto displicente —, chegaremos a uma solução para o caso. Não!, não se amofine! Agora não falemos mais nisso, termine seu café — e para Eliete, que parecia desconcertada: — A menina não come ao menos um biscoitinho?

O Cardeal nunca esteve tão longe de procurar uma solução para o caso, e o estado da moça não lhe importava — menos ainda importando-lhe o embaraço da família com a situação. Confesso que a mim também não importava muito: Eliete aborrecia-me agora, e ainda que às vezes me pesasse ter-lhe causado aquele transtorno, e mais, ter caído no descrédito de sua casa, onde fora recebido com boa vontade, não me sentia inclinado a tomar a única atitude que caberia em tais circunstâncias: casar-me com ela. A mãe, que mantinha esperanças, falou-me com um jeito de quem exige e suplica ao mesmo tempo, colorindo tudo com um sorriso desenxabido:

— Então, meu filho, por que não convida a menina para dar um passeio até lá fora? Assim vocês conversam, acertam-se…

Mantive-me de olhos baixos, mas percebi que o Cardeal voltava para mim sua caraça adiposa, e adivinhei em seus olhos brilhar uma ordem. Levantei-me e disse para Eliete, sem encará-la:

— Venha… vamos até a varanda.

E saí para a varanda ouvindo às minhas costas o comentário da mãe:

— Ah, senhor, formam um par tão bonito! Não vê Vª Eminência que até bem pouco tempo vinha acompanhar a menina a esta casa…

Não houve demora: Eliete aproximou-se para abraçar-me, mas a visão de seu corpo inchado pela gravidez repugnou-me e eu a afastei com certa rudeza. Fui direta e cruamente ao assunto:

— Eliete, nada do que fizemos foi sem sua permissão, em momento algum a enganei ou iludi, não lhe fiz promessas e por isso não me sinto culpado com relação a você. Em vista disso, peço que desista dessa idéia… de qualquer idéia que tenha a meu respeito. Não será possível… enfim, não a amo e não posso desposá-la.

Ela olhou-me sem surpresa, sem ressentimento. O que eu dizia por certo lhe causava decepção e tristeza, mas seu rosto manteve uma serenidade que me surpreendeu. Não pretendo antecipar-me, mas devo adiantar que foi isso, talvez, o que me levou a cometer meu último cri-

me — e se o chamo crime não é sem razão, como a seu tempo se verá. Ali na varanda, naquela manhã, Eliete ouviu-me sem dizer nada. Continuamos um diante do outro por alguns instantes, ela olhando-me nos olhos com uma insistência incômoda até que decidi virar o rosto para outra direção. Pouco depois a mãe despedia-se do Cardeal à porta, tomando a filha pela mão e cumprimentando-me com um gesto de cabeça que me pareceu otimista: percebi em seu rosto uma certeza que me deixou confuso: será que ela já contava como certo nosso casamento?

— Andou a fazer estripulias, rapaz — ouvi a voz do Cardeal às minhas costas quando mãe e filha já se haviam afastado em direção da estrada. — Muito bem, e agora?

— Pretende obrigar-me? — eu perguntei.

— Obrigá-lo? Mas a quê?

— Ora…

— A casar-se? — deu uma boa risada, "cheia de maldade" eu pensei. — Não, não o obrigarei a casar-se… no entanto, creio que não existe nenhum outro motivo pelo qual o rapaz deseja manter-se solteiro — e acentuou odiosamente a expressão "outro motivo", inclinando o corpanzil para mim — …ou existe? — e deparei com seus olhinhos empapuçados cravados em mim, a cara gorda de lua cheia muito próxima da minha, o nariz imenso feito um chifre de rinoceronte e a boca convertida num risco fino e horizontal, quase imperceptível.

Compreendi o sentido de suas palavras e fechei-me num ódio mudo não só contra ele, mas contra Eliete e a barriga que exibia a todos como um troféu, e até contra mim mesmo e minha fraqueza. Num gesto de coragem, porém (em outra situação eu talvez baixasse a cabeça; mas, como já disse, dominado pela raiva, apesar do medo que lhe tinha, vinham-me uns ímpetos de afrontá-lo sobre os quais, só após tomar a atitude e incorrer nos riscos, eu conseguia refletir), dei-lhe as costas e saí de sua presença.

Temo que o leitor, pela descrição da visita de Eliete e sua mãe, surpreendendo-me pela manhã à hora do café, e pelo arremate que teve o caso, não compreenda em que pé estavam minhas relações com meu primo, e julgue que tudo recaíra na modorrenta rotina de até então, que já nos entendíamos bem e eu me sentia à vontade em sua presença, e que o único desacordo entre nós continuava sendo a pupila — que ele, a despeito do ciúme de cão feroz que demonstrava (que como se há de ver não era apenas exagerado mas incompreensível, e dado o desfecho para o caso, absurdo), já podia mesmo dar-se o luxo de fazer uma ironia — de mau gosto, diga-se de passagem — como a que fizera ao término de nosso encontro naquela manhã. Como estará o leitor distante da

verdade se assim pensar!, e para aproximá-lo é preciso descrever não mais apenas aqueles primeiros dias, e sim os primeiros meses de sua permanência na fazenda.

Logo no início ocorreram mudanças drásticas na rotina da casa, e, para minha perplexidade, testemunhei estranhos episódios.

Contudo, para que se possam compreender melhor os episódios narrados a partir de agora, é necessário conhecer mais de perto o andar superior de nossa casa: subindo a escada (a mesma escada que, em uma triste manhã da minha infância, eu descera para deparar com o corpo de minha mãe pendurado no teto do vestíbulo por uma corda que lhe partira o pescoço) alcançava-se um corredor. À esquerda, após meia dúzia de passos, o corredor terminava numa grande janela envidraçada que abria para a capela, logo abaixo entre o arvoredo. Quase em frente ao topo da escada ficava a porta do principal e maior quarto da fazenda. Esse quarto fora ocupado por Teodomiro nos primeiros anos de seu casamento, mais tarde por meu pai e agora pelo Cardeal. Do topo da escada seguindo-se à direita, pouco adiante havia um outro corredor, perpendicular ao primeiro e para o qual se abria uma segunda porta desse mesmo quarto principal, porta essa menor e muito discreta, que na maior parte do tempo mantinha-se fechada. Como essa porta tivesse pouco uso, certa época fora encostado nela pelo lado de dentro um grande e pesado armário, desativando-a de vez. Ao fim desse segundo corredor havia uma varanda bastante ampla que dava não só para a frente da casa e de onde podia avistar-se a estrada, mas também para o nascente, enchendo-se de sol toda as manhãs — ao contrário da varanda no térreo, donde se via o poente e eu, em companhia de meu pai, noutros tempos contemplava o ocaso enquanto ele discorria sobre as coisas sagradas. Nessa varanda superior, do lado esquerdo, havia um outro quarto, menor, para o qual se mudara a própria Inês Honorato Gomes quando percebeu ter-se casado com o demônio e com quem a convivência se tornara de todo impossível; este foi também o meu quarto — para onde minha mãe me levava todas as tardes na "hora do banho", e que ocupei até a chegada do Cardeal, pois logo no dia seguinte ele percebeu a conveniência daquele cômodo tão bem situado e desalojou-me sob o pretexto de que ali a pupila ficaria melhor instalada, obrigando-me a mudar-me para a outra ala da casa. No outro extremo da varanda havia mais um cômodo, tão espaçoso quanto o anterior; eu bem poderia ter-me mudado para lá, e ficaria tão bem instalado quanto antes, mas como veremos isso seria de todo impossível (logo de início o Cardeal suprimiu essa possibilidade, dizendo que por ora aquele cômodo permaneceria inabitado). De volta ao corredor principal e seguindo em frente, chegava-se através de uma outra porta, que no mais das vezes permanecia

aberta, a uma saleta retangular de onde se tinha acesso ao salão de festas por uma porta larga à direita; esse salão, que abrangia quase toda a ala direita da casa, dispunha também de uma saída independente para o térreo, utilizada pelos convidados nas festas de outra época, os quais poderiam entrar e sair a qualquer hora sem incomodar quem já estivesse recolhido. Na referida saleta havia, em frente, uma porta que conduzia a dois ou três outros cômodos menos utilizados, um dos quais uma sala ampla com as paredes revestidas de madeira e que possuía janelas e saída para a mesma varanda; e do outro lado, um novo corredor, que bem poderia ser considerado uma continuação do primeiro, conduzia à biblioteca, que ficava em frente; à esquerda o corredor prosseguia em contorno, numa interligação com os referidos cômodos pouco utilizados; seguindo-se porém à direita chegava-se a uns quartinhos "longínquos" para um dos quais, o mais distante, contrariado, transportei sem contestação minhas tralhas.

Um dos episódios estranhos a que assisti — e que o meu pavor por aquele homem impediu-me, de início, de investigar — foi sua ordem, logo no segundo dia, para que, no corredorzinho secundário que conduzia à varanda — e, portanto, ao quarto da pupila —, fosse instalada uma porta que, uma vez fechada depois de todos se recolherem, isolava aquela parte da casa, não deixando de certificar-se também de que a porta e as janelas da mencionada sala revestida de madeira estariam da mesma forma trancadas: para tanto, recolheu a chave da porta e mandou fixar as vidraças com pregos. Fiquei por ali espiando Florêncio e um outro carapina medirem a largura do corredor, lavrar a madeira para a porta, afixar as dobradiças com decisivas marteladas, experimentar a fechadura e a tranca, enfiar parafusos e parafusos nas janelas da sala revestida de madeira, sempre supervisionados pelo implacável Cardeal que, a certa altura, achou de dar com minha presença:

— Espionando-me, hein, rapaz?

Fiquei paralisado no mesmo lugar, os olhos fixos em meu opositor.

— Você deve estar se perguntando para que tudo isso, não? — ele disse, e agitou a mão: — Bem, digamos que é apenas uma medida preventiva.

Disse-o e deu-me as costas, voltando a inspecionar o trabalho. Que medida preventiva seria essa?, eu me perguntei. Haveria na casa alguém capaz de incomodar sua pupila a desoras? Ou pretendia apenas garantir a honra da moça com aquela barreira que inopinadamente mandara erguer? O que quer que fosse deixou-me, a princípio, confuso, mas pouco a pouco tirou-me o sossego e, associada a uma irritação crescente contra o Cardeal e suas decisões esdrúxulas, sobreveio a curiosidade.

Nas noites que se seguiram eu esperava pelo silêncio do sono para,

na ponta dos pés, ir até o corredor e prestar atenção, tentar ouvir qualquer rumor proveniente do quarto do Cardeal. Nada ouvia, parecia não haver na casa ninguém além de mim, e como minha imaginação às vezes traía-me, retornava apavorado para a cama, trancando bem a porta, pois nesses momentos, por absurdo que possa parecer, eu adquiria a estranha certeza de que o Cardeal não era meu primo — não era, enfim, um dos filhos de Teodomiro — mas o diabo, ele outra vez: Lúcifer em pessoa ou um seu emissário, disfarçado de religioso para ludibriar-nos com mais facilidade. Pela manhã eu me ria dos meus temores, relembrava ocorrências similares ao longo de minha vida e saía para o sol com esperanças renovadas. Essas esperanças, o leitor deve desconfiar quais fossem: ver, entrever pelo menos, a pupila, poder mesmo de longe admirar sua beleza, embebido em minha paixão. A pupila no mais das vezes permanecia na varanda do andar de cima (ou entretendo-se com um bordado, ou com um livro), e como então me parecesse perigoso aproximar-me, mesmo que não lhe dirigisse a palavra, eu saía de casa, contornava o terreiro e ia pôr-me em meio às árvores que margeavam o caminho, de onde podia admirá-la sem ser percebido por ninguém. Creio que uma ou duas vezes, levantando os olhos da leitura, ou descansando as mãos no colo e olhando a estrada, ela teria dado com meu olhar, não só vigilante mas apaixonado, em si. Se percebia meu sentimento, se ao menos notava a insistência de minha vigilância silenciosa, não sei — mas não tenho dúvida de que em algumas ocasiões percebeu-me espreitando-a. Deve ter reagido a isso com indiferença, pois em momento algum deu mostras de encorajar minha aproximação, fosse com um olhar receptivo ou com um sorriso de aquiescência. Limitei-me apenas a amá-la em silêncio e admirá-la de longe — e remoer minha dor, que procurava atenuar enchendo de odes e lirismo piegas as páginas do diário que herdara de meu pai.

Esse lirismo derramado nas folhas em branco parecia-me belo àquela época, e as frases cheias de furor romântico passavam aos meus olhos por maravilhas literárias (vez por outra, enquanto descanso um pouco da tarefa de escrever esta história, passo as páginas do Livro e releio esses versos de rapazola, sem qualquer valor e bastante mal escritos, mas cheios de grande sinceridade, nos quais reconheço o efeito do amor que me dominara naqueles dias terríveis) — mas não tinham qualquer efeito atenuante em meu espírito: a cada dia meu amor exacerbava-se, incomodava-me mais quanto mais sem esperanças me parecia, e com isso fui ganhando em coragem na mesma proporção que em desespero. Uma noite não me limitei a espreitar do corredor o silêncio da casa adormecida: desci pela escada do salão de festas e, saindo pelos fundos, encaminhei-me até a frente do prédio, de onde podia ver a janela de seu

quarto. Havia uma claridade suave, como de uma lâmpada num quebra-luz, mas não escutei som algum. "Está dormindo" pensei, e imaginá-lo produziu em mim um desfalecimento: linda seria a Menina Vestida de Sol adormecida, e mais suave lhe tornaria a doçura do rosto a fragilidade do seu sono (tolos, às vezes nos comprazemos com a suposta fragilidade da mulher que amamos, como se isso a fizesse mais bela e nossa, e a nós, mais fortes aos seus olhos). Quão belo seria vê-la dormir!, pensei.

E me ocorreu um desvario que, não fosse o amor a perturbar-me o bom senso, eu não me arriscaria a pôr em prática. Caminhei pelo terreiro inspecionando o andar superior da casa. Andei de cá para lá e de lá para cá, sempre olhando a varanda, o gradil, o parapeito, avaliando a altura… A varanda era bem alta, mas uma corda atirada pelo gradil permitiria subir até lá sem muita dificuldade e quase sem ruídos, e uma vez em cima passar para o corredor, aproximar-me da porta da bem amada seria simples. Uma lembrança sobreveio, alertando-me para um perigo: o Cardeal, em certa ocasião, dera para levantar-se pelo meio da noite e sair (como será relatado adiante), e era impossível prever em que noites faria suas misteriosas saídas. Se eu me aventurasse até a porta do quarto da pupila e ele, acordando, resolvesse por acaso espiar o corredor e me surpreendesse, Deus sabe do que seria capaz — e um arrepio de medo quase fez-me retroceder de minha idéia. Tínhamos, contudo, o hábito de nos recolhermos cedo, por volta das nove e meia, e pelo que eu percebera ele nunca se levantava antes das duas da manhã, de modo que sempre haveria uma razoável margem de tempo para mim. Isso fez-me recobrar a coragem e decidi que na noite seguinte poria meu plano em prática.

Não sabia ainda o que fazer quando me visse à porta do quarto; por certo a encontraria trancada e não poderia entrar, e espiar pela fechadura não serviria de grande coisa. Poderia observar se ela estava acordada, bater de leve e dizer quem era e que desejava falar-lhe, poderia apenas ficar ali pensando que do outro lado ela dormia um sono muito sereno e criar minhas fantasias em torno dessa imagem — a verdade é que eu iria subir até lá, mas não tinha a menor idéia do que pretendia nem do que poderia acontecer.

No dia seguinte tratei de esconder embaixo do meu colchão uma corda que fui apanhar na despensa. Passei o dia impaciente pela chegada da noite, rondava como um tonto pela casa, ia daqui pr'ali sem ter o que fazer, e mais de uma vez fui parar na biblioteca (dada a proximidade do meu quarto) onde, naquele dia, o Cardeal não esteve nem uma vez. Aproveitei para apanhar um livro: ficaria lendo no quarto até dar meia-noite, hora em que "meu primo" já estaria certamente dormindo.

Eu me recolhera havia pouco mais de meia hora quando ouvi Rufina

subindo as escadas em direção ao quarto da pupila, como de hábito levando água para o banho em grandes caldeirões de ferro. Minutos depois a negra descia as escadas enquanto eu, que correra até a saleta, espreitava seus movimentos. Em seguida o Cardeal subiu, e como viesse com seus passos lerdos e pesados para a biblioteca, tive de esconder-me no salão de festas. Mas ele não se demorou: pouco depois seus passos passaram, lerdos e pesados, de volta. A porta nova do corredor que levava ao quarto da pupila já fora fechada, e cinco minutos mais tarde havia silêncio na casa. Voltei para a cama e deitei-me para ler… mas com que impaciência esperei dar as onze horas: não conseguia concentrar-me na leitura, nervoso passava as páginas do livro e em seguida, levantando-me, ia de um lado para outro com olhadas carregadas de ansiedade para o relógio de parede. Abria a janela para espiar a noite, e a fim de evitar que alguém passando embaixo me visse, apagava a vela, que acendia de novo momentos depois, incomodado com a escuridão.

Quando deu onze horas soltei uma praga e decidi que era mais do que tempo de ir; desci pela escada do salão de festas e, para evitar qualquer imprevisto, saí pela cozinha, prevendo que se o Cardeal se levantasse mais cedo naquela madrugada eu teria tempo de voltar para o meu quarto sem ser notado.

Não sei, contudo, dizer o que teria sido maior — a decepção, a raiva, a curiosidade — no instante em que cheguei à frente da casa e espiei para a janela da pupila: a claridade que avistei não era a mesma da noite anterior, que sugeria um quebra-luz: devia estar aceso um desses lampiões de camisa que proporcionam uma claridade brilhante, e vez por outra vinham-me daquela direção ruídos ora de passos, ora de vozes, mostrando que não só a pupila estava acordada, como havia mais alguém com ela. Contive uma praga que me saltou à boca, e mordi os lábios furioso. Mas permaneci embaixo da janela tentando apurar o que o Cardeal fazia no quarto da menina. A voz dele chegava até mim com pouca clareza devido à vidraça baixada, de modo que não conseguia distinguir nenhuma palavra, mas quando pude apanhar uma ou outra frase pronunciada em tom de voz mais elevado percebi — para minha decepção — que conversavam num idioma estrangeiro: ocorreu-me então que a pupila talvez compreendesse mal o português, ou mesmo nem o compreendesse! Apesar do meu desapontamento, quando a Menina Vestida de Sol falava, ainda que suas palavras fossem incompreensíveis e a voz apenas um murmúrio indistinto, soava-me como "uma melodia que um anjo noturno derramasse", e mesmo frustrado em meu plano (não tive alternativa: fiquei ali muito tempo, o Cardeal não dava mostras de que fosse deixar o quarto tão cedo, e por fim resolvi voltar para o meu) tinha bastante lirismo no coração para encher algumas

páginas do diário (este Livro, este mesmo Livro que folheio vez por outra nesta estalagem chamada Patmos, enquanto recomponho minha história) com maus versos acerca do amor.

Não tive mais coragem para pôr em prática meu plano — percebi que era perigoso arriscar-me, porque o Cardeal freqüentava o quarto da pupila, tendo por certo removido em seu próprio quarto o armário, ativando a portinha há tanto tempo em desuso, para lá chegar com mais facilidade e sem ser notado. Não tinha como saber o que ele fazia ali quase todas as noites, ainda que tenha teimado a cada noite, durante toda uma quinzena, a espreitar durante horas a janela acesa: em poucas ocasiões, nesses quinze dias, o quebra-luz deu mostras de que seu importuno acompanhante não estava lá. Nas demais vezes, ora eu os ouvia conversar naquele idioma estrangeiro, ora a pupila entoar o seu cântico inconfundível — e se digo cântico, digo-o literalmente, pois mais de uma vez escutei uma música muito suave, como se alguém tocasse um instrumento de cordas em surdina e cantasse: a menina cantava!

Conquanto não pudesse compreender as palavras da canção, permanecia sob a janela até que ela se calasse. Depois seu acompanhante rosnava alguma coisa e ela recomeçava a tocar em surdina e a cantar outra canção. (Essas melodias acabaram por fixar-se em minha memória e dei por mim, várias vezes, assoviando uma ou outra onde quer que estivesse e a qualquer hora. Ao percebê-lo, olhava assustado para os lados, a ver se o "cão de guarda" não estava por perto, pois era certo que reconheceria a música e haveria de querer que eu lhe explicasse onde a havia aprendido. Como eu poderia dizer, sem levantar suspeita, que "ouvira a senhorita numa noite dessas, em que perdi o sono e saí para o terreiro para respirar um pouco"?) Assim ia até bem tarde, quando havia movimento no quarto, um som de passos gordos no madeirame e o guincho da porta abrindo-se e fechando-se em seguida. O Cardeal seguia pelo corredor até seu próprio quarto e a luz atenuava-se no da pupila. Mais de uma vez pensei em aproveitar o momento em que o homem saía para galgar a varanda como pretendera, mas à última hora recuava impedido pelo medo, pois minha intuição parecia dizer-me que se eu fosse até lá acabaria descoberto.

Este era, porém, apenas um receio a mais, e logo me decidiria outra vez pela aventura se não me impedissem — pelo menos por algum tempo — as estranhas saídas noturnas do Cardeal, que aconteciam sempre antes das três da manhã. Persistir em meu intento seria arriscar-me mais do que o necessário, eu pensei (afinal o homem parecia não dormir: tarde deixava o quarto da pupila, muito cedo levantava-se e saía!), e resolvi esperar por uma ocasião mais propícia para retornar ao meu plano. Por ora decidira-me a investigar o motivo dessas saídas misteriosas

em plena madrugada.

O Cardeal tinha por costume levantar-se muito cedo, sempre antes das seis horas e às vezes mesmo às cinco, e como eu passara a ter o sono leve desde sua chegada, acordava com o movimento e os passos de seu criado de quarto pra lá e pra cá no corredor. Cerca de quinze ou vinte minutos depois de levantar-se fazia um longo passeio pela estrada, indo sempre só e retornando depois de pouco mais de uma hora, e compreendi que levantar-se cedo para uma caminhada matinal devia ser um hábito antigo. De volta, enfurnava-se na biblioteca e lia até por volta das oito e meia, quando descia para tomar café.

Na maioria das vezes — para meu alívio, como já referi — esquecia-se de mim, mas acontecia dar-lhe um dia na telha mandar Rufina chamar-me, exigindo que eu estivesse à mesa. Em geral mostrava-se irritadiço, a ponto de eu ficar todo o tempo em alerta para não aborrecê-lo. Suas explosões de fúria — às quais a pupila, já habituada, permanecia indiferente — tinham o poder de tirar-me do sério, apavorar-me e faziam Rufina fugir estarrecida para a despensa, onde ia encontrá-la mais tarde em prantos. Em algumas ocasiões, nas quais pude observá-lo de longe, sozinho, em geral lendo ou meditando, via em seu rosto, de hábito duro e impenetrável, uma sombra de angústia, um sofrimento que ele procurava esconder mas que nesses momentos de distração vinham à tona. Era possível então perceber um assombro em sua fisionomia como se estivesse contemplando o Inferno, o que durava dez, vinte segundos: parecia dar-se conta em seguida de que estivera vulnerável e endurecia outra vez. Então seu rosto se convertia numa rocha, intransponível penedo, e era inútil esperar que se abrisse de novo.

Certa manhã, poucas semanas depois que o caminho para a varanda — e, também, para o quarto da pupila — fora bloqueado pela nova porta, testemunhei um outro fato que me deixou assombrado.

Pela sucinta descrição que fiz, o leitor perceberá que eu ocupara um aposento muito distante do "resto da casa", mas, devido ao silêncio da manhã, qualquer ruído naquele pavimento ressoava pelas salas e corredores e, mesmo esbatido, estivesse eu desperto, poderia ouvi-lo do meu quarto — fosse o rumor um pouco maior, até mesmo poderia acordar-me de meu sono leve e sobressaltado. Foi o que aconteceu naquela manhã.

Ainda estava escuro quando ouvi um rumor longínquo de alguém andando pela casa. Abri os olhos num sobressalto, para verificar que se tratava não de uma mas de duas pessoas no corredor principal, e vi no relógio de parede em frente à minha cama que ainda não eram três horas. Os passos tinham subido a escada sem se importar com o barulho, desceram em seguida, e ouvi uma porta distante ser fechada com es-

trondo; minutos depois os passos retornaram, e eu então me alarmei: sem atinar com uma explicação para essas andanças noturnas, fui esconder-me na saleta já referida de onde, protegido pela parede e pela escuridão, estiquei o pescoço para espiar: o criado — pois o criado de quarto também estivera andando para baixo e para cima — parecia estar naquele momento dentro do quarto, e a porta entreaberta deixava passar uma luz baça. Súbito vi o Cardeal sair com a lamparina e, após, o criado carregando um objeto grande que não pude identificar, embrulhado em uma toalha. Desceram de novo a escada, e assim que ouvi o barulho da porta da varanda abrir-se e bater em seguida, corri para ver aonde iriam. Descendo também, espreitei por uma das janelas laterais a tempo de ver a lamparina indo em direção da capela. De onde eu estava não via a porta da capela, mas com o silêncio da manhã pude perceber pelo rangido quando a abriram, e depois não ouvi mais nada.

Continuei vigiando até ver a lamparina de volta. Voei para o quarto, e por vários dias fiquei remoendo minha curiosidade: a partir de então, não raro, o Cardeal levantava no meio da noite e ia esconder-se na Capela, onde permanecia trancado longo tempo.

Aquele mistério deixou-me intrigado: logo na noite seguinte, não eram ainda duas da manhã, ouvi movimento no quarto do Cardeal; assumi meu posto de espionagem no fim do corredor e o vi sair — desta vez sozinho — com a lamparina na mão. Pus-me a segui-lo com cautela: deixei que saísse para o quintal e desci a escada; abri a porta da varanda evitando qualquer barulho e, mal a lamparina sumiu-se embaixo entre as árvores, caminhei até a beira do terreiro. Depois de um momento resolvi descer até a capela: apenas pelos vitrais da abside via-se uma claridade frouxa, mas não se ouvia nada em seu interior. Tive receio de permanecer por muito tempo ali e ser surpreendido: retornei para a orla do terreiro e continuei vigiando, até sobressaltar-me com um ruído de porta sendo fechada: o Cardeal acabara de sair da capela e voltava para o quarto.

Pela manhã, durante o café, vigiei a cara séria do homem, mas era impossível descobrir na indiferença de seu rosto endurecido quaisquer indícios do que estivesse acontecendo. A pupila, como de hábito, comia em silêncio, e ao terminar levantou-se e saiu. Pouco depois ele também se levantou, e de tal forma que parecia nem ter dado por minha presença.

A partir de então minha vida noturna tornou-se bastante agitada (chego mesmo a achar graça quando me lembro: pouco tempo antes minha vida noturna era igualmente agitada, pois uma vez caído em desgraça perante a provinciana sociedade local não raro passava as noites no prostíbulo de Pilar, embriagando-me e chegando em casa ao ama-

nhecer. Esse tempo havia passado, mas se agora voltara a "viver a noite", era de outra maneira): por volta das onze horas punha-me sob a janela da pupila; luz forte no quarto era indício de que ela não estava só e podia ouvi-los conversando naquele idioma estrangeiro que depois eu soube tratar-se do italiano, às vezes com bastante animação; a pupila falava em voz baixa mas o Cardeal tinha uma voz mais potente e sonora conquanto também não falasse alto; outras vezes somente ele falava, por muito tempo, como se estivesse contando-lhe uma história e ela de súbito soltava uma risada, ria-se feito criança por certo de algum dito engraçado de seu tutor, e ele fazia-lhe coro em sua gargalhada infantil. Ocasiões havia em que vinham debruçar-se à janela, onde permaneciam durante certo tempo ora em silêncio, ora conversando com naturalidade; da primeira vez que se debruçaram no peitoril da janela, pegaram-me de surpresa e eu me sobressaltei temeroso de ter sido descoberto; escorreguei em silêncio até o oitão da casa onde me escondi, porém creio que estivessem muito longe de supor alguém a bisbilhotá-los, e nas noites seguintes pude ocupar meu posto outra vez em segurança. Como já foi dito, a pupila às vezes dedilhava um instrumento de cordas, uma espécie de bandolim que sabia tocar muito bem, e cantava baixinho canções napolitanas, quando então o Cardeal parecia entusiasmado e mesmo a aplaudia pronunciando palavras que me pareciam de incentivo.

Por fim, eu voltava para meu quarto perto de uma da manhã, e quando o Cardeal saía para a capela eu acordava com o barulho e o seguia a distância. Nem todas as noites ele ia lá, mas como acostumara-me a estar sempre em estado de alerta, por volta das três horas despertava e permanecia insone quase até o amanhecer. Toda a tensão nervosa que se foi somando nas consecutivas noites de vigília — não tanto pelo sono perdido, pois sempre podia tirar um cochilo durante o dia, mas pela expectativa causada pelas atitudes daquele homem que, a despeito de tudo, era meu parente — acabou por lançar-me num estado de excitação que logo foi percebido. Certa manhã, durante o café, o Cardeal olhou-me demoradamente e, notando o que quer que fosse em meu semblante, comentou:

— Você tem estado muito nervoso, ao que parece.

Encarei-o surpreendido, pois nunca fazia qualquer observação a meu respeito.

— Deve ser apenas impressão — eu respondi.

— Penso que não — ele replicou. Muito embaraçado, eu não disse mais nada, e ele continuou olhando-me enquanto levava a xícara à boca e bebia aos golinhos. — O que será que o está deixando assim? — e olhou na direção da menina, que nem ao menos parecia notar minha presença à mesa.

— Prefiro — eu gaguejei — …prefiro que não faça suposições erradas… — e senti-me corar até as orelhas. Ainda que meu amor sem esperanças pudesse tirar-me o sono, não era esse o motivo de meu estado de excitação, ou não apenas esse. Ouvindo-lhe tal alusão que tanto me perturbava, parei de tomar o café e, imobilizado na cadeira, fiquei de olhos pregados na xícara quase cheia.

— Serão erradas? — tornou ele com brandura. — De qualquer forma… Bem, digo-o porque, ainda que o meu jovem primo tenha sido sempre um garoto atoleimado, parece-me agora bastante nervoso; digo mesmo… excitado em demasia…

— Talvez… mas não é pelo motivo… — e também, ainda que me tenha odiado por isso, não consegui evitar um olhar na direção da pupila. Refleti depois que não deveria ter respondido: com o que disse, com aquele olhar involuntário mas inconveniente, apenas consegui fazer que ele tivesse cada vez mais certeza do tipo de sentimento que me ligava à sua protegida.

— Não se apoquente, João — ele disse —, bem sabe que nada há para temer… enfim, isso já é um assunto morto para mim. Mas acontece que me interesso por sua saúde e bem-estar, por isso recomendo que procure dormir mais, tomar talvez um chá para os nervos… veja que olheiras enormes você tem agora! Isso faz mal.

— É que… sim, não tenho dormido bem ultimamente…

E só depois de dizê-lo foi que refleti nas deduções que ele poderia fazer a partir daí: se eu não dormia bem, acaso não ficara sabendo de suas saídas pela madrugada? Não o teria ouvido caminhar pela casa? Não estaria ele adivinhando que eu talvez o espionasse? Mas não havia como retroceder, desdizer-me seria pior, por isso calei-me.

— Ah, então você tem insônia — ele disse sem alteração na voz. — Trago para isso um ótimo remédio em meus guardados. Trata-se de um pó… basta misturar um pouco à água para restabelecer o sono. Eu lhe cederei uma pequena quantidade, pois deve ser tomado com circunspecção. Mas os resultados são excelentes.

E nada mais dizendo, sem esperar — ao contrário do que sempre fazia — que a pupila terminasse o desjejum, levantou-se e saiu. Perturbado por tê-la ainda à mesa, embora ela teimasse em ignorar minha presença, voltei a tomar meu café lançando-lhe olhares de través para admirar, ainda que por migalhas, sua beleza. Tão de perto — e podendo olhá-la mais à vontade, o que seria impossível se o Cardeal estivesse presente —, via sobressair-lhe na brancura do rosto o carmim de seus lábios grossos, e de novo um raio de sol entrando pela vidraça do outro lado da sala vinha dourar-lhe os cabelos e refletir na cristaleira atrás de si, convertendo uma grande bandeja de prata que aí se pusera de pé

contra o fundo num outro sol refulgente e os cristais em múltiplas estrelas. Foi nessa manhã que ousei, pela primeira vez, falar-lhe:

— Talvez a senhorita nem ao menos perceba minha pessoa — e minha voz saiu baixa, medrosa, cheia de cautela —, talvez não perceba nem mesmo a própria beleza…

Vi — oh, visão cheia de deslumbramento!, de que nem mesmo os anjos desfrutam pois jamais se apaixonam; oh, visão dentre todas a que ainda estremece-me o coração débil e envelhecido, desfalecendo-me o corpo valetudinário, mesmo transcorridos tantos anos!… — seus olhos volverem para mim numa refulgência azul (eram azuis então, não mais cambiantes mas de um azul luminoso!), e aquele rosto tocado pela graça divina concentrar-se por um momento em mim, surpreendida não talvez pelo que eu havia dito, mas pelo inesperado de lhe falar quando por certo não me julgava ali nem que lhe prestasse atenção (não sei, são conjecturas)… para, um instante mais tarde, esquecer-me outra vez e, indiferente, terminar seu café. Levantou-se em seguida e saiu da sala, não como se caminhasse, mas flutuasse acima do chão, feito um fantasma…

Nessa manhã eu decidi — tola e inútil decisão — que seria meu o amor da Menina Vestida de Sol.

Imaginei que esse primeiro passo na direção da pupila a fizesse notar minha presença — embora seja certo que, sem ser cega nem surda, haveria de perceber quando eu me aproximava, passava próximo a si, punha-me à mesa ou dela me levantava. Do que eu necessitava era vencer sua absoluta indiferença, que nada tinha de hostil, diga-se de passagem; tratava-se mais de um alheamento a tudo, como se habitasse um mundo despovoado e só seu, o que acabou por me fazer acreditar numa espécie de suave loucura que a afetasse; vencer, pois, esse alheamento, era o que eu pretendia, mesmo que eu não esperasse muito de início: que olhasse para mim ao ouvir meus passos, que tomasse a iniciativa de cumprimentar-me quando entrasse pela manhã e eu já estivesse à mesa, que vez por outra tentasse pelo menos um diálogo breve e formal. Seguiram-se porém dias de quase inalterável rotina, eu permanecia invisível para ela, e como não se houvesse renovado a oportunidade de ficarmos a sós, não pude atrever-me a dar mais um passo.

Poucos dias depois Eliete e sua mãe apareceram nas Oliveiras, visita a que já me referi. Quando naquela manhã me vi livre de ambas — e, após as insinuações grosseiras do Cardeal, vendo-o pelas costas alivieime em xingá-lo em voz baixa —, corri para meu quarto e caí na cama em tal estado de prostração que à hora do almoço, como eu me demorasse, Rufina foi procurar-me, preocupada. Disse-lhe que não queria almoçar e que informasse disso o Cardeal. A fim de evitar que ele insis-

tisse e Rufina retornasse com ordem para eu descer, evadi-me de meu quarto, saí pela escada do salão de festas e corri para a estrada.

Não sei por que lugares andei aquele dia: perseguido pela incômoda lembrança de Eliete com sua barriga inchada e a ridícula pretensão de casar-se comigo, vaguei daqui para ali sem rumo certo, pensando em como se tornara odiosa aquela mãe com suas insinuações acerca das virtudes da filha. A lembrança do momento em que ela quase me forçou a "um passeio lá fora, meu filho, para vocês se acertarem" irritava-me, pois, dizia eu comigo mesmo, "quem essa velha imbecil pensa que é para querer empurrar-me a filha? Pensará por certo convencer-me pela súplica ou pela compaixão?", e não posso negar que esse pensamento me proporcionasse uma agradável sensação de perversidade. Agora em minha cabeça os pensamentos fervilhavam: a lembrança de Eliete ainda tinha algum peso, a ternura que ela, em certo momento de minha adolescência solitária, me havia proporcionado não estava de todo esquecida, e em meu coração debatiam-se sentimentos contraditórios que lutavam ferozmente para dominar aquele terreno ainda tão fresco onde pudessem florescer: os impulsos de raiva — e desespero — levaram-me a não me importar com seu sofrimento (e mesmo a sentir um inexplicável prazer com ele), mas ao mesmo tempo caía-me como granizo a recordação de tudo que se dera entre nós, e de como Eliete fora terna e doce ao se entregar a mim com sua inocência e seu amor exacerbado, com seu sorriso branco e a delicadeza de seu olhar repleto de desejo; o modo como brincava com meus cabelos e o jeito muito matreiro e sutil de deixar cair de lado a cabeça enquanto me olhava como uma menina olha, sem malícia, em expectativa, ou ainda ao baixar os olhos com um ar melindroso e reclinar a cabeça no meu peito, abraçando-me pela cintura, julgando-me seu, e seus o meu amor e a minha vida, porque a mim já me dera a sua vida e o seu amor; mas a essas lembranças agradáveis opunha-se a súbita recordação do vício que a certa altura descobri em Eliete, corrompendo-as, levantando-se também de encontro ao amor passado o amor presente, e a doçura dos prazeres extintos convertia-se num fel que me amargava por dentro: é o inexplicável rancor contra aquilo que tivemos e amamos, quando algo novo surge para nós atraindo nosso interesse, e quanto mais desejamos esse novo objeto mais desprezamos aquele outro, e ainda quanto mais esse novo objeto nos parece distante e inatingível, do outro mais nos repugna a lembrança — e sabê-lo próximo e fácil alcançar instiga, açula contra ele nosso ódio, enquanto para o outro todo o desvelo é dirigido como para um bem que jamais possuiremos e que por isso mesmo nos é mais caro, uma jóia que nunca ornará nossos cabelos, um paraíso a que jamais entraremos. A esses pensamentos, outros sobrevinham: senti um estremecimento ao refletir que,

com a vida de devassidão que eu levara, quando caísse sobre mim o olhar punitivo de Deus, seria para fulminar-me com Sua ira. Tive outro estremecimento quando me apercebi de que não me intimidava com essa lembrança: o castigo divino já não me apavorava; Deus, eu dizia (desejando contudo calar essa voz sem o conseguir, pois ela abria caminho até meu consciente a despeito de eu, em voz alta, afirmar para mim mesmo que "não eram esses de fato meus pensamentos e Ele sabia disso e, portanto, haveria de perdoar-me por essas coisas que eu não tinha dentro de mim mas que o 'inimigo' punha lá como armadilha para que eu caísse", e Lhe pedia perdão por meus pecados numa prece contraditória, muito breve e apenas sussurrada), é uma noção muito distante dessa realidade concreta que me cerca, tudo aqui é palpável e visível, mas Deus não; que provas há de Sua existência e de que Ele esteja olhando para mim neste momento? Àquela altura eu me tornara um completo descrente.

Devo ter adormecido à margem do rio onde fui parar, pelo meio da tarde. Dormi, isto é certo, e acordei com um princípio de escuro que prenunciava a noite. Chegando, a sala de jantar já iluminada, pela janela vi à mesa o Cardeal e a pupila. Não quis aparecer de imediato: entrei pela porta dos fundos, subi a escada do salão de festas e fui para meu quarto vestir-me. Estando apresentável apareci e, com um cumprimento meio amedrontado, pus-me à mesa. O Cardeal não perguntou onde eu estivera nem o que havia feito durante todo o dia. Jantamos em silêncio, em silêncio ele se levantou da mesa… e mais uma vez a menina ficou comigo enquanto ele subia as escadas sem pressa.

Decidi que daria um novo passo nessa noite.

Observei com o rabo de olho que a pupila comia sua sobremesa, levando à boca pequenos bocados de doce com uma colherinha. Depus os talheres no prato e, conquanto aparentasse calma, senti meu coração disparar de repente ante à perspectiva do que iria fazer: foi quase com sufocação que deslizei minha mão sobre toalha e toquei o braço dela. A pupila pareceu revestir-se ainda de luz quando vi seus olhos pousados nos meus com o gelo da indiferença. Como, porém, eu já tivesse "decorado minha fala", não perdi a voz:

— A senhorita deve saber que o amor nasce em nosso coração sem que o possamos impedir.

Mas não consegui sustentar seus olhos distantes como montanhas, e a indiferença que vi neles deixou-me ainda mais confuso. Seria débil-mental a garota? — foi então que me ocorreu pela primeira vez essa idéia, e refleti que não a ouvira conversar com ninguém até então a não ser com seu tutor, e que sua reclusão devia-se muito mais a sua própria vontade do que à intransigência dele. Era fato que no início o Cardeal

tomara conta dela como um cão ciumento, e até mandara erguer uma nova porta na casa, e também que vez por outra lançava aquelas insinuações cheias de uma ameaça debochada em minha direção — insinuações que, hoje eu sei, não seriam a sério — como veremos —, mas apenas para caçoar de mim, por supor que eu não ficaria indiferente à beleza da menina. Mas a pupila não ficava trancada em seu quarto, tinha liberdade para sair, andar pela casa, passear no quintal e mesmo aventurar-se na estrada. Contudo pouco saía, quase não se ouvia sua voz (a não ser quando, sob a janela, podia escutá-la conversando com o Cardeal ou cantando e tocando um instrumento de cordas), e no mais das vezes permanecia na varanda de cima com um bordado ou um livro… A hipótese de loucura caiu-me na alma como uma bigorna sobre os dedos dos pés. "Não é possível" eu pensei, encarando-a com firmeza mas desviando os olhos um segundo depois; "não pode ser louca, não parece louca…".

Então arrisquei outra vez:

— A senhorita compreendeu o que eu disse?

Ela disse qualquer coisa em italiano sem alterar-se e em voz muito baixa, sem olhar-me, disse-o decerto não para mim, senão consigo mesma; levantou-se e se retirou da mesa deixando metade da sobremesa no pires.

Aquelas seriam as únicas palavras que lhe ouviria de forma direta mas que não compreendi e das quais — por não compreendê-las — acabei por esquecer-me.

Meu passo, eu refletia uma hora mais tarde deitado em minha cama, fora mal dado, não surtira efeito, e o pior de tudo era essa nova certeza que começava a tomar forma: a pupila sofria de algum tipo de loucura, talvez uma espécie de monomania, fazendo com que só se preocupasse consigo mesma e, quem sabe, com seu tutor, ignorando tudo mais à sua volta por não ter para si nenhuma importância.

Mas… e se eu insistisse? Não haveria um meio de fazer com que a alma da Menina Vestida de Sol, ou — em outras palavras — de luz, uma outra luz penetrasse, despertando-a para o mundo, fazendo-a compreender que havia algo mais além de si mesma e daquele homem obeso e feio por quem teria talvez uma afeição de filha? Como fazê-lo, no entanto, se entre nós havia aquele outro obstáculo, e talvez mais grave, o da língua? Tomado por esse amor que a cada tropeço mais se acendia dentro de mim, esperei a hora de esconder-me sob sua janela…

E fui.

Por que continuava indo lá, noite após noite, se me era impossível entender o que ela e o Cardeal diziam? Talvez só o prazer de ouvir sua voz me levasse agora até embaixo de sua janela, e como a noite se fizes-

se quente — estávamos em meados de março — sentei-me na calçada, estiquei as pernas para o gramado e, reclinando a cabeça para trás, ouvi-a principiar uma canção acompanhada de seu bandolim. Foi então que comecei a refletir naquela tão estreita relação entre ambos, a pupila e seu tutor, e uma suspeita começou enfim a formar-se em minha cabeça: ao contrário do que ele havia dito, a garota — o que me parecia certo agora — não era uma simples protegida sua, uma desamparada recolhida numa casa de caridade ou mesmo na rua e a quem dera abrigo, alimento e alguma instrução. Suspeitá-lo sugeriu-me sentimentos contraditórios quanto ao Cardeal, pois se já o via como um tutor extremoso que cuidava da honra e do recato de sua pupila com desvelo (creio mesmo que excessivo, pois devia sufocá-la com todos aqueles cuidados), era obrigado a reconhecer que aquele homem, em quem eu não conseguia descobrir nenhum lastro de bondade, nada que o tornasse humano e desfizesse a fantasiosa imagem de fera que criara em minha cabeça, era capaz de afeto. Se fosse apenas uma protegida sua, eu refletia, talvez a usasse para dar-se ares de homem bom, piedoso e cumpridor dos mandamentos divinos, como em presença do pároco e do intendente no dia de sua primeira visita à paróquia — pois para alguém como ele não seria difícil adotar uma desvalida com tal finalidade. Mas agora, ouvindo-a tocar em surdina e cantar uma de suas canções, sabendo-o ao seu lado a escutá-la, súbito pareceu-me muito pouco provável que essa menina fosse apenas uma órfã a quem houvesse dado abrigo: e no momento em que me convencia de o Cardeal ter quebrado seus votos e mantido um caso amoroso durante o sacerdócio, obtive a certeza de que a menina não seria apenas sua *pupila*, mas sua *filha* — uma filha de verdade. Que outro sentido, ocorria-me de estalo então, teriam algumas de suas frases que, mesmo desconhecendo a língua, eu podia por mera associação de sons traduzir: *"Si, papà, mi piace vivere qui", "Io canterò per lei, papà"* e outras? A palavra "papà" não deixava dúvidas, agora. Só um carinho muito grande — a profunda ternura de um pai cuidadoso — faria com que esse homem sério e carrancudo, cuja figura sinistra instilava terror naqueles que dele se acercavam, entretivesse com alguém muito especial nessas horas quietas encontros em que pudesse deixar fluir os sentimentos bons que acaso tivesse e, de ordinário, mantinha escondidos sob a capa da severidade (e mesmo da perversidade). Só uma filha muito amada — e não uma desvalida qualquer das ruas — seria capaz de torná-lo humano nesses momentos.

Pensá-lo proporcionou-me uma sensação de conforto interior que ainda não havia experimentado quando se tratava de meu primo eclesiástico. Pude até mesmo desculpá-lo por sua atitude perante a menina: se desejava protegê-la do mundo (afinal, uma adolescente criada como até

então, distante das coisas terrenas e sem conhecer os perigos à sua volta, estaria muito mais susceptível), não era de estranhar que me fizesse advertências, mais ainda ao saber da tão pouco recomendável fama por mim conquistada. Agradou-me que fosse assim, e embora pareça estranho, senti que já não seria sem esperança se eu me pusesse a pensar em minha prima, a sonhar com o amor outra vez: por certo o Cardeal não manteria erguida aquela barreira para sempre; haveria de descobrir em mim alguma qualidade, e se chegasse a compreender que eu não era o vilão que lhe parecia naquele momento, quem sabe — eu concluía, satisfeito, enquanto a garota iniciava outra canção — não faria gosto em ver-nos juntos?

Sorri para a Lua que aparecia àquela hora num céu muito claro e azul, com uma ou outra estrelinha brilhando nas imediações. A Lua dos namorados, pensei, sempre a visitar o amor em seu nascedouro… e naquela noite voltei a derreter-me de paixão nas páginas do diário.

Teria dormido tranqüilo pela primeira vez desde a chegada do Cardeal, havia pouco mais de dois meses, e com o coração muito leve e feliz, se pela madrugada eu não tivesse despertado com uma forte pancada na porta da frente…

Sobre Uns Encontros Com o Diabo

"Tinha quase consciência de seu delírio e fixava obstinadamente certo objeto em cima do divã, em frente dele. Ali apareceu de repente um indivíduo, que entrou sabe Deus como."
(**Dostoievski** — *Os Irmãos Karamazov*)



uando ouvi de meu quarto a porta da frente bater (e com que pancada, que estrondo na madrugada quieta!), acordei sobressaltado e soube que ele fora para lá outra vez.

Nessa noite eu nem chegara a acordar com o tropel que de costume fazia no corredor ao levantar-se, tão pesado era meu sono, mas a pancada na porta fora tão forte que ainda persistia em meus ouvidos, como se continuasse ecoando na casa adormecida, e foi cheio da confusão de quem acorda assim de repente que fiquei por vários segundos imobilizado, de olhos abertos no escuro, como a ouvir ainda aquele barulho que, contudo, já havia silenciado. No instante seguinte, todavia, eu já estava de pé.

Como vinha fazendo desde que ganhara coragem a ponto de agir com temeridade, corri a espreitá-lo, na esperança de que ao voltar para o quarto ele se esquecesse de trancar a porta da capela — estando desta vez decidido a esconder-me até que ele saísse, e se deixasse a porta apenas encostada não pensaria duas vezes antes de entrar e tentar descobrir o que fazia lá dentro…

Contornei a capela devagar, evitando pisar as folhas secas que forravam o chão, pois se ele suspeitasse de que alguém o vigiava haveria de levantar-se para investigar. Pelos fundos não tinha como espreitar o interior da nave: as janelas eram muito altas, e se acaso eu saltasse, segurando-me na borda e içando o corpo, talvez fizesse barulho, com o que não conseguiria manter-me incógnito. Embaixo dos vitrais da abside apurei os ouvidos: ouvi apenas uma voz murmurando palavras que não distinguia. Estive ali alguns minutos, mas insatisfeito sondei as portas laterais que se achavam aferrolhadas por dentro e enfim resolvi dar outra volta e ir para a frente da capela. Sob o pórtico, arrisquei um olho pela fresta da porta entreaberta. Não o vi, mas ouvi um murmúrio que vinha de uma saleta ao lado da abside. Estaria o Cardeal encontrando-se com alguém naquele lugar quase todas as noites? — e essa pergunta, conquanto não tivesse nenhuma razão de ser, pois eu bem sabia que ninguém ia às Oliveiras, ele não conhecia ninguém no lugar com quem

pudesse manter entrevistas secretas, além do que eu não vira ninguém — nem estranho nem conhecido — rondar por ali; essa pergunta, pois, por força de tão inusitada situação (e também do estado de desequilíbrio nervoso que pouco a pouco se agravaria e me dominaria por completo), começou a ferroar minha curiosidade, e mesmo que o medo, como de outras vezes, quase me fizesse retroceder, o desejo de descobrir aquele segredo foi mais forte — como disse, começara a agir de forma temerária —, levando-me a arriscar um passo para o interior da nave e a esconder-me atrás dos reposteiros. Esperei um pouco, depois arrastei-me mais alguns passos entre o reposteiro e a parede em direção da abside, cheio de cautela mas tranqüilo pois a voz prosseguia sem interrupção, falando naquele idioma estrangeiro cujas palavras eu não distinguia. Cheguei ao fim da parede e não pude dar mais nenhum passo: o Cardeal calou-se, soltou um gemido como se estivesse fazendo algum esforço — por exemplo, para pôr-se de pé, o que era sem dúvida um esforço considerável, dado o imenso volume de suas carnes gordas — e em seguida vi seu vulto aparecer iluminando o caminho com uma lamparina e afastar-se entre as duas fileiras de bancos rumo à saída. Permaneci escondido até que ouvi a porta bater. "Estou sozinho agora" pensei.

Sim, repeti, saindo detrás do reposteiro, eu estava só, mas com quem o Cardeal conversava, já que não havia nenhuma outra pessoa na capela? Estaria rezando? Ter-se-ia tornado crente de uma hora para outra, ele que envergava os vestidos da Igreja apenas para cobrir seu corpo, mas que não revestia sua alma da vestimenta da fé?

A luz da Lua entrava em jorros pelos vitrais, provendo o interior da capela de certa claridade, o que me permitia mover-me à vontade no recinto.

Assim, em dúvida entrei na saleta onde ele estivera um minuto antes, e me surpreendi ao constatar que naquele cômodo ficava o confessionário, do que me havia esquecido! Estaria se confessando?, perguntei-me com descrença, mas a quem?

Vi a portinhola do confessionário aberta e resolvi dar uma espiada, mas no momento em que me aproximei olhando para aquele interior escuro não sei que má impressão fez-me estremecer, e diversas idéias medonhas passaram-me pela cabeça. Imobilizado, imaginei uma cela muito suja e estreita onde quase não chegasse a luz do sol e na qual eu me via encarcerado por muito tempo, muitos anos, alimentando-me apenas de um pouco de pão e uma caneca de água todos os dias, e tendo nos tornozelos cadeias que me mantinham acorrentado a um sólido bloco na parede como punição por vasculhar locais proibidos. A essa imagem sucedeu uma outra, mostrando-me que no instante em que eu olhasse para dentro do confessionário veria um túnel conduzindo a al-

guma galeria subterrânea, a que eu não teria forças para fugir como não tive para evitar estar ali naquele momento, bisbilhotando; então eu desceria para o subterrâneo, encontraria uma infinidade de portas e corredores e salas, e novos túneis, e cada vez mais eu iria descendo e perdendo-me naquele interminável labirinto onde vultos, à minha aproximação, recolher-se-iam silenciosos para a sombra, enquanto sob alguns focos de luz apareceriam crianças muito pálidas e nuas, lindas mas providas algumas de chifres, outras de caudas que terminavam numa ponta aguçada, todas rindo e estendendo os bracinhos gordos para mim, mas cujas mãozinhas estariam cheias de vermes a contorcer-se entre seus dedos; a um canto, um menino — por sinal, um menino negro que eu conhecia bem — estaria comendo excrementos e faria um sinal para que eu partilhasse daquele festim… De onde vinham pensamentos e imagens tão estranhas e perturbadoras? Que mecanismos no meu cérebro geravam tais visões? Via-me então fugindo apavorado através desses túneis e porões, cada vez mais profundos, cada vez mais para baixo até cair no Inferno…! Fechei os olhos recuando um passo, pois a figura do demônio outra vez interpunha-se entre mim e minha fé perdida, mas logo uma terceira imagem substituía as anteriores — pois sobrevinha-me a certeza de que no instante em que abrisse a portinhola veria o corpo de minha mãe balançando-se na ponta de uma corda presa ao teto, e ela, com olhos sangüíneos cravados em mim, estender-me-ia os braços e diria: "Vem, meu filho, é hora do banho".

Abri a boca e de tão dominado por tais idéias quase soltei um grito, mas, fechando os olhos com força e apertando as mãos contra o rosto a ponto de sentir dor, tornei à realidade e me convenci de que tudo aquilo que me assombrava era apenas fantasia — "fantasias, fantasias de um espírito alterado" diria meu pai, "mas fantasias instiladas pelo Inimigo! É preciso buscar ao Senhor!" — e, tomando coragem, abri a portinhola, risquei um fósforo que trazia no bolso e espiei para dentro.

(Aqui é necessário abrir parêntesis, pois compreendo o quanto possa parecer ao leitor um contra-senso o que acima foi dito. Peço, contudo, que me perdoe, mas só desta maneira conseguirei exprimir a confusão em que me encontrava naquele instante: se há pouco, no capítulo anterior, eu confessei a descrença que viera em substituição à minha beatice inicial, e agora retrocedo e volto a falar de fé — ainda que perdida — não é em vão, nem estarei me contradizendo: sim, sucedera-se à fase de fanática religiosidade uma de absoluta descrença, na qual, perdido o temor de Deus, tornara-me um sátiro. Contudo, por que estranhos caminhos Ele chega até o coração do homem, e como isso haveria ainda de se confirmar! Como são obscuros aos conhecimentos terrenos os Seus desígnios! Pois que de súbito, no pavor que advinha da situação

singular em que me encontrava — pavor sem um motivo racional e que atesta o grau do meu desequilíbrio nervoso! —, tive um lampejo de fé, cri em qualquer coisa, por exemplo, que o Mal me rondava e que Ele, distante embora de mim, seria capaz de me ver — mesmo que em contrapartida, num esforço para descartar o intangível, quase me obrigasse a acreditar que era aquele estado de quase pânico, provocado por meus nervos descontrolados, o que produzia em minha mente tais impressões! As esperanças com que adormecera na véspera e que me haviam tornado leve o coração e pesado o sono já não tinham qualquer importância, nem ao menos pensava nelas: oscilava entre a dúvida, o medo do diabo, cuja presença contra minha vontade admitia pressentir, e o sentimento da plenitude divina que lutava por vencer a batalha travada em meu peito. Sim, fantasias, fantasias… mas o quão reais eram elas, o quão assustadoras!…)

Bem, enfim havia aberto a portinhola e, tomando coragem, espiei para dentro…

No entanto, como não estremecer diante da realidade se esta era tão assombrosa quanto minhas fantasias?

Dentro do confessionário havia duas imagens grandes penduradas de pregos encravados na madeira: uma representava Cristo na cruz, a outra o diabo como que surgindo sobre um altar em chamas. Não compreendi muito bem a princípio o que via, embora estivesse claro o simbolismo das duas imagens, e só aos poucos fui assimilando o horror que assolava o espírito corrompido do Cardeal: "É isso, meu Deus! E que outra coisa haveria de ser, além disso?…" falei comigo mesmo: aquele homem da Igreja, incrédulo, punha ali, frente a frente, as duas forças que se antagonizavam no mundo, falava ao mesmo tempo a Deus e ao diabo, procurava fazer com que um desafiasse o outro pela posse de sua alma, e aquele que se mostrasse o mais forte a teria como prêmio!

"Quem há de vencer, afinal?" pensei, e, apavorado, sacudi furiosamente a cabeça como para afastar à força pensamento tão diabólico; em seguida escapei da capela por uma das portas laterais.

Durante o dia não voltei a ver o Cardeal, que não saiu da biblioteca nem mesmo à hora do almoço. Pouco depois do meio-dia Rufina, acompanhada pelo criado particular, levou-lhe numa bandeja sua refeição e uma garrafa de vinho, mas não tiveram licença de entrar: de dentro ele gritou que deixassem a bandeja no aparador junto à porta e fossem embora. Sentei-me à mesa para almoçar sozinho, pois a pupila também não descera de seu quarto nesse dia. Almocei sossegado, já que a presença do Cardeal, mesmo de bom-humor, não me deixava tranqüilo, mas sentia-me ainda perturbado com a descoberta que fizera pela madrugada na capela, e para meditar sobre aquilo fui para a varanda e sentei-me na

cadeira de balanço onde Edgar, meu pai, puxando-me para junto de si punha-se a contar-me com o furor de seu verbo as belas histórias das Sagradas Escrituras.

Devo ter adormecido, ou então não dera pela passagem do tempo, pois a noite sobreveio surpreendendo-me quando vi o horizonte inundar-se de uma luz vermelha e as nuvens enegrecerem acima dele, formando vastos volumes que subiam em direção do zênite, seus contornos dourados apagando-se devagar, enquanto as vertentes próximas com o verde escuro das matas diluíam-se nas sombras da noite que já se fazia no vale. Fiquei imaginando a aldeia a essa hora, os lampiões das ruas acesos, as pessoas recolhendo-se às suas casas, no armazém o caixeiro despachando os últimos fregueses, no prostíbulo as mulheres preparando-se para mais um expediente, e a noite encontrando a mesma ordem a debruçar-se sobre todas as coisas, sem grandes alterações, sem mudanças bruscas.

"Somente no coração do homem se dão as grandes transformações, as turbulências que amedrontam, mas aí a noite não chega, a não ser a morte."

Então Rufina entrou na varanda anunciando que o jantar seria servido e que havia uma ordem do Cardeal para que, logo em seguida, fosse ter com ele na biblioteca. "Ele não vai descer" ela disse cochichando, "mandou que eu levasse sua refeição, como fiz no almoço."

Mais uma vez me sentei sozinho para jantar, pois a pupila também continuou em seu quarto, para onde Rufina subiu pouco depois com os caldeirões de ferro da cozinha, levando-lhe água para o banho. Demorei-me o mais que pude à mesa, e quando terminei subi apreensivo as escadas. O que poderia querer o Cardeal comigo àquela hora? Que assunto teria a tratar que requeresse minha presença, ele, que em seus piores dias não tolerava a companhia de ninguém, a não ser a da filha? Parei por um instante na saleta ao perceber a porta da biblioteca entreaberta, pela qual via passar um fio de luz. Procurando aparentar tranqüilidade avancei, empurrei a porta e entrei: o Cardeal lia com muita atenção um livro em formato grande, de capa dura, que eu não lembrava pertencer à biblioteca da casa. Com efeito não pertencia, fora um dos que ele trouxera consigo e no qual eu ainda não pusera os olhos — mas viria um tempo em que sua trágica mensagem me horrorizaria.

O cômodo era iluminado por um lampião a querosene desses antigos, de camisa, que lançava em volta uma luz muito clara e brilhante, que me ofuscou assim que entrei.

— Mandou que viesse? — eu disse. — Demorei-me o menos possível.

— Já jantou, não? — ele perguntou sem olhar-me, debruçado sobre o livro, e antes que eu respondesse recostou-se no espaldar alto da cadeira, esfregou o rosto com as mãos e ainda sem virar-se para mim, dis-

se: — Sente-se em qualquer lugar. Desejo conversar com você, mas pedi que viesse após ter jantado pois talvez nossa conversa se estenda um pouco…

— Estou às suas ordens — respondi, e fui sentar-me numa poltrona bem à sua frente, perto da mesa. Só então olhou para mim, e percebi em seus olhos uma grande excitação, talvez ansiedade, como se algo o preocupasse, o que no entanto ele procurava conter ou disfarçar. Tinha as faces muito vermelhas mas não devido à temperatura, pois apesar de ser verão a noite havia refrescado e, pela janela aberta, entrava uma agradável corrente de ar. Em sua testa haviam-se formado minúsculas gotas de suor, e entrelaçando os dedos, forçando as juntas para que estalassem, soltou o ar numa expiração prolongada e ruidosa, e disse:

— Esteve espionando-me hoje de madrugada na capela.

Dei um salto na poltrona, quase me levantei, e estou certo de que me pus branco como papel para em seguida ficar tão vermelho quanto ele, as orelhas em brasa. Mas a um gesto de sua mão, que não me pareceu de zanga, voltei a sentar-me e o fitei com assombro.

— Percebi que não estava sozinho na capela um momento antes de levantar-me para sair — disse, ainda olhando para mim. — Não tem curiosidade em saber como percebi sua presença? Como soube que se havia escondido, por exemplo, atrás do reposteiro? — então sorriu com maldade, vendo meu embaraço e minha vergonha, e seus olhos antes muito abertos fecharam-se quase de todo, transformando-se em duas estreitas fendas negras.

— Devo ter feito algum barulho… — gaguejei.

— Ah, então era mesmo você! — ele exclamou, soltando uma gargalhada, e eu percebi que fora apanhado.

— Mas não se acanhe, garoto — ele tornou, sorrindo-me com benevolência para deixar-me à vontade. — Num quase menino há certas coisas que se podem perdoar. Não estranhe que eu fale de você como um menino, pelo fato de eu não ser tão velho. Aprenda uma coisa: um homem envelhece pelo que ele vê em sua vida, não pelo tempo que vive. Há velhos que ainda são garotos, sabia? Tolos, inocentes… Há homens que não viveram oitenta anos, que não chegaram ainda à metade disso e já envelheceram mais!

Nesse ponto o Cardeal apoiou o rosto na mão esquerda e pareceu distrair-se, seus olhos tornaram-se vagos, tamborilou com as unhas compridas na superfície da mesa. Suas feições crisparam-se e por algum tempo continuou assim, como se eu já não estivesse ali ou minha presença não fizesse mais diferença alguma. Teria desistido de conversar?, pensei, ter-se-ia lembrado de alguma coisa mais importante, algum compromisso, talvez? Estaria apenas meditando? Eu, contudo, pensava

essas coisas para não deixar o medo dominar-me: e se ele estivesse irado contra mim por ter ido bisbilhotar na capela? E se de uma hora para outra resolvesse expulsar-me daquela casa, ou mandar encarcerar-me no porão? Tudo isso me passava pela cabeça, e ainda assim sobressaltei-me quando, sem nenhum movimento de seu corpo, sem abandonar a posição adotada, seus olhos — apenas os olhos — voltaram-se para mim.

Então voltou a sorrir e se pôs de pé com esforço.

— Você deve ter visto o que havia lá — ele disse.

— Eu… eu não mexi em nada…

— Um dos dois deve ter-me dito que você estava escondido atrás do reposteiro, não lhe parece?

— Quem? — eu perguntei, sem prever sua reação intempestiva que me fez estremecer: o Cardeal arremessou sua mão grande e vigorosa, o punho fechado como uma pequena marreta, sobre a mesa produzindo um estrondo, e me olhou com fúria.

— **Não seja infantil!** — gritou, lançando perdigotos, e ainda de pé prosseguiu em tom mais baixo, mas não menos agressivo: — Deixe de tolices e aprenda a assumir os seus atos! Já é tempo! Você esteve espionando-me, e se eu quisesse puni-lo por isso já o teria feito. Sei que espiou dentro do confessionário e os encontrou lá. Não acha que um dos dois pode ter-me dito que você entrou na capela para vigiar-me? Ou pensa que eu adivinhei tudo?

Eu estava aterrado pois o Cardeal, a cada frase, a cada pergunta, avançava um passo na minha direção com as mãos fechadas como se desejasse esmurrar-me, como se fosse saltar sobre mim e arrancar de minha garganta as palavras que eu não conseguia soltar. E mais uma vez me surpreendeu: detendo-se à minha frente (eu me encolhera todo no sofá e o olhava, imenso diante de mim, sem ousar nenhum gesto de defesa; nem mesmo a idéia de sair correndo e fugir me ocorria) pôs as mãos nos quadris e riu: soltou uma gargalhada e continuou rindo, rindo muito e ainda rindo voltou para a mesa onde estivera lendo até então, e sentando-se disse:

— Você é muito medroso, está aí todo encolhido como se eu fosse pegá-lo pelo pescoço, como se faz a um frango, e matá-lo — afastou um pouco o livro e, apoiando os cotovelos na mesa, prosseguiu: — Quis apenas testá-lo, não vê? Não estou zangado, deveras!, não estou zangado. Pode pôr-se à vontade.

Mas apesar de garantir que não se zangara comigo, não me tranqüilizei: ajeitei-me — isso sim — na poltrona, pronto para fugir caso ele se levantasse outra vez da cadeira e viesse em minha direção.

— E não foi nenhum dos dois — aqueles dois que estavam dentro do confessionário — que me revelou sua presença. Da varanda o vi saindo

pela porta lateral. Quanto a saber que você se escondera atrás do reposteiro, foi dedução. Afinal, lá não há lugar melhor para alguém esconder-se, concorda?… Mas não é nada disso que quero tratar com você. É outra coisa… digamos que eu gostaria de ouvir sua opinião, ou se não é isso, digamos que eu apenas… gostaria de falar com alguém sobre um assunto…

Eu não tinha voz ainda para conversar, procurava acalmar-me de modo que meus ouvidos bastassem para ouvir e minha inteligência para compreender suas palavras. Apavorado como estava, mais medo tinha eu de irritá-lo caso não conseguisse compreender o que ele dizia, caso, em algum momento, ele percebesse estar falando sozinho.

— Você viu o que havia no confessionário — ele disse, e agora sua expressão era de seriedade, sem nenhum sinal de ira ou de deboche. — Ali estavam os dois Senhores… Sim, porque não há um senhor apenas, mas dois, é a própria Palavra que fala neles. Conhece a passagem? Hein? Diz assim: *"Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro."* [4] Sim, ali estavam eles, os dois Senhores de que falam as Escrituras…

— Eu os vi — eu disse, sem saber como as palavras saíram de minha boca, mas congratulei-me por isso. Não o irritaria respondendo, não seria por falta de um interlocutor que ele deixaria de conversar, ainda que eu me expressasse apenas através de frases curtas, sem comprometer-me demais.

— Sim, você os viu… Eu sei que você os viu… Quantos os têm visto, quantos desejariam não tê-los visto, não tê-los conhecido sequer, pois ambos são medonhos, ambos são à sua maneira cruéis… — e olhando-me, o Cardeal tinha os olhos muito fixos, o cenho crispado e já uma expressão de sofrimento transfigurava seu rosto.

— Há muito tempo deixei de crer em um daqueles senhores — ele disse recobrando um pouco a serenidade, e eu cheguei por alguns instante a apiedar-me dele. Olhou-me com doçura, e continuou: — Quantas coisas nos são ensinadas que depois deixam de ter valor! A você, por exemplo, o que o velho Edgar lhe ensinou a respeito daquele que você viu representado numa cruz, dentro do confessionário?

— Talvez tenha me ensinado o mesmo que todos os homens de religião ensinam.

— Ah, então o velho Edgar era um homem de religião? — e riu com descrença.

— Foi sempre muito piedoso — eu disse, convicto da minha mentira. Conhecia muito de meu pai para crer no que dizia. Sim, ele se con-

[4] Mateus cap. 6, v. 24

vertera na velhice, mas estaria isento de pecados por sua conversão? Tê-lo-ia Deus com efeito perdoado, eu muitas vezes me perguntara, lendo e relendo as divinas promessas de que falam as Escrituras, e estaria salvo? Ou quem sabe purgasse pecados que não pagara em vida, e naquele momento sofresse castigos que a mente humana não concebe para, só ao fim de longo e amargo período de provas, alçar-se ao Paraíso? Ele não fora sempre piedoso, eu o sabia muito bem desde que lera suas confissões, no entanto não hesitei em afirmá-lo diante do Cardeal que, contudo, não me acreditou. Penso hoje que embora ele nunca houvesse conhecido Edgar, devia saber que metade dos crimes que pesavam sobre o nome de seu pai pertencia a ele. Talvez Teodomiro lhe tivesse feito por carta alguma revelação, refletia, mesmo sabendo que, desde que mandara os filhos embora de casa, mantivera-os sempre distante de si e da família, e os contatos, se houve, foram raros e sem nenhuma afetação de ternura. Talvez o próprio Edgar, na correspondência mais ou menos regular que mantinha com o Cardeal, tivesse feito revelações — embora isso tampouco me pareça plausível. No entanto, indagava-me ainda, o que saberia o Cardeal acerca de Edgar, e também de Inês, sua mãe, e dos dois irmãos? O que saberia de seu próprio pai? Essas perguntas embaralhavam-se em minha cabeça desviando-me por vezes a atenção do que ele dizia, mas num esforço eu procurei afastar todos os pensamentos para fixar-me em suas palavras.

Assumindo uma expressão como que distanciada do momento e do lugar onde estávamos, ele disse consigo mesmo:

— Depois deixei de crer também no outro…

E me confundiu com uma indagação direta:

— O que o velho Edgar lhe ensinou acerca do diabo?

Ressurgia o diabo na minha mente como há muito tempo não acontecia. Seria conveniente responder ao Cardeal descrevendo aquela imagem que se formara em minha imaginação — a de um ser pleno de maldade, um anti-herói por certo, mas com todos os atributos de um herói? Imaginei que não seria inteligente falar na figura do diabo da Idade Média, uma criatura muito feia e perversa, com pêlos por todo o corpo, patas de boi e imensos chifres na testa. Para um homem como ele essa idealização às avessas seria quando muito infantil, não haveria de levar-me a sério e poderia ainda irritar-se comigo. Mas naquele momento de dúvida em que fantasiava minha visão sobre o Senhor das Trevas, ocorria-me ao mesmo tempo a idéia verdadeira de que nada de belo poderia existir nessa figura de (anti) herói que minha mente (e talvez pela minha tendência natural para o horrível, uma tendência que descobrira em mim desde a infância e que com o passar dos anos se desenvolvera) teimava em criar. Não seria ele de qualquer forma o diabo, esse mesmo

ser que se compraz com a dor humana e que procura arrastar para si as almas enfraquecidas pelo pecado? Não foi essa mesma criatura mesquinha que apareceu a Cristo no deserto e o tentou, e o mesmo que fez Judas trair o seu Senhor e Pedro negá-lo por três vezes? Não era ele — sempre ele! — que aparecia em todas as épocas, corrompendo e destruindo os homens, desvirtuando seus caminhos e guiando-os para a escuridão? Não era ele, afinal, esse espírito muito velho e empedernido e, se possível fazer tal comparação com propriedade, animal, que habitava não a face da Terra, não os círculos do Inferno, mas o coração do homem, como o gérmen da perdição?

O que responder ao Cardeal depois de tantas questões atravessarem como relâmpagos a minha cabeça? Mas a minha resposta, na qual não pensei e que me saiu inadvertidamente, surpreendeu-me, a mim, e também a ele:

— O senhor deve conhecê-lo melhor do que eu, pois decerto o tem no coração.

Só após ouvir o que eu disse, compreendi o que havia dito — e estremeci. Mas o Cardeal sorriu, satisfeito.

— Pelo menos você é franco — disse —, e perspicaz também.

Eu, ainda amedrontado para mostrar-me feliz com o elogio, continuei olhando para ele — presumo — com o mesmo ar de susto que deveria ter desde que entrara.

— Eu quero lhe falar disso que você afirmou com tanta convicção. Afinal eu o tenho aqui — e levou a mão ao peito —, como você diz. Bem, você o diz… mas talvez não saiba até que ponto isso é verdade. Talvez o tenha dito sem avaliar suas palavras, ou sem avaliá-las com profundidade. O certo é que suas palavras podem ser ousadas, mas não de todo inexatas.

Jogou a cabeça para trás, comprimindo os lábios. Esteve assim por meio minuto, depois foi baixando o rosto devagar e disse:

— Uma noite, há muito tempo (pouco depois de ter proferido os votos; eu era um rapazinho de, deixe-me ver, dezenove anos, completaria vinte em breve, lembro-me bem dessa data pois então havia recebido a notícia da morte de meu pai, a quem mal conhecera na infância): uma noite, portanto, eu estava em meu quarto pensando em questões teológicas que afligem os cristãos cultos, pelo menos os mais argutos, pois creio que para os crentes sinceros, aqueles que não se debatem em argumentos filosóficos mas deixam-se guiar apenas pela fé, essas questões que tanto me afligiam naquela noite não constituem uma fonte de preocupação capaz de abalar suas convicções. Eu não tinha sono, mas agradava-me ficar recolhido no escuro, pensando: debruçara-me na janela e enquanto me distraía admirando a vista, a cidade, tão bela, toda ilumi-

nada, meditava. Deixe-me, porém, abrir um parêntese aqui para explicar que eu não vivia nas acomodações da Igreja: meu pai, que enquanto vivo custeara minhas despesas, administradas por meu tutor com certa rigidez, morto deixara-me uma fortuna cujo montante de início eu não conhecia bem. Parece estranho? Não é, muitos são os sacerdotes que possuem fortuna, e eu era apenas mais um deles. Está claro que eu gozava também de algum prestígio, apesar de ter sido ordenado há pouco. Esse prestígio devia-se ao meu currículo escolar, em que pude demonstrar o quanto era superior aos outros alunos, e mesmo durante o seminário por ter-me destacado como de costume com as melhores notas. Devia-se também a alguns presentes que dei a certos superiores cuja influência foi decisiva… o fato é que me permitiram ficar ali mesmo, numa grande e importante paróquia, assessorando sacerdotes já velhos e cuja capacidade para o trabalho um tanto fastidioso da Fé já declinava. Mantinha contato contínuo com autoridades eclesiásticas: monsenhores, bispos, cardeais, e conquanto a fé — mesmo não o demonstrando — estivesse sempre em baixa em meu coração, olhando aqueles homens mais velhos e muito dignos em seus cargos elevados aspirava a chegar até onde eles haviam chegado. Como eu fora recomendado pelos lentes, e como minha capacidade intelectual não tardou em ser testada e aprovada com louvor, passei a gozar de regalias, entre as quais a de ter meus aposentos fora do mosteiro. De posse da fortuna que me fora legada por meu pai, adquiri um apartamento espaçoso embora sem muito luxo no centro da cidade, que me calhava bem e para onde transportei meu material de trabalho e de estudos: livros, penas e tintas, papéis para a escrituração das atividades burocráticas da igreja, e todos os pertences pessoais. Alguns dos meus superiores, ao se darem conta do que eu fazia, torceram o nariz, outros mostraram alguma condescendência, mas a balança pendeu para o meu lado pela intercessão de meu confessor, Monsenhor José, que se afeiçoara a mim e sempre tivera boa impressão a meu respeito. Quando eu me confessava, narrando-lhe pecadilhos menores, ou mesmo quando lhe referia minhas dúvidas e minha fé vacilante — o que já não seria de pouca importância —, fazia-o de modo a não preocupá-lo: se tinha dúvidas, expunha-as não como um descrente, mas como um fiel que deseja conhecer a Verdade e está pronto para aceitá-la. A verdade, a íntima verdade, era outra, mas essa Monsenhor José não conheceu jamais. Enfim, valia-me: conhecendo-me da maneira que eu lhe permitia conhecer, estava sempre pronto a interceder por mim. Monsenhor José viria a ter grandes decepções comigo no futuro, quando eu já não precisaria dele, mas isso é uma outra história que não importa por ora. Continuando: estive naquela noite a contemplar a vista durante certo tempo, debruçado no peitoril da janela, depois voltei

para a cama (que eu mandara transportar para perto da mesma janela, de onde podia observar a paisagem urbana sem ser preciso levantar-me), e não me lembro de ter adormecido — na verdade não posso garantir que dormi —, mas em dado momento uma voz atrás de mim fez-me sobressaltar, então notei que havia mais alguém comigo. Aquilo pareciame absurdo (pensava-o no instante de surpresa em que me virei e procurei ver, dentro das sombras, quem mais estava no quarto) pois era já bem tarde e todos no prédio deviam ter-se recolhido; havia também o fato de que eu, além de não ter ouvido ninguém aproximar-se, não tinha por hábito deixar a porta destrancada; logo, para que alguém entrasse em minha casa seria forçoso bater. De resto aquela voz — uma voz segura, com uma pronúncia perfeita e ritmada que lembrava a pronúncia desses grandes doutores da língua —, aquela voz, dizia eu, não me era conhecida. Quem, pois, estaria ali?

— Contemplais a cidade com embevecimento, meu jovem — ele disse, e eu, sobressaltado, voltei-me investigando a escuridão. A voz prosseguiu: — Eu também costumo, às vezes, subir a um monte, ou a um terraço, e fico admirando a pertinácia e o engenho humanos.

— Quem está aí? — eu perguntei, apalpando sob o travesseiro onde costumava guardar um punhal (claro, para uma ocasião de necessidade; sempre fui um homem precavido).

— Não vos assusteis, padre, e deixai sossegada vossa arma, que dela não careceis por ora.

Pelas janelas abertas entrava uma muito vaga claridade. Todo o resto do aposento, bastante amplo, encontrava-se na sombra, sendo impossível ver os objetos mais distantes, mesmo os móveis maiores, a cômoda, por exemplo, e até a porta para o aposento contíguo. Durante algum tempo — cinco, dez segundos — esforcei-me por enxergar dentro daquele negrume — mas em vão — a pessoa que falara comigo.

— Era o diabo — eu disse: não cheguei a perguntar, ou quase o fiz, que o meu tom era de uma quase indagação, mas apenas disse com alguma expectativa na voz.

O Cardeal olhou para mim como se esperasse aquele comentário, mas não confirmou minha suspeita de imediato. Levantou-se, deu alguns passos pela sala e foi alojar seu corpanzil numa poltrona em frente à minha.

— Ainda é cedo — respondeu — para que o chamemos assim. Digamos que era um visitante especial… alguém por cuja presença eu não poderia esperar, mas que não estou certo de não ter desejado.

— Não o conheço — disse afetando tranqüilidade, e retirei a mão de sob do travesseiro, deixando lá o punhal. — O que quer você? E como entrou aqui?

— Acredito ao dizerdes que não me conheceis — tornou ele no

mesmo tom com que me interpelara um momento antes —, pelo menos não me conheceis a não ser da maneira que os visionários e o artistas me apresentam. Pintam-me bastante feio às vezes, e não é de admirar que quando me vejam as pessoas não me reconheçam… Mas não me convidais a sentar? Não deixeis que o embaraço torne menor e menos cordial vossa hospitalidade.

Ainda pasmado levantei-me e procurei em volta, no escuro, um banco que lhe pudesse oferecer, mas não encontrando nenhuma indiquei minha cama.

— Pode sentar-se ali — eu disse.

— Agradeço, mas por acaso achei aqui uma cadeira. Se não vos incomodais, levo-a para junto dessa janela.

E distingui na sombra um volume que se movimentava e com grande economia de movimentos, e sem produzir nenhum ruído, apanhou uma cadeira e a levou para perto da janela, sentando-se. (Essa cadeira, é preciso que diga, verifiquei mais tarde tratar-se da minha cadeira favorita, que ficava sempre junto à escrivaninha no aposento contíguo, e que eu não me recordava de ter transportado para o quarto.) Agora podia ver-lhe o vulto, saber onde estava — acomodado numa cadeira próximo à outra janela —, mas não discernia seu rosto e outros detalhes de sua figura. Parecia-me apenas um homem não muito alto e algo forte, mas era só o que podia distinguir no escuro.

— Como entrou aqui? — tornei a perguntar.

— Uma pergunta ingênua, meu rapaz, partindo de vós (peço que não vos aborreçais se vez por outra tratar-vos assim, "meu jovem", "meu rapaz". Apesar de ser um hábito, não é apenas um modo de falar: sois mesmo jovem, tanto mais quanto mais considerardes a idade que tenho). Mas, voltando à vossa pergunta, sim, ingênua, eu afirmo. Acaso é impossível àquele que está em toda parte estar, também, em vosso quarto?

— Aquele que está em toda parte… — e eu sorri com incredulidade ante tamanha presunção de meu visitante. Então Deus dignar-se-ia descer até meu quarto para conversar comigo e desfazer as minhas dúvidas?, pensei, mas antes que eu pudesse formular de maneira inequívoca essa questão, o visitante retrucou:

— Não credes a sério, jovem, que Deus, apenas Ele, está em toda parte, não é? — e o seu olho (teria sido apenas impressão minha?) reproduziu uma daquelas inumeráveis luzinhas que via salpicar a planície diante da janela. — Eu não seria um adversário digno dEle, não é mesmo? Por outro lado, Ele seria muito diminuído se eu não pudesse enfrentá-lo em qualquer campo, mormente neste: a ubiqüidade… Mas deixemos isso de lado: retornando à atividade com que vos ocupáveis ainda há pouco, permiti-me interrogar-vos: em que pensáveis ao con-

templardes a cidade iluminada, esses milhares de olhinhos brilhantes que varam a escuridão e disfarçam a verdade das coisas?

— Em que eu pensava… Em quanta coisa eu pensava! — retruquei, mas estremecendo deixei-me cair outra vez na cama, e exclamei: — Em nome de Deus, o que você quer aqui?!

Nessa hora de assombro um luar fulgurante começara a erguer-se ao longe, um tanto avermelhado pois por aqueles dias havia prenúncios de chuva (na tarde anterior nuvens formaram-se e se dissolveram baixo no horizonte, e mesmo naquele momento a leste alguns blocos mais densos pairavam, imóveis, o ar tornando-se gradualmente úmido e frio), e a iluminar as janelas de meu quarto. Então pude enxergar bastante bem meu visitante: estava ali um homem de meia idade, o rosto, ainda que não desgastado mas de barba rapada, sugeria uns cinqüenta anos, e nas têmporas viam-se cabelos grisalhos; nem alto nem baixo, tenderia a uma certa obesidade em idade mais avançada, conquanto não fosse de forma alguma obeso por enquanto, e mesmo a barriga, que sói avolumar-se a essa altura da vida, quase não se notava a não ser por um ligeiro arredondamento; vestia-se com simplicidade: um terno de bom corte de cor clara (bege, talvez), uma camisa branca, mas não cheguei a ver-lhe os sapatos. Não usava chapéu — talvez não considerasse de bom tom apresentar-se de chapéu em minha casa —, e tinha os cabelos cortados. As mãos, bem feitas, nada tinham de especial; no anular direito percebi um anel de ouro com um brilhante, pelo que parecia, falso. Vendo-o ter-se-ia a impressão de ser um desses funcionários públicos aposentados (exceto, talvez, pelo anel) cuja distração consiste em fazer passeios, algumas viagens, e no mais das vezes freqüentar cafés onde possam vez em quando levar um dedo de prosa com outros de sua classe, e sendo casado far-se-ia acompanhar da esposa em algumas ocasiões, de um filho ou mesmo de um neto ainda pequeno pela mão. Seria necessário conversar com ele, como eu fazia, para ter uma idéia precisa da estranha personalidade e da força desconhecida e terrível que emanava de sua pessoa.

Ante tal exclamação de minha parte, sorriu, um sorriso de quase indiferença, exibindo dentes um pouco amarelos, parecidos a dentes postiços, ainda que, se fosse esse o caso, confeccionados com capricho:

— Não é preciso que tomeis o nome do vosso Deus, julgando com isso espantar-me daqui. A minha natureza é muito diferente da que o vulgo imagina, e por causa desse equívoco quantos erros são cometidos em meu nome! Não, padre, não tomeis o nome de Deus, não chameis por Ele em vão.

— Talvez seja um nome que não lhe agrade — eu arrisquei, depois que ele se calou. — Talvez haja um poder oculto… que o perturba…

— Completai, padre, completai vossa frase!

— Mas se eu já disse…

— Não, não dissestes aquilo que aflorou ao vosso pensamento… ainda que o tenha podido ouvir muito bem.

Senti-me irritado com a velada arrogância de suas palavras — velada, esclareço, porque se percebia apenas nas próprias palavras, não no tom com que as pronunciara: quanto a isso cumpre dizer que ele falava com displicência, simplicidade, diria mesmo que com uma certa cautela. No entanto, a auto-suficiência subentendida aborrecia-me, e eu já não distinguia entre o medo que sentira um momento antes e a ira que se apossou de meu coração. Ergui-me, e repliquei:

— Se você ouviu, por que pergunta por aquilo que eu não disse? Acaso terá mesmo o poder de adivinhar pensamentos? Qual é o seu nome?

De novo seus dentes rebrilharam, enquanto a Lua ia vagarosa subindo o céu sobre a cidade iluminada.

— Não vos altereis! Eu posso compreender vossa irritação e peço me perdoeis se pareci um tanto… presunçoso demais, mas é que, apesar de tudo, ainda não me acostumei às limitações humanas, e como nada me passa despercebido acabo embaraçando-me às vezes em meus próprios liames. Permiti que me explique: conheço bem vosso coração para saber que não credes em Deus, ou que não credes tanto a ponto de invocar o Seu nome. Se já não o soubesse, tê-lo-ia notado por um leve tremido na vossa voz ao vos referir ainda há pouco a esse nome, quando empregastes o advérbio "talvez"; um instante brevíssimo de hesitação no qual calastes o adjetivo "santo" com que o íeis qualificar.

Com efeito, eu pronunciara "talvez" antes de me referir ao nome de Deus porque tinha dúvidas, e calara a palavra "santo" que, contudo, viera-me à boca, pois o que eu na verdade deveria ter dito era: "Pois há um poder oculto em seu santo nome".

— Mas não pretendo insistir com isso — ele continuou. — É melhor falarmos de coisas mais objetivas, e creio que concordareis que o tempo não deve ser desperdiçado com futilidades. Principalmente o tempo da vida humana, tão frágil, tão curta — aqui sua voz tornara-se muito baixa, quase inaudível mas tanto mais insinuante e cheia de ternura — e no entanto, tão rica.

— Então acha rica a existência do homem? — eu disse como a provocá-lo, embora sempre temeroso.

Meu visitante pôs-se de pé e foi apoiar-se no peitoril da janela. Olhou para fora e permaneceu em silêncio por muito tempo, como se meditasse no que via como eu há pouco estivera meditando.

— Vós não pensáveis isto mesmo quando entrei?… ou estou enganado?… Não, creio que não estou enganado. Dizei-me…

— Diga-me antes você… se há quem possa fazer perguntas aqui sou eu, que nada sei, que nada tenho para dizer e muito para perguntar…

— A vida, padre, a vida humana… eis o grande mistério que eu não penetrei ainda… não de todo, apesar dos séculos.

— Mas afirmou que conhecia o pensamento do homem — repliquei.

— O pensamento do homem não é tão profundo quanto o mistério que o envolve… olháveis há pouco a cidade, e que pensamentos vos ocorriam? Aí está o resultado do engenho humano, uma imensa cidade iluminada à noite em cujo brilho se disfarça toda sua miséria: um atoleiro onde o homem se afunda em seu apodrecimento diário. Crimes podem estar sendo urdidos nesta hora, tantas pessoas são mortas enquanto outras nascem. Nalgum palácio dão uma festa, nos casebres alguém treme de febre ou morre com a peste… Nas igrejas os padres ludibriam os fiéis, nos confessionários mentiras são ditas e falsas esperanças de perdão são ministradas… O representante da Justiça aplica a lei e sente-se satisfeito com isso, porque aplaca sua própria consciência, e o condenado à morte espia pela janela seu derradeiro luar… Tudo isto é a cidade: ilusões, ilusões, ilusões… e o homem continua, apesar de tudo, o homem como um todo, como se importasse apenas a totalidade e não a unidade! No entanto as instituições visam justamente a unidade e não a totalidade, ainda que esta permaneça subjacente… — ele voltou-se para mim: — Não achais isso admirável, padre? Não vedes nisso, também, uma imensa contradição?

Fiquei olhando meu interlocutor com assombro, pois que ele reproduzia em palavras exatas o meu pensamento. Tínhamos o mesmo ponto de vista ou ele havia lido minha mente?

— O homem apenas está perdido — eu disse —, o homem apenas não tem direção, por causa do que ocorreu no Jardim do Éden.

E o vi abrir a boca — como se estivesse surpreso ou fosse rir — e permanecer assim alguns segundos, olhando para mim, até que um sorriso confirmou-se em seus lábios e ele disse, franzindo o cenho:

— Ah, não, não formeis uma idéia equivocada do que aconteceu no Jardim, meu rapaz… desculpai mais uma vez esse tom paternal, mas… Ora, aquela foi sem nenhuma dúvida a parte mais… interessante… da Criação. Não fosse por aquilo, e o que há de mais apaixonante na natureza humana não teria aflorado — voltou a olhar para fora, apontou a cidade e manteve o braço estendido enquanto falava: — Quanta coisa ter-se-ia perdido se eu não tivesse estado lá!… — balançou a cabeça devagar: — Não, não teria sido justo…

— Justo! E é de sua boca que eu ouço essa palavra!

Ele me olhou, baixando o braço com vagar:

— De minha boca? E de que outra boca esperáveis ouvir essa pala-

vra? Talvez dEle, e logo vós, que não acreditais?! E julgais, por acaso, que eu sou assim tão distinto dEle, padre? Credes, com efeito, nas imagens que os loucos medievais pintaram de mim? Julgáveis encontrar-me com patas bifendidas e chifres despontando-me da fronte? Ah, se assim é, o quanto me enganei convosco! Eu, que nunca me engano!

— É claro — retruquei com firmeza — que não esperava isso… é claro que não esperava mesmo jamais encontrá-lo…

— …ainda que o tenhais sempre desejado — ele completou.

— …

E então mais uma vez ele sorriu, pois que uma vez mais pudera ler meu coração. Mas, súbito, fez-me uma pergunta direta:

— Por que pensais que me insurgi contra Ele, padre?

Como saber o que meu visitante pretendia? Por um momento me senti como um brinquedo em suas mãos, com o qual poderia fazer o que bem entendesse. Sua pergunta fora tão repentina que me pegou de surpresa, tanto que diante de minha cara aparvalhada ele sorriu e disse:

— Ainda não compreendestes de que natureza sou feito? Nunca vos ocorreu que eu e Ele sejamos parecidos? Que talvez no Céu também haja lugar para algum tipo de pecado?

A essa nova insinuação, heresia que já me havia ocorrido durante os longos e penosos dias de estudos teológicos encerrado em minha cela, debruçando-me sobre os livros dos santos, sobre as encíclicas dos papas, sobre a Bíblia… a essa nova insinuação senti um calafrio percorrer-me o corpo e um pavor regelar minha alma, e eu me senti desfalecer, minhas forças ruíram e eu caí no leito, trêmulo e assustado.

— Oh, quão equivocada é a idéia que fazeis do pecado todos vós! — ele disse, e pela primeira vez em sua voz pude notar uma inflexão diferente. — Possuís uma fé tão cega que até vossa crença deturpa a idéia de Deus! Então é a mim que atribuís mesmo todo o mal do mundo?… Que o façais eu sou até capaz de entender… mas como não vos passou pela cabeça que se não fosse por minha interferência no Jardim do Éden a Criação, a grande e incomparável obra dEle, teria redundado num imenso fracasso?

— Não me passou pela cabeça — eu repliquei — que a tentação pudesse ser tão medonha — e, pasmo, calei-me sem forças para continuar debatendo com ele.

Talvez eu lhe deva, meu jovem primo, uma explicação para o que se passava comigo naquele preciso momento, e para isso cumpre esclarecer em que circunstâncias passei meu tempo no seminário, mais ainda quando comecei a estudar com grandes autoridades da igreja em Roma. Durante meu tempo de seminário, não posso afirmar que a descrença já se houvesse instalado em meu coração. Verdade é que acerca de muitos

dogmas eu discutia com meus professores, procurando confrontar as mais diversas opiniões, recorria aos livros e às encíclicas, formando juízos diversos e, enfim, aprofundando-me sempre. Não importa aqui que assuntos mais me preocupavam, o que pretendo é mostrar que eu não só ganhara gosto pelo estudo teológico, como me empenhava em aplicar-me cada vez mais de forma que ao discutir qualquer tema com os padres mais antigos e os mais sábios, conduzia o debate às últimas conseqüências, forçando no mais das vezes meu adversário a contradizer-se e confundir-se. Nem sempre eu pretendia estar certo em meus argumentos, e acontecia vez por outra eu mesmo descobrir falhas neles com as quais outros não atinavam, e mais de uma vez percebi que enveredara por um caminho equivocado e que era necessário retroceder. Tanta aplicação significaria que eu era um crente verdadeiro? Como disse, a descrença por enquanto não se instalara em meu coração, mas as dúvidas eram constantes, e ainda que em algumas vezes eu reconhecesse o quão falto de fé eu estava, descobria em mim uma necessidade de conhecimento exacerbada, embora essa necessidade não implicasse numa crença legítima.

A tentação, dizem, reveste-se de muitas formas, apresenta-se de tantas e tão sedutoras maneiras que pode parecer inocente e inofensiva aos olhos de um sacerdote pouco atento. Os padres jovens, por exemplo, aqueles que são sinceros em seus votos, sofrem os desejos da carne e o temem como se fossem tudo que em verdade devessem temer. Ora, a preguiça, a gula… isso nem são pecados…

Ali, pois, apresentava-se a tentação na forma que mais duradouro efeito poderia exercer sobre mim: pois quando se é jovem como eu era, quando nos julgamos capazes de tudo, no campo das idéias seja dito, *saber* torna-se uma sedução tanto quanto ao luxurioso seduz a luxúria, e era isso, a possibilidade de obter conhecimentos que nenhum outro mortal tinha meios de adquirir, que naquele momento eu vislumbrei. Eis quem, eu pensei — embora de maneira um tanto confusa —, poderá ensinar-me grandes coisas!… Parece inverossímil que tal pensamento tenha-me ocorrido em circunstância tal que se misturavam em meu íntimo surpresa, embaraço e medo?… Ocorreu-me, no entanto, ainda que acompanhado de um estremecimento. Eu, contudo, não me enganava? Poderia levar a sério o que ele tinha para dizer-me?

— Nada do grande e apaixonante enigma da criatura humana ter-se-ia revelado se não fosse por minha… digamos, "inoportuna" interferência. Vinde até a janela mais uma vez — ele convidou, e notando minha hesitação, insistiu: — Vinde, vinde ver mais uma vez…

Eu me levantei, tremendo, de minha cama e cheguei-me à janela.

— Olhai a cidade. Do alto de um monte, um dia mostrei a Ele a cidade, a grande cidade, e disse: "Tudo aquilo pode ser teu, se quiseres", e

Ele replicou: "Meu reino não é deste mundo". Ele não compreendeu que o verdadeiro reino só pode ser deste mundo, não há outro, nenhum outro. Olhai, padre, a cidade, quanta coisa Ele criou por minhas mãos! Imaginais que aquelas luzes estariam lá se não fosse por mim? Que a arte imortal de Miguelângelo, que tanto apreciais na Capela Sixtina, e com que vos sentistes entontecido à primeira vez que diante dela estivestes, existiria se não fosse por mim? Que a música de vosso Mozart, pela qual tendes quase adoração, de Beethoven e de Wagner, e de tantos outros poderia encantar vossos ouvidos se eu nada tivesse feito? Até mesmo o sacrifício dEle não teria sentido, se no Jardim do Éden eu não tivesse tentado a pobre Eva!

Então ele deixou de olhar a cidade e encarou-me. Seu rosto de homem comum, no qual, visto de perto, podiam-se perceber sinais de envelhecimento, mostrava uma honestidade tocante e até certa simpatia. Senti um tremor, um abalo qualquer por dentro. Ele outra vez parecia ter adivinhado meu pensamento:

— Tendes razão, padre, a tentação se apresenta de muitas maneiras. Para uns, o desejo do conhecimento; para outros, o desejo da carne; uns são tentados através da gula, outros da soberba, outros da ira… e não há como afirmar que esta forma de tentação é mais terrível que aquela, ou que suas conseqüências são piores ou mais brandas.

— Talvez — eu retruquei —, mas não parece haver dúvida de que a luxúria tem sido o pior instrumento de corrupção utilizado.

— Vós vos enganais, meu jovem, talvez esteja mais em evidência, mas não é de longe o pior. A ganância, a ambição, a ira, ora, esses pecados têm arrastado homens à discórdia e nações à guerra e destruído vidas aos milhões, e até o simples empanturrar-se com guloseimas tem feito suas vítimas, inda que de modo menos eficiente, digamos, pois está visto que os povos não se matam só porque alguém come além da conta, mas o que importa são as conseqüências individuais. Um padre que peca pela gula, e não são poucos os casos, terá também seu castigo assim como aquele que peca pela luxúria ou pela ira ou pela avareza, o que é outrossim comum. Quanto à luxúria, porém, a imputação de pecado é mais drástica devido à noção de coisa proibida. É apenas um engano, um mero equívoco do homem que, no entanto, tem-me sido muito útil. Ora, veja por exemplo o caso da vossa igreja: quantos foram queimados sob acusação de bruxaria com base exclusiva na suposta prática da luxúria! As bruxas, de que melhor arma podiam dispor se não seu encanto pessoal e, quando não o tivessem, simulassem-no para enganar os incautos com o auxílio de algum demônio? E, creia, alguns inquisidores — nem todos (muitos eram apenas burocratas), mas alguns! — acreditavam piamente nisto!…

Custava-me perceber o que ele pretendia com aquilo e continuei olhando-o, esperando que concluísse.

— Senão vejamos: já lestes, padre, o *Malleus*?[5] Vejo que sim, afinal sei o quanto vos atraem esses conhecimentos. Como já o lestes, deveis ter percebido que há ali diversas incongruências, uma série longa de disparates… bem, penitencio-me — e aqui meu visitante curvou-se com um sorrisinho irônico —, a culpa foi minha, que o inspirei aos seus autores, mas como estava de bom humor por aquela época resolvi fazer algumas brincadeiras, isto é, levei-os por divertimento a escrever algumas tolices — muitas, na verdade — que, não obstante, passaram despercebidas da maioria, senão de todos… pelo menos de todos quantos se guiaram por ele em seus tribunais… mas isso não vem ao caso. Não percebestes, jovem, que o livro é em sua totalidade dirigido às bruxas, isto é, às mulheres, e não aos homens que também podiam ser bruxos?…

— Mas havia feiticeiros então… e também eles foram alcançados pelo Santo Ofício.

— Ora, uma ninharia! Nem se compara! Não, não!… Conquanto pudesse ser usado contra qualquer um, o livro foi inspirado contra as mulheres, essencialmente contra as mulheres. Isso não vos faz chegar a nenhuma conclusão, padre?

— Não… confesso que estou confuso com tudo isso…

— Pois bem, vamos esclarecer o assunto. Sabeis o que pretendi com essa brincadeira? Apenas confirmar de maneira cabal, pois esse livro teve um peso muito grande na fé católica e preserva sua importância até os dias atuais num círculo mais restrito de sacerdotes; apenas confirmar, portanto, uma orientação filosófica seguida pelos doutores da Igreja, a de que a mulher não passava de um mero instrumento do Mal para corromper o homem. E por que isso? Pensai, padre, e respondei: por que isso?

Eu movi a cabeça sem saber o que dizer. Meu visitante, esse funcionário público aposentado e algo gordote, tossicou levando a mão fechada à boca, fungou, baixou a cabeça, curvando-se um pouco, como se vigiasse a ponta dos sapatos enquanto refletia. Por fim:

— Não vos parece que pensando e agindo dessa maneira cometiam vários erros capitais?… Vejamos o primeiro: a heresia praticada contra a divina Criação, pois se a mulher é parte dela, como poderiam eles, sacerdotes de Deus, afirmar que Ele havia criado uma coisa má? Afinal, não afirmavam que "a mulher é um ser por natureza corrupto e corrup-

[5] **Malleus Maleficarum**, livro escrito em 1484 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, que trata da maneira de conduzir um processo do Santo Ofício.

tor, um vaso de imundícies, um instrumento do Mal"? Vez por outra, é bem verdade, faziam uma ressalva dizendo que "quando se santifica, porém, que especial criatura se torna!", e indicavam a imagem da Virgem em seu nicho sem se aperceberem de que essa ressalva não era suficiente para atenuar a terrível ofensa à Criação, ofensa que se estendia até a Escolhida, Aquela que traria ao mundo a esperança, e com isso quanto o seu erro se tornava maior!… Quereis conhecer o segundo? Pois bem, tampouco percebiam eles que todas as acusações que aplicavam à mulher podia muito bem ser aplicadas ao homem (e a eles próprios), pois se a mulher é fonte de sedução para o homem fazendo com que ele se perca, não será este fonte de sedução para aquela, fazendo também com que ela, por mais virtuosa que seja, se perca? Ouvi, pois, o terceiro: como homens, e usando de tais argumentos, pensavam fazer-se, se não inocentes, pelo menos vítimas, procurando dessa forma atenuar sua própria condição, e ao persistirem nesse engano afundavam-se cada vez mais na ruína de suas próprias almas. É claro que eu estava lá, "dando uma mãozinha" para que não despertassem de seu ludíbrio, e não despertaram, senão que persistiram em seu sono de pedra. Somem-se a isso a soberba e o desejo do poder de que se investiam como doutores e inquisidores e tereis um quadro completo da situação.

Fez uma pausa, mas antes que eu pudesse responder, acrescentou:

— Não, não adianta remoinhar vossos pensamentos: essas considerações, da maneira como as formulei, não se encontram em nenhuma obra teológica!

— O preconceito contra as mulheres existiu desde sempre, desde o Éden — eu retruquei —, não foi uma invenção deles. Talvez tenha sido sua… não foi afinal a mulher a escolhida para cair em tentação e passar à História não só como um ser fraco mas principalmente como a responsável pela queda do homem?

Meu visitante sorriu, moveu-se, nunca se pareceu tanto com um funcionário público aposentado: projetou um pouco a barriga curvando-se ligeiramente para trás, meteu as mãos nos bolsos da calça e ergueu-se apenas um pouco na ponta dos pés num movimento como que de mola, em que o corpo apenas oscilou, e com o ar de satisfação de quem acaba de sair de um banquete com o estômago cheio ficou durante algum tempo espiando pela janela, a cabeça inclinada para o lado, os lábios fazendo um pequeno bico.

— Creio que é hora de ir — disse então sem se mover.

— Mas não — eu disse —, não fuja assim…

Ele virou o rosto na minha direção com o mesmo sorriso de paternal complacência:

— Não posso demorar-me muito, há regras que até mesmo eu tenho

de observar. Mas em resposta à vossa pergunta… será que não está aí mais um equívoco, por sinal malicioso, e quem sabe mesmo intencional, dos doutores da Igreja nos tempos antigos?

— Não compreendo…

— Ora, meu jovem sacerdote, acompanhai minha linha de pensamento. Creio que de início concordaremos numa coisa: as sociedades no tempo da Lei eram patriarcais, e persistiram patriarcais mesmo depois que… Ele… veio intrometer-se aqui embaixo. A muito conhecida passagem bíblica que refere um grupo de homens que se apresentam a Ele em companhia de uma pobre mulher pecadora, querendo apedrejá-la, é um exemplo claro disso.

— Sim — eu respondi —, concordamos nesse ponto.

— Mas será que bastou Ele dizer "atira a primeira pedra aquele que não tiver pecado" para que isso mudasse?

— Penso que não…

— Pois aí está. Séculos depois de aquela pobre mulher ter cometido lá seus pecadilhos, ou por prazer ou por necessidade, esse pobre ser ainda era subjugado pela vontade dos homens, muito ciosos de sua força e de sua superioridade. Concordamos também até aqui, não?

— Concordamos — eu disse a contragosto. Pouco a pouco meu visitante me levava não apenas a concordar com suas palavras, mas a antecipar o fim de seu pensamento.

— Os velhos doutores da Igreja, hoje hospedados em minhas dependências, assim como aqueles que se apresentaram a Ele com uma infeliz pecadora desejando apedrejá-la, a qual, aliás, não é minha hóspede, saiba disso!; os velhos doutores da Igreja, portanto, e aqueles que desejavam apedrejar a prostituta viam nas mulheres um ser inferior, susceptível de todas as tentações e, pior que tudo, capaz de corrompê-los, a eles, o "virtuosos", e levá-los ao pecado, "como", frisavam, "a mãe Eva fez com o pai Adão no Éden", e por isso tinham de ser mantidas na linha… a ferro e fogo. Creio que mesmo neste ponto vós não discordais, padre.

— Não — eu respondi —, também aqui não discordo.

— Tudo que eu disse, padre — prosseguiu o visitante —, deveria bastar para levar-vos à conclusão que tenho em mente.

Não respondi, movi a cabeça denotando incompreensão. Eu talvez intuísse o que ele pretendia afirmar, mas sentia-me confuso para dizer qualquer coisa.

— Será que Eva pode mesmo ser considerada responsável pela queda do homem? — ele atirou.

Baixei a cabeça por um momento.

— Eva foi tentada, ou melhor, foi enganada por alguém muito mais

esperto que ela, alguém muito mais velho e muito sábio, isto é, conforme o Gênesis, a Serpente… não, por favor, não eu! Digamos a Serpente… é até mais poético, além de mais exato. Ora, o que poderia a pobre Eva contra alguém tão ardiloso a não ser cair na armadilha?… Mas e Adão? Por que caiu também?… Por que acreditou na mulher, que era de sua mesma natureza, sem malícia nem ardis?

— Eva disse-lhe que a Serpente…

— Sim! Eva disse-lhe, e ele acreditou!

— Então…

— Então?

— Não foi a mulher a culpada pela queda, mas o homem? É isso? Pois ela foi enganada por um ser muito velho e ardiloso, é isso?, e ele o foi por uma tola mulher?… Então o homem é o culpado?

— A mulher sempre foi o bode expiatório, padre, não percebeis?, mas apenas para encobrir a fraqueza do homem. Não percebeis que os doutores da Igreja usaram desse argumento para que não fossem, também eles, tidos como fracos e corruptos? E sabeis por quê? Desejais saber se há um dedo meu nessa trama?

Fez uma pausa durante a qual olhou para fora. Tinha uma expressão, posso dizer, sonhadora.

— Não devo demorar-me mais — disse —, embora a vista daqui a essa hora, a cidade pontilhada de luzes, seja bastante agradável.

E por alguns momentos ainda permaneceu junto à janela, olhando para fora. Então se virou para mim, não de súbito nem rápido, mas devagar, mexendo as mãos nos bolsos, e sem encarar-me.

— Vou dizer por quê, padre.

Eu o encarava com perplexidade, mas ele mantinha-se de cabeça baixa, um sorriso de velho aposentado nos lábios, nenhuma maldade visível no rosto.

— É que a Igreja à qual servis, essa Igreja que nesta Roma imortal estabeleceu seu trono, não é a dEle, mas a minha!

Até então, conquanto sua presença ali bastasse para me causar assombro, eu vinha me mantendo equilibrado. Ele me irritava às vezes com seu ar de irmão mais velho a dar conselhos e falar da experiência da vida a um garoto, mas como tinha também curiosidade em saber até onde ele chegaria, ouvia-o mesmo com satisfação. Ante aquelas palavras, no entanto, súbito e tal foi meu horror que levei as mãos aos olhos como para dissipar da vista sua face, e ao descobri-los em seguida ele já não se encontrava em meu quarto. Não sei o que aconteceu depois, devo ter perdido os sentidos, caí na cama… acordei no dia seguinte quando a manhã já ia alta. A luz do sol entrava pelas janelas abertas iluminando o recinto, mas logo a lembrança da noite anterior fez-me

reviver os acontecimentos que acabo de descrever. "Que sonho estranho" eu pensei, pois a verdade é que acordara sob as cobertas como se dali não me tivesse arredado toda a noite. Permaneci longo tempo meditando sobre o sonho, refletindo sobre as coisas estranhas que escutara de meu interlocutor, e, mesmo sob o jugo das dúvidas que me argüiam o espírito, grato aos céus por não ter passado de um simples sonho.

— E foi mesmo um sonho? — eu perguntei, impressionado.

— Depois de algum tempo levantei-me, pois diversos compromissos esperavam por mim naquele dia e eu já estava atrasado. Tinha de trocar-me, fazer a barba, sair à rua… mas… ah! — e aqui um ríctus de dor voltou a transfigurar o rosto do Cardeal —, qual não foi o meu assombro ao ver, junto à janela, a cadeira que eu, absolutamente, não havia transportado para lá!

Saí bastante perturbado da biblioteca naquela noite.

Não apenas a conversa com o Cardeal incomodava-me: também seu estado de ânimo comigo, que se alternava de maneira inexplicável. Por que, de repente, achara de me relatar aquele episódio sobre o encontro — ou pesadelo — que tivera com o diabo? Por que falara comigo em tom quase de confidência, quando podia passar por alto — ignorar — a descoberta feita por mim no confessionário da capela? Aquele homem estranho, já quase velho, que fizera os votos mas assim mesmo amara (devia ter amado) uma mulher que lhe dera uma filha, e com a qual, adolescente, agia feito marido ciumento; o mesmo que se enfurecera comigo por suspeitar dos meus olhares tímidos em direção dessa menina, das poucas e furtivas tentativas de falar-lhe, até dos sonhos que, talvez desconfiasse, eu me permitia em segredo e com os quais me alegrava em meu quarto à noite, ao sussurrar para o travesseiro: "Se pudesse ser assim…"; aquele homem, portanto, havia me chamado para estar a sós consigo e falar sobre coisas de que era natural querer guardar segredo.

Eu o ouvi impressionado, e quando percebi que ele se calava e não pretendia dizer mais, pelo menos naquela hora, fui para meu quarto sem, contudo, conseguir dormir. Uma claridade de luar entrava pela vidraça, através da qual via contra o azul escuro do céu o cintilar de umas poucas estrelas não ofuscadas pela luz da Lua. O que deveria parecer belo, no entanto, inquietou-me, e o brilho daquelas estrelinhas começou a incomodar-me. Sobrevinha-me por sugestão a imagem de um deserto, um vasto campo onde pequenas criaturas perdidas pediam socorro, mas em seguida tive a impressão de haver algo de traiçoeiro nessas criaturas frágeis em sua aparência e uma armadilha nesse pedido de socorro, o que me obrigou a sentar na cama já a meio passo de uma

crise de pânico, como a que me acontecera na madrugada anterior na capela. Continuei olhando através da vidraça o céu noturno iluminado pela Lua (que não era visível de onde eu estava), cada vez mais incômoda a cintilação intermitente das estrelas, distantes umas das outras, a reforçar em mim a impressão de perigo. Em minha mente já se formava a idéia de que a Menina Vestida de Sol, que passara a ocupar meu pensamento, ao olhar para mim estaria pedindo socorro, mas escondendo uma intenção perniciosa por trás desse pedido: supunha que ela um dia chegasse à beira do barranco e que, tomada por uma vertigem, caísse, mas conseguisse agarrar-se a um galho, uma raiz, qualquer coisa. Eu estaria perto e correria para salvá-la, e chegando à beira do barranco vê-la-ia estender a mão para mim. Mas, ajoelhando-me na beirada, ela seguraria meu braço e eu veria sua mão transformar-se numa garra e puxar-me para o abismo. É verdade que não havia nenhum abismo próximo à casa, o barranco não era alto e, embaixo, a vertente prosseguia numa inclinação suave o bastante para permitir que uma pessoa descesse sem muita dificuldade por ela; porém já não seria naquele barranco que estaríamos, mas noutro, e embaixo de nós abrir-se-ia um poço, um abismo real com nuvens de fumaça e clarões de fogo que subiam do fundo aos borbotões, de onde provinham como de muito longe a grita de agonia dos condenados ao Inferno, onde cairíamos abraçados um ao outro rumo à danação eterna.

Com que força essas imagens iam se sucedendo em minha mente até que, coberto de suor e tomado de um pavor real, saltei da cama e corri para fora do quarto, desci as escadas de dois em dois degraus no escuro, arriscando-me a quebrar o pescoço numa queda, e fui sentar-me na cozinha junto ao fogão, procurando aquecer-me ao calor das brasas que se apagavam, atento aos ruídos da noite para não ser pego de surpresa se mais alguém resolvesse perambular pela casa! Quase sucumbia ao sono quando resolvi voltar para o quarto, e então dormi até de manhã.

Por volta das dez da manhã padre Elpídio chegou às Oliveiras acompanhado por uma senhora de aparência devastada, à procura do Cardeal. Ambos, ao serem recebidos por ele na varanda, ajoelharam-se em sinal de respeito beijando-lhe o grande rubi do anel eclesiástico, e dado o aspecto desolado da mulher o Cardeal convidou-os a sentar-se e quis conhecer o motivo da visita. A mulher tirou da bolsa um lenço encarnado com o qual secou as lágrimas que recomeçaram a rolar — e digo recomeçaram pois já deveria ter chorado muito naqueles dias pelo transe que vinha enfrentando, como veremos. Como a mulher não conseguisse falar, o pároco, embaraçado, começou com alguns rodeios:

— Eminência, antes de tudo pedimos que nos perdoe… imagino

quão grandes devem ser seus afazeres… e a esta hora da manhã, uma hora muito imprópria… mas é que se trata de um caso de vida ou morte…

O Cardeal nada disse. Deu às feições uma seriedade mais acentuada e, demonstrando boa vontade, moveu a cabeça em aprovação.

— Na verdade — continuou o pároco com alguma timidez, a voz baixa, tentando um acento de contrição para angariar piedade —, é antes de tudo um caso de salvar uma alma, pois a morte é inevitável.

— Estou pronto a escutá-los — disse o Cardeal por fim. — Não se sintam constrangidos, um servo do Senhor deve estar sempre pronto a atender ao seu rebanho.

Edificado com tal acolhida padre Elpídio desempenou, "eis aí um homem de Deus" deve ter pensado, e sem mais embaraço explicou do que se tratava: o marido daquela mulher — e indicou a mulher de semblante devastado que, àquelas palavras, renovou seu pranto miudinho, abafado no lenço com que cobria o rosto — estava à morte…

— Ah, uma extrema-unção — observou o Cardeal, compreendendo do que se tratava. — Creio contudo que para isso qualquer sacerdote da Igreja esteja preparado — acrescentou, como a sugerir que não era preciso virem incomodá-lo por tal ninharia. Não deixou, porém, transparecer que julgava o caso uma ninharia, adoçou o semblante rotundo e sorriu compassivo para a mulher, que secava os olhos.

— É que, Eminência — gemeu a mulher que, por fim, conseguia engolir o choro e dizer alguma coisa —, perdoe-nos o incômodo… mas como homem da Igreja… inda mais como tão alta autoridade… — e prorrompeu em novo choro mais angustiado e lamentoso que antes, afundando o rosto no lenço encarnado e sacudindo os ombros num movimento convulsivo. Fazendo-se penalizado, o Cardeal tomou-lhe as mãos com delicadeza e apertou-as paternalmente, estimulando-a a falar, que não se acanhasse diante de um padre que ali estava para socorrer os fiéis, "pois não importa que cargo ocupemos no seio da Santa Madre Igreja, somos todos sacerdotes, aqui estamos para acolher o pranto do oprimido e com nossos parcos recursos procurar dar-lhe conforto". Ouvindo tais palavras, a mulher pareceu mais calma. Um tanto trêmula, dobrou o lenço com um cuidado despropositado como se aquela fosse uma tarefa indispensável e importante; refletiu no que iria dizer, secou os olhos mais uma vez e, muito vermelha, principiou:

— Meu marido, senhor Cardeal, enquanto eu fui sempre uma católica fervorosa, devota de São Benedito… olhe que nunca faltei às missas nem às novenas… sou da Congregação das Filhas de Maria e sempre procuro ajudar aos necessitados, cumprindo o mandamento do Senhor de "amai-vos uns aos outros", enfim… mas meu marido, ah!, um des-

crente, um incréu, senhor Cardeal, quantas vezes vendo-me preparar para ir à missa aos domingos questionava-me, dizendo: "Ora, mulher, que tanto vai à igreja, que tanto tem de ir lá rezar que não pode rezar em sua própria casa?" Oh, Eminência, ele não é um mau homem, apenas não compreende a religião católica, nem religião nenhuma pois de todas descrê e escarnece. Então eu replicava, "homem, homem, com Deus não se brinca!", "e quem é que está brincando, mulher? Eu só não entendo por que Deus não a pode escutar aqui em casa, e é preciso ir à igreja todos os domingos, e fazer não sei quantas rezas, ladainhas e o que mais há". Vê, Eminência, que não era por maldade, mas por ignorância…

— Já compreendi, senhora — disse o Cardeal em tom adocicado, piedoso, cruzando os dedos —, uma ovelha desgarrada, já compreendi tudo.

— Uma ovelha que eu me esforcei por conduzir pelo caminho da verdade, Eminência — interveio o pároco —, mas em vão, que a mim também não ouviu. Ah, que coração endurecido!…

— Enfim, Eminência — a mulher prosseguiu após abrir de novo o lenço encarnado e assoar o nariz —, uma enfermidade o prostrou, e em menos de quinze dias está que ninguém diz!… Já não há esperanças, e parece-me que tem vontade de se reconciliar com Deus, a quem tanto tempo manteve no esquecimento. Deu de lhe bater uns remorsos e soltar uns gemidos que cortam a gente por dentro. Soube da chegada em Pilar de um alto homem da Igreja, soube-o por mim mesma, e desde que a doença o alquebrou não se cansa de falar em V. Excelência. Compreende que o fim está próximo e não quer perder a alma, pois é certo que o Senhor iluminou seu pensamento.

— O Senhor em sua misericórdia — disse o Cardeal, doutrinário — socorre os aflitos, mesmo em sua hora derradeira lhes estende a mão. O seu marido então quer ver-me? Crê que através de mim…

— Sim, Eminência — apressou-se ela em dizer —, "traga-o, mulher" pediu-me ontem já depois de ter anoitecido, ah, e com que voz mo pediu!, é de nos cortar por dentro assistir à sua aflição!, "sinto que minha hora se aproxima" ele insistia enquanto eu tentava fazê-lo engolir uma canja, "e é preciso que esse homem de Deus me assista… Não é que o senhor pároco não seja também um homem de Deus" ele ressalta, "mas esse que aí chegou e de quem você falou com tanto fervor parece-me enviado pelo Alto para acudir-me. Só agora vejo o quanto estive errado, queiram os Céus que haja tempo… não se demore, mulher, vá buscar o santo sacerdote". E tanto insistiu, e tanto se agravou seu estado no decorrer da noite que vim suplicar-lhe… tenha misericórdia, Eminência, salve aquela alma!

O Cardeal limpou a garganta e se levantou com forte tropel, batendo os tacões no chão; e com ar grave:

— Mas imediatamente! — fingiu uma perturbação que estava longe de sentir, encrespando o cenho, e reforçou: — I-me-di-a-tamente! Um momento só… — E entrou em casa. Eu, que espreitara toda a cena pela frincha da porta mal tive tempo de afastar-me, mas em seguida escutei-o bradar por mim no interior da sala.

— Você vem comigo — disse, quando apareci.

Estranhei, mas ele não me deu tempo de pensar.

— É preciso que você veja uma coisa. Talvez compreenda, talvez não, mas não importa. Venha comigo.

— Mas uma extrema-unção é coisa secreta, entre confessor e moribundo! — exclamei.

— Como sabe que se trata de uma extrema-unção? — inquiriu com malícia, e eu estremeci: denunciara-me sem querer, mas ele não pareceu aborrecido. — Ouvindo atrás da porta, não? Saiba que é muito feio bisbilhotar assim… ainda que exerça uma inegável atração sobre as pessoas curiosas. Enfim, a curiosidade é pecado perdoável. Não percamos tempo. Mande os negros aparelharem o coche e em seguida partimos.

Obedeci sem discussão, e, tão logo o coche foi trazido ao terreiro, rumamos todos para a casa do moribundo.

Chegamos a uma casa típica de gente abastada do interior. Aquela, como a maioria das famílias de Pilar e arredores, não me era desconhecida, ainda que minha convivência com tais pessoas não ultrapassasse o limite dos cumprimentos formais. A casa era grande, espaçosa e arejada, na verdade uma fazenda. Um largo avarandado, que abrangia toda a frente do prédio, conduzia a uma sala ampla e quase despojada de mobiliário, iluminada pela luz que entrava por duas grandes janelas envidraçadas e de onde se passava para outros cômodos, entre os quais uma segunda sala, menor, e daí, por fim, através de um corredor para o quarto do doente. Quando entramos na sala, deparamos com a família reunida, todos com ar de velório: filhos e netos, genros e noras, mais os agregados, que à vista do Cardeal se puseram de pé em respeitoso silêncio, fazendo fila para ajoelhar à sua frente e beijar-lhe a mão, ridícula pantomima que me irritou, pois conhecendo aquele homem como já conhecia — como melhor ficara conhecendo após a conversa da noite anterior —, nada poderia me parecer mais ignóbil que uma tal veneração prestada por pobres ignorantes, veneração que ele aceitava creio que com enfado e com alguma maldade debochada (ainda que isso não ficasse evidente), já que sua fé na igreja não passava de uma farsa (o que ficara mais ou menos claro na noite anterior mas que pude confirmar somente muito mais tarde, pois até então tinha dúvidas quanto a isso, e

divagava tortuosamente tentando compreendê-lo). Contive-me porém em meu aborrecimento, e permaneci na sala enquanto a mulher do doente o conduzia até o quarto. Na sala não se ouvia conversa: a tristeza parecia calar a todos, e mesmo as crianças se mantinham ordeiras, quietas, e se acaso decidiam sair do recinto o faziam na ponta dos pés. Uma preta apareceu com uma bandeja e nos serviu um café, muito forte por sinal, e muito quente que tive de tomar aos golinhos. Ao fim de cinco minutos, retornaram à sala a mulher e o Cardeal, e todos nós nos voltamos ansiosos para ele.

— E então, Eminência? — adiantou-se o pároco.

O Cardeal levou a mão aos lábios, pedindo discrição, enquanto lançava uma olhadela para a mulher. Todos compreendemos e nos calamos, mas o Cardeal chamou padre Elpídio e a mim para um canto, e disse-nos baixando a voz:

— Não passa de hoje. Será preciso ministrar os santos óleos.

— Ah, Eminência, cá os tenho comigo. Será V. Eminência a fazê-lo, pois não?

— Já que ele assim o quer — disse o Cardeal com ar grave, e se retirou para o quarto do enfermo.

Esteve com o doente não por muito tempo, uns dez minutos, talvez, por fim reapareceu na sala. Mais uma vez todos nos voltamos com ansiedade, mas ele fez sinal para eu me aproximasse.

— Eu lhe prometi um espetáculo diferente — cochichou-me ao ouvido, arrastando-me para junto de si. — Acompanhe-me.

Apreensivo, mas sem forças para recusar o convite, acompanhei-o. O pároco, contudo, mais ansioso que todos adiantara-se ao mesmo tempo que eu, e por certo estranhou que o Cardeal me levasse consigo; fez um gesto para chamá-lo, detendo-se, irresoluto, a meio do caminho. O Cardeal, que lhe notou o movimento, voltou-se para ele. Pareceu-me por um momento hesitar, mas resolveu chamá-lo também:

— Venha também, senhor pároco. Será muito edificante…

Padre Elpídio iluminou-se todo com um sorriso pela deferência, mas olhou-me com ar de dúvida, mostrando com isso que lhe parecia estranho eu ser levado também ao quarto do moribundo naquele momento. O Cardeal compreendeu sua dúvida e o tranqüilizou reiterando que o doente já se confessara, portanto eu podia ser admitido, e assim os três entramos no quarto do doente.

Sobre uma grande cama com dossel estava um homem de cerca de sessenta anos, mas aparentando bem mais, o rosto muito pálido e cheio de rugas, grandes olheiras arroxeadas e os lábios descorados, com pequenas rachaduras provocadas por uma febre alta que devia tê-lo queimado toda a noite.

— Uma vida inteira de descrença — disse o Cardeal indicando o leito e olhando-nos, a mim e ao pároco, de relance. Encaminhou-se para a cama e sentou-se ao lado do doente. — Toda a vida descreu, não é meu amigo? — e o Cardeal inclinou-se para o velho, que em resposta fez apenas um movimento de cabeça.

— Ouviram? — disse o Cardeal voltando-se para nós. — O que leva um homem — ele perguntou — que duvidou a vida inteira a, na hora da morte, lembrar-se de Deus e desejar crer nEle?… Porque você, amigo, apenas deseja crer nEle, não? Deseja crer, mas ainda não crê…

Da cama veio um gemido, um "sim" articulado com dificuldade, numa voz longínqua e cheia de dor.

— Vejam, ele deseja crer, mas ainda não crê. Ainda tem dúvidas, por isso chamou-me; pensou decerto que eu poderia sanar essas dúvidas, levá-lo a crer, como se isso dependesse de mim, ou do senhor pároco, ou de qualquer sacerdote, e não de uma Luz que vem não de fora, não do Alto ou de outra parte qualquer, mas de dentro; sim de dentro, uma Luz que brilha no mais profundo de nós mesmos e só então cremos… Ele não compreendeu isso ainda, talvez nem venha a compreendê-lo.

Eu ouvia o Cardeal com algum espanto, pois se em suas palavras podia vislumbrar-lhe a descrença, julgava descobrir nelas um apelo, uma súplica velada para que Aquele de quem duvidava viesse socorrê-lo também. Mesmo hoje, passados tantos anos, não sei dizer se estava certo ou errado em meu julgamento, pois era bem o que me parecia às vezes, embora o caráter malévolo daquele homem não me fizesse crê-lo por muito tempo, logo sobrevindo dúvidas a seu respeito. "Se tudo por que anseia é uma revelação" eu me perguntava, "por que não faz por onde obtê-la? Por que acender uma vela a Deus e outra ao diabo?… Enfim, por que tem tanta maldade no coração?". O pároco, contudo — dei uma olhada rápida em sua direção —, permanecia como que suspenso de suas palavras, como se esperasse ouvir uma nova mensagem divina para sua edificação espiritual.

O que se seguiu, todavia, pegou-nos a ambos de surpresa.

— E haverá motivo para crer, na hora da morte? — o Cardeal perguntou após uma pausa, súbito nos encarando.

Não tivemos resposta pois não compreendêramos de imediato o que ele pretendia.

— Responda-me, meu amigo — e o Cardeal mais uma vez, sentado na beira da cama, voltou-se para o enfermo, chegando mesmo a tocar-lhe o ombro com a ponta dos dedos —, há motivo para crer, agora que a morte se aproxima?

Da cama veio um gemido incompreensível. Eu, assombrado com a maneira de o Cardeal dirigir-se ao doente, adiantei um passo e olhei:

o moribundo, apesar da febre (que parecia ter diminuído), da fraqueza e do fim cada vez mais próximo, encontrava-se lúcido, podia compreender tudo que lhe era dito. Vi-o, então, abrir os olhos com espanto, e murmurar:

— Tenho… esperança… no… senhor Cardeal…

— Para que ter esperanças, meu bom amigo? Que diferença fará para sua alma agora ter esperanças? Como poderei eu infundir-lhe uma crença que nunca teve, que nunca residiu em seu coração? Acaso julga-me capaz de milagres?

O rosto do doente transfigurava-se, em lugar da aparente tranqüilidade de até então desenhava-se nele uma expressão de intenso sofrimento, uma grande perturbação.

— Eu… preciso… — ele começou, mas o Cardeal cortou-o com suavidade:

— Não precisa de nada, meu pobre amigo, a não ser de descansar, de repousar o corpo para que a vida não se esvaia antes da hora. Aproveite estes últimos momentos que lhe restam tomando uma boa canja, experimentando um ingênuo prazer carnal como o do paladar, satisfazendo-o com algum doce do seu agrado e que deve haver cá pela casa, e esqueça-se de religião e de fé, que já não lhe servirão para nada.

— Mas… mas… — tartamudeou com voz surda o doente, enquanto eu avançava mais um passo e padre Elpídio, igualmente perplexo e com a voz baixa, fazia-lhe coro:

— Mas… mas… Eminência…!!

O Cardeal, sem se voltar para nós, ergueu a mão contendo-nos, e acrescentou:

— Meu pobre enfermo, descreia, descreia ainda mais, descreia sempre porque não haverá argumentos que o farão crer, se a Luz da crença não lhe brilhar dentro do coração. Tudo que tem a fazer para ser sincero diante de Deus, agora, é descrer dEle, que Ele, caso exista, o compreenderá, embora, e previna-se quanto a isto, o mais certo é que nem Ele nem deus algum exista, porque nem eu mesmo creio nessas histórias infantis. Quem lho diz sou eu, um Cardeal da Igreja de Roma, embora nem em mim, ouviu bem?, nem em mim, deva crer neste momento — e tomando as mão do doente apertou-as com uma ternura que me apavorou, pois o homem que deveria levar luz ao moribundo acabava de lançá-lo mais fundo nas trevas, e concluía seu golpe com um gesto de carinho.

Padre Elpídio estava petrificado. O doente, com olhos de pavor e a boca escancarada sorvia o ar em grandes haustos, como alguém que se afoga e em desespero tenta respirar embaixo dágua. O Cardeal levantou-se com tranqüilidade e, como se não existíssemos, saiu do quarto, deixou a casa e foi embora, carregado pelos negros em sua liteira.

Pouco a pouco os familiares do doente entraram no quarto, mas nem eu nem o pároco demos a entender a eles o que se passara para não afligi-los mais. Padre Elpídio, penalizado, tentou reconfortar o doente, que já não falava e perdia a consciência. Não obstante, murmurou palavras de fé e esperança junto ao seu ouvido, acreditando que Deus, por meio de sua graça, o fizesse compreendê-las em sua hora final. A febre recrudescia, a mulher chegava-lhe aos lábios um pano úmido para aliviar o sofrimento, mas todos víamos que estava por instantes, não chegaria à noite, como com efeito não chegou: morreu duas horas mais tarde sem recobrar a consciência. Por fim saímos daquela casa, e só então consegui falar:

— Ele não é um homem da Igreja — e, muito sério e perturbado, encarei padre Elpídio. — Não acredite nele, padre. É um homem perverso… a noite passada relatou-me um encontro e uma longa conversa que teve com o diabo.

O padre benzeu-se e nada respondeu. Caminhamos um bom trecho em silêncio, até que ele disse — mais consigo mesmo que comigo:

— Não sei o que devo fazer. Só o Senhor poderá iluminar-me agora.

— Não deve fazer nada, padre — disse, parando à sua frente.

Padre Elpídio esforçava-se para entender, na testa uma ruga profunda como sinal de dúvida.

— Não faça nada… esqueça o que se passou hoje… ele é muito poderoso… só o senhor sairia prejudicado se tentasse algo contra ele.

Recomeçamos a caminhar.

— Vou rezar pedindo a Deus que me ilumine.

— Reze por mim também — eu pedi. A essa altura chegávamos à bifurcação em que o caminho se dividia, à direita conduzindo a Pilar e à esquerda às Oliveiras. — Eu tenho de ir para lá… tenho de estar próximo a ele, porque moro naquela casa… preciso de Sua intercessão por mim…

O padre tomou-me as mãos, apertou-as como se com esse gesto pretendesse incutir-me confiança, sorriu com amargura e sem mais rumou para a aldeia.

Naquela noite o Cardeal voltou a chamar-me à biblioteca, e foi mais por medo do que por vontade que o atendi.

Quando entrei, ele estava sentado à mesa e lia com o rosto apoiado nas mãos, curvado sobre o mesmo livro grande de capa dura da véspera. Fiquei parado junto à porta esperando que desse por minha presença, temendo aborrecê-lo caso interrompesse sua leitura. Sem levantar o rosto fez um movimento com a mão para que eu me acomodasse, indicando-me a poltrona. Sentei-me e esperei. Continuou lendo sem dar-me

atenção, e parecia ter-se esquecido de mim (e, confesso, eu já me impacientava) quando levantou o rosto.

— O que você pensa de tudo que eu lhe disse ontem? — perguntou. Imaginei que pretendesse referir o sucedido daquele dia, mas tal episódio parecia então distante de suas preocupações.

Baixei a cabeça e dei de ombros. Persistia em mim a incapacidade de estar à vontade em sua presença, mais ainda depois dos últimos acontecimentos. Contudo, para que sua pergunta não ficasse sem resposta, disse:

— O senhor deve ter tido um pesadelo.

— Você está convicto disto? — ele perguntou, olhando-me com um sorriso malicioso.

— Não… não sei o que dizer…

— Você quase nunca sabe o que dizer — observou com azedume.

— O que o senhor relatou… é muito confuso… — eu disse, e acrescentei, mentindo: — Receio não ter compreendido com muita clareza…

Sim, mentia: ele relatara um encontro com o diabo apresentando-o como real e não como sonho; posso mesmo garantir, dado o que já conhecia a seu respeito, que ele não apenas afirmara real esse encontro, como desejava que tivesse sido — e isso eu entendera muito bem. Além do mais, não duvidava nem um pouco de que o relato fosse verdadeiro, pois se havia alguém a quem o diabo poderia aparecer, esse alguém seria o Cardeal.

Atirou-me então um olhar carregado de ódio, demorou sobre mim esse olhar e eu me encolhi, esperando uma explosão. Mas ele continuou sem alterar-se:

— Quando o chamei para conversar, esperava que pudesse compreender o que eu dizia. Será que tenho como parente um completo idiota?

— Desculpe-me, senhor.

— **Desculpe-me, senhor, desculpe-me, senhor!!** — ele disse, imitando minha inflexão e erguendo um pouco o corpo balofo, enquanto brandia o punho para mim. — Ora, maldição!

Eu me encolhi ainda mais, olhando para o assoalho sem coragem de encará-lo, enquanto ele voltava a sentar-se, mais calmo. Falou, outra vez sem se alterar:

— Vejamos, pesadelo ou não, eu lhe relatei ontem o quê?

— Relatou-me que estava em seu quarto, em Roma…

— Roma? Eu citei a cidade de Roma?

— Bem, eu supus que…

— Está bem, está bem — ele disse —, adiante.

— Bem, o senhor estava em seu quarto em alguma cidade…

— Roma, sim, porque era mesmo Roma.

— …à noite… seu quarto ficava num dos andares superiores do prédio, de onde podia ver a cidade iluminada…

— E que mais?

— Em certo momento o senhor foi surpreendido por uma visita…

— Sim, por uma visita. Mas que visita?

— A dele… do diabo… ou de alguém que se fazia passar pelo diabo.

— O diabo… — ele olhou para o livro aberto sobre a mesa, passando uma ou duas páginas antes de prosseguir: — Você acredita no diabo? — perguntou-me.

— Se eu acredito… bem… sim, eu acredito no diabo.

— E o que pensa? O diabo visitou-me, naquela noite?

Tive medo de responder que sim. Para mim o diabo o visitara naquela noite. Mas como dizê-lo? Que resposta ele esperava de mim? Como evitar uma nova explosão de fúria de sua parte? …Que tormento aquilo!, não saber como falar com ele, que pareceu perceber o motivo de minha hesitação:

— Você deve falar o que pensa — disse demonstrando boa disposição comigo —, quero ver se chegamos a uma conclusão sobre o episódio.

Tomei coragem:

— O senhor disse que não havia transportado a cadeira para junto da janela. Então alguém o fez… a menos que tenha se enganado.

Ele sorriu.

— Acha que eu posso ter-me enganado? Ou o que ocorreu pode também ter sido resultado de alguma espécie de loucura?

— Poderia ter sido um sonho.

— Acha-me pouco equilibrado? Pareço estar maluco?

— Eu não penso nem disse isso — e procurei demonstrar convicção.

— E o que pensa, afinal? — tornou ele sem me dar tempo, levantando-se outra vez e curvando-se para mim. — Fale o que pensa sem se preocupar com o que eu acho. Você disse que acredita no diabo. Ele existe ou não? Ele está dentro de nós… dentro de nossa mente, e só existe quando pensamos nele? Ou à nossa volta semeando armadilhas — e, nesse caso, tanto pior se duvidarmos, pois então ele estará mais livre para agir contra nós?

— Não creio que ele esteja apenas em nossa cabeça.

— Então foi o diabo quem apareceu para mim naquela noite? Foi mesmo Lúcifer quem falou comigo?

— Pode ter sido um sonho — repeti.

— Mas e a cadeira junto à janela?

— Por que o senhor tem tanta certeza de não ter transportado a cadeira para junto da janela na tarde anterior, e depois ter-se esquecido disso?

— Eu não lhe disse, mas na tarde anterior recebera uma outra visita em meus aposentos… — e aqui o Cardeal interrompeu-se, voltou a sentar-se e folheou o livro ao acaso. Imaginei que ia referir-se à visita de uma mulher, pois não me parecia surpreendente que um homem como ele, apesar da batina, recebesse mulheres em seu quarto — afinal, a história da Igreja está repleta de fatos similares. Mas não fora uma mulher que o visitara naquela tarde: — Eu estava em meu gabinete, sentado diante da escrivaninha redigindo algumas cartas quando bateram à porta. Abri, e me deparei com meu confessor. Monsenhor José era um homem bom a quem eu relatava minhas faltas, que não eram poucas. Preocupado comigo — com sua ovelha —, fora visitar-me para conversarmos um pouco, tinha coisas a dizer-me a fim de ilustrar-me mais acerca da Palavra… Era sábio, mas às vezes maçante Monsenhor José. Enfim, mandei que ele entrasse, passamos pelo salão principal e o conduzi ao gabinete, onde eu tinha por hábito receber as pessoas mais íntimas e amigas, sendo Monsenhor José um dos poucos que eu levava para ali. Então, com sua costumeira familiaridade, ele arrastou a cadeira, *aquela cadeira*, que se encontrava no quarto, que é anexo ao gabinete como já devo ter-lhe dito, para junto da escrivaninha, e ficamos conversando por longo tempo. Já anoitecia quando Monsenhor José se retirou. Antes de sair perguntou-me por que eu preferia morar ali, em vez de ter minhas dependências no próprio monastério, e eu respondi que apreciava a privacidade… e o conforto, que no monastério não seria o mesmo. Ele sorriu para mim, e disse que mais valia o conforto do espírito que o da carne. Eu concordei com ele, sorri em resposta e disse: "Monsenhor, releve minha fraqueza e, por ora, perdoe-me apenas". Ele deu tapinhas no meu rosto e retirou-se balançando a cabeça. Logo após a saída de Monsenhor José, *a cadeira* continuou junto da escrivaninha. Estou bem certo de não a ter arredado dali, pois logo em seguida saí, retornando duas ou três horas mais tarde. Quando entrei, meu apartamento estava às escuras e ao passar do salão para o gabinete à procura do castiçal com a vela que deixara em cima da escrivaninha tropecei na cadeira, lembro-me bem, soltando uma praga. Depois me encaminhei para o quarto e me recolhi. Minha cama, como disse, mandara transportar para perto da janela a fim de distrair-me olhando a cidade à noite sem ser preciso levantar-me, e permaneci muito tempo divagando, preocupado com pontos teológicos controversos e com as dúvidas que surgiam… enfim, não é preciso repetir o que se deu em seguida.

O cardeal mordeu os lábios e se pôs a folhear o livro outra vez, passando as páginas com vagar, mas não lia, não se detinha em nenhum ponto especial e conquanto olhasse as páginas decerto não via o que estava escrito nelas. Um instante mais tarde, voltou a perguntar:

— Então? O que pensa? Foi um sonho que eu tive… ou não?

Mais uma vez hesitei em responder, esperando que ele me encorajasse a fazê-lo, mas ele se manteve calado. A expressão de seu rosto era serena nesse momento, não pertencia a um homem mau, não era a de alguém atormentado pelo diabo, não demonstrava predisposição para a fúria. Minha hesitação não o irritou, e eu me senti mais tranqüilo para falar.

— O Inimigo o visitou naquela noite… é o que me parece.

Não teve qualquer reação: o que eu disse, já o sabia antes de mim e era certo que não esperava que eu o confirmasse — apenas que concordasse com sua própria opinião sobre o caso; naquele momento ele tinha certeza de que fora visitado pelo diabo, e aquilo parecia deixá-lo satisfeito. Pouco depois, contudo, mostrou que não estava muito certo quanto a essa visita…

— Tudo que ouvi de meu visitante naquela noite perturbou-me ainda mais — ele disse —, e se eu tinha dúvidas, estas se converteram em certezas… certezas que se opunham às verdades que até então me haviam sido ensinadas.

Dito isto o Cardeal, recostado na cadeira, continuou folheando o livro, percorrendo negligente as páginas com os olhos, e em seu rosto parecia-me vislumbrar ao mesmo tempo uma luz e uma sombra. De que natureza seriam ambas?, eu me perguntava, e mesmo agora volto a inquirir-me sobre esse ponto, pois passados tantos anos, e mesmo após ter visto o que vi, ainda me questiono sobre a verdadeira personalidade daquele homem cuja obesidade proporcionava ao corpo um aspecto tão pouco agradável quanto sua inteligência — ou sua loucura — tornava fascinante seu espírito. Aquela luz, pensei então — e penso ainda hoje —, talvez fosse motivada pela momentânea certeza (que sobrevinha às vezes) de que o diabo o visitara de fato, o que, se por um lado mexia com suas dúvidas teológicas, por outro — como ele mesmo dissera — as transformava e consolidava como novas certezas. A pergunta que me fez a seguir talvez fosse um bom indício para confirmar meu julgamento:

— Acredita na bondade de Deus, meu rapaz?

Pelo tom de sua voz, suave, quase suplicante, parecia buscar em minha resposta um alívio. Mas que alívio?, eu refletia mais tarde, certo de que sua indagação estava cheia de esperanças, como se dormir tranqüilo naquela noite dependesse de minha opinião. O olhar que me lançou correspondia ao seu tom de voz: que brilho de vago sofrimento descobri nele, e enquanto eu não respondia aguardou minhas palavras como em suspense, diria mesmo com uma sofreguidão disfarçada e mal contida. Não fosse o receio de mostrar-se inseguro (nunca receava parecer brutal, grosseiro ou perverso, mas sua insegurança era algo de que parecia

envergonhar-se, procurando escondê-la a qualquer custo), ter-se-ia posto de pé e curvado o corpo em minha direção, quem sabe mesmo erguer-se-ia da cadeira vindo sentar-se ao meu lado, tomando-me as mãos (coisa que, mesmo em pensamento, causava-me uma sensação de incômodo).

O que eu deveria ter dito naquele momento?

Por fim pensei ter compreendido os conflitos que abalavam seu espírito: a sombra que se opunha então à luz de seu rosto surgia das dúvidas que vinha acumulando durante toda vida, de sua experiência como sacerdote — o sacerdote que todos viam e pensavam conhecer — entrando em choque com o materialismo lógico de seu raciocínio com que sempre se conduzira e que o levara desde cedo, é possível que desde a infância, a duvidar (o mesmo raciocínio lógico que desfiara para o doente daquela manhã, dizendo-lhe que de nada valia preocupar-se com Deus na hora da morte se não cria — nunca crera — nEle, e melhor faria se tomasse uma canja para satisfazer o paladar, ou comesse um doce!). O Cardeal sabia que a fé não podia ser concebida através da lógica, não dependia de explicações racionais e nem o mundo visível bastava para explicá-la — sabia-o, mas isso não era o suficiente porque não tinha fé, nunca a tivera. Se de fato o diabo o visitara, aquele seria um sinal de que ainda poderia haver lugar para a fé em seu coração; se Deus fosse bom por certo não existiria, mas se fosse mau seria a explicação por tê-lo abandonado tão completamente. Às dúvidas que desde muito vinham-se avolumando em seu espírito somavam-se estas: fora ou não visitado pelo diabo? Era Deus bom ou mau?

— Penso que Deus seja bom — eu disse sem perceber então quanta esperança alguém, para salvar-se, pode ter no diabo ou de o quanto depende uma fé morta, para ressuscitar, de um Deu perverso, e notei seu descontentamento, sua decepção, na maneira como pareceu murchar, para depois recostar-se na cadeira e continuar folheando o livro.

O que se teria passado dentro dele se eu tivesse dito que, sim, Deus não era bom como me ensinara meu pai, como o afirmavam as Escrituras, mas que Ele se comprazia com a dor do homem? Talvez tivesse crido — mas de que maneira? E o que de fato significaria o "salvar-se" a que me referi acima? Em meu quarto, nas noites seguintes, pensando entre outras coisas nisto, refleti no quanto eram misteriosos os caminhos dEle para chegar ao coração do homem e então — e só então — revelar-se a ele por completo, como o Senhor de toda a bondade e toda a misericórdia, como eu (apesar das oscilações de fé que também experimentava) cria então. Naqueles dias eu ainda cria, e não conseguia compreendê-lo, isto é, compreender como um homem que conhece as Escrituras pode duvidar da bondade de Deus. Que até duvide de sua existên-

cia é plausível, que diga "toda essa lengalenga é apenas isso, parola, lengalenga", mas nunca que "Deus não é bom". Fosse hoje, minha resposta teria sido outra: eu não teria dito "Deus é bom" ou "Deus é mau", mas tão só que a mim pouco importa… É certo que apesar de todas as minhas incertezas não ouso afirmar que já não creio, embora no início de minha narrativa quase o tenha feito, ou mesmo tenha chegado a fazê-lo… por ora não me animo a rever aquelas páginas, de qualquer forma fica como está, pelo menos por enquanto: não há risco para a compreensão da história. Digo apenas que minha fé esvaiu-se há muito tempo, ainda naqueles dias, pois a fé nem sempre resiste às provas que se lhe impõem… nem todos serão como Jó: muitos, seja o diabo ou que nome tenha essa força que lhes atravessa o caminho, muitos sucumbem…

Antes de prosseguir, porém, cumpre fazer duas indagações: a primeira, por que ele parecia dar tanta importância à opinião de um garoto quase sem nenhuma experiência, nem sabedoria; e a segunda, se eu não estaria equivocado em todos esses raciocínios. Começando pela segunda, retorno ao que já foi dito no *exordium*: nada é mais duvidoso do que a descrição da realidade. Pode ser que eu acertasse em minhas conjecturas; pode ser, porém, que eu estivesse equivocado, e creio que não é necessário mais. Mas a primeira pergunta talvez encontre resposta em sua própria formulação: minha opinião teria para ele alguma importância justamente por eu não passar de um garoto quase de todo inculto. Da minha pouca idade e experiência, e dos vícios do intelecto que eu não possuía, poderia resultar uma luz. Conversava comigo e me ouvia como conversaria e ouviria a um matuto qualquer, certo de não ter de escutar uma preleção teológica, mas apenas palavras nascidas do coração, da pura simplicidade. Dito isto, continuemos.

Dada minha resposta com quanto sentimento de verdade eu podia conferir à voz, o Cardeal murmurou:

— As lições do primo Edgar produziram fruto, pelo que vejo.

E não disse mais por algum tempo. Levantei-me e perguntei se ele ainda precisava de mim. Naquela noite o Cardeal mostrava-se quase amigável e eu não tive receio dos seus rompantes de fúria; se quis sair da biblioteca o quanto antes era porque a conversa incomodava-me mais que estar em sua companhia. Mas ele olhou para mim com paciência, e de novo indicou-me a poltrona:

— Fique mais um pouco… há algo ainda…

Sentei-me, e esperei.

— Uma noite ele… *ele*… retornou — o Cardeal disse depois de um minuto, durante o qual se debruçara sobre o livro, apoiando a testa nas mãos espalmadas. Continuou na mesma posição e apenas levantou os olhos para mim.

Esperei que prosseguisse. O que ele pretendia dizer-me agora? Que o diabo o visitara uma segunda vez? Então me ocorreu — pelo menos por um momento — que ele poderia estar brincando comigo para observar minha reação, ver até que ponto chegava minha credulidade, já que eu demonstrara ter acreditado no relato da noite anterior. Naquele momento pareceu-me absurdo que o diabo aparecesse uma segunda vez a ele — a ele ou a quem quer que fosse. Mas em seguida vi que falava a sério, e não havia nenhuma sombra de brincadeira em seu rosto.

— O senhor crê que ele o visitaria uma segunda vez? — eu perguntei ainda com incredulidade, para mostrar-lhe que aquela história já me parecia pouco provável.

— E você duvida? — ele disse. — Você ainda há pouco afirmava que de feito o "Inimigo" me visitara.

— Não sei o que pensar, perdoe-me… mas é que uma segunda visita d*ele*…

— O que tem uma segunda visita? Se pôde aparecer uma vez, por que não poderia aparecer de novo? Quantas vezes apareceu a Fausto?

— Bem, poderia, mas é que… Fausto é só uma história e…

Interrompi-me, embaraçado.

— Na sua opinião um homem é algo insignificante demais para que o Príncipe das Trevas se digne interromper suas ocupações para visitá-lo duas vezes, não? — ele disse. — E, sim, como você diz, Fausto é apenas uma lenda.

Não confirmei suas palavras, embora elas representassem meu exato pensamento. Como, no entanto, falasse a sério, minhas objeções agora pareceram-me mais inconsistentes que sua história. Ele prosseguiu.

— Deu-se vários anos após a primeira aparição. Muita coisa havia mudado em minha vida, e mais tarde quando, perturbado, refletia sobre o que voltara a acontecer-me, cheguei à conclusão de não ser tão improvável que aquele visitante de outras épocas retornasse. Eu, num processo gradual de que não tive uma exata noção, tornara-me descrente e inescrupuloso — não me custa confessá-lo —, passando a usar em muitas ocasiões da falsidade e da mentira para conquistar simpatias e posição. Não foi em vão, e minha maneira de ser não me trazia problemas de consciência. Como contar em poucas palavras tudo que fiz? Basta dizer que meus únicos momentos de Verdade ocorriam no confessionário, em que tinha do outro lado da grade um Monsenhor José envelhecido, enfraquecido pela doença, amargurado por constatar minha transformação, que a essa altura, e mesmo bem antes, não mais me preocupava em ocultar-lhe. Naquele ninho de cobras que era nossa diocese, Monsenhor José continuara o mesmo e santo homem: puro, bondoso, sempre bem-disposto com as almas em sofrimento. Pregava a Palavra

com uma devoção profunda e sem fanatismo, com o conhecimento dos que falam pela fé e não por dogmas, o que de certa forma lhe acarretara o rancor dos que não viam com bons olhos sua simplicidade. Mas Monsenhor José não fazia caso a esses rancores, impotentes contra sua vida sem mancha; ria às vezes em vez de enfurecer-se, e na época em que ainda tinha confiança em mim dizia-me que aqueles que o atacavam eram dignos apenas de sua piedade e de seu perdão. "Quando compreenderem seu erro, meu filho, arrepender-se-ão e virão até mim envergonhados." Perguntava-lhe se ele cria mesmo nisto, e com um sorriso cheio de luz Monsenhor José balançava a cabeça branca: "É certo que nesta vida isto não acontecerá… mas o Senhor é tão piedoso que mesmo na outra há de lhes permitir a remissão de seus erros… que, de resto, cometidos contra uma pobre alma como a minha, não são tão graves assim." Monsenhor José, como já lhe disse, afeiçoara-se a mim como a um filho que o celibato não lhe permitia. Todo o instinto paternal sepultado sob a batina manifestava-se no afeto que me dedicava, não apenas como confessor, como o padre que fica do outro lado da grade para ouvir nossos pecados, prescrever uma medida punitiva ou absolver: tinha por costume visitar-me, passar longas horas ouvindo-me sobre os mais variados assuntos, e no mais das vezes aconselhando-me sobre as coisas mundanas que atraíam cada vez mais meu interesse e buscando orientar-me no caminho da Verdade, entre as tantas sendas e atalhos da mentira nos quais eu me enredara. Tudo de que falávamos nesses encontros tinha o valor da confissão, e como tal Monsenhor José guardava de nossas conversas um segredo que permanecia do conhecimento apenas nosso e de Deus. Ora, ele bem poderia aconselhar-se sobre mim com algum outro padre quando eu passei a lhe causar preocupações mais sérias, mas como não se sentiria à vontade falando com outro religioso de assuntos só nossos — ainda que não tratados num confessionário —, não o fez, preferindo aconselhar-se com seu Deus e orar a Ele para que fosse piedoso comigo e me mostrasse a Luz — eram bem essas suas palavras quando, com uma sombra de tristeza no rosto, após ouvir-me, deixava-me sozinho "para meditar no Alto, pois — alertava ele — só nas coisas do Alto você poderá encontrar solução para suas dúvidas". Às vezes, porém, eu preferia falar no confessionário. Fora dele nossas conversas eram informais e nunca tratávamos de assuntos espirituais graves; aventurava-me a lançar uma ou outra provocação ao velho que, arguto, percebia meu intento e respondia com um sorriso e um conselho que no mais das vezes me desarmavam; algumas vezes essa provocação poderia soar como uma heresia, mas eu contava com sua compreensão e seu silêncio. Contudo, apesar de minha certeza de que ele jamais trairia minha confiança, apenas em confissão passei a falar dos meus crimes

contra a fé. Monsenhor José já me conhecia de muitos anos, sabia de meu espírito um tanto rebelde, recriminava amorosamente meus pecadilhos e, diante de algum caso mais sério, franzia o cenho para voltar a sorrir um minuto depois, repreendendo-me com uma severidade doce. Então já não me tratava como um mero discípulo, eu me tornara um homem maduro e meu conhecimento em teologia tornara-me respeitado a ponto de mais de uma vez alguma autoridade eclesiástica procurar-me quando não para tirar alguma dúvida, pelo menos para ouvir minha opinião. Eu, na maioria das vezes, falava não só com o conhecimento teórico adquirido durante anos de pesquisas e estudos, mas também com uma segurança capaz de convencer a qualquer um da veracidade das idéias que defendia. Não preciso dizer que essa segurança não ia além de mera encenação, que desde cedo eu percebera necessária aos meus interesses: associando conhecimento e convicção conquistei mais que simpatias, respeitavam-me, e — eu maquinava comigo mesmo — não se negariam a prestar algum favor a um irmão tão compenetrado nos dogmas, tão cônscio das Escrituras. Esses favores, usei-os todos em meu próprio benefício; minha fortuna pessoal administrada por uma respeitável casa bancária vinha em meu auxílio quando os dotes naturais não eram suficientes, e quando referia a Monsenhor José minhas façanhas ele se mostrava sempre aborrecido, entristecido ao perceber que eu começara a extrapolar, mas quando minha conduta tornou-se alarmante, percebi que ele se sentia mais afetado em sua já abalada saúde ao ouvir-me em confissão. Para que você tenha uma idéia vou relatar-lhe um episódio: certa feita, surgira uma dissensão entre o Bispo e o Prior do mosteiro de M… acerca de determinada questão doutrinária, e essa dissensão ganhou vulto: ouvidos diversos teólogos, as opiniões se dividiram e não se chegou a uma conclusão satisfatória. Comentei o assunto com Monsenhor José, dizendo que já analisara a questão e, embora eu não me tivesse aprofundado muito, discordava do Bispo, cujo ponto de vista parecia-me incorreto, levando em conta algumas minúcias teológicas não muito importantes. A dissertação feita pelo Prior não era minuciosa, mas tinha uma qualidade: concisão e clareza, ainda que não se mostrasse à primeira vista muito convincente. Não me convidaram, de imediato, a opinar, e como havia no priorado um jovem padre que também começava a destacar-se por seus conhecimentos e por suas explanações bem feitas, o Prior ouvira-o para reforçar sua própria argumentação, o que deixara o Bispo numa situação ainda mais embaraçosa. Os ânimos se acendiam com a disputa que, diga-se de passagem, tinha uma importância não mais que pessoal; e entre os padres novos, os noviços, e até entre os mais antigos não havia outro assunto além desse: quem estaria certo na questão levantada? A coisa cresceu a tal ponto

que se decidiu criar uma assembléia extraordinária a fim de chegar-se a um acordo. Eu ficara um tanto frustrado por não me terem pedido a opinião antes de formarem a assembléia, e passei a olhar com rancor o tal padre jovem que argumentara de modo favorável ao ponto de vista do Prior, imaginando que aquele fedelho bem poderia roubar-me a popularidade no terreno das "liças" intelectuais. Uma coisa que eu não sabia é que não me haviam procurado por mera casualidade, pois o início da discussão dera-se poucos dias antes de uma viagem que fiz e que deveria durar quatro a cinco semanas, mas da qual por qualquer motivo retornei ao cabo de três — no exato momento em que a disputa já se acirrava. Ora, quase todos, mesmo o Bispo, ainda me julgavam ausente, e aqueles que sabiam do meu regresso por certo não se haviam lembrado de mencionar meu nome, a não ser para falar no dia da assembléia. Refleti sobre esse pormenor muito tempo depois: naqueles dias, porém, meu rancor contra o jovem padre cresceu, e não apenas contra o jovem padre, mas contra o Prior e mesmo contra todos que partilhavam de sua opinião. O Bispo estava claramente equivocado em sua abordagem, eu concluíra dias antes da data marcada para a assembléia, mas era preciso favorecê-lo, pois com isso não só lhe conquistaria as graças como também faria cair em descrédito o jovem padre. Essa deveria ser minha "linha de ação", só que não sabia como agir. Passei uma noite em claro, pensando, e no dia seguinte sem ao menos um cochilo fui tomar informações. O padre Miguel era um sujeito bem jovem ainda, fora ordenado havia pouco mais de um ano e não gozava de boa saúde, segundo ouvira falar. Vendo-o, não se duvidava desse pormenor: bastante magro, um tanto amarelo, sofria de febres freqüentes e tossia muito; evitava as correntes de ar e mantinha sempre um lenço à mão. Sua testa era ampla como a dos homens acostumados a pensar e os olhos claros e grandes, mas as olheiras, mais visíveis devido à palidez do rosto, davam-lhe um ar de enfermidade que causava mal-estar a quem não estivesse acostumado a conviver com ele. No mais das vezes, na rua, mesmo em dias claros e sem prenúncios de chuva, levava a tiracolo um guarda-chuva antiquado e, não fora parecer ridículo demais, não duvido que calçasse galochas. Apurei que se destacara muito no seminário por sua argúcia, e um velho companheiro meu de ordenação com quem me encontrei, e que se tornara instrutor de noviços, disse-me que o noviço Miguel fazia-o lembrar-se de mim, com suas tiradas inteligentes durante as aulas. "Mas muito nervoso" disse-me ainda, "muito instável… não suporta que o enervem, e descontrola-se com muita facilidade", "torna-se brigão, é isso?" eu perguntei; "não, oh, não é isso. O padre Miguel? Coitado, uma alma pura, jamais briga. Além do que, não goza de boa saúde. O que acontece é que, quando se descontrola, fica num estado de nervos las-

timável". Aquela informação fora para mim uma boa notícia, pois fazer com que ele se descontrolasse seria já meio caminho andado para superá-lo na disputa. Mas não bastava, pois teria pela frente algumas noites em claro tentando encontrar argumentos suficientes, se não para derrubar o ponto de vista do Prior e de seu discípulo, pelo menos para pôr de pé o do nosso bispo. Apurei que no seminário ninguém ficara sabendo da tal disputa (talvez porque distante da diocese, talvez porque por lá todos andassem muito ocupados com os noviços), o que me deixou mais à vontade para continuar investigando sobre o padre Miguel e obter uma outra informação muito importante: o padre Miguel era um homem simples, sem grandes ambições, sendo seu maior desejo ser nomeado para uma paróquia próxima, ainda que pequena, pois lá era sua cidade natal, de onde não tinha vontade de afastar-se devido ao seu estado de saúde e à assistência que teria por parte não só dos companheiros de hábito como de familiares. Soube que isso já fora arranjado, e que por aqueles dias ele deveria ser nomeado para a dita paróquia. Meu primeiro golpe, refleti, seria fazê-lo crer que fora nomeado para uma paróquia distante, no interior, o que não seria difícil pois na comissão incumbida das nomeações havia alguns irmãos a quem eu já prestara… certos favores, dentre os quais alguns… bem pouco louváveis (p. ex., havia irmãos cuja sensualidade exacerbada não se coadunava com o celibato e a quem mais de uma vez eu facilitara encontros em minha casa). Mas achei que isso ainda não seria suficiente: seria necessário mais para fazê-lo cair em desgraça, e tratei de procurar. Não adiantava nada tentar contra sua vocação: era consenso entre os mais velhos que não se podia questionar a vocação do padre Miguel, dera inúmeras demonstrações disso e sua fé na doutrina não permitia nenhuma acusação de práticas heréticas. De comportamento austero dentro da hierarquia da igreja, nada pude encontrar quanto a alguma ocorrência de felonia em toda a sua vida religiosa, o que bem poderia ter acontecido devido à instabilidade de seus nervos. A vida clerical do padre Miguel parecia inatacável, e eu começava a desistir e a contentar-me com o que já havia conseguido, quando colhi uma informação muito interessante. Um de seus colegas de seminário que, ordenado, ainda permanecia junto ao superior funcionando como secretário, conversou comigo durante quase uma hora falando sobre o "irmão Miguel, senhor, que tinha uma conduta exemplar, uma fé inquebrantável. Costumava mesmo supliciar-se" — ele disse, baixando a voz, como numa confidência — "pois supliciava-se! Não com freqüência, isso não, mas com método, e quando se sentia confuso. Para tanto, dispunha do cilício. Certa vez eu lhe perguntei por que fazia aquilo, e ele disse que a dor despertava seus sentidos, abria-lhe a mente, fazia-lhe ver as coisas com clareza. Sim, senhor, muita fé, mui-

to fervor…". Sorri com benevolência, disfarçando meu desânimo, e comentei:

— Pelo visto o caro irmão Miguel não tem defeitos.

Vi o padreco se mexer incomodado à minha observação, e pus-me alerta.

— Bem, defeitos todos nós temos. Pecadilhos, para os quais a misericórdia divina é infinita, que, o senhor sabe, Deus não exige de nós a perfeição, antes a boa intenção.

— Então qual é o defeito do santo padre Miguel, se é possível encontrar-lhe algum? — perguntei em tom de brincadeira, e ele baixou mais a voz, como se agora a confidência fosse mesmo séria (enquanto eu comigo mesmo o chamava de estúpido):

— O vinho.

— Ah…

— Sim, o padre Miguel aprecia muito o vinho, coitado! Bem, às vezes é mais difícil resistir ao estômago que… à carne, o senhor me compreende… eu mesmo, tenho de penitenciar-me, confesso-o: que para as mulheres não tenho apetite, mas diante de uma vitela, ah, bom Deus!…

— Com moderação, irmão — procurei animá-lo —, com moderação não há pecado.

— Sim, com moderação… mas o irmão Miguel não era moderado e cumpria permanecer longe do vinho… a seu próprio pedido, a chave da despensa ficava sempre bem guardada. A fim de evitar a tentação, veja o senhor seu senso de responsabilidade!

— Certamente, certamente — eu sorria por dentro. — Mas é mesmo abençoado o bom irmão Miguel!

Meu plano estava enfim traçado e o segui à risca, com a ajuda de dois irmãos que já haviam recorrido a meus favores (para diminuir-lhes o apelo da consciência — se é que tinham algum — disse-lhes tratar-se de uma brincadeira sem maiores conseqüências, apenas para deixá-lo nervoso na hora da assembléia. "Então o irmão não está muito seguro de si desta vez" um deles me disse com um sorriso pérfido. Conseguindo controlar minha raiva diante de tal observação, sorri e repliquei: "O tema é um caso perdido para o Bispo… e nós — frisei bem a palavra nós — nós ainda podemos precisar dele, pense nisso"). O plano era simples: na véspera da assembléia, pela manhã, chegaria ao padre Miguel notícia de sua nomeação para a paróquia que desejava, mas à tarde chegaria uma outra, desmentindo a anterior e acrescentando que se optara por seu nome para a paróquia de T***, um vilarejo distante e de acesso demorado e difícil. Mais tarde, nesse mesmo dia, uma terceira notícia desmentiria as duas anteriores: nada fora decidido ainda, mas era provável que a paróquia para a qual seria designado fosse uma outra ainda

mais distante. O plano funcionou à perfeição, pois essas notícias desencontradas fizeram com que à noite o padre Miguel corresse a procurar o irmão encarregado das indicações, o qual já instruído por mim o deixou em suspense, dizendo que por enquanto nada fora decidido.

— Mas já estava certo que… — o padre Miguel disse, torcendo as mãos.

— Irmão Miguel, talvez lhe tenha sido prometida alguma coisa, mas eu ainda não fui informado de nada. Como o irmão sabe, eu posso fazer uma indicação, e se quiser, posso citar o seu nome para a paróquia que tanto deseja, mas a resolução final não depende só de mim…

— Mas o senhor é tão influente… bem poderia, se quisesse…

— Verei o que poderei fazer. Agora vá em paz.

Creio que naquela noite o padre Miguel não dormiu bem, mas logo pela manhã foi agraciado com a notícia verbal de que suas expectativas tinham todas as chances de serem satisfeitas — notícia logo contraditada por um documento oficial comunicando sua nomeação para T*** e alertando-o de que devia preparar suas malas logo após a assembléia.

Está claro, essas notícias não tinham nenhum fundamento, e mesmo o documento oficial era forjado. Eu não tinha nenhuma intenção de despojar o padre Miguel de sua tão querida paróquia, mas apenas deixá-lo incapacitado para o debate. Era enfim o momento de o outro irmão entrar em cena. Notando-o macambúzio, acercou-se dele e falou-lhe com mansidão, logo conquistando-lhe a confiança. Não tardou a oferecer-lhe uma taça de vinho, e apesar da relutância do padre Miguel em beber, conseguiu convencê-lo de que aquilo o deixaria mais calmo para o debate. Com certeza o primeiro e o segundo cálice o deixaram mais relaxado e bem disposto, mas à medida que falava de sua desventura se fosse designado para um vilarejo distante, uma paróquia afastada dos recursos de que carecia para sua saúde frágil, e mesmo das pessoas mais queridas e de tudo que apreciava na cidade; à medida que falava, o desejo de beber um cálice a mais, e mais um, e ainda um outro, fê-lo chegar à assembléia um tanto embriagado. Muito vermelho, com a voz entorpecida e o raciocínio tolhido, não conseguiu desenvolver uma argumentação satisfatória, e como em alguns momentos se detivesse muito tempo para reunir suas idéias, e quando as reunia não as expunha com clareza, gaguejando e piscando muito, acabou sendo levado embora sob o olhar reprovativo de todos. Então foi a minha vez de falar, e embora a questão se definisse por si mesma pois, como disse, a tese defendida pelo Bispo era incorreta do ponto de vista teológico, consegui argumentar de tal maneira que obtive sucesso em meu intento de diminuir a importância da abordagem feita pelo Prior e de fazer esquecerem os pontos menos exatos da que fizera o Bispo, chamando atenção de todos para os

pontos louváveis (eu conseguira descobrir alguns, ou pelo menos argumentar de modo que assim entendessem) da idéia exposta por ele. No fim, todos se mostraram satisfeitos, mesmo o Prior, que vira com bons olhos sua tese ser mantida de pé sem fazer desmoronar a do senhor Bispo, que não deixava de ter seus méritos, como eu fizera questão de demonstrar ao expor as diversas correntes de pensamento sobre o tema. O padre Miguel, contudo, caíra mesmo em desgraça, e pela vergonha a que se vira exposto o Prior resolveu puni-lo com severidade: conseguiu que fosse nomeado para T***, de onde estava proibido de ausentar-se nos cinco anos seguintes, mesmo a passeio. O golpe fora demasiado para o jovem padre doente. Soube que, além de passar a embriagar-se com freqüência, adoeceu a caminho de seu destino, onde chegou em situação deplorável. Vendo seu estado, aqueles que o acompanharam acharam por bem que ele retornasse, cuidasse da saúde e, só após restabelecer-se, assumisse a paróquia. Retornou o padre Miguel, mas não chegou a nossa diocese: morreu a poucas horas de viagem ao seu vilarejo natal, e o Prior, quando soube do ocorrido, passou a considerar-se culpado de sua morte. Vi-o algumas vezes depois disso, sempre casmurro e rabugento, como quem carrega consigo o peso de um crime. Apreciava-me, vinha falar comigo e desafogar seu arrependimento, ignorando que diante de si estava o autor do crime cuja culpa se atribuía. Quando revelei a monsenhor José essa história, fi-lo em confissão, e percebi o quanto ficou perturbado. Foi o primeiro pecado grave que lhe confessei, depois vieram outros, até que por fim ele passou a conhecer-me bem. O sofrimento que lhe impunha com meus atos e as confissões que se seguiam, minaram seu corpo já combalido pela velhice e pela enfermidade. De certa maneira, eu fui o assassino de Monsenhor José, e ainda que em seu funeral eu me tenha debulhado em lágrimas de arrependimento, a mancha desse crime, somada à do anterior, é, sem sombra de dúvida, uma das que hão de dar comigo no Inferno…

Aqui o Cardeal parou e ficou imóvel, como se reconsiderasse tudo que me havia contado. Olhei para sua cara gorda sem saber ao certo se o que sentia por ele era medo ou uma certa admiração, ou até mesmo repulsa, porque enquanto admirava sua fibra e sua frieza, a maldade de que era capaz revoltava-me…

— Mas — e ele olhou para mim, procurando sorrir —, eu iria falar da segunda visita do… "Inimigo", não foi assim que você o chamou? — respirou fundo, tamborilou com os dedos sobre a mesa e em seguida concentrou-se, franzindo o cenho.

Começou:

— Uma noite, muitos anos depois daquela primeira visita… d*ele*, digamos assim… eu estava dormindo e acordei com um ruído no meu

gabinete de trabalho. Pareceu-me ter ouvido alguém caminhar ali, e o som dos passos acordou-me. Pelas janelas, que na véspera eu deixara abertas como de costume, com as cortinas afastadas, entrava uma claridade tênue, pois era quarto crescente; abri os olhos, apesar do sono que me amolecia o corpo, espiei em volta sem ao menos sentar-me na cama, e pensando que tivesse sido apenas uma impressão cobri outra vez a cabeça para dormir. Era inverno e fazia muito frio — até ouvia o vento assobiar fora, no bico dos telhados —, e pensei ter compreendido do que provinha o ruído que me parecera ter sido no quarto: gatos! Com o frio, alguns gatos costumavam abrigar-se na sacada defronte à minha janela. Era possível que tivessem saltado no assoalho soando como se fosse no aposento ao lado. Enfim, não me detive pensando no que poderia ser e já quase adormecia quando ouvi o mesmo ruído outra vez, mas só que agora bem mais próximo, ali mesmo no quarto, como se alguém houvesse dado alguns passos e sentado numa cadeira que ficava no canto oposto à cama. Levantei a cabeça e espiei outra vez, ainda sonolento, mas não ouvi mais nada. Permaneci atento por cinco, dez segundos, e me dispus mais uma vez a dormir, quando chegou aos meus ouvidos, muito clara embora suave, a voz dele:

— Acordai, padre. Talvez possamos conversar um pouco para passar o tempo.

Senti um tremor — que não era de frio — percorrer-me o corpo todo e num instante o sono se foi. De um salto sentei-me na cama, espiando o aposento cujo espaço era atravessado pela faixa do quarto crescente que agora se desvanecia, encoberto por uma nuvem.

— Estou aqui no canto, padre. Por que relutais em olhar para cá, se em vosso íntimo já adivinhastes onde eu estou?

Olhei para o canto escuro e notei que havia uma pessoa sentada naquela cadeira. O que ele disse era certo: eu relutei — um segundo? dois? — em olhar naquela direção, como se adivinhasse — sem saber que o adivinhara — que ele estava justamente naquele lugar.

— Um ladrão? — eu disse. — Um ladrão em meu quarto?…

Ele deve ter sorrido, eu quase poderia dizer que "via" na escuridão seu sorriso tranqüilo. Disse:

— Um ladrão? Não propriamente, ainda que costumem acusar-me de roubar às pessoas algo… muito valioso.

Senti medo ao ouvi-lo desta vez, mas procurei disfarçar esse medo tentando dar à minha voz um tom de segurança e autoridade:

— Quem é você? Como se atreveu a entrar em meu quarto? Não sabe quem eu sou? Poderá ter a polícia nos calcanhares a qualquer momento…

— Não vos exalteis, padre — cortou-me ele com a mesma mansidão

—, sabeis quem eu sou e como entrei. E sabeis também que a polícia nada poderia contra mim. Não é preciso disfarçar a certeza que há em vossa mente: eu sou aquele por quem esperais há tantos anos.

Calei-me, e quando as nuvens descobriram o fraco luar, o vulto sentado na cadeira tornou-se mais visível. Pude reconhecê-lo, conquanto ainda não o conseguisse enxergar com clareza. Via apenas que se sentara muito à vontade, mantendo as pernas quase esticadas, sobrepostas com displicência, e os braços cruzados.

— Talvez não o estivesse esperando — eu disse, baixando a voz.

— Por certo não sabíeis estar à minha espera, padre, mas estáveis.

— Como sabe? Como pode ter certeza?

— Eu sei tudo.

"Eu sei tudo", e essa frase dita assim, com tamanha convicção e ao mesmo tempo com displicência, num timbre que se tornava mais tranqüilo ao pronunciá-la; essa frase dita assim fez-me mal. Não sei definir de que natureza era esse mal, mas incomodou-me por dentro, fez-me sentir menor do que eu era, fraco, incapaz de qualquer resistência, e assim como eu estava via-me à mercê daquele "visitante" indesejado — indesejado, ainda que ele afirmasse o contrário.

— Por que voltou?… eu, aliás, não estou bem certo de ter estado acordado da outra vez… talvez estivesse dormindo, e sonhando.

— Vós sabeis que não sonhastes, padre, mas não pretendo discutir isso, pois a convicção quanto ao que aconteceu naquela noite, e ao que está acontecendo nesta, devo deixá-la a vosso critério. Convencei-vos do que quiser. Não posso — nem devo — tentar convencer-vos de nada.

— E que ardis me prepara desta vez? — eu perguntei, relembrando fragmentos do diálogo que tivéramos em nosso primeiro encontro; relembrando o quanto suas palavras haviam parecido sedutoras, e como eu as repudiara depois e como… bem, isso talvez seja o pior… e como eu, sem que me desse conta, fui aceitando como verdadeiras suas asserções de então.

Com minha pergunta, porém, quis mostrar-me consciente de seus ardis, que como ardis havia encarado tudo que ele me dissera da primeira vez.

— Ardis? — ouvi um riso breve e notei que ele se mexia na cadeira. — Mas eu não preparo ardis. Vós, homens, criais vossas próprias armadilhas e depois atribuís a mim a queda em que vos precipitais. Sou eu quem vos prepara ardis? Ora…

Preferi ignorar o tom algo escarninho com que falou e procurei acautelar-me para não ser pego desprevenido. Naquele momento isso me ocorreu: acautelar-me para não ser surpreendido! Não posso garantir que esperava lutar em pé de igualdade com ele, nem que me tinha em

tanta conta que isso figurasse como algo indiscutível. Tudo que eu queria era não permitir que ele me envolvesse como da vez anterior.

— Vede vós, homem, vós que ainda continuais aferrado a questões que já deviam ter sido resolvidas…

— Questões? Que questões? Por que não fala com clareza?

— Se eu falar com clareza estarei contrariando os ditames do vosso Deus, e nem mesmo eu posso ir contra os ditames dEle.

— A que se refere? Agora terá virado crente?

— Ao livre-arbítrio, ora, a que mais? Digamos que eu vos faça uma visita e diga: padre, tendes levado uma vida bastante torta, e isso há de dar com vossos ossos nos meus domínios, lugar ao qual deveis como homem da igreja repudiar a todo custo. O que fareis então? Não ireis agir por vós mesmo, não escolhereis vosso caminho: serei eu quem estará escolhendo um caminho para vós. É por isso que não posso falar com clareza: posso apenas falar. Venho e falo, e vós aceitais minhas palavras se quiserdes. Não é nem mesmo necessário que acrediteis em minha presença aqui, podeis duvidar até da visita que vos fiz antes; tomai tudo como um pesadelo, afirmai para vós que eu não existo a não ser em vossa mente… vós sois livre, padre, para escolher.

— Vejo que não é sem razão que o chamam "o pai da mentira" — eu disse —, pois traz sempre a mentira nos lábios. Com que agora eu devo duvidar de sua presença e até de sua pessoa? E ao mesmo tempo que fala na minha liberdade de escolha, procura induzir-me a tomar um caminho… bem, pensei que fosse mais sutil, ou talvez tenha me subestimado.

— Vós vos julgais sempre brilhante… Ah, a vaidade!… Devíeis ler mais o Eclesiastes. Enfim… É verdade que às vezes conseguis sair-vos bem, padre, mesmo quando o adversário sou eu, e nem é preciso fazer com que eu me embriague.

Tive um estremecimento, ele deve ter notado meu sobressalto contido, o gesto de surpresa que não cheguei a fazer, pois percebi — ou julguei perceber — mesmo à pouca claridade um princípio de sorriso, por certo de ironia. O diabo — ou que nome tenha — acabava de fazer uma alusão direta ao acontecido ao padre Miguel, o que significou para mim naquele momento que ele sabia de tudo — o que não me deveria espantar, pois não fora ele mesmo quem afirmara "saber tudo"? É engraçado como essa idéia, de que ele conhecia meu crime, pareceu-me natural depois, como parece-me natural agora, mas naquele momento figurou mais um de seus ardis e, temendo entrar por tal caminho, procurei desviar o rumo do diálogo:

— Tenta confundir-me, quer afastar-me dos caminhos dEle…

— Oh, não, longe de mim! Na verdade o caminho que seguis pouco

me importa. Pensais por acaso que tendes tanto valor assim? Uma coisa, todavia, em vós chamou-me a atenção…

— Já que valho tão pouco — eu cortei com certo abuso, pois irritava-me seu tom de velado sarcasmo —, o que terá despertado sua curiosidade a meu respeito?

— A natureza dessa dúvida a que vos aferrais desde tanto tempo, desde mesmo vossa juventude…

— A minha dúvida…

— Sim, vossa dúvida! Pois é essa dúvida que vos vem tirando o sono na quietude das noites, quando podeis estar mais próximo de vossos pensamentos… a grande questão que vos aflige não é a existência dEle…

— E julga conhecer a natureza de tal questão?

— Eu tudo sei, não lhe disse? Na minha natureza intemporal, padre, coisas como memória e lembrança têm um outro significado. Por isso consigo me lembrar de vossos pensamentos na noite, já distante para vós, em que vim pela primeira vez, como se não se tivessem passado tantos anos. E na verdade não se passaram, a não ser para vós.

Então eu também me lembrei — como uma luz, um relâmpago que corta a escuridão —, eu me lembrei da noite em que ele veio, lembrei-me das reflexões com que me ocupava pouco antes de ele chegar. Não disse nada, porém; permaneci calado esperando que ele continuasse, mas o visitante não continuou logo, e quando o fez não seguiu da maneira que eu esperava.

— Os anos não passam para mim como para vós, e isso tem algo de tedioso, às vezes. Acredita? — e virou o rosto em minha direção. Percebi que ele não continuaria acerca da "grande questão", era seu intento deixar em suspense suas insinuações, decerto para confundir-me. Mas que questão era essa?, você deve estar se perguntando. Sim, que questão pode ter tanta força para ocupar toda a vida de um homem que, pelo menos em tese, se devotou à causa da Fé? Não, não tome isso como uma ironia, meu jovem primo, mesmo que em sua verde juventude não consiga ver de outra forma o que digo. Quando lhe perguntei se acreditava na bondade de Deus não foi apenas por esperar de vós uma resposta que me satisfizesse, mas perguntei a você o mesmo que venho me perguntando desde que passei a compreender a Igreja e o que ela prega. Essa era a grande questão a que ele — *ele* — se referiu naquela noite, a mesma cujos pensamentos me surpreendeu — sem contudo a ela aludir — em sua primeira visita.

— Responda-me — eu perguntei ao perceber a real intenção de suas meias palavras —, por que vem? Por que veio antes, e retorna agora?

— Padre, não posso responder a essa pergunta. Sois vós quem deve respondê-la. Sois vós quem me convoca para estar ao vosso lado.

— Eu não o convoco. Como de hábito, usa de seu artifício preferido: a burla.

— Prefiro, contudo, não insistir quanto a isso — ele replicou com serenidade. — Há, talvez, coisas mais importantes a serem ditas.

Então ele se levantou da cadeira e avançou um passo. De um momento para outro pude distinguir suas feições, pois havia entrado na faixa de luz do quarto crescente. Observando meu visitante, dei-me conta do luar que se movia no soalho de meu quarto, e concluí que não devia ser muito tarde, pois minha janela abria para o nascente, e a faixa de luz ainda estava quase no meio do aposento, conquanto a Lua nessa fase nunca nasça cedo. Talvez não passasse de meia-noite, ou passasse pouco, e eu refletia nisso embora não houvesse relevância alguma em saber as horas àquela altura. Mas voltei a mim, ao momento presente, ao visitante que se havia levantado da cadeira e se pusera à janela, e vi que não havia envelhecido, a não se pelos cabelos cortados bem curtos, que teriam agora maior quantidade de fios brancos, mas não em excesso, e nenhuma mudança se percebia em seu rosto. Quanto à sua indumentária, semelhava ao modo de trajar-se da visita anterior, excetuando pelo anel, que já não trazia, e por uma corrente de ouro que se via no bolso do colete, uma corrente de relógio, o que lhe conferia um ar excessivamente burguês. Pode-se perguntar o que faz com um relógio alguém para quem o tempo não passa!… Percebi também que me enganara ao pensar que com a idade aquele tipo tenderia à obesidade: talvez sua cintura estivesse um pouco mais arredondada, uma quase imperceptível proeminência sugeria alguma gordura na barriga, mas era só. Havia, no conjunto, ligeiras modificações, mas era claro que ele não poderia mesmo ter mudado, pois nunca envelhece, pelo menos não como nós. Outra coisa curiosa é que vê-lo em meu quarto, tão próximo de mim, e saber quem ele era não me causava medo. Ocorreram-me naquela hora as representações que se fazem dele às vezes, com chifres, rabo e patas de bode, e me perguntei se aqueles que o haviam representado dessa forma chegaram a vê-lo, ou se pelo menos teriam sido capazes de figurá-lo como um velho funcionário aposentado. Vendo-o mais perto como agora, dava-me conta, porém, de que se havia em sua figura alguma coisa singular, essa coisa seriam os olhos, aos quais fitei a contragosto por um segundo ou dois — um tempo breve mas, ao mesmo tempo longo, um tempo que para mim já deixava de fazer sentido. Quanto tempo, na verdade, estive a fitar seus olhos, que naquele momento se cravaram também nos meus? Poderia não ser maior que o que leva o ponteiro dos segundos a percorrer uma das sessenta divisões do mostrador, ainda assim poderia ter uma duração muito longa, e após tal experiência, nas minhas posteriores meditações, pude vislumbrar todas as incertezas do

tempo, esse tempo capaz de se concentrar num ponto (que não pode ser do espaço, mas que não é também do próprio tempo, ponto esse que não logro explicar) e durar quanto queira sem que nada em volta — o mundo, a vida do homem, a existência das coisas, o próprio correr do tempo normal — se altere. Duraria dez ou cem anos, mas quando aquele ponto submergisse, quando dele se afastasse, poder-se-ia ver que em volta nada se passou, e mesmo o animal noturno que pula de um telhado a outro, mal tendo terminado seu salto, não se teria ainda acomodado direito em sua nova posição. Pois de repente já não fitava seus olhos, mas as águas de um rio que corresse fora das horas comuns da vida humana e cuja superfície permanece imóvel a encobrir sob ela irresistível correnteza, sorvedouros, abismos de que à tona não se suspeita. Havia mais que encanto e perigo sob aquela traiçoeira superfície, mais que maldade, pois o diabo não é apenas mau. Havia sabedoria — uma sabedoria que eu infelizmente ambicionava. Então compreendi — apenas de contemplar seus olhos — a afirmação que há pouco fizera, de que eu o convocava à minha presença. Devo, sim, tê-lo feito; mesmo sem ter consciência, mas devo tê-lo feito.

— Preocupa-vos o conhecimento profano, padre, ou, se preferis, a ciência — ele disse voltando para mim o rosto e encarando-me. Desviara-se da primeira questão, deixando-a em definitivo no ar, e passara a falar de um outro tema, talvez menos grave mas sobre o qual eu me questionava também com freqüência. Ainda assim não respondi, e mesmo não considerando implausível que ele pudesse ler minha mente, constrangia-me que tocasse naquele tema no momento em que eu me dava conta de sua sabedoria. — Assim como preocupa a muitos que a ela dedicam suas vidas, e mesmo sua felicidade. A árvore proibida, a que fora plantada no meio do Jardim, de que fala o Gênesis. A ela Adão sacrificou a imortalidade.

— Adão não podia compreender o que significava o conhecimento.

— Não, mas já tinha sede dele. Imaginai o quanto ele devia atormentar-se, antes de ceder à tentação, querendo saber o que havia além do Jardim… O Livro Sagrado não fala das aflições do primeiro homem quanto a isso. Porém, não valerá a pena soltar um pouco a imaginação para saber o que ele, o velho Adão, sentia, quando via as fronteiras impostas pela árvore que havia no meio do Jardim?

— Não compreendo…

— O que pensais, padre, que representava essa famosa árvore? Não vale responder "a ciência do Bem e do Mal", isso é muito vago.

— Mas se é justamente isso…

Ele sorriu, movendo a cabeça:

— Não, padre, não é nada disso, pelo menos no começo não era nada disso. Pelo contrário, tratava-se de algo trivial…

Eu não sabia o que replicar, ouvia-o pasmado. Ele prosseguiu:

— Quereis saber?… Dir-vos-ei. Adão, o bom Adão houve uma hora em que começou a incomodar-se com aquela história de uma árvore da qual lhe era proibido comer. Não por causa do fruto, afinal o coitado nem era comilão, e podia muito bem passar sem aquela frutinha de aparência insossa — e era mesmo bem insossa, ao contrário do que se pensa — num Jardim onde havia uma enorme variedade das mais vistosas e de sabor mais fino. O que ele quis, e quando eu disse trivial não estava exagerando, foi saber o que existia além do Jardim, daquele imenso Jardim por onde caminhava todos os dias sem chegar aos seus limites. Como lhe veio a idéia, o desejo de conhecer o que havia fora dos limites do Éden? Foi assim: nos primeiros tempos após a criação, não foi nada mau estar ali. Ambos — homem e mulher — se divertiam nadando nos rios e pescando deliciosos peixes que Eva, muito industriosa, cozinhava, temperando-os com ervas aromáticas e de excelente sabor; nos dias quentes deitavam ao sol, divertiam-se na areia das margens, ou subiam nas árvores para colher frutas, e Adão, não menos industrioso, aprendeu a construir (digamos que tenha sido o inventor da arquitetura, enquanto Eva a da culinária), e fez para si uma bonita casa de madeira onde certa tarde entrou com a mulher e lhe disse: "É aqui que vamos morar". Eva não compreendeu por que deviam morar numa casa, já que dormiam tão bem na grama sob as árvores, mas Adão já tinha consciência da diferença que havia entre si e os animais que circulavam pelo Jardim, e achou por bem ter um lugar diferente para habitar, algo que o distinguisse dos brutos. Foi o primeiro rasgo de vaidade no homem, mas que fazer? O próprio Senhor lhe havia dito que dominasse sobre os animais, visto ser superior a eles! Fez compreender a Eva essa necessidade de distinção, e ela depressa acostumou-se com a casa: quando começaram a cair as primeiras chuvaradas, viu-se melhor abrigada sob o teto que embaixo dos galhos e percebeu sua utilidade. Enfim, o casal assumiu uma vida doméstica sem maiores problemas, pois tudo que desejavam vinha-lhes às mãos com num passe de mágica. Mas o que era fartura acabou se convertendo em fastio: já não lhes parecia tão atraente passar os dias pescando ou nadando, Eva inquietava-se dentro de casa pois concluídos os poucos afazeres domésticos via-se no mais das vezes banzando ociosa daqui pr'ali; sua recente invenção — a culinária — ia perdendo o interesse à medida que se esgotava sua inventividade; o Jardim, sempre tão ordenado e perfeito, começou a lhes parecer monótono, e sobreveio o tédio… e com o tédio, o desejo de ir além do Jardim. Esse desejo, todavia, como é de esperar, não era consciente, pois homem e mulher não tinham noção alguma de que pudesse haver alguma coisa além, e assim, o máximo que lhes ocorria era uma vaga e mal formulada pergunta,

"isso é tudo?". Adão fazia com freqüência incursões cada vez mais distantes Éden adentro (ora sozinho, ora na companhia da mulher), percorrendo trilhas e alamedas, seguindo o curso do rio, subindo pequenas colinas que se erguiam aqui e acolá, dono de uma curiosidade que nascia com a carência de novidades… A cada incursão, porém, e por mais longe que fosse e mais diferentes lhe parecessem as novas paisagens que ia descobrindo, deparava sempre com um caminho que o reconduzia ao centro, onde era obrigado a olhar para aquela arvorezinha raquítica que o Senhor resolvera sem mais nem menos lhes proibir. Aos poucos foi-se dando conta de que havia alguma coisa estranha naquela história: em suas incursões, ao galgar uma colina ou subir no alto de uma árvore, conseguia ver ao longe terras, montanhas, lugares desconhecidos, mas por mais que andasse jamais atingia aquelas paragens e acabava, sem que percebesse como, entrando por um caminho que no fim desembocaria… onde? No meio do Jardim, e isso por mais oposta que fosse a direção previamente seguida, e lá ia dar de cara com a tal arvorezinha. Foi quando fez uma descoberta assombrosa: o Éden mais não era que um vasto labirinto de onde não podia sair!, e ainda que não soubesse o que fosse um labirinto intuiu pela primeira vez, sem contudo compreender tal maravilha, encontrar-se num lugar que por sua vez estaria dentro de outro lugar, e que esse outro lugar estaria fora — ou em volta — do lugar onde ele, Adão, estava! Verdade seja dita, o primeiro homem não se utilizava em suas elucubrações de nenhuma expressão parecida com "dentro, fora ou em volta de algum lugar", seguia uma linha de raciocínio por demais sinuosa para que chegasse a qualquer conclusão clara nesse sentido, mas se queremos dar uma idéia mais ou menos precisa do que surgia de seus pensamentos será necessário que nos valhamos desses conceitos para ele até então desconhecidos: dentro e fora. Comentou com a mulher seus pensamentos, mas como não soubesse explicar-se com clareza, ou seja, como não lhe conseguia fazer compreender a idéia da qual ele mesmo mal suspeitava, qual seja, a de dentro e fora do Jardim, Eva não percebeu o que ele pretendia dizer com aquela história de lugares para os quais talvez não houvesse um caminho como se tais lugares não fizessem parte do jardim, e respondeu que ele talvez não tivesse procurado direito, que tudo que havia encontrava-se no jardim portanto era impossível haver outro lugar que não fosse o jardim, e assim sendo era certo que para qualquer lugar que ele olhasse haveria um caminho que até lá conduzisse, e o assunto se encerraria por aí se ele não a tomasse pela mão e dissesse "venha que você vai ver", e dando as costas — note bem! — à arvorezinha raquítica no meio do jardim a levasse em sua companhia. Depois de uma longa caminhada mata adentro, subiu ao alto de uma montanha, onde apontou para uma direção

qualquer: “Vê?” ele perguntou, e ela respondeu “vejo”, e ele “talvez não possamos ir até aquele lugar”, e ela “se o quisermos, por que não?”, “pois eu lhe digo que não podemos”, “e eu lhe digo que podemos, se o quisermos”, “pois então você vai levar-me lá”, “eu?”, “sim, quem mais?, toma-me pela mão como a tomei pela sua ainda há pouco e conduze-me até lá, mas antes presta bastante atenção em como é o lugar visto daqui para não confundir-se quando lá estiver”, e Eva o que fez? Tomou-o pela mão, “pois vamos” disse decidida a pôr um fim naquela história, e foram na direção indicada. Parecia-lhes que andavam em linha reta pois tinha Eva o cuidado de olhar sempre para trás a fim de verificar se as árvores, ou as rochas, ou outros sinais pelos quais acabavam de passar estavam mesmo à suas costas, porém qual não foi sua surpresa quando depois de caminharem por quase metade do dia sem que tivessem mudado de rumo — e sem saber como — desembocaram no meio do jardim e deram de cara com a tal arvorezinha! Eva, perplexa, não compreendeu o acontecido e se retirou sozinha para um canto a fim de matutar, e lá esteve por algum tempo pensando sem por sua vez chegar a qualquer conclusão, pois tampouco para ela seriam compreensíveis conceitos como “dentro” ou “fora” ou mesmo “ao redor”, e por fim desistiu do enigma resmoneando consigo mesma que tinha muito a fazer dentro de casa para se preocupar com adivinhações. É nesse ponto da história que entra a velha e manhosa Serpente: a Serpente já havia seguido Adão em seus passeios e começado a adivinhar o que se passava em seu íntimo, vinha percebendo há muito o fastio do casal perfeito, escutou detrás de umas moitas a conversa entre ambos e suas conclusões, viu quando ele levando a mulher pela mão mostrou-lhe lugares onde talvez não pudessem chegar, não conseguindo convencê-la, o que só aconteceu depois que ela mesma, indo na frente, acabou por desembocar outra vez no meio do jardim. A Serpente percebeu então que se não desse… digamos, “um empurrãozinho”, ambos permaneceriam lá por todo o sempre — mesmo porque o homem, conquanto tivesse atinado com o problema, não era provido de inteligência suficiente para encontrar por si mesmo uma solução, e a mulher desistira do mistério mal havia começado a pensar nele. Então a Serpente resolveu aproveitar-se de um momento em que a mulher estava só e chamou-a para perto da famosa árvore. Eva, que dentro de casa forçava a inventiva para criar um novo prato ou um tempero diferente, escutou aquela voz e saiu, olhou em volta intrigada, procurando, olhou para as moitas próximas, para o riacho adiante, para a mata cerrada mais ao longe, e nada!… mas escutou de novo a voz a chamar por ela: “Eva, Eva! Vem até aqui!”, e então se aproximou muito espantada da árvore, avistando por fim a estranha criatura que a chamara. O que lhe disse a Serpente então? Ora, dentre

outras coisas, aludiu ao "ali dentro", pensamentos que vinham preocupando Adão há certo tempo, "imagino se tu e teu marido já não estareis um tanto enjoados de estar aqui. Não quereríeis por acaso dar uma espiada lá fora?", "não entendo o que falas, estranho animal, o que queres dizer com 'lá fora'?", "ora" replicou a Serpente, "então não sabes o que é um dentro e um fora? Não percebes que tudo que possui um interior possui um exterior?", "não percebo" respondeu a mulher, "por que não falas mais claro?"; a Serpente teria coçado a cabeça diante dessa dificuldade, se fosse dado a uma serpente coçar a cabeça, e se deu conta de que a intuição do homem era ainda por demais rudimentar para que compreendesse em sua plenitude uma idéia tão revolucionária; mas com sua astúcia a Serpente recorreu a um símile, e foi buscar esse símile na casa construída por Adão, "presta atenção: que construção é aquela que vejo ali adiante, ao que parece obra de vosso companheiro?", "aquilo é na verdade nossa casa, e foi sem dúvida ele quem construiu", "pois bem! Visto isso, posso pensar que tu, mulher, em alguns momentos estás lá e noutros não estás", "o estranho animal diz a verdade quanto a isso, nem de outra forma poderia ser, que estando eu lá não poderia estar em outro lugar, e estando em outro lugar não poderia estar lá", "hum! Então quer-me parecer também que quando estás lá, estás a bem da verdade embaixo daquela curiosa cobertura que há por cima da construção a que chamas tua casa", "também nesse ponto acertas, pois estando eu lá não poderia estar senão debaixo daquela cobertura, imaginada pelo meu companheiro e que é de muita utilidade, pois evita que na casa entrem o sol e a chuva, permitindo-nos estar refrescados nos dias de calor, e aquecidos e secos nos dias de frio e de chuva", "assim eu poderia nesse ponto afirmar que quando estás lá, debaixo daquela cobertura, é sem dúvida que te encontras dentro de tua casa…", "não vejo como seria diferente", "…e quando estás noutro lugar, como agora, estás fora de tua casa", "se assim dizes percebo que há verdade em tuas palavras, pois lá é dentro de casa, e outro lugar — como aqui — é fora de casa", "então não te parece muito difícil perceber que existe, em relação à tua casa, um dentro e um fora", "não, que o percebo com inteira clareza", "ah!… Então vejamos: será que é apenas com relação à tua casa que existe um dentro e um fora?"; Eva mordeu os lábios, era bem bonita quando mordia os lábios, podeis crer, padre, bem bonita; mordeu, pois, os lábios, pensou e concluiu: "Imagino que pode haver outras coisas em que haja um dentro e um fora", "e podes dar um exemplo?" a Serpente perguntou, tendo Eva então mordido os lábios uma segunda vez enquanto pensava, "sim, posso", "então diga", "o vasilhame de barro cozido que meu industrioso marido inventou é um exemplo, pois se o uso para cozinhar é certo que o alimento que preparo encontra-se dentro

dele, enquanto cozinho, ao passo que ao retirá-lo do vasilhame o alimento encontra-se então fora", "muito bem! Podes então pensar que haja outros, muitos outros exemplos", "certamente" replicou Eva, "mas me ocorre que não deve haver distinção entre eles", "será?" opôs a Serpente uma dúvida, "não vejo como possa ser de outra maneira" replicou Eva, "e se falarmos deste jardim?" atirou então a Serpente, "deste jardim?… Bem, aqui já não compreendo as palavras do estranho animal que conversa comigo, pois como poderia haver um dentro e um fora deste jardim se ele é tudo que existe?", "o teu pensamento não é tolo, minha amiga, é até bastante sutil, mas falha em razão daquilo que desconheces, pois julgas que o jardim é tudo que existe", "e não é?… Não entendo como pode ser de outra forma", "não entendes porque ainda não foste despertada para esse novo entendimento. Ora, o que dizia teu companheiro outro dia, acerca daqueles lugares que ele julgava entrever ao subir uma colina, lugares contudo para onde não conseguia encontrar um caminho, por mais que se esforçasse?", "então o estranho animal ouviu nossa conversa? Bem feio costume me parece esse de bisbilhotar a conversa dos outros!", "digamos que não tenha sido por mal, mas isso por ora é de todo irrelevante, tem-me na conta de um bisbilhoteiro se quiseres, mas prossigamos no rumo principal de nossa conversa…", "seja", "o que dizia, pois, teu companheiro?", "se ouviste, sabes o que ele dizia: que havia subido a uma colina e avistado uns lugares, mas tendo procurado caminho para aqueles lugares não encontrou e acabou vindo — sem querer — parar de volta aqui, no meio do Jardim. Que de outra feita subiu numa colina mais alta e avistou ainda outros lugares, e que também procurando caminho para esses outros lugares não só não encontrou como também acabou de volta a este ponto", "e daí a suspeita de existir algum lugar para onde talvez não haja um caminho", "sim, foi o que ele me disse, mas eu não consegui entendê-lo, pois para todos os lugares deve haver um caminho", "porém teu marido levou-te e mostrou-te um lugar desafiando-te a conduzi-lo até lá, e o que aconteceu?", "vejo, estranho animal, que és bastante bisbilhoteiro e andaste seguindo-nos; mas sim, é verdade, ele me apontou um lugar e pediu-me que o levasse até lá, porém não logrei encontrar a direção", "e…", "e acabamos voltando aqui, ao centro do jardim", "e o que lhe pareceu?", "confesso que fiquei intrigada a princípio, mas desisti de resolver o enigma, e continuo achando que se procurar melhor será possível encontrar o caminho para esses lugares aparentemente inalcançáveis", "é isso o que pensas? E como explicas não apenas os insucessos de Adão, teu companheiro, mas também o teu?", "pode ser, pelo menos assim eu penso, que tenhamos chegado àqueles lugares e até passado por eles sem os reconhecer", "como sem os reconhecer?", "ora, esses lugares que de longe

nos pareceram de uma maneira teriam outro aspecto quando vistos de perto, por isso meu companheiro e eu não os reconhecemos, e por fim, como não há nenhum outro lugar que não seja o jardim, é certo que saindo do meio dele e afastando-nos sempre em linha reta ao meio dele acabaremos por retornar"; a Serpente se viu de momento embaraçada com o raciocínio da mulher, pois se Eva não era tão tola quanto seria de esperar que fosse, já que aduzia raciocínios bastante sutis, conseguia além do mais conduzir o assunto a verdadeiros descaminhos, de forma que não era tão simples convencê-la; porém a Serpente conhecia seu ofício: "Mas esse teu pensamento, mulher, parece que não satisfaz a teu marido", "foi isso mesmo que ele me disse, nada satisfeito e até zangado" ela respondeu, um tanto desapontada, "vês?… Não seria sumamente agradável se tivesses hoje, quando ele chegasse, uma palavra que o pudesse agradar?", "e que palavra seria essa, estranho animal?", "dizer-lhe, por exemplo, que há uma solução para o problema que ele vislumbra, qual seja, esse dos lugares que avistou mas a que não pôde chegar", "mas se a solução que eu apresentei não serviu e eu não vislumbro outra…", "porque não queres compreender que há um dentro e um fora deste jardim…", "isso é mesmo uma coisa que não consigo compreender, pois como já disse não pode haver um fora de um lugar que é o único que existe", "…mas aí está teu engano, mulher, o Jardim não é o único lugar que existe", "como não?!", "ora, mulher, existe também um 'fora' com respeito a este jardim", "mas como é isso?", "vejamos: quando estás sob o teto de tua casa, é certo dizer que estás dentro dela, não?", "sim, pois sob o teto é o interior da casa", "então será certo dizer que a casa, estando onde está, está dentro de alguma coisa", "sim, é certo dizer isso", "e que coisa seria essa?", "parece-me que essa coisa dentro da qual minha casa se encontra é este jardim", "vejo que vamos indo bem! Continuemos: não seria também correto dizer que se uma coisa está dentro da outra, pode-se supor que essa outra esteja dentro de uma outra, que é exterior a ambas?", "sim, também nesta afirmação não me parece que haja erro", "pois bem, tu estás dentro da tua casa, a tua casa dentro do Jardim…", "sim…", "…e o Jardim, havendo algo exterior a ele, é certo que esteja no interior desse algo", "mas aí já não entendo…", "é que é necessário compreenderes que de fato há algo exterior ao Jardim, dentro do qual ele se encontra", "então é certo que esses lugares avistados pelo meu Adão e aonde ele não consegue ir é um lugar que existe fora do Jardim?", "tão certo como haver um sol no firmamento projetando nossas sombras, conforme tu mesma podes ver", "se assim é, não percebo como poderia eu, uma pobre e simples mulher, auxiliar meu companheiro a encontrar o caminho que conduza a esse lugar", "não percebes porque tens o entendimento por enquanto embotado. Há

contudo um meio de o fazeres…", "e que meio seria esse?", "olha para esta árvore, vê o fruto que ela dá", "sim, estou vendo, mas ainda assim…", "talvez não pareça saboroso…", e com efeito aqueles frutos de aparência sem graça não pareciam saborosos a Eva. Além do mais havia uma ordem expressa de Deus, que lhes dissera "desta árvore não comereis", e fazê-lo, ou por ser saborosa ou não, ou por permitir a resolução daquele intrincado problema e tornar-se destarte agradável ao companheiro, era coisa que nem sequer lhe ocorria. Havia uma ordem, e se assim era, é porque assim tinha de ser, fim. Mas a Serpente foi mais astuta: "Decerto não morrerás se comeres este fruto, mas poderás ser agradável ao teu companheiro que há de chegar bastante aborrecido, pois me parece que neste exato momento ele acaba de se perder mais uma vez em sua tentativa de chegar a uns lugares novos que avistou, e logo aparecerá por aqui sem nem ao menos saber como fez para voltar", "e será certo que só o provar desse fruto de aparência tão pouco atraente fará com que eu encontre o caminho para esses outros lugares que meu esposo procura com tanto empenho?", "talvez devesses tentar para sabê-lo". Eva enfim deixou-se convencer, "seguirei tua orientação, estranho animal" ela disse, "veremos se dizes a verdade", e provou do fruto, e até mais de um comeu enquanto a Serpente se esgueirava para longe, a fim de apreciar de bom posto o resultado de sua tramóia. Não tardou: Adão, surgindo de entre as árvores próximas, foi ter com ela que, exibindo-lhe o fruto, lho ofereceu. Adão achou que a mulher não procedia bem, mas naquele momento — vede, padre, como são as coisas —, naquele exato momento se deu conta de que sempre que se perdia em suas investigações acabava por chegar ali, naquele mesmo lugar, dando de cara com aquela árvore e seus frutos. "Não estará aqui, afinal, uma resposta?" suspeitou, murmurando-o de si para consigo mesmo, e não recusou a oferta de sua mulher. Por fim ambos havia comido e despertado, não para serem iguais a Deus, nem pela sede de conhecimento como a têm hoje os homens de ciência, não pelo pecado da luxúria, que ambos não reconheciam como pecado, mas simplesmente para… dar um passeio fora do Éden! Prosaico? Lembrai-vos, padre, do que vos disse da vez anterior acerca da queda do homem? Eva foi levada a pecar por ignorância. O que podia aquela sutil mas singela mulher contra os ardis da velha e esperta Serpente? O desejo do pecado — ainda que inconsciente — já existia, porém, em gérmen na mente… adivinha de quem! Ora, não fora Adão o primeiro a intuir, embora como vimos de uma forma rudimentar que ele mesmo não destrinçava, o que viria a ser reconhecido depois como o "dentro" e o "fora", o "aqui no jardim" e o "além do jardim"? Quando a pobre Eva chegou-se a ele com o fruto já mordido, não o primeiro, pois já havia comido alguns, e lhe falou das coisas que a

Serpente lhe havia revelado, Adão compreendeu o que não tinha ainda compreendido: que podia desobedecer… e alcançar a liberdade! Agora, padre, o que pensais que Adão descobriu em seguida?… Sim, o Senhor apareceu, mostrou-se descontente com a desobediência, amaldiçoou sua criatura e a condenou a penar toda sua vida na terra e depois morrer… mas isso não era nada, terrível seria viver eternamente no Éden, vendo de longe lugares a que jamais chegaria pois sempre, sem querer e por mais que o evitasse, metia-se por uma trilha que o devolvia ao meio do Jardim. Então, o que pensais que Adão descobriu em seguida — aquilo de que as Escrituras não falam?

Meu olhar o interrogava, e conquanto tudo aquilo que eu ouvia me parecesse mais uma brincadeira, não deixava de ter um sabor muito especial. Ele continuou:

— Não percebeis? Passado o primeiro momento de embaraço e vergonha e o constrangimento da expulsão do Jardim, Adão descobriu que longe de ter agido mal, acertara em cheio ao desobedecer a seu Senhor, e que longe de castigá-lo, Deus o premiara com a liberdade, ainda que o punisse com a morte. Em outras palavras, a desobediência era mesmo o que o Senhor pretendia, pondo-o à prova, não de uma servidão cega, mas da sua capacidade de fazer uso da razão que Ele lhe concedera. Com o tempo, o fruto proibido adquiriu no entendimento das gentes muitos símbolos: uns o associam aos pecados carnais em suas mais notórias manifestações: a gula, a ira, a ganância, e em especial o desejo libidinoso, a luxúria; outros à sede de conhecimento, que pode levar muitas vezes à perda da alma; a antiga história do Fausto, com quem jamais tive qualquer entrevista — é bom que seja dito —, resume todos esses símbolos; as Escrituras ao falarem da "ciência do Bem e do Mal", que significa apenas saber fazer a distinção entre o que é bom e o que é mau, acabaram criando uma grande confusão. "Ora, se o homem desconhece o conceito de bem, desconhecerá o do mal, embora no Jardim tudo seja obra do bem, e tudo seja bom" este seria o argumento, "e não conhecendo o homem a dor, não fará a distinção entre uma coisa e outra, tudo lhe parecerá natural e como deve ser, não questionará se poderia ser de outra maneira, portanto não conhecerá o mal, não será atraído por ele". (O argumento tem uma falha, pois se é certo que Adão não conhecia a dor, conheceu o tédio, que é uma espécie de desconforto, e por isso quis ter mais do que lhe fora dado.) Mas o fruto proibido, isto é, a "ciência do Bem e do Mal", não deve ser associado apenas às fraquezas da carne e às necessidade do espírito, ou do intelecto, mas a tudo que é humano. O fruto, ao contrário do que disse a Serpente, não tornaria o homem como Deus: torná-lo-ia humano. A vergonha que o primeiro casal sentiu não foi por estar nu — fisicamente nu — na presença do

Senhor. Adão não precisava ter vergonha de sua nudez corporal; afinal, não era seu corpo obra de Deus, e Ele não o conhecia tão bem? Porém, ao falar a Deus Adão diz: "Estou nu", e Adão teve vergonha, mas simplesmente do seu desejo de conhecer o que havia fora dos limites do Jardim, ainda que isso lhe entrasse no bestunto com toda a dificuldade que se possa imaginar. Esse foi o primeiro momento de autocrítica do homem: ali estava o rei da criação em sua completa ignorância, não sabia mais do que os bichos que vinham comer em sua mão, porém mais que os bichos via-se preso no labirinto do Éden. O fruto proibido foi para o homem não só a descoberta de suas próprias possibilidades mas sua libertação, ainda que à custa de sua vida. O resultado disso? É claro que Adão não poderia compreender, nem mesmo suspeitar da extensão de seu ato, mas hoje… Basta dar uma olhada no alcance das conquistas humanas. E tudo isso começou com o simples desejo de fazer um passeio fora do jardim.

Sorriu:

— Eis por que o grande responsável pela queda do homem foi… o próprio homem, e não a pobre da mulher, que acabou, coitada, arcando com as conseqüências.

Olhou para mim, e pareceu mudar de rumo:

— Encantam-me os homens, sacerdote, como deve ser belo e bom ser homem!…

— Já o disse.

— Sim, disse. Disse… perdoai-me, costumo repetir-me às vezes, o que me parece desculpável em face do tempo que tenho à minha disposição… mas é que olhando-vos não posso deixar de reconhecer que Ele fez o homem à Sua imagem e semelhança. Falta a vós, humanos, a imortalidade para vos tornardes como Ele, pois tudo mais tendes… mas digo-vos, não deveis ambicionar mais do que tendes, pois o que há de belo em vós é isso, vossas limitações carnais, que apesar delas — e decerto por elas — sois criaturas tão maravilhosas com vossas paixões e vossas dúvidas, com vossa sede de conhecimento e vossa ignorância, e apesar de vossa ignorância com a imensa capacidade que tendes de descobrir, aprender, e sobretudo criar…

Fez uma pausa, e concluiu:

— Adão teve muitas oportunidades de arrepender-se, mas não se arrependeu. Quereis saber por quê? Talvez pensais que eu me contradigo se refiro que o conhecimento que ele adquiriu foi a compensação alcançada, mas não… O primeiro impulso, a infantil curiosidade do primeiro homem de ver o que havia além do Éden, a simples vontade de fazer um passeio, de sair do labirinto, foi o gérmen de tudo que veio depois e que o próprio Adão gozou, ainda que de uma parcela mínima. Isso não devia

causar surpresa, e por certo não causou surpresa a Ele, e não porque Ele precisasse ser onisciente e antecipasse o que aconteceria, mas porque a criatura era feita à imagem e semelhança do Criador. Não o seria se em si não houvesse essa semente, se com o fôlego que lhe foi soprado essa semente não se instalasse em seu ser para, na hora certa, germinar!

E então calou-se, debruçou-se na janela e ficou olhando para fora.

— Só não compreendo — eu disse após alguns instantes de pausa, instantes durante os quais meditava buscando uma resposta, algo para dizer, pois não era fácil contestar afirmações feitas com tanta segurança, apesar do tom muito sutil de ironia com que falava — o seu intento com tudo isso. Afinal, o que pretende de mim?

Então o visitante voltou-se e sorriu.

— Ora, vós me compreendeis, ou será que não reconheceis dentro de vós o mesmo anseio que o velho pai Adão sentia? Será que não conseguis dar-vos conta de que todas as questões que tendes buscado esclarecer são, à sua maneira, as mesmas que vosso avô remoto se fazia no Jardim e que, após ele, vêm perseguindo a humanidade no decorrer de toda sua história?… Ora, padre, vós também desejais dar um passeio fora do Jardim…

— Vejo que procura confundir-me… não o posso consentir, porém! Não creia que lhe darei ouvidos!

— De que tendes medo, afinal? Acaso pensais que tendes algo a perder ouvindo o que digo? Mas não é o que vinde fazendo desde sempre, desde que ingressastes no seminário?

— O que sabe sobre isso? — eu perguntei, irritado ante aquela nova provocação.

— Sei de toda vossa vida, padre, tendes andado à minha sombra todo o tempo, já não podeis escapar-me… e não o haveríeis de querer! Fazei-o e tereis de renunciar a tudo…

— Calou-se, deixando a frase suspensa como se esperasse uma réplica, mas, aturdido com aquele ataque direto — de repente ele se voltava contra mim, ameaçava-me —, eu me recolhi sem resposta. Ele se calou apenas por um momento e em seguida recordou-me os dias que antecederam minha entrada no seminário, quando eu tentara opor-me à decisão de me fazerem padre, recordou-me também os que se sucederam, e tudo que veio depois… Bem, creio que ainda não lhe contei como me fiz padre. Pois bem, ouça. Você sabe que eu vivi quase toda a vida longe de minha casa. Fui afastado daqui aos seis anos, e por isso nada — nada — aqui me pareceu familiar quando cheguei de regresso… talvez um ou outro cômodo, ou a capela, mas mesmo assim de forma muito diluída… Nunca obtive de meu pai nenhuma explicação sobre os motivos que o levaram a mandar-nos — a mim e aos meus irmãos — para sermos cria-

dos longe por um tutor velho e rabugento e sem recebermos nenhuma notícia da família, a não ser as que ele julgasse convenientes. De minha mãe dizia apenas que sofria dos nervos e tivera de ser internada num sanatório, e quando decidiu fazer-me padre alegou que o fazia para cumprir um sonho dela, pois saber que esse sonho estava encaminhado faria com que ela se alegrasse. Mentiras e mentiras que me obrigaram a engolir, mas eu era um menino e o tempo fez-me esquecer muitas coisas, até de como era minha mãe, e sabê-la louca pouco me importava; satisfazer-lhe uma vontade, mesmo que com isso ela pudesse recuperar-se de seu mal, não representava muito para mim. A verdade dos fatos nunca ficou clara, e o primo Edgar, quando passamos a tratar dos nossos assuntos através de cartas, cartas essas de resto não muito freqüentes, respondendo às minhas indagações não me disse muita coisa… mas isso tampouco importa agora. Devo esclarecer apenas que por época de meu ingresso no seminário meu pai já havia adoecido, caíra de cama vítima dum mal que o deixara prostrado pelos anos que lhe restavam, como soube depois, e do qual eu e meus irmãos tínhamos apenas umas informações esparsas. "O pai de vocês está doente e não quer ser incomodado com as más notícias de suas traquinagens" dizia nosso tutor vez por outra, sem acrescentar outras explicações; se perguntávamos do que ele padecia, se era grave, se iríamos visitá-lo, respondia com secura que não e que o mais não era da nossa conta, "as ordens dele são para que se preocupem apenas com seus estudos" e virava-nos as costas, encerrando o assunto. Enviado para longe de casa, vivi até quase os treze anos em companhia dos meus irmãos e do velho que nos servia de tutor. Estudávamos em casa, com professores particulares que nos ensinavam o Português, a Matemática, a História, a Geografia, um pouco de duas ou três línguas européias e nos falavam de religião às terças, quintas e sábados para que aos domingos estivéssemos na missa bem cientes de nosso papel. Meus irmãos e eu não éramos nada bem comportados, e eu quando soube que queriam fazer-me padre, revoltei-me. Não e não!, eu dizia, jamais seria padre, que se danasse minha mãe com sua doença, o que valia era minha vontade. Eu era uma criança muito viva, conhecia o conceito de vocação religiosa — afinal, tínhamos aulas de religião três vezes por semana! —, daí a certeza de que a minha era qualquer outra, menos a batina. Já havia completado doze anos quando passei a fugir de casa com certa regularidade deixando meu tutor louco de raiva e preocupação, mais ainda porque engendrei ir esconder-me num dos prostíbulos da cidade — havia algumas casas desse tipo nos bairros mais afastados e mal freqüentados, mas sem saber por quê escolhi uma em especial onde fui refugiar-me em diversas ocasiões. Na minha primeira fuga, ao entrar "naquela casa" já era muito tarde, de madrugada, e as mulhe-

res encerravam sua noite de trabalho. Fui acolhido com susto e surpresa para, em seguida, descobrir entre elas um carinho que não havia conhecido ainda, ou que talvez conhecera na infância através de minha mãe, mas do qual não me recordava. Eu lhes contei o que queriam fazer comigo, e elas me trataram como uma coisa nova. Pela preocupação que sem mais nem menos lhes causava havia uma compensação: a alegria de poderem tratar com uma criança — eu ainda era criança aos doze anos, e pior, uma criança que lhes parecia vítima de triste conspiração —, coisa que devia ser incomum para elas em razão da vida que levavam. Meu tutor não descobriu logo minhas fugas, pois eu tratava de voltar para casa antes que ele se levantasse e pudesse dar por minha falta, e meus irmãos sabiam calar-se. Um dia, porém, cheguei muito tarde e não pude evitar que me visse entrando sorrateiro feito um ladrão pelos fundos. Fui inquirido mas mantive-me firme numa mentira: perdera o sono de madrugada e resolvera fazer um passeio pela rua, antes de o Sol nascer. Minha mentira não convenceu e peguei uma semana de castigo, sem poder deixar meu quarto, apesar da promessa de que se relatasse a verdade não sofreria punição. Bem, é claro que durante aquela semana apenas na primeira noite não saí. O velho passava a chave na porta para assegurar-se de que eu permaneceria dentro do quarto e incumbia meus irmãos de vigiar-me, coisa que, diga-se de passagem, eles não faziam e ainda me avisavam para tomar cuidado com minhas fugas. O velho, contudo, esqueceu-se da janela: não o culpo, como ele poderia imaginar que eu descobriria um meio de descer até o chão, apesar de minha janela estar no segundo pavimento da casa e para fazê-lo eu corresse o risco de quebrar o pescoço? Quase todas as noites eu ia "àquele lugar" onde as mulheres me tratavam como filho, filho que se dividia entre elas para gozar seu carinho de mães por acaso, mães de mentirinha, mães que não o seriam de ninguém mais quando eu partisse… Durante vários meses fugi à noite, não todas as noites, está visto, indo para lá… Nenhuma ousou deitar-se comigo, iniciar-me, fazer-me homem, não sei se por ver em mim o filho que não teriam ou por saber-me prometido à Igreja: apesar da vida que escolheram, tinham um senso muito agudo de religiosidade, embora os conceitos de pecado que conheciam fossem de certa forma muito pessoais e restritos. Mas houve uma, certa noite, que resolveu arriscar-se. Depois disso não a pude esquecer, sempre me lembro daquela mulher sem beleza mas cheia de uma ternura imensa que me envolveu com seus braços maternais e me levou para seu leito não de mãe, mas de mulher. Era jovem ainda, miúda de corpo, tinha os cabelos bem pretos e longos com que fazia uma trança volumosa, e os olhos grandes e puros… essa foi a impressão que me causou, pois a vi nua na penumbra do quarto onde, num canto, ardia uma vela, e seu rosto quase

não se revelava a mim no momento em que se sentou ao meu lado. Ela me pôs nu também e eu me assustei muito, pois ainda que soubesse que num prostíbulo os homens iam para fazer "certas coisas" com mulheres, eu não tinha bem idéia do que fosse e de como fosse. Ela foi se achegando para mim enquanto desfazia a trança e deixava o cabelo cair pelo peito, cobrindo os seios — já maduros mas de qualquer forma belos para mim e cuja imagem ainda hoje relembra-me uma impressão de doce sensualidade —; fez-me reclinar em seu colo e beijar os biquinhos rosados enquanto corria as unhas por minha coxa, meu ventre… Ela me ensinou o que deveria fazer e, desajeitado, eu fiz, ou pelo menos tentei, deliciado e medroso, querendo que aquilo não mais se acabasse… Pouco a pouco fui me tornando mais experiente e ousado, e aquela mulherzinha morena, noite após noite, fez-me conhecer seu corpo e aquilo de que ele carecia sem negligenciar meus próprios anseios, propiciando-me prazeres indescritíveis enquanto gemia junto ao meu ouvido nomes feios ao mesmo tempo que expressões de carinho maternal, confundindo-me, enternecendo-me e cada vez mais excitando-me… até uma noite em que meu tutor apareceu de chicote em punho e nos lanhou os corpos sem piedade. Eu fora descoberto! Dois dias depois ingressei no seminário, cheio de ódio e de lembranças carnais — lembranças de uma coisa que eu não sabia se teria outra vez, mas que me excitava mais porque se tornara algo proibido, e mais ainda proibido ali, no seio da religião. Foi decerto com pesar que aquelas mulheres me viram partir para sempre de suas vidas. Haviam gostado de mim, exceto a que me iniciara, como de um filho… e agora perdiam-me. Perdiam-me, ou eu as perdia? Eu as perdia! Perdi muita coisa então… já havia perdido muito… Cheguei ao seminário com escuro, tudo fora resolvido às pressas em razão de minha rebeldia, e fui atirado num quartinho de improviso onde passei mal a noite, pouco conseguindo cochilar e só esperando o dia amanhecer para vingar-me do mundo — é verdade: jurava a mim mesmo vingar-me do mundo na manhã seguinte! Pela manhã, porém, um padre gordo e de meia idade veio apanhar-me no quartinho e conduziu-me ao refeitório onde outros meninos — alguns mais novos que eu, outros já quase rapazes — me olharam com curiosidade. Depois do desjejum o mesmo padre levou-me ao dormitório dizendo-me que a partir de então eu dormiria com os outros, arrastou-me até uma janela mostrando-me um muro muito alto e dizendo que "daqui meninos não podem fugir", e em seguida levou-me para a sala de aula. Meu aprendizado começou. No começo desejei contestar tudo que era dito pelo professor, subir na cadeira e dizer que não acreditava naquelas histórias de santos e mártires, que queira ir embora, iniciar *"minha vingança contra o mundo"*, mas faltou-me coragem. Meu primeiro preceptor foi um padre já idoso de fala muito

branda, e a bondade que emanava de seu rosto calou-me, pelo menos por momentos, a raiva. Ao fim da manhã, terminado o primeiro período de aulas, um outro padre nos conduziu até a capela para que rezássemos à Virgem, e como esse outro não me inspirasse muita simpatia, o ímpeto de atacar algo ou alguém sobreveio; ajoelhamo-nos diante do altar e nos pusemos a rezar, mas eu, está claro, não rezei coisa nenhuma, pelo contrário, abri os olhos e fiquei contemplando a imagem da santa a cujos pés havia círios acesos e um jarro de flores murchas. Era uma imagem grande com um lindo manto de veludo cor do céu bordado em ouro, e no rosto, ainda que sem expressão, uma doce serenidade, como costumam ser retratadas as santas. Então tive uma idéia perversa: dei uma cotovelada no menino ao meu lado, ele me olhou e eu apontei para a santa. "Está vendo?" cochichei, e ele fez que sim com a cabeça. "Quem é ela?" eu perguntei, mesmo sabendo de quem se tratava, "é a Virgem, a mãe de Nosso Senhor" ele disse, "você não sabia?", "é que se parece com outra pessoa", "outra pessoa? Quem?", "a prostituta com quem eu dormia antes de vir para cá". Ele arregalou muito os olhos, benzeu-se e voltou a rezar, enquanto dentro de mim eu me ria e novas idéias brotavam aos borbotões… Bem, estava decidido: eu iria ficar mesmo ali, não tinha outro jeito, mas que me suportassem!…

O Cardeal recostou-se na cadeira, reclinando a cabeça no encosto alto, e fechou os olhos por alguns segundos. O rosto agora sereno, parecia descansar da longa dissertação. Suspirou. Em seguida, retomou a narrativa.

— Com o tempo eu me acostumei ao seminário, comecei mesmo a tomar um certo gosto, mas a verdade é que nos primeiros tempos, ainda adolescente, eu criei verdadeiros rebuliços, infernizei a vida dos professores e, com a aprovação de meu tutor (que em minha presença disse aos padres que fossem rigorosos comigo, pois isso haveria de contribuir para minha formação), passei noites e noites numa espécie de "solitária" para alunos rebeldes. A "solitária" era uma cela escura para onde algum aluno que cometesse uma falta mais grave era levado. Dependendo da gravidade da falta, poderia ficar lá até duas semanas sem contato com ninguém, apenas recebendo as refeições diárias, levadas por um padre ranzinza proibido de trocar palavra com o "preso". Lá estive diversas vezes, e em algumas a punição fora a máxima: lembro-me de duas ocasiões em que fiquei confinado por duas semanas a fio, e em ambas, quando saí não tive licença nem para um banho: fora levado direto para a sala de aula onde os outros meninos viravam a cara com nojo, pois na cela escura havia piolhos e como tivesse de aliviar-me num canto, acabava sujando a roupa e a fedentina era insuportável. Mas esse período passou, e à medida que me fazia adulto meu comportamento mudou. Se

causei reboliço entre os alunos, se conquistei a antipatia dos professores; com minha inteligência — as notas altas, as redações bem escritas e sempre abordando com muita propriedade qualquer tema da religião, ou mesmo das ciências humanas e exatas — despertei simpatias, e não tardou que todos passassem a ter-me em consideração. Chegou um tempo em que o garoto rebelde não existia mais, os elogios com que me distinguiam faziam meu velho tutor exclamar, comovido como se eu fosse seu filho: "O sábio Salomão já dizia: 'a estultícia está ligada ao coração do menino, mas a vara da correção a afugentará dele'!", e foi a um jovem seminarista brilhante que o velho tutor levou a boa-nova certo dia: "Seus professores, meu rapaz, estão muito satisfeitos com o desempenho que demonstrou, e atendendo a uma sugestão destes tomei uma decisão a seu respeito, sendo que seu pai, mesmo doente…" e aqui fez uma pausa, voltando-se para o padre superior com uma cara de consternação: "muito mal o pobre homem, senhor superior, crê-se que não se levanta mais, embora esteja ainda lúcido", e de novo para mim: "pois bem, meu filho, tomei uma decisão e a notifiquei a seu pai, que a aprovou sem reservas: você irá à Europa estudar", "Europa?!" exclamei sem saber ainda se aquilo seria bom ou mau para mim, se tal notícia deveria alegrar-me ou aborrecer-me, "Europa sim, ora, por que não!" e cochichando-me com cumplicidade: "O berço da Igreja: Roma, que acha?" e apertava-me a mão com alegria. Assim fui ter em Roma, não tinha ainda dezessete anos. Ora, veja, meus irmãos haviam desaparecido de casa pouco depois de minha ida para o seminário e não se soube mais deles. Meu tutor quase desesperou, empreendeu buscas inúteis, envelheceu anos naqueles poucos meses, aparecia no seminário para visitar-me marcado pelas olheiras, pelas noites sem dormir, e tanto mais pesaroso por ter omitido o acontecimento a meu pai, que, longe dali, agonizava. "Como vou contar ao pobre homem?" lamuriava-se o velho sentado ao meu lado de cabeça baixa, cabendo a mim consolá-lo e aconselhá-lo, "não conte nada" eu dizia, "ele não precisa saber… por enquanto" e meu tutor balançava a cabeça sem saber que atitude tomar. O infeliz protelou o quanto pôde a revelação do acontecido, e só se decidiu a falar quando soube através de uma carta enviada por Edgar que a saúde de meu pai havia se agravado ainda mais, tendo este, mesmo à beira da morte, adotado a providência de deixar-me em testamento todos os seus bens, entre os quais esta propriedade, que foi preservada, e diversas outras, que o meu tutor se incumbiu de vender o quanto antes, além de uma grande reserva bancária e em barras de ouro. Eu tinha dezenove anos quando ele morreu, e tão logo ordenei-me lancei mão da herança — uma grande fortuna, diga-se de passagem, que eu administrei com tino e que me abriu muitas portas, como já referi. Meu tutor faleceu

dois ou três anos mais tarde sem que voltássemos a nos ver, mas vez por outra recebia correspondência sua na qual alinhavava com enfadonha minúcia uma enfiada de conselhos, que eu às vezes passava por alto, e concluía pedindo que eu sempre me lembrasse dele em minhas orações. Pobre velho… Não posso dizer que não rezei uma missa em intenção de sua alma: rezei, e muito bem rezada, por sinal!… Bem, em linhas gerais, esse foi o começo de minha vida, começo tortuoso que o diabo lançou-me em rosto naquela noite, e ainda que eu o contestasse, ele sempre dispunha de uma réplica convincente para os meus argumentos.

O Cardeal fez uma pausa e em seguida aludiu a certa incompletude de sua narrativa e aparentes contradições que surgiam de seu discurso, "eu deixei algumas lacunas nesta história" conforme suas próprias palavras, mostrando-se mesmo lisonjeiro, "e se aprendi alguma coisa a seu respeito, meu jovem primo, é que você nada tem de tolo, por isso presumo que tenha uma ou duas perguntas a fazer, não as fazendo acaso por timidez", e chamou-me a atenção para elas, sendo a primeira se também não descrera do outro senhor, pois, conforme havia dito há muito tempo deixara de crer num deles; e a segunda, se sendo ele como eu devia julgar que fosse, enfim, como eu podia concluir dos traços de seu caráter depois daqueles meses de convívio, se, portanto, sendo ele como era, havia tido em alguma época ou teria ainda preocupações teológicas, como crer ou não crer, e se isso seria capaz de atormentá-lo a ponto de… "enfim, a ponto de fazer o que você me viu fazendo aquela madrugada, isto é, ajoelhar-me diante de ambos à procura da certeza".

Na verdade eu havia, sim, pensado nisso (não de forma clara, mas intuitiva, quanto à segunda questão; a primeira porém ocorrendo-me logo após nosso primeiro encontro na biblioteca, enquanto permanecia na cama sem dormir), e o confirmei com um aceno de cabeça.

Seria necessário começar pela segunda pergunta, embora a explicação não seja direta e exija uma compreensão panorâmica do caso, pois dela adviria uma resposta conseqüente à primeira.

Ele me havia dito que se acostumara ao seminário, tornando-se em pouco um aluno brilhante, e conquanto no início persistisse na sua intenção de vingar-se do mundo, tumultuando a vida de mestres e alunos, seguiu-se esse período em que o adolescente se transforma no homem e, devido a uma mente aguçada e uma inteligência superior, principia por considerar não apenas infantis mas tolas certas atitudes de rebeldia, dando-se conta além disso de que só teria a ganhar quanto melhor se comportasse, quanto mais em função dessa mesma inteligência que pouco a pouco se evidenciava. O Cardeal fora educado através de um sistema bastante rigoroso de aulas particulares diárias, entre as quais de religião três ou quatro vezes por semana, o que seria suficiente para des-

pertar nele um certo sentimento religioso, um princípio de crença que viria a reforçar-se no seminário, de forma que se por um lado estranhava a rotina daquela nova casa, por outro as lições tinham seu ar de familiaridade. Essa seria uma explicação para o fato de o episódio com aquela moça no bordel não ter conseqüências duradouras, sendo se não esquecido, pelo menos deixado de lado em algum tempo — isso, claro, não por uma noção excessiva de religiosidade que o levasse a abominar o adultério ou a prostituição como algo vil aos olhos de Deus, como lhe era ensinado; passava-se, segundo seu próprio entendimento, que vencia as tentações da carne (pelo menos então, mas não no futuro, como veremos) a agudeza e, por que não dizer, a supremacia do espírito, ou, melhor dizendo, do intelecto (o que não bastaria para preocupar-se apenas com as questões puramente espirituais, por exemplo, questionando-se se muitas de suas atitudes não seriam ilícitas e não acarretariam sérios riscos para sua alma). Assim, teria sido a força de tantas rezas, missas, preleções e tudo mais que conheceu no seminário que lhe veio o gosto se não pela vida monástica, pelo menos pelo assunto; com o gosto, o interesse, e com isso o aprofundamento nos estudos, os debates com os professores, e a descoberta de sua capacidade de esmiuçar um assunto lançando sobre ele luzes inesperadas, se nem sempre exatas, pelo menos instigantes o suficiente para que a ele recorressem muitas vezes até os mais antigos e experientes nas questões de fé. A fé para esse jovem de dezoito ou dezenove anos não teria um caráter místico mas dogmático, conquanto não deixasse de lado questões profundas como a da natureza da divindade, de sua existência e das provas de que se valiam filósofos e eclesiásticos para defendê-la, das razões de ser nesse mundo, do valor e do propósito da vida, e assim por diante. Dessa forma viu-se um dia questionando-se sobre Deus — mas ao dizer que há muito deixara de crer num daqueles senhores, não falara com clareza, primeiro quanto à altura de sua vida em que isso ocorrera, sendo certo que se dera num processo bastante gradual ao longo dos anos, cujo gérmen existia desde sua juventude; e segundo quanto à natureza dessa descrença, pois na verdade não deixara de crer na existência de Deus, mas naquilo que se ensina sobre Ele, e o que indagava de si mesmo era se Deus seria bom como constava das Escrituras, se estaria sempre presente ou se não passaria de uma entidade ausente e desinteressada, ou perversa, tão perversa quanto seu adversário.

— Apesar do sacrifício do filho dEle? — eu perguntei a essa altura de seu discurso.

— Apesar disso — ele disse sem encarar-me.

As Escrituras afirmavam que o amor de Deus pelo homem fora tal que deu seu filho em sacrifício, e desse sacrifício que dúvida podia res-

tar? Descrer da bondade de Deus — e isso, apesar da minha fé oscilante, incomodava-me a tal ponto que era necessário fazer um esforço sobre mim mesmo para que as lágrimas não me molhassem o rosto, revelando-se dessa forma meu estado de espírito — seria descrer de tudo mais, inclusive do sacrifício de Cristo pelo homem, que dessa forma se impunha como auto-contraditório. Não, tal idéia era-me não só intolerável como incompreensível num homem que, apesar dos pesares, conhecia a Palavra; mas como não fizesse qualquer comentário, o Cardeal continuou: sim, duvidara também do outro senhor, já não da mesma forma, questionando-se se este seria mesmo o senhor da maldade como se questionara acerca de Deus como o senhor da bondade.

— Não — ele disse —, eu duvidei, nesse caso, de sua existência.

Pensei em perguntar, então, se duvidara mesmo tendo-o ele visitado duas vezes, mas contive-me, tolhido pela timidez que vez por outra impedia-me de estar mais à vontade em sua presença. O Cardeal, no entanto, pareceu adivinhar meu pensamento:

— Ter-me-ia ele visitado mesmo duas vezes? — perguntou em seguida a uma pausa, durante a qual concentrara-se franzindo a testa e fungando o enorme nariz de rinoceronte. — Como eu poderia ter certeza, depois do que vou lhe contar?… Pois naquela noite, diante de sua provocação acerca de eu ter andado sempre à sua sombra e não poder mais escapar-lhe, eu respondi, fingindo uma convicção que não tinha:

— Eu posso ter tido dúvidas, posso tê-las ainda, mas isso não significa que eu não creia na Igreja!

Ele voltara a olhar pela janela, mas ouvindo minha afirmação virou-se para mim.

— Acredito no que dizeis, padre — disse após um instante de suspense, como se com isso quisesse causar mais impacto com suas palavras, pronunciadas numa inflexão quase doce. — Sei o quanto abraçais a vossa fé: tendes, com efeito, sido meu servo mais fiel e não estou duvidando de vossas palavras, por isso concedi apresentar-me a vós, falar-vos de coisas que sempre desejáveis ouvir.

Uma grande ira cresceu dentro de mim ao ouvi-lo torcer daquela maneira o sentido de minhas palavras (ao mesmo tempo que me lembrava de que em sua visita anterior afirmara ser a Igreja de Roma não dEle, mas *sua*), e estou certo de que ele percebeu essa ira no meu gesto de altear o peito, soerguer-me um pouco na cama e apontar-lhe o dedo enquanto lançava-lhe em rosto, num gesto teatral e mesmo ridículo:

— É na verdade o pai da mentira, e não terá lugar junto a mim! — mas ele me cortou com tranqüilidade:

— É hora de ir, padre, mas por último deixar-vos-ei um enigma, um enigma para o qual deveis buscar a resposta, o que sem dúvida será um

interessante passatempo — e sorriu, amistoso. Sua maneira de cortar meu protesto desconcertou-me, era como se não tivesse percebido minha indignação, ou não fizesse caso dela. — Ei-lo — continuou, e numa voz pausada e firme: — *"Quando o anjo estiver à sombra da árvore que há no meio do jardim, e sorrir, mostrará a cárie dos seus dentes."*

O enigma atiçou-me a curiosidade, instigou-me a pensar, não apenas numa solução mas também acerca do que conversáramos, acerca de tudo que ficara subentendido nesses diálogos. Isso foi depois: na hora, fingi não dar importância e voltei à carga:

— Não há de seduzir-me! — exclamei. — Repito: não lhe darei ouvidos! Percebo em suas palavras apenas blasfêmias e escárnio contra as coisas da Fé, mas não serei contaminado por elas pois é firmado na Igreja que abracei — na casa construída sobre a rocha! — que encontro forças! — Eu me exaltava, acreditando naquele momento nas afirmações que proferia; tinha como certa minha fé, até convencia-me de minha conduta "muito correta", apesar de então já se ter instalado em meu coração a dúvida, que pouco a pouco iria crescer. Não esperava dele a reação que teve, uma vez que até então se portara com brandura em palavras e atitudes, valendo-se às vezes também de uma sutil ironia. Penso que foi minha última frase que o irritou: — Também não O tentou no deserto? e teve por acaso força sobre Ele?

É claro que tais palavras e a entonação com que as pronunciei foram ainda mais teatrais e ridículas, eu parecia estar num palco!, do que não me dei conta de imediato, não percebendo também a grande tolice que acabei proferindo. Ele, porém, voltou-se para mim num ímpeto; só então pude ver-lhe um traço de maldade no rosto de burguês aposentado, um lampejo de ódio brilhou em seus olhos, e percebi que despertara seu furor.

— Estúpido! — exaltou-se. Estremeci ante a perspectiva do que pudesse fazer contra mim, mas não tive reação pois sua ira pegara-me de surpresa. Falou de atropelo, vibrando no entanto em sua voz todo o impulso de uma fúria contida que eu desconhecia e me assombrava, mas que depois, bem pensado, e por risível que pareça, fazia lembrar a de um velho tio enfurecido com alguma imperdoável traquinada do sobrinho travesso; chegou a ficar vermelho e a lançar perdigotos, pareceu até que ia ter um acesso de tosse: — Homem reles e miserável! Quem pensais que sois para vos comparardes a Ele, que, não fosse Sua vontade, mesmo o deserto estaria fechado para mim? Não cogitais, desgraçado, no imenso disparate que acabais de vomitar por vossa boca? E como pensais enganar-me com essa falsa postura de repúdio ao que vos estou revelando? Que Igreja é essa em que vos firmais e

que tão prontamente sucumbiu à terceira tentação?[6] A mesma que cobrou indulgências fazendo loas ao ouro e inventou um purgatório pelo temor do Inferno e a dubieza em seguir as leis dEle? A mesma que armou os Cruzados em campanhas sangrentas de saque e assassínio apenas pela sede de poder? A mesma que usou o nome dEle para queimar inocentes nos tribunais do Santo Ofício? Não sabeis, acaso, que eu dançava e ria com os meus exércitos ao calor das fogueiras da Inquisição porque sabia que os inocentes eram arrebatados ao Céu, mas os juízes e algozes em breve estariam comigo em meu reino? Sabeis quantos bispos, cardeais e papas, quantos inquisidores queimam agora no fogo do Inferno?

Fez uma pausa enfurecida, seus lábios tremiam, parecia apoplético, fuzilou-me com os olhos e prosseguiu:

— Ignorais acaso que tenho mais poder na unha do meu dedo mínimo que toda a raça humana junta com seus engenhos e sua medíocre ciência? Não sabeis que basta que eu mova a mão para transformar esta cidade em que viveis e a "rocha em que vos firmais" num lodaçal escaldante? Tendes idéia do que vos posso fazer, a vós, monte de banha e merda? (Devo esclarecer que eu já era bem gordinho à época.)

A cada palavra sua sentia-me gelar de pavor. Instintivamente estiquei a mão para a mesinha de cabeceira tentando encontrar nela algo com que pudesse me defender, caso ele avançasse para mim. Costumava deixar sobre a mesinha uma pesada bola de vidro que usava para prender papéis; meus dedos esbarraram na bola e eu a agarrei. Mas ele percebeu meu gesto e soltou uma risada:

— Ides atacar-me com essa bola, padre? Muito valente de vossa parte! — e avançou para mim, decidido. Não sei como consegui reagir: ergui a bola e atirei-a contra ele. Tudo foi muito rápido: com uma nova gargalhada de deboche eu o vi diluir-se no ar, enquanto a bola de vidro atravessava seu corpo de névoa e ia espatifar-se de encontro a parede, semeando cacos de vidro por todo o quarto. Creio que nesse momento perdi os sentidos.

O Cardeal encarou-me com um sorriso sutil. Pensei que tivesse terminado de falar.

— O que pensa? — ele perguntou então.

— Penso que ele sabia que o senhor o esperava, mas irritou-se quando quis por força demonstrar o contrário.

— Pensa que era mesmo… *ele*?

---

[6] No Evangelho de São Mateus a terceira tentação é a concessão dos reinos da Terra em troca da adoração a satanás. As tentações são brevemente referidas no Evangelho de São Marcos mas não no de São João. No Evangelho de São Lucas ela aparece como a segunda.

— Penso que sim — respondi com firmeza —, pois ele já havia aparecido uma vez…

Vi o Cardeal mover a cabeça sempre a sorrir, fechar o livro e levantar-se. Deu volta à mesa e caminhou com alguma agilidade até a janela. Ergueu a vidraça e projetou o corpo para fora, tentando enxergar alguma coisa no escuro. Em seguida recolheu-se, mas continuou junto à janela, espiando a noite.

— Quando olho por uma janela à noite, costumo ter a impressão de que ele está ao meu lado, e às vezes fico esperando para ouvir sua voz… Vêm-me à lembrança os nossos encontros, as palavras que me disse soam-me outra vez nos ouvidos, sedutoras… e o enigma proposto ainda martela-me a mente à procura de uma resposta…

O Cardeal afastou-se da janela e veio para junto de mim.

— No dia seguinte, quando acordei, adivinha o que eu vi?… Intacta, em cima da mesinha de cabeceira, a bola de vidro que na noite anterior eu atirara contra ele e pensara ter-se espatifado contra a parede.

Não houve tempo, contudo, para que eu dissesse qualquer coisa: um ruído muito leve de passos embaixo, no quintal, chamou a atenção do Cardeal, que ergueu a cabeça e rápido correu de novo até a janela. Curvou-se bastante para fora, reclinando-se sobre o peitoril; espiou dentro da escuridão, mas não viu ninguém.

— Estranho — ele disse.

— O que é estranho? — eu perguntei.

— Ontem, após você sair… e hoje, agora… o mesmo ruído de alguém que com alguma pressa se afastasse pelo quintal… como se estivesse à espreita, ouvindo o que dizíamos. Ontem, como agora, fiquei olhando pela janela mas não vi ninguém… enfim, não tem importância. Pode ir agora, vá dormir, que já é tarde.

A Menina Vestida de Sol

"Depois, por súbito silêncio tomadas,
Vão em fantasia perseguindo
A criança-sonho em sua jornada (…)
Foi assim que, bem devagar,
O País das Maravilhas foi urdido (…)
Alice, recebe esse conto de fadas
E guarda-o com mão delicada."
(**Lewis Carroll** — *Poema a Alice [Alice no País das Maravilhas]*)

A partir daqueles dias o Cardeal passou a apresentar um comportamento cada vez mais alterado.

Creio já ter falado bastante acerca de seu caráter, desde as primeiras impressões colhidas na noite de sua chegada até os acessos de desvario que lhe surpreendi na capela quando se ajoelhou diante das imagens de Cristo e do diabo; mas não é demais recordar aqui alguns aspectos desse caráter para melhor compreendermos o processo de transformação que o levou até onde veremos: o Cardeal se mostrou autoritário desde o começo, despejando de seus alojamentos na casa a negra Rufina, com quem antipatizara à primeira vista, e o administrador Florêncio; exigente com a comida, determinou que seu criado particular — poucas vezes mencionado por não ter qualquer influência no desenrolar dos acontecimentos — inspecionasse a cozinha e as panelas; e bastante intransigente à mesa, observou normas de etiqueta incabíveis ali, determinando de início que eu não faltasse às refeições e que uma das negras (de preferência Rufina, a toda hora premiada com seus olhares reprovadores) estivesse sempre a postos no cômodo vizinho para atender ao chamado de sua campainha; no mais, sua frieza no trato com todos — comigo não fugindo muito à regra — era habitual. Enfim, todos tínhamos medo dele, e ainda que nenhum indício em particular justificasse esse medo, acredito que ele provinha de algo como um sexto sentido que nos parecia avisar do perigo. Maiores cuidados demonstrava com sua pupila (que eu me acostumara a chamar comigo mesmo de a Menina Vestida de Sol), e não me poupava ironias ao descobrir o quanto fora afetado por sua beleza. Cheguei mesmo a cogitar acerca de a porta extra que mandara erguer a fim de isolar seus aposentos não se tratar apenas duma precaução, mesmo que ela fosse sua filha e ele a desejasse preservar, mas duma

forma de provocar-me (como veremos, essa suspeita não era de todo desprovida de fundamento).

Mas com o passar dos dias — já fazia quase cinco meses que chegara (era maio, então) — esse caráter expansivo e autoritário foi se modificando, a ponto de estar ultimamente transformado: nos dias que sucederam às nossas entrevistas na biblioteca, quando me falou dos seus encontros (ou sonhos) com o diabo, o Cardeal tornou-se um homem arredio e taciturno, como se dominado por uma idéia fixa que o levava a isolar-se a maior parte do tempo na biblioteca, lendo uns livros estranhos e muito antigos cujos títulos eu mal e mal discernia duma olhada rápida — pois ao entrar ali para apanhar algum dos volumes que pertenciam à casa passava longe da mesa e saía logo em seguida —, percebendo porém que eram títulos estrangeiros. (Devo acrescentar que, transcorridas as primeiras semanas de euforia dos papa-missas da aldeia com a proximidade de tão importante autoridade eclesiástica, o Cardeal abandonou a igreja, e quanto aos fiéis, decerto compreendiam que homem tão importante não poderia ocupar todo o seu tempo com um rebanho pequeno como aquele, com quantos afazeres e compromissos a preocupá-lo!, quem sabe mesmo uma elevada missão espiritual naquele retiro, e a isso ouvi padre Elpídio aludir numa de suas visitas, no que foi confirmado pelo Cardeal que manifestou de forma clara e direta — ainda que repassada de uma cortesia falsa — "a intenção de manter-me recluso, isolado, para melhor entregar-me à contemplação dos desígnios divinos". O pároco pareceu maravilhado com essa declaração, assentiu em silêncio como se tais palavras tivessem sido pronunciadas por um dos santos cuja vida aprendera a imitar no seminário; mas depois do caso da extrema-unção, ao se dar conta de quem na verdade era o alto dignatário por quem tivera de início tanta admiração e reverência, tomou-lhe um tal pavor que não pôs mais os pés nas Oliveiras. Assim ficamos distantes de Pilar e livres de interferências de fora, o que parecia ótimo para meu primo sacerdote, pelo que suponho, mas não para mim, que na verdade ficara sozinho — do que só me apercebi, porém, à medida que a situação na casa foi se agravando.)

A monomania que parecia dominar o Cardeal deixava-o ora tenso e carrancudo, ora ausente, distante como se em seu corpo já não habitasse um espírito, e não raro podia ser visto com o olhar parado a refletir no motivo de sua preocupação, e nesses momentos não dava — ou parecia não dar — pela presença de quem quer que estivesse à sua volta.

Eu não atinava com as causas daquilo, e era propenso a crer que não seria apenas o conflito entre a fé e a descrença a atormentá-lo, diga-se de passagem desde muito tempo e que decerto não teria mais tão decisiva influência em seu estado de ânimo: parecia-me fora de dúvida que

havia algo mais terrível perturbando-lhe o espírito. Após as transformações que se operaram nele, já não fazia questão de minha presença à mesa à hora das refeições, nem dirigia aos serviçais as admoestações de costume. Lembra-me, contudo, por duas ou três vezes ter-lhe apanhado o olhar na direção de Rufina quando esta, após atendê-lo, afastava-se, indo para a sala vizinha onde devia permanecer à espera. Não era um olhar qualquer, nem mesmo um olhar de reprovação por não atender, acaso, uma ordem sua a contento; esses olhares que eu não compreendia tinham algo de obsessivo e perverso, e se eu pudesse ao menos imaginar o que tinha em mente nesses momentos, tê-la-ia alertado e mandado que partisse, fugisse dali o quanto antes.

Havia ainda uma outra preocupação que me desassossegava e impedia de deter-me mais a fundo em outros assuntos: a filha do Cardeal, a Menina Vestida de Sol. Embora o Cardeal ainda a mantivesse sob a mesma obcecada vigilância, havia deixado de fazer suas insinuações irônicas e maldosas sobre meu interesse por ela — interesse ao qual eu nunca fizera alusão, mas que ele julgara perceber e tinha como certo —, o que me punha ao mesmo tempo mais à vontade, já que não precisava esquivar-me dele a todo momento, e também mais arrojado: parecia-me plausível então meu plano de subir até a varanda e ir espiar pelo buraco da fechadura de seu quarto.

O que se passou a seguir é porém tão inverossímil, que apenas farei o registro para ser fiel aos fatos, sabendo de antemão o risco de cair no ridículo.

Haviam-se transcorrido várias semanas após meu segundo encontro com o Cardeal na biblioteca, e depois de muita hesitação decidi que deveria pôr em prática o plano inicial de subir à varanda, e para isso certa noite permaneci acordado até as onze horas. Antes de descer, como de costume, pela escada do salão de festas, passei pelo corredor e não ouvi nenhum barulho que indicasse haver alguém mais acordado na casa. Meus receios, apesar da decisão tomada, eram constantes, e é certo que em momento algum eu esperava ser bem sucedido no meu plano, ainda que, também, não estivesse pessimista. Eu não pensava em sucesso ou fracasso, e embora fracasso para mim significasse ser surpreendido pelo Cardeal, não saberia definir o que seria sucesso.

Descendo, contornei a casa e fui colocar-me sob a janela da pupila, onde avistei uma luz escassa — o que me tranqüilizou: o Cardeal não estava com ela. Por certo dormia àquela hora, e embora a menina também estivesse dormindo (por que não estaria?), se eu subisse à varanda e espiasse pela fechadura poderia vê-la em sua cama. Não teria, eu supunha, nenhuma visão maravilhosa: avistaria apenas um braço aparecendo sob as cobertas, ou os cabelos espalhados no travesseiro; o rosto talvez

não estivesse visível e, enfim, era possível que eu só percebesse o volume de seu corpo sob as cobertas, mas isso para mim já seria bastante: a simples visão, mesmo que distante, da doce intimidade de seu sono servir-me-ia de inspiração, far-me-ia sonhar por muitos dias. Está visto que não me passava pela cabeça, p. ex., que a porta do quarto pudesse estar destrancada e, com isso, eu pudesse entrar e aproximar-me do leito, observá-la mais de perto e até — numa atitude de maior temeridade — sentar-me ao seu lado e descobrir-lhe o rosto — acaso meio encoberto pelo lençol — para contemplá-lo assim em total abandono. Tal possibilidade seria tão absurda, penso eu, que nem sequer me ocorria. Verdade é que há coisas mais absurdas neste mundo…

Sem mais demora, atirei a ponta da corda sobre o parapeito.

Chegar até a varanda não foi difícil, mas uma vez aí tive de tomar cuidados especiais: descalcei os sapatos, pois no madeirame do assoalho qualquer ruído soava mais alto devido à quietude das horas. Aproximei-me do quarto da pupila não sem antes espiar pelo corredor e verificar que era seguro estar ali. O Cardeal dormia a sono solto, eu pensei, não se via luz sob a porta, e essa constatação deu-me novo ânimo. Tendo cuidado, poderia espiar pela fechadura sem receio, e foi o que fiz: ao aplicar o olho nada avistei, pois a claridade no interior do quarto era fraca — decerto de uma única vela num castiçal —, mas continuei olhando até identificar algumas formas. Como previa, não tinha muito o que ver: bem defronte à porta ficava a cama da garota, mas um dossel de veludo obstruía a visão. Avistei uma ponta de lençol que aparecia sob o veludo carmim, julguei escutar uma respiração compassada e suave, e foi só. Naquela noite retornei decepcionado para o meu quarto, imaginando que não conseguiria ver nada além daquilo, mesmo que voltasse lá outras vezes, amaldiçoando o Cardeal que parecia mesmo ter pensado em tudo: mandara guarnecer a cama com um dossel por suspeitar que alguém (eu?) intentasse espionar-lhe a filha à noite, protegendo-a assim de olhos indiscretos? Teria sido essa sua intenção? Naquele momento, parecia-me que sim.

Na manhã seguinte desci mais cedo para a sala de refeições, pois, como supunha, antecipava-me ao Cardeal e à filha que, de hábito, punha-se à mesa antes dele. Foi por saber disto que passei a sair cedo da cama e a ficar à espreita nas imediações esperando que a menina também descesse e fosse para a mesa; em seguida eu aparecia, sabendo que daí a pouco Rufina entraria com o bule de café e a leiteira numa bandeja. (De outras vezes eu descia quando o Cardeal, tendo retornado de sua caminhada, já se assentara e principiara a servir-se, e, mais raro, eu perdia o café da manhã em sua companhia.)

Uma idéia, porém, desagradável — que aliás já referi —, havia-me

ocorrido: a menina talvez fosse vítima de uma loucura suave. Não posso negar que essa preocupação tornou-se uma constante em meu pensamento, embora de início eu tivesse dúvidas e não me sentisse encorajado a perguntar ao pai (ele me prometera falar acerca da filha, sobre quem havia uma história a ser contada — e não uma história banal, ao que tudo indicava —, mas embora curioso não me atrevia a lembrá-lo de sua promessa). Apesar da suspeita que me ocorrera, estava resolvido naquele dia a ser outra vez afoito, a dar um outro passo em direção daquilo que decidira conquistar, e por isso esperei na sala ao lado até ouvir os passos da menina descendo a escada. Aproximei-me da mesa ao mesmo tempo que ela e me sentei bem à sua frente. Ela, como de costume, não me olhou nos olhos, nem mesmo cumprimentou-me — nunca me cumprimentava! —, e aguardei um momento até atinar com o que pretendia fazer. Teria de ser rápido, pois o Cardeal não costumava atrasar-se e Rufina também não tardaria a entrar com a bandeja. Então, num gesto repentino agarrei-lhe a mão sobre a mesa, surpreendendo-a e obrigando-a com isso a olhar para mim com aqueles olhos que se assemelhavam a retalhos de céu. Um raio de sol, entrando pela janela e cruzando toda a extensão da sala (o mesmo que se refletia nos cristais e na bandeja de prata da cristaleira, no outro extremo do aposento), interpunha-se entre nós, de forma que ao erguer-me e segurar-lhe a mão me vi submerso nessa excessiva claridade, e também a ela, que com a surpresa alteou um pouco o busto e teve o rosto banhado por aquela luz.

Ah, momento de incomparável maravilha! quando, de relance, vislumbrei pelo minúsculo decote o sutil começo de uma ravina que se insinuava entre os dois delicados montes que o vestido escondia; momento celestial!, em que aqueles lábios de inocente tentação, pelo efeito da surpresa, se entreabriam feito uma romã que a maturação faz rebentar em tempo próprio; como me custa recordar aquele instante para o qual não há descrição exata, em que o amor amotinado tumultuava meu peito e eu sentia na boca a doçura de seu hálito morno em silenciosa exclamação! Nunca em minha vida estivera tão perto da suprema felicidade, e creio que só então pude aperceber-me com suficiente clareza da diferença entre o amor que me arrebatava e o simples namoro que tivera com Eliete. Mas a lembrança da outra não me turbou naquela hora, conquanto eu de uma maneira um tanto confusa comparasse ambos os sentimentos e me desse conta da gloriosa vitória do amor! E foi nesse estado de arrebatamento que exclamei:

— Amo-a, senhorita!, amo-a e não sei de que outra maneira poderia dizer o que sinto! Não sei de que maneira poderia exprimir essa força terrível que me devasta o coração, pois o certo é que não conheço palavras suficientes para fazê-lo de maneira clara e inequívoca. Creio que a

única maneira é mesmo essa, dizendo a palavra amor, amor, que por si só se define, e não de outra forma a não ser através daquilo que provoca em nosso ser por ela dominado. Assim, eu precisaria apenas de uma palavra sua sobre o que acabo de declarar. Sei que nada entende do que eu digo, que lhe falo numa língua que não é a sua, e quem sabe por isso mesmo tenha me animado a dizer-lhe o que estou dizendo, mas… ah, compreendesse-me a senhorita e pronunciasse essa palavra, eu saberia o que fazer em seguida para obter o que quero.

— E se ela pronunciar essa palavra, rapaz, o que pretende fazer?

Caí gelado na cadeira ao ouvir a voz do Cardeal que entrava naquele momento e me surpreendia não só numa atitude muito evidente, como também ouvia minha tirada, suficiente para desfazer quaisquer dúvidas, restasse ainda alguma acerca do que vira.

O Cardeal deu volta à mesa e sentou-se, mas para espanto meu não parecia contrafeito, não demonstrava nenhum sinal de irritação pelo que vira e ouvira, conquanto estivesse sério. Porém, apesar de minha surpresa e, por que não dizer, de meu medo, fiz menção de reagir num desses rompantes de audácia de que já falei, levantando-me e dizendo ao homem algumas verdades que se entalavam na minha garganta. Mas Rufina entrou, acercou-se da mesa com o bule de café e a leiteira, e eu me contive, recaí em meu abatimento moral. O Cardeal serviu-se com absoluta indiferença, despediu com um olhar a negra, que desapareceu no cômodo vizinho, e passou a mexer o açúcar na xícara com um movimento rápido em que a colherinha tinia na porcelana. Só então olhou para mim. Senti um frio por dentro, os pêlos de minhas costas se arrepiaram; eu devia estar muito pálido, claro em meu rosto o susto que me fazia desfalecer, mas sucedeu que o Cardeal riu-se de meu apavoramento, e ainda rindo levou a xícara aos lábios.

— Então — ele disse, ao recolocar a xícara no pires —, como eu desconfiava, temos um D. Juan em casa.

Estremeci e quase saltei na cadeira ante aquela observação repassada de ironia — uma ironia que, no estado em que me encontrava, não sabia se carregada de reprovação ou de boa vontade comigo. Contudo, minha disposição voltara, senti um calor dentro do peito — ah, os meus rompantes! — e não titubeei, pus-me de pé resolvido a falar, mas já o Cardeal fazia um gesto com a mão em resposta, como se me pedisse calma, um gesto tão tranqüilo e imperioso que todo o calor arrefeceu e de novo me sentei.

— O amor pode ser uma armadilha — ele disse. — Isto não lhe passa pela cabeça?

Não compreendi o que ele pretendia, e não respondi. Olhei-o com toda a firmeza de que era capaz, mas dada minha insegurança e essas

súbitas alternações de ânimo já não estava certo de convencê-lo de nada, a não ser do pavor que me dominava: eu, mais do que ninguém, sabia das precauções do Cardeal com a filha, dos cuidados de que a cercava, e continuava a encará-lo com o medo visível no rosto.

— O amor não é só uma armadilha — ele prosseguiu —, pode ser fatal e significar a perdição. Será que você compreende o que digo?

E interrompeu o movimento de levar a xícara à boca, olhando-me direto nos olhos.

— Muitos não compreendem, até que são tentados a experimentá-lo.

O Cardeal mencionara o amor mas eu, aturdido como estava para raciocinar, não percebia o sentido que impunha às suas palavras. Apesar disto, consegui dizer:

— O amor é o maior de todos os sentimentos.

Tão logo o disse, dei-me conta de que repetia uma frase feita, estúpida, típica das aulas de catecismo para meninos antes da primeira comunhão, e mesmo assim ao se referir ao amor divino. Ele, contudo, não riu, ou melhor, sorriu, sim, mas não com ar de zombaria.

— Tome seu café — disse, e não se falou mais no caso.

Durante todo o episódio a pupila permanecera indiferente, como se nada daquilo a afetasse, nem poderia ser de outra forma, já que não entendia o que falávamos; tal indiferença, porém, reforçava minha suspeita acerca de sua loucura mansa: ainda que não compreendesse nossa conversa, parecia-me certo que pelo menos demonstrasse interesse, alguma expectativa. Isso não acontecera. Outras vezes, porém, eu relutava em aceitar sua esquisitice: não, não é doida, eu me dizia — não podia ser doida —, e a indiferença demonstrada após o incidente deviase apenas à certeza da confiança que o pai depositava em si. Se havia um culpado no acontecido seria eu, somente a mim caberia qualquer censura, de forma que ela podia estar sossegada. "Sim, é isso, só pode ser isso", e muito assustado ainda para continuar comendo pedi licença e me retirei da mesa, ao que o Cardeal não fez nenhuma objeção.

Mas mal cheguei à varanda, não sei que calor incendiou-me outra vez o peito, e eu retornei sobre os mesmos passos.

— Eu amo sua filha — disse então com ousadia e acentuando a palavra "filha" a fim que ele se desse conta de que eu sabia da verdade; o Cardeal olhou para mim com ar curioso, ao contrário do que seria de esperar, sem uma explosão de cólera —, e bastava ela dizer uma palavra… se pudesse compreender-me… não sei o que faria, mas é certo que faria alguma coisa.

Dito isto, saí da sala.

À tarde um fato novo chamou-me a atenção. Eu não me animara a

jantar em companhia do Cardeal, como não havia almoçado em sua companhia, mas passava pelo cômodo vizinho no momento em que o ouvi ordenando à Rufina que esquentasse dois caldeirões de água e os levasse ao quarto da pupila mais tarde. Como a negra perguntasse a que horas deveria levar a água, ele respondeu que quando fosse hora mandaria chamá-la. A ordem nada teria de estranho, pois tornara-se costumeiro ao cair da noite Rufina subir com água quente para o banho da menina, que fazia uso de uma grande bacia de cobre. Uma hora mais tarde Rufina descia com a água nos caldeirões para despejá-la fora, pois o Cardeal não admitia que fosse atirada pela janela. O que, contudo, atiçou-me a curiosidade nesse dia foi o fato de ele ter ordenado a Rufina que levasse a água mais tarde que de costume, mas sem estabelecer horário: quando fosse hora mandaria chamá-la.

Fui para meu quarto convencido de que havia novidade, mas ao mesmo tempo refletia que a determinação do Cardeal não era inédita: pensando sobre aquilo, lembrava-me de que já vira Rufina subir com caldeirões de água para o quarto da pupila em horários diferentes do habitual, algumas vezes por volta das dez ou onze da noite — quebra de rotina pouco freqüente, diga-se de passagem. Acontecera outras vezes, eu pensava, e assim sendo, o que haveria de estranho no fato de a menina querer banhar-se mais tarde, especialmente se naquele dia com o sol forte — apesar de já ser outono — a temperatura havia subido bastante? Não, nada de estranho, dizia para mim mesmo enquanto me recostava na guarda da cama, esticando as pernas relaxadas sobre o colchão. "Estou alarmado com tanta confusão, acabo vendo fantasmas em tudo. É claro que as coisas que vêm acontecendo nada têm de normal. Esse homem é perigoso, disto estou certo, e a menina é louca… tudo isso é muito estranho, e eu não poderia me acostumar de uma hora para outra com mudanças tão bruscas em minha vida. Mas no mais, não há por que alarmar-me…" Assim ia pensando e os meus olhos se fechavam numa sonolência que me amolecia o corpo. Pela vidraça aberta vinha uma ou outra lufada fresca de vento, e a loucura da pupila mais uma vez passava a ocupar-me o pensamento: "Minha amada é louca, creio que a cada dia me convenço disto… contudo, é tão bela, e a amo tanto… que não me custaria tê-la ao meu lado… de resto é uma loucura muito suave, quase não se percebe, e com algum cuidado podia, com o tempo, curar-se, se não de todo, pelo menos de modo a aparentar lucidez… sim… vale a pena enfrentá-lo… a esse homem perverso… para tê-la…"

Acordei sobressaltado e vi no relógio que já passava das onze horas. De um pulo levantei-me da cama e saí do quarto. Saindo pelo salão de festas, desci a escada dos fundos, mas só embaixo me lembrei da corda: se pretendia subir outra vez à varanda precisaria da corda, e voltei ao

quarto aborrecido com aquele esquecimento. Corri para a frente da casa e vi luz na janela, uma luz bastante clara: o Cardeal estava com ela. "Maldição!" mastiguei irritado enquanto pensava no que fazer, andando de um lado para outro embaixo da janela. Agora não seria possível subir à varanda…

…ou seria?

Ao me fazer essa pergunta, apercebi-me de que já havia ido longe demais naquela história para recuar ante a possibilidade de ser surpreendido espionando o quarto da menina. Naquela mesma manhã eu me havia declarado sem meias palavras, mesmo levando em conta que ela não me compreendia, e embora aterrorizado com a entrada repentina do Cardeal na sala, após retirar-me da mesa retrocedi e, num momento de coragem, insinuei conhecer seu segredo e confirmei com todas as letras o meu amor por ela e minha disposição de fazer algo para que fosse minha, "bastando apenas que ela dissesse *uma palavra*", e repisava comigo mesmo aquilo de "uma palavra" como se com isso pudesse infundir-me ânimo, coragem para tomar a única atitude cabível naquele momento, se tinha intenção de enfrentar o Cardeal: subir à varanda, ir espreitar à fechadura como na noite anterior — só que, então, correndo um enorme risco.

A idéia do risco agia de duas maneiras, contrárias, em meu ânimo: ora impulsionava-me para adiante, com o fantasioso pensamento de passar por um herói se por minha amada não titubeasse frente a qualquer perigo, ora fazia-me recuar, sob o argumento de que agir com temeridade não era sensato e não poderia conduzir-me a nenhum fim satisfatório; e, indeciso, continuava com minhas idas e vindas sob a janela. O que me levou, contudo, a fazer-me de herói e esquecer a prudência foi a lembrança daquela manhã, à hora do café, em que tivera entre as minhas a mão pequena e delicada da menina, e o seu rosto banhado de luz bem próximo do meu, momento a que me referi como de incomparável maravilha e no qual senti seu hálito sobre a minha face, sua boca feito fruta madura abrindo-se numa exclamação silenciosa. O amor refluiu-me em ondas de sangue a me ferver as entranhas, e sem mais pensar atirei já sem muita cautela a corda sobre o parapeito e num piscar de olhos alcancei a varanda.

Então, espiei pela fechadura.

No primeiro momento não atinei com o que sucedia dentro do quarto, bastante iluminado por um lampião posto sobre a mesinha de cabeceira ao lado do leito; havia porém uma outra fonte de luz, que depois constatei tratar-se de um segundo lampião igual ao primeiro, em cima de uma cômoda e fora de meu campo de visão. Apesar de tudo ser nítido e claro, o inusitado da cena que presenciei confundiu-me naquele

primeiro instante, embotando-me o entendimento imediato. Mas o assombro veio com a compreensão, e foi então com horror que eu continuei de olho pregado à fechadura.

No meio do quarto, sentada na grande bacia de cobre, a pupila banhava-se vertendo água de um caneco de alumínio sobre os ombros e as costas. Nua parecia, com efeito, "vestida de Sol", ou de luz, da luz resplandecente a incidir em seu corpo esplêndido, no âmbar de sua carnadura moça e rija, nos infinitos pontos brilhantes ora como que incrustados em sua pele — nas faces, nos lábios, nos seios… —, ora escorrendo feito minúsculas estrelas cadentes, as gotículas que ficavam sobre a carne após o banho. Numa cadeira defronte à bacia, o Cardeal contemplava a nudez da filha com olhos por certo acostumados, mas não cansados de tal contemplação. Não sei se havia neles lascívia e desejo, ou apenas um prazer estético, pois tinha para mim que maior seria este que aquele, uma vez que a menina como eu a via tinha menos de mulher que de uma obra de arte, uma escultura por um dos mestres clássicos, assim quase imóvel expondo-se à admiração de seu acompanhante. Mas o Cardeal não se limitava a olhar: algumas vezes curvava-se um pouco em sua direção e, por sua vez enchendo o caneco, derramava-lhe água sobre a cabeça, o dorso, os seios, devagar; a pupila movia-se então, encolhendo os ombros lassos e inclinando para um lado ou para outro a cabeça, os olhos semicerrados como que pelo prazer daquela carícia líqüida, e um sorriso sutil entreabria-lhe os lábios de rubi (perdoe-me o leitor tão banal comparação; não encontro no momento outra mais original). Como se isso não bastasse, o Cardeal ousou curvar-se ainda mais em direção da menina, de modo a apoiar um dos joelhos no chão. Estendeu a mão gorda e tocou leve e demoradamente um dos seios, o que me fez suspeitar que ele sabia — ou pelo menos desconfiava — de minha presença do outro lado da porta. Tive medo e me afastei um passo, mas não encontrei forças para ir embora como pretendia: tornara-me presa de uma irresistível sedução, ocorrendo-me que devia ser dessa forma que as serpentes hipnotizam suas vítimas: através de uma sedução — perversa, mortal, mas sempre uma sedução à qual é impossível resistir. Por isso permaneci pregado no mesmo lugar: já não olhando pelo buraco da fechadura, mas fixando a porta fechada como se pudesse enxergar através dela, e qual não foi minha perturbação quando percebi que isso com efeito acontecia, pois no momento seguinte vi todo o quarto iluminado e, de pé na bacia, a pupila inteiramente vestida de luz: seu corpo refulgia, a pele clara adquirindo à luz dos lampiões um tom dourado e os cabelos úmidos caindo abundantes e em desalinho sobre os ombros e o peito, mal recobrindo os seios pequenos e redondos, onde dentro de um círculo rosado os mamilos sobressaíam em suave proeminência; ela não

era alta, teria talvez um centímetro ou dois a menos que eu, e o corpo magro delineava-se com perfeição, a cintura fina destacando os quadris e as coxas não obstante grossas e rijas; meus olhos passearam por aquela paisagem inesperada que se lhes oferecia pela transparência da porta, e foram pousar no pequeno triângulo de pêlos castanho-claros do púbis, alheando-se então… Que mágica seria aquela, eu me perguntava abismado, o que estaria acontecendo comigo? Súbito percebi não estar em meu perfeito juízo e que pelo menos por um momento meus sentidos haviam sido vítimas de um ludíbrio: não era certo que eu estivesse enxergando através da madeira, senão que o Cardeal abrira a porta permitindo-me ver o que se passava no interior do quarto, e só voltei a mim quando ele tocou o meu braço.

— Venha — ele disse —, há muito conheço os seus desejos. Entre e olhe para ela, se lhe dá prazer. Pode tomá-la para si também, se quiser. Mas venha, venha — e me conduziu para dentro do quarto, fazendo-me sentar num tamborete. Em seguida foi dar duas voltas à fechadura, como que para garantir privacidade (o que não fazia sentido, pois ninguém poderia chegar ali em tais circunstâncias: éramos os únicos na casa).

— Eu não entendo — gaguejei atoleimado, olhando ora para ele, ora para a menina, que continuava de pé dentro da bacia, nua, sem se importar com minha presença.

— Irá entender — tornou o Cardeal com um sorriso espontâneo em que não havia nem maldade, nem ironia, nem escárnio. — Assim que eu lhe contar tudo sobre ela, irá entender.

Fez uma pausa e antes de sentar-se apanhou uma toalha em cima da cômoda, envolvendo com ela a pupila que, saindo da bacia, acomodou-se em sua cama, entre almofadas. O Cardeal puxou a cadeira e sentou-se de modo a não dar as costas à menina que, indiferente à conversa que se desenrolaria, sem prestar atenção à toalha que lhe deslizava dos ombros deixando nus outra vez os seios, apanhou um livro sob o travesseiro e pôs-se a folheá-lo.

O Cardeal principiou então sua narrativa.

— Giovanna não é minha filha: tinha cinco anos quando a recolhi das ruas onde, doutra forma, cresceria entre mendigos e marginais, e cedo, muito cedo haveria de se prostituir ou de morrer.

Fez uma pausa curta após esse início, fixou-se nas próprias mãos, que mantinha cruzadas no colo girando os polegares um ao redor do outro como se procurasse a melhor maneira de prosseguir, enquanto eu, surpreso por ouvir dele que a menina não era sua filha mas apenas uma protegida sua, como dera a entender desde que chegara, me apercebia de um fato ainda mais extraordinário: tanto me acostumara a pensar na pupila como a Menina Vestida de Sol, que até então ignorava seu nome!

— Eu estava em Roma nessa época — o Cardeal prosseguiu. — Nunca soube ao certo que circunstâncias foram dar com a menina na rua, mas o fato é que certa tarde, já quase noite, ao atravessar em companhia de outros sacerdotes uma viela escura nas imediações da Via Vêneto, onde costumavam amontoar-se alguns mendigos, avistei-a no meio deles, muito suja e magrinha, as pernas cheias de feridas; estava muito feia, não há dúvida; que beleza podia haver numa menina que vivia entre mendigos, suja e faminta, embrulhada em trapos e cheia de machucados? Nenhuma, nenhuma, mas havia encanto… um inexplicável encanto que me chamou a atenção sobre si, enquanto me encarava de longe com uns olhos inquisitivos, um olhar que parecia dizer "eu estou aqui, não vê que eu estou aqui e que você precisa fazer alguma coisa?". Eu me detive um momento, olhando para ela e segui em frente, pois meus acompanhantes já se haviam adiantado para o outro lado da rua, e, voltando-se, apressavam-me. Tal encontro não passaria de um incidente sem maiores conseqüências se não continuasse me lembrando da criança nos dias que se seguiram, revendo sempre aquele olhar inquisitivo e sua interrogação silenciosa nas minhas horas de recolhimento, nas minhas idas e vindas pela cidade quando, ao avistar nalgum canto um amontoamento de mendigos, examinava-os com a esperança de encontrá-la entre eles. Cerca de duas semanas mais tarde transitava de carro pela cidade, com o *chauffeur* guiando bem devagar devido ao tumulto da hora, pois anoitecia e muita gente ia e vinha de todas as direções. De súbito avistei a menina sentada à beira da rua junto de alguns moleques da mesma idade ou pouco mais velhos, como ela imundos e decerto doentes também, vigiados — notei-o de imediato — por um casal de pedintes que se acomodara a poucos metros, perto de umas escadarias. Aflito, fiz sinal ao *chauffeur* para que parasse ao lado dela, abri a porta e com um gesto mandei que ela entrasse. Creio que ela me reconheceu, compreendeu meu gesto e, apesar dos protestos do casal de pedintes que percebendo o que se passava ainda tentaram retê-la, correu com muita vivacidade e saltou para dentro do carro. — O Cardeal sorriu com a lembrança. — A garota fedia, crê?, fedia, mas eu a abracei assim mesmo, com muito carinho, um carinho quase carnal que eu não conhecia, e aconcheguei-a a mim.

Enquanto o Cardeal descrevia como descobrira a menina no meio das hordas de mendigos de Roma (fato para mim tanto mais espantoso quanto maior a convicção que tinha de ser sua filha), olhei pasmado para Giovanna, imperturbável em sua leitura, com os peitos à mostra, recostada numas almofadas e mexendo como uma criança o pezinho sobre o colchão num movimento pendular. Confuso com o que presenciara já não sabia se a olhava com amor, mas fosse como fosse, não po-

dia desdenhar sua beleza imaterial: era bela, por demais bela, e essa graça tocava-me os sentidos como a ponta de uma faca. "Uma menina das ruas, suja e fedorenta…"

O Cardeal pareceu adivinhar meu pensamento:

— Sim, olhe para ela… olhe… vendo-a, é possível imaginar o estado em que a recolhi? — e ele mesmo se volta para admirá-la, sua obra, uma obra de arte genuína, pensei depois, e que obra! — Ah, antes que me esqueça — ele acrescenta —: é certo que ela não fala o português, mas nos entende, sim!, é capaz de entender quase tudo que falamos, tendo portanto compreendido perfeitamente sua declaração de hoje pela manhã — e prosseguiu: — Chegando em casa levei-a para um quarto anexo ao meu e chamei a criada, ordenando que providenciasse água quente pois a criança precisava de um bom banho, e em seguida fosse chamar um médico para examiná-la. Disse-lhe ainda que providenciasse, ao seu gosto, algumas roupas infantis, a criança naqueles trapos não estava menos que nua, e foi mesmo nua — apenas embrulhada numa toalha — que esperou pelo regresso da criada com as roupas e o médico. Este, à primeira vista, percebeu tratar-se de uma criança apanhada na rua, e investigou-me com os olhos graves, indagando-se decerto se eu, um padre, pretendia criá-la ali.

— É como o senhor deve estar entendendo, doutor — eu disse, confirmando —, apiedei-me da pequena. Creio já ter-me afeiçoado a ela. Se não achar uma boa família que a acolha, eu mesmo cuidarei de seu futuro.

O doutor fez um movimento de concordância com a cabeça, enquanto olhava compenetrado o corpinho mirrado e cheio de ferimentos estendido na cama, e refletia.

Mandou que a menina pusesse a língua para fora, examinou-lhe as pálpebras, escutou-lhe as costas e o peito, bateu com os dedos na barriga e tocou de leve nas feridas das pernas. Mediu-lhe o pulso e a temperatura, refez todo o exame para confirmar o diagnóstico, e ao fim olhou-me com descrença.

— Ela não está bem? — eu perguntei. Ele se levantou e passou para o aposento principal fazendo um gesto para que o acompanhasse.

— Em que circunstâncias V. Eminência a encontrou? — perguntou, e sentou-se a uma mesa, tomando de um bloco de notas. Prescreveu o tratamento a ser seguido.

Expliquei-lhe por alto como se dera meu primeiro encontro com a menina e como me interessei em cuidar dela, intencionando recolhê-la assim que a reencontrasse.

— Quinze dias — ele disse.

— Infelizmente, quinze dias.

— Talvez as coisas fossem mais fáceis há quinze dias. Uma criança assim, vivendo em tais condições, pode morrer em pouco tempo. É o que tenho visto acontecer todos os dias… O estado dela não é bom, não vale a pena ter muitas esperanças. Enfim — e ele se pôs de pé, estendendo-me a receita —, há que aviar tão rápido quanto possível esta prescrição, e seguir à risca as instruções. Passarei todos os dias pela manhã e à tarde para vê-la.

— Ela também deve estar faminta…

— Sim, é preciso alimentá-la, mas nada de excessos. Pode matá-la com uma refeição substanciosa. Por hoje, apenas um mingau. No mais, os remédios. Céus, como está cheia de feridas! Vou fazer já alguns curativos.

O médico tratou a menina e ficou esperando que a criada voltasse com os remédios. Deu-lhe a primeira dose, instruiu como deveriam ser ministradas as outras no decorrer da noite e saiu, prometendo retornar pela manhã.

A menina tomou o mingau, comeu um biscoito, pediu água e em seguida dormiu. No decorrer da noite os medicamentos lhe foram ministrados durante o sono. Teve febre pela manhã, e quando o doutor voltou a examiná-la menos esperança notei em seu rosto. Eu, contudo, não me afligia, como se soubesse que a doentinha ficaria boa. A febre cedeu um pouco por volta do meio-dia, recrudesceu à tarde, e à noite a criança queimava… Mandei a criada às pressas atrás do doutor que, contudo, saíra havia apenas duas horas. Diante do estado em que veio encontrá-la, balançou gravemente a cabeça.

— A febre é uma decorrência natural da enfermidade — disse —, mas seria melhor que não aumentasse tanto. Verdade é que tem os pulmões fracos, um princípio de pneumonia, ao que parece, e as feridas podem ter infeccionado, apesar dos medicamentos. A aparência delas não é nada boa.

— E o que fazer num caso assim? — perguntei.

— Dar-lhe uma dose maciça de um antitérmico para baixar a febre a força parece-me a melhor solução. É claro que também tem seus riscos, devido ao estado de fraqueza geral em que se encontra. Neste caso, porém, é preciso correr riscos, pois de qualquer forma está-se correndo risco, compreende?

Um pouco atordoado fiz que sim com a cabeça e saí do quarto. Pouco depois o médico foi ter comigo em meu gabinete.

— Ordene à criada que fique à cabeceira, refrescando a testa e o pescoço da criança, bem como os braços e vez por outra as pernas, com um pano umedecido em água bem fria. Haverá de ajudar, além de lhe proporcionar algum conforto.

Que noite!, ainda me lembro, aquela e as que se seguiram, em que eu e a criada nos revezamos à cabeceira da menina para ministrar-lhe os medicamentos na hora certa e refrescar-lhe com uma esponja úmida o corpinho que continuava queimando. A agonia durou quase uma semana, até na última noite quando não resistindo mais adormeci, debruçado sobre a cama. Abri os olhos já dia claro, uma luz muito viva que provinha das vidraças ofuscava-me. Pisquei várias vezes e voltei-me para a criança… ah!, e que onda de alegria me invadiu quando a vi meio recostada nos travesseiros, de olhos bem abertos e com uma aparência razoável, olhando para mim.

— Como você está? — eu perguntei.

— Gostaria de tomar um pouco d'água.

Quando o médico chegou para sua visita matinal encontrou-a tomando um prato de mingau. Examinou-a mais uma vez e ao deixar o quarto foi ter comigo em meu gabinete. Felicitou-me: a criança estava salva.

O Cardeal se levantou e foi até a cama onde Giovanna continuava recostada em almofadas, folheando o livro. Afastando um pouco a toalha, desnudou-lhe mais o corpo:

— É quase impossível acreditar que se trate da mesma criança.

O Cardeal também admirou por um ou dois segundos os seios perfeitos que a garota, sem nenhum pejo, deixava à mostra. Recompô-la em seguida, e voltou a sentar-se.

— Naquele dia pudemos pela primeira vez conversar um pouco. Ela me disse seu nome, o nome pelo qual a tratavam, mas não soube explicar como fora parar na rua em companhia dos mendigos. Contou uma história confusa, que parecia ter acontecido há tempos (ela só tinha cinco anos!): vivera numa casinha nos arredores da cidade, mas um dia extraviou-se de sua mãe perto do Coliseu e não a viu mais. Quando voltamos a falar disso alguns dias mais tarde, contou uma outra versão dessa história, dando a entender que a mãe a havia abandonado junto a um grupo de mendigos que a acolheram, pondo-a a pedir esmolas à porta das igrejas e no comércio. De outra feita disse que a mulher que a criara não devia ser sua mãe de verdade, pois era negra e a maltratava vez em quando. Contudo esses episódios pareciam vir à sua memória aos poucos, de modo que não só tinha dificuldades de lembrar com exatidão o que lhe acontecera, como também não sabia expressá-lo corretamente, relatando suas lembranças de maneira imprecisa. Enfim, o que eu soube, e do que ela conseguiu lembrar-se, foram apenas essas notícias desencontradas. Continuei tratando-a por Giovanna. O nome agradara-me, e penso que era a única informação certa sobre si, a única que nas diferentes versões que ouvi de sua curta história nas ruas não se modifi-

cou: devia mesmo chamar-se assim, e a partir daí amei-a, amei-a de um jeito que, admito, era estranho até mesmo para mim.

O Cardeal olhou-me com intensidade:

— A luxúria é o pior dos desejos da carne que um padre tem a enfrentar — disse. — Muitos não escapam a ele, quebram os votos, vivem uma vida de lascívia no seio da Igreja, o que de resto é mais comum do que se pensa. Eu também havia, até então, quebrado os votos algumas vezes. Tive lá alguns encontros… afinal eu era moço… e me lembrava da prostituta magrinha e morena que me iniciara aos trezes anos. Não sei se ao levar uma moça para minha casa eu tentava reencontrar aquela mulher que tantas surpresas me causou, pode ser que sim, que eu estivesse tentando reviver as experiências da adolescência, pois verdade é que eu preferia mulheres magras e morenas que me lembrassem a figura da outra… Mas tais encontros não eram freqüentes, e tão ocupado andava às vezes com os compromissos da Igreja que passava meses sem me encontrar com ninguém. — Fez uma pausa, enquanto olhava pensativamente para as mãos abertas no colo, e concluiu sem encarar-me: — O certo é que eu nunca fui um grande lascivo.

O Cardeal permaneceu de cabeça baixa, respirou fungando muito forte e por algum tempo esteve quieto.

— Mas então nasceu em mim um desejo que me assombrou, inesperado e terrível, por essa criança tão bela que crescia ao meu lado e se tornava uma espécie de boneca de luxo; um sentimento confuso e pernicioso, um misto de paixão e amor paterno, um desejo de amá-la e protegê-la, de fazê-la conhecer a fé (eu, para quem a fé já não significava muito… já não significava nada) e ao mesmo tempo de corrompê-la… Foi assim que começou meu inferno.

— Ela é louca? — eu perguntei sem mais me conter. O que eu ouvia daquele homem parecia-me tão inverossímil — aliás, como tudo que havia presenciado —, que tal pergunta saiu-me como uma conseqüência natural da confusão que se produzia em minha cabeça. Se Giovanna não sofria de algum tipo de loucura, eu pensava, devia ser uma completa depravada face a sua indiferença à própria nudez. A verdade, porém, acerca de seu estranho caráter ainda estava por me ser revelada.

O Cardeal sorriu à minha intempestiva indagação. Moveu a cabeça.

— Eu poderia responder com uma evasiva. Poderia até mesmo fugir à pergunta, com uma saída do tipo "que tal definir o que seja loucura ou sanidade?"… mas não… acho, presentemente, que eu devo assumir minha culpa…

— Não compreendo — disse, olhando-o de relance.

— Irá compreender. Ouça o resto.

E continuou seu relato.

— Giovanna… vê-la crescer tinha algo de mágico que eu não assimilava bem. Despertava-me sentimentos que eu confundia em minha cabeça, talvez por não ter-me inclinado para eles no começo da juventude (eu já era um homem com bem mais de trinta anos quando a recolhera na rua), e portanto não tê-los conhecido bem… e esses sentimentos, confundindo-me, eram-me tão doces e arrebatadores que eu me deixava envolver, dominar por eles, e em vez de repeli-los do meu coração, avivá-los dia a dia na admiração da criança que crescia sob minha vista. Duas ou três semanas depois mudamo-nos para uma casa de campo nos arredores de Roma, onde ela teria mais espaço para desenvolver-se e, por conseguinte, estaria mais à vontade e mais livre. Ali Giovanna… "floresceu"… podia ser vista em toda parte, como se ocupasse todos os recantos da casa com sua viva curiosidade e suas traquinices: ouvia-se sua voz na varanda a ralhar com algum dos criados, e quase ao mesmo tempo ei-la a fazer barulho no quarto aonde, de relance, subira para apanhar um brinquedo, e já na sala era ela também, de passagem, batendo no teclado do piano; movia-se como se desejasse viver toda a vida no próximo momento e desfrutá-la num único abraço; no jardim, no vasto jardim em volta da casa, ia de um canto a outro com uma inquietação apaixonada, corria entre os canteiros, colhia uma flor, saltava, estirava os braços num gesto de entrega diante do céu aberto sobre sua cabeça, e de novo corria, saltava, não parecia uma mas muitas crianças ao mesmo tempo a brincar, feito uma gazela que parece multiplicar-se em seu galope… mas, de súbito, parava… a casa recaía em silêncio… o dia parecia suspenso, o sol imobilizando-se no meio da tarde… a natureza tornava-se exterior ao tempo… porque ela, *ela*, detinha-se em seu vôo, e eu a podia ver de pé na soleira da porta, olhando para mim, e sorrindo… o que duraria um instante apenas, não mais, tudo então retomando seu curso: os ruídos voltavam a encher o dia, o sol a cruzar outra vez o céu e o tempo reiniciava o processo de erosão do mundo: Giovanna movimentava-se de novo, corria para mim, saltava em meu pescoço, abraçando-me num repente de euforia incontida! — A essa altura o Cardeal, arrebatado pela descrição que fizera, levantou-se e foi abrir uma gaveta da cômoda de onde retirou uma garrafa de licor, que me ofereceu. Recusei com um movimento rápido de cabeça, mas ele encheu um copo para si e começou a bebericar, tomado de uma perturbação que provinha, sem dúvida, das lembranças que evocara. Voltou a sentar-se: — Certo dia entrei em seu quarto no momento em que ela, na dependência de banho que mandara instalar, entrava na água, e a vi nua. Era uma criança impúbere, tinha nove para dez anos, mas contemplar sua nudez era para mim uma coisa tão inusitada que fiquei pasma-

do, olhando-a da porta. Ela não pareceu envergonhada, nem fez nenhum movimento para fugir ou correr o cortinado sobre meu olhar, pelo contrário, sentou-se na banheira e começou a passar a esponja no corpo, ensaboando-se com naturalidade. Embaraçado, retornei por onde viera e fui sentar-me à varanda. Anoitecia, e para evitar vê-la outra vez naquele dia resolvi sair, chamei a governanta e aleguei um compromisso com alguns Cardeais para aquela noite, dizendo que retornaria tarde. Mas não poderia esquivar-me da menina para sempre, refletia durante o trajeto até a cidade (reflexões que me ocupavam o pensamento à noite, já tarde, ao retornar para casa), perseguido de um lado por minha imaginação, que me obrigava a pensar naquela tão encantadora nudez, e por outro pelo próprio contato diário que mantinha com ela. E a partir de então, ao sabê-la no banho, vinham-me que ânsias de ir espiá-la!, e só não o fazia receando que a governanta percebesse e fizesse um escândalo. Mama Antonella, a governanta, era uma dessas velhas beatas típicas: trajava sempre roupas muito discretas e de cores escuras, e exibia no queixo uma enorme verruga pilosa que tinha o hábito de coçar quando distraída. De tanto servir-me acabara por tomar certas liberdades, ousava até repreender-me vez por outra. Dizia: "Isto não fica bem a um homem da sua posição!", "ah, mas um homem da Igreja não pode tomar tais atitudes! É preciso ler mais a Vida dos Santos!".[7] Se percebesse alguma coisa, valha-me Deus!, que escândalo faria!, e a última coisa que eu queria era um escândalo envolvendo meu nome depois do alto conceito que obtivera entre os membros do Clero, conceito que me levaria ao título de Cardeal ainda jovem, por volta dos quarenta anos. Por isso comecei a imaginar um expediente para afastar a velha, e optei por mandá-la organizar a casa da cidade, fechada havia mais de três anos. "Fique por lá até tudo estar pronto, mama Antonella" eu disse, "preciso da casa pois desejo passar lá o próximo verão". Com certeza ficaria duas ou três semanas livre da mulher, mas quando me vi a sós em casa com a menina… passando as tardes numa espera ansiosa pela "hora mágica", bem… imagine que eu me senti atoleimado, sem saber o que fazer… Agora quem lhe preparava o banho era uma criadinha nova que cedo ia-se embora pois, recém-casada, ansiava por desfrutar as delícias de sua nova condição, deixando a arrumação do quarto para a manhã seguinte, e os demais criados não tinham permissão para se dirigirem aos aposentos do andar superior, meu e de Giovanna. Mas então, mesmo sabendo-a no banho e que eu não correria nenhum risco, hesitava, permanecia na sala ou na varanda lendo meu breviário ou passando os

[7] Livro do Rev. Alban Butler, publicado por volta de 1750, que trata dos exemplos de sacrifícios de pessoas virtuosas em prol da fé cristã.

olhos na "Vida dos Santos" sem me decidir. Transcorreu a primeira semana e eu nada fiz; vi entrar a segunda e eu continuava na mesma indecisão. "Agora ela está lá" dizia comigo mesmo, "ela está no banho, e eu aqui…". Um dia disse para mim mesmo que não podia mais esperar e, resoluto, levantei-me da cadeira, atirei com a "Vida dos Santos" para cima de um móvel e corri ao quarto da menina. Detive-me à porta e procurei escutar algum barulho lá dentro, mas como a porta fosse de madeira grossa e sólida, qualquer ruído menor devia ficar abafado do outro lado, por isso nada escutei; fui tomado de um inexplicável pavor, o qual havia previsto antes mesmo de levantar-me da cadeira e correr para ali, e apalermado retornei para a sala, com desânimo. Assim, entre indecisões, medos e suores frios, a segunda semana escoou, já não tardaria o regresso da velha e eu continuava — e continuaria — sem chegar a lugar algum, o que diante de meu caráter arrebatado e decidido não deixava de espantar-me. Uma tarde, ainda dominado por minha tibieza, distraía-me com uma leitura qualquer na sala quando súbito ouvi a voz da menina que me chamava de seu quarto; aprumei o corpo sobressaltado, prestei atenção: ela voltou a chamar-me, uma, duas vezes, a voz parecia vir de longe (o quarto era distante, e havia portas de permeio), mas não havia dúvida; então me levantei e corri para atendê-la. Com o corpo tremendo empurrei a porta do quarto e entrei: enxaguava-se, continuou enxaguando-se sem se alarmar, exceto por um breve gesto de surpresa ao ver-me entrar sem que me esperasse; sorriu então para mim como uma criança traquinas e reclamou, dizendo que a água estava um tanto fria e que "essa criada nova é uma desleixada!". "Ouvi a menina chamando-me" eu disse. Ela me olhou com surpresa, respondendo que não, não me chamara. Insisti em que tinha ouvido sua voz não uma mas duas vezes ou três, mas ela negou, em absoluto, não me chamara!, "você deve ter ouvido a voz de alguma criança que passou na estrada falando alto, e confundiu-se". Fiquei perplexo com aquela novidade: então dera agora para ter alucinações?, perguntei-me olhando-a com ar de incredulidade, mas não tive tempo de pensar sobre o caso pois Giovanna ficou de pé e saiu da água tiritando, e eu acudi com uma toalha na mão. Comecei a secá-la, e o contato com seu corpo agradou-me: era, como dizer?, era doce sentir a maciez de sua carne, o cheiro que vinha de sua pele recém-lavada, e ver-lhe o sorriso cheio de pureza com que ela se deixava acariciar enquanto eu ia percorrendo-lhe o corpo com a mão envolvida na toalha…

O Cardeal calou-se um momento, bebendo de vez o que restara no copo; depois, meio derreado na cadeira, com uma expressão sonhadora na caraça vermelha, sorriu. Ouvindo-o, não pude deixar de me recordar das minhas próprias "horas do banho", do prazer equívoco que minha

mãe buscava comigo e que também me proporcionava sem que eu compreendesse o que acontecia.

Giovanna via no Cardeal o seu salvador, aquele que a tirara das ruas e a livrara da miséria; em troca ela lhe dava sua confiança, depunha-se toda em suas mãos. Não deve ter estranhado quando a presença dele se tornou mais constante durante seus banhos — pois agora que ele conseguira vencer sua própria insegurança (mesmo que para isso tivesse lançado mão de um artifício, ainda que inconsciente: ouvir vozes chamando-o), seria por certo assíduo junto a ela naquelas horas que ele mesmo definia como "mágicas" —, e o contato entre ambos, mais íntimo e para ela novo, proporcionar-lhe-ia uma ligação tanto mais profunda quanto menos pudesse entrever o que havia nela de perverso. "Acostumou-se" pensei então, "acostumou-se, deixou-se levar pelo demônio…"

— Naquela noite — o Cardeal prosseguiu, retomando o fio de seu relato — compreendi o estranho impulso que me levara para Giovanna desde que, avistando-a suja e doente entre os mendigos pouco mais de quatro anos antes, deliberara tirá-la das ruas, salvar-lhe a vida. Aquele impulso que eu então não compreendera, que me atraía para ela a todos os momentos, e para o qual não havia compreensão, era qualquer coisa mais profunda que um simples desejo, talvez fosse uma paixão imponderável, alguma coisa ligada à alma, não sei… em minha quase ignorância desses assuntos eu continuava sem compreender, sem conseguir explicar tal impulso.

— O senhor a amava então? A uma menina com menos de dez anos?

— Continue ouvindo. Nos dias seguintes acompanhei Giovanna em seus banhos, e enquanto ela se divertia brincando na água, e depois ao ensaboar-se e enxaguar-se, eu permanecia ao lado da banheira, num tamborete, com as Vidas dos Santos na mão; então conversávamos. Quando ela se punha de pé eu a envolvia com a toalha para secá-la, e numa dessas ocasiões aconteceu um pequeno incidente do qual nos rimos muito: fui envolvê-la com a toalha e o livro escapuliu da minha mão, afundou na banheira, e eu, na pressa de apanhá-lo, mergulhei o braço até o fundo molhando-me também. "Estragou-se o livro" ela comentou rindo, "que livro era?", eu respondi e ela riu-se mais ainda e disse, fazendo graça, com bastante espírito aliás para sua idade: "Mas não tem importância, os santos também deviam tomar banho!" — e o Cardeal sorriu com a lembrança do episódio. — Depois eu a enxugava, mas não ali: tomando-a nos braços, trazia-a para o quarto; dizia-lhe então que escolhesse o vestido da noite e feito uma ama punha-me a vesti-la como a uma boneca que queria ver deslumbrante à mesa do jantar. No fim daquela semana, porém, mama Antonella retornou dan-

do-me parte de que a casa estava pronta para receber-me pelo próximo verão, e eu, contrafeito, na primeira oportunidade cochichei ao ouvido de Giovanna: "Não poderei mais estar com você durante seus banhos".

— Mas por quê? — ela protestou. — Eu gosto quando vai…

Indiquei mama Antonella, que cantarolava uma ária do Barbeiro de Sevilha numa sala próxima, e disse:

— Ela pode descobrir, é muito intrometida, e ninguém afinal deve saber de nada. — Giovanna pareceu-me contrafeita, mas eu acrescentei para desanuviar-lhe o semblante: — Deixa estar que vou me livrar dela.

— De que jeito? Quando?

— Em breve. De que jeito? Bem, vejamos… deixo-a aqui, e vamos para a casa na cidade, passaremos lá uma temporada. Que tal?

— Vamos então amanhã! Quero logo conhecer a cidade…

— Ora, mas você já conhece a cidade muito bem.

— Não como sou agora — ela replicou com malícia. — Antes eu era uma mendiga, só uma mendiga.

— Ah, havia-me esquecido. Sim, agora a senhorita é uma nobre dama, deverá conhecer Roma como tal, de dentro de um carro de luxo! Sim, prometo-lhe…

— Então vamos amanhã mesmo! — ela exclamou tomada de euforia.

— Oh, não, não com tanta pressa. Ainda temos coisas a resolver, pequenas coisas aqui e ali, mas até o fim da próxima semana…

— Mas vai demorar muito, eu quero ir já!

— Nada disso — repliquei com firmeza —, uma dama, uma nobre dama tem de aprender antes de tudo a paciência. Promete-me que vai ter paciência?

Apesar de insatisfeita, prometeu-me que seria paciente. Esperaria. E nos demoramos ali ainda duas ou três semanas antes de mudarmos para o centro de Roma. Na casa de campo ficaram os criados, ficou a velha governanta com sua beatice e sua inconveniência, apesar dos protestos de que "um homem na sua posição precisa de ter alguém para olhar pelo senhor", "mas eu já tenho o Altíssimo, mama Antonella, que dá muito bem conta dessa tarefa", "sim senhor, mas sempre há de precisar de alguém que lhe recorde os deveres do espírito, o que faço sempre que posso, pois sei que todos — até mesmo o Santo Padre —, estão sujeitos à tentação", "inclusive a senhora, mama Antonella, inclusive a senhora", "ora, Eminência, eu sou uma velha, que tentações poderiam vir aguilhoar-me?", "e eu sou um padre gordo e feio, mama Antonella, e além do mais tenho minha consciência, que deve ser meu guia". Por fim venci a resistência da velha, que achou por bem não insistir, e eu respirei aliviado lançando-lhe intimamente maldições que, a se concretizarem, iriam dar com sua alma no mais profundo dos infernos.

— Estivemos todo o verão em Roma — o Cardeal continuou, após levantar-se e mais uma vez apanhar a garrafa de licor —, mostrei a Giovanna a Cidade Eterna do ponto de vista que ela não conhecia, isto é, como ela mesma havia pedido: do interior de um carro de luxo, levando-a a desfilar pelos recantos mais belos e pitorescos e pelos ambientes mais requintados. Primeiro pretendi torná-la uma pequena dama, e para isso levei-a a um dos melhores costureiros da cidade, que lhe preparou em um mês um rico enxoval. A história da menina não era desconhecida entre os meus iguais, todos a sabiam minha protegida e me cumprimentavam pela "nobreza do meu gesto": recolher uma miserável das ruas e dar-lhe uma vida nova fora uma grande coisa, e bastou para tornar-me bastante popular: também fora do meu círculo de relações já estávamos em evidência, de modo que então, quando nos apresentávamos em sociedade — afinal, eu nem sempre deixava de lado a sociedade, e naqueles dias a freqüentei com prazer e orgulho — Giovanna chamava atenção não apenas por suas roupas ou por sua beleza, mas também por ser a pupila de Sua Eminência. Giovanna não tardou a ser conhecida como "a princesinha de Roma" entre os mais íntimos, e onde quer que estivéssemos éramos cercados seja pelas senhoras que, encantadas, vinham felicitar-me, seja pelos cavalheiros que não se cansavam de reiterar a grandeza de minha atitude. "Um homem da Igreja, um verdadeiro homem da Igreja" disse-me certa vez um senhor de suíças brancas e ar muito distinto, com quem conversava durante uma recepção que se fazia a certo príncipe estrangeiro.

O Cardeal estivera de pé nos últimos minutos. Fez uma pausa para encher o copo mais uma vez, deixou a garrafa de licor sobre a cômoda e retornou, bebericando, para a cadeira. Acomodou-se, e continuou:

— Você pode perguntar se não produzia falatório o fato de um homem, ainda que um homem da Igreja, ou talvez mesmo por isso, dependendo de como se encaram as coisas; enfim, se não produzia falatório o fato de eu morar com uma menina, ainda que uma criança, e sermos de ordinário vistos em companhia um do outro. Produziria, mas eu tomara minhas providências quanto a isso: pois distante de mama Antonella e de suas admoestações tive o cuidado de contratar uma outra mulher, uma que me veio de encomenda e que consegui através do expediente simples de um bom pagamento. Essa outra mulher, à beira da miséria perto dos cinqüenta e poucos anos, e que arrastava sua existência num dos bairros mais sórdidos de Roma ganhando a vida como cafetina, viu-se de uma hora para outra criada de confiança numa casa luxuosa, com uma polpuda pensão que lhe garantiria o bem estar pelo resto de seus dias e dona de uma casinha confortável num local bastante razoável, em mãos e em perfeita ordem os papéis que lhe asseguravam essa posse.

Não sei se noutros tempos fora mulher de escrúpulos: fosse, e os deixaria de lado pelo receio de ver-se outra vez sem nada. Durante o verão seria a governanta de Giovanna; fecharia os olhos a certas intimidades entre mim e a menina, como por exemplo ao visitá-la no banho; desconhecida como era, e mais, transformada como estava de maneira que não poderia ser reconhecida, pôde acompanhar-nos em algumas solenidades públicas e até em casa de um ou outro figurão, em jantares ou festividades. Dessa forma — o Cardeal concluiu com um gesto definitivo — eu me resguardara do mau juízo que uns e outros podiam fazer e de um possível escândalo. Dava-se, porém, que as "coisas"… as "coisas", se me entende, não progrediam. Agora todas as tardes eu assistia ao banho de Giovanna. Via-a despir-se e entrar na banheira, ajudava-a a ensaboar-se e enxaguar-se, admirando-a como um menino admira seu brinquedo novo e muito sonhado; depois, como num ritual, embrulhando-a na toalha e levando-a para a cama punha-me a enxugá-la… Via-a vestir-se, fazer-se boneca de luxo, a "princesinha de Roma", transfigurar-se. Confesso — e aqui o homem engoliu meio copo de licor de um único trago — que a preferia nua, mas vestida, ah!, como também ficava linda vestida!… À noite, quando enfim me recolhia, começava a perguntar-me o que pretendia afinal. Como disse, tinha sempre em mente que "as coisas" não se resolviam, mas eu mesmo não sabia como resolvê-las, que rumo dar ao caso. A posse física da menina não entrara em cogitação, e eu nem mesmo me atrevia a tocá-la com mais intimidade… apenas a admirava, ensaboando-a quando ela num sorriso estendia a esponja para mim, e a envolvia nos braços embrulhada na toalha, apertando com delicadeza seu corpinho contra o meu enquanto a carregava para o quarto…

— Mas o senhor disse que a amava — repliquei —, pelo menos que sentia paixão e desejo ao mesmo tempo…

— Sim, agora que ela se desenvolvia rápido, crescendo a olhos vistos, o desejo que eu mal conhecera na adolescência, apesar da experiência com a prostituta, e que pouco me ocupara os pensamentos na juventude, esse desejo renascia. Aos poucos uma idéia que de início me parecera sem importância foi tomando forma: instilar nela o desejo, despertá-la para o prazer sensual; e de súbito me apercebi de que era isso o que podia pretender, não havia outra forma de desejá-la a não ser vendo-a descobrir a carne, a sua carne, e o que poderia obter com essa descoberta. Tal coisa tinha uma definição muito simples: eu apenas queria corrompê-la.

O Cardeal sorriu, encarando-me com intensidade. Já um tanto alcoolizado, mas nem um pouco fora de si, mantinha total domínio da situação e tinha plena consciência de suas palavras. Ao definir seu dese-

jo parecia mais espantado que eu — o que não é de estranhar: tal declaração, por mais assombrosa que fosse, não me surpreenderia tanto face a todas as surpresas que tivera naquela noite. Ele, que me parecera não ter nenhum escrúpulo, agora mostrava que aperceber-se do desejo que com efeito tivera pela pupila deixara-o aturdido, e isso me parecia mais espantoso. Restavam-lhe, então, escrúpulos?

— Você compreende? — ele pergunta, avançando a caraça para mim, já não sorrindo mas sério, os olhos vermelhos e lacrimejantes. — Compreende que eu… enfim, criara a menina, agora com dez anos, sempre ignorando aquilo que na verdade queria dela? Seria o amor?, eu me perguntava, o que não tinha nada de absurdo, visto que alguém pode apaixonar-se por uma criança; e ao fazer-me tal pergunta, exultava, porque o amor era uma coisa que não me tocara na juventude, nem mesmo naqueles encontros com moças que algumas vezes convidara para minha casa. Mulheres… não, não me importava com elas. Importava-me o poder que eu tinha naquele meio, onde me tornara autoridade graças a certos artifícios… bem, a certos artifícios que eu chamo de "vivacidade", para ficarmos com uma definição mais suave… Pode-se dizer que chegara bastante jovem a Cardeal, gozando da confiança de Sua Santidade, tendo liberdade para agir e podendo escolher para onde ir, como por exemplo agora, que vim para cá, por escolha e decisão minha, onde poderei ficar o tempo que quiser… O poder, o prestígio… e tudo perdia a cor, perdia o interesse quando percebi que talvez estivesse sentindo amor — apaixonando-me — por uma menina que eu num impulso apanhara nas ruas… isso me parecia bom, era agradável vê-la nua, mas vesti-la também tinha seu encanto… transformá-la na "princesinha de Roma", como a apelidaram em sociedade… Debatia-me com esse sentimento, com as dúvidas que decorriam dele, alegrava-me e torturava-me ao mesmo tempo… espanta-se? Não, não fizera ainda referência a isso dessa forma, por isso se espanta… Mas o que mais horror me causou foi descobrir, no final daquele verão, que eu não amava no verdadeiro sentido da palavra esta criança — e apontou a pupila com um gesto mole, bêbado, o braço estendido em sua direção —… eu queria tão somente corrompê-la! — e dizendo isto manteve o braço estendido para ela, o corpanzil inclinado na minha direção, os olhos vermelhos e empapuçados fixos em mim.

Levantou-se e foi até a cômoda.

Emborcou todo um copo de licor de uma única vez, pareceu cambalear e teve de apoiar-se no móvel para não cair. Firmou-se outra vez e, com o copo vazio, retornou à cadeira. Estava alcoolizado, contudo mantinha a lucidez e pronunciava as palavras com clareza, se bem que com alguma lentidão.

— Corrompê-la, eis tudo! — exclamou abrindo os braços num gesto teatral. — Corrompê-la, transformar a criança que me exibia sua nudez com inocência numa puta! Eis a minha grande tarefa!

— E o senhor se dedicou a ela…

Sorriu, relaxando o corpo, deixando os braços caírem moles.

— No final do verão retornamos para a casa de campo. Giovanna fora prevenida de que ali não poderíamos continuar como até então, e deveria voltar a tomar banho sozinha. A velha Antonella mostrava-se bastante insatisfeita por não ter passado o verão em nossa companhia, e à nossa chegada não nos mostrou uma cara das mais alegres.

— Os rumores chegaram até aqui, senhor Cardeal — resmungou a mulher assim que nos viu entrar.

— A que rumores se refere, mama Antonella? Será que mereço da senhora sempre essa acolhida ranzinza?

— Ora, senhor prelado, a que rumores! Então a menina agora é a "princesinha de Roma"?

— À menina está sendo dada a oportunidade de gozar daquilo que nunca teve na vida, mama Antonella. Não seja desmancha-prazeres.

A velha ergueu o queixo com sua monstruosa verruga e retirou-se para o interior da casa resmungando.

Os dias que se seguiram foram de recolhimento para mim, pois não podendo desfrutar da presença da menina com a mesma liberdade dei de meditar no rumo que deveria dar para o que eu chamava de "meu caso". Uma noite, já deitado, ouvi passos leves no corredor que se detinham diante da porta do meu quarto. Fiquei espiando naquela direção enquanto esperava que batessem, mas a porta, que eu me esquecera de trancar, abriu-se devagar dando passagem a Giovanna, vestida para dormir, que contra nossos costumes vinha procurar-me em meu quarto.

— Talvez não devesse vir — eu disse, sentando-me na cama.

— Sinto falta — ela reclamou.

— Ora, de que sente falta? — perguntei, mas Giovanna não respondeu. Desabotoou a camisa de dormir e a deixou cair no chão. Estava nua. Então compreendi que não teria muito a fazer para levar a cabo minha intenção de corrompê-la.

Nesse momento, enquanto o Cardeal mais uma vez se encaminhava para a garrafa de licor, já pela metade sobre a cômoda, a pupila se levantou e, nua como estava, foi abrir a janela deixando que a aragem da madrugada entrasse. Escutei dar a uma hora no relógio de pêndulo embaixo, na sala, e me levantei para sair. Mas o Cardeal voltara a sentar-se — não na cadeira desta vez, mas na cama —, após ingerir outro copo de licor quase de um único gole. Disse:

— Não quer saber o final da história?

— Suponho conhecer o final da história — retruquei com firmeza.

— Duvido! — ele me desafiou. — Mas, em todo caso, fale… vamos, diga o que imagina ter sido o final da história.

Senti esfriar meu ânimo de repente. Afinal, saberia mesmo o final da história? Bem, naquele momento eu estava certo de sabê-lo, mas diante do desafio do Cardeal minha certeza minguou. Mesmo assim falei:

— O senhor apanhou a garota e fez o que fazia com as moças que iam à sua casa.

— Você acha que eu… que eu…! — e explodiu numa gargalhada que o deixou mais vermelho e os olhos marejados. Indignado com tal hilaridade tive vontade de deixar o quarto, mas eu ainda não ouvira tudo.

Sentei-me outra vez, contrafeito.

— Naquela noite — o Cardeal continuou — admirei uma vez mais a nudez da criança. Giovanna tinha dez anos, e, bem, olhe para ela como é agora — e apontou a pupila que se debruçara na janela exibindo-nos o corpo nu, as nádegas firmes e belas, as pernas longas, a cabeleira loura que descia pelas costas como um véu… —, já aos dez anos tinha um corpo bem desenvolvido, os seios via-se que não tardariam a nascer, nasceram aliás bem cedo, pouco depois de completar onze anos… mas não tinha pêlos ainda, de modo que o que eu mais apreciava em sua nudez era admirar-lhe o sexo liso, puro, intocado… Ela se aproximou mas eu não a toquei. Pedi-lhe que dançasse para mim, "não tem música" ela disse, "dance assim mesmo" eu insisti, e ela dançou. Deu alguns passos, fez umas piruetas meio sem jeito, afinal nunca praticara dança, apenas tentava imitar os movimentos das bailarinas a que assistira naquele verão. Mas me pareceu muito graciosa, e mesmo sua total ignorância dos movimentos tinha um especial encanto. Quando ela terminou, abracei-a com muita ternura para sentir-lhe o cheiro, e mandei que se vestisse.

— Agora deve ir deitar-se — recomendei. — E, atenção — adverti com uma firmeza velada —, nada de vir aqui como fez hoje. Lembre-se, mama Antonella está em casa.

— Por que não vamos embora de novo? — ela perguntou.

— Bem, talvez façamos outro passeio, mas enquanto estivermos aqui… — e dei-lhe um tapinha nas faces. — Vá deitar-se.

— Só isso? — perguntei.

— Só isso, garoto! Que queria? Que eu possuísse a menina ali mesmo? Compreenda, rapazinho, que estar nua na minha presença era de todo natural para ela, sem nenhum significado de maldade, e às vezes eu tinha de me esforçar para mostrar-lhe o quanto era importante manter em segredo aqueles nossos "encontros". Só sua fiel obediência a impedia

de dizer aos outros, por exemplo, que dançara nua para mim, ou que eu costumava espiá-la no banho. Visto isso, eu não podia avançar mais de um passo por vez.

— O que pretendia então?

— Despertá-la para o desejo sensual, já disse, e compreendi naquela noite que isso seria fácil porque ela sentira falta de mim e fora procurar-me. Para nada, é bem verdade, apenas para estar nua à minha frente mais uma vez, mas isto me fez saber que de alguma forma ela já estava preparada.

Então aconteceu algo surpreendente: o licor ingerido pelo Cardeal começou a dar-lhe voltas no estômago e ele correu para a janela. Afastou a pupila com um safanão e botou a cabeça para fora: vomitou tudo que bebera, parecia engasgar-se com o vômito, tossia às vezes como se estivesse sufocando, mas ao fim de algum tempo ergueu o corpo e voltou a sentar-se na cama, pálido mas bem disposto. Não restava nenhum sinal de embriaguez. O quarto, contudo, enchera-se de um cheiro acre que me enojou.

— Estou bem — ele disse —, creio que bebi um pouco demais, mas já estou bem. — Sacudiu a cabeça e pediu à pupila um copo de água. Bochechou e cuspiu dentro da bacia. Restabelecera-se.

— Vou resumir a história — ele disse, mas não permaneceu sentado: tomado de uma inquietação repentina pôs-se de pé e, enquanto falava, passeava pelo quarto gesticulando; ora se detinha rente a mim curvando-se um pouco em minha direção para acentuar sua narrativa, ora ia até a janela e, ignorando a pupila, ainda debruçada no peitoril, retornava, circulando à minha volta como se estivesse prestes a cair sobre mim, e mais uma vez sentava-se, respirava fundo para tomar fôlego, tornava a levantar-se e prosseguia falando num clima crescente de exaltação. — Viajamos no começo do inverno ao primeiro pretexto oferecido pela Igreja, tendo porém como motivo principal fugir de mama Antonella, e fomos para Londres onde devia cumprir uma missão de que me encarregara pessoalmente S. Santidade, e também onde o frio era muito intenso naquela estação. Nunca eludindo a sociedade, assim como em Roma, em Londres Giovanna, que me acompanhava a toda parte, converteu-se numa nova princesinha: foi muito admirada e eu elogiado por minha generosidade (não é preciso dizer, acompanhara-nos a tal mulher que eu contratara a fim de manter as aparências). Quanto às minhas intenções, durante os banhos da menina comecei a sugerir-lhe uma brincadeira com seu corpo, "uma brincadeira agradável" eu disse: acariciar-se de uma certa maneira… especial, e não foi difícil fazê-la entender como; até penso que ela já se habituara a tocar-se daquele jeito, a experimentar as sensações que advinham de tais toques, e só não o fazia na minha

presença por temer uma reprovação. Percebendo que me agradava vê-la acariciar-se, passara a fazê-lo às vezes depois do banho, recostada nas almofadas de sua cama, ou, nos dias mais frios, no sofá em frente à lareira acesa. Nesses dias a tal mulher, seguindo instruções, permanecia em seus aposentos, isolados da parte principal da casa, e o resto da criadagem era dispensada com ordem de só retornar na manhã seguinte; como fosse de todo impossível sair à rua e a calefação nos permitisse estar à vontade em casa, Giovanna permanecia nua, com naturalidade, diante da lareira. Ora folheava algum livro, ora dormitava sobre as almofadas, e era nesses momentos de cochilo que mais me aprazia admirá-la, embeber-me na contemplação de seu corpo nu principiando o processo de amadurecimento. Desperta, contudo, não se cansava de buscar através de carícias esse prazer que aprendera e que lhe parecia tão livre agora, e não raro no avançar das horas eu dormitava em minha poltrona após um dia cheio, então despertava com os gemidos da menina, seus gritinhos de êxtase, e ao perceber que eu abrira os olhos corria para mim, caindo em meus braços com uma expressão de gozo e saciedade no rosto. Já se dera conta, porém, de que havia algo de secreto e proibido naquela "brincadeira", ainda que lhe escapasse uma noção mais exata de tudo, por isso não foi difícil mantê-la calada, principalmente depois de ter insinuado que se descobrissem ela não só ficaria longe de mim, seu "paizinho", como também passaria a ser vigiada todo o tempo, de forma a não poder mais "brincar" como até então. Foi assim que transformei a menina inocente numa pequena depravada, que ainda não tinha conhecimento do que fosse o contato com um homem, mas já ansiava como uma louca pelo prazer.

Então eu me levantei.

— Já compreendi — disse com claro sentimento de repugnância. — Ela agora estava pronta para deitar-se com o senhor.

O Cardeal, imóvel entre a cama e a janela, não chegou a sorrir.

— Ainda crê nisso? — perguntou.

— E que outra coisa posso pensar?

— O que pense talvez não se aproxime dos fatos, rapaz — ele disse, baixando a voz e escandindo as palavras.

Em meu rosto deve ter-se pintado a viva confusão que aquelas palavras — e tudo mais — faziam em minha cabeça. O Cardeal sorriu, eu diria com amargura (pareceu-me espantoso que aquele homem pudesse sentir amargura), e prosseguiu:

— Giovanna continua intocada, nunca ousei ir além do que lhe revelei — e nesse ponto foi até a janela, tomou a pupila pelas mãos e a conduziu até perto de mim. — Como explicar-lhe? Eu mesmo não sei… Tudo que fiz com ela foi olhá-la nua, às vezes tomá-la nos braços após o

banho, envolvida na toalha. E ensinar-lhe acariciar-se. Nada além disso. E é bem provável que ela, que se entrega com tanta avidez a essa prática, a essa… "brincadeira", não tenha uma idéia real do que seja deitar-se com um homem. Mantendo-a sempre protegida, nunca fiz alusão a tal, controlei suas leituras para que não chegasse a descobrir nada por si mesma, e à medida que crescia fui, pouco a pouco, limitando suas aparições em sociedade de modo a não conhecer rapazes… De resto, nos anos que se seguiram tivemos grandes ocupações e, no mais das vezes, eu só tinha de meus — meus e dela — um ou dois finais de semana a cada mês. Se saíamos — note que ainda assim eu não evitava apresentá-la em sociedade, apenas reduzira suas aparições —, permanecia sempre em minha companhia. Exceto isso, Giovanna passava a maior parte do tempo em casa, sob a austera vigilância de mama Antonella, em quem eu podia confiar sem nenhuma reserva… — O Cardeal olhou para a pupila com uma expressão que eu não lhe conhecia: nada havia de luxurioso ou perverso em seu rosto naquele momento, pelo contrário, exprimia uma ternura de que não o imaginava capaz. Ajeitou-lhe uma mecha de cabelo com o cuidado de quem toca uma peça de arte muito fina e valiosa, e concluiu: — Louca, você disse? Não, não é louca, é apenas inocente, é apenas uma criança ainda… E eu lha entrego, pura, para que lhe ensine o amor.

E dizendo isto tomou-lhe a mão e a estendeu para mim. A pupila não fez nenhum movimento de recusa; percebi em seus olhos infantis, que me fitavam com uma alegria singela — o único olhar amistoso que ela me dirigiu em todo o tempo que esteve nas Oliveiras —, que bastaria tomá-la, e ela tudo cederia sem resistência, mas não era o que eu queria. Permaneci imóvel, sem atitude, atônito.

— Não posso — disse por fim —, não posso…

— Não a ama? Não a quer para si? Não lhe disse uma vez que seria capaz de qualquer coisa para tê-la? Leve-a para seu quarto, faça-a sua.

— Não posso — repeti, recuando em direção da porta —, não posso… não dessa maneira… — e invadido por um desespero incompreensível, corri para a porta tentando abri-la sem o conseguir, pois estava trancada, o que ainda mais me exasperou, fazendo com que eu girasse a maçaneta com violência repetidas vezes. Não sei que impaciência me dominava a ponto de julgar que não conseguiria sair dali, mas fiz por fim a chave girar na fechadura, atirei-me para a varanda (quando podia tão só entrar pelo corredor), desci pela corda e voei para o meu quarto, enfiando-me na cama.

Almoço em Família

"No meio da casa via-se uma mesa posta (…). Em redor, assentada em cavaletes fúnebres, havia uma sociedade de seis pessoas."
(**Edgar Allan Poe** — *O Rei da Peste*)

Uma noite o Cardeal foi até meu quarto, e era como se estivesse tomado de grande inquietação. Seu rosto parecia mais cheio, os olhos sumiam sob as pálpebras gordas, e seu imenso corpo rotundo dava a impressão de ocupar todo o espaço do aposento ao movimentar-se — coisa que fazia a todo instante. Movia as manoplas inchadas como se não soubesse o que fazer delas: ora esfregava uma na outra encarando-me, ora as cruzava atrás das costas andando daqui pr'ali. Sentou-se numa cadeira perto da janela, apoiou as mãos nos joelhos, e quando pensei que fosse acalmar-se, levantou-se e recomeçou a caminhar dentro do quarto sem dizer o que queria.

Eu, que não o esperava, assustei-me com sua entrada repentina, escancarando a porta como se intencionasse arrancá-la do portal e batendo-a para trás, associando-se ao terror de tê-lo diante de mim um sentimento de mal-estar que provinha do grande desejo de manter-me afastado.

Fugia de sua presença desde minha visita ao quarto da pupila. Não estive à mesa na manhã seguinte, escapei logo cedo para a aldeia onde estive todo o dia vagando de um lado para outro. Entrei e saí da igreja algumas vezes, onde não permanecia mais de cinco minutos. Voltava à rua, entrava na bodega, saía, seguia estrada afora para distanciar-me da povoação, mas retrocedia. Por fim, já não me agüentando nas pernas de cansaço e fome, retornei à igreja quando passava das quatro horas. Estar na Casa de Deus, porém, não me proporcionava alívio dos meus pesadelos: não fora uma repentina recaída de fé que me levara ali, buscava apenas um refúgio, e de certa forma o ambiente sereno fazia-me sentir menos atribulado. Padre Elpídio vira-me entrar várias vezes e, adivinhando por meu aspecto que algo não ia bem, deixou-me quieto por algum tempo. Depois foi sentar-se ao meu lado.

— Percebo sua face conturbada, filho. O que o aflige?

Eu havia sentado de cabeça baixa num dos bancos mais próximos do altar. Não rezava, não pensava em nada relativo às coisas da Igreja, e

nem mesmo talvez me preocupasse com os fatos da noite anterior. Creio ter chegado a um ponto de confusão mental em que os pensamentos se diluem e ficamos assim, imóveis, apenas vivendo sem saber bem por quê. Levantei a cabeça, e tal era meu alheamento que estranhei ao ver que ainda estava na igreja.

— Ah, é o senhor…

— Você parece bastante confuso. Já esteve aqui pelo menos umas três ou quatro vezes, vindo sentar-se sempre neste banco. Agora está aí pelo menos há uma hora…

— Estou confuso, padre… sinto-me… perdido…

— Por que não fala sobre o que o aflige?

Movi a cabeça sem dizer que sim nem que não, e levantei os olhos para padre Elpídio. Sua face anciã e bondosa tranqüilizou-me, mas não me animava a falar. Ele, contudo, parecia adivinhar.

— É ele, não é? — disse.

— Quem é aquele homem, padre? — perguntei.

— Eu não saberia dizer, filho — ele respondeu, sentando-se ao meu lado. — Lembro-me de quando ele chegou, de quando daqui mesmo de perto do altar avistei lá fora, na praça, a púrpura… Que transbordamento, que júbilo em meu coração!… Compreende-se — o pároco sorriu, numa justificativa —, um pobre padre de interior como eu, que só uma vez na vida esteve com o Bispo, e mesmo assim por menos de dez minutos… quando teria chance de falar a um membro do Sacro Colégio Pontifício? E que grande honra — que maior honra para mim — se esse santo homem celebrasse uma Missa em minha humilde igrejinha?… Quanta alegria naqueles dias ainda tão recentes, quanto encantamento, meu rapaz, nos envolvia a mim e aos paroquianos todos, mudos e reverentes diante desse homem que nos aparecia como um mensageiro divino!… No entanto, hoje, depois do que presenciamos, poderia dizer que se trata de um homem da igreja? Quanta dúvida!… Como é difícil para mim, um padre velho e ignorante de uma igrejinha de roça, assimilar essas coisas!

Fez uma pausa e baixou os olhos, refletindo. Disse, após um minuto:

— Dediquei minha vida à fé pura e simples, aos paroquianos pobres, a essas almas esquecidas dos homens nestes sertões, e bem ou mal, com a graça de Deus cheguei até aqui. Mas muita coisa foge à minha compreensão… não sou homem de grande instrução, nunca tive tempo de aprimorar-me intelectualmente para defrontar-me com tal ameaça, e até mesmo do pouco latim que aprendi já ando esquecido… Ah, meu rapaz, como são simples os problemas da gente daqui, tudo de que precisam vez por outra é um sermão que os direcione para o bom proceder, e uma ou outra penitência para que não pensem que a Igreja dorme… no

entanto, eu, que tenho essa missão, receio ter cometido uma grave falta…

— O senhor? Mas que falta pode ter cometido uma pessoa como o senhor?

— Alguém como eu?… Alguém como eu comete faltas a toda hora, filho. Que lhe disse? Que me parecia uma imensa honra se tão alta autoridade celebrasse uma missa em minha humilde igreja… Talvez eu tenha pecado por excesso de zelo, não sei… por algum tempo me esqueci de que só aos santos se deve venerar, e que alguém muito maior que todos os homens da Igreja juntos está sempre presente nesta casa, *Aquele* que é digno de toda adoração, o único… e no entanto me deixei enredar por um simples mortal… — e nesse ponto balançou a cabeça, desolado. — No mais… enfim… Mas você, é você que por ora interessa: penso que está diante de algo grande demais, e tenho medo de que não possa nem saiba como enfrentá-lo. Aquele homem é muito poderoso, e na sua presença eu de nada valeria. Como um pobre Davi diante de Golias… mas sem uma pedra para sua funda, compreende?

— E o que o senhor me aconselha?

— O único remédio que conheço: a oração.

— Talvez seja o último remédio, padre.

— E se já não dispuser dele, então temerei por você.

Senti algumas lágrimas rolaram pela minha face.

— Coisas medonhas aconteceram a noite passada naquela casa…

E não resistindo mais, relatei a padre Elpídio os acontecimentos desde que me apaixonara pela Menina Vestida de Sol até meu total desencantamento e assombro diante dos acontecimentos da noite anterior. Ao término, pensando que meu relato iria espantá-lo, vi em seu rosto apenas um sinal de cansaço e temor, mas também compreensão.

— Você me parece faminto — ele disse. — Não quer vir até a cozinha e comer alguma coisa?

Aceitei, e ele me conduziu por uma portinha atrás do altar até sua casa, nos fundos, pequena e sem conforto, exceto pela limpeza (ia lá todos os dias pela manhã uma beata velha, a Jandira, que cuidava também da limpeza e da arrumação da igreja) e pela fartura, pois, ainda que não dado ao pecado da gula, o pároco apreciava um bom petisco (que a mesma beata cozia para ele, aproveitando para fazer-lhe companhia ora ao almoço, ora ao jantar).

Naquela tarde, porém, estávamos a sós. Foi o pároco quem pôs a mesa e aguardou em silêncio que eu me servisse.

— A velha Jandira é quem faz deste bolo — ele disse —, ela tem boa mão para coisas de cozinha. Uma boa alma, se bem que um tanto obtusa…

— O senhor fica muito só aqui, padre. Por que não pede à Jandira

que venha passar as noites no quartinho dos hóspedes?

— E pensa que já não pedi, meu filho? Ora, se pedi, mas, que quer? Não lhe digo que ela é uma boa alma, mas obtusa? Meteu na cabeça que não ficaria bem uma mulher dormir na mesma casa de um padre, estando ambos sozinhos. Veja só! Uma velha que já de si não tem qualquer atrativo, recear de outro velho como eu para quem certas coisas já não têm nenhum interesse… Foi-se o tempo das tentações carnais, meu filho, foi-se o tempo, mas não há jeito de fazer com que a Jandira compreenda! "Não é por mim, padre" ela diz, "é pela sua reputação que temo".

— Coitada da Jandira…

E nos calamos por algum tempo. Padre Elpídio deixou-me terminar a merenda sem incomodar-me, retirou a mesa e acompanhou-me de volta à igreja. Ali parou.

— Filho — ele disse —, o que você me relatou há pouco é sem dúvida terrível, mas não inesperado para mim.

Procurei em seu rosto os sinais de clarividência que homens assim deveriam ter. Encontrei apenas as rugas da velhice, o cansaço diante dos males que afligem os homens. Mas, conquanto sem leituras, padre Elpídio não era um tolo.

— Os fatos são novos, é certo, eu os ignorava, mas a extensão do mal… de que ardis é capaz o Inimigo!… Você está diante de hostes malignas, e a luta que terá pela frente não é pequena, nem a vitória parece fácil. No entanto quem sabe dos desígnios de Deus? Que vitórias Ele pode estar lhe reservando nessa luta terrível que é só sua?

— Eu tenho medo — disse sem refletir.

— O medo é a consciência de nossa fragilidade, que nos faz acordar para a fé numa força exterior a nós, e à qual devemos recorrer quando nossas próprias forças faltarem. Não deve desesperar-se, mas confiar nEle, e só nEle! Por isso insisto na oração, é o único refúgio que possui nestas horas confusas. Jamais se esqueça da oração, e em momento algum fuja da luta — e dizendo isto o rosto do velho pároco parecia iluminar-se, como se uma força muito grande vibrasse em seus olhos comunicando-se comigo, reconfortando-me e restaurando-me o ânimo. Senti-me enfim na Casa de Deus, não apenas numa construção de barro e tijolos, e na presença não de um padre qualquer mas de um de Seus servos, ainda que simples e humilde. Padre Elpídio apertou minhas mãos, apontou para fora e acrescentou: — O dia chega ao fim. Talvez seja hora…

Olhei para a porta e vi que o sol já se pusera, o dia atingia a hora misteriosa do crepúsculo em que a noite se insinua, a luz se afasta e o silêncio habita o coração dos homens. Levantei-me, beijei a mão do sacerdote e deixei a igreja. Naquela hora sentia-me bem disposto, quase

alegre, e mesmo algo esperançoso.

Ao chegar em casa já era noite. Entrei pelos fundos e fui refugiar-me em meu quarto. Não me animava a andar pela casa temendo encontrar o Cardeal, com quem não gostaria de falar, e também a pupila, com vergonha de encará-la depois de saber tudo sobre ela.

Passaram-se alguns dias, durante os quais evitei a presença de ambos, mas certa noite estava em meu quarto — já passava das nove horas — quando ouvi passos que se aproximavam, e de imediato adivinhei que se tratava dele. Com efeito, um instante depois o Cardeal abriu a porta com violência e entrou. Olhei-o aterrado: tinha as feições crispadas, lábios contraídos, os olhos duas fendas estreitas. Não consegui encará-lo por muito tempo, temeroso de que ele interpretasse minha atitude como um desafio, e baixei a cabeça.

— Não é preciso fugir de mim — ele disse, parando diante da minha cama.

— Não fugi — retruquei, levantando o rosto num impulso e baixando-o em seguida. Mas o Cardeal apenas andou de um lado para outro no quarto, esfregando as mãos, agitado. Foi até a janela, retornou parando mais uma vez diante de minha cama, e recomeçou a andar.

— Sumiu durante os últimos dias — ele disse.

— Estava confuso — justifiquei-me —, preferi ficar sozinho.

Ele não me recriminou e voltou a andar de um lado para outro.

— Os pensamentos têm me atormentado durante todos esses dias — ele disse por fim —; não tarda, alguma desgraça acontecerá.

Estremeci assustado, mas nada disse e mantive-me de olhos baixos.

— Você deve lembrar-se de tudo que lhe relatei acerca… das visitas que o *outro* me fez.

Havia parado perto da janela e olhava-me de lá. O quarto estreito parecia-me ainda menor e bastante abafado, mas o Cardeal de repente abriu a janela e uma aragem refrescante entrou.

— Maldição! — exclamou. — Sufoca-se neste cubículo!… Enfim, recorda-se de tudo que disse?

Interpelado de maneira tão direta, não tive remédio a não ser mover a cabeça, olhando-o com receio.

— Muitas coisas têm-me fervilhado na mente… inclusive a questão que trata do conhecimento do Bem e do Mal…

Fez uma pausa, balançou a cabeça como se desejasse repelir a idéia. Falou, já não comigo, e eu poderia mesmo afirmar que me procurara apenas para ter a impressão de não estar falando para as paredes. Não esperava resposta, argumentos, ponderações, queria apenas ouvir a própria voz desfiando suas idéias terríveis. No entanto, falou da inocência, só da inocência.

— O enigma — disse — que ele me propôs em nosso segundo encontro — fez uma pausa encarando-me, e apesar do pavor que agora sentia em sua presença ergui os olhos —, talvez… talvez eu tenha encontrado uma resposta…

Sentou-se na cama, que estalou sob seu peso.

— Lembra-se do enigma? — e recitou: — *"Quando o anjo estiver à sombra da árvore que há no meio do jardim, e sorrir, mostrará a cárie dos seus dentes."* — Fez uma pausa, e prosseguiu: — Foi antes de ter encontrado Giovanna nas ruas de Roma que ele falou comigo, deixando-me esse enigma, que me intrigou bastante e sobre o qual me debrucei muito tempo sem compreendê-lo. Por fim desisti, uma vez que a solução, embora devesse existir — eu não podia supor que fosse uma brincadeira da parte dele, ainda que ele (e o reconheço agora) tenha na verdade apenas gracejado comigo… porque eu esperava ouvir-lhe muitas coisas, a ciência do Bem e do Mal só pode ser entendida como a plena sabedoria, e ainda que não pudesse alcançá-la através dele, poderia no entanto ter obtido algo… qualquer coisa… mas aquela história sobre o labirinto, Deus do céu!, aquela história sobre o labirinto… e de que o mundo, o verdadeiro mundo, quero dizer, começou apenas com o desejo que teve Adão de fazer um passeio… —, a solução, portanto, do enigma não me era acessível por enquanto; *"não deve ser tempo ainda de conhecer seu significado"* eu pensei; parecia-me notável o fato de que o enigma se apresentava incompleto, ou levando-nos a linhas de raciocínio insatisfatórias (pelo menos para mim) ou, por outro lado, deixando-nos na mais absoluta escuridão quanto ao seu significado, assim como eu estive por muito tempo. Deixei-o de lado todos esses anos. Não que me tivesse esquecido dele, apenas não me preocupava mais em buscar-lhe a solução. Tinha para mim que ela surgiria quando fosse hora. Na outra noite, depois que você saiu do quarto dela… — e aqui o Cardeal fez uma pausa maior, esfregou o rosto com as mãos e de novo se pôs a caminhar, tomado de excitação.

— As conseqüências são assombrosas — disse após um minuto. — O que pensa que Giovanna fazia comigo durante aquelas seções de nudez? Se você compreendeu bem tudo que eu lhe contei ontem, deve ter percebido que eu, de minha parte, não pretendia tocá-la de forma atrevida, apenas queria gozar a encantadora visão de sua nudez infantil; e quanto a ela, crê que a menina tivesse uma noção exata do que fazia? Mesmo depois de crescida, pela maneira como a havia criado, sempre em minha companhia e, apesar da vida social mais ou menos intensa, não a deixando sob a influência perigosa de outras meninas de sua idade ou mesmo mais velhas, nem permitindo-lhe aproximar-se de rapazes, do que aliás parecia não sentir falta; mesmo depois de crescida, portanto,

Giovanna não sabia precisamente o que estava fazendo. Mesmo ontem, compreende?… Ela ansiava pelo prazer como alguém faminto por um prato de comida, mas numa ignorância quase absoluta de tudo… Eu a havia alertado para que nada transparecesse; aquela outra mulher não, mas *mama* Antonella era um perigo, eu lhe dizia, e se descobrisse faria um escarcéu… Por último, Giovanna era-me muito dedicada e, em sua dedicação, tinha extrema confiança em mim, punha atenção em tudo que lhe dizia, o que me deixava despreocupado quanto ao resto.

O Cardeal parou outra vez diante de minha cama.

— Ela é o anjo — disse, encarando-me —, mas conquanto a sombra da árvore no meio do jardim a ameace, seus dentes ainda brilham de brancura, impolutos.

Eu o olhava com espanto e sem compreender.

— Veja que a inocência dela não foi maculada. Ela ainda não está perdida, e melhor seria se você a tomasse para si, e a fizesse compreender tudo. Não, não pense que é louca, não é sequer retardada… foi criada muito só, os instintos despertaram nela como noutra menina de sua idade, mas de uma outra maneira, e se tornou assim como a vê, mas não é louca. É apenas inocente. Se a tomar para si e mostrar-lhe a verdade… ainda que permaneça à sombra da árvore, se a proteger estará segura.

Perplexo, gaguejei:

— O que quer dizer?… Não entendo nada…

— Você ainda não compreendeu o enigma. É necessário compreendê-lo. Preste atenção — e de novo sentou-se em minha cama.

— Houve uma grande guerra no céu. Lúcifer era o primeiro dos anjos, o mais alto dos serafins, abaixo de Deus estava ele, como um general à frente de seus exércitos. Sentindo-se porém dono de grande poder, reuniu ao redor de si inumeráveis hostes angélicas, dividiu o império celeste e tentou ocupar o lugar de Deus. Deus, porém, não era apenas dono de um grande poder, mas de *todo* o poder, por isso Lúcifer não podia vencer e foi precipitado junto com seus anjos no Abismo. A vingança do anjo decaído foi, após a criação, tentar o Homem no Éden. Em que consistiu essa tentação, em suma, essa vingança? Justamente em pô-lo à sombra da árvore que está no meio do jardim. O que é *"estar à sombra da árvore"* senão ter provado de seu fruto, isto é, da fonte do conhecimento, em suma, ter perdido a inocência? O anjo de que fala o enigma é o próprio homem, ainda puro como o Senhor o havia criado. À sombra da árvore ele começa a se aperceber de coisas que antes nem ao menos imaginava existir, eis o conhecimento — que muito lhe agrada mas que também o destrói, *"e seus dentes estão podres"*!… Era isso que ele, o visitante daquela noite, *o torto*, na figura de um pacato funcionário

aposentado meio gordo, quis dizer, compreende? A inocência não pode conviver com o conhecimento, eis tudo!, pois o conhecimento corrompe, e era o que Ele desejava evitar: que à sua criatura fosse dado o conhecimento, pois ela se perderia.

O Cardeal, na verdade, parecia não dizer coisa com coisa, fazendo de sua interpretação do enigma uma confusão que, enfim, não trazia nenhuma novidade: o enigma não poderia ter uma interpretação tão vulgar (como veremos, cheguei eu mesmo a uma conclusão diferente sobre ele), já que o diabo, ou quem tenha sido o visitante que por duas vezes estivera em seus aposentos, fora bastante original, além de espirituoso, com aquela história de um labirinto e do simples desejo de Adão fazer um passeio…

— E o que tem a ver a pupila com tudo isso? — perguntei. — Não entendo nada…

— Como não entende? Então não percebeu ainda!… Ela, Giovanna, está sozinha… não tem ninguém, pois eu decerto não poderei ficar com ela muito tempo mais… não que pretenda abandoná-la… mas é que chega o tempo de o pássaro alçar vôo… todos os filhotes de pássaros alçam vôo…

E ele agora vinha com isso de "alçar vôo"!…

— …alguém deverá estar com ela quando isso acontecer… como eu lhe disse, ela é pura, compreende?, nem louca, nem devassa, mas inocente… está à sombra da árvore, mas ainda possui um sorriso perfeito em brancura… está em suas mãos, João, preservá-la assim…

— Eu não posso fazer nada disso — respondi em voz baixa. Então, dizia comigo mesmo, ele aplica o enigma à pupila? E espera de mim que seja eu a salvá-la? Mas agora que ele punha a menina nas minhas mãos, que bastava tomá-la e levá-la para meu quarto e fazê-la minha (sem cogitar numa recusa, pois acredito que se me dispusesse a atendê-lo ele a convenceria sem nenhuma dificuldade a acompanhar-me), como explicar que eu recuasse, até mesmo com uma certa sensação de apavoramento, se ainda a amava e outra coisa não poderia querer?

— Mas não é apenas por ser o tempo de o pássaro alçar vôo… há uma outra coisa… mais terrível… que me leva a temer por Giovanna…

Não perguntei do que se tratava, apenas encarava-o com uma decerto visível expressão de perplexidade e assombro.

— Ele vai voltar… *ele*, compreende? Sabe de quem estou falando, não sabe?

Senti um estremecimento.

— Ele virá de novo… e essa terceira vez será terrível, pressinto isso, a terceira vez é sempre terrível… Giovanna poderá ficar só…

Por fim algumas lágrimas corriam por minhas faces. Agora o Cardeal

fazia-me um apelo direto e angustiado:

— Tome-a para si… salve-a, João! Salve-a! Não permita que alguém, quem sabe um estranho, venha a destruí-la quando eu não mais puder protegê-la.

Estava em mim dizer-lhe que cumpriria sua vontade? Posso descrever meu estado de espírito naquele momento, mesmo naqueles dias, ou, se o fizer, estarei incorrendo naquelas dúvidas sobre a realidade que referi no *Exordium*?

— Eu não sei nada — respondi dobrando-me em dois. Cobri com as mãos os ouvidos num gesto de aflição, enquanto as lágrimas escorriam-me abundantes pelo rosto —, não posso nada… eu não posso fazer nada… deixe-me em paz… por favor, deixe-me em paz!…

Por fim afundei o rosto no cobertor, apertei a cabeça com força entre as mãos, sacudido por soluços. Quanto tempo estive assim?

Quando por fim me acalmei e de novo abri os olhos, o Cardeal já não se encontrava ali.

Desci na manhã seguinte bem tarde para evitar um encontro com o Cardeal e com a pupila. Rufina trouxe o café, e notando minha perturbação ficou por perto, ora ajeitando um franzido na toalha, ora verificando quanto açúcar havia ainda no açucareiro… Saiu e entrou algumas vezes ou a pretexto de trazer alguns biscoitos de que alegava ter-se esquecido, ou para ela mesma servir-me de mais leite e insistir em que eu me alimentasse direito, e até mesmo sem motivo algum aparente. Eu percebia sua intenção, mas não me animava a comentar os últimos acontecimentos, de cujos efeitos sobre mim ela parecia ter alguma suspeita. A negra não se sentia à vontade para interrogar-me, esperando que fosse eu a tocar no assunto. De cabeça baixa tomei meu café, mastigando uma fatia de pão com manteiga de modo maquinal, sem nenhuma vontade, comendo apenas por hábito. A certa altura levantei o rosto lançando uma espiada em sua direção, e adivinhei-lhe na cara gorda e séria uma interrogação que ela procurou disfarçar com um sorriso, indagando se eu queria mais alguma coisa, "pois o minino comeu muito pouco, ói que até pode fazer mal".

— Não, Rufina, não tenho fome hoje.

— Mas minino… então prove uma fatia da broa que fiz de manhã cedinho. Está uma gostosura!

Balancei a cabeça e sorri para não deixá-la preocupada comigo, mas minha aparência dizia mais que minhas palavras, e não consegui enganá-la.

— O tempo agora é outro, minino — ela disse baixando a voz, como a iniciar uma conversa, mas como eu não respondi, calou-se e permaneceu quieta ao meu lado.

Eu terminava de tomar o café quando bateram à porta com força. Olhamo-nos, eu e Rufina, perguntando-nos quem poderia ser tão cedo.

A presença do Cardeal tornara nossa casa ainda mais isolada que antes. Como explicar isto, se o que se passava entre aquelas paredes entre elas devia permanecer? Era possível que o pároco, única pessoa que agora sabia dos acontecimentos e conquanto fosse um homem discreto, tivesse feito algum comentário, com o que a história ter-se-ia alastrado; talvez uma das negras que ajudavam Rufina tivesse percebido alguma coisa; o fato é que, se antes as visitas não eram freqüentes, agora não vinha mais ninguém às Oliveiras. Aquelas pancadas foram, portanto, motivo de surpresa para nós. Rufina parecia dotada de uma intuição penetrante, algo como um "faro", pois a vi mover a cabeça como quem pressente o Mal. Notei que ela não parecia disposta a abrir, então levantei-me da cadeira e corri para a porta.

À minha frente apareceu um homem com cerca de quarenta anos (soube depois que tinha quarenta e quatro), magro e não muito alto, cabelos um tanto grisalhos, um pouco longos e despenteados, a pele muito morena e a aparência jovial se bem que não muito saudável. Mal vestido e bastante sujo, talvez da viagem de muitos dias por aquelas estradas empoeiradas, ou talvez de uma sujeira crônica grudada à pele como uma coisa que passasse a fazer parte de seu corpo, tratava-se de um marinheiro ou coisa parecida, quase afirmo ter sentido o cheiro do mar, da água salgada que só conhecia de minhas leituras, da maresia dos livros de aventura que havia na biblioteca. Sorriu mostrando dentes muito amarelados, se bem que perfeitos, e seus olhos faiscaram.

— Esta é a Fazenda das Oliveiras, não? — ele disse, piscando para mim. — Depois do arraial lá embaixo não encontrei pela estrada ninguém que informasse.

— Sim, senhor… — gaguejei.

— Deus do céu! Em que buraco vim me meter! Você deve ser o menino João? Pelo menos se parece com alguém que se chama João.

— Sim…

— E não é de falar muito, hein?… Está bem, não precisamos conversar por enquanto, haverá tempo… acaso meus irmãos se encontram por aqui?

— Os irmãos do senhor? — perguntei, estranhando. É possível que no meu íntimo eu já soubesse quem era aquele homem, mas me esforçava por manter-me na ignorância. — Não creio, senhor… não há mais ninguém aqui…

— Ora essa! — exclamou. Sem mais, apanhou as duas malas grandes que arriara no assoalho e sem olhar-me de novo entrou no vestíbulo, dando com Rufina que havia me seguido. — Estou certo de que esta negra horrenda não é um dos meus irmãos — ele disse tentando fazer graça, e tossiu um pouco. — Estou falando de um padre e um homem do exército, ou coisa que o valha.

— Um padre? — eu disse, acompanhando-o.

— Você só sabe repetir o que digo, menino? — exclamou, voltando-se para mim. — Que coisa mais aborrecida! Pergunto-me se um dia poderemos ter uma conversa normal. Somos primos, sabia?

— O senhor é irmão do senhor Cardeal?

— Ah, enfim uma pergunta! Então não preciso apresentar-me — e encarando-me: — Ou será que preciso?

Nesse momento o Cardeal descia a escada, e exclamou:

— Ah, meu diletíssimo irmão! Com que alegria vos vejo após tantos anos. Não temos tido muitas oportunidades de conversar ultimamente, não?

O recém-chegado, aquele que eu ficaria conhecendo inicialmente como "o Marujo", adiantou-se para o Cardeal.

— Ora essa, seu bode velho! E quem é que, em sã consciência, quer conversar com um padre? Basta de carolice, com mil demônios!

Aproximaram-se um do outro, detendo-se a um passo de distância, e se observaram com atenção. O Marujo parecia satisfeito, mas com o tempo aprendi que às vezes seria difícil definir seu real estado de espírito. O Cardeal não demonstrava nenhum sentimento, nem de alegria, nem de reprovação, nem de insatisfação. Acolhia a chegada do irmão com naturalidade, e quando se apertaram as mãos, disse:

— O outro ainda não chegou. Não deve demorar, embora já esteja tardando muito. Eu estou aqui há quase seis meses.

— Bem, recebi sua carta e vim. Ouça cá, seu bode velho, saiba que nem me passava pela cabeça afundar-me neste meio de mato, e foi com aborrecimento que deixei minhas viagens e meus afazeres. Mas, enfim, quebra a rotina… e admito que fiquei um tanto curioso…

— Deixe de reclamações, acompanhe-me… vamos até lá em cima, tenho ali um gabinete de trabalho onde poderemos conversar.

— Sim, mas antes — e virou-se para mim —, ei, primo, providencie alguém para trazer as outras malas para dentro.

— Outras malas…? — gaguejei, pois não havia mala alguma na varanda.

O Marujo fez uma careta não sei se de zombaria ou de raiva e disse para o irmão:

— O garoto não parece muito bom da cachola. O que acha? Um

pouco retardado, ou coisa assim?

— Um matuto — respondeu o Cardeal —, mas é um bom garoto. O que quer dele?

— Que mande algum criado apanhar as malas que estão no burrico aí fora e traga para dentro.

Sem esperar nova ordem, espiei para fora e vi um burrico morto de cansaço parado no terreiro, meio encurvado ao peso de umas três ou quatro malas enormes. Olhei para Rufina que me compreendeu, e disse:

— Já, já, senhor…

— Está resolvido — disse o Cardeal —, vamos até lá em cima.

Agora que o segundo filho de Teodomiro chegara, a realidade de que os três haveriam de se reunir nas Oliveiras se apresentava para mim de maneira muito direta. Com que fim? Por que voltariam àquela casa da qual haviam sido levados quando crianças, e com a qual não tinham ligação alguma a não ser o fato de serem os filhos do antigo dono? Por que não se haviam esquecido daquela propriedade de que não precisavam, e ficado em seus mundos sem vir nos atormentar — a nós todos, a gente daquela casa, daquele povoado, daqueles ermos — no nosso? Não me preocupava a posse da fazenda, eu era muito jovem e a ganância, se viesse a ter propensão para tal algum dia, não me tocara ainda. O que eu não queria era perder minha tranqüilidade: pensei que se o Cardeal nunca tivesse aparecido, eu não teria conhecido a Menina Vestida de Sol, sendo quase certo que terminaria por casar-me com Eliete; então criaria nosso filho e levaria uma vida sossegada de lavrador, talvez até sem ter noção do valor da fazenda, que acabaria sendo minha… Mas ele aparecera com sua pupila, agora chegava um dos irmãos, e o terceiro por certo não tardaria…

Enquanto subiam a escada, o Marujo avistou no salão principal, através do corredor, a pupila, que momentos antes se sentara ali para ler. Acomodada numa cadeira de balanço, pusera-se a folhear um volume sem dar pela presença de mais uma pessoa na casa. O Marujo deteve-se no segundo degrau, curvou-se um pouco para poder olhar melhor e assoviou, exclamando:

— Deus do céu! Quem é a menina?

O Cardeal parou no meio da escada e voltou-se:

— Deixe de tolice e venha! — disse com impaciência, e espiando para ver se eu ainda estava embaixo no vestíbulo, acrescentou com malícia: — Terá tempo de conhecê-la. Creio que mais ninguém aqui tem interesse nela.

Outra vez sozinho, dei uma olhada na direção de Giovanna, que continuou na cadeira de balanço, lendo e alheia a tudo. Parecia não ter ouvido que se referiam a ela de forma tão direta e mesmo grosseira. Não

se apercebeu, também, de minha presença, e pude, apesar do meu acanhamento, observá-la ainda por algum tempo. Impedido pela vergonha, já não me sentia com coragem de falar-lhe: envergonhava-me por ela que, no entanto, parecia inatingível em sua indiferença; envergonhava-me pelo que o Cardeal lhe fizera, ele, que de nada se envergonhava, relatando-me todos os fatos sem embaraço algum. Já não a poderia olhar nos olhos e, como poucos dias antes, declarar-me com entusiasmo, com o ímpeto de arrebatá-la e levá-la comigo para qualquer lugar como havia garantido, bastando que ela "dissesse uma palavra". Ainda estava ali a *beleza*, para mim, garoto apaixonado e tolo; quem sabe nada tivesse mudado desde a noite em que o Cardeal contara sua história e nada daquilo a tivesse de fato tocado; talvez, mesmo "à sombra da árvore no meio do jardim, a cárie não tivesse manchado ainda os seus dentes"… Pensei desta forma no curto instante em que a olhei no cômodo vizinho, concentrada na leitura, mas uma parede levantara-se, invisível, entre nós, e sem barulho afastei-me de sua presença. (Se pudesse prever e, mais, modificar o futuro, tê-la-ia tomado quando o Cardeal instou para que o fizesse, e fugido para longe daquele lugar. O que é, no entanto, o futuro, para que possamos ao menos suspeitar dos caminhos que nos reserva? O futuro é uma escuridão, e não há luz suficiente para iluminá-lo…)

Passava um pouco das duas horas quando subi para meu quarto e, atravessando o corredor em frente ao antigo salão de festas, vi a porta aberta. Estranhei, pois além de mim, que só passava por ali no caso de sair pelos fundos sem ser notado, ninguém mais usava aquele cômodo. Aproximei-me da porta e deparei com o recém-chegado, o irmão do Cardeal, enfim, o Marujo que, com as malas abertas, punha-se a arrumar suas coisas em cima de uma mesa. Num canto pusera um saco de dormir bastante encardido e dois ou três lençóis. Vi umas poucas peças de roupa penduradas no encosto das cadeiras, e embaixo da mesa dois pares de sapatos muito usados e várias garrafas de bebida que não pude identificar, pois não traziam rótulo. Como verifiquei depois, o Marujo gostava de bebidas fortes (aguardente, vodka, absinto) e bebia a qualquer hora do dia ou da noite. Creio mesmo que substituía a água pela aguardente. O que mais estranhei, contudo, foi o que vi pendurado em pregos grosseiramente enfiados pelas paredes: quadros, numerosos quadros sem moldura, apenas as telas, que pendiam dos pregos por um barbante e ainda se mostravam recurvas, indicando que ele as trazia enroladas em sua bagagem. Na minha surpresa, não pude deixar de observar aquelas pinturas estranhas e belas que o homem espalhara ao comprido das paredes, e mesmo correndo o risco de ser enxotado dali, entrei no salão e fui olhar cada uma delas com atenção.

— E então? — ele perguntou quando me viu parar em frente de um

certo quadro. — O que acha?

Voltei-me para ele, que nesse momento tirava de outra mala uma grande variedade de tintas e pincéis, arrumando-os sobre a mesa. Não respondi, a não ser com um dar de ombros que revelava ignorância, e voltei a olhar os quadros um por um. Havia de tudo neles: rostos, paisagens, nus, alguns compunham-se apenas de manchas coloridas em tons vibrantes dentre as quais adivinhava-se mais do que se via ora uns olhos, ora uma boca, ora umas mãos, ou um movimento de corpo, e depois nos seguintes voltava a encontrar um rosto, uma paisagem, um nu… aquilo não me teria impressionado tanto — poderia ter-me de qualquer forma agradado, poderia ter visto ali uma imensa beleza sem, contudo, impressionar-me — se, apesar da minha ignorância acerca de arte, eu não tivesse minha sensibilidade mais aguçada para o trágico: pois o que via naqueles quadros era assim uma sucessão de tragédias e horrores tão profundos que apenas com tais cores e formas, e com um sentimento muito especial, poder-se-iam perceber. Os rostos não eram bem rostos, mas agonias, e as paisagens mostravam também imagens da dor, e mesmos as manchas coloridas, apesar dos tons alegres e quentes, eram postos em correspondência com outros tão sombrios que passavam a ter um sentido diferente, e as formas entrevistas — um par de mãos, um olho, uns lábios — refletiam um lapso de dor, o instante que antecede (ou sucede) o sobressalto!

— O senhor os pintou?

— Sim. O que pensa deles?

— Eu não entendo de quadros — respondi.

— Não é preciso entender — ele disse, aproximando-se com um cigarro entre os lábios e um pincel na mão direita —, basta sentir — e acrescentou algo que me surpreendeu: — Ninguém sabe explicar a dor, mas todos a sentem.

— Eu não havia visto quadros assim ainda… aliás, vi muito poucos quadros em minha vida.

— E onde viu quadros nesta terra?

— Na aldeia, na igreja da aldeia… na casa do intendente… uma vez passou por aqui um homem que fazia retratos… foi só.

— Não viu muita coisa — ele disse então —, aliás, não viu nada. Mas isso não importa.

— Há sofrimento neles — eu disse a título de comentário.

O Marujo não respondeu. Tive medo de ter dito uma tolice, ainda que fosse essa a minha impressão ao examiná-los, e olhei para ele. Tinha o rosto tranqüilo naquele momento, uma ruga vertical na testa parecia sugerir que ele refletia sobre meu comentário. Havia, contudo, uma força imensa em seu olhar, voltando-se para mim era como se procurasse inves-

tigar-me até a alma. Embaraçado, continuei a contemplar os quadros.

— Quem é ela? — perguntei apontando um dos rostos, que se repetia em diversas outras telas. Era o busto ¾ de frente de uma jovem de pele morena e cabelos negros muito bonita. Os olhos grandes, um pouco amendoados, voltavam-se para o espectador, e os lábios grossos abriam-se num sorriso suave. Atentando-se bem para aquele sorriso descobria-se o disfarce precário de uma grande agitação interior que aflorava. Aquele, como os outros rostos do mesmo modelo, fora porém pouco mais que esboçado em pinceladas rápidas, cores neutras, exceto nas faces onde sobressaíam tons mais vivos.

— Ah, ela… Dê uma olhada nisto — e de dentro de outra mala retirou um pacote retangular mais ou menos grande, embrulhado em tiras de papel grosso. Desfazendo o embrulho, apareceu uma moldura, a tela protegida por uma grossa placa de vidro. Escolhendo um ponto da parede que lhe pareceu bem iluminado meteu nele um prego, pendurou o quadro e afastou-se alguns passos.

Curioso, eu me aproximei para ver esse novo quadro *"que deve ser muito especial"* eu pensei, não apenas por estar, ao contrário dos outros, embalado ou por ser o único numa moldura, mas pela placa de vidro que o resguardava. E me deparei com uma obra que eu não poderia à época, e menos ainda agora, descrever com precisão. Era o melhor de todos os quadros, pintado de maneira apaixonada e com uma consumada técnica clássica. O modelo parecia vivo, como se de uma hora para outra fosse falar com o espectador. Tinha-se a impressão de que o sorriso, disfarce de um sofrimento não obstante visível, fosse cessar no instante seguinte e os olhos, num movimento da cabeça, voltar-se noutra direção, quem sabe baixando para o colo, e até as mãos, que não apareciam na tela, fazer outro gesto.

— Agrada-lhe?

O Marujo pôs-se ao meu lado, diante do quadro, olhando-o sem nada dizer, e assim estivemos por algum tempo, submersos numa contemplação silenciosa — mas de súbito vi seu rosto crispar-se, como se a dor contida na tela repentinamente a ele próprio afetasse.

— Agrada-me — eu disse em voz baixa, admirado. — Mas também incomoda… não sei me exprimir convenientemente…

O Marujo não ouviu meu comentário, ou pareceu não ouvir.

— Você tem razão — disse após um instante, olhando em volta —, há muito sofrimento aqui. Mas — e deu de braços como para livrar-se de um peso —, bem… viver é sofrimento, nada há de novo ou significativo nisto. Quer saber quem é ela? — encarou-me. — Se quiser ouvir-me, poderei falar-lhe sobre ela. Mas não hoje — e afastou-se, cantarolando aquela frase: — Mas não hoje, mas não hoje, lá-lá-lá-lá-lá… outra

hora, outro dia, se houver outro dia, lá-lá-lá-lá…

E continuou arrumando suas tintas e pincéis sobre a mesa, como se eu não mais estivesse ali.

O resto daquela tarde estive fora, o que nos últimos dias vinha se tornando um hábito: ora a pé, ora a cavalo, afastava-me de casa, umas vezes indo até Pilar; outras penetrando na mata, nas trilhas pouco percorridas, ia recostar-me a algum tronco onde punha-me a ler — pelo menos a folhear — algum livro que apanhava na biblioteca durante a ausência do Cardeal. Acontecia-me também adormecer sobre a relva e acordar já anoitecendo. Naquele dia não foi diferente: voltei para casa e recolhi-me cedo, após jantar às pressas na cozinha, evitando assim encontrar-me com o Cardeal e a pupila, e mesmo com o Marujo, ainda que de início sua companhia não me parecesse desagradável.

Era bem tarde — passava de uma da manhã — quando fomos acordados por pancadas na porta. Fora, uma voz aos berros:

— Ó de casa! Há alguém aí?

Como as pancadas e os gritos se repetissem, corri a espreitar do alto da escada. O Cardeal já estava embaixo e seu criado abria a porta, deixando passar um homem de meia-idade de aspecto militar, cabelos no entanto bem pretos e uma barba recobrindo metade da cara. Chegara só, exceto por um ajudante a quem encarregara de cuidar das montarias (esse ajudante, um homem de aparência rústica e de idade indefinível, conquanto não fosse velho, não era militar e fora contratado apenas para acompanhá-lo naquela viagem, pois partiu logo pela manhã). O Cardeal cumprimentou o estranho com um abraço expansivo, perguntando-lhe se fizera boa viagem.

— Na medida do possível — dizia o homem com voz grave, despindo o casaco. Trazia por baixo uma farda muito surrada e algumas dragonas no ombro. Ali estava o Coronel, o homem que comandava tropas, o terceiro filho de Teodomiro, que acabara de chegar. — As estradas não estão boas e a noite parece um breu. Tudo que eu quero agora é um banho e uma cama para encostar os ossos.

— Sem demora, sem demora! — disse o Cardeal esfregando as mãos, e para o criado: — Vá lá fora acordar a negra e dê ordem para preparar um banho e um quarto. Enquanto isso, caro irmão — voltou-se para o Coronel —, vamos nos sentar um pouco aqui, você descansa e logo o banho e o quarto ficam prontos.

Não esperei que falassem em recolher-se: voltei para meu quarto perguntando-me, agora com a família reunida, o que estaria para acontecer.

Na manhã seguinte fiquei até tarde na cama: só desci por volta das nove para um dejejum apressado, planejando afastar-me de casa o mais

cedo possível. Desejava protelar ao máximo as apresentações, pois aquela nova personagem, ao contrário do Marujo, que me havia cativado com seus quadros e suas maneiras joviais, não me agradara nem um pouco. Logo me arrependi de não ter-me levantado antes dos demais e saído cedo: o Cardeal, notando minha ausência durante o café, mandou Rufina prevenir-me de que na hora do almoço fazia questão da minha presença.

— **Ele** — e a negra acentuava a referência ao Cardeal, enquanto servia o leite — quer o minino na mesa, na hora do almoço.

— Ora, ele não se importa com minha presença.

— Hoje ele quer. Deve de ser porque os irmãos estão aqui. Deve querer toda a família reunida.

Aquela novidade aborreceu-me, mas preferi não despertar a cólera do homem.

Fora do costume, porém, o almoço naquele dia foi servido com bastante atraso, por volta das duas da tarde, em parte porque foram determinados pelo Cardeal alguns pratos de preparo mais demorado, em parte porque tanto o Coronel quanto o Marujo só entraram em casa, vindos de um passeio pelos arredores, depois de uma e meia.

Já estavam todos à mesa, quando me aproximei um tanto ressabiado.

— Ô rapaz — disse o Cardeal com uma simplicidade fingida —, reúna-se aos bons e será um deles! Venha sentar-se!

— Perdoe-me o atraso — disse em voz baixa, temendo mostrar meu descontentamento, e ocupei o lugar ao lado de Giovanna. Creio que de propósito me fora destinada aquela posição, onde haviam posto um prato e ao lado os talheres e o guardanapo. Trairia meus sentimentos, além de ser grosseiro, recolher esses apetrechos e retirar-me para mais longe, por isso me resignei a sentar-me ao lado dela, conquanto isso me deixasse bastante embaraçado.

O Cardeal pusera-se à cabeceira, ficando à sua esquerda a pupila, e à direita — portanto bem à minha frente — o Coronel e o Marujo.

— Meus caros irmãos — ele disse contraindo a caraça inchada num sorriso — ainda não conhecem nosso primo em segundo grau, pois não?

— Não — respondeu com secura o Coronel —, é o filho do velho encarregado?

— Ora, ora — disse o Cardeal num tom de jocosa censura —, seja complacente, meu irmão! Todos sabemos que o velho Edgar era primo do nosso pai, portanto o garoto…

— O garoto — cortou o Coronel ainda com secura — é talvez primo em terceiro grau, se não me engano.

— Bem — e o Cardeal riu ainda mais expansivo —, que diferença faz! Segundo grau, terceiro… o que importa é que João é pouco mais

que uma criança, e é nosso primo.

— Criança? — o Coronel fez uma careta de desaprovação. — Que idade tem? Dezesseis? Dezessete? Sabe meu irmão quantos molecotes de dezessete vi tombar na linha de frente, arma em punho e a cara queimada de pólvora?

— Aqui não estamos em guerra, mano Rodrigo — e o Cardeal, com um ótimo humor (que me deixava surpreso), trinchou o frango.

— Bem — admitiu o Coronel contrariado. — Mas me parece um tanto tolo…

— Pelo contrário, Rodrigo, muito pelo contrário — acudiu o Marujo enquanto servia-se de uma sopa de legumes —, João esteve ontem à tarde no salão enquanto eu arrumava minhas tralhas. Olhem, o menino saiu-me mais esperto do que era de esperar num caboclinho desse meio de mato.

A maneira de se referirem a mim como se eu não estivesse presente e, ainda pior, como se eu fosse o mais insignificante dos seres irritou-me, mas contive minha irritação e me servi em silêncio, pouco, desejando comer rápido e evadir-me dali sem demora.

— Verdade?! — exclamou o Cardeal com uma seriedade fingida e exagerada, inclinando o corpo balofo muito para frente, volvendo os olhos ora para mim, ora para o Marujo.

— E não? Examinou com atenção minhas pinturas, e mostrou-se muito sensível. Parecia um entendedor. Fez até comentários, e muito pertinentes.

— Ora, pinturas — rosnou o Coronel com pouco caso.

— Ah!… — e o Cardeal afrouxou o corpo, voltou à sua posição natural. — Apesar de viver nestes sertões, nosso primo não é um tolo. Soube aproveitar os livros que pertenceram a nosso pai. Ilustrou-se. — E para mim: — Você deve ter lido todos aqueles livros, João, ou estou enganado?

— Não, senhor — respondi, procurando disfarçar meu aborrecimento. — Não todos. Li, porém, alguns.

— Eu não disse? — e olhou triunfante os irmãos, agitando no alto uma grande colher com a qual se servia do molho. — Como vê, mano Rodrigo, nem só na guerra forma-se um homem.

— E uma coisa mais que todas as outras chamou-lhe a atenção — disse o Marujo para o Cardeal, sem esperar que o Coronel respondesse.

— E o que foi? — perguntou o Cardeal.

— O retrato *dela* — ele disse —, o da moldura, do qual você também gostou mais.

— Ah, a moça morena!… Sim, encantador! Então nosso garoto gostou dela?

O Marujo, mastigando, moveu a cabeça.

O Cardeal assumiu uma seriedade repentina, e após um instante de concentração, disse:

— Saibam vocês que o primo João é movido por uma atração muito especial pelo sexo feminino.

— Não podia imaginar! — exclamou o Marujo. O Coronel olhou-me com algum desprezo e sorriu.

— É verdade. Assim que cheguei a esta casa e o conheci, logo veio me procurar a mãe de uma moça da aldeia a quem o rapazinho aí desencaminhara. À época, a moça estava em estado interessante e a mãe exigia uma satisfação, que eu não fazia questão nenhuma de dar, diga-se de passagem, já que o problema não era meu. O menino nasceu, João? — e o Cardeal voltou-se para mim, interrompendo o relato. — Já é tempo, não?

Eu me sentia confuso com a continuidade daquelas indiscrições. Dei de ombros, sem saber se devia falar de Eliete naquele momento. Verdade é que nem pensava nela, mas essa alusão fez-me lembrar de sua (para mim) incômoda gravidez. O Cardeal, porém, não esperava uma resposta, continuou:

— Sim, deve ter nascido, pelo tempo que faz… O caso é que nosso rapaz não queria casar-se e não se casou. Bem, à moça resta o consolo de criar seu rebento; ora, uma criança é a alegria de um lar, mesmo que esse lar seja o dos avós, não é mesmo? — e estrondou numa gargalhada como se tivesse dito uma piada engraçadíssima; a cara gorda pôs-se vermelha e uma gota de lágrima umedeceu-lhe os olhos, o que me espantou, primeiro porque nunca o vira rir assim, e depois por não esperar que o riso lhe provocasse lágrimas. Ainda refazendo-se do acesso de hilaridade, o Cardeal estendeu o braço sobre a mesa, apanhando a travessa de carne. — Mas ele não parou por aí — acrescentou enquanto punha de novo a travessa na mesa. — Imagine que encantou-se pela nossa menina — e indicou com o garfo a pupila que, ao meu lado, continuou comendo sem se perturbar —, e até declarações andou lhe fazendo.

— Oh — fez o Marujo —, vejo então que tem bom gosto e sabe escolher!

— Sim — o Cardeal moveu afirmativamente a cabeça. — Como vêem, morenas, loiras, todas lhe agradam — e para mim, numa brincadeira escarninha: — Alguma negrinha também, João, em sua lista?

Mordi os lábios, sentindo crescer minha irritação, com o que — não o posso negar, por esdrúxulo que pareça — vieram-me ímpetos de exclamar "uma negrinha não, mas um negrinho sim!, eu comi a força, fiquem sabendo". No entanto calei-me: tal idéia de fato ocorrera-me, mas está visto que seria impossível proferir tal barbaridade, principal-

mente levando-se em conta a presença de Giovanna.

O Marujo, contudo, foi mais agressivo:

— Diga-me, rapaz, como era sua noiva? Era boa…? — e fez um gesto obsceno de clara significação, acompanhado de um sorriso maldoso.

Sem esperar uma pergunta tão direta e grosseira, imobilizei-me na cadeira, o talher caiu no prato. Inibido, olhei o Marujo no rosto.

— Ele tem esse defeito — observou o Cardeal com alguma aspereza —, faz-se-lhe uma pergunta e ele fica assim, estatelado, sem resposta.

— Na linha de frente basta menos que isso para levar pela cara uma descarga — observou com desprezo o Coronel.

— Não, senhor — eu disse com certa timidez, as palavras saindo-me sem que eu me desse conta —, desculpe… não esperava…

— Perguntei se sua noiva era … — o Marujo repetiu sorrindo aquele gesto —, você entende.

— Eu não tenho noiva… — eu disse, como se fosse cabível uma resposta e mesmo manter um diálogo assim.

— Ora, noiva, namorada, amante, o que seja. Essa que vai ter, ou teve, um filho seu.

— Eliete? — disse ainda, tolamente. Verdade é que eu estava perplexo e sem ação.

— Sei lá o nome! — ele exclamou. — Chama-se Eliete? Tanto melhor. Podia chamar-se Bernardina, e aí sim, seria um desastre!

E agora foi o Marujo a rir da piada, logo seguido pelo Cardeal que parecia muito satisfeito. Senti vergonha (ainda mais porque a pupila ouvia tudo), o sangue subiu, veio-me um calor às faces como se houvesse metido a cara num forno. No entanto não repliquei.

— Ora, vamos, é só uma brincadeira — disse o Marujo —, não me leve a mal. Fale-me da moça.

— Não há o que falar — respondi, baixando os olhos para o prato.

— Fale o que houver — ele insistiu —, por exemplo, é bonita?

— Sim — disse com um movimento de cabeça mais do que com a voz —, eu acho Eliete bonita.

— E é loira? Morena? Tem bons modos? Fale, fale!

— É branca — respondi em voz baixa, olhando para o prato. Embaraçado, cortava a carne em pedacinhos pequenos —, mas tem os cabelos pretos.

— E o bebê?

— Não sei… não sei se nasceu…

Nesse momento bateram palmas em frente à varanda, e Rufina foi atender. Voltou um instante depois, mas como parasse à entrada sem resolver-se a regressar a seu posto no cômodo vizinho, olhei para ela, que me fez um sinal muito discreto com a mão, como se não desejasse

chamar atenção de mais ninguém.

Indeciso quanto ao que fazer, receando ter de sair tão cedo da mesa, mas ao mesmo tempo desejando fazê-lo e satisfeito por surgir uma oportunidade, fiz um movimento interrogativo de cabeça, que no entanto foi percebido pelo Cardeal, que interveio:

— Do que se trata?

— É para o menino, meu senhor — Rufina respondeu, e para mim: — O pai da menina Eliete, João, sinhô Germano… está aí fora…

— Ah! — exclamou o Cardeal com sua voz forte. — O sogro do nosso menino! Pois que entre, ora essa! Ainda há um lugar à mesa…

— Senhor — objetei em voz baixa, numa quase súplica —, por favor… talvez seja melhor atendê-lo fora… ele decerto não se sentirá à vontade…

O Cardeal voltou a cara gorda onde reluzia o imenso chifre de rinoceronte, seus olhos sumiram-se em duas fendas estreitas:

— Não me contradiga, rapaz — disse sem alterar-se, mas de maneira tão incisiva que eu me calei, voltando a sentar-me de cabeça baixa. — Negra, mande o homem entrar e ponha mais um prato.

Rufina fez entrar o pai de Eliete e indicou-lhe um lugar à mesa, ao lado do Coronel. O infeliz, com grande acanhamento, cumprimentou a todos com voz surda, tentou esquivar-se:

— Não tencionava incomodar — disse —, não imaginei que fosse hora do almoço dos senhores… careço apenas de ter duas palavrinhas com o menino João, mas posso esperar aí fora…

— Não senhor! — fez o Cardeal, imperativo. — Não tem nenhum cabimento! O senhor agora é nosso convidado. Fazemos muito gosto. Tome seu lugar!

Rufina entrou com um prato e talheres, e o pobre homem não teve como escapar: ainda hesitou, mas a um novo e imperativo gesto do Cardeal…

— O senhor não nos vai fazer essa desfeita!

— N-não, senhor…

…sentou-se. Apenas espiei-o de relance, envergonhado, e não tive coragem de levantar os olhos do prato. Continuei comendo devagar e só a muito custo conseguia engolir uns poucos bocados.

— Falávamos de sua filha — disse o Marujo sem qualquer cerimônia. — Consta que era noiva do garoto aqui, não?

Atordoado, o pai de Eliete confirmou com um movimento de cabeça, sem coragem, porém, de servir-se.

— Era noiva — repetiu o Marujo — ou é noiva? Bem, ouvi dizer que houve um rompimento… será verdade? — e encarou o senhor Germano, que, imobilizado por pergunta tão direta, tentou falar, mas a voz não lhe saiu. Limpou a garganta na tentativa de recuperar-se, mas ainda

assim só gaguejou uma ou duas palavras.

— Enfim — o Marujo continuou —, não vem ao caso… Ele — e indicou-me — disse que ela se chama Eliete, e eu respondi que estava muito bem: pior seria se se chamasse Bernardina, não é mesmo? — e de novo prorrompeu num risada.

O pobre senhor Germano pareceu não compreender o sentido de tal comentário — que na verdade não tinha sentido nenhum: tratava-se de uma piada banal, uma simples brincadeira, inconveniente porém, por tratar-se de um estranho quem assim brincava —, e corou.

— A propósito — o Cardeal falou —, o senhor disse ter vindo tratar de um assunto com o rapaz… esteja à vontade.

— Será melhor depois, senhores — disse o homem, cada vez mais perturbado — …mais tarde…

— Presumo que se refira à senhorita.

— À senhorita?… ah, sim, à minha menina… sim, trata-se dela…

— Pois esteja à vontade, mas primeiro sirva-se, é nosso convidado!

O pai de Eliete, contudo, não se animava a servir-se, o que fez o Cardeal gritar por Rufina, que apareceu prontamente:

— Sirva nosso convidado — disse, e Rufina, aproximando-se, foi lhe indicando os pratos a fim de que este escolhesse. O pai de Eliete, porém, penso eu que não atinava com o que via nas travessas, e só fazia que sim com a cabeça porque Rufina, ao seu lado, o estimulava com palavras, ditas contudo em voz baixa.

Vendo que Rufina terminara de servi-lo, o Cardeal fez um gesto com a mão para que se retirasse, e reiterou:

— Fique à vontade — e baixando a voz, enquanto se curvava em sua direção numa demonstração falsa de intimidade —, estamos em família! Pode conversar com o rapaz, ele está bem aí à sua frente.

— No entanto — murmurou o homem ainda mais envergonhado —, se vossa excelência não se importa… eu gostaria de um particular… mas mais tarde, está visto… mais tarde…

— Bem — e deu de ombros com maus modos, como se o assunto não tivesse mais qualquer importância —, como queira.

— O nosso garoto — disse o Marujo com sua sem-cerimônia, dirigindo-se ao infeliz — andou procedendo mau. — Falava agora simulando seriedade e apontando-me com o garfo, como se reprovasse minha conduta e estivesse disposto a fazer-me reparar meu erro. — Ainda não tive tempo de conversar com ele sobre esse assunto… aliás, só agora tomei conhecimento dos fatos…

Eu levantei o rosto, perplexo, encarando o Marujo, à espera do estaria por vir. O que pretendia com tal atitude?

— Saiba — acrescentou, e percebi que mal continha o riso —, saiba

o senhor que ele nem ao menos sabe dizer se o filho nasceu, vejam todos em que mundo estamos! — E para mim, curvando-se sobre o prato em minha direção: — Escute aqui, mocinho, esteja certo de que tem um dever a cumprir — e mordeu os lábios para não desatar numa gargalhada —, e é melhor para seu bem que o faça!

— Acontece — interveio o Cardeal, dando prosseguimento à brincadeira, pretendendo ao mesmo tempo embaraçar o pai de Eliete e irritar-me com uma alusão maliciosa — que nosso primo não poderá saldar esse compromisso! Infelizmente, meu senhor — e voltou-se para o senhor Germano —, João não tem mais olhos para sua filha desde que… — e fez uma pausa cheia de suspense — …enfim… desde que conheceu uma outra moça…

Percebendo que lhe faziam caçoada, o pobre homem, que nem sequer havia tocado na comida, pôs-se de pé:

— Oh, senhores, desculpem-me, mas… enfim, creio que não é o momento… permitam-me que me retire… — e para mim: — Uma outra hora então conversamos…

— Mas, não! — exclamou o Marujo, escarninho, porém afetando seriedade: — Mas o senhor não pode retirar-se…

— Meu senhor… — murmurou o homem, pálido, sem saber que atitude tomar.

— Mas seria uma imensa desfeita não partilhar do nosso sal — continuou o Marujo.

— Mas senhor — tentou retrucar o senhor Germano —, os senhores estão em família…

— Mas o senhor também está — disse o Marujo com firmeza —, o senhor também está — repetiu —, pois não é o sogro do nosso jovem primo? Não, esteja certo de que ele não irá deixar sua menina na mão — e tal frase soou terrível por sua vulgaridade, pronunciada, porém, numa voz segura e séria. — Além do mais, que desfeita não partilhar do nosso sal, quando não por mim, que não passo de um joão-ninguém, pelo menos por meu irmão Adolfo, um Cardeal da Igreja, e por meu irmão Rodrigo, um Coronel do Exército! — e pôs-se de pé também: — Faz favor — insistiu com falsa delicadeza —, não nos prive…

— Meu senhor… — gemeu o pobre homem, trêmulo, vermelho de vergonha.

— …não nos prive de sua agradável companhia. Prove o nosso sal — e o infeliz não teve escolha: sentou-se e principiou a comer, de cabeça baixa e quase sem fazer nenhum movimento.

Não posso negar que após tal pantomima odiei de tal maneira o Marujo (apesar de ter-me causado a princípio uma impressão favorável pelo que vira dos seus quadros), que tive ímpetos de me levantar também e

sair dali. Mantive-me, porém, em meu lugar todo o tempo — sem ousar levantar os olhos. O caráter daquele homem ainda estava por se revelar a mim por inteiro.

— Assim é que se faz! — exclamou o Cardeal com um gesto aprovativo de cabeça, ao ver o senhor Germano sentar-se. O Coronel, porém, mantivera-se indiferente durante esse triste episódio, e Giovanna era como se não estivesse ali.

Percebi que, apesar de seu embaraço, e devido também a ele, o pai de Eliete olhou em minha direção, mas eu não tive coragem de encará-lo. Mantive-me de cabeça baixa para não defrontar-me com sua vergonha, que era também a minha, conquanto no rosto em brasas eu pudesse sentir a verruma de seu olhar cheio de reprovação.

— No entanto, mano Adolfo — tornou o Marujo, já esquecido de sua vítima —, se não estou enganado, você me garantiu, no momento em que vi sua pupila ontem sossegada lendo um livro — ali mesmo na outra sala — que ninguém mais aqui se interessava por ela.

O Cardeal não respondeu, e ele, levantando-se e curvando o corpo sobre a mesa, apanhou com a ponta dos dedos o queixo de Giovanna, gesto a que ela não se opôs. Ergueu-lhe o rosto e a examinou por meio minuto. Viria o tempo em que a olharia como mulher, mas naquele momento era apenas o pintor observando o modelo.

— Um belo rosto — ele disse olhando-a ainda um instante e voltando a sentar-se —, muito belo e de uma maneira indefinível. Não me espanta que o garoto tenha gostado dela.

— Mas pelo visto — disse o Cardeal —, nosso inconstante conquistador parece interessar-se agora pela garota do quadro, o que me parece bastante novo: apaixonar-se por um quadro.

A observação do Cardeal (pelo que ainda viremos a saber acerca da jovem do retrato) decerto não agradou ao irmão, que continuou a comer sem, todavia, demonstrar seu aborrecimento (a mim desgostou, como de resto me aborreciam aquelas alusões maldosas a Eliete e sua gravidez, à pupila e o que eu sentia por ela, e essa nova e irritante ironia, minha suposta paixão por um quadro, coisa que aliás não tinha qualquer fundamento!).

— É apenas um retrato — ele disse por fim.

— Um retrato de carne e osso — disse o Cardeal.

— Sim… digamos que eu tenha feito um bom retrato… mas é só isso.

— Afinal, ela existe ou não? Pareceu-me ouvi-lo dizer que existiu, ou ainda existe…

— Sim, padreco — e a voz do Marujo tornou-se delicadamente mordaz, como se desejasse ironizar a condição de padre do irmão —, existiu, existe, mas que entenderá você de mulheres?… Deixemo-la em paz por

enquanto.

Desta vez foi a ironia do Marujo que desgostou o Cardeal, embora este tenha mantido sua fisionomia inalterada, a não ser por certos sinais, muito sutis, que eu aprendera a interpretar. Por exemplo, o Cardeal manteve seu sorriso, mas baixou um pouco os olhos para a mesa e olhou de esguelha na direção da pupila; mudou de assunto, fez um elogio à sopa de legumes com um tom de voz mecânico oferecendo mais ao pai de Eliete, que recusou com um débil movimento de cabeça, e também ao Coronel. Este, que acabava de servir-se de uma enorme fatia de carne, recusou com um movimento de cabeça, acrescentando à ironia do Marujo:

— E talvez você não tenha perdido muita coisa com isso de não conhecer as mulheres — cortava com vigor a carne no prato. — Enfim, o amor, o desejo, ou ambos, o que para mim dá no mesmo, são coisas que nos tiram o sossego.

O Cardeal, porém, não admitia dar-se por vencido.

— E que o faz pensar, mano Rodrigo — disse —, que o simples uso de uma batina tolhe ao homem seus impulsos carnais, impulsos que estão em sua natureza como a fome e a necessidade de dormir, dentre outros?

— Isso significa que você, apesar de sacerdote, não mantém o voto?… Bem, julguei que a jovem — e indicou Giovanna com um movimento de cabeça — fosse apenas uma protegida sua…

O Cardeal ficou sério, o rosto adquiriu um tom avermelhado e pensei que fosse presenciar uma de suas explosões de fúria. Mas isso não aconteceu: manteve a calma (a custo, creio eu, de algum esforço) e, com voz carregada mas sem exaltar-se, advertiu:

— Não toque a inocência com seu veneno, mano Rodrigo.

Após uma pausa encarou o irmão, que, diante de sua gravidade, mastigou em silêncio o pedaço de carne que levara à boca. O Cardeal continuou:

— Se alguma coisa aprendi em minha vida… se apesar de todos os meus erros há algo que aprendi, foi que a inocência não pode ser conspurcada.

Tal frase, dita pelo Cardeal, cujo caráter já não me era desconhecido, deixou-me espantado. Naquele momento eu não sabia se ele estava sendo sincero ou irônico, ainda que por seu tom de voz e seu semblante, e também tendo em mente o enigma de que me falara dias antes (o enigma proposto por um espectro que lhe aparecera em sonhos, embora estivesse convencido de que tudo fora real, e ao qual atribuía a personalidade do diabo), eu pudesse acreditar em sua sinceridade.

— A inocência é como um peido sem cheiro — disse o Marujo com

inconveniência —, não tem graça nenhuma.

— A inocência é um engano — rosnou o Coronel.

— Não crê na inocência, mano Rodrigo? Não se curva reverente o seu espírito diante dela?

O Coronel riu-se da seriedade do Cardeal. Continuou comendo sem se alterar, antes de prosseguir.

— Na frente de batalha aprende-se que a inocência e a corrupção são meros conceitos. Já vi horrores de fazer gelar o sangue, mas tive de manter-me indiferente, porque se me desesperasse perderia a vida, e talvez a vida seja a única coisa que temos, valhamos ou não alguma coisa.

— Então não valemos nada, hein — disse o Marujo.

— De certa forma, é isso mesmo — confirmou o Coronel.

— Estou curioso por conhecer seu pensamento — disse o Cardeal.

— Falar da guerra a um padre, a um artista, a dois matutos e a uma menina de catorze anos? — disse o Coronel, mais para si mesmo, e sorriu movendo a cabeça com vagar.

— Não se acanhe por mim ou por eles — tornou o Cardeal indicando o Marujo e o senhor Germano —, somos homens, não creio que nos possa falar de algo que já não saibamos ou que nos vá assustar. E quanto aos meninos, pouco importa, sairão inteiros da experiência. Eu, por exemplo, já tive conversas bem instigantes com nosso primo, não é mesmo, João?, e como vê ele parece bem saudável. Além do mais, temos tempo. Esteja à vontade.

O Coronel recolheu de uma travessa um grande fígado de boi que mandara cozer especialmente para si. O fígado estava quase cru e deixou na travessa uma poça de caldo vermelho que o Coronel, tomando-a e levando-a aos lábios, sorveu em grandes goles. Um filete escorreu pelo canto dos lábios e pingou na camisa. Estalou a língua, pôs a travessa de volta na mesa, e disse:

— A guerra é uma coisa medonha e bela. Tem gosto de sangue, como este caldo que acabo de beber. Só que este caldo contém sangue animal, que não tem o mesmo sabor, nem nos embriaga!

— A guerra pra você parece um vício — disse o Marujo.

— Torna-se um vício — confirmou o Coronel —, não há jeito. E que vício! Vou lhes relatar — disse de forma sentenciosa, enquanto cortava o enorme fígado, do qual escorria filetes de sangue ao espetá-lo com o garfo. Concentrou-se na tarefa de cortar o fígado quase cru e espremer limão sobre os pedaços, depois levantou o rosto: — Vou lhes relatar — e olhou para nós — como me iniciei na guerra. Nosso tutor mandou-o para outro país, mano Adol…

— …Agostinho — interpôs o Cardeal.

— Como?

— Agostinho. É o meu nome sacerdotal. Por favor! Quando vestimos o hábito, adotamos como você deve saber um nome novo, o meu é Agostinho. De Santo Agostinho.

— Ah… — mastigou um pedaço de fígado, e novo filete vermelho escorreu pelo canto dos lábios, que limpou com as costas da mão. — Agostinho… Está bem. Gostei. Pois bem, mano Agostinho, você foi para fora, fez-se padre. Nosso irmão — e voltou-se para o Marujo — fez-se artista…

— Na verdade não — disse o outro —, fiz-me marinheiro. Aprendi a pintar nas horas de folga, no tombadilho do navio, enquanto descansávamos da lida. Meus modelos eram os homens com quem trabalhava, homens rudes, beberrões que por um nada esfaqueavam-se até a morte… aprendi a esfaquear também, por isso nada que julgue assombroso em seu relato poderá espantar-me… Quando aqueles homens violentos viram que eu lhes desenhava a cara tão bem que pareciam vivos no papel, passaram a respeitar-me, e então pediam-me que lhes fizesse o retrato. Eu fazia por prazer; também me alegrava vê-los sorrir de satisfação admirando suas feições rabiscadas no branco da folha…

— Viajou…

— Viajei o mundo, mano Rodrigo, o mundo!

— E decerto não sabe que existe outro mundo nos sertões desta terra — o Coronel retrucou, a modo de comentário. — Um mundo! Imenso e bárbaro!… Bem, mas vamos aos fatos.

Neste ponto, porém, é preciso fazer uma interrupção para amiudar umas explicações que o Coronel, então, passou por alto. Já foi dito de que maneira o Cardeal entrou para o seminário; ouvimos essa história de sua própria boca, mas quanto aos seus irmãos soubemos apenas por alto que haviam desaparecido de casa. Veremos agora esse episódio com mais detalhes.

Lembramos que os dois meninos, apesar de permanecerem sob severa vigilância do velho tutor, mais tarde também fugiram e acabaram separando-se; deduz-se do que foi dito até agora que cada um seguiu seu rumo e não se viram mais, a não ser quando de seu reencontro nas Oliveiras. A descrição que se segue é um resumo do que aconteceu durante a fuga, resumo para o qual me baseei tanto no relato do Coronel durante aquele almoço, quanto depois, no que me foi dito pelo Marujo.

Os garotos — Rodrigo, o mais velho, e Filipe — resolveram, pois, fugir de casa: levou-os a isso não aturarem mais o tutor ranzinza que os tiranizava. Por uma das últimas noites de certo mês de setembro, já não tão frias, mas correndo ainda um ventinho que os obrigara a enrolar-se numas mantas de mau aspecto que de caso pensado haviam escolhido,

saltaram pela janela do quarto e chegaram à rua. O céu estava escuro, sem Lua, o que — confessou-me o Marujo mais tarde — fez diminuir nele a confiança e o desejo de partir, "quando nos vimos sozinhos na rua, não nego que tive medo e procurei amparar-me em meu irmão, mais velho e mais decidido".

A fuga, na verdade, dera-se quase de improviso: haviam dito "e se fugíssemos?", e fugiram, mas nem ao menos pensavam que a partida poderia ser definitiva. Talvez fosse esse o desejo de ambos sem o saberem, mas não havia plano algum naquela brincadeira, nem conseguiam imaginar até onde chegariam. O que começara como uma brincadeira de meninos travessos não teria volta.

Decerto somos levados a supor que meninos criados em condições de conforto, ainda que submetidos a uma regime bastante rigoroso e supervisionados por um tutor severo, não pudessem sobreviver aos infortúnios que teriam pela frente; e mesmo que pudessem sobreviver, desistiriam de sua aventura logo no começo. Não foi, porém, o que se deu. Nos primeiros dias, obedecendo a sua intenção de se afastarem de casa o máximo possível, conseguiram vencer as dificuldades encontrando abrigo em celeiros, estábulos, e mesmo em casa de algum lavrador onde, naqueles ermos, vinham a pousar. As regiões desertas que atravessavam facilitaram sua fuga, e mesmo tendo o tutor se empenhado em procurá-los, foram espertos o bastante para não serem encontrados. No entanto os dias se passaram, tanto mais penosos quanto menos acostumados às dificuldades que deparavam em seu caminho, e esses meninos olhando-se agora o que viam? Dois garotos sujos — sujos de verdade, com roupas que talvez não demorassem a rasgar-se, a fome mais de uma vez roendo-lhes o estômago, e o mundo de uma grandeza excessiva à sua volta. Era de crer que ambos até desejassem desistir da brincadeira, da péssima brincadeira que haviam começado, não o fazendo no entanto por um sentimento de vergonha, e assim escoravam-se um no outro, um esperando que fosse o outro a propor o regresso a casa.

Pode-se descrever com exatidão o que teria sido para eles tal aventura? É pouco provável. O certo é que tempos depois, já aclimados à sua nova situação, foram dar numa cidade costeira — a maior que já tinham visto —, e estiveram dias por ali, vagando pelo cais e espiando os barcos que entravam e saíam, pequenos navios que atracavam para descarregar ou abastecer-se, barcaças de pesca repletas de peixe, e gente, muita gente andando para todos os lados, homens seminus transportando fardos, gritando palavrões, e por toda parte uma imundície que os espantava. Até então não haviam deixado de ser meninos, mesmo que nos últimos tempos já acostumados tanto ao trabalho, quando se lhe oferecia a oportunidade de ganhar alguns cobres executando pequenas tarefas,

quanto aos pequenos furtos quando surgia ensejo, à comida ruim e nem sempre farta e a toda sorte de desconforto. Estavam, ao fim daqueles meses, mais magros mas também mais fortes, queimados de sol e bastante corados; então já não pensavam em voltar para casa, e era possível que se um resolvesse desistir, o outro não teria concordado. O cais lhes parecia uma coisa não apenas nova, mas cheia de encantos, e o mar estendia-se diante deles com suas velas, seu horizonte de brumas, seu infinito, fazendo-os sonhar com viagens.

Sobrevieram então dias frios e chuvosos e Filipe, o mais novo, adoeceu. No começo reclamou de uma indisposição, uns arrepios pelo corpo, um calor incômodo às vezes e dores na garganta. Dois dias depois a febre queimava e o mais velho, assustado, vendo-o em condições de saúde que pouco a pouco pioravam, não sabia o que fazer. Uma noite, abrigando-se entre duas paredes de um beco onde o vento não dava com tanta força, e como fosse preciso conseguir um pouco de comida e um agasalho, que tanto se poderia pedir como roubar, Rodrigo deixou no beco o irmão doente e andou pelas ruas espiando aqui e ali, as mãos metidas nos bolsos, evitando chamar atenção e à espera do momento favorável para cometer um pequeno furto, fosse comida ou um capote. Chegou numa rua com muito movimento: pessoas transitavam em várias direções, em botequins os fregueses bebiam e conversavam, um sanfoneiro cego fazia uma seresta ("Lembro-me bem desse sanfoneiro" comentou o Coronel, "pois passei bem perto dele e fiquei espiando seus dedos hábeis no teclado da sanfona, enquanto cantava com voz áspera uma bonita canção") e havia um grupo de ciganos num acampamento armado a distância, num largo. Parado à porta de um botequim, o menino ficou à espreita. Viu alguns ciganos se aproximarem, uns seguiram adiante e outros entraram no bar, outros ainda pararam à porta sem se decidirem a entrar nem a seguir com os demais. Não lhes deu importância e se distraiu com o sanfoneiro cego, que havia iniciado uma música alegre e tocava a todo fole. Não percebeu como se iniciou a briga dentro do bar: só se deu conta do que acontecia quando o alarido cresceu e já voavam cadeiras em várias direções. Um dos ciganos quebrou uma garrafa no balcão e atacou um homem ao seu lado, cortando-lhe a garganta. Outro homem, vendo o que acontecia, sacou uma pistola e atirou contra o cigano, outros intervieram… Novos disparos foram feitos dentro do botequim, um ou dois ciganos caíram feridos e os outros fugiram à toda para fora. Uns praças chegaram com cassetetes e pistolas, seguiram-se mais disparos e o garoto, tomado por membro do bando de ciganos que, como soube mais tarde, não eram bem vistos no lugar, acabou preso com vários deles, havendo mesmo quem afirmasse ter visto uma arma em suas mãos. Foram inúteis suas tentativas de explicar quem era,

dizer que deixara o irmão doente num beco enquanto tentava obter comida, e a intervenção dos ciganos a seu favor parecia piorar as coisas, em vez de esclarecê-las. Passou aquela noite na cadeia local e, no dia seguinte, antes de nascer o sol, foram todos removidos para uma cidade próxima, aonde os mandara levar o chefe de polícia do lugar. Estiveram presos durante cerca de dez dias, e por fim quando o chefe de polícia se convenceu de que pelo menos Rodrigo não participara da arruaça e mandou que o soltassem, já não foi possível encontrar o irmão: retornou à cidade e ao beco onde o deixara, mas ele havia desaparecido.

— Então eu estava sozinho — disse o Coronel prosseguindo sua narrativa. — Não é preciso descrever por miúdo minha vida depois disso. Vagabundeei por diversos lugares, era órfão, pedinte, ladrãozinho… Precisava sobreviver. Acabei na caserna. De soldado cheguei a Coronel. Vi de tudo como praça, de tudo eu fiz. Mas o que na verdade importa relatar é como, pouco tempo depois de fazer-me soldado, iniciei-me na guerra.

Mal completara dezesseis anos assentei praça, a contragosto, mas assentei praça. Meteram-me um uniforme, grande demais para meu corpo, e deram-me uma espingarda com a recomendação de mantê-la sempre limpa e lubrificada. O uniforme eu consegui com agulha, linha e paciência amoldar às minhas medidas, embora tivesse deixado uns franzidos bastante feios embaixo dos braços da gandola e entre as pernas da calça. As botinas ajustavam-se mal aos meus pés, mas não havia como modificar, e dei sorte de não me causarem bolhas. As instalações na caserna eram as piores possíveis, havia piolhos entre os praças e percevejo nas camas, de forma que tínhamos de manter a cabeça raspada e duas ou três vezes por semana estender os lençóis ao sol. No meu pelotão, recebi o número seis, e minha cara quase imberbe e infantil fazia com que me dessem as tarefas menos honrosas: limpar os estábulos, levar o despejo, lavar a louça, esfregar o chão, coisas assim. Mas não estava sozinho, pois os outros que entraram comigo eram todos meninos, embora apenas eu tivesse sido criado com conforto. Além do mais nenhum de nós, conscritos, sabia usar uma arma, de maneira que as longas horas de instrução tornaram-se penosas, principalmente porque nossos superiores achavam que não podíamos desperdiçar munição sem mostrar aproveitamento. Se não nos mostrávamos capazes, sofríamos punições que iam desde um dia de prisão até uma semana a pão e água. Está claro que todos sofremos punições, uns mais rigorosas, outros menos, e os reincidentes eram obrigados a usar na farda durante certo tempo uma tarja com a inscrição **"incapaz"**. Eu, por ter errado algumas manobras após o instrutor explicar o que deveríamos fazer, passei quatro dias preso, saindo apenas à

noite sob a vigilância de um cabo velho para limpar os estábulos, com licença para ir dormir só pela manhã. Quando já dominávamos o uso da arma, passamos aos exercícios mais pesados de simulação de combate, dos quais sempre voltávamos com ferimentos, às vezes sérios. Certa ocasião quebrei uma perna, e fiquei quatro meses imobilizado. O pior de tudo não era a dor: era ter de cagar num latão que ficava uma semana inteira embaixo da cama sem ser limpo, uma fedentina dos diabos que era preciso suportar sem reclamação. Essas simulações eram feitas dividindo-se parte do efetivo em duas guarnições adversárias, que tinham como finalidade apanhar uma bandeira em território neutro, estabelecido com antecedência. Havia prêmio para a guarnição vencedora: folga de dois dias, licença para ir à cidade passear, estar com mulheres, beber, coisas assim, enquanto a guarnição derrotada ficaria na caserna fazendo toda sorte de trabalhos pesados. Por causa disso cada um se esforçava por atingir o objetivo antes do adversário, e para tanto valia qualquer coisa: desde deixar amarrado de cabeça para baixo e amordaçado alguém da guarnição inimiga que aparecesse à sua frente no meio do mato, até esbordoá-lo caso oferecesse muita resistência. Tudo isso nos tornou homens rijos antes mesmo de completarmos dezoito anos, e eu, como passei a sair-me bem com freqüência, não tardou que recebesse umas divisas na manga da gandola, e o novo posto de cabo me fez sentir uma imensa vaidade. Um dia, cerca de um ano depois de termos ingressado, formamos no pátio e o comandante da tropa designou uma guarnição para uma nova simulação dentro do mato, advertindo-nos de que desta vez levaríamos alguns dias de marcha. O que havia de diferente é que formávamos todos um único pelotão, levando-nos a crer que naquele treino não nos enfrentaríamos entre nós, mas sim um agrupamento de outra parte. Isso nos animou, e quando nos metemos trilha adentro íamos esperançosos dos prêmios que teríamos na volta, decerto mais generosos, caso vencêssemos: quem sabe uma semana de licença, muito vinho para nos embebedarmos a valer, e as melhores fêmeas do puteiro! — aqui o Coronel fez uma pausa, olhando para a pupila, depois para o Cardeal e de novo para a pupila: — Bem, talvez a menina não deva ouvir tal palavreado…

— Oh, não se acanhe, mano! — exclamou o Cardeal. — Como lhe disse, a inocência é intocável.

O Coronel deu de ombros. Continuou:

— Depois de alguns dias de marcha dura sob o sol, descansando apenas duas ou três vezes no decorrer do dia, dormindo tarde e acordando cedo, racionando água e comida, paramos à tardinha num outeiro depois do qual se estendia um terreno aberto, de vegetação rala. Foi então que o comandante da tropa, um tenente de má cara e piores mo-

dos que nos vinha azucrinando durante toda a marcha, pôs-nos em forma e revelou a verdade acerca daquela missão. Lembro-me bem de como foi: estávamos formados sob o sol sem ordem para descansar, vigiados por um cabo velho, enquanto a vinte passos de distância o tenente confabulava com seu ajudante de campo, um sargento com cara de fuinha que se aproveitava do posto para nos irritar com piadinhas perversas. Depois de muito confabular vimos quando ele se aproximou da tropa formada, sempre seguido pelo cara de fuinha, e, parando à nossa frente, limpou a garganta e começou a falar. Ora, compúnhamos uma tropa de quase garotos, cerca de trinta ao todo: o mais velho mal completara dezenove anos, eu teria quando muito dezoito, e o mais novo era um rapazinho de dezesseis recém completados. O que nos gritou o tal tenente naquele momento, enquanto à sua retaguarda o cara de fuinha sorria com ar de satisfação, era que estávamos ali para morrer.

— Soldados — gritou o tenente —, saibam que a época dos treinamentos acabou! É hora de provar que aproveitaram todas as lições, que já não são molecotes e se tornaram homens. É hora de provar — e aqui frisou bem as palavras — que no seu amor pela pátria, sua própria vida não tem mais valor algum, a não ser para sacrificá-la se preciso for em defesa da ordem e da justiça! — Fez uma pausa, avaliando o efeito de seu discurso sobre nós, e continuou: — Aqui estamos para uma missão de risco não pequeno, e é preciso que tenham sempre em mente que se não forem bravos, não conseguirão ir adiante; se forem, porém, temerários, tombarão! Se forem piedosos, serão derrubados com a arma virgem entre seus dedos; se não perceberem os ardis do inimigo, cairão neles! Basta um erro de julgamento para que não retornem, mas permaneçam sepultados nestes confins.

Estávamos confusos. Só então ficávamos sabendo que já não se tratava de um exercício, mas de um confronto real? Para onde iríamos, e quem seria o inimigo numa terra em sua aparência tão tranqüila?

— A palavra de ordem hoje é uma só: desapego à vida e amor à pátria! — Tal discurso nos parecia tão absurdo quanto impossível haver naquelas paragens algum inimigo da pátria. Contudo, como entre aquilo que se prega e o que se faz há uma enorme distância, veremos que o próprio tenente em pouco tempo teria esquecido suas próprias palavras, e que o apego à vida é fora de dúvida maior que o amor à pátria. O tenente continuou: — Vou esclarecer aqui um ponto importante para que não reste dúvida alguma quanto a nossa real situação: o inimigo é perigoso e conhece o campo em que estamos muito melhor do que nós, e esta tropa é composta apenas de recrutas sem experiência de combate. Enviar, porém, apenas soldados bravos e experientes seria expor logo de início o melhor de nossos homens. Esta, é, pois, a estratégia: em algum

lugar por aqui há um grupamento com o qual faremos contato em breve e trabalharemos em cooperação, atraindo o inimigo para que esse grupamento, já calejado na luta, possa atuar com eficácia. Isto significa que estamos servindo de isca, ouviram bem? Para que não tenham esperanças infundadas, reitero: nós somos a isca!, e desiludo-os desde já: nosso esforço será o de nos mantermos vivos o maior tempo possível, pois pode ser que nem todos de nós sobrevivam e regressem a casa — e elevando a voz: **— Todos vocês compreenderam?** — Um murmúrio passou pela guarnição assombrada; então o tenente mandou que nos sentássemos em roda à sombra para nos explicar em que batalha estávamos nos metendo, e quais os planos a serem obedecidos de então por diante.

O Coronel interrompeu-se para secar os lábios com as costas da mão, fazendo uma careta. Durante sua narrativa, devorou pedaço a pedaço o fígado, que escorria sangue, e agora afastava de si o prato mostrando que havia terminado. O Cardeal e o Marujo, ao contrário, serviam-se de outros pratos, que iam comendo devagar, enquanto o pai de Eliete a custo levava à boca uma ou outra garfada. Eu mastigava sem pressa, e atento à narrativa do Coronel já não pensava em deixar a mesa.

— O caso era muito simples: a grande insatisfação dos sertanejos com os donos de terras ao longo dos anos convertera-se em ódio mortal, o que não nos era de todo desconhecido. Dos enfrentamentos, mortes de ambos os lados, e na luta pela terra, em que cada um se considerava o dono por direito, uns pelo direito do suor e da vida, outros pelo do poder, enquanto os grandes proprietários esmagavam os pequenos, bandos armados se agrupavam formando pequenos exércitos e invadiam fazendas, roubando gado e trucidando seus opressores. O terror instalara-se no sertão desde muitos anos. Numerosas tropas do governo já se haviam deslocado para aquele lugar em diversas épocas. De cada vez, novas batalhas, mais cabeças que rolavam, mais sangue que corria: sertanejos assassinados em suas choupanas ou em suas roças, bandos armados cada vez mais organizados e fortes, mais proprietários tendo suas casas invadidas e arrasadas, e soldados massacrados, pegos de surpresa nas brenhas. Foi esse o quadro que o tenente pintou para nós naquela tarde. Que cara tinham esses bandoleiros? Não sabíamos, mas a julgar pelo que nos fora dito deveriam ter chifres e feder a enxofre, por isso deviam ser mortos sem piedade. Quanto a nós, éramos, conforme dito pelo tenente, a isca, nossas vidas não valiam grande coisa, mas nosso dever continuava o de nos mantermos vivos para defender sobretudo a lei e a ordem.

— E quando se deu o primeiro encontro? — eu perguntei.

— Alguns dias depois. Mas isto não é o principal. Havia algo a aprender com aquela loucura, como veremos. Primeiro, o tenente parecia

não saber ao certo que direção seguir, como se estivesse perdido, e assim zanzávamos a esmo de um lado a outro. Um de nós, percebendo a situação em que nos metíamos, perguntou-lhe a certa altura se ele conhecia de fato aquelas paragens, e levou pancada para aprender a não duvidar de seu superior (depois do que, tudo que fazíamos era obedecer calados e segui-lo mato adentro sem mais ponderações). Segundo, não houve tempo de fazer contato com a guarnição à qual se referira o tenente: o ataque sobreveio de surpresa, e apesar de menos numeroso o inimigo era muito mais hábil e conhecia melhor o terreno, isto é, conhecia plenamente o terreno, enquanto nós não. Tínhamos determinação, mas nenhuma experiência, e foi o que nos perdeu. Quando nos vimos cercados pareceu-nos que, de feito, o inimigo tinha chifres e o cheiro que sentíamos era mesmo de enxofre. Lutamos para defender a vida: o discurso proferido pelo tenente fugira-nos da cabeça à primeira descarga, já não estávamos preocupados com a lei e a ordem, nem com quaisquer outras questões. Fomos desbaratados em dois tempos, um dos primeiros a tombar foi o cara de fuinha: vi quando dois homens caíram sobre ele pelas costas picando-o a golpes de facão, e lá ficou ele apodrecendo embaixo do sol da tarde num lamaçal de sangue. Espalhamo-nos em todas as direções. Eu me descontrolei e me meti pelo mato ralo pensando apenas em me resguardar. Mas não estava sozinho nessa fuga: atrás de mim vinham o rapazinho de dezesseis anos e o tenente. Entramos muito no mato, sempre correndo, pois tinha em mente apenas ficar o mais longe possível do local da carnificina. Depois de algum tempo parei, escondi-me detrás de uma moita daquelas árvores raquíticas da caatinga banhado em suor, e caí sentado, ofegante. O rapaz e o tenente pararam junto de mim, e ficamos um bom tempo sem poder falar.

— Morreram todos? — por fim perguntei.

O tenente moveu a cabeça de um modo incompreensível, e em suas feições já não podia enxergar o duro oficial que conhecera, mas apenas um homem em quem o medo punha suas marcas.

— É preciso sair daqui — tornei a dizer —, do contrário que estamos perdidos.

— Não podemos voltar — disse o garoto de dezesseis anos.

— Voltar? E para onde? — perguntou o tenente. A essa pergunta eu me dei conta de já não ter noção de direção dentro do mato. Corrêramos sem rumo certo, procurando o caminho mais fácil, e não tínhamos a menor idéia de onde estávamos.

Continuamos sentados no chão, não só descansando mas pensando no que fazer — sim, o que fazer numa situação como aquela? De repente ouvimos estalidos próximos, mas antes mesmo de ficarmos de pé sobreveio a descarga, que apanhou o garoto de dezesseis anos no peito.

Não sei como fui parar atrás de um cômoro e, como um louco, revidei aos disparos sem saber ao certo em que direção e em quem atirar. O tenente também conseguira safar-se, e atirava. Como fôramos seguidos sem nada perceber? Era uma questão que não me ocorria, mas de uma coisa eu não tinha dúvida: aqueles que atiravam contra nós sabiam muito bem onde estavam, enquanto nós… Olhávamos e não víamos ninguém. As balas espocavam, levantavam nuvens de poeira à nossa volta e arrancavam lascas das árvores, mas não enxergávamos os atiradores. De repente parou: fizemos mais alguns disparos mas não houve resposta, pensamos que já não havia ninguém do outro lado, talvez tivéssemos conseguido afugentar o inimigo — e o Coronel sorriu com ironia do episódio que nos contava. Chupou um dente furado com um ruído desagradável e ficou contemplando a toalha da mesa, os olhos vidrados. — De onde eu estava — ele prosseguiu — podia ver o tenente agachado detrás de outra duna, tentando disfarçar sua presença no meio das moitas, e nos olhávamos como a nos perguntar (e esperar com ansiedade uma resposta) o que deveríamos fazer em seguida! Quanto tempo ficamos assim? Difícil dizer. Dois ou três minutos? Dez ou vinte?… Então fomos surpreendidos por trás: vi quando um homem caiu sobre o tenente pela retaguarda, abrindo-lhe a cabeça com um golpe de facão, e num reflexo de pavor abri fogo pondo-o por terra. Não posso negar que a sorte estava do meu lado: havia apenas mais um no matagal, que mal botou a cara de fora caiu também. Por certo não era a coragem mas o pavor que me impulsionava, a necessidade de manter-me vivo. Continuei em alerta por uma boa meia hora, imóvel detrás do montículo de terra, "orelha em pé", para evitar novas surpresas, mas não havia mais ninguém. Apenas dois homens do grupo atacante nos seguira, e por certo tiveram boas oportunidades de nos matar, mas haviam abusado da sorte, e daí consegui tirar uma importante lição: na guerra, mesmo quando você tem tudo ao seu favor, não deve nunca negligenciar a atenção nem desperdiçar as oportunidades favoráveis. Quando me julguei em segurança, resolvi conferir o que sobrara do confronto: o tenente estava bem morto, os dois inimigos também, mas quando me aproximei do garoto de dezesseis anos vi que respirava ainda, muito fraco, e tinha um embaçado de morte nos olhos. Percebeu minha presença ao seu lado, embora é de duvidar que conseguisse ver-me. Quando me abaixei para ele, moveu a mão agarrando meu pulso com força, uma força que para um moribundo me surpreendeu. Sentei-me no chão e apoiei sua cabeça em meu colo, limpei-lhe o rosto e afastei os cabelos da testa.

— Minha mãe… minha mãe… — ele murmurou

Nunca me esqueci daquele garoto, pouco mais novo que eu, cha-

mando pela mãe na hora da morte. Morreu com a cabeça apoiada no meu colo, e eu fiquei ali muito tempo sem atitude, acariciando seus cabelos e chorando. Aquela lição, eu pensei, seria definitiva em minha vida. Mas não foi. Outras viriam, e a tal ponto que aos poucos, enquanto eu ia me tornando cada vez mais incrédulo, ia também endurecendo meu coração — neste ponto o Coronel fez nova pausa, uma ruga vertical franziu-lhe a testa. — Não sei se há limite para endurecer-se o coração do homem — disse depois de um minuto, e logo saiu desse alheamento momentâneo: — Mas, o que aconteceu em seguida?, vocês devem estar se perguntando, como afinal eu consegui sair daquele lugar?

Anoiteceu e eu continuava no mesmo lugar, sentado e tendo ao colo a cabeça do garoto morto. Por que eu permanecia imóvel, sem tomar qualquer atitude? Não sei o que acontecia comigo; não era medo, e penso que se de uma hora para outra me visse cercado de inimigos não haveria de sobressaltar-me, sendo certo também que não os enfrentaria, mas continuaria imóvel até ser arrastado e executado a tiros ou a golpes de facão. O caso é que eu não atinava com a realidade, como se o horror daquelas últimas horas houvesse diminuído minha percepção das coisas. Penso que estive bem perto da loucura. Lembro-me de que já havia luar quando pousei a cabeça do garoto no chão e me levantei, saí caminhando através do mato ralo e andei a noite toda sem pensar no rumo que seguia. Por vários dias estive perdido no mato, aos poucos recuperara meu juízo e já conseguia avaliar a situação de perigo que corria, não tinha nenhuma dúvida do que poderia acontecer-me se fosse apanhado por um daqueles grupos armados que enfrentavam as tropas do governo, e foi por medo — agora já sentia medo — que me livrei do capote e esfreguei minha calça com ervas enchendo-a de nódoas escuras, de forma que não se parecesse de forma alguma com um uniforme. Matava a sede quando acontecia encontrar algum raro córrego, mas não comia nada pois nada tinha para comer. Foram dias penosos que só acabaram quando, certa tarde já anoitecendo, encontrei a tropa de que nos havia falado o tenente. Comandava-a um certo Capitão Macedo, cujo nome já ouvira em conversas mas cujo rigor e perversidade estava longe de imaginar. Como não me conheciam e eu, exausto e faminto, já não dava acordo de mim, as sentinelas do acampamento ataram-me as mãos atrás das costas e me levaram à presença do capitão, atirando-me de joelhos à sua frente. Uma das sentinelas agarrando-me os cabelos levantou minha cabeça com brutalidade para que o capitão enxergasse minha cara.

— Parece-me um fedelho — disse o homem, que àquela hora cuidava de testar com aparente calma o fio de uma faca de lâmina comprida e larga que, como vim a saber depois, ele trazia consigo como se fosse um

amuleto. — De onde ele vem?

— Encontramos ele no mato, capitão — respondeu o soldado —, parecia perdido.

O capitão continuou experimentando a faca com o dedo, tranqüilo como se houvesse esquecido minha presença. Depois de algum tempo olhou-me com indiferença, e perguntou:

— O que fazia por aí, pelo meio do mato, cabra?

— Eu… eu… — comecei a gaguejar, mas fui interrompido por ele mesmo, que me advertiu:

— Há muitos dias não sangro um cabra. É melhor dizer a verdade, pois não costumo ser complacente com mentirosos — e com um gesto rápido devolveu a lâmina à bainha. — Agora fale.

Apesar da fraqueza e do meu juízo turvado consegui identificar-me, narrei o acontecido com meu grupo e como conseguira fugir. Não falei com muita fluência e, a todo momento, o capitão interrompia-me para pedir nomes e referências, tanto para saber se nosso inimigo era numeroso quanto para confirmar com a menção de nomes conhecidos a veracidade de minha narrativa. Por fim, convencido de que eu dizia a verdade, mandou que me desatassem as mãos.

— Esse tenentezinho de merda cometeu um erro tremendo. Mas como é que o comando bota à testa de uma tropa um imbecil que não sabe onde está se metendo? — Voltou-se para um dos que me haviam levado à sua presença: — Ele precisa de um banho, uma roupa nova, uma arma e de muito descanso. Está-se fazendo homem, garoto. A vida é dura por estas bandas, principalmente a vida na tropa. Você já viu gente morrendo à sua volta, já teve de matar, está crescendo, e isto é bom. O mais importante você aprendeu: manter-se vivo. Que permaneça vivo daqui por diante. Estou começando a gostar de você. Amanhã pela manhã, quando estiver alimentado e descansado, venha falar comigo. Vamos levantar acampamento às dez horas.

Depois de um momento, acrescentou:

— Iremos atrás desse grupo de que me falou. Haveremos de achá-los. Agora, podem levá-lo.

O capitão simpatizara comigo, e ao encontrá-lo na manhã seguinte em sua barraca pediu maiores informações do local exato do recontro em que meu grupo fora exterminado e depois se reuniu com os demais para traçar um plano. Meu prêmio por bravura, como ele referiu, foi ser nomeado seu assistente, o que me deixou confuso. Preferi ocultar que não me sentia honrado com aquela escolha, poderia desagradar-lhe e confesso que o temia (não me sentia honrado nem feliz, pelo contrário, queria apenas estar longe dali, mas precisava obedecer, e obedecer era uma das primeiras, se não a primeira lição que se aprende na

vida de soldado). A calma que o capitão demonstrava, conforme mais tarde compreendi, era apenas uma dissimulação de seu verdadeiro temperamento.

Se eu julgava ter assistido a uma carnificina quando a tropa de meninos de que eu fazia parte fora atacada, enganava-me, e a confirmação veio dias depois ao encurralarmos um grupo de resistência nas imediações de um arruado que topamos pelo caminho. Nossa tropa era bastante numerosa e o grupo de resistência não o era menos, mas estavam armados precariamente e não conheciam estratégia de combate. Quando o Capitão Macedo levantou o braço dizendo "Basta", pois a luta chegara ao fim, eu não estava muito certo de que aquilo estivesse acontecendo, e em meu desespero queria apenas acordar: momentos havia para mim em que tudo parecia não passar de um mau sonho. Não é preciso ser minucioso para dar uma idéia do ocorrido: depois de algumas horas de batalha não restava nenhum vivo entre os que se nos opuseram; o arruado, não mais de vinte ou trinta casas, ardia em chamas, e um grupo de menos de cem miseráveis — homens, mulheres e crianças — aterrorizados encolhia-se no largo sob a mira das carabinas, amontoados como reses a caminho do matadouro. Eu, que já vira a fúria do Capitão Macedo em decepar os adversários, assisti em seguida a algo de que nunca o julgaria capaz. *"São inocentes"* eu pensava, *"são vítimas, por que ele os mantém assim?"*, mas o capitão manteve aquela gente no mesmo lugar, sem comida nem água e embaixo do sol tórrido do sertão por dois dias consecutivos, enquanto em sua barraca, dizia-se, deliberava sobre o que fazer. Por diversas vezes, e já que fora nomeado por ele mesmo seu assistente, tentei aproximar-me para falar-lhe, interceder pelos infelizes, mas tremia só de pensar em enfrentá-lo e recuava sempre de minha decisão. Durante aqueles dois dias não saiu da barraca, a não ser uma ou duas vezes, nem solicitou minha presença, e tampouco tolerava que entrassem lá sem que ele chamasse. Como não chamava ninguém, ou só o fazia de raro em raro, permaneceu quase todo o tempo sozinho. Mas, enfim, saiu. Deu um longo passeio pelos arredores e, depois de uma ou duas horas, retornou ao arruado — ou ao que restara dele. Aproximou-se dos prisioneiros, sempre com sua atitude cheia de tranqüila dignidade, circulou à volta deles sem olhá-los de frente, e súbito estacou. "Não preciso dizer por que os fiz prisioneiros e queimei suas casas! Creio que aprenderão que não se deve acoitar criminosos". Deu mais alguns passos, acrescentou: "Sim, decerto aprenderão, decerto não farão isso outra vez", e continuou caminhando à volta do grupo que se encolhia ainda mais, adivinhando talvez que detrás da calma com que tais palavras eram pronunciadas, da aparente serenidade de seu rosto, havia uma intenção diabólica. Parando mais uma vez diante do grupo, avistou um

menino, um menino qualquer entre outras crianças e sabe-se lá por que atraiu sua atenção, um menino magriço que não passava dos onze anos, e o chamou até perto de si. O garoto aproximou-se temeroso, de cabeça baixa, mas o Capitão Macedo curvou-se, acariciou-lhe os cabelos e, pondo um joelho em terra, fê-lo aproximar-se mais. "Vem aqui, filho, não tenha medo" ele disse, e puxou-o para si, enlaçando-o pela cintura. O menino pareceu adquirir alguma confiança, pelo menos descontraiu-se um pouco, mas continuou de cabeça baixa, mal ousando encarar aquele homem forte e cheio de armas que comandava uma tropa e havia incendiado sua casa. "Como é que você se chama?" perguntou o capitão, e o menino murmurou um nome que não consegui ouvir; "você me parece um garoto esperto. Já sabe caçar?", e o menino fez que sim; "sim? Ora vejam! E o que é que você já caçou? Passarinhos, por certo?", o menino fez que sim com a cabeça, enquanto o capitão lhe sorria; "eu caço homens" ele disse, "sabe o que é caçar homens?", e o garoto fez que não; "homens são diferentes de passarinhos. Então não sabe o que é caçar homens", o garoto fez que não; "ah, meu filho, meu filho…" e o Capitão Macedo pareceu pensativo, como se alguma lembrança dolorosa pudesse transformar a calma de seu rosto numa expressão de suave sofrimento; "ah, meu filho" tornou a dizer, "é muito duro caçar homens… não é como caçar passarinhos, nem queira saber…" e falando acariciava com ternura os cabelos cor de palha do menino; "a grande diferença é que quando se caçam homens, nós é que podemos acabar caçados… você compreende isso?", o garoto fez que não; "seu papai e sua mamãe estão ali, entre os outros?" perguntou, e o menino fez que sim; "quem são?", e o bracinho magro apontou incerto para o amontoado; "é você, cabra?" perguntou o capitão, identificando um no meio do grupo, de onde avultou um corpo ressequido. "Aprochegue-se", e o homem ressequido deu dois passos em sua direção. "Muitos filhos, meu bom homem?" e o outro fez que sim com a cabeça, tentou sorrir, tentou falar, a voz saiu um fio, quase não se podia ouvir. "Quantos?", e o outro disse qualquer coisa. "Este é o mais velho, parece-me" disse o capitão, e o homem ressequido fez que sim, aquele era o primogênito. "Poderia ser um bom soldado" o capitão disse, considerando o garoto e ainda acariciando-lhe os cabelos; "o que acha, cabra, seu filho poderia ser um bom soldado?", e o homem titubeou, de novo tentou um sorriso, gaguejou qualquer coisa, não disse nada. "Volte para seu lugar, homem" disse o capitão, e de novo para o garoto: "Então você é o primogênito?" O menino deu de ombros, não sabia, não fazia a menor idéia de o que seria isso. "Não sabe o que é um primogênito?… Eu lhe explico. É o primeiro filho de um homem, e você sabe o que acontece com o primeiro filho de um homem?… Não?". O menino, cabeça baixa, cabelos de palha, fez

que não. "É muito duro caçar homens, mas é muito duro também ser o primogênito… antigamente e noutros lugares sobre o primeiro filho de um homem recaía uma bênção, hoje e nesta terra recai uma maldição, pois é o primeiro a conhecer a desgraça da vida. E é também do primogênito, não dos outros mas do primogênito, que deve vir o exemplo…" e o Capitão Macedo deu uma palmadinha nas costas do garoto, antes de levantar-se: "Vai, meu menino, vai para onde está o papai" e o despachou… para no instante seguinte a cabeça do menino rolar por terra e seu corpinho magrelo, ainda imóvel, inteiriçado por um curto momento, tombar devagarinho. Não sei o que se seguiu, pois então perdi os sentidos.

Neste ponto o Coronel fez uma pausa, resolveu servir-se de outro naco de carne quase crua, que cortou no prato em pedaços pequenos. A pausa prolongou-se até terminar essa tarefa e tomar mais meio copo de vinho. Espetou com o garfo dois ou três pedacinhos de carne levando-os à boca.

Mastigou. Disse:

— Naquela noite, mesmo sem ser chamado, entrei na tenda do Capitão Macedo. Ele estava só, recostado numas enxergas, a cabeça apoiada numa sela. Tinha os olhos fechados, parecia dormir, e sem saber o que fazer permaneci de pé, parado no meio da barraca. Não podia ver-lhe bem o rosto, pois iluminava o ambiente uma única vela dentro de uma panelinha de ferro que pendia do teto, de forma que a luz projetava-se para cima, deixando o interior da barraca quase na escuridão. Mas o capitão não dormia.

— Veio condenar-me — ele disse sem abrir os olhos e sabendo quem estava de pé à sua frente.

— Como sabe? — perguntei.

— Sabia que viria — ele respondeu, sempre de olhos fechados.

— Como sabe que não tenho uma arma na mão e não vim para matá-lo também?

— Se viesse para matar-me, se tivesse essa intenção, já o teria feito.

— Eu poderia estar ainda me decidindo.

— Não, ou viria decidido e abriria fogo assim que entrasse, ou não o faria nunca mais, mesmo que tivesse uma arma nas mãos.

— Por quê?

— Quem mata — e só então ele abriu os olhos, ergueu um pouco a cabeça olhando para mim — não o faz por acaso. Sabe que vai fazê-lo, e o faz, sem titubear.

— Como você matou aquele menino.

— Como eu matei aquele menino — confirmou, reclinando outra vez a cabeça e fechando os olhos.

— Então sabia que ia matá-lo quando lhe deu uma palmadinha nas

costas e o mandou de volta aos pais.

— Sabia que ia matá-lo assim que o enxerguei no meio do povo e o mandei vir até mim. Sabia que ia matá-lo antes mesmo de entrar no arruado, talvez até mesmo antes da batalha.

— Então ele estava condenado…?

— Sim.

— Mas por quê? Qual era sua culpa para merecer aquela pena?

— Quem sabe!

— Era um menino.

— Sim, era um menino.

— Um inocente.

— Inocente.

— Não era um inocente?

— Que sabe você da inocência?

Devo dizer que só o pavor que passei a sentir por aquele homem — e por estranho que pareça — fizera-me entrar em sua tenda e enfrentá-lo daquela maneira. Não lhe falei com maus modos, respeitava-o afinal, mas mostrava-me de todo contrário ao que fizera. Se meu primeiro confronto assombrou-me diante da crueldade dos que eu devia combater, o segundo deixou-me atônito pela crueldade dos que combatiam ao meu lado. Nos dois dias que se seguiram ao combate mantive-me distante da tropa. De um lado e de outro a crueldade era um ponto comum, isto eu aprendera, como se fosse preciso ser cruel para ser um homem de verdade. Com qual dos dois lados, porém, estaria a razão daquela luta? Eu nada compreendia, e quanto mais refletia mais distante estava de entender os acontecimentos. Os outros não me importunavam, decerto compreendiam meu estado de espírito, afinal eu era ainda um rapazola inexperiente e assustado com coisas que para eles há muito haviam se tornado rotineiras. Todos na tropa eram homens feitos, a maioria com mais de trinta anos, já acostumados com as atitudes do Capitão Macedo, e, sem dúvida, concordando com elas. Eu estava sozinho, e isto também consegui entender.

Aludir a que poderia ter entrado em sua barraca com a intenção de matá-lo, palavras que me escaparam sem que eu desse por elas, foi uma imprudência — ou seria uma imprudência, noutras circunstâncias. Naquele momento o capitão sabia por que eu fora procurá-lo, compreendia-me, e talvez quisesse que eu também o compreendesse.

"Que sabe você da inocência?" ele me perguntava agora, e eu demorei algum tempo, dez segundos, vinte, um minuto, não sei, para responder. Procurei lembrar-me das lições que tivera na infância, do catecismo que nosso tutor lia para nós, ensinando-nos a religião que, contudo, pouco a pouco, fugia-me da memória. Não consegui lembrar-me de nenhum dos

antigos ensinamentos, por isso respondi com minhas próprias palavras.

— A inocência é de Deus — eu disse, com insegurança —, Ele dá a inocência às crianças para que nós possamos amá-las como devem ser amadas.

— Não sei onde encontrar Deus neste fim de mundo — ele disse —, mas é certo — e aqui abriu de novo os olhos, erguendo um pouco a cabeça em minha direção — que a inocência é uma falácia. Você terá oportunidade de compreender isso.

Permaneci de pé no meio da barraca esperando uma explicação, esperando que dissesse algo mais, que dissesse tudo que tinha em mente.

— É apenas um garoto que veio de longe — ele disse —, e não conhece o sertão. Se quiser deixar minha tropa, esteja à vontade. Se ficar, porém, terá de aprender para continuar vivo. Aquele menino, se tivesse uma oportunidade, seria ele a cortar minha cabeça, ou a sua, ou a de qualquer um de nós. Sem nenhuma piedade. Isto é a inocência. Deixe-me sozinho agora, preciso dormir um pouco.

A conversa chegara ao fim.

Deixei a barraca e recolhi-me a um canto, pensando em tudo aquilo. Decidira deixar a tropa do Capitão Macedo assim que chegássemos a um arraial de onde pudesse partir para qualquer lugar civilizado. Está claro que não cogitava voltar para casa, mas nada me seria mais desagradável que continuar soldado sob o comando daquele bruto.

O Coronel afastou de si uma segunda vez o prato e de novo limpou a boca com as costas da mão. Tomando de um guardanapo, mergulhou os dedos no copo com água e os enxugou em seguida.

— Nada, porém, se daria de acordo com minhas intenções, e mais cedo do que esperava começaria a aprender sobre a inocência.

Olhou em volta, um a um. As mãos apoiadas na mesa, o corpo recuado e ereto, parecia presidir um concílio. Seu discurso não havia terminado. Sorriu. Não foi bem um sorriso, mas um princípio de sorriso, um tênue contrair-se de lábios acompanhado de um brilho dos olhos que só teve significação especial para mim porque, na minha expectativa, eu estava para desconfiar dele à vista de qualquer indício, por menor que fosse.

Pigarreou. Prosseguiu:

— Permanecemos acampados naquele lugar por mais dois dias. Na noite seguinte o Capitão Macedo me chamou outra vez até sua barraca. Atendi a seu chamado e fui encontrá-lo sozinho, folheando um livro. Estranhei, pois na noite anterior ele havia dito "não sei onde encontrar Deus neste fim de mundo", e agora eis o homem lendo… a Bíblia! Não fiz nenhum comentário, e esperei que ele indicasse um tamborete para sentar-me. Por dois ou três minutos continuou sem nada dizer, passando

as páginas finas e, pelo que percebi, já muito gastas, cheias de nódoas e orelhas, sinal de que ele, religioso ou não, crente ou ateu, lia com freqüência aquele livro.

— Uma coisa que aprendi — ele disse por fim sem me olhar, continuando a passar sem pressa as páginas, como se esse gesto fosse necessário para que pudesse explanar seu pensamento — é que a vida vale muito pouco, e só nos agarramos a ela por teimosia.

— Medo da morte — eu disse.

— Teimosia — insistiu —, uma teimosia compreensível pois a morte parece algo medonho, mas ainda assim… Veja nosso exemplo: estamos aqui no meio do mato lutando pelo governo. Foi pelo governo que incendiei o arruado, foi pelo governo que degolei aquele garoto, é pelo governo que continuo aqui, que continuarei aqui, que continuaremos todos aqui, longe de nossas famílias, de nossas casas, andando no meio do mato, sempre correndo o risco de levar uma bala pelas costas, e essa bala tanto pode vir de um jagunço, de um soldado que nos atraiçoa, de um menino como aquele. Pelo governo continuaremos aqui, e o que é o governo? O que é esta imensa terra governada por um homem de poder que nós não vemos, nem sequer conhecemos, mas a quem devemos obediência?

— Se não lhe agrada obedecer a esse governo, por que continua obedecendo?

— Você não entendeu. Não me agrada nem me desagrada. Acaso agrada ao ferreiro martelar o ferro em brasa para fazer ferraduras? É o ofício dele. Então? Este é o meu ofício. Não se pode largar um ofício, mormente quando se gastou metade da vida nele. O que eu quero dizer é que esse governo não é nem feito por um homem só, mas por uma instituição: não importa o homem que está lá hoje, nem o que estará lá daqui a dez anos, será sempre o governo, e a ele sempre deveremos obediência. Estamos do lado do governo, mas há o outro lado, que combatemos. Pergunte-me de qual lado está a verdade? Quem está certo? Eu não saberia responder. Apenas obedeço às regras do meu ofício estando deste lado, como obedeceria se estivesse do outro.

— E a Justiça? Um dos lados deve lutar pela Justiça. Que idéia faz disto?

— Outra coisa que aprendi é que a noção de Justiça é vaga e depende das circunstâncias.

— Não entendo.

— Justiça é a aplicação e o cumprimento de regras estabelecidas. Ambos os lados nesta guerra têm suas regras, têm sua Justiça, e agem segundo essas regras e essa justiça.

— Então foi justo o seu gesto de ontem?

O Capitão Macedo moveu devagar a cabeça, sempre olhando para as

páginas da Bíblia.

— Segui as regras.

— Não há regras, capitão, que mande matar crianças.

— Não há regras escritas que mande matar crianças, mas há regras tácitas que nos dizem que devemos nos impor de qualquer maneira para permanecermos vivos, e essa foi uma das maneiras.

— Mas a morte do menino foi desnecessária, nenhum perigo representava para nós. Além do mais, serviu apenas para atiçar mais o ódio contra esse mesmo governo que, sem que o conheçamos, defendemos.

— Não se iluda, garoto, qualquer um deles nos mataria se tivesse oportunidade. Esta guerra não é unilateral, não se esqueça disso.

Ouvindo-o, lembrei-me de que há poucos dias a guarnição de que eu fazia parte fora massacrada e, sem dúvida, os do outro lado não se perguntaram se éramos todos garotos mal saídos dos cueiros ou homens calejados no ofício de matar. Para eles era indiferente, e foi com indiferença que mataram tanto o garoto de dezesseis anos quanto o tenente que nos comandava. O Capitão Macedo parece ter percebido o curso dos meus pensamentos e sorriu, encarando-me pela primeira vez. Mas eu repliquei:

— Não havia meninos lá, senhor.

— Engana-se, soldado. Havia. Estavam do seu lado.

— Não eram tão pequenos e estavam armados.

— Nem eram adultos ainda, mal sabiam usar as armas, nem conheciam o perigo que enfrentavam. Como vê, a diferença é muito pequena para ter importância.

Calamo-nos por um momento. Depois perguntei:

— Então é apenas cumprir as regras do ofício sem nem ao menos se importar com a verdade? Não há nenhum ideal, nenhum sonho, nada?

— Nada.

— Agrada-lhe ser cruel, senhor? — eu ousei perguntar, como numa recriminação.

— Não agrada nem desagrada. Para manter-me vivo preciso ser duro. Para isso sigo as regras. Essas vidas são sacrificadas — a minha, a dos soldados, a dos inimigos — em nome de um governo que é apenas uma idéia, uma idéia muito vaga nestes sertões. Matamos e morremos por uma idéia muito vaga. Mas a questão possui um outro aspecto de igual importância: é que para esse governo todos nós, envolvidos nesta guerra, somos também uma noção muito vaga. Eis a única verdade que conheço. Por isso cheguei à conclusão de que a vida pouco vale, e só lutamos para nos mantermos vivos: em parte por dever de ofício, em parte por teimosia.

— Penso que há algo mais que isso.

— Já pensei assim também… houve um tempo de minha vida em

que eu tive alguma fé. Hoje não tenho, mas houve um tempo em que até lia este livro com certa devoção — e pôs a Bíblia aberta em cima de um caixote que servia de mesinha.

Fez uma pausa para acender um cigarro de palha, soltou uma baforada semicerrando os olhos enquanto olhava para adiante, pensativo.

— Um dia, eu ainda era jovem, um pouco mais velho que você mas ainda jovem; e vi o que não acreditava que fosse ver: uma matança tão assombrosa que não tive remédio a não ser deixar cair por terra minhas convicções e tomar parte na barbárie. — Acomodou-se na enxerga, apoiou a cabeça na sela como se fosse dormir. Olhando para cima, prosseguiu: — Eu fazia parte então de uma tropa como esta, mas o comandante era um homem ponderado, de coração piedoso, e só chegava à violência se não encontrasse meios de alcançar bom resultado numa operação pacífica. Era um homem desses que chamamos bons, e todos na tropa o apreciavam. Tinha por hábito sentar-se conosco e contar piadas, ria a bom rir, e até corriam lágrimas de seus olhos e suas faces se punham vermelhas. Para impor-se no comando, fazia-o pela tolerância, raro menosprezando ou maltratando um subalterno. Conquistara-nos a todos com seu jeito, sua alegria, seu otimismo. Não poucas vezes nos vimos em situações difíceis e perigosas, mas o tínhamos no comando, um homem também sagaz e sempre certo em suas determinações, de forma que encontrávamos forças para lutar e vencer. Ao encurralar revoltosos, jagunços, criminosos, dava-lhes a chance de se renderem, então os prendia e encaminhava para os tribunais. "Não posso decidir sobre a vida de um homem, meus soldados" ele dizia, "que a lei se cumpra. Que a Justiça decida, e se com sua decisão desagradar àquele que está lá em cima" e apontava o céu, "o problema não será meu". Hoje entendo que aquele bravo oficial não devia ter-se ocupado de tal ofício, sua complacência converteu-se em fraqueza e o perdeu. Mas à época eu me empenhava em tomá-lo como exemplo, e até aprendi a ler a Bíblia com ele. Enfim… Um dia cercamos um arruado pouco maior que este, onde tínhamos notícia de estar homiziado um líder revoltoso há muito procurado pela Justiça. Após um rápido confronto inicial marcado por uma troca de tiros mais ou menos intensa mas rápida na qual conseguimos ferir alguns jagunços, o velho comandou o cessar-fogo e gritou para o tal indivíduo que se rendesse junto com seu bando, a fim de evitar mais mortes, principalmente a morte de inocentes. Não houve resposta imediata, mas súbito vimos um trapo agitado na ponta de uma vara: era um pedido de trégua para negociar. Nosso comandante respondeu que estava pronto a ouvi-los, e em seguida apareceu na praça do arruado um homem franzino, meio trêmulo e já um tanto velho que disse: "O homem que V. Exª procura não está aqui. Somos apenas um grupo peque-

no que arranchou neste arruado para passar uns dias, não somos de confrontos e não queremos morrer. Pedimos apenas para viver". "Como vou saber que o homem que procuro não está entre vocês?" perguntou nosso comandante, e o outro respondeu que se lhes desse a palavra de não atirar mais, todos sairiam das casas sem armas. O acordo foi feito, e logo que um pequeno grupo de sertanejos apareceu no largo com as mãos para cima, nosso comandante deu ordem de nos dividirmos em duas guarnições: uma avançaria até onde estavam os rendidos, a outra permaneceria acoitada no mato, de vigia. Como podíamos adivinhar que estávamos caminhando para uma armadilha? Tudo parecia sob controle, e enquanto tínhamos à nossa retaguarda a cobertura de uma guarnição, a outra avançou até o largo no meio do arruado. O que se seguiu foi tão rápido que mais demoraria descrever em detalhes: mal nosso comandante adiantou um passo, o homem que iniciara a negociação também avançou. Só vi quando a cabeça de nosso comandante fendeu-se no meio, feito um coco e de dentro dos casebres uma verdadeira metralha pôs por terra quase todo o nosso efetivo. Eu tive sorte, pois só fui sentir a bala que recebera no braço quando tudo estava acabado. A surpresa da traição não foi suficiente para impedir a ação rápida da guarnição de apoio, que avançou por sua vez e invadiu o arruado. Mais soldados morreram, mas agora que a carnificina começara não havia como parar, então eu vi do que todos somos capazes, mesmo quando assim não nos julgamos: em sua revolta, os homens entravam nos casebres e matavam a tiro os restantes, tomados de fúria; foi nesse dia, ainda gravada na mente a imagem da cabeça de nosso velho oficial aberta pelo meio, os cabelos brancos tingindo-se de vermelho, que matei pela primeira vez. Claro que já havia matado antes, em trocas de tiros, mas naquele momento, após sobrepujarmos o inimigo, restava um grupo de velhos, mulheres e crianças que nos olhavam com pavor quando invadíamos os casebres, e sem pensar duas vezes desfechamos contra eles. Quando pudemos respirar e contar os mortos, veio a surpresa: a metralha que derrubara a primeira guarnição fora disparada não por jagunços e criminosos, mas por mulheres, velhos e crianças, aqueles mesmos que sem tempo de reagir à nossa investida caíram por sua vez sob nosso fogo quando arrebentávamos as portas e janelas e invadíamos os barracos atirando.

O Capitão Macedo moveu a cabeça, pigarreou, prosseguiu:

— Outras matanças vi, com elas me transformei, depois de tudo cheguei à conclusão de que manter-se vivo aqui é um acaso, um simples acaso.

E mudando de repente de assunto, apontou para a Bíblia:

— Uma das passagens quem mais me interessam neste livro é a his-

tória de Jó. Conhece?

Fiz que sim com a cabeça.

— Não é estranho que justo neste livro, a base da grande religião católica, encontremos a mensagem mais crua de quão pouco vale a vida?

— Não compreendo…

— Ora, quem era e o que aconteceu a Jó? Responda-me.

— Jó era um homem temente a Deus, também feliz, dono de muitos bens e pai de vários filhos…

— Sim, sete filhos e três filhas, conforme o texto.

— Deus pô-lo à prova, então. Se mesmo perdendo seus bens se mantivesse fiel, tudo lhe seria restituído em dobro.

— Exato. Mas para termos uma idéia mais exata de como era a vida de Jó e dos seus, veja este trecho do capítulo 1: *"E o seu gado era de sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas; eram também muitíssimos os servos a seu serviço, de maneira que este homem era maior do que todos os do oriente. E iam seus filhos à casa uns dos outros e faziam banquetes cada um por sua vez; e mandavam convidar as suas três irmãs a comerem e beberem com eles"*. Que impressão faz? Felicidade plena, festejos, harmonia familiar… um paraíso doméstico, não?

— Sim.

— Então sobrevieram as provações…

— …e Jó manteve-se fiel.

— Sim, mas Deus não lhe tirou apenas os bens que possuía, não o feriu somente em seu corpo, enchendo-o de males, mas também levou seus filhos. Que importância tinha a vida dos filhos de Jó, se para provar a fé de seu servo, e apenas para isso, Deus as tirou? Ora, se em certos casos não há uma razão para que uma vida humana valha mais que outra perante Deus, nenhuma terá valor algum, ou muito pouco, ou tanto faz… Que Deus tenha restituído a Jó o seu ouro, todo ouro é igual, brilha e vale da mesma forma; as suas reses sempre serão reses que venham no lugar das que se perderam; a casa que reergueu sempre abrigará da mesma forma que aquela que foi derribada, e até melhor conforme se reconstrua maior e com mais conforto; que Deus tenha sarado seu corpo, pois se adoece e sara, e uma vez são não sentimos mais dor; mas que Deus tenha lhe dado outros filhos, sim, pois lhe deu outros filhos, *outros*, não os mesmos, que já estavam mortos e não ressuscitariam… Se com aqueles Deus substituiu a estes, é que a vida humana vale tanto quanto as reses, a casa, o ouro… não lhe parece estranho?

— Mas é Ele quem dá a vida, portanto pode tirá-la — eu contestei.

— Mas sem um bom motivo? — ele disse. — Sem um bom motivo?

— E como podemos discutir os motivos dEle?

— Não podemos.

— E nem contestar…

— Nem contestar.

— Nem compreender.

— Mas parece é que ele as tira à sua vontade, sem uma boa razão. Na história de Jó, que outro motivo teria a não ser Sua vaidade?

Fez uma pausa.

— E com tudo que tenho visto, sou forçado a admitir que é dessa forma que devemos entender essa história. E é assim que se considera a vida humana nestes sertões: vale menos que uma moeda, uma rês, um pedaço de terra.

— Mas quando Ele tirou a vida daqueles homens justos — eu insisti —, pois os filhos de Jó presumo que seriam homens justos; quando ele lhes tirou a vida teria muito mais a lhes oferecer nesse outro mundo, no reino celestial, para onde decerto os levou.

— Se assim é — replicou ainda o capitão —, nossa vida terrena continua a não ter nenhum sentido. Se há algo melhor depois, não é preciso que nos agarremos tanto a ela. Então só o fazemos mesmo por teimosia.

E de novo com os olhos abertos para o alto, contemplando o teto da barraca:

— Só por teimosia.

Aqui o Coronel, interrompendo a narrativa, lançou de súbito uma pergunta que nos surpreendeu — ou, pelo menos a mim mais que aos outros:

— Existe o Bem?

Disse-o assim, essas três palavras, num salto de sua voz, todo ele imobilizando-se ao dizê-las, as mãos apoiando-se na borda da mesa, o corpo reclinado para adiante enquanto olhava a todos nós com um ar de desafio e um sorriso mal disfarçado nos lábios.

— Sim — disse após um momento —, a pergunta é mesmo esta: existe o Bem?

A pupila, que se mantinha à mesa e parecia ouvir o Coronel sem interesse, apenas levantou o rosto devido ao repentino da indagação. O Marujo, recostado na cadeira, manteve-se sem responder mas não deixou de olhar fixo nos olhos do irmão, como à espera do que viria em seguida, e julgo mesmo ter-lhe percebido no rosto, sereno em sua aparência, uma ligeira turbação.

Mas o Coronel voltava à carga, e agora virava-se para o pai de Eliete, a quem perguntou:

— Então, meu bom homem, existe o Bem?

O pobre homem, que remexia a comida no prato, comendo devagar, a pequenos bocados, levantou aturdido o rosto e, desnorteado, murmurou:

— Não compreendo, senhor, não compreendo…

— Para nosso bom homem — continuou o Coronel, ainda dirigindo-se a ele — o Bem seria que o garoto consertasse a travessura feita com sua menina, não é mesmo? — e de novo para nós: — Para nosso bom homem o Bem é algo muito particular, e por assim dizer muito simples…

O Cardeal fez um movimento de aborrecimento:

— Deixemos o bom homem em paz, mano Rodrigo. O que temos aí é a velha questão do Bem e do Mal formulada de outra maneira. Caro irmão, deduzo o que vem de tal pergunta, cujo nexo com sua narrativa não percebo. Se alguém responde que sim, existe o Bem, você continuará perguntando "então, qual o mais forte?", e se de novo alguém diz que o Bem é mais forte, você prossegue pondo tal assertiva em dúvida, por exemplo, dizendo que não existe uma medida do Mal e do Bem para que se tenha uma certeza. Pode-se contrapor que, mesmo dada a força do Mal e as formas com que ele se apresenta, o Bem ainda se impõe no mundo pois do contrário o mundo desmoronaria, coisas assim… Sinceramente, apetece-me mais que continue falando de sua vida na tropa.

O Coronel sorriu. Estirou os braços para adiante, apoiando as mãos na mesa. Moveu a cabeça em sinal de negação.

— Não perca de vista, mano Agostinho, que se principiei pela resenha de minha vida, foi para chegar ao ponto principal: a inocência. À pergunta "existe a inocência?" tive de responder com uma longa história que ainda não terminei, mas se impõe agora outra pergunta, "o Bem existe?", para chegar a uma conclusão.

O Cardeal suspirou.

— Continue.

— Existem no mundo a noção do Bem, como as boas obras e os bons sentimentos, e a do Mal, como as más obras e os maus sentimentos. Basta isso para que afirmemos que as coisas se dividem em boas ou más? Se tal divisão parece muito rigorosa, digamos que existem as coisas boas e as coisas más, e também outras que apenas nos parecem boas ou más, num grau maior ou menor de bondade ou maldade, mas que não são necessariamente boas as que nos parecem boas e nem necessariamente más as que nos parecem más, pelo contrário, as que nos parecem boas podem nos trazer algum mal futuro, donde se revelam algo más, e as que nos parecem más vêm a nos proporcionar algum bem, e nos parecerão boas, no fim das contas servindo para nos orientar em nossa existência, donde concluímos que são apenas necessárias, elementos de conjugação com o que é bom e o que é mau, e vemos com isso que a questão do Bem e do Mal permanece.

O Cardeal concordou com a exposição do Coronel. Com um gesto

lerdo estimulou-o a prosseguir.

— Fiquemos, portanto, nesse entendimento. Agora vejamos quanto à minha pergunta: "existe o Bem?" Não é o mesmo que perguntar "existem o Bem e o Mal?" ou "existe o Mal?", porque o Mal nos parece tão evidente que tal pergunta seria vã. A mim, pelo menos, naqueles dias de minha juventude, em que testemunhei as primeiras barbáries cometidas em nome da Justiça, o Mal parecia de uma evidência tão concreta que nunca pude pô-lo em dúvida. Resta portanto a questão inicial da qual, se quisermos, decorrem as demais. Podemos ampliar a pergunta: "alguém pratica o Bem? E qual mérito existe nisso?"

— Parece-me que há quem pratique o Bem e quem pratique o Mal — disse o Marujo, de quem eu ainda não sabia capaz se do Bem, se do Mal, ou de ambos (ainda que o mais provável fosse essa terceira alternativa). Sua observação, portanto, não me pareceu descabida.

O Cardeal elevou ambas as mãos deixando-as descair no regaço, num gesto de concordância.

— E se eu disser que é o contrário disso que se observa? E se eu disser que o Bem é ilusório e resulta apenas de uma conjunção de certos fatores em que prevalece apenas o egoísmo do homem, a maneira encontrada de assegurar sua sobrevivência?… — O Coronel fez uma pausa durante a qual nos encarou e, em seguida, mudando de atitude, passou a falar em tom dissertativo. — Em tudo que há, as relações entre todas as coisas se fundam numa estabilidade, num equilíbrio em que os sistemas se mantém em simbiose. Assim sendo, Bem e Mal são meros conceitos, e até se confundem às vezes. Um exemplo era estarmos lá a matar atendendo a interesses de um governo que não conhecíamos. A considerarmos a inocência, quantos inocentes tombaram apenas para que a ordem estabelecida não fosse ameaçada! Apenas para que outros pudessem ter seus interesses satisfeitos. Parece inquestionável que a ordem se manteve, que muitos se beneficiaram dela, que dessa forma se fez a felicidade de tantos que ignoravam por completo em que ela se fundava. — O Coronel meditou por um momento, e continuou: — Imaginemos um homem bom, que dedique a vida a fazer o bem aos outros, e ame fazê-lo. Esse homem será digno de toda honra, conforme o modo de pensar geral, exemplo a ser imitado, e quantos se lembrarão dele com lágrimas nos olhos, pensando nos benefícios recebidos. Mas teria havido real mérito em tudo que fez quando tal prática, em que pese o benefício proporcionado aos outros, era prazerosa e não podia ser de outra forma? Não lhes parece que havia aí um tanto de egoísmo? Que o Bem era praticado tão só para se alcançar uma satisfação íntima, um prazer que de outra forma não seria alcançado?

— O Bem praticado apenas com o intuito de se obter satisfação… —

disse o Cardeal.

— Digamos que esse homem não tenha isso em mente quando o pratica, que o faz de todo o coração. Sim, esse homem ama o Bem, pratica-o de todo o coração. E sente prazer com tal prática. Haverá mérito no Bem praticado dessa forma?

— E o que você pretendia? — pergunta o Marujo. — Que o praticasse sem satisfação?

— Que o odiasse — disse o Coronel —, que o praticasse com rancor! Eis aí um grande sacrifício para a alma — e nesse ponto o Coronel baixou a cabeça por um longo momento em que pareceu meditar. Ao erguer outra vez a face havia uma contração de dor e espanto nela, pouco perceptível mas que não me escapou: — Decorre daí uma implicação terrível: que alguém poderia dedicar-se exclusivamente ao mal, apenas para torturar a própria alma. Alguém em cujo coração houvesse lugar apenas para o amor, a complacência, o perdão, e que de repente passasse a entregar-se a toda sorte de crimes e malefícios, e a cada vez sofrendo horrores com seus atos, um sofrimento tão grande que em certos momentos lhe pareceria impossível suportá-lo, mas enfrentava a dor, impunha-se uma força de que lançava mão sem saber como, continuando com seus crimes e com toda a nova sorte de suplícios que lhe advinham à alma já à beira de sucumbir… Será que uma tortura assim não bastaria para redimi-lo de toda sua maldade? Para santificá-lo, até?

— Estas palavras foram inspiradas pelo diabo — eu disse, revoltado com a doutrina que aquele homem mau expunha, a "sua doutrina", como parecia gabar-se ao afirmá-lo.

O Coronel riu-se de minha observação, o Cardeal sorriu e o Marujo (que, como ainda veremos, não era de todo estranho às idéias expostas pelo Coronel) permaneceu calado. A pupila continuava serena, e o pai de Eliete mal erguia a cabeça, ouvindo essas idéias absurdas decerto sem compreendê-las.

Não me dei por achado, e lancei:

— Só o diabo é capaz de inspirar um niilismo tão exacerbado para confundir o entendimento humano.

— De minha doutrina — disse o Coronel sem prestar atenção à minha observação — decorre que essa é a única maneira de manter o mundo de pé: que todos tenham noção do Bem e o pratiquem, pois é certo que por pior que seja alguém, em algum momento será capaz de algo bom; que uns o façam mais que os outros, sempre haverá aqueles que se dedicarão só ao Bem; dessa forma o Bem será apenas um recurso para manter estável a estrutura do mundo, uma necessidade para que o mundo não desabe. Pode-se decorrer daí o argumento de que a inocência é uma falácia: existe como parte dessa estrutura de conceitos que

mantém de pé o mundo; é apenas mais um conceito, pois se não há o Bem em si mesmo, despojado de outra finalidade, não há também a inocência em si mesma. Quando muito seria um estado transitório, o que se torna muito vago, de importância apenas relativa.

E nos olhou, um a um, com firmeza, com ar de desafio.

— Mas continuemos! — exclamou logo em seguida. — Naquela noite, quando afirmou que só se mantinha vivo por teimosia, o capitão ordenou-me que fosse embora pois no dia seguinte partiríamos cedo, e eu me retirei. Se eu a princípio tivera o propósito de abandonar a tropa comandada pelo Capitão Macedo, esse propósito foi esmorecendo aos poucos. Quando acampamos nas imediações de um arraial, e ali fizemos pousada por algum tempo aguardando novas ordens do comando, tive a chance de pedir baixa mas resolvi ficar. A cada dia eu me punha a refletir sobre minha decisão: por que permanecia como "imediato" daquele tipo se suas atitudes até então me haviam apavorado, se suas idéias me pareciam absurdas, se a doutrina que defendia soava como heresia aos meus ouvidos, ainda que eu não fosse religioso? A todas essas perguntas eu respondia comigo mesmo ser apenas uma questão de tempo continuar na tropa. Permaneceria com ele mais uns dias, umas semanas, dois ou três meses se tanto até termos nova diretriz, daí então me afastaria. Durante esse tempo, contudo, aproveitaria para conhecê-lo melhor. Mas os dias se passaram, as semanas, os meses, novas ordens vieram do comando, outros conflitos, outras batalhas dentro do sertão, mais sangue, mais mortes, mais horror, e eu permaneci no meu posto. Só posso explicar minha permanência sob o comando do Capitão Macedo pelo fascínio de vê-lo em ação. A calma com que comandava um assalto contra bandos de jagunços e cangaceiros insatisfeitos… homens que se haviam convertido em assassinos sanguinários para defender umas glebas de terra ressequida, umas vacas magras, a gente famélica que tinha em casa… aqueles homens, ou haviam crescido no crime (ou naquilo que se convencionava chamar "crime", pois ainda hoje, apesar de tudo, não sei dizer de que lado se cometiam mais crimes), ou haviam ingressado nele por força das injustiças, mas essas questões passavam por alto para o Capitão Macedo, de quem eu havia aprendido ser aquele o seu ofício, não lhe cabendo questionar o certo e o errado, mas sim apenas o cumprimento do dever… Assim, a calma com que conduzia um ataque ao inimigo, a sutileza e sagacidade de sua estratégia, o profundo conhecimento do terreno que pisava, a certeza com que dirigia seus homens, e por fim a crueldade natural de suas ações, tudo isso associado à sua doutrina tornava sua imagem para mim ao mesmo tempo hedionda e fascinante, repulsiva e encantadora. Esta seria a explicação.

Eu já estava com o Capitão Macedo havia dois anos ou pouco mais

quando, certo dia, veio-nos ordem para nos dirigirmos a B…, um vilarejo perdido no meio do nada, cercado por cadeias montanhosas e matas, onde, no entanto, conforme notícia, um bando numeroso se havia organizado e iniciado uma série de chacinas e saques, tanto em fazendas quanto no próprio vilarejo, que constatamos não passar de um casario miserável, um amontoado desordenado de casebres de estuque e sapê no meio do mato ralo e ressequido, onde não havia nem mesmo uma simples capela improvisada. Ali se reuniram uma centena de famílias que viviam em sua maior parte do trabalho semi-escravo nas fazendas das redondezas, em geral administradas apenas por feitores e onde os verdadeiros donos raro em raro apareciam devido à distância. Os revoltosos haviam surgido dentre os moradores do vilarejo e os sitiantes menores, espoliados de seus pequenos pedaços de terra e de seus poucos haveres, e o grupo se tornara se não bem armado, pelo menos numeroso e disposto a tudo. Foi naquele lugar meu contato real com a inocência, pode-se dizer minha iniciação…

Quando acampamos ao redor do povoado e, em seguida, o penetramos, circulando entre os barracos de forma mais ou menos aleatória — não havia ruas, apenas espaços entre eles que tanto podiam estender-se em linha reta por oito ou dez metros como torcer-se em curvas desordenadas, o que acontecia no mais das vezes —; quando porém nos mostramos à gente do povoado, e esta ficou sabendo por que estávamos ali, não que o tivéssemos dito mas porque não seria difícil supô-lo; de imediato o comentário correu feito fogo num rastilho de pólvora, de ponta a ponta e em todas as direções, tanto que à medida que avançávamos entre as casas já não produzíamos surpresa: os moradores antecipavam-se, apareciam às janelas para nos espreitar, e dos pontos mais distantes do vilarejo (pois uma centena de casas espalhadas daquele jeito ocupam um espaço bastante vasto) vinham curiosos — adultos, meninos — que mal nos avistavam retrocediam para avisar os demais de nossa aproximação.

A ocupação do vilarejo foi simples, mas se não houve resistência não foi porque viam em nós uma esperança contra os saques e assassinatos (soldados eram tão temidos quanto jagunços, atentados contra o povo pacato podiam ser esperados de ambos os lados), mas porque além de não disporem de armas, não dispunham também de nenhuma tendência belicosa e talvez esperassem que tudo se resolvesse pela paz, ainda que esse "tudo" fosse uma coisa muito vaga e tal esperança pudesse parecer absurda em tais circunstâncias.

Vistoriados por precaução todos os recantos do vilarejo, Capitão Macedo dispôs sentinelas em alguns pontos estratégicos entre os casebres, a exemplo do que havia feito no nosso próprio acampamento, a fim de não sermos pegos de surpresa. No fim da tarde chamou-me à sua

barraca e disse:

— Amanhã vamos nos meter pelo mato. Um grupo fica no povoado. Resolvi deixá-lo supervisionando esse grupo. Não perca de vista um só momento os homens do destacamento nem a gente daqui, nunca se sabe donde pode vir uma reação. Esse povo sofre o diabo com os revoltosos por terem se submetido ao mando na região, mas é bem capaz que pense em se virar contra nós.

Seguiram-se alguns dias de tranqüilidade: das buscas no mato, das incursões pelas fazendas invadidas e saqueadas, dos interrogatórios aos próprios moradores do lugar, nenhuma informação resultou sobre o paradeiro do bando. De minha parte, passava o dia a percorrer os postos de vigia dentro e fora do povoado, a determinar os horários da rendição, e remanejar homens conforme a necessidade ou conveniência de melhor estratégia, e transitava sem receio entre os casebres, observado pelos habitantes com cada vez menos curiosidade, e mesmo hostilidade já não entrevia da parte daquela gente. No segundo dia à tarde, enquanto seguia de um posto a outro pelo meio dos casebres, notei uma menininha de uns nove ou dez anos que me olhava com insistência e sorria para mim. Detive-me e sorri também para ela, fazendo um aceno com a mão, e ela, encabulada, sem deixar de sorrir torceu o corpo com um encolher de ombros e depois baixou a cabeça, deixou-se estar quieta no mesmo lugar. Segui caminho, mas ao voltar-me para ela, lá a vi, ainda a olhar-me com o mesmo sorriso e em seguida a baixar de novo a cabeça, sem contudo arredar-se de onde estava. Não liguei importância ao caso e prossegui minha ronda. À noite a garotinha já havia saído de minha lembrança, para retornar no dia seguinte quando, durante a ronda da tarde, ela reapareceu, surgiu de trás de algum barraco, de uma moita, que sei? O que sei é que de repente ela estava de novo ali, e me sorria. Como estivesse mais perto dessa vez pude observar o quanto a menina era graciosa, ainda que não fosse bonita. Tinha os cabelos bem loiros e os olhos azuis. Miúda e magra, usava um vestidinho de um tecido grosseiro e de cor indefinida, decerto em razão do encardimento, que lhe ia dar pelo meio das canelas

Sentei-me num toco e fiz um aceno amistoso para a garota: que se aproximasse!, e ela muito acanhada primeiro fez que não com a cabeça e voltou a torcer o corpo e, encolhendo os ombros, a esticar os braços, um hábito, como me pareceu.

— Vem cá, menininha bonita, diga para mim como você se chama.

Agora a garota baixava a cabeça, mexia os dedos dos pés esfregando-os uns contra os outros, envergonhada. Se eu não tomasse uma iniciativa ela decerto não sairia do lugar, então resolvi aproximar-me dela e, pondo um joelho no chão, tomei-lhe uma das mãos entre as

minhas e lhe perguntei o nome. "Noní" ela disse com uma voz surda e pouco audível, emitida a custo tanto parecia embaraçada com minha presença.

— Mas isso deve ser um apelido — eu disse —, qual o seu nome de verdade?

Ela respondeu com um movimento indefinível do corpo, em seguida fitou-me com os olhos muito azuis e belos que me causaram uma impressão estranha, agradável mas algo incômoda, voltando a baixá-los em seguida.

— Então? — voltei a insistir. — Como é que você se chama, Noní?

Com aquela voz ainda surda, ainda emitida a custo respondeu, o que muito viria a surpreender-me mais tarde quando, passados todos os acontecimentos, eu me detivesse a refletir sobre o caso:

— Inocência.

Bem, eis a inocência que se apresentava, assim indicada até pelo nome. Pensei: "Aqui está a prova" e em seguida me dei conta de que tal pensamento ocorrera à revelia de mim, como uma voz a ditar-me aquilo na mente. Ainda mais abismado fiquei quando, um segundo depois dessa constatação, reconheci o duplo sentido da frase que de improviso soara em minha cabeça: "Aqui está a prova" eu dizia comigo mesmo agora, enquanto sentava-me outra vez no toco e aconchegava-me a menina ao colo, passando-lhe um braço em volta da cintura; "mas de quê?" Sim, prova, mas de quê? De que a inocência seria um fato ou uma mentira?

Naquele dia travei conhecimento com a pequena Noní, e enquanto a tive junto de mim fiz-lhe perguntas banais: em qual daquelas casas ela morava, quem eram o papai e a mamãe, se tinha irmãos, se gostava de estar ali, se brincava, se tinha muitos amiguinhos, e a cada pergunta a garotinha ou fazia que sim ou que não com a cabeça, ou respondia com uma palavra atirada rapidamente e sempre olhando para os dedos, que mexia e remexia, cruzando-os e descruzando-os. Enquanto respondia, sempre após um intervalo durante o qual parecia pensar um pouco, e à medida que as perguntas se sucediam, a pequena ia-se aconchegando até recostar em meu braço, e se não de todo à vontade, pelo menos como se entre nós, o soldado sobre quem por certo os adultos já haviam falado coisas nem sempre boas e a menininha do povoado, já começasse a nascer uma espécie de ligação, uma afeição a princípio superficial mas que tenderia a tornar-se maior, mais profunda. Em pouco, quem sabe, eu me tornaria se não o pai que ela disse que não tinha, pelo menos o irmão mais velho, surgido assim de repente, que ela dissera ter partido há tempos e ainda não ter voltado. Para mim ela poderia converter-se na irmã, na filha, não sei bem, mas em alguém muito amado. O fato é

que a pequena já me conquistara.

No dia seguinte, porém, Noní me surpreendeu quando voltamos a nos encontrar. Conversávamos no mesmo ponto onde estivéramos na tarde anterior, e súbito, recostada em meu peito, ela se virou para mim e, fixando-me com seus olhos azuis, perguntou-me:

— Até quando os soldados farão mal às pessoas?

O que havia naquele olhar, mais que na pergunta a qual sublinhava, que me fez estremecer? Está certo, soldados e jagunços eram vistos pelo povo miserável dos arruados com o mesmo terror, e se havia exemplos dos atos criminosos praticados por jagunços, aqueles praticados pelas tropas não seriam menos aterradores nem menos criminosos. Isso incutia um pavor generalizado à aproximação de uma tropa do governo, e não era difícil imaginar que os adultos ao falarem entre si da ameaça que representava para o povoado estar um destacamento tão próximo, com postos de vigia dentro dos seus limites, transmitiam às crianças as mesmas apreensões. Portanto não me devia surpreender que a menina falasse desse medo. E não me surpreenderia, não fora o tom com que a pergunta foi pronunciada, a convicção de sua voz que não admitia réplica, contemporização.

— Talvez os soldados não queiram fazer mal — eu disse —, mas existe uma guerra…

— Os soldados deviam nos proteger, e não nos protegem.

— Mas os meus soldados não estão fazendo mal às pessoas daqui — eu respondi cada vez mais surpreso.

Noní, que voltara a falar com a cabeça baixa enquanto entrecruzava os dedos daquele seu jeito, virou-se de novo para mim, encarando-me com um ar de tristeza:

— Mas ainda farão — manteve os lábios entreabertos como se ainda fosse dizer alguma coisa mas também esperando uma resposta que lhe trouxesse ao coração uma esperança.

Tentei desviar-me de seu olhar inquisitivo, baixei a cabeça fazendo um movimento de negação com a cabeça, mas de novo fui atraído por ela. Que grandes e medonhos eram aqueles olhos, agora úmidos, tão próximos de mim, esperando por uma resposta. Minha resposta foi beijar-lhe a face:

— Se eu prometer que não lhes faremos nenhum mal…

— Você não pode prometer isso — ela replicou.

— Por que você diz isso?

— Porque você não é o comandante.

Fiquei pasmo com a argúcia da criança, mas achei melhor não demonstrar minha surpresa:

— Bem, sou amigo dele. Posso pedir para não ser muito mau.

E Noní baixou a cabeça. Enfiou as mãozinhas nos bolsos do vestidi-

nho encardido. Sua voz brotou miúda, o mesmo acento de tristeza.

— Ele está caçando os homens do bando…

— Sim, está, afinal não são os homens do bando que fazem mal ao povo?

— Eles vêm às vezes, e roubam, mas não nos machucam.

— E você não gostaria que o comandante os apanhasse?

E ela fez que não com a cabeça.

— Por que não?

Mas aqui a menina parou, deu de ombros, não respondeu. "Uma criança" pensei, "Inocência… sim, inocente… se soubesse que qualquer um daqueles homens seria capaz de trucidá-la num segundo se fosse preciso para não obstar suas ações, ansiaria por sua captura. Como explicar-lhe isso?"

— Bem, eles são homens maus — eu disse, mas Noní não respondeu. — Temos ordens do governo para apanhá-los porque eles estão roubando este povoado, as fazendas, tudo…

— A gente das fazendas é má — ela replicou então —, merece o que o bando lhes faz.

Devia espantar-me, eu, que mal completara vinte anos e me fizera adulto sob o comando do Capitão Macedo, ao ver que aquela menina tão nova, ainda criança, sabia tanto quanto eu, talvez mais? Sim, espantava-me, e o que lhe responder? Só o que fiz foi puxá-la para mim, beijar-lhe os cabelos, e, levantando-me, dar-lhe a mão e sairmos a passear entre os casebres.

Capitão Macedo não tardou a perceber minha ligação com a menina: Noní agora me acompanhava a todos os lugares e entrava livremente em nosso acampamento, e embora não se intrometesse nas barracas e não conversasse com os praças, sua presença constante não agradou ao nosso comandante.

— Vejo que arranjou uma amiguinha — disse-me ele na quinta ou sexta noite que passávamos naquele lugar, chamando-me à sua barraca por um motivo qualquer, sendo o principal, se não o único, falar-me de Noní, o que fez com displicência, como se só à última hora se lembrasse dela.

— Uma criança — eu disse —, sinto-me bem com uma criança por companhia. Têm-se visto muita atrocidade, precisa-se de algo puro para nos alegrar o espírito vez por outra.

O capitão considerou minha resposta por alguns instantes, durante os quais não me olhou. Ainda sem encarar-me, disse:

— Já falamos sobre crianças há tempos.

— Sim — eu disse —, lembro-me bem. Mas me lembro também de não termos concordado num ponto.

— Sim — tornou ele —, não concordamos quanto à inocência. Naquele dia eu havia cometido uma ação que encontrou severa reprovação de sua parte…

— O capitão é muito tolerante com um simples praça…

— A quem escolhi como meu assistente…

— …mas me deu liberdade para dizer o que penso, inclusive para não aprovar suas atitudes.

— …por me parecer uma pessoa arguta e inteligente.

Então estivemos calados por alguns momentos.

— Cuidado com essa criança — disse por fim.

— Por quê, senhor?

— Apenas digo para ter cuidado.

— Que mal poderá nos fazer uma menina de dez anos?

— Nunca se sabe — ele disse.

— Mas… mas… — e fiquei entalado, olhando para ele, sem compreender. Então ele insistia que uma criança podia nos trazer perigo, uma pobre menininha raquítica que parecia ter simpatizado comigo e apenas queria divertir-se um pouco visitando um acampamento militar, para ela uma novidade.

— Além do mais, capitão — ajuntei, considerando um bom argumento a favor de Noní —, é filha de gente do povoado. Gente oprimida pelos homens do bando. Poderá, quem sabe, até ser útil…

— Útil como? — ele quis saber, sem disfarçar um sorriso de ironia.

— Não sei… penso que…

Capitão Macedo moveu a cabeça, deixando de sorrir. Baixou os olhos, respirou fundo, franziu o cenho. Quando reergueu a fronte, estava sério:

— Apenas lhe recomendo que tenha cuidado.

— Terei cuidado, senhor — disse, e saí da barraca.

Apesar da prevenção do nosso comandante contra Noní, que achei injusta, mantive minha intenção de não me afastar dela: evitaria levá-la ao acampamento de ora em diante para não causar aborrecimento ao capitão (e só a ele, pois nenhum dos praças se opôs à sua presença entre eles, alguns havia mesmo que também se alegraram em vê-la), mas não deixaria de conversar com ela ao encontrá-la no povoado, nem de fazer passeios em sua companhia quando, por exemplo, percorresse nossos postos de guarda, sempre que ela se mostrasse disposta a seguir-me.

Não me preocupei com as apreensões do capitão, evitaria contrariá-lo apenas, pois não desejava que se desfizesse sua boa impressão a meu respeito. Naquela noite não pensei mais no caso, mas no dia seguinte quando percorri o povoado não encontrei Noní em nenhuma parte, e quando perguntei por ela não souberam informar, "por aí" respondiam,

"brincando em alguma biboca dessas", "tem o costume de sumir mesmo".

Neste ínterim, as incursões pelo mato se repetiam sem encontrar-se qualquer pista do bando. Vez por outra ouvia-se um boato: um ataque aqui ou acolá, ora ao sul, ora ao norte, casas incendiadas, gente morta, saques. Com efeito em algumas ocasiões os soldados chegaram em propriedades por onde parecia que o bando havia passado há pouco: brasas entre as cinzas ainda quentes, madeirame fumegando sobre as paredes enegrecidas, cadáveres começando a apodrecer — esses, porém, os únicos vestígios de sua passagem. Haveria um esconderijo, um recanto sumido naquelas brenhas que não se lograva descobrir? Como tantos homens podiam desaparecer quase de repente? Mas nem bem investigava-se naquele ponto, já surgiam novos rumores: novo ataque, mas tão distante dali que decerto não seria o mesmo bando, ou seria, mas apenas parte dele, um subgrupo agindo noutro lugar, outro quem sabe ainda em outro lugar, e assim por diante. De quantos homens se compunha o inimigo? Não poucos, por sinal, e era nisso que cogitava o Capitão Macedo ao regressar irritado de suas infrutíferas incursões: "Se são muitos" dizia, "poderemos ter dificuldades. Devemos considerar que ainda não conhecemos bem o terreno", e a verdade era que não conhecíamos mesmo, do contrário como o inimigo podia permanecer invisível?

O desfecho sobreveio de súbito, tão cruamente que dele saí transformado.

Como disse, percorrendo o povoado certo dia não encontrei Noní, que esteve desaparecida por dois dias. Uma tarde eu conversava com o capitão em sua barraca quando em dado momento ouvimos um alarido do lado de fora e logo em seguida um praça meteu a cabeça pela abertura da lona:

— Capitão, está aqui uma criança ferida…

Dei um salto, e até o Capitão Macedo, que como de hábito se deitara em sua manta recostando a cabeça numa sela para descansar, levantou-se. O mesmo praça entrou em seguida com Noní nos braços, muito suja e machucada, os cabelos empastados de lama e de sangue formando uma crosta e minando uma água sangrenta dos diversos ferimentos. Alguns desses ferimentos, simples arranhões, deviam ter sido produzidos por galhos durante uma possível corrida pelo meio do mato. Outros, porém, indicavam espancamento: uma grande brecha que principiava na fronte direita e metia-se pelo meio dos cabelos, os lábios fendidos como que por um golpe violento, um inchaço resultante decerto também de um golpe quase a lhe fechar um dos olhos e nas pernas e pelo corpo seminu vergões roxos eram sinais de uma violenta surra. A pobre criança devia ter corrido muito tempo, pois respirava com dificuldade e de tão cansada mal se agüentava de pé.

O praça deitou o corpinho lanhado em cima de uma enxerga e eu

me ajoelhei ao lado tomando-lhe a mão. Com dificuldade Noní falou que um bando de homens armados estava não muito longe dali. Fora surrada por alguns deles que lhe perguntaram se os espionava a serviço dos soldados. Tê-la-iam mantido presa, mas conseguira escapar e a custo chegara até nós.

— Onde estão? — perguntei enquanto cuidava de suas feridas, limpando-lhe o rosto com água morna e lavando-lhe os cabelos. Noní deu umas explicações entrecortadas, arrastando as palavras em razão do cansaço e dos ferimentos nos lábios. Umas lágrimas umedeciam seu rosto de vez em quando, e a menina fechava os olhos continuando a respirar com dificuldade.

— Poderemos apanhá-los — disse para o capitão, que moveu, vagaroso, a cabeça em concordância.

— Praça! — gritou, e quando o mesmo soldado meteu a cabeça pela abertura da lona, ordenou: — Reúna os homens, todos em forma dentro de cinco minutos que vamos partir.

Sem demora nos pusemos a caminho, quase todo nosso efetivo mobilizado, a tropa deslocando-se mato adentro na direção indicada por Noní, que levávamos conosco na retaguarda, em segurança, enquanto nos mostrava o caminho. Nosso avanço na mata não durou talvez três quartos de hora, pois o Capitão Macedo a certa altura mandou que fizéssemos alto, "atenção!" exclamou em voz baixa, e todos nos imobilizamos com as armas preparadas. O capitão não era homem de se deixar enganar por muito tempo, e quando pressentiu o perigo preparou imediata reação. O perigo, contudo, estava próximo demais agora: à surpresa da ordem súbita proferida pelo capitão juntou-se uma outra, quando Noní, que eu conduzia em meus braços, soltou-se com grande agilidade e fugiu para o mato; uma terceira surpresa se abateu sobre nós quase em seguida: vindo de todos os lados, caíram sobre nós com tiros de espingarda e golpes de facão dezenas de homens que jogavam a vida naquele ataque. Senti vários impactos pelo corpo e caí sem sentidos. Não vi o desenrolar do combate, e quando dei por mim estava de volta à barraca, deitado numa rede e queimando em febre. Abria os olhos com dificuldade e tudo parecia girar à minha volta. Uma secura terrível na boca obrigava-me a pedir água a todo momento, e não raro era assaltado por pesadelos assombrosos e tão reais que, dias depois, já um pouco melhor, deles me recordava como de fatos que tivesse presenciado. Só então o Capitão Macedo comentou o ocorrido: caíramos numa armadilha preparada pelo bando com a ajuda de Noní. Sobrevivêramos graças ao nosso maior número, mas muitos soldados — quase metade da tropa — haviam sucumbido. O bando sofrera também muitas baixas e se dispersara pelo mato. Por certo estariam em segurança agora, em seus esconderijos, "de

forma que é inútil prosseguir com as buscas por enquanto" arrematou.

Depois de uma longa pausa, durante a qual, de olhos fechados, eu refletia em tudo que ele acabava de relatar, ouvi de novo a voz do capitão:

— Você escapou por pouco. Foi atingido várias vezes, e uma das balas chegou a raspar-lhe a fronte.

Fez nova pausa, suspirou, levantou-se e foi até a entrada da tenda. Depois voltou a sentar-se ao meu lado. Sua voz parecia-me distante, mas clara e tranqüila:

— Eis o que pode a inocência.

E a frase pesou na quietude da barraca. No estado em que me encontrava parecia uma pedra enorme que conseguia flutuar acima de nós, em pleno ar.

— Não é possível — murmurei sem abrir os olhos.

— A menina se deixou lanhar por todo o corpo para que não desconfiássemos da armadilha.

— Não é possível — repeti ainda com os olhos fechados e a voz fraca.

— Tanto é possível que aí está você, por sorte vivo, ao contrário de pelo menos metade da tropa.

— Oh, meu Deus!…

— Mas ela não conseguiu escapar — ele acrescentou.

Isto me pareceu uma ameaça.

— Eu quis dizer que nós a pegamos — disse o capitão, ao ver que eu me calava. Nem assim respondi. No entanto, adivinhara. — Ela está aí fora, amarrada a um tronco.

— Não quero saber — disse.

— É preciso que saiba — retorquiu o capitão com calma, e abrindo os olhos vi que ele, sem fugir a um cacoete, experimentava com o dedo, em movimentos vagarosos, sua comprida faca. — É preciso que saiba também que ela já foi julgada.

Sim, eu adivinhara: a menina fora julgada e, sem dúvida, condenada. Aguardava do lado de fora a execução. E eu deveria ser o executor.

— Compreendeu agora? — ele disse, surpreendendo-me com clareza os pensamentos.

Fiz que sim com a cabeça.

— Levante-se então — ordenou.

— Não posso ter-me de pé — respondi.

— Obedeça — disse em voz baixa mas segura —, é uma ordem. Arraste-se, nem que seja com os dentes, mas levante-se e saia da barraca.

— Não posso…

— **Arraste-se!** — ele gritou, e eu estremeci. Continuou gritando: — Arraste-se para fora! Não sabe que deve obedecer ao seu comandante?

Que podia fazer a não ser obedecer ao homem? Verdade é que ainda estava febril e fraco, e só com muita dificuldade por causa das dores por todo o corpo conseguia mover-me centímetro a centímetro. Arrastei-me para fora da barraca e, bem em frente, num esteio fincado no chão, com os olhos turvados pelas lágrimas que começavam a correr, lágrimas não só de dor mas de angústia, vi uma menina amarrada — Noní, a pequena Noní.

Percebi que o capitão curvava-se ao meu lado e tomando-me com força a mão direita punha-me qualquer coisa entre os dedos bambos, que não consegui segurar direito. O capitão tornou a pôr aquela coisa entre meus dedos e agora os apertava por mim em torno do objeto com tal força que chegaram a doer.

— Mate-a — ele disse.

Minha cabeça estava confusa. Eu não conseguia ver nada com clareza; parecia-me que, curiosos, diversos soldados se aproximaram para ver o que se passava, seus vultos pareciam multiplicar-se à minha volta, e tal era minha fraqueza que por pouco não sustinha o objeto (uma faca? a faca do Capitão Macedo?) na mão direita, erguendo-me mal e mal apoiado na outra.

O corpo cortado por dores insuportáveis, arrastei-me. Os olhos turvados não só pelas lágrimas, mas pela febre e pela vertigem, o que enxerguei à minha frente foi um vulto, Inocência, Noní, amarrada, e eu a menos de meio metro do esteio, estirado no chão — momento em que minhas feridas ainda não cicatrizadas recomeçaram a sangrar.

— Mate-a — tornou a dizer o capitão junto ao meu ouvido, agachando-se.

Eu não sabia ainda o que fazer. Mas o capitão (**"Mate-a!"**), agora gritando-me ao ouvido (**"Mate-a!"**), descoroçoando-me, repetia várias vezes aquela ordem (**"Mate-a!"**).

Golpeei uma vez. Duas. Mais, e mais, e mais, e mais o capitão gritando para matar a menina, e eu ainda que sem forças golpeava. Depois desmaiei.

Recobrei os sentidos no mesmo lugar, caído diante do esteio, o capitão sentado perto.

— Olhe — ele disse, e apontou o esteio.

Olhei. Ainda que não me sentisse nada bem, estava um tanto mais lúcido e vi: não era Noní amarrada ao esteio, não era a menina que eu havia golpeado com a comprida faca do Capitão Macedo, mas uma boneca de palha que, no estado em que eu me encontrava ao sair de rastros da barraca, não pudera identificar.

Deixei-me estar caído no chão de olhos fechados por algum tempo até que o capitão ordenou a uns praças que me levassem de volta à bar-

raca, e ele mesmo lá esteve, pensando-me os ferimentos. Queimei em febre durante dias, e quando enfim melhorei e minhas feridas começaram a cicatrizar, levei ainda outros tantos dias até pôr-me de pé.

Durante esse tempo preparava-se nova incursão na mata, e o capitão começara a aplicar seus infalíveis métodos para arrancar dos moradores da vila a indicação do local exato de homizio dos criminosos. Depois do episódio com Noní, não restara dúvida de que muitos dos moradores da vila, se não todos, estavam de acordo com o bando e se beneficiavam tanto de sua proteção quanto do produto dos saques. Naqueles dias, febril e sofrendo violentas dores, não me encontrava porém de todo em estado delirante que não pudesse ouvir os gritos dos muitos infelizes submetidos a tortura, gritos que, com poucos intervalos, se repetiam ao longo do dia e se prolongavam noite adentro.

— Pare com isso — eu disse uma noite, a pior que passei ali, alagado em suores devido à febre, quando o capitão entrou em minha tenda.

— Parar com quê?

— Esses gritos — gemi, quase sem voz —, esses gritos… não agüento mais…

— Você está delirando — ele respondeu —, não há ninguém gritando.

— Esse miseráveis sendo torturados…

— Mas quem está sendo torturado? — ele replicou com indiferença, afetando mesmo alguma surpresa.

— Não é possível — eu disse, perdendo aos poucos a noção de realidade —, não é possível… não é possível… — e já não distinguia o que era delírio do que acontecia à minha volta.

Do que me lembro com exatidão naquela noite terrível a não ser de gritos que se prolongaram pela madrugada e continuaram a soar em meus ouvidos já dia claro? Só me lembro, na verdade, dos gritos e de ter sentido muita sede, aplacada vez por outra por alguém — o capitão? — que, de joelhos ao meu lado, derramava um pouco dágua em minha boca. Eu nada via a não ser sombras, e se passava por uma madorna de alguns minutos, não tardava a acordar e em meu delírio continuar a ouvir gritos e a ver sombras que se moviam à minha volta. Aquela foi a pior de todas as noites, depois da qual os gritos cessaram e minha febre foi baixando pouco a pouco.

Uma tarde, ao acordar depois de várias horas de sono, deparei com o capitão sentado ao meu lado, num tamborete improvisado com um pedaço de tronco. Parecia bastante concentrado na leitura de sua velha Bíblia, mas percebeu que eu despertara.

— Você acorda finalmente! — disse com sua calma costumeira, fechando o livro.

Levantei um pouco a cabeça e olhei em volta. Ainda me sentia fraco

e não me atrevi a mais: voltei a relaxar e a fechar os olhos.

— Em breve começaremos a caçada — ele anunciou —, já sabemos onde encontrar os cabras. Esperamos que melhore para participar da operação.

— Quantos foi preciso matar? — perguntei.

— Matar? Do que está falando?

— Para descobrir o esconderijo do bando — eu disse —, quantos morreram? Quantos não suportaram a tortura?

— Você deve mesmo ter delirado — ele respondeu com um sorriso —, ninguém foi torturado. De onde você tirou essa idéia?

Movi a cabeça numa negação e não insisti. O capitão estava resolvido a não admitir as torturas e preferia, não sei se para confundir-me, lançar tudo na conta da febre e do delírio.

— Mandei preparar uma canja reforçada. Tem se alimentado muito pouco nos últimos dias, apesar de a febre ter quase desaparecido. Precisa comer, ficar forte e estar de pé até depois de amanhã.

Meu estado de saúde melhorava, se bem que não com tanta rapidez que já me permitisse entrar no mato dois dias depois. Passou-se pouco menos de uma semana até eu poder firmar-me outra vez sobre as pernas, embora os ferimentos, não de todo cicatrizados, ainda doessem bastante. O capitão saudou-me com um sorriso de alvíssaras ao ver-me sair caminhando da barraca e anunciou a operação para a manhã seguinte.

Naquele dia, que começava tão cedo, ainda com escuro, completar-se-ia minha educação, que desde muito se iniciara mas a que, às vezes, eu me obstinava em opor meus próprios pensamentos, como um aprendiz cabeça-dura que costuma julgar-se mais sábio que seu professor, ou que pelo menos julga o professor inábil em seus ensinamentos, pouco convincente, inseguro do que sabe. Poderia ser de outra forma? Creio que não. Para quem tem de aprender, o que vale não é a extensão das lições a seres assimiladas, mas a qualidade, e ainda que as minhas devessem ser breves, seriam de tal forma incisivas e dolorosas que o melhor, eu pensava, teria sido evitá-las. Tê-las-ia evitado se tivesse desistido de permanecer soldado e, pedindo baixa, me convertesse, por exemplo, em vendedor ambulante, proprietário de algum comércio, ou mesmo lavrador. Mas, sem querer culpar o destino, resolvi permanecer na tropa, e pior que isso, sob o comando do Capitão Macedo, que continuou exercendo sobre mim sua influência, ainda que a ela eu relutasse em submeter-me — eu falo de relutância, mas não posso omitir também que com minha relutância persistiam o fascínio e o interesse por sua personalidade.

Minha arma pesava-me, incômoda, e eu caminhava com certa dificuldade, cansando-me muito e, vez ou outra, sentindo fisgadas nos feri-

mentos e uma espécie de opressão respiratória, como se a qualquer momento fosse faltar-me o ar. A lição pela qual iria passar mostrar-me-ia de um lado o quanto somos capazes de nos agarrar à vida em situações extremas, de outro a confirmação do que disse há pouco, que é possível redimir o homem a dor que lhe advém do cometimento de um crime, coisa que o nosso garoto aqui tachou de "palavras inspiradas pelo diabo", e resumindo tudo, que viver daquela forma, conforme o dizer do capitão, não passava de um ato de teimosia.

Ao fim de algum tempo fizemos alto e a tropa foi dividida, segundo o plano, em dois grupos. O matagal, quase sempre ralo, naquele ponto era bastante fechado, sem sinais de passagem humana, e o terreno entrava em um declive acentuado que conduzia a uma garganta. O declive, e o quanto era íngreme e profundo, só podia ser percebido entrando-se no mato e avançando, até dar com aquele quase invisível recanto escolhido pelo bando como esconderijo: para chegar ao fundo sem deixar nas imediações vestígios de sua passagem, o bando seguia pelo leito de um riacho, um fio dágua que cortava longitudinalmente a garganta, no qual entrava muito mais abaixo da posição onde havíamos parado naquele momento. Essa precaução bastava para despistar quem quer que intencionasse perseguir os revoltosos, pois sem encontrar uma trilha, como segui-la? Como verificamos, no fundo dessa garganta o terreno alargava-se, mas era protegido por cima não só por umas paredes rochosas muito altas quase impossíveis de escalar (exceto no lugar escolhido pelo Capitão, orientado conforme as confissões arrancadas aos moradores do vilarejo), mas também pela densa galharada, que impedia a visão do fundo.

O plano adotado era simples, ainda que perigoso: divididos em dois grupos, um — o menos numeroso — contornaria o declive até o fio dágua, bloqueando aquela via de fuga, enquanto o outro desceria a encosta pelos lugares menos íngremes, rompendo o matagal até a garganta e, valendo-se da surpresa, atacaria os revoltosos, talvez ainda a prepararem a refeição da manhã.

A primeira parte daquela definitiva lição pode ser explicada com o que aconteceu durante a descida, que iniciamos cerca de uma hora depois de o primeiro pelotão ter partido para que tivessem tempo de alcançar seu posto. O que mais tarde, quando me punha a recordar aquela memorável manhã, me parecia inacreditável foi que o Capitão Macedo, de ordinário possuidor de "faro" para o perigo, não imaginou que pudéssemos estar caminhando para uma armadilha que tivemos (os poucos dela a saírem com vida) de reconhecer como a mais infantil: então não podíamos prever que o bando mantivesse um sistema de alarme contra a aproximação de indesejáveis — por mais improvável que tal aproximação se desse por aquela via? O certo é que o tinham, e pu-

deram surpreender nossa chegada e se organizar de maneira a não só resistirem ao máximo ao nosso ataque, como também a responder à altura e com uma surpreendente eficácia. Lembro-me de que depois daquela missão o Capitão Macedo mudou: já não seria o mesmo homem temerário e intimorato, ainda que não menos cruel. Em outras missões planejava a ação não com cuidado, mas com receio, e quando usava sua lâmina para ferir já não era com frieza e indiferença, mas com uma mistura de ódio e pavor. Foi assim que se viu ferido de morte em combate três anos mais tarde, de forma prosaica, levando um tiro na perna e sangrando sem remédio até o fim. Mas não nos adiantemos: deixe-me continuar a falar da minha lição, cujo "primeiro parágrafo" começou a meio do caminho na descida, no momento em que explodiu sobre nós de todos os lados a metralha, e, por não conhecermos bem o terreno, mal nos sendo possível abrigar e responder ao fogo antes que nossos homens começassem a tombar, o que se deu logo em seguida. Momentos havia em que o inimigo parecia estar no meio de nós, éramos alvejados com incrível facilidade, e quando descobríamos a direção de onde provinham as balas e reagíamos produzindo algumas baixas, eis que já nos visavam de outra direção, e continuávamos a cair. Se houve um momento em que nos julgamos perdidos — e houve, pois apesar de conseguirmos chegar ao fundo da garganta só o fizemos depois de excessivas baixas, e o capitão tendo sido alvejado num dos ombros empunhava já sua arma com dificuldade —, eu, que pela manhã não pensara ser capaz de muito devido ao meu estado, surpreendia-me com o fato de ainda estar de pé. O instinto da vida faz-nos, às vezes, obrar prodígios: não era menos que um prodígio eu ainda sustentar fogo contra o inimigo e me movimentar com alguma agilidade, e mesmo sem sentir dor, como se não tivesse no corpo qualquer ferimento! É certo, porém, que apesar de nossos esforços teríamos sucumbido se houvéssemos negligenciado a providência de nos dividirmos em dois grupos: o segundo, que descera até o riacho a fim de bloquear aquela possível via de fuga, atraído pelo tiroteio subiu em nossa direção a tempo de nos auxiliar no momento mais crítico.

Eu, já seguro de nossa triste vitória, não tendo mais forças para lutar, e sucumbindo agora não só pela dor dos ferimentos que, mal cicatrizados, voltavam a abrir e sangrar com abundância, mas também pelo cansaço que enfim me dominava os membros, caí, deixei-me arrastar na retaguarda meio inconsciente enquanto os demais avançavam correndo. Sobreviriam em seguida a segunda parte daquela lição e a conclusão de seus ensinamentos.

Entusiasmado com a chegada dos reforços, e antes de receber outro tiro, o Capitão Macedo com gritos açulava os homens a avançar, ele próprio seguindo na frente, apesar dos ferimentos recebidos. Os poucos

soldados que restavam entraram no acampamento — um amontoado com pouco mais de meia dezena de barracos de taipa e sapê — feito uma manada de touros bravios. Os membros do bando que surgiam atirando à porta dos casebres, feridos que se restabeleciam de outros confrontos, eram sumariamente fuzilados, e já alguns de nós começavam a preparar tochas e a incendiar o acampamento. Foi então que se deu o inesperado, que nos imobilizou a todos de espanto: já o tiroteio se acabara e os soldados sobreviventes descansavam a distância, contemplando as chamas que devoravam os casebres, quando à porta de um deles surgiu Noní, a pequena Noní, Inocência, a menininha que se fizera minha amiga. Apareceu à porta do casebre prestes a desmoronar e ali ficou. Capitão Macedo, que mal se sustinha de pé, voltou-se para mim, estirado no chão, desafiando-me com o olhar. Era preciso continuar o aprendizado, seria isso mais ou menos o que se podia ler em seu inquisitivo olhar: sim, era preciso, e por isso apoiei-me no fuzil, pondo-me de joelhos, e nos encaramos de tal forma que se estivéssemos mais perto um poderia ter visto nos olhos do outro o reflexo do fogo que consumia os casebres, e além dele a grande dúvida.

Noní avançou um passo para mim. Eu ainda sustentava o olhar de desafio do capitão quando levantei a arma. Só então encarei a menina. Quase não fiz pontaria, não precisava, era impossível errar daquela distância…

A história do Coronel chegou ao fim e ele, como se lhe desse muita satisfação falar daquelas coisas, sorriu olhando cada um de nós durante a pausa que se seguiu.

— A conclusão de tudo — disse em seguida — era que, enfim, vivia-se daquela forma por pura teimosia, como costumava dizer o Capitão Macedo, que morreu poucos anos depois desses acontecimentos. Uma bala na perna, que coisa incrível, e não houve providência que estancasse o sangue. Sangrou feito um porco em sua barraca, até o fim. Quando sentiu que a vida se acabava para ele, chamou pelo meu nome. Eu estava ao seu lado. O capitão meteu a mão por baixo da enxerga onde o haviam deitado e apanhou sua famosa faca. Estendeu-a para mim. "É sua" disse, "é de estimação, por isso só poderia transferi-la para alguém de merecimento". Recolhi a faca de sua mão sem nada dizer, e voltei a sentar-me ao seu lado. Morreu em seguida.

— Parece-me — disse o Cardeal depois de um momento — que a experiência vivida por meu caro irmão, apesar de terrível, não é suficiente para que desacreditemos da inocência. Aqui está o nosso João, a quem já relatei alguns episódios sobre o assunto, que poderá testemunhar a meu favor: eu creio na inocência como algo intocável e

incorruptível.

— Fosse incorruptível — contestou o Coronel —, e poder-se-ia acreditar nela. Não sendo, vejo-a apenas como uma falácia, um estado transitório que nada significa para mim. Quando, naquela terrível manhã, ergui o cano da arma contra a menina, fi-lo por compreender por que o capitão assassinava crianças.

Essa última frase, o Coronel a pronunciou de forma tão enfática que não houve uma resposta imediata. Com o rabo do olho dei uma espiada na direção do pai de Eliete, a fim de verificar sua reação, mas não pude descobrir se sua perplexidade se devia às idéias do Coronel ou à situação incômoda de almoçar em tal companhia.

O Coronel, após sua tirada, cravou em cada um dos convivas por curtos mas intensos instantes seus olhos vermelhos até que, aplacado, voltou a comer.

O Cardeal saiu-se então com uma estranha idéia, talvez mesmo já a viesse ruminando enquanto o irmão referia sua história e esperasse o momento propício de falar: "Digamos, por hipótese, que se recolhesse ainda no berço uma criança, um recém-nascido, afastando-o do mundo de tal forma que nenhum convívio tivesse com outras pessoas, não adquirindo assim qualquer conhecimento do que existe além do círculo onde fora criado. Uma vez crescida essa criança, uma vez adulta, seria inocente? O que acham?" A questão era direta, mas não houve concordância, seguindo-se uma discussão prolongada e confusa, em que os três irmãos falavam quase ao mesmo tempo produzindo grande vozerio. O Marujo contrapôs que se essa criança, crescendo, permanecesse em absoluta ignorância não teria oportunidades para corromper-se, e concluiu que a corrupção surge de oportunidades proporcionadas pelo conhecimento, mas o Coronel, cético como demonstrara através de suas opiniões, garantiu que mesmo assim essa pessoa não só teria em si o gérmen do Mal como ele estaria desenvolvido a ponto de mesmo em seu restrito universo ser capaz de atitudes perversas. O Cardeal insistiu em aprofundar sua experiência, alegou que com uma educação adequada, essa pessoa, que teria passado por uma infância e uma adolescência livre de contaminações, ao atingir a idade adulta talvez demonstrasse uma certa indiferença perante o mundo que tão importante parece aos que vivem nele, "observará o mundo exterior até mesmo com desinteresse, pois entre aquilo que lhe é propiciado encontrará sucedâneos satisfatórios, decorrentes de uma educação dirigida para tal fim", mas o Coronel discordou com uma veemência irritada, afirmando que a curiosidade seria mais forte que o "espírito filosófico" cultivado desde a infância (sem disfarçar uma ironia mordaz ao falar em "espírito filosófico"), e perguntou ao irmão se a ele não bastava o exemplo do Gênesis, afinal

Adão e Eva que, em tese, seriam inocentes no Éden, foram tentados pela curiosidade, mas o Marujo saiu-se de forma capciosa dizendo que Deus criara o homem mas não o educara, o que provocou uma risada no Cardeal, que não contava com tal resposta. Insatisfeito, o Coronel mostrou-se taxativo ao afirmar inexeqüível a experiência proposta, portanto qualquer discussão a respeito seria especular sobre o absurdo. Prosseguiu dizendo que desde o momento em que essa criança pudesse observar, ainda que por um período muito breve e sob vigilância, o mundo desconhecido do qual vivera e permanecia arredada, teria de tal forma seu interesse desperto por ele que, quanto pior ele se apresentasse aos seus olhos, mais atiçaria sua curiosidade — reafirmando o que dissera pouco antes, que fora a curiosidade o motivo da perdição do homem no Éden —, de forma que qualquer vigilância exercida ou educação ministrada seria inútil, "a natureza humana" disse então, "é intrinsecamente má, de forma que essa criança — ou esse adulto — adivinharia o Mal e julgaria por si mesma, portanto já não seria inocente" e reiterou que o conhecimento do mundo corrompe, o que de resto não é novidade (neste ponto, devo esclarecer que não concordava com tal asserto: de ser intrinsecamente má a natureza humana e inclinar-se sempre para o Mal, mas admito que a experiência proposta haveria de falhar justo neste ponto, pois a partir do momento em que fosse dada a esse ser humano a capacidade de julgar, estaria fadado o fim da inocência). Foi mais uma vez o Marujo quem opôs, mas dessa vez com seriedade, um argumento interessante: disse ele que nosso julgamento procedia do ponto de vista do homem maculado pelo pecado original, e concluíamos pelo que já era de nosso conhecimento, mas não estava provado ser este o único caminho e o único resultado, "a menos que meu prezado irmão esteja disposto a acreditar num fatalismo absurdo", e mais uma vez o Cardeal sorriu, encarando o Coronel com um leve ar de desafio. Este, porém, quis saber se era aceitável admitir o estado do primeiro homem no paraíso terrestre como de absoluta inocência? Antes não se poderia chamar ignorância? O Coronel fazia aí nítida distinção, pois a absoluta inocência estaria à prova de toda influência externa, "seria capaz de atravessar um pântano sem sujar os pés" ele disse, o que não aconteceu no Éden, pois o homem sucumbiu à primeira tentação (e aqui parecia triunfar com um sorriso mau sublinhando suas palavras), e tanta razão tinha ao afirmar intrinsecamente má a natureza do homem que, bastou a Eva dar a Adão um naco do fruto proibido para que logo *sentissem ambos vergonha de sua nudez,* "o que, na verdade, é apenas um modo de dizer" concluiu. O Cardeal insistiu, "nem por hipótese poder-se-ia admitir que a criança da experiência não resultaria num adulto dotado de sutil percepção crítica das coisas (embora eu não tenha entendido então — nem hoje consiga ati-

nar — o que o levava a acreditar que a experiência pudesse resultar em alguém com tais características, e concluía que só se faziam tais considerações no campo das hipóteses, sem qualquer nexo com a realidade), de tal forma que não se veria influenciado por nada do que observasse de enganoso?"; o Coronel respondeu que não seria nada fácil definir o que se entende por enganoso, e nossa criança não estaria apta a tal julgamento. A discussão prosseguiu ainda por vários minutos com os três irmãos falando às vezes quase aos gritos, sendo impossível apanhar tudo que diziam. Não acredito, porém, necessário nem proveitoso — e tampouco seria possível — reproduzir em detalhes o que se disse à mesa a seguir, pois mesmo à época não tentei fazê-lo: registrei no diário apenas de uma forma geral as idéias expostas e as conclusões a que cada um chegou, que na verdade não se podiam chamar de conclusões.

A idéia proposta pelo Cardeal parecia-me clara. Da maneira como a expôs outros teriam a impressão de que ele pensava na descrição bíblica da perda da inocência, tanto que o Coronel chegou a mencionar o Éden como uma tentativa fracassada. Para mim, porém, apesar das diferenças entre o que ele propunha e a história verdadeira que me relatara, não era difícil identificar a quem pretendia referir-se, mesmo de forma indireta: estava bem à minha frente, tranqüila e alheia a todas essas discussões: Giovanna. (*"Scusate"* murmurou então em voz quase inaudível ao terminar, e se retirou com sua quietude e sua costumeira economia de gestos.) Sabemos que a pupila não havia sido recolhida em seu berço e sim apanhada nas ruas aos cinco anos, mas a diferença, conquanto existisse, não seria essencial, pois aos cinco anos, ainda que já pudesse ter tido contato com o vício (não a fundo, assim tão pequena — pretendo dizer que já conhecera a miséria, já teria visto coisas), dele ter-se-ia esquecido sem muita dificuldade em decorrência da mudança experimentada ao deixar a penúria para viver no conforto, e o teria esquecido se não de repente, aos poucos e em pouco tempo, devido a essa característica das mentes infantis que, como páginas quase em branco, ainda é possível limpar para reescrever-se de outra maneira por cima (embora muitos assegurem o contrário, isto é, que as crianças soem guardar por toda a vida, mesmo que disso não tenham consciência e não havendo ensejo nunca venham a ter, os terrores enfrentados ainda no berço e até no útero materno, donde se conclui ser possível que a pupila tivesse armazenado nessa recôndita memória muito do mal que mesmo por pouco tempo conhecera). A pupila, porém, não se fizera adulta ainda, e não se podia prever se aos trinta anos teria esse espírito crítico e superior proposto pelo Cardeal, que nesse caso formulara apenas uma hipótese, entrando mesmo no campo da exclusiva experiência mental, por pertencer ainda ao futuro o quadro descrito. Em última análise, a expe-

riência imaginada pelo Cardeal parecia-me irrealizável (o Coronel entendeu da mesma maneira e o disse logo): exilar alguém do mundo não passa de um exagero. Uma experiência assim já foi tentada? Pode-se imaginar se a criança exilada dessa maneira não irá, um dia, indagar se o mundo é apenas aquilo que ela conhece e o que decorrerá daí (Adão não o fizera? Não havia dito o estranho visitante do Cardeal que Adão quisera apenas fazer um passeio para ver o que havia fora do Jardim?). Não importa imaginar a realidade, quando se trata apenas de uma experiência mental. Tudo isso é especulação e não serve de grande coisa, principalmente quando se pode objetar que o Cardeal falava de uma situação hipotética que diferia por inteiro do modo como Giovanna fora criada, pois ainda que se pudesse pôr em prática sua idéia, parecia-me fora de dúvida que ele não conduzira o pensamento de sua protegida da forma como em hipótese apregoava. Cumpre também observar que a pupila parecia-me, não inocente, mas avariada, maluquinha, de juízo fraco, enfim, que se use aqui qualquer desses eufemismos que atenuam a terrível idéia da loucura, já que essa idéia em si mesma não se coadunava com sua imagem. Se assim fosse, o que desde logo não era admitido, não fazia sentido falar em inocência ou culpa, pois os loucos serão talvez os únicos para quem esses adjetivos não valem, por maiores que sejam seus desatinos. Por último faço ainda a ressalva de que a pupila fora criada para a corrupção, como dissera o Cardeal ("Corrompê-la, transformar a criança que me exibia com inocência sua maravilhosa nudez numa puta!"). Porém, apesar de sua intenção, e conforme suas próprias palavras, não o conseguira realizar, e era nisso, apesar de todas as ressalvas que fiz, tantas que podem levar o leitor a concluir que não correspondem à experiência intelectiva perpetrada por aquele homem da Igreja; era, portanto, nisso que ele se firmava para falar em favor da inocência, pois, por mais que tivesse tentado, admitia não tê-la corrompido.

— Então chegamos a um beco sem saída — disse o Marujo depois de algum tempo, ao perceber que os irmãos não pareciam dispostos a renunciar, ainda que em parte, seus pontos de vista para se conciliarem num meio-termo: pelo contrário, cada vez mais se aferravam, teimosos, a eles. E a conclusão seria essa?, quis saber então, batendo as mãos uma na outra, a inocência seria um beco sem saída, isto é, não existia de nenhuma forma? Pois para que existisse dever-se-ia ter condições de julgar de *per se* o mundo, para o que no entanto seria necessário o conhecimento, e com este punha-se fim à inocência. E reiterava que sem a capacidade de julgar não cabia falar em inocência, pois "não pode haver inocência onde o mal não espreite, assim como não se pode dizer que uma coisa é maior ou menor que outra, se não houver outra com que se compare a primeira".

A discussão prolongava-se, tornava-se estéril e inconclusa, e ambos — o Coronel e o Cardeal — não se entendiam mais. Houve um momento em que tive vontade de intervir, contrapor minha opinião àqueles arrazoados insanos que me incomodavam, mas o que eu poderia ter dito? Enquanto discutiam, eu ensaiava comigo mesmo um contra-argumento nos seguintes termos: a inocência não é intrínseca do homem, à certa altura de sua vida há de corromper-se, é a lei da existência, mas sempre haverá de manter em si uns laivos, uns meros resquícios necessários, e mesmo indispensáveis dessa inocência para torná-lo bom, o que faz alguns melhores que outros, de forma que os inteiramente perversos estariam inteiramente corrompidos, mas os bons, ainda que pecadores, como a Palavra afirma que todos somos, seriam privilegiados (embora eu não atinasse com a razão de recair apenas sobre alguns esse privilégio), preservariam em seu ser algo de sua pureza original. Dessa forma, a inocência fora concedida ao homem para que os males do mundo se atenuassem e seu sofrimento fosse suportável. Vejo hoje que tal argumento tem seu tanto de piegas (para não falar de suas falhas), mas à época, e em razão da minha pouca idade, pareceu-me satisfatório. Nos dias seguintes, porém, como eu continuasse a pensar no assunto, aos poucos meu argumento começou a voltar-se contra mim. Como se explica isso? Ora, referi o quanto me incomodara a discussão acerca da inocência, o Coronel empenhado em descartá-la e o Cardeal contrapondo suas idéias, contudo (como me pareceu em alguns momentos) mais para explorá-las e levá-las ao máximo de rigor do que para impugnar os argumentos do outro. Da mesma forma não me senti à vontade com — e posso mesmo garantir que me molestaram — os argumentos do Coronel acerca do Bem e do Mal, dos quais, como bem nos lembramos, resultou a afirmativa por parte dele de que o homem é por sua natureza mau e predisposto à escuridão, em suma, que o bem é ilusório e usado apenas como um instrumento "para que o mundo se mantenha de pé". Eis aí como o argumento piegas que eu imaginara se levantou contra mim nos dias seguintes: pois se a inocência não é intrínseca do ser humano, que se corrompia preservando embora em si uns simples vestígios que o tornariam bom, ou pelo menos não de todo mau; se, portanto, assim é — e era o que se podia deduzir de meu argumento —, não seria o homem mau por natureza, eu, mesmo sem querer, confirmando as palavras do Coronel? Enfim, por outros tortuosos caminhos, eu não acabara por concluir que o Bem é apenas o artifício que a perversidade humana usa para manter o mundo em equilíbrio? Chegar a tal conclusão perturbou-me a ponto de transtornar-me durante aqueles dias, principalmente se lembrarmos que eu mesmo praticara atos condenáveis, quase criminosos, contra Eliete, e que eu não só tinha consci-

ência deles como me sabia capaz de repeti-los — como aliás vim a fazer —, embora saber disso me atormentasse tanto quanto me irritava a própria lembrança da garota e de sua (para mim) odiosa gravidez.

Quanta contradição em meu pensamento naqueles dias! O quão transtornado eu estava então, de forma que se por um lado era capaz de reconhecer meus erros e sentir-me repugnado, como me sentia quanto àquelas idéias niilistas, por outro rugia dentro de mim uma revolta, verdadeira ojeriza contra minha vítima só em tê-la na lembrança, sendo capaz de novos atos perversos! Todos esses pensamentos sobrevieram depois daquele almoço. No momento em que se discutia à mesa eu apenas elaborava uma idéia capaz de combater as que ouvia com crescente irritação, mas como nenhum dos contendores iria abjurar suas opiniões apesar do que eu dissesse, e nem mesmo levariam a sério que um garoto matuto feito eu opinasse, preferi calar-me.

Respirei fundo quando os três irmãos se levantaram da mesa, ainda discutindo, e se afastaram esquecidos de nós — de mim e do pai de Eliete. A sós agora comigo, o homem, que mal tocara a comida, encarou-me e tentou sorrir. Disse:

— Eu vim… enfim, não esperava por isso… não contava com nada disso…

Não respondi. Livrara-me do Cardeal e do Coronel e, ainda que por pouco tempo, de suas idéias perniciosas. Mas restava-me outra dificuldade.

— Menino João… — o homem parecia perturbado com tudo quanto presenciara, por isso articulava as palavras com dificuldade, cheio de hesitações.

— Esteja à vontade, senhor — eu disse então.

— Ela… minha filha… deu à luz.

Estremeci, sem coragem de encará-lo. Agora eu também era pai — e tal idéia irritou-me a ponto de quase levantar-me da cadeira numa atitude explosiva. Contive-me, porém, para não ser grosseiro. Sabia o que ele esperava de mim, mas não podia prometer-lhe nada. Movi a cabeça, mostrando entender a situação.

— Dê-me tempo — eu disse, procurando nessas palavras um subterfúgio e tentando dar à voz uma entonação de naturalidade que inspirasse confiança —, por favor… apenas dê-me tempo…

— Não tem vontade de… conhecer a criança? — ele perguntou, depois de um instante de hesitação. — Ela pode trazê-la… caso não queira ir lá por enquanto…

Tal insinuação, percebi, tratava-se de uma acanhada tentativa de enternecer-me e aproximar-me outra vez da filha. Da parte dele eu vislumbrava apenas a esperança de limpar o nome da família, provendo a

filha com o título de mulher casada, depois do que ninguém poderia mais "abrir a boca": posto que o fato de uma jovem solteira engravidar fosse motivo de comentários maldosos, deixava de ter importância se no devido tempo a honra maculada fosse purificada pelo casamento. O pai de Eliete estava ali, eu pensei então, apenas para satisfazer a pequena sociedade provinciana, cujos princípios sagrados de dignidade familiar haviam sido violados, o que me pareceu mesquinho e irritou-me ainda mais. Em nenhum momento me ocorreu que esses princípios eram também sagrados para o pobre homem.

— Por favor… — eu disse, baixando um pouco a voz e me contendo com grande esforço, ainda sem coragem de encará-lo — …dê-me apenas algum… tempo…

O pai de Eliete não insistiu. Moveu a cabeça e se levantou da mesa.

Com que alívio me vi sozinho na sala!

Quadros

"Vi, assim, em plena luz um quadro, o retrato de uma jovem que desabrochava na feminilidade. (…) Como obra de arte, nada podia ser mais admirável que aquela pintura."
(**Edgar Allan Poe** — *O Retrato Oval*)

Reunidos nas Oliveiras os três irmãos, notei com o passar dos dias um certo distanciamento entre Filipe e os outros, poderia mesmo apostar num visível desinteresse seu por eles: o Cardeal e o Coronel pareciam entender-se bem, sendo comum vê-los ora na biblioteca, ora na varanda, em palestras animadas; mas Filipe esquivava-se de sua presença (quando junto deles, permanecia quase sempre calado) e, no mais das vezes, recolhia-se ao salão onde se havia instalado com seus apetrechos, e punha-se a pintar. Enquanto o Cardeal, que antes apenas me assustava, passara a causar-me pavor, e o Coronel, tão logo o conheci, inspirou-me forte antipatia, Filipe foi o único com quem a princípio cheguei a simpatizar, embora sua influência sobre mim me trouxesse tais conseqüências que terminei por detestá-lo também. Era a arte o que me atraía naquele homem de meia-idade, magro, de ar doentio e um tanto agitado, com um tique nervoso que consistia em piscar os olhos ao concentrar-se intensamente em alguma coisa, riscando-lhe a testa uma funda ruga vertical enquanto fungava repetidas vezes e franzia o nariz.

Mais de uma vez eu entrara no salão para vê-lo trabalhar, no começo com medo de incomodá-lo e ele correr comigo dali, depois mais à vontade porque, notando meu interesse, ele mesmo franqueara minha entrada, mostrando-se contente em ter-me como espectador. Minha presença não lhe era incômoda, desde que eu não interferisse nem lhe falasse: exigia silêncio, mas ao empunhar os pincéis mergulhava de tal forma no trabalho que o mundo à sua volta se dissolvia.

O Marujo havia encontrado no porão algumas pranchas de madeira nobre, que resolveu aproveitar para uma pintura de grandes dimensões. Eram tábuas bastante compridas e largas, das quais ocupou-se inicialmente em nivelar com uma serra, depois do que passou a lixar uma por uma, minuciosamente, eliminando todas as imperfeições até obter uma superfície lisa. As pranchas, enfim aparelhadas e imprimadas, não foram unidas com pregos ou parafusos, porém apenas justapostas por meio de

dentes e entalhes em suas bordas mais longas, recurso possível devido a sua espessura, formando assim um imenso painel que tomava tanto em comprimento como em altura uma das paredes do salão quase inteira.

Nesse painel Filipe fez sua enorme pintura inspirada no livro do Apocalipse.

Às vezes, enquanto trabalhava, eu me punha a percorrer os muitos quadros espalhados pelas paredes, mas ia parar sempre diante do retrato da jovem morena — o único, como foi dito, não apenas afixado num chassi de madeira como também emoldurado e protegido por uma grossa placa de vidro. Examinava-o indeciso quanto ao que mais me impressionara nele: se a assombrosa técnica realista com que fora pintado — via-se a textura da pele aveludada, a trama do tecido de sua roupa e das rendas no peitilho e na gola, o brilho dos olhos, e até mesmo a minúcia de cada fio de cabelo como numa fotografia —, ou se a impressão de uma existência espiritual a emanar da tela. Olhando-o, sobrevinha-me a sensação estranha e incômoda de que notaria alguma diferença desde a última vez que o vira: o sorriso estaria mais franco, o queixo talvez um pouco mais erguido e os olhos, quem sabe com um brilho mais intenso, voltados em outra direção… mas a jovem continuava sorrindo com uma sutil amargura, a alma conturbada por uma agitação que em vão tentava disfarçar, pois ia refletir-se na expressão dos olhos, voltados para o espectador sem contudo encará-lo diretamente; a cabeça não se reclinara, o queixo não alteara, e as mãos — que não apareciam na tela —, não havia dúvida: permaneciam na mesma posição!

— Um lindo quadro, não acha?

Sobressaltei-me ao ouvir sua voz às minhas costas. Aproximara-se em silêncio enquanto eu admirava o retrato, e não sei por quanto tempo estivera ali, olhando também.

— Sim… — eu disse — é como…

— …como se possuísse uma alma? Como se a cada olhada ela estivesse de um jeito um pouco diferente…

Surpreendeu-me ele ter descoberto a impressão que o quadro produzia em mim, e então concluí que aquele mistério, a magia daquela imagem era intencional e não um mero acidente.

— …como, por exemplo — ele continuou —, se as mãos, que não aparecem no retrato, quando você voltasse a olhar para ele estivessem noutra posição?

Movi a cabeça:

— É a impressão que tenho — confirmei. — Como soube?

Então o pintor se adiantou e se pôs a contemplar o retrato mais de perto, como se também a ele o impressionasse, apesar de ser o autor.

— Foi o que eu quis fazer — ele disse —, eu quis que alguém, olhan-

do-o, tivesse essa sensação incômoda de vida, de movimento, de pulsação… veja — e apontou para os olhos da imagem —, não lhe parece que a qualquer momento poderemos vê-la pestanejar?… Você não imagina, ninguém pode imaginar sem conhecer os fatos que antecederam a execução do quadro, o que significou para mim pintá-lo desta maneira… as levíssimas camadas de tinta que apliquei para obter a textura e a cor exata da pele dando a impressão de que há sob ela nervos, músculos e veias, e uma estrutura óssea, que nestes olhos, além da íris, da pupila aberta, haja uma retina capaz de captar a luz, de nos ver a nós do lado de cá olhando-o… hê-hê-hê… sugerir as mãos que não aparecem… um corpo que não pode ser visto… uma alma, uma agonia que só existe na sensibilidade da percepção…

— Parece que o senhor conseguiu o que queria — eu disse.

— E no entanto nunca foi terminado!

— …?!…

Era surpreendente tal revelação! Notei, contudo, um ricto, ainda que não muito visível, torcer-lhe a face.

— Do que é capaz o ódio! — ele disse em seguida.

Não compreendi, pois em meu entendimento não só o quadro estava terminado, como só um grande amor seria capaz de levar o artista a dedicar tanto de si a uma obra para alcançar tão pleno resultado. Ele, porém, falava de ódio!

— Ódio? — perguntei com surpresa. — Por que ódio? Para mim só uma pessoa apaixonada pode…

— Engana-se, meu jovem primo. Apenas o ódio é capaz disto — notei que não havia exagero em suas palavras, pelo contrário, falava com sobriedade e frieza. E foi ainda sem paixão que disse, retornando aos painéis novos que iniciara: — O ódio tem uma força incalculável — retomou os pincéis. — Quando for homem, um homem maduro, e se tiver motivos para odiar, compreenderá.

— …Mas parece-me que nada pode ser acrescentado nele… nem modificado… O quadro tem de estar pronto!

— Mais uma vez se engana… este quadro jamais ficará pronto. E ainda assim, eu não conseguiria pintar outro igual.

— Quem era ela? — perguntei.

— Quem era? — e parou, de frente para mim. Sorriu. — Puxe uma cadeira e sente-se. Vou contar-lhe uma história.

Aproximei-me e sentei.

Filipe recomeçou a pintar, espalhando a tinta sobre o fundo branco dos painéis em pinceladas muito rápidas e uniformes, que ainda não definiam contornos nem volumes. Umas vezes mergulhava o pincel num recipiente contendo um líquido, uma espécie de solvente, e, secando o

excesso nas calças, continuava a espalhar tinta no painel. Outras, não sei se para apressar o trabalho ou obter efeitos diversos, espalhava a tinta com as próprias mãos, retocando com o pincel em seguida. Dessa maneira obtinha um fundo espesso, pesado, de cores neutras, sobre as quais, depois de secas, começaria a delinear as figuras. Aquelas eram as pinceladas preliminares do terrível painel sobre o Apocalipse de São João que conseguira, apesar dos acontecimentos, concluir, durante sua permanência na fazenda — e que reveste, agora, a parede dos fundos da capela, atrás do altar, onde coube com perfeição. Ainda terei que falar desse painel, cujo trabalho acompanhei com interesse e, ao mesmo tempo, assustado com as mudanças que se iam operando no artista à medida que adiantava a obra.

Assim, pois, sentei-me perto dele, um pouco à sua retaguarda, e fiquei observando-o pintar. Pensei que se tivesse esquecido de mim, tão concentrado parecia no trabalho, e assim se passaram alguns minutos até que comecei a impacientar-me. Dispunha-me a levantar e continuar olhando os quadros quando ele, detendo-se um momento a observar o que já havia feito, disse:

— Eu levei sempre uma vida de vagabundo.

Começara a falar de si. Contrariando seu costume de esquecer-se do mundo enquanto pintava, conversou comigo, embora conversa não seja bem o que se passou: era na maior parte do tempo um monólogo, e pude compreender que mesmo contando os episódios que compunham sua vida podia concentrar-se no trabalho, interrompendo a narrativa em alguns momentos que lhe requeriam maior atenção ou uma execução mais minuciosa e elaborada; falar comigo não o atrapalhava porque, na verdade, falava consigo mesmo, mais ou menos como se pensasse em voz alta. Eu ouvia e no mais das vezes só dizia alguma coisa se ele me fizesse uma pergunta. Nesses momentos, interrompendo o que fazia voltava-se para mim, então eu compreendia que se respondesse não o incomodaria. Durante toda uma tarde, até quase anoitecer, narrou-me sua vida.

— Marinheiro sem destino é o que eu era, um dia num navio, outro dia noutro, ganhava dinheiro com contrabando pois então não podia esperar muito dos meus quadros; levava, pois, a mesma vida de vagabundo que começara na adolescência, quando a conheci na cidade do Rio de Janeiro há quinze anos. Chamava-se Laura, e assim que a vi, encantou-me. Dessa sedução eu não podia prever as conseqüências, o amor que começara a conhecer poderia ter-me transformado a vida, no entanto, serviu apenas para torná-la mais amarga… Mas não vamos com tanta pressa. Primeiro quero lhe contar como me fiz vagabundo e fui parar no cais do Rio naquela manhã de novembro em que a conheci.

Meu irmão, o da batina, já deve ter-lhe dito que muito cedo nosso pai nos tirou de casa — daqui, desta casa —, e nos mandou para a companhia de um tutor velho e rabuja, que nos importunava todo o tempo com suas manias…

— Sim — eu confirmei —, eu sei disso, por alto.

— Pois bem, enquanto éramos pequenos aturávamos o maldito do velho porque não havia outro jeito. Mas começamos a crescer e a dar-lhe dores de cabeça. O mano Adolfo, ou melhor, o mano "Agostinho", o mais velho de nós, começou a fugir com alguma freqüência, e para desforrar-se das rabugices do velho vadiava pelos botecos noturnos da cidade. Numa dessas fugas foi parar numa casa de tolerância e lá conheceu mulher, embora depois, pelo visto parece ter-se afeito à batina. Cá entre nós — e o Marujo fez uma pausa, desviando-se do principal nesse ponto —, será que ele não anda passando na cara aquela menina, a pupila dele? — piscou o olho para mim. — Olhe que já vi muito padre, *entre uma missa e uma ladainha, espreitar por baixo da vasquinha*! Não creia neles, meu primo, não creia nos padres, e esse meu irmão parece-me uma boa bisca. Mas, deixa pra lá! Adiante: Rodrigo também começou a fazer das suas, escapava vez por outra rumo às zonas mal freqüentadas da cidade e metia-se em brigas nas casas de má fama aonde ia. Tinha treze anos, era um garoto franzino de corpo mas bem disposto, e certo dia espancou a porrete um sujeito que se meteu com ele. Levado para o distrito pela polícia, de lá o velho foi tirá-lo apavorado, pois em sua correspondência com nosso pai tinha de dar satisfação do que andávamos fazendo de bom e de mau. Dos três, no entanto, o mano Agostinho era o mais rebelde, e, quando o vimos metido a força num seminário, decidimos fugir juntos — fugir de vez e cuidando para que não fôssemos encontrados, ainda que não fizéssemos idéia de como seria viver fora de casa. A reclusão apavorava-me, creio que até mais que a Rodrigo, e para nos intimidar o velho referia horrores da vida monástica, dizia que na caserna inda era pior, "e é para onde vocês serão mandados" bradava, rubro de furor, "sob o comando de um oficial que há de pô-los na linha!" Pintava o demônio com mais chifres do que poderia ter, e a nós, meninos, restava-nos obedecer até que pudéssemos pôr em prática nosso projeto de evasão. Foi essa obediência que nos facilitou a fuga: eu e Rodrigo nos tornamos comportados e o velho agradou-se disso, imaginou que nossa submissão se devia à sua severidade e ao exemplo de nosso irmão mais velho, que agora gramava o latim e vestia saias, e aos poucos desleixou a vigilância. Foi quanto bastou para que partíssemos certa noite, pouco depois de nos recolhermos, carregando uma trouxa e um punhado de moedas decididos a não voltar mais. Está visto que não voltamos.

O Marujo seguiu contando-me a história da fuga, conforme o resumo que já conhecemos, até o momento em que, doente, ficou abrigado num beco enquanto o irmão saía pela cidade com a idéia de furtar comida e agasalho.

— Fiquei ali — ele prosseguiu — esperando em vão que Rodrigo retornasse. Nunca mais o vi. Nem vi o amanhecer do dia seguinte. Quando voltei a abrir os olhos estava de cama num quartinho cuja única janela permanecia fechada, pela porta entreaberta contudo entrando um rumor de ondas. Não demorou muito, apareceu uma mulher de meia-idade que sorriu ao ver-me acordado. "Podia dormir ainda um pouco mais" ela disse, mas eu, fazendo força para sentar-me, o que consegui mal-e-mal recostando-me na cama, perguntei o que fazia naquele lugar e onde estava meu irmão. "Nós encontramos você caído no beco, eu e meu marido, e estaria morto a esta hora se não o tivéssemos trazido para cá. Saiba que está aí desde anteontem pela manhã". Aquela novidade me deixou muito espantado, e mais espantado fiquei quando me disse que, se eu tinha um irmão, devia ter sido abandonado por ele, pois encontraram-me caído sozinho no beco, com uma febre altíssima e quase à morte. Protestei que meu irmão não me abandonaria, que era preciso encontrá-lo e dizer-lhe onde eu estava. Minha situação não era a mais tranqüila, pois, conquanto a mulher e, pouco depois, seu marido, me prometessem fazer de tudo para encontrá-lo, minha saúde voltou a piorar, e creio que passei vários dias sem dar acordo de mim, a não ser nos breves momentos em que a febre parecia diminuir. Fui tratado por um médico que a pedido do casal me visitava naquele quartinho, e quando enfim me vi fora de perigo, mas ainda bastante fraco para pôr-me de pé, soube que se haviam informado pela cidade acerca de meu irmão, mas ninguém soubera dar qualquer notícia. Por uns quatro ou cinco dias ainda estive de cama, mas assim que me levantei saí eu mesmo à sua procura; no fim dessas jornadas inúteis, retornava sempre para o quartinho onde ia encontrar a cama feita e uma terrina de sopa quente. Fiquei em companhia daquele casal durante alguns meses, fui ao mar com o homem, que era marinheiro, e comecei a afazer-me àquela vida, que me pareceu dura e boa. Aos poucos iria converter-me também num marinheiro, mas minha vida tomaria um rumo definitivo quando o homem arranjou-me colocação num grande navio que zarparia daí a uma semana para qualquer porto da Europa. Foi nesse navio que aprendi a descascar batatas com o cozinheiro, a esfregar o convés com um marinheiro negro, horrendo, de olhos esbugalhados e beiços vermelhos, e a desenhar com o capitão. Eu tinha catorze anos. Começara minha vida de vagabundo.

Parou e olhou para mim.

— E aqui estou eu, mais velho, claro, mas ainda vagabundo — e deu uma risada, voltando-se para o painel.

— Como foi que aprendeu a desenhar com o capitão?

— Vou lhe contar.

Neste ponto Filipe fez uma pausa, baixando a cabeça para concentrar-se; fungou, franzindo o nariz e piscando os olhos repetidas vezes. Imobilizou-se um momento antes de prosseguir. Mas, para minha surpresa, mudou o rumo da conversa.

Disse antes que o Marujo era um homem agitado e lhe descrevi o tique nervoso, que mais se acentuava nas situações de tensão. Não sei o que se passou em seu pensamento naquela hora, mas Filipe olhou para mim e sorriu, de cabeça baixa, erguendo apenas os olhos. Piscava e fungava, e avançando um passo na minha direção deteve-se outra vez e perguntou, o corpo inclinado para adiante, o mesmo sorriso nos lábios finos e sem cor:

— Diga-me, garoto… você acredita no Mal?

Fiquei desconcertado com tal pergunta, e demorei alguns segundos para responder — sem convicção (lembrando que dias antes o Coronel abordara o mesmo assunto à hora do almoço. O Marujo, então, poucos comentários fizera, conquanto de início tenha-me parecido, como referi, um pouco perturbado):

— Creio que sim… bem, acredito… enfim, noutro dia o Sr. Rodrigo…

— Bem sei — ele disse, e estendeu a mão, interrompendo-me —, já se tratou disso outro dia à mesa, durante o almoço… meu irmão terá talvez seus motivos para acreditar no que disse. — Voltou ao painel. — Ele começou perguntando se existia o Bem. Você acredita no Bem?

De novo respondi sem convicção:

— Se existe o Mal…

— …existe o Bem, não? — ele completou.

Fiz um movimento de cabeça como quem diz "sim, deve ser isto", pois não só era adepto desse velho conceito maniqueísta (ainda que não estivesse muito seguro quanto ao motivo por que me agarrava a tal convicção), como sentia necessidade de não concordar com o que já ouvira sobre o assunto naquela casa.

Eu não percebia o porquê dessa inesperada pergunta no momento em que Filipe principiara a falar-me de sua vida. Poderia ser um presságio do que estava por vir, mas como supô-lo àquela altura dos acontecimentos? O fato é que a conversa tomou um rumo que noutras circunstâncias seria de meu interesse, como o fora a explanação do Coronel durante aquele almoço, conquanto então eu também me irritasse com suas asseverações, lembrando-me até de que a algo que ele dissera eu havia respondido que fora o diabo a colocar em sua boca tais pala-

vras; agora, no entanto, incomodou-me, deixou-me pouco à vontade o reinício de tal discussão, se é que se tratava de reiniciar o debate. Para compreender esse efeito sobre mim, é preciso antes ter em mente o quão desagradável tornara-se viver nas Oliveiras. Qualquer fato que pudesse lembrar-me daqueles dias sombrios que atravessávamos desgostava-me, e, ao contrário, tudo que me distraísse o pensamento servia-me de alívio. Admirar os quadros de Filipe, ouvi-lo falar de sua vida — e em especial da jovem morena que ele havia amado — era reconfortante para mim, um escape, ainda que momentâneo, do clima opressivo da casa. Por isso, vê-lo assim mudar de assunto e retomar uma no mínimo estranha doutrina sobre o Mal, perturbou-me. As conseqüências, embora indiretas, sobre meu espírito foram, como veremos, perniciosas.

— Não se apresse a pensar dessa forma, João — ele disse, encarando-me —, pelo menos não pense que seja tão simples assim.

— Só não entendo o que isso tem a ver…

— …com o que eu lhe contava sobre minha vida?

— Sim…

— Talvez eu vá lhe contar uma história sobre a maldade… talvez… Nem sei por que resolvi perguntar sua opinião acerca de tal assunto… a você, que é só um garoto e não tem convicções muito firmes…

— Engana-se — retruquei —, eu penso assim mesmo.

— Mas não saberia dizer por que pensa assim — ele disse, como que adivinhando meu pensamento.

— Não…

— Bem, aí está o sinal da insegurança em sua convicção.

— Mas…

— Mas isso é bom — ele apressou-se em dizer, e repetiu: — Bom, sim, muito bom! Então, que acha? É mais fácil mudar o pensamento de uma pessoa que ainda não tem uma opinião firmada… Quando alguém está convencido de uma coisa, é muito mais difícil fazê-lo mudar de opinião…

— Mas… por que eu teria de mudar de opinião sobre esse assunto?… Em que lhe poderia interessar…?

— Ah, talvez para mim, nada… mas para você pode ser importante… não sei, talvez seja importante… mesmo não concordando, sempre é bom discutirmos qualquer assunto… sempre se aprende… e nunca é excessivo aquilo que se aprende…

Baixei os olhos para as mãos, esperando. Cruzei e descruzei os dedos. Filipe voltou a perguntar:

— Diga-me… qual é o mais forte? O Bem ou o Mal?

Pensei por cerca de meio minuto, enquanto nos encarávamos, eu indeciso, ele com a atenção fixa em mim, como se fosse beber de minha

boca as palavras. Mas quando fiz menção de responder, interrompeu-me com um gesto:

— Não… não responda ainda… Esta é uma pergunta velha, tão velha quanto o homem, mas nunca total e cabalmente respondida. Reflita em que você está para responder a uma questão antiqüíssima… e que ninguém até hoje…

— Talvez o senhor esteja enganado — eu o contradisse —, todos já responderam a esta pergunta.

— Ah, sim? ah-ah! — riu-se. — E que resposta é essa? O que dizem "todos"?

— Que seria terrível se o Mal pudesse sobrelevar o Bem…

Fiz uma pausa, esperando uma interrupção, mas ele apenas insistiu para que eu prosseguisse:

— Vamos, continua… e daí?

— …que o Mal é ardiloso… que pode nos envolver e nos enganar de muitas maneiras… mas o Bem… o Bem é divino e…

— …e sempre vence? Não é isto?

— Eu penso que sim…

— Pensa? Ah, você pensa?… Então não está certo de sua opinião… da opinião de "todos" sobre essa questão…

— Bem — eu disse, dando de ombros e sorrindo —, é uma questão sobre a qual todos se debruçam… virou lugar-comum… a maioria das pessoas crê em Deus, logo, no Bem… eu, que sei!, eu talvez pense como a maioria…

— E se a maioria estiver enganada? — perguntou avançando para mim (e conduzindo a conversa para um rumo que eu não esperava e do qual eu não fazia idéia). Parou a um passo de onde eu estava sentado, inclinou o rosto na minha direção, apoiando ambas as mãos nos joelhos.

— O senhor quer dizer, se a humanidade estiver enganada…

— Sim, enganada, redondamente enganada!

Confuso, baixei os olhos evitando encará-lo, a ele, que mantinha o rosto à altura do meu e à distância de pouco mais de dois palmos.

— Não sei… estou um pouco desnorteado com essa idéia… não sei o que dizer…

E assim ficamos alguns instantes, após os quais levantei os olhos para Filipe. Ele continuava na mesma posição, olhava-me com insistência — a insistência de um felino pronto a lançar-se sobre a presa —, o mesmo sorriso de expectativa nos lábios.

Mas logo abandonou a posição da fera que espreita e retornou ao painel, ensaiando algumas pinceladas. Enquanto pintava, disse:

— O Mal não é só ardiloso… é muito mais que isso, portanto é preciso cuidado — ergueu o dedo: — João, o Mal é mais poderoso.

— Mas se fosse — mais uma vez tentei contradizê-lo —, que inferno seria tudo… o mundo, tudo…

— E que grande Inferno é o mundo! Você não faz idéia.

— Está certo, eu… é verdade que nunca saí deste meio de mato… que sei eu do mundo!… mas ainda assim… Se o Bem não fosse mais forte que o Mal, o que seria de nós?

— E o que será de nós? — ele perguntou. — O que será de cada ser humano?… Note, não pergunto o que será da humanidade, mas de cada ser humano… você, por exemplo: tome-se a si mesmo como centro de um círculo. Você está aqui e crê que nada o ameaça. Alargue um pouco o círculo, digamos, para umas três ou quatro milhas ao redor desta casa, e talvez alguém esteja sendo ameaçado, mas você não sabe! Aumente ainda o círculo, de modo que vá um pouco além de Pilar… quantas possibilidades de existência começam a surgir à medida que esse círculo se alarga, já se deu conta disto? Vá aumentando o círculo… vá saindo da aldeia e de suas imediações e ganhando o estado, o país, o continente, o mundo… Você está no centro de um círculo de destruição no qual milhares de pessoas são atingidas e arruinadas a todo momento, e é certo que não há remédio para elas, mas você também não sabe disso!… Como pode o Bem ser mais poderoso se as coisas são desse jeito?

Não pude contradizê-lo. A questão, sob esse ponto de vista, pareceu-me demasiado clara.

— O que acontece — ele prosseguiu, sentencioso — é o Mal estar presente em uma proporção mínima na face da terra. Ah, se todos os demônios fossem soltos…!

— O senhor quer dizer que o homem é naturalmente bom?

— Não, é naturalmente mau.

— Não compreendo…

— Finge-se de bom para assegurar sua sobrevivência. Não se lembra do que disse o "nosso Coronel" outro dia?

— Não posso concordar com ele, parece-me monstruosa tal idéia. Que imenso egoísmo o do homem se assim fosse…!

— E é um imenso egoísmo!… Enfim, para assegurar sua sobrevivência (a sobrevivência de suas instituições, de seus sonhos de grandeza, de sua vaidade… — ah, o mano Rodrigo estava certíssimo!) é preciso sufocar o mais que puder esse lado negro que subjaz mas luta para vir à tona… e que vem à tona com mais freqüência do que se pensa, não vá se enganar quanto a isto… Veja, por exemplo, na época em que os condenados da Justiça eram executados em praça pública: milhares de pessoas infestavam as ruas para assistir ao suplício. Iam ali homens de todas as castas: os ricos e os pobres, os governadores, seus subalternos e a gente do povo, quitandeiros, hortelãos, varredores de rua, donas de casa, cozi-

nheiras, mendigos, estudantes, crianças, todos na expectativa de ver o condenado pendurado de uma corda, esmagado a golpes de maça, ou guilhotinado… todos esperando por sua cota no espetáculo, sua dose de sangue e horror, para depois afetarem esse horror nos rostos compungidos, numa lágrima casual… talvez até fossem algo sinceros em sua lágrima e sua compunção… não sentissem, porém, prazer com aquilo, não estariam ali… E o Santo Ofício, o que pensa do Santo Ofício, quando os homens da Igreja, abertas diante de si as Sagradas Escrituras, assassinavam a granel em nome de Deus e da salvação da alma? E o que dizer dos crimes perpetrados, do morticínio das guerras, de tudo que aflige a espécie humana e apenas dela provém, senão que sejam manifestações do Mal que às vezes aflora?… No entanto, a humanidade sobrevive, e devido a quê?… À vaidade (sonhos, desejos, ambições, tudo é vaidade, como diz o Eclesiastes), enfim, aos motivos que a induzem a manter-se viva. Dessa forma o Mal está, digamos, até mesmo em certa desvantagem perante o Bem, e o homem arrasta-se, equilibra-se, evita a destruição… ah, mas se de uma hora para outra já não houvesse mais esses motivos… em que campo de batalha e de extermínio se transformaria a face da Terra! Em que abismo a humanidade afundaria — e aqui já não falo de indivíduos, algumas dezenas ou centenas neste ou naquele lugar, mas da humanidade inteira —, sem apelação, sem esperança!

Pasmo, em meu íntimo admitia a assustadora verdade de suas palavras.

Filipe respirou fundo, examinando sem atenção a aparência das pinceladas sobre o painel. Passou a mão pelos cabelos, pelos lábios, piscou várias vezes os olhos. Aparentava tranqüilidade. Disse:

— Depois de muitos dias de viagem naquele navio, um cargueiro que sem eu saber tomara o rumo de um ponto qualquer na costa africana, e depois de muito esfregar o chão do convés, das cabines, da despensa, da cozinha, e até dos porões, cuja sujeira era impossível eliminar, calhoume ver o capitão entretido num passatempo que jamais poderia esperar: o desenho.

Respirei aliviado quando o Marujo retomou a narrativa de suas andanças, e, curioso — embora ainda um tanto perturbado pela "doutrina" que há pouco expusera —, pus atenção no que dizia.

— Era uma tarde de calmaria. Nenhum vento, o céu claro, alguns cirros encobrindo parcialmente o sol. Com a calmaria que começara depois do meio-dia os homens, sem o que fazer, zanzavam de um lado para outro, mas eu, o novato, me esfalfava no cabo da vassoura, esfregando o chão do convés quando o vi passar com uma cadeira, um bloco e uns lápis. Sentou-se a alguns passos de mim e, sem ao menos dar comigo, começou a desenhar. Curioso, continuei a esfregar o chão mas fui me colocando à sua retaguarda e me aproximando, de forma que em

pouco já podia espiar — mal — sobre seus ombros. Parei a esfregação, aproximei-me sem ruídos e fiquei observando-o. Inesperadamente desenhava bem, muito bem mesmo!, os traços seguros e precisos, a certeza quanto ao que pretendia representar… Obtinha uma bela escala de cinzas: desenhava o mar com alguns barcos ao longe e um ou dois mais próximos, mas o tema daquele desenho — daquele primeiro desenho que eu via e que me despertou o desejo de desenhar também — não era o mar ou os barcos, mas a tempestade que se formava ao longe, com nuvens escuras a avolumar-se no horizonte e crescer, iminentes, em direção das pequenas embarcações, que seriam em breve colhidas pela tormenta. Havia muito vigor na imagem, podia-se pressentir a tragédia, o naufrágio, as mortes, isso tudo com apenas umas poucas sombras, uns traçados de ondas e nuvens… De repente o capitão deu comigo atrás de si e voltou a cabeça contrariado. Eu me apressei em dar uma desculpa e voltei a esfregar o convés, mas à noite fui chamado à sua cabine, e quando parei à porta daquele espaço apertado que uma lanterna a óleo de baleia iluminava mal, ele disse: "Vá entrando, precisamos conversar", fez uma pausa rápida e continuou, "bem, vou direto ao assunto. Hoje à tarde eu o vi negligenciar o trabalho para meter o bedelho onde não era chamado." Baixei a cabeça sem saber o que responder, e ele manteve o silêncio como uma reprimenda. Arrisquei uma olhada em sua direção e disse: "Desculpe minha curiosidade, senhor." Ainda sério mandou que me aproximasse e me sentasse em sua cama. "Aprecia o desenho?" perguntou. Como eu ainda demonstrasse constrangimento em sua presença, animou-me: "Ora, não seja tolo. Responda à pergunta", "eu não sei desenhar…", "não lhe perguntei se sabe desenhar, mas se aprecia o desenho", "nem sei… foi a primeira vez que vi alguém desenhar…", "a primeira vez?!" exclamou, fazendo cara de espanto, "sim, dessa maneira…", "e de que maneira, pode-se saber?", "assim… dessa maneira… desse jeito…", "ora, diabos, mas de que jeito…?", "assim" e eu agitava as mãos com tremendo embaraço, gaguejava sem saber como me exprimir, "…é que ficou bonito", "ah" e pude perceber sua satisfação pelo elogio, "então lhe agradou meu desenho?" e fazendo-se bravo: "Então é de ficar espionando os outros que lhe incumbem aqui, neste navio? Para divertir-se e achar bonitos os desenhos do seu capitão?" Confuso, tive uma saída inesperada: "O senhor preferia que eu os achasse feios?" O capitão soltou uma gargalhada e, esfregando a mão na minha cabeça, curvou-se, puxando uma caixa — um baú — de sob o beliche. "Vejo que você não é bobo, garoto, nada bobo!" Abrindo a caixa, pude ver uma profusão de objetos, mas por cima deles uma caixa menor (que depois verifiquei tratar-se do estojo onde guardava seus lápis especiais) e uma grande pasta de couro. Apanhando a pasta e abrindo-a, o capitão,

envaidecido com a platéia que havia ganho — pequena, mas atenta —, começou a mostrar-me seus desenhos. Enquanto isso, confidenciou-me: "Aqui, menino, no meio desses brutos" referia-se à tripulação, "não se tem nada se não houver um pouco de arte. Uma arte sem público, o que é uma pena, pois essa gente nada percebe. Então é bom ter com quem conversar às vezes sobre isso" e começou a passar os desenhos. A maioria representava temas marítimos: cenas de tempestades no mar, pesca da baleia, marujos em atividade ou em seus momentos de descanso, dormindo ou jogando cartas e dados, negros subjugados como escravos e metidos nos porões dos navios, enfim, uma grande variedade de descrições das mais diversas circunstâncias de sua vivência como homem do mar. Mostrou-me alguns representando temas sociais, como jogos de salão, danças em cabarés, festas de rua, e uns poucos estudos de cabeças de mulheres e crianças, "esta é minha filha" disse, mostrando o retrato de uma jovem mulher de faces gordas, sem beleza mas com graça, "e este é meu neto" e exibiu o retrato de uma criança de três ou quatro anos. A minha atenção e — ele o percebeu, satisfeito — o meu crescente interesse, o deslumbramento que me proporcionavam aquelas figuras que ia passando diante dos meus olhos, estimulava-o a mostrar-me mais e mais. Ficamos horas naquilo. Ele mostrava os desenhos fazendo um ou outro comentário. Em geral falava pouco, o suficiente para esclarecer alguma dúvida, por exemplo, se essa cena de briga entre marujos acontecera naquele navio, se ele pescara aquela baleia, se ele estivera em tal lugar ao retratar uma festa de rua, coisas assim. "E que faz o senhor de todos esses desenhos?" O capitão coçou a cabeça. Sorriu. "Já tive uns caprichos, sabe?, levá-los a uma galeria… ah, mas em que terra atrasada vivemos, garoto! Não valem nada, é o certo, a não ser para mim e para uns poucos mais, amigos, familiares…" e explicou que a filha (casada com um escriturário e morando na capital) apoderava-se de boa parte deles ("Que menina, você tem de ver, como gosta das coisas do pai!"). Quanto ao resto, alguns ficavam guardados num quarto em sua casa ("E que acabarão ficando para a menina também!"), outros vendia a turistas por alguns vinténs, "patacas, pouca coisa, só para não dá-los de graça". "O senhor não me ensina?" eu perguntei, ao final, enquanto a pasta retornava para o baú. O capitão fechou o baú sem pressa, empurrou-o para debaixo da cama e endireitou o corpo. Parecia refletir. "Um discípulo…".

A partir de então passei a ser liberado do meu serviço todas as tardes entre as três e as seis. Durante esse tempo o capitão ensinava-me, desde a maneira correta de apontar o lápis até os truques para se obterem efeitos diversos na figura. Eu me aplicava, os resultados iniciais não eram bons mas o mestre percebeu no aluno o jeito, o talento, e compelia-o a

não desistir; havia momentos em que eu, de fato, quase desistia, atirava o lápis para um canto e com os nervos à flor da pele saía a passear pelo convés, a espiar a marujada em sua labuta, a descansar as vistas no verde das ondas, no azul opaco do horizonte, para depois voltar e retomar o desenho. Isso acontecia com freqüência: ao errar uma linha, por exemplo, um contorno, uma forma, e então era preciso apagar; mas errava outra vez e apagava, e errava de novo e de novo apagava, até que para meu desespero de tanto riscar e apagar, o papel, enfraquecido, rasgava-se e era preciso recomeçar, noutra folha; se eu estivesse no começo do desenho, bem, mas acontecia já ter chegado quase ao fim e então perdê-lo por completo. "Sempre recomece" ele dizia, "não aproveite um papel rasgado. É como construir uma casa sobre um alicerce podre, a casa não subsistirá ao primeiro temporal. A folha rasgada, contudo, não o é alicerce podre", "e o que é, então?", "a preguiça em recomeçar", e após uma pausa, "sem a coragem necessária para recomeçar jamais aprenderá". E eu recomeçava: o desenho feito com tanto cuidado ia para o lixo, ou melhor, era atirado ao mar, e eu apanhava uma folha nova. Certo dia, no entanto, eu o surpreendi: até então eu apenas treinara o traçado, o jeito de pegar o lápis para rabiscar formas mais simples, a maneira de realizar sombreados e explorar os diversos tons de cinza, etc. mas naquele dia eu resolvi desenhar uma paisagem marinha como as que ele fazia, representar um naufrágio, e o fiz às escondidas. Dispus os elementos com alguma habilidade, demonstrando harmonia e expressividade na composição: o navio ocupava o segundo plano, e de seu casco, com a proa já submersa, viam-se apenas a popa e alguns mastros partidos. Em primeiro plano retratei o drama dos marujos amontoados nos poucos botes salva-vidas: os de dentro repeliam a golpes de remo aqueles que se esforçavam por subir a bordo e punham em risco, com a sobrecarga, a estabilidade do bote. Num deles, o maior, mais próximo do espectador, eu havia desenhado um marinheiro que não ajudava os companheiros a repelir os outros, apenas olhava, pasmado, o navio afundar. Longe, no horizonte, um grande volume de nuvens prenunciava tempestade, mas de entre elas, pesadas e ameaçadoras, surgia — fino e brilhante fio de luz — um raio de sol! O traçado não era o que se pode chamar de perfeito, ainda demonstrava insegurança em alguns pontos, imprecisão em outros, percebiam-se os sinais de apagamento onde havia errado, mas tinha personalidade! O que deixou o capitão intrigado foi aquele raio de sol muito nítido brotando entre as nuvens carregadas. "O navio naufragou" ele disse, "está afundando. Em primeiro plano vemos desenrolar-se o drama: havia poucos botes e os marujos se enfrentam para salvar a própria pele, expulsando aqueles que há bem pouco eram seus companheiros mas agora se convertem numa ameaça à sua sobrevivência, e

daí sabemos que alguns irão perecer. Mas, este raio de sol… o que significa este raio de sol? Será uma esperança para esses homens cuja vida está por um fio, ou as nuvens o encobrirão de vez, mostrando que não há esperança e desabando sobre o mar, sobre os botes, sobre os homens, submergindo-os?" Eu mesmo não soube explicar, pois não tivera nenhuma intenção com o desenho a não ser o de criar um bonito efeito para agradar ao mestre. Nesse dia foi que ele me explicou que um desenho não é apenas um traçado a lápis no papel, uma figura que se pretende bonita para agradar os olhos, mas a linguagem — uma das formas de linguagem — do espírito. "A intenção pode não estar explícita, você pode nem saber que existe, mas ela existe, porque não vem da sua mente, e sim da sua alma. Há algo a mais nesse raio de sol que você talvez não compreende agora, sobre o qual muitas opiniões irão divergir, mas de uma coisa você pode estar certo: ele não está aqui apenas para demonstrar habilidade no colorido que você conseguiu, no traçado já algo seguro que apresenta." O capitão, porém, não fez apenas elogios, mostrou falhas, imprecisões, deu conselhos, e concluiu dizendo que com aquele desenho eu começava a alçar vôo, "começa a sua escalada, ainda como discípulo, mas como um discípulo adiantado, um iniciado".

A iniciação porém ainda demorou, o progresso não foi tão rápido quanto se pode julgar daquele primeiro bom desenho. Eu às vezes enveredava por caminhos ainda fechados para mim, errava, tentava consertar e de novo acabava estragando o papel. Rasgava-os, amassava-os furioso, atirando-os ao mar. Todos esses tropeços, contudo, não representaram um atraso no meu progresso, mas a abertura de múltiplas direções que satisfaziam meu mestre, tanto como simples tentativas frustradas pela dificuldade e incapacidade inicial, quanto depois, quando o domínio da técnica já não tinha segredo para mim. Meu convívio com o capitão durou cerca de cinco anos, e no dia em que o deixei para buscar outros rumos em minha vida ele me abraçou com o carinho de um pai, e disse: "Em você, garoto, eu descobri uma coisa que não possuo, e talvez por isso não tenha ido muito além do que sou; essa coisa se chama paixão."

E era verdade. O capitão era um desenhista consumado, amava o desenho fosse para representar uma cena de mar ou um rosto, mas no fim deixava-se talvez intimidar, não idealizava um salto maior, um vôo mais alto. Eu talvez não tenha dominado a técnica como ele, mas havia em cada linha, em cada sombra, em cada figura que eu fazia, uma paixão, uma loucura, algo de que se podia dizer "há uma luz de verdade projetando esta sombra", ou "estes olhos podem mover-se no papel, estes músculos retesar-se, aqueles pés andar" e assim por diante. Mesmo em meus quadros, observe, o desenho não chega a ser perfeito — em minhas andanças visitei os museus, vi o desenho, a pintura dos mestres —;

o meu desenho talvez não atinja tal perfeição, mas a paixão que há neles é igual, talvez até maior, em muitos casos.

Voltou a aproximar-se do retrato da jovem morena.

— Exceto neste — disse então —, exceto neste.

Moveu a cabeça com vagar, mas não se deteve em frente à tela nem meio minuto, e retornou ao seu painel.

— Fale-me dela — eu pedi. — Como é mesmo que se chama?

— Laura… — e suas feições se transformaram ao pronunciar este nome. Como vim a saber, soava-lhe doce o som destas sílabas, pareciam-lhe amargas as lembranças que traziam, e essa mistura de sentimentos fazia que seu rosto adquirisse uma expressão difícil de descrever. — Chama-se Laura…

— Como foi que o senhor a conheceu?

— Conheci Laura Camargo aos trinta anos. Acabara de saltar no cais do porto com bastante dinheiro no bolso, ganho nas últimas viagens. Por isso decidira-me a ficar no Rio de Janeiro por algum tempo, uns dois meses, três, mais até, sem fazer nada a não ser desenhar e pintar durante o dia e gozar a vida de noite nos cabarés e nas casas de tolerância… acaso já visitou alguma? Casa de tolerância, bordel… compreende? E, por falar nisso, você não quer me levar a conhecer os bordéis da aldeia? Hein?

— Só há um, que eu sabia… — eu respondi.

— E você já andou por lá, não? — e riu, zombeteiro. — Ah, estou vendo pela sua cara que sim! Iremos lá uma noite destas. A mim, me agradam tais lugares, acredite!, e quanto piores para mim, melhores, mais curiosos me parecem. Deixe-me dizer-lhe uma coisa: com o capitão eu não aprendi só o desenho. O homem era vivido e tinha muito a ensinar. Quando desembarcávamos nos portos estrangeiros, íamos a todos os lugares. Um dia disse-me: "Menino, hoje vou levá-lo a conhecer umas mulheres", e levou-me a uma casa dessas. Voltamos lá nas noites seguintes, deixou-me sob a tutela de uma puta jovenzinha que quase arrancou-me o fígado! Outra vez, disse: "Amanhã vamos ver uns quadros, mas antes… é preciso mudar de aspecto", e levou-me a uma loja. "Escolha, menino, é preciso roupas novas, será necessário também um banho, um jeito nos cabelos, não se pode freqüentar ambientes finos com essa cara", e no dia seguinte quase não o reconheci quando veio acordar-me. E depois, quase não me reconheço a mim mesmo, de roupa limpa e nova. Havia cerca de três anos que fugira de casa, e desde então eu me convertera, e com muito gosto, num vagabundo. Não foi difícil para mim reaprender o que havia esquecido, e se por um lado eu continuava grumete, por outro o capitão queria tornar-me apto a todas as situações, fazer-me um homem do mundo como ele, "você é diferente

dessas mulas de carga, menino" ele dizia, "seja grumete, suje-se junto à escória, mas aprenda também a ser homem!". E disse quando bem vestidos, carregando maletas com nossas mudas de roupa, saltamos em terra: "Tiraremos uma folga". Estávamos no porto de Marselha. Tínhamos pouco mais de uma semana até o navio ser carregado, e deixando instruções com seu imediato entramos em seguida num trem cujo destino eu ainda ignorava. Depois de uma noite de viagem descemos numa gare barulhenta, saímos para ruas amplas, movimentadas e sujas, e o capitão tomando-me pelo braço exclamou: "Menino, eis Paris! Paris é nossa por uma semana!" E ali o capitão iniciou-me na vida elegante, surpreendendo-me, pois não era possível esperar que aquele homem rústico, que comandava aos berros marinheiros não menos rudes, pudesse passar por tal transformação. Foi quando entrei no Louvre pela primeira vez. Esses passeios não eram freqüentes e o trabalho no navio era duro para todos, inclusive para mim, que não queria fazer feio junto à marujada nem passar como "o protegido do homem", mas em todas as folgas o capitão não perdia oportunidade em ilustrar-me nos mais diversos aspectos da vida: fez-me conhecer prisões, quartéis, ambientes requintados num dia e os piores e mais sórdidos no outro, de forma que ao deixar seu navio podia considerar-me efetivamente um homem do mundo. Mas, voltando àquela manhã em que desci no cais do porto, resolvido a ficar no Rio por uma temporada: eu alugara, havia uns três ou quatro anos, um quarto numa cabeça-de-porco próximo à Praça P**. A única janela dava para um terreno cheio de lixo e mato entre quatro prédios, mas era-me conveniente pois ali eu dispunha de um espaço razoável e podia espalhar meus quadros e desenhos com relativo conforto. No quarto ao lado morava um sujeito, um tal Castrinho, que vivia de vender quinquilharias pelas ruas e de uns negócios escusos que não me interessavam, mas com quem eu fizera amizade desde que fora para lá, e a quem ia sempre encontrar, a cada regresso meu à cidade, do mesmo jeito: o aspecto pouco recomendável, o hábito de dormir até o meio-dia, os dentes estragados e enormes olheiras roxas. A despeito da aparência gozava de boa saúde, prometia cuidar dos dentes sem cumprir a promessa, mas era um sujeito confiável, tanto que lhe deixava a chave e pedia que vez por outra desse uma olhada nas minhas coisas, abrisse a janela para arejar, e, sempre que possível, passasse a vassoura no chão. Creio que nunca chegou a passar a vassoura no chão, mas abriu a janela uma dúzia de vezes, e nunca dei por falta de nenhum dos meus pertences, donde supunha que o Castrinho não seria um ladrão, ou não desejava roubar-me (mesmo porque pouco havia de valor em meu quarto que estimulasse a cobiça). Para ali fui, após contar meu dinheiro, fazendo planos para os próximos meses. O Castrinho, encontrei-o na escada. Passava das duas

horas, e pelo visto havia dormido um pouco mais naquele dia. “Ora” ele exclamou, assim que me viu subindo com minha carga, “quem está de volta! Então, desta vez se demora na cidade ou não?”, “creio que sim” eu respondi, arriando a mala e o fardo com meus últimos quadros no degrau, “umas boas pândegas, hã?”, “mas não hoje. Estou cansado e só penso em dormir. Amanhã…”, “bem, bem” e retrocedeu comigo até o meu quarto. Enquanto abria a janela, o sujeito alojou-se numa cadeira, esparramando as pernas. “Ainda anteontem arejei o quarto como você me recomendou. E por falar nisso, já que está de volta, aqui está a chave”, e atirou sobre uma mesinha a chave que lhe deixara. “Novidades?” perguntei, enquanto esvaziava a mala e desfazia o fardo, espalhando meus quadros à minha volta. “Nada de novidades, essa é que é a verdade. De qualquer forma, os mesmos covis sempre têm putas novas, e temos mesmo covis novos com putas novas e velhas; se você quisesse, hoje mesmo à noite…”, “não” cortei, “nada disso. Hoje, é dormir. Tenho trabalhado muito, se quer saber…”, “ora, eu também!”, “…e acabo de chegar esgotado…”, “e eu!”, “amanhã, então…” O Castrinho levantou-se, “está bem. A labuta me espera. Amanhã venho chamá-lo para um banho de mar. Em sua homenagem, tiro folga.” Ia perguntar-lhe quando é que ele não folgava, mas não tive tempo. Ele já saía, por certo voltaria para casa — para seu quarto — bêbado, às duas da manhã, para acordar só ao meio-dia seguinte.

O Castrinho era um tipo curioso. Quase um miserável, de péssima aparência, bastava querer que, exceto pelos dentes, que não tinham mais salvação, mudava de aspecto a tal ponto que, se não o conhecesse há bastante tempo, estranharia quando se apresentou em meu quarto no dia seguinte — não para o banho de mar, do qual deve ter-se esquecido, mas à noite, às nove, para irmos a uma boate grã-fina. O capitão, como lhe disse, ensinara-me a freqüentar todos os ambientes, por isso não seria novidade para mim vestir uma roupa de bom corte, calçar sapatos da moda e entrar numa casa de luxo: aprendera a fazê-lo, sentia-me à vontade. Mas ao Castrinho, quem ensinara? O homem era outro, então: estava limpo, o cabelo penteado num estilo bom-moço, vestia-se com relativa elegância e trazia os sapatos brilhando. “É não conhecê-lo, Castrinho” eu disse lançando um assovio, “é não conhecê-lo!…”, “ora, e acaso você me conhece? Duvido… Mas olhe que esta roupa nova e estes sapatos me incomodam bastante”, “aonde vai me levar?”, “quando chegarmos, você verá. Vamos, apronte-se!”.

O Castrinho, coisa que eu sabia, era um tipo aproveitador, embora eu relevasse com bom humor essa sua característica. De tudo que gastássemos naquela noite seria eu a pagar a conta, ou pelo menos o grosso dela, por isso ele se mostrava tão animado com nossa saída, mas eu não

fazia caso, desde que não se tornasse um hábito — e eu cuidava para que não se tornasse um hábito. De outras vezes, depois da segunda noite eu amarrava a cara: "Escuta aqui, Castrinho, não tenho dinheiro para sustentá-lo por mais de duas noites. A próxima você paga, certo?" Errado, porque o Castrinho não aparecia a não ser duas semanas depois de esquivanças pelas escadas da cabeça-de-porco, com cara desenxabida, o sorriso cheio de cáries. Um canalha, um canalha divertido.

Bem, saímos para a farra naquela noite, eu disposto a gastar um pouco, ainda que decidido a não lhe dar, como das outras vezes, uma segunda folgança: íamos a uma boate — grã-fina, mas boate, um antro requintado onde os ricos apareciam para suas requintadas safadezas, e o ambiente não era nada barato para pés-de-chinelo como ele. O Castrinho argumentava que mesmo pés-de-chinelo como "nós" (incluía-me em sua categoria) deviam, de quando em vez, aparecer em lugares assim, "vê-se muita gente distinta, meu caro, que em outras situações nem nos olhariam, mas que ali são iguais a nós. Um lugar, enfim, onde tudo é permitido, porque é feito às escondidas". Concordei com ele, "conheço lugares assim" eu disse, e saímos… mas não chegamos ao nosso destino: ainda era cedo quando passamos em frente ao Teatro Municipal, onde uma companhia italiana apresentava o Rigolleto. Fazia dois ou três anos que fora inaugurado, e desde então tornara-se o principal atrativo dos ricos e elegantes da cidade. Havia muita gente à entrada, alguns carros chegavam dos quais desciam senhoras bem vestidas, homens trajando a rigor, lindas jovens carregadas de jóias… paramos um pouco do outro lado da avenida, e me pus a observar, embora o Castrinho instasse comigo para que seguíssemos adiante, "aqui não é para nós. Nada entendo de ópera, e é certo que não há boa bebida". Eu havia parado apenas por curiosidade — passara por ali em outras ocasiões, e às vezes agradava-me olhar o movimento. Não tinha nenhuma intenção de mudar meu roteiro para aquela noite, até que a vi. Laura saltou de um carro tirado pois dois belíssimos mangas-largas que se detiveram a dois passos de mim; um cavalheiro de meia-idade deu-lhe a mão quando descia e, enquanto o carro se afastava, conduziu-a pelo braço até a entrada do teatro. Já deviam ter os bilhetes pois não se detiveram, entraram direto e desapareceram além do pórtico. Já não estava à vista, mas ainda era capaz de vê-la em seu vestido de noite, brilhando em suas jóias, altiva e orgulhosa, certa de sua beleza e do poder que devia exercer sobre os homens. Aparentava dezoito anos, e o cavalheiro de meia-idade eu supunha o pai, ou um tio, ou um familiar mais próximo (depois vim a saber que tinha mesmo dezoito anos e o cavalheiro de meia idade era o pai).

— E o senhor entrou no teatro — eu disse.

Filipe sorriu.

— Que outra coisa eu podia fazer? O Castrinho protestou, "está louco, homem?! Sabe quando uma mulher daquela vai lhe dar confiança?", mas pouco me importei. Estava decidido: a boate que ficasse para outro dia, agora só me ocorria que aquela noite estavam representando o Rigolleto e que havia uma espectadora muito especial na platéia, nos camarotes, em algum lugar lá dentro. Sem outro remédio, o Castrinho acompanhou-me, compramos ingressos e entramos. Já não tardava o início do primeiro ato, e foi com ansiedade que esperei pelo intervalo de vinte minutos antes do segundo, pouco ou nada aproveitando da música e das vozes que se apresentavam. Preferi estar só durante o intervalo, e disse-o ao Castrinho, que retrucou: "vai, apaixonado, que não quero ser testemunha do seu fracasso. Fico por aqui, estou melhor sentado que zanzando pelos corredores". Vaguei, com efeito, pelos corredores, pelo saguão, espreitei através de portas até descobri-la num dos camarotes, onde conversava com um grupo de jovens senhoras e parecia não ter a intenção de se levantar para um passeio durante o entreato, o que me impacientou porque no corredor, no saguão, eu poderia abordá-la, não no camarote, e assim tive de voltar para junto do Castrinho e obrigar-me a ouvir irritado todo o segundo ato, à espera do novo intervalo. O Castrinho parecia apreciar bastante o espetáculo, não tirava os olhos de cena, mas eu me revirava na cadeira, olhava para o camarote onde a vira na esperança de revê-la, remordia-me de aflição. No segundo intervalo saí apressado para o *hall* na certeza de encontrá-la, mas nova decepção, vi-a que acabava de descer as escadas, sempre acompanhada pelo senhor de meia-idade, e sair sem esperar pelo terceiro ato. Voltei de imediato para junto do Castrinho, "foi-se" eu disse, e ele encarou-me sem compreender, "foi-se" eu repeti, "saiu, acabei de vê-la saindo". O Castrinho nada disse, olhou-me decerto surpreso de me ver transtornado, e voltou-se para o palco, sobre o qual haviam corrido as cortinas. "Vamo-nos também?" eu disse. "Ora essa!" ele exclamou, "ora essa!". "Por que 'ora essa'?" eu perguntei, e ele torceu a boca. "Agora que comecei a gostar do espetáculo! Vá você, se quiser. Eu fico". E ficou.

Antes de sair detive-me junto ao porteiro, um velho de cabelos brancos, ar solene e nariz de papagaio, que se mantinha ereto junto ao pórtico. "Senhor" eu disse, mostrando distinção nas maneiras e no modo de falar, "poderia dar-me uma informação?". O velho encarou-me com seriedade, curvou-se pensando pela aparência tratar-se de alguém importante, e eu perguntei: "A senhorita que acaba de sair, a que se fazia acompanhar por um cavalheiro de meia-idade. Eu… parece-me que a conheço, mas não me recordo de onde. Talvez o senhor pudesse informar-me seu nome de família…" O velho sorriu como que entendendo meu real interesse, "a senhorita Camargo" ele disse, "dos Camargo Vil-

lar. Moram na mansão da família em Botafogo", "hum… e se chama…", "chama-se Laura", "ah… talvez eu me tenha enganado. Vem sempre à ópera?", "costuma aparecer, sempre acompanhada pelo senhor seu pai", "aquele senhor…", "sim, aquele senhor é o pai, homem assaz rígido quanto aos costumes." Agradeci ao velho que, solene, curvou-se e voltou a assumir sua postura ereta sob o pórtico.

Havia perdido a moça de vista naquela noite, mas não para sempre. Sabia agora que residia num casarão em Botafogo, que ia às vezes a ópera e se chamava Laura. Haveria de reencontrá-la, bastava tornar-me também assíduo no Municipal.

Não vou amiudar minhas andanças por Botafogo à procura do casarão dos Camargo Villar, que não encontrei, nem minhas idas subseqüentes à ópera, igualmente inúteis, mesmo porque a companhia italiana despediu-se uma semana mais tarde e o teatro esteve fechado por uma temporada. Passaram-se três meses, meu dinheiro esgotava-se e eu me via na iminência de embarcar nalgum cargueiro, mesmo porque os desenhos que às vezes vendia a comerciantes de quadros no centro da cidade não tinham muita saída, de forma que só uma nova viagem — dessas viagens demoradas, de seis, oito meses, e até mais — me proporcionava perspectivas de ganhos.

— Só não entendi — eu interrompi — o que o senhor fazia nessas viagens para ganhar dinheiro. No começo o senhor esfregava o chão, depois tornou-se grumete, mas isso foi no começo. E depois? Os vencimentos seriam suficientes para…?

Filipe sorriu de modo complacente: eu havia feito uma pergunta típica de um matuto sem qualquer vivência. Verdade é que, por mais que quebrasse a cabeça, não atinava com o que ele pudesse fazer nessas viagens, além de vender um ou outro desenho nos portos onde descia.

— Eu fazia de tudo agora — ele respondeu —, menos esfregar o chão. Nunca fui tolo, fui vagabundo, não tolo. Os cargueiros de ordinário transportavam contrabando. Ora, não é difícil passar pela fiscalização se fazemos escorregar sob a mesa, com a devida prudência, algumas cédulas a mais. Apercebi-me disso bem cedo, e tive como instrutor nesse mister o mesmo capitão que me ensinara a desenhar e a freqüentar todo tipo de ambiente. Como vê, o capitão ensinou-me bastante. O desenho fizera-nos amigos, depois confidentes, e por fim cúmplices. Em pouco tempo conhecia diversos contatos nos portos da África e da Europa que me indicavam onde descarregar com segurança a mercadoria ilegal. Eu tinha minha cota nisso tudo, não posso reclamar do que recebia, tanto que podia viver com folga e tirar férias prolongadas como daquela vez, ou mesmo vagabundear pelo Velho Mundo, dormindo uma noite numa pensão barata e na noite seguinte num grande

hotel, freqüentar hoje um caro restaurante e amanhã a pior espelunca das zonas de meretrício, para, no dia seguinte, com a aparência de um turista, ir passar algumas horas de enlevo estético num teatro de ópera. Entendeu?

Ficou mais ou menos explicado o que Filipe fazia, além de ser marujo e pintor, mas de momento não deu maiores esclarecimentos sobre essa atividade. Na minha ignorância eu tinha uma vaga idéia de que tal prática era não apenas ilegal, mas criminosa; só não avaliava quais as conseqüências que sofreria se fosse pilhado, o que também pouco importava então, já que tudo parecia muito distante. Além do que, levara toda a vida assim, e ali estava bem tranqüilo, à parte seu tanto de nervosismo doentio (que, como veremos, pouco a pouco iria se convertendo num estado delirante).

Após aquela breve explicação, Filipe prosseguiu com sua narrativa.

— Enfim — disse —, eis-me de volta ao cais do porto, onde era conhecido e tratado como um igual. Os estivadores viam-me passar e acenavam de longe. Algum mais afoito gritava "ei, desenhista, o que temos? Nova carga?". Como você pode ver, minha atividade não era segredo, ou, talvez fosse um desses segredos que todos conhecem e sabem guardar. Mesmo uma ou outra autoridade tinha conhecimento do que eu fazia, mas quanto às autoridades, ou compactuavam e eram recompensadas ou faziam vistas grossas para evitar uma indesejada remoção, ou punição mais drástica…

— Mais drástica? — perguntei. — Mas, não entendo… se eram autoridades, e se a prática de que me falou era ilegal, como seriam punidas se a reprimissem?

Filipe voltou a sorrir, de novo aquele ar de complacência que me fazia parecer um matuto aos seus olhos, e que desta vez me aborreceu, porque acabei corando de encabulação.

— Está bem — e, irritado, amarrei a cara —, esqueça o que eu disse. Estou mais interessado em saber sobre a moça.

— Bem, eu estava de volta ao cais do porto, e já acertava um embarque num navio que devia partir daí a uma semana. Naquele meio tempo, voltei a circular pela cidade, fiz passeios a Botafogo, vigiei à noite a entrada dos teatros, mas em vão. Embarquei levando comigo a lembrança de Laura e deixando com o Castrinho a incumbência de averiguar sobre ela. No navio dividia meu tempo entre desenhar e conversar com a tripulação, e como tinha acertos com o capitão, que transportava uma carga bastante preciosa, ficava horas em sua cabine passando e repassando os planos. Como sempre, daria tudo certo, e no meu regresso, cinco meses depois, trazia dinheiro e um volumoso estoque de desenhos a lápis, nenhum dos quais me satisfazia: durante a viagem preocu-

para-me em retratar Laura pelo pouco que me recordava de suas feições, mas nenhum dos retratos, como pude verificar depois, correspondia ao modelo. Apesar de desenhar bem, nunca tive uma memória muito poderosa, e se fechava os olhos tentando evocar o rosto que se fixara em minha mente, de forma a lançar seus traços no papel, eis que a lembrança se tornava inconsistente e os traços se dissolviam: a única coisa de que tinha certeza era um conjunto muito vago de formas e cores, por exemplo, os cabelos longos e negros, o rosto oval, o corpo fino e alto e o porte arrogante, sim!, porque em momento algum eu imaginei uma conquista fácil; no mais, nada! Os desenhos eram apenas sombras, bem feitos e vazios de vida, pior, longe de ter semelhança com ela. Não era preciso rever Laura para saber da dessemelhança: eu não conseguia apanhar aquilo que a lembrança me mostrava dela no momento de desenhar, e quando comparava o retrato feito com a lembrança, via que um nada tinha a ver com o outro. Aqueles desenhos, guardei-os por algum tempo e depois os destruí. O que me levou a destruí-los, contudo, não foi só o fato de considerá-los meros exercícios, vazios de expressão, como você verá.

De volta à cabeça-de-porco, o Castrinho não demorou aparecer. Entrou e foi dizendo: "Tenho novidades". Eu, nesse momento, esvaziava minha mala: espalhara aquela pilha de desenhos em cima da mesa, pendurara minhas roupas no encosto de uma cadeira e me preparava para espichar-me na cama. Olhei o Castrinho com enfado duvidando de suas novidades, mas ao que disse em seguida dei um salto: "Descobri onde ela mora", "pois diga, homem, diga logo!", "mas primeiro…", "nada de primeiro" eu berrei agarrando-o pela gola da camisa, "diga logo o que sabe! Não foi à toa que passei quase seis meses…", "está bem, está bem" ele disse, e refestelou-se na cama, "mora em Botafogo", "ora, disso eu sempre soube, seu diabo!", "mas não sabe que é num casarão antigo, de aparência um tanto duvidosa, numa rua algo distante da praia…", "o que você quer dizer com um 'casarão de aparência duvidosa'?", "bem, um casarão que já brilhou em seu tempo, é o que quero dizer", "já brilhou? Como já brilhou? Não é uma família tradicional…?", "sim, tradicional, sem dúvida, pelo que pude colher em minhas investigações, mas…", "mas…", "…mas que hoje deve guardar apenas tradições, e algumas lembranças, não mais", "estarão em dificuldades?", "ao que tudo indica", "ah…", e com tal notícia — e as perspectivas que entrevia — eu me senti aliviado. O Castrinho não entendeu meu sorriso de contentamento por esta última informação (maior até do que o de ficar sabendo onde Laura morava), mas não quis interromper seu relatório para ocupar-se com divagações. Continuou: "Descobri também por que você não conseguiu nada em suas andanças aquela vez", "e por quê?",

"não se chama Camargo Villar, não há nenhuma família com este nome em Botafogo, ou melhor, não há mais…", "como?", "Camargo Villar é um nome tradicional, mas antigo, quase extinto há pelo menos meio século, embora poucos saibam disso. Desse nome restam apenas umas solteironas velhas, muito ricas, é verdade, mas afastadas do convívio social, e por isso mesmo esquecidas de quase todo mundo, e que não moram mais em Botafogo", "mas como ela se chama, afinal?" perguntei enervado, agitando os braços, "Mascarenhas Villar. Como vê, o nome não é de todo falso, o Villar é verdadeiro", "não compreendo… aquele dia na ópera… e até o porteiro… será que todos ignoram?", "já vai entender. Eu não costumo trabalhar pela metade, e você sabe que eu tenho o focinho apurado. Descobri muito nestes meses…", "vá contando, vá contando", "mas foi trabalhoso… vai custar-lhe uma pandegazinha logo mais, e bem regada…", "para amanhã, que hoje não agüento, está prometido", "para amanhã, vá lá que seja. Então, ouve o resto: não são da cidade…", "não?! Mas de onde…?", "escuta, calma e escuta: mudaram-se para cá há pouco mais de dois anos. O pai, já lutando com os credores, conseguiu liqüidar suas propriedades no interior de Minas, umas fazendas que já não produziam, e safar-se. Com dinheiro na mão a situação pareceu melhorar um tanto, então resolveram mudar-se para o Rio de Janeiro. Compraram o casarão adivinha de quem?… das solteironas Camargo, e com o casarão adotaram-lhes o nome. Dizem-se uns parentes afastados, e as velhas parecem não se importar, parece que já não se importam com nada essas velhas. Talvez nem saibam… ou talvez até haja um fundo de verdade nessa mentira, mas disso não posso falar por enquanto. O que ouvi, contudo, é que o homem não se reequilibrou por completo, andou gastando mais do que devia e agora procura um marido rico para a filha, alguém que o possa ajudar a tirar o pé da lama", "e já apareceu o tal marido?", "não que eu saiba, mas é bem possível que apareça, pois não me parece plausível que uma jovem com tais distinções fique solteira por muito tempo…", "se aparecer, estou perdido", "não se vier a saber que a moça é uma quase pedinte…", "como assim?", "bem, as famílias ricas e tradicionais querem casar seus filhos, mormente os varões, com seus iguais, você sabe disso", "é verdade…", "pois então? Supondo que um pretendente apareça, se encante, corteje a moça e, de súbito, descubra que ela está sem vintém…", "mas como irá saber? O pai não será tolo de expor sua situação antes do casório…", "o pai não, mas um homem apaixonado é bem capaz de uma vilania…" O Castrinho não podia ser mais claro, e eu estaria mentindo se dissesse que aquilo ainda não me ocorrera. Ocorrera-me, porém, ao mesmo tempo, outra coisa, e disse: "Sim, mas também não pretendo arrepender-me de tê-la atirado à miséria", "talvez não atire, o pai pode ser que consiga reequili-

brar-se… além do que, por um amor sacrifica-se até mesmo a consciência". Não concordava de todo com essa opinião, mas não a contradisse. "Uma última coisa" o Castrinho falou, "a moça costuma fazer uns passeios pela manhã, quase todas as manhãs, bem cedo, pela orla, levando um cãozinho pela coleira. Coisas de moça casadoura. Acompanha-a uma pajem negra, já de idade, uma preta velha mal encarada e feia como o diabo. Como vê, não está difícil de se aproximar. Bem, é tudo por enquanto, agora já vou. Tenho minhas bugigangas para empurrar nos fregueses incautos. Não se esqueça, amanhã à noite, você prometeu", e saiu.

Na manhã seguinte bem cedo eu também passeava pela orla, em Botafogo. Viam-se poucas pessoas, um ou outro passante, uma vela na água, o mar azul e o dia nascendo… lembro-me com clareza daquela manhã… Como ainda fosse bastante cedo distraí-me admirando o mar, as cores do amanhecer, os sons que a essa hora parecem música, quando de súbito a vi caminhando em minha direção.

Vou referir por alto o que se seguiu: abordá-la, ignorando a cara sombria da negra, suportar seu tanto de altivez e desdém na maneira com que me olhou e em seu modo de falar, elogiar com finura sua beleza e estimular-lhe o bom hábito de caminhar pela manhã, tudo isso aconteceu de forma natural. Eu me esforçava por parecer natural, remordia-me por esconder minha excitação, e empregava para as frases um tom equilibrado, sem rompantes, bastante mundano mas com elegância. Era preciso cuidado pois Laura pertencia à elite, ou pelo menos esforçava-se: o pai à beira da falência, esperneando-se para reerguer-se, não tinha a menor importância, já que a moça tinha porte e traquejo. Somava-se a esse traquejo, a esse porte, uma arrogância estudada, fria sem ser indelicada, de um desdém ferino, sem ser todavia grosseira. E foi assim que acolheu minha investida, ainda que de modo algum eu deixasse claras minhas intenções. Devo ter sabido disfarçar a paixão que me aturdia, pois Laura tardou a dar-se conta dela.

— Mas o que resultou desse primeiro encontro? — eu perguntei.

— Nessa manhã caminhamos juntos por algum tempo, conversamos, isto é, eu conversei, ela apenas ouvia e olhava-me com distanciamento; conversamos, pois, sobre o Rio de Janeiro, a vida noturna da cidade, a ópera, o teatro, essas coisas. Como Laura me opusesse o obstáculo de sua indiferença, resolvi quebrar um pouco seu orgulho. Segundo o Castrinho, o pai era um ex-fazendeiro que havia perdido quase tudo. Fora um rico, mas um rico "de província", e não havia dúvida de que a vida na capital da república representava para ela uma grande novidade. Apesar de fina, matuta; apesar do traquejo, pouco mais que uma indiazinha, se exagero um pouco. Bem, exagero um pouco sim, mas em su-

ma… Assim, refleti, Laura tanto devia deslumbrar a capital com sua beleza quanto devia sentir-se deslumbrada com aquela nova vida. Se era verdade que o pai ainda esperneava para recuperar suas finanças, era também verdade estar correndo atrás de um casamento de conveniência, pois por nada deste mundo renunciaria à vida de luxo a que já se acostumara. Tudo isso pensei num relance, e acrescentei cá comigo: *"Vamos assombrar essa matutazinha"*, e assim pensando, disse: "Penso que a senhorita deve apreciar mais a Europa, pois não? O Rio de Janeiro é sem dúvida bonito, mas o Velho Mundo terá certamente mais afinidades com sua formação". Laura olhou-me com alguma surpresa, fez biquinho, empinou o nariz. "Que sabe o senhor da Europa?" Quase lhe respondi saber de tudo que ela nem imaginava, mas me contive, afinal eu tinha intenções com respeito a ela, e não ficaria bem ser rude logo no primeiro encontro. Disse: "Em minhas viagens tenho visto muita coisa. Mas confesso que as pessoas não são muito diferentes, nem aqui, nem na África, nem em Londres, por exemplo", e deixei no ar o significado de minhas palavras. Notei, contudo, que Laura já me encarava com um olhar diferente. Despertar sua curiosidade, eis no que consistia meu plano inicial, e antes de nos despedirmos, resolvi mentir um pouco: "Em breve terei um ateliê no centro. Se a senhorita me der a honra, poderei fazer-lhe um retrato. Será um presente." Se ela pudesse imaginar o tipo de ateliê a que eu me referia, isto é, a minha cabeça-de-porco, sua reação seria outra, mas meu oferecimento a impressionou um pouco mais, sorriu pela primeira vez, e notei que a vaidade de ser retratada subiu-lhe à cabeça, como lhe subia à cabeça qualquer coisa que contribuísse para chamar atenção sobre sua beleza. Laura não aceitou logo meu oferecimento, nem eu esperava que aceitasse, mas sorriu, e disse que iria pensar na minha proposta. Despediu-se atenuando em suas maneiras a altivez inicial, afastou-se, seguida pela negra que não deixou de olhar-me com ar pouco amigável, como se sua patroa fosse uma espécie de relíquia que eu, tocando com minhas mãos impuras, cometeria o sacrilégio de contaminar.

Daí por diante passamos a nos encontrar com alguma freqüência. Víamo-nos às vezes nos recitais, aonde ela ia por compreender que se tratava de um lazer requintado, e não, suponho, por apreciar a música. Também o teatro contava com sua presença, e uma tarde mesmo nos encontramos em uma visita ao museu de belas-artes. Não demorou muito para que entre mim e Laura surgisse não digo uma franca amizade, mas algo próximo a uma certa simpatia (da parte dela, superficial) e cujo interesse, pelo meu lado, devia-se à paixão, e pelo dela à admiração da jovem provinciana pelo homem mundano que conhecia a Europa e lhe falava com desenvoltura, citando com propriedade tanto os ambien-

tes requintados de Roma ou Paris quanto os antros sórdidos que nessas mesmas cidades pululavam, "afinal" eu concluía, "de tudo é preciso conhecer, pelo menos um pouco". O fato de eu ser um artista devia interessá-la mais, pois tocava-lhe a vaidade ser retratada a óleo. Como não conhecesse os pintores da moda, julgava-me de renome, e queria saber onde eu montara meu ateliê. Tive de mentir, dizendo que chegara há pouco na cidade e ainda não me estabelecera, e ela, encantada, não perdeu a primeira oportunidade de apresentar-me ao pai, "ele é um artista, papai" contou como se fosse uma grande novidade, "e disse que deseja pintar o meu retrato". O pai apertou-me a mão com cordialidade, movendo a cabeça, "as portas da minha casa estão abertas" ofereceu, "comece quando quiser". "Oh, logo!" Laura exclamou, "não é verdade, senhor Filipe, o senhor não pode começar amanhã mesmo?", "sim, mas só se a senhorita não me chamar de senhor". Tudo se passou muito rapidamente, pois o tempo transcorrido desde o encontro na praia de Botafogo até o rompimento entre nós não ultrapassou cinco ou seis meses. Assim entrei naquela casa no dia seguinte à apresentação para iniciar o retrato de Laura, que veio receber-me com euforia e conduziu-me pela mão até uma pequena sala nos fundos, muito clara devido à luz que entrava pelas janelas, onde poderíamos estar sossegados. "Estou ansiosa para ver como vai ficar" disse, como se posar para um retrato representasse uma aventura, e pintar um, uma façanha digna de um Hércules, façanha que ela, no entanto, encarava com bom humor, divertida. No aposento havia mandado colocar um cavalete e algumas telas, e enquanto eu abria minha pasta, disse-me com desembaraço: "Você, além de fazer o meu retrato irá dar-me algumas lições", "lições de pintura?", "ora, do que haveria de ser! Está visto que deverá fazer um preço", "quer mesmo? Não será um capricho?", Laura deu de ombros, como uma menina (era uma menina!), "e se for? Mas tenho curiosidade em saber como os pintores trabalham, e para isso nada melhor do que trabalhando como eles", "mas é preciso trabalhar duro" adverti, "trabalharei duro! Duvida de mim?", "de modo algum, você terá as lições que deseja. Quando começamos?", "quando quiser", "amanhã à tarde, está bem? Venho, trabalho um pouco no seu retrato, e depois a ensino", "está combinado!". Naquele dia comecei com uns esboços a lápis, meros estudos de seu rosto visto de frente e de perfil, um desenho atrás do outro, sempre em traços rápidos que ficavam inacabados. "Por que tantos desenhos?" ela perguntou, "e por que não os termina?", "são só estudos, para encontrar a melhor maneira, a melhor posição, enfim, é desse jeito que eu trabalho", "e quando irá começar na tela?", "ora, não tenha pressa, isso requer paciência", "ahm…", "você será paciente para aprender?" perguntei, "veremos" ela respondeu em tom de desafio. E eu acei-

tei o desafio — não o de ensiná-la, mas o de ganhar o seu amor. Naqueles dias isso me parecia apenas uma feliz aventura; vendo em retrospectiva, pasmo em constatar o quanto o coração pode transformar um homem cheio de vivência num insensato! Procurei prolongar ao máximo a fase dos estudos a lápis para ter mais tempo ao lado de Laura, e só no fim da segunda semana dei-me por satisfeito, mostrando-lhe um desenho pronto de seu rosto, grande, quase de frente, com algumas alegorias em estilo barroco que lhe agradaram, "que lindo!", "pintarei o retrato a partir deste desenho", "mal posso esperar!". Não comecei logo, dizendo-lhe que era preferível deixar o trabalho amadurecer em minha cabeça, e enquanto isso ficaríamos apenas com as lições, "não é justo!" ela protestou, "não reclame, é assim que eu trabalho, empenho-me pelo melhor". E assim quase todos os dias ia eu bater à porta do casarão em Botafogo onde me esperava uma aluna aplicada mas sem nenhum talento, que misturava as tintas como quem mistura os ingredientes de um pirão, com curiosidade mas sem técnica alguma. Eu me envolvia demasiado naquelas lições, de ordinário ficávamos sozinhos, e não raras vezes tive vontade de jogar pincéis e tintas para cima e abraçá-la… mas continha-me. Umas vezes era preciso segurar-lhe a mão para guiá-la nalgum detalhe mais difícil dos exercícios que propunha, noutras inclinava-me para ela, ajeitando-lhe a postura, "não fique desconfortável no assento, o desconforto reflete no trabalho", e na maioria das vezes puxava minha cadeira para bem junto dela, observando-a trabalhar: esparramava a tinta pela tela sem noção de equilíbrio entre as cores, misturava-as de forma disparatada, ria-se de sua inabilidade, dizia que eu teria muito trabalho visto que não desistiria diante do primeiro obstáculo, e, não podia ser de outra forma, de seus cabelos vinha um cheiro ora de alfazema, ora de sândalo, que me punha tonto. Laura não era de todo indiferente a essa minha inclinação, que já havia percebido, e em alguns momentos em que depunha os pincéis dizendo-se exausta voltava-me a face corada, o sorriso branco e perfeito, e ficávamos assim embebidos um no outro até que ela, desviando os olhos, baixava-os para o colo ou para a tela, corando um pouco… Um dia não resisti e tomei-lhe o rosto entre as mãos: "Amo-a" eu disse, "amo-a…", e ela fechou os olhos, os lábios entreabertos, para que a beijasse…

No dia seguinte entrei em sua casa disposto a iniciar o retrato, mas estava perturbado demais com o beijo que trocáramos na véspera, e ela encabulada sentou-se à minha frente, sem contudo deixar de sorrir, aquele sorriso uma promessa sobre a qual eu não podia enganar-me. Não trabalhei bem, os esboços na tela foram insatisfatórios e apaguei todos, um após o outro, e, por fim, nervoso e aflito, larguei os pincéis e fui para a janela. "Não consigo" disse esfregando o rosto, "decididamen-

te, hoje é impossível". Laura acompanhou-me, tocou-me o braço com delicadeza, "não se exaspere, eu compreendo". Voltei-me para ela: "O que é que você compreende?… Ora, ora! O que é que você pode compreender disso?!", e minha rudeza fê-la recuar. "Perdoe" eu disse, tomando-lhe as mãos, "estou fora de mim". Apertamos nossas mãos, retive as dela nas minhas com carinho, beijei-as, "creio que ontem não me portei muito bem" eu disse, "por quê?"; fiz um movimento indefinido, "o que eu disse, contudo, é verdade" declarei, "não pude evitar… essas coisas não se evitam", "e por que desejaria evitar?" ela disse, "talvez não seja sensato…", "não é preciso ser sensato, apenas querer…"

A partir daquele dia éramos namorados, não declarados, pois preferimos manter as aparências por algum tempo. Dávamo-nos a maiores liberdades em sua casa, a sós, no gabinete de pintura, mas em público éramos por enquanto amigos próximos que apenas se estimavam. O pai de Laura creio que desconfiou de alguma coisa, notei que me olhava entre curioso e um tanto contrafeito, temendo por certo que a filha se envolvesse com um homem cuja qualidade mais importante, a situação econômica, ainda era desconhecida, mas não mudou a maneira cordial de tratar-me. Às vezes aparecia na salinha de pintura, acompanhando por alto o progresso do retrato, exclamava com ar de entendido "muito bem!", e saía. Uma vez sozinhos, a tarde era nossa. Cauteloso, procurei não exceder-me, e conquanto eu me tivesse tornado assíduo no casarão de Botafogo, entrava sempre à uma hora e nunca saía depois das cinco, "é bom termos cuidado" eu dizia. Mas aquela situação não podia perdurar, e uma preocupação começou a inquietar-me: a diferença entre o que Laura pensava a meu respeito e o que eu era na verdade; e agora, estando juntos eu já me mostrava desassossegado, arredio, visível que algo me perturbava, o que Laura logo percebeu. Ao fim de um mês e pouco as lições de pintura se interromperam para dedicar-me exclusivamente ao retrato, mas não tardou que eu também o interrompesse, sem disposição, sem "espírito" para continuar. Passávamos a tarde juntos, conversávamos sobre diversos assuntos, ou eu me distraía, distanciando-me dela, e era preciso que me chamasse à realidade; à noite, às vezes íamo-nos encontrar no teatro, na ópera, nalgum jantar, e no dia seguinte, lá retornando decidido a reiniciar o quadro, bastava vê-la, bastava olhar a tela no cavalete, para perder todo o ânimo. Um dia Laura perguntou-me: "O que há, Filipe? Já não o reconheço, já não me ensina, e para isso deu como pretexto querer dedicar-se só ao retrato, mas por último nem o retrato…" Suspirei, resignado: era preciso pôr um fim naquela situação. Estremeci: estaria pronto para fazê-lo? "Você quer mesmo saber?", "é claro que quero saber", "acredita em mim quando digo que a amo?", "não duvido… e sabe que é correspondido…", "quan-

to a isso…", "têm dúvidas? É isso que o perturba?", "não… não…", "então, que é?". Que é?, ela perguntava, que é?, e diante de tal pergunta, que não podia mais evitar, eu devia tomar uma decisão. Encarei-a, em seus olhos persistia a pergunta de há pouco. *"Preciso decidir-me"* pensei, *"já não é possível continuar desta maneira"*, e disse com firmeza: "Espere-me amanhã às dez horas neste endereço", anotei um endereço e entreguei-lhe, "promete ir?", "esperá-lo…? não compreendo…", "compreenderá. Você irá?", "está visto que sim, mas…", "está combinado então. Não posso ficar mais por hoje", "tão cedo! Vemo-nos logo mais? Há a estréia do…", "não, não irei… amanhã… bem, até amanhã" e saí. Apaixonado, decidira-me pela sinceridade, eu, que nunca tivera tais escrúpulos, eu, um homem do mundo, um **homem**, não mais um frangote… Só não podia prever as conseqüências daquela decisão.

Por volta das dez horas do outro dia Laura encontrou-me onde combináramos, com ela a negra que sempre a acompanhava. Seguimos pela rua sem conversar. Eu estava calado e Laura inquieta, como se previsse uma desgraça. Não tolerando mais meu comportamento, perguntou: "Por que você não diz logo o que quer de mim? Para onde está me levando?", "já vai ver" respondi, "não faça perguntas por enquanto". Laura calou-se e continuamos subindo a rua. Na Praça P… metemo-nos pelo beco que ia dar na cabeça-de-porco, e só então lhe falei: "Que lhe parece este lugar?". Laura olhou-me sem compreender. "Horrível" disse, "preferia que não me trouxesse aqui… não ficaria bem para mim ser vista aqui… e também não há nada a fazer num lugar como este"; eu lhe sorri, "quem sabe?", e entramos no prédio em que eu morava. Após o primeiro lance de escadas Laura parou, recusando-se a prosseguir. "Não vou subir… não sei o que você quer, mas não pode ser nada bom…", "você não confia em mim?" perguntei com certa rudeza, "pareço-lhe um canalha que vá se aproveitar de você?", "não… penso que não…" espantou-se com o tom direto da minha pergunta, "então, se confia…" e fiz um gesto indicando a escada e a rua, que descesse, eu parecia dizer, que fosse embora, "mas afinal" ela exclamou com impaciência, "aonde está me levando? Por que não me explica esse mistério?", "vamos a uma casa…", "a que casa? Casa de quem? Não me parece que você se dê com gente que mora num lugar assim…", "e se me desse?", "não ficaria bem… não é conveniente para o nosso meio… nossas relações…", "não prefere subir e saber o que há?", "por que não me diz de uma vez?", "não posso… ou você sobe e descobre, ou volta, e não nos veremos mais", "oh!…". Subimos. Chegando à porta do meu quarto, tirei uma chave do bolso. Entrei convidando-a a entrar também. "Que lugar é esse?" ela perguntou, olhando em volta, estranhando que não houvesse ninguém mais ali. (A crioula permaneceu no corredor, na cara

preta apenas o branco dos olhos e uma expressão de indiferença.) "Isto" eu disse com voz pausada porém segura, indicando com um gesto o recinto, "é o que me tem deixado oprimido quando estou em sua casa. O que ele representa é que não me tem permitido trabalhar no seu retrato, nem estar à vontade em sua companhia…", "mas por quê? Não consigo compreender…", "eu moro aqui. Este é o meu ateliê, e também a minha casa".

Foi assim, sem sobressaltos nem hesitações, mas tranqüilo, que lhe expus a verdade. Na noite anterior, e mesmo até o instante de encontrá-la no lugar combinado, eu estivera nervoso, inseguro e sem saber ao certo como agir. À medida, porém, que eu me aproximava em sua companhia da cabeça-de-porco ia-me acalmando, e quando entrei em casa havia recuperado toda a firmeza e serenidade.

Oh!, garoto, você não imagina como ainda me desprezo vez por outra; como me acho ridículo e odeio-me pelo triste papel de apaixonado que fiz! Por que não a corrompi? Por que não me aproveitei dela enquanto pude? Por que não agi como um patife? Por que… enfim… me deixei dominar de tal maneira por esse sentimento miserável que me transformou num animal idiota?… num bobalhão!… Como é terrível, garoto, alguém desprezar-se a si mesmo… arrepender-se de não ter sido um canalha!… — e nesse ponto Filipe pareceu transtornado. Enfiou os dedos pelos cabelos com violência, sacudiu a cabeça, comprimiu os punhos e os maxilares como que dominado por um acesso de cólera. Diante de mim estava um homem que se arrependia de não ter cometido um crime!

— Laura parecia confusa — Filipe prosseguiu seu relato. — Olhava-me de maneira estranha, como se já não tivesse à sua frente o mesmo que, um dia antes em sua casa, abraçara com carinho na saleta dos fundos. "Não podia continuar escondendo isso de você…" eu disse depois de instantes, como justificativa. Sem dizer nada, Laura correu para a saída. Eu fui atrás e só a alcancei na rua, quando o decoro fazia que andasse devagar. Tomei-a pelo braço, "espere…", e ela parou. Olhou-me com tal rancor que me deixou imobilizado. "E agora?" eu ainda perguntei. "Você não podia ter feito isso comigo", e num repelão, como se já não se importasse com os passantes, que se detinham a olhar para nós, seguiu em frente. Tornei a alcançá-la e de novo a segurei pelo braço. "Laura… eu quero saber…", "não tenho nada para dizer-lhe no momento" ela falou com rispidez, "mas nós…", "já não sei o que há, o que pode haver entre nós" ela continuou com a mesma rispidez e, detendo-se, encarou-me movendo a cabeça com um sorriso de perplexidade e um olhar odioso no qual eu podia ler, sem que ela pronunciasse uma única palavra, seu pensamento a meu respeito: "Como um miserá-

vel como este supôs — ousou supor! — que pudesse obter algo de mim!" E como não me fora difícil perceber tudo que aquele sorriso dizia, soltei-lhe o braço e deixei que fosse embora.

Na tarde seguinte apareci em sua casa certo de que não seria recebido. No entanto, deixaram-me entrar e não notei entre os criados nenhuma alteração ao tratarem comigo. "A senhorinha está na sala dos fundos" disse-me a negra — a mesma que a acompanhara na véspera. Encontrei Laura — que não se alterou ao ver-me entrar — sentada junto à janela olhando para fora. Eu a princípio não soube o que dizer. Pensei em perguntar como ela se sentia, mas a pergunta pareceu-me ridícula antes mesmo de ser proferida, e fui para frente do cavalete. O retrato estava bastante adiantado, as feições nítidas, com personalidade, mas de súbito começava a parecer-me falso. "Talvez não seja a mesma que tentei retratar… talvez seja outra…" eu refletia enquanto observava a tela. Transcorridos dois ou três minutos, foi Laura quem falou primeiro: "Você não devia ter mentido para mim". Concordei com um movimento pausado de cabeça, continuando a olhar o retrato no cavalete, "sim" eu disse, "mas tentei redimir-me de minha mentira. Além do mais, não havia outro jeito de me aproximar de você". Laura não respondeu, não parecia mais irritada comigo, mas percebi que desprezava-me um pouco. "Não lhe basta que eu tenha sido sincero?" perguntei. "Não sei o que me basta" ela disse, "só penso que sua mentira não deixa de ter conseqüências"; "que conseqüências?". Ela deu de ombros. "Não quer mais que eu venha?" Ela ainda continuou calada, e eu tomando coragem me aproximei, segurei-a pelos ombros puxando-a para mim. "Não quer mais me ver?" de novo perguntei. Laura voltou-se, reclinou a cabeça em meu peito enquanto eu lhe acariciava os cabelos. "Acabou-se, então…?" eu disse, mas Laura afastou-se de mim, deixou-me junto à janela e foi sentar-se numa poltrona, onde permaneceu de cabeça baixa. Encaminhei-me até ela, tomei-lhe as mãos e disse: "Vou deixá-la pensar. Ficarei fora alguns dias… quando voltar, conversaremos."

Deixei Laura sozinha e saí. Permaneci ausente cerca de duas semanas, e ao fim desse tempo retornei a sua casa. Durante aqueles dias minha preocupação constante, o pensamento que me enchia o cérebro a toda hora, era o momento do meu regresso àquela casa. O pai de Laura então já saberia sobre mim e decerto não veria com benevolência nem mesmo uma amizade entre nós, mas o que ele pudesse pensar a respeito não me interessava: Laura sim, interessava-me, e se quando eu batesse à sua porta esta não se abrisse, então… bem, então não teria mais que fazer a não ser ir-me de vez. Mas a porta abriu-se, e se não fui recebido com festas, também não me enxotaram. Como de hábito, a negra indi-

cou-me a saleta dos fundos e disse que ia chamar "a menina Laura e dizer que o moço pintor está aqui".

Laura apertou-me a mão como a velho conhecido, sem muito calor, mas também não de todo indiferente. O pai, ela disse, já sabia sobre mim, "achei melhor eu mesma lhe contar, pois se descobrisse de outra maneira não só eu seria repreendida (papai é severo, embora não pareça) como o senhor poderia sofrer alguma represália". "Agora você me trata de senhor" eu lhe disse, o que a deixou de momento embaraçada, mas manteve seu aprumo: "Tudo é diferente agora" disse, contudo sem encarar-me. Movi a cabeça concordando, e lhe perguntei se não achava melhor que eu saísse, mas Laura foi imprevisível: ergueu-se dizendo que não, que eu não devia entender errado o que ela queria dizer e voltou a sentar-se, envergonhada por seu impulso. Torceu as mãos, sorriu contrafeita, e disse que "afinal o retrato ainda está por acabar… e não desisti de minhas aulas de pintura".

Passei a ir duas vezes por semana à casa de Laura para ensinar-lhe, e uma vez para trabalhar no retrato, ocasiões em que não me demorava mais de uma hora, tratando-a então com a mesma reserva que ela se impusera no meu regresso. Nos outros dias não nos víamos, pois eu havia decidido afastar-me dos locais onde poderia encontrá-la. Tal situação perdurou por cerca de três a quatro semanas, durante as quais o humor de Laura variava. Nunca se mostrou indelicada, mas se alguns dias estava com boa vontade, fosse para posar, fosse para pintar sob minha orientação, noutros se mostrava aborrecida; às vezes parecia animada com o progresso — mínimo, diga-se de passagem — que obtinha, noutras, enfadada, fazia cara de indiferença, assumia um ar de superioridade e se retirava para a janela. Se eu lhe falava, respondia com delicadeza mas altivez, como se falasse a um serviçal. Por último, estes passaram a ser seus modos mais constantes, o que me deixava desconcertado, impedindo-me de trabalhar no retrato com êxito (eu errava, raspava a tela, recomeçava, errava de novo…) e mesmo de ensinar-lhe, até que certo dia, perdendo a paciência, fui franco: "Laura… isto é, se faz questão, senhorita Laura…", "ora, deixe de tolices" ela cortou-me, mas eu prossegui: "…tenho notado sua má vontade e seus maus modos. Sim, tudo está mudado, não há dúvida… talvez não haja remédio… contudo, basta uma palavra sua, e eu me retiro de sua casa de uma vez por todas". Laura encarou-me sem revelar no semblante nenhuma emoção, mas no instante seguinte mostrou-se mais doce, ou, talvez seja mais exato, menos altiva, chegou a sorrir: "Não seja bobo… você continua sendo meu professor de pintura". "Tem certeza de que quer isso mesmo?" perguntei; "sim, claro que sim" e levantou-se, "mas lhe pediria que encerrasse por hoje". Consenti e guardei o material de pintura. Quando

ia retirar-me, Laura chamou-me: "Ah, esquecia-me… esta semana — só esta semana — não precisa vir, pois estarei ocupada com os preparativos para o jantar do aniversário de papai, que será no sábado. Na semana que vem recomeçamos." Fiz que sim com a cabeça, mas ela me deteve mais uma vez. "Será um jantar informal, com poucas pessoas… só os amigos mais íntimos… gostaria que viesse", "eu não sou um amigo… íntimo" respondi, e ela então se mostrou afetuosa, sorriu e aproximou-se, detendo-se a um passo de mim: "É o meu professor de arte", "e que importância tem isso?", mas minha pergunta aborreceu-a; "nenhuma, ora, nenhuma!" exclamou, zangada, mas logo em seguida sorriu outra vez: "Não vê que é importante para mim ter um professor de arte? Ora, quero apresentá-lo como tal. Isso faz figura na sociedade… Então, virá?" Olhei Laura com firmeza tentando descobrir até que ponto ela estava sendo sincera, mas não consegui descobrir nenhum indício de falsidade em suas maneiras. "Farei o possível" respondi, e retirei-me. Como já não houvesse qualquer esperança para nós, e nada me parecia tão certo quanto isso, pode parecer estranho — e mesmo absurdo, mais ainda em face do meu próprio temperamento explosivo — que eu persistisse na intenção de freqüentar aquela casa. No entanto era-me penoso deixar de vê-la de vez, como se só o fato de ser recebido, privar de sua companhia umas poucas horas por semana, ou encontrá-la na sociedade que freqüentava e falar-lhe em público, fosse suficiente para que essa esperança desfeita renascesse através de uma indagação que nascia do mais fundo dos meus pensamentos, nem chegando a manifestar-se com clareza: "Será…?". Em outras palavras, tratava-se tão só da relutância natural em admitir que o amor encontrava-se perdido.

Não nos vimos mais durante aquela semana, e quando no sábado apareci em sua casa fui recebido por ela, que me conduziu através de algumas salas onde pessoas reuniam-se em grupos para conversar, apresentando-me de passagem a uns e outros como seu professor de arte, "e está trabalhando num retrato meu!" dizia como se tal coisa fosse motivo de grande contentamento para si; em seguida levou-me para a salinha de pintura, onde, ao contrário das últimas semanas, ela se mostrou mais amistosa, falando sobre várias banalidades como a um velho e muito íntimo amigo da família. Ali estivemos por menos de meia hora até que um dos criados veio nos avisar, "o jantar será servido em quinze minutos, senhorinha". *"Algo está errado"* ocorreu-me em dado momento, intrigado com aquela súbita mudança de comportamento e sem compreender por que tantos convidados se Laura mencionara um jantar para os mais íntimos; *"no entanto"* eu dizia comigo mesmo, ensaiando uma explicação diante da espontaneidade com que Laura se dirigia a um e outro e depois retornava a mim, ou oferecendo-me uma bebida, ou tomando-me

a mão para uma observação em voz baixa acerca de qualquer coisa, *"devem ter mudado seus planos, afinal Laura gosta de brilhar. E talvez queira impressionar-me e com isso mostrar-me o meu lugar, 'olhe, sou sua amiga, mas você deverá manter-se sempre a uma distância conveniente'"*. Fomos para a mesa às nove em ponto. O lugar reservado para mim era defronte ao de Laura, de forma que ficávamos cara a cara, e enquanto nos servíamos — o cardápio era bastante variado e algumas vezes eu mesmo a ajudava a servir-se, passando-lhe ora uma travessa com a carne, ora o vinho que ela indicava — ela me sorria com cordialidade e trocávamos mesmo algumas palavras acerca dos pratos, "experimente o peixe" dizia com uma piscadela indicando uma travessa, "está supimpa". O desenlace da pequena "tragédia" daquela noite começou a propósito dos pratos, pois todos elogiavam o bom gosto de Laura na escolha das iguarias e a correção com que os criados se portavam. A certa altura o pai de Laura voltou-se para mim: "Ao senhor também agrada-lhe a mesa, senhor Filipe?" Como a pergunta me pareceu natural, respondi com igual naturalidade que sim, que tudo parecia-me perfeito, e acrescentei à maneira de adulação que não podia ser diferente tendo como anfitriã uma jovem de tanto gosto e graça "como a senhorita", e olhei para Laura. Mas ao olhá-la estremeci, ao menos por dentro, pois deparei com um rosto belo e imóvel, de uma severidade tranqüila e intocável. Então comecei a compreender que havia caído numa armadilha: "Bem, meus amigos" disse o pai de Laura pondo-se de pé e principiando um discurso, "pois creio que a quase todos aqui posso chamar assim, aqui estamos reunidos para um jantar. Por enquanto deixemos de lado que se trata do meu aniversário, isso é apenas uma miudeza, um pretexto. Eu lhes prometera um divertimento, mas não posso garantir que seja um grande divertimento. Em todo caso… Acontece que nos ocorre muitas vezes acolher como amigos pessoas que nos podem trazer toda sorte de problemas, ou, que pelo menos tentam imiscuir-se em nossas vidas como se a isso tivessem direito. Isto, meus caros, é mais comum do que se pensa, e as conseqüências podem ser desastrosas, creiam-me, se não estivermos atentos. É por isso que convém, como se costuma dizer em tais circunstâncias, cortarmos o mal pela raiz para que não cresça nem floresça. Assim não lhe parece, senhor Filipe?" Eu já estava perdido, aquela encenação — eu via — fora combinada, todos os presentes sabiam de antemão o que iria acontecer e conheciam o endereço daquelas insinuações. "A propósito, é o senhor quem vai pintar o retrato de nossa queridíssima anfitriã, não?" perguntou-me sem quê nem pra quê um senhor idoso ao meu lado, aproveitando a pausa que o velho Camargo Villar fizera. Perplexo, sem saber o que dizer, continuei calado: encarei o senhor idoso por um momento e depois continuei olhando sem atitude para o pai de Laura que, ainda de

pé, virava-se ora para mim, ora para os demais, como se esperasse aplausos da platéia improvisada. Não houve aplausos, pelo menos com palmas, mas aprovação. "A propósito do retrato de minha filha" ele recomeçou, "como nos lembra aqui o senhor Comendador, bem… minha filha Laura deseja ser retratada a óleo, capricho de uma jovem bonita, aliás, melhor dizendo: direito de uma jovem bonita, e o será. Já estamos contratando um artista de renome. Alguém à altura de sua graça e também de nossas tradições. No entanto, voltando ao que eu dizia antes… essas pessoas invadem nossa privacidade, julgam-se dos nossos, calham aparecer num local público ostentando falsa aparência, e até se atrevem a nos dirigir a palavra como aos da sua igualha; se não for exagero — e decerto não é —, é bem provável que ambicionem até mesmo uma aliança maior com nossas casas, ambição sem sentido, absurda e totalmente repelida, mas que existe e pode ser perniciosa. Afianço-vos de que estou prevenido contra esses tais. Mas os senhores, meus amigos, quantos dos senhores também estarão prevenidos?", e fez uma pausa durante a qual olhou a todos os circunstantes, como se esperasse uma resposta. Em seguida, para mim: "Estará o senhor também prevenido, senhor Filipe?", e confesso que mais uma vez não consegui responder. "Estará o senhor prevenido?" ele continuou, "pois para ser franco parece-me o senhor pessoa bastante experimentada para deixar-se enredar em tais armadilhas", diante do que houve um murmúrio geral em volta da mesa, todos falando entre si e alguns até com risinhos bastante altos, cobrindo a boca e olhando-me de esguelha. Mais uma vez todos se calaram quando o pai de Laura, com um gesto, voltou a falar: "Mas tudo isso não passa de uma brincadeira. Continuemos a comer que, concordo com os senhores, minha filha é uma boa anfitriã em casa de seu pai como, estou certo, o será no futuro em sua própria casa quando for uma senhora casada; e preparou um banquete digno de um príncipe", e de novo para mim: "Aproveite, senhor Filipe, pois é certo que nos navios onde o senhor labuta como marujo não devem servir um rancho como este com muita freqüência"; curvou-se em minha direção e concluiu num sorriso: *"Bon apetit!"*, voltando a sentar-se. A tirada final foi dita num tom de paternal ironia, com o mau gosto de uma expressão francesa que aquele caipira devia ter aprendido a custo em seu convívio na sociedade. Procurei mais uma vez o rosto de Laura para, numa ilusão que teimava em manter, certificar-me de que tudo não passava de uma pilhéria, uma brincadeira, mesmo que de mau gosto. Mas coube a ela a última deixa na comédia: "Mas senhores" ela disse dirigindo-se aos convivas, "o senhor Filipe, que é desenhista, ocupou o seu tempo tentando fazer-me um retrato, um desenho ou coisa assim. Até que se esforçou bastante, mas papai e eu não achamos conveniente mantê-lo nesta ocupação e

resolvemos dispensá-lo. Senhor Filipe" e voltou-se para mim, "meu pai e eu decidimos dispensar seus serviços, mas de qualquer forma o senhor será remunerado". A um gesto seu, um criado entrou com um envelope em uma bandeja. Laura apanhou o envelope e o estendeu sobre a mesa em minha direção, "pelos seus serviços, senhor Filipe. Poderá comprar uma roupa nova" disse. Levantei-me tomado de indignação e todos à volta da mesa silenciaram, olhando para mim, mas antes que eu pudesse dar uma resposta senti que tocavam meu braço e, voltando-me, vi que se tratava do mesmo senhor idoso de um instante atrás. "Se o senhor é marujo" ele disse, "talvez não tenha bons vencimentos. Mas se souber fazer umas garatujas, posso contratá-lo para desenhar figuras de cavalos. Aprecio cavalos" e olhou em volta, para os convivas, "oh, senhores, muito, muito! Tenho grande afeição por esses nobres animais, em minha casa há diversos quadros…", e outra vez para mim, piscando um olho (atitude na qual não vislumbrei mais que inocência, pois o homem, já um tanto senil, parecia ser o único que não compreendera a intenção do pai de Laura): "poderá ganhar uns trocados". Se eu tinha alguma resposta para Laura, que continuava de pé segurando o envelope sobre a mesa, esquecera diante daquela história do senhor idoso acerca de "umas garatujas" e da alusão a "cavalos" e a "uns trocados", coisa que me deixou atônito. No caminho entre a mesa e a porta ocorreu-me parar e dizer a todos o que eu sabia sobre aquele charlatão, cheguei mesmo a voltar-me para os convivas que me olhavam divertidos, mas as palavras teimaram em grudar-se na minha garganta.

Saí sem dizer nada.

No dia seguinte pela manhã a negra de sempre bateu à minha porta e entregou-me um embrulho. "O sinhô que mandou" ela disse retirando-se em seguida. Abri o embrulho, no qual vi o meu quadro e uma importância em dinheiro. "Insistem em humilhar-me" pensei, "malditos! Malditos! Hão de ver…" e corri, alcançando a negra na escada: "Espere, tem resposta". De volta ao quarto, apanhei uma lâmina que usava para apontar lápis e com gestos precisos cortei furioso a tela, primeiro de alto a baixo, depois em sentido transversal, e por fim nos lados do caixilho. Apanhei os pedaços e os enrolei; rasguei depois em quatro as cédulas, meti tudo noutro embrulho que amarrei de qualquer maneira com um cordel e estendi à negra, que retrocedera e ficara à porta, esperando. "Espere" disse ainda, e sentei-me à mesa. Tomando um papel e pena, rabisquei em rápidas palavras uma carta: "A jovem que eu estava retratando neste quadro não existe. Alguém que não existe não pode pagar pelo trabalho encomendado, não pode sequer encomendar trabalho algum." Dobrei o papel e o entreguei à negra. "Para a senhora, ou para o senhor, tanto faz. Agora vá."

Aumentava meu ódio ter sido vítima de uma mulher à beira da miséria que, auxiliada por circunstâncias favoráveis, fazia-se de grande dama, e de um velho caipira que viera à cidade passar-se por homem de grandes qualidades e mercadejar a beleza da filha a fim de reerguer-se financeiramente, sem que ao menos eu lhes pudesse atirar na cara a minha condição de homem viajado, conhecedor do mundo. "Viajado, ora essa!, claro que um marujo, um reles marujo conhece o mundo, mas de que ponto de vista? Da imundície dos porões fedorentos, dos cais de águas podres, e é isso mesmo o que ela deve estar pensando neste momento", e não via um meio de mostrar-lhe o contrário. No dia seguinte retomei a idéia de pintar o retrato de Laura — idéia que me obcecara durante minha última viagem, que começara a concretizar-se nos dias em que freqüentara sua casa, mas que de qualquer maneira apresentara resultados insatisfatórios — e, tomado de fúria, comecei a compor uma variedade de estudos a lápis de seu rosto, desenhos e mais desenhos, alguns não passando de meros rabiscos que, no entanto, valiam muito mais que todos aqueles que fizera em sua casa ou mesmo em viagem, estimulado apenas pela saudade, por uma paixão adolescente tardia e por uma lembrança muito vaga de seu semblante. Durante uma semana não deixei o quarto, recusei-me a receber o Castrinho que, acostumado às minhas manias, não ligou; esperaria que "o surto passasse", como costumava dizer, para depois vir informar-se do que havia acontecido. Comia ali mesmo — quando comia! — uma comida mal feita que mandava buscar numa pensão próxima, e nem tomava banho. Desenhava até altas horas, deitava-me esgotado e dormia de um sono só até as nove ou dez horas, para em seguida levantar-me e de novo sentar-me diante do cavalete, de onde saía apenas para apanhar a comida quando sentia fome. Mas não sentia fome com muita freqüência, por isso comi pouco durante aquela semana.

Os desenhos às vezes ficavam incompletos: em alguns interessava-me captar os olhos, noutros o contorno do rosto e o volume dos cabelos, noutros o sorriso, e assim por diante. Acabados ou incompletos, meros rabiscos ou traços cheios de requinte, todos, todos representavam Laura à perfeição, tinham personalidade e de nenhum se poderia julgar uma jovem dócil e meiga, mas altiva, cheia de si e de orgulho, até mesmo algo antipática, apesar de bela.

Outra coisa que fiz durante aquela semana foi pensar em dinheiro. Minha paixão por Laura cegara-me a tal ponto que, em vez de encarar essa questão com frieza, punha-me a fantasiar feito um garoto quando descobre seu primeiro amor. Eu sabia, sem sombra de dúvida, que não teria chances com Laura se a questão fosse dinheiro, pois não havia meios de ganhá-lo em tal quantidade e em tão curto lapso de tempo,

isto era óbvio mesmo para alguém apaixonado. Mas alguém apaixonado vê o óbvio de maneira diferente, e a esperança de mudar a situação não deixava de dar suas investidas. Não me ocorria a sério que muitos moços de famílias tradicionais a cortejavam, que o pai, apesar da urgência de recuperar a fortuna, tinha tempo ainda para escolher e evitar a impressão de a estar empurrando ao primeiro que aparecesse, e ainda que ostentava um nome que, mesmo não sendo seu, não havia como desmenti-lo. Ficava parafusando em como o Castrinho obtivera aquelas informações, mas o caso era que investigava tudo, colhia tudo em todos os cantos, sabia de tudo, e por último afiançara-me que havia um conchavo entre o pai de Laura e as velhas antropófobas Camargo, para usar o nome delas e sobressair na sociedade — coisa que de imediato me pareceu óbvio, pois em mais de uma ocasião ouvira alguém perguntar-lhe como iam as primas, e até quando teimariam em esconder-se de todos. Referiam-se às velhas, claro, e assim já não havia o recurso do desmentido, que eu poderia usar em último caso, pois lá estariam elas para confirmá-lo, ainda que enfurnadas em sua casca da qual não saíam jamais. Não me ocorria também — ou ocorria-me, frouxamente, como se a vontade desmentisse a verdade — que, mesmo que de uma hora para outra eu aparecesse naquela sociedade como um paxá, todos ainda se recordariam do ridículo que havia passado e, em vista disso, entre mim e outro qualquer, Laura e o pai prefeririam outro qualquer. Eram conclusões óbvias em que evitava pensar. Por fim saí do quarto: não que o surto terminasse, na verdade mal começara, mas eu tinha coisas a fazer.

A primeira coisa que fiz foi ir ao cais e atirar nas águas todos os desenhos feitos em viagem, para mim sem valor algum. Creio que não tinham mesmo valor, mas bem poderia tê-los guardado, ao menos como lembrança, é verdade que uma lembrança irritante, pois, apesar de retratarem apenas sombras, recordavam-me o tempo em que eu pintava meu amor por Laura com tintas claras e festivas. Joguei tudo na água, umas duas dezenas deles, e demorou muito até que as pequenas ondulações da costa os espalhassem. Depois procurei meus contatos e disse estar determinado a não viajar por enquanto, e por fim procurei meus devedores para receber, instei com uns diante da urgência de minha necessidade, briguei com aqueles mais renitentes que pediam prolongamento de prazo, ameacei-os com sérias represálias, e de um cheguei a faca à garganta, que de imediato me pagou. Em poucos dias conseguira algum dinheiro, o suficiente para manter-me por certo tempo, ainda que com aperto. Com os quadros que deixava nas lojas, pouco ou nada obtive: era difícil vender, e o que vendia rendia tão pouco que aquela fonte não era apenas insegura, mas de todo incerta. Deixei-a de lado. Voltei

para a cabeça-de-porco decidido a mais uma semana de estudos do rosto de Laura, agora a óleo, e atirei-me ao trabalho. No fim de três dias sufocava, e resolvi sair de novo.

Na rua, calhou-me encontrar Laura e o pai que saíam de um café. Cruzamo-nos sem ao menos nos olharmos, e a impressão que devo ter causado não foi das melhores: como não tinha mais o que dissimular, voltara à indumentária de vagabundo, e minha roupa encardida, os sapatos gastos, o cabelo despenteado, tudo isso indicava em mim o marujo miserável que nada tem de seu a não ser a própria miséria. Carreguei comigo a certeza de que Laura respirava aliviada por ter-se livrado de mim, e no íntimo devia refletir no absurdo de uma vez pelo menos terme dado atenção. Não me importei mais com essa certeza do que com as outras, e naquela tarde resolvi apostar em cavalos.

Nunca apostara em cavalos, algumas vezes fora ao jóquei mas nada conhecia sobre o assunto. Assim mesmo tive sorte e ganhei logo de início uma soma significativa. Aquilo vinha a calhar, na minha urgência por dinheiro, e decidi continuar apostando. Nada pior que a persistência, pois passei a perder, perdi tudo que havia ganho, e em seguida perdi tudo com que entrara ali, e voltei para a cabeça-de-porco desanimado. Ainda que fosse uma falta de senso, uma dessas loucuras inexplicáveis, eu tinha esperança de ganhar dinheiro, muito dinheiro e rápido, sem importar através de que meios, e apostar em cavalos poderia muito bem ser um meio eficiente. O problema era que no jogo eu tanto poderia ganhar — se apostasse alto, muito — quanto perder, e nesse caso, perder tudo que tinha. Nas semanas seguintes alternei meus dias entre a pintura e o jóquei. Quando pintava, era com desespero, trabalhando nos estudos a óleo do rosto de Laura; ainda não era aquele quadro, eu ainda não estava pronto para uma obra assim; contentava-me com os estudos, e dia para dia os resultados deixavam-me mais satisfeito. Mas na minha impaciência os estudos a tinta, como os desenhos, ficavam inacabados, cada um uma tentativa de compreender a verdade acerca de Laura, mas não na totalidade e sim abordando aspectos de sua beleza, traçando o contorno do rosto, que se repetia em cada quadro, e em seguida dedicando-me a um só detalhe com mais apuro: fossem os olhos, fosse a boca, fosse a saliência das faces, tudo mais permanecendo esbatido, e então eu completava o fundo com pinceladas grossas e irregulares, em cores neutras, de um modo geral tons de ocre, terra e verde escuro. Pintei assim quase trinta telas pequenas, medindo em média 50 cm x 70 cm, que começaram a atulhar-me a cabeça-de-porco, de modo que, não tendo mais espaço para guardá-las, resolvi desocupar o quarto levando algumas para um vendedor de quadros. Nos dias, porém, em que ia ao jóquei, já não apostava, contentando-me apenas em observar. Passei a

conhecer melhor os cavalos, conversei com apostadores experimentados, comecei a entender do assunto, mas me decidira a não jogar mais pois, não raro, via apostadores veteranos perderem grandes somas, concluindo ademais que não seria aquele o caminho para obter recursos rapidamente.

Nas semanas que se seguiram ao episódio do jantar, eu e Laura nos avistamos ainda algumas vezes nos mesmos locais elegantes de costume (onde por algum tempo teimei em ir). A primeira, cerca de quinze dias depois, foi na ópera. Era estréia do Dom Carlo, e chegando um pouco antes do início encontrei-a no saguão cercada de amigos. Fui direto a ela e a cumprimentei, estendendo-lhe a mão com maneiras galantes mas afetadas, e a acolhida — já era de esperar — não foi das melhores. Laura olhou-me recuando um pouco a cabeça e não aceitou a mão que lhe estendera, o que causou um constrangimento geral. Quis insistir e tentei puxar conversa, mas uns se retiraram alegando qualquer motivo, outros ficaram, assistindo à cena com ar ao mesmo tempo curioso e de deboche, enquanto Laura parecia apenas suportar minha presença. Para ficar mais à vontade, contei um ou dois casos pitorescos que me ocorreram, e, a propósito de um deles uma anedota algo imprópria, que fez corar as moças e deixou os rapazes encabulados. Por que agi dessa forma?, você se espanta e me pergunta. Por que não a ignorei com a mesma altivez com que deixara sua casa dias atrás — a mesma que ela costumava mostrar em suas atitudes? Quais eram as minhas intenções? Afinal, quando saíra da casa de Laura poucos dias antes, era de crer que não voltaríamos a nos falar. Tudo isto é certo, então que novo papel eu estava representando agora? Talvez pretendesse experimentá-la, apurar se todos já sabiam do ocorrido, que sei eu! E até onde eu poderia ir com aquela brincadeira? Estava disposto a não fazer caso das ofensas que pudessem de qualquer forma dirigir contra mim, ignorando-as, e resolvi ir até o fim. O fim, contudo, não tardou: não sei se mais enfadada ou mais irritada, Laura olhava para os amigos (jovens iguais ela) como a pedir socorro, até que um moço loiro quase imberbe e com cara de garoto que fazia parte do grupo adiantou-se, talvez querendo impressioná-la, com arrogância: "O senhor não percebeu que sua presença está deixando as pessoas pouco à vontade, e que a senhorita nada quer consigo? Este não é seu lugar, e ninguém aqui interessa-se por si." Falara com alguma rudeza mas não em voz alta, os mais próximos porém o ouviram muito bem e houve mesmo algumas risadinhas abafadas. Laura aproveitou a intervenção para afastar-se um passo e pôr-se a salvo no meio do grupo. Não me perturbei: com grande esforço mantive-me calmo, ainda que minha vontade fosse saltar-lhe ao pescoço (irritava-me a educada insolência em seu tom de voz e a tentativa de intimidar-me com sua estatu-

ra mais alta ao avançar o peito empolado, o queixo erguido em atitude de desafio), "não será o senhor" respondi com frieza "quem irá dizer-me qual é o meu lugar. Pelo menos enquanto eu puder pagar para estar aqui", e olhei indiretamente para Laura, acrescentando: "Há quem freqüente lugares como este sem ter com que pagar", e notei sua reação de espanto ao fazer um movimento involuntário de cabeça, encarando-me (talvez empalidecendo) e, logo, dando-me as costas sem, contudo, disfarçar a perturbação. Inclinei-me com cortesia e segui com vagar em direção da platéia. Irritado como estava não conseguiria assistir ao espetáculo, sentei-me mas não me demorei cinco minutos e no momento em que soou o sinal para o início voltei ao saguão a tempo de ver Laura subindo as escadas conduzida pelo rapaz loiro. Mordido pelo ciúme, evadi-me dali odiando-a, um ódio que ainda tinha muito de amor e que eu sabia passageiro… De outra feita encontrei-a acompanhada de um grupo de amigas numa visita a um museu. Avistei-a de longe e me aproximei quando apreciavam um belo nu feminino, algo discreto, que deixava à mostra quando muito um seio e coxas sobre as quais caía uma musselina a disfarçar um pouco a sombra dos pelos púbicos — apesar do que, as moças riam entre si e comentavam a pintura com gestos exagerados. "Este é um quadro que qualquer artista tem grande prazer em pintar" eu disse às suas costas e ela, virando-se, deu comigo; "mais ainda" acrescentei, "quando o modelo é alguém como a senhorita". As amigas a olharam com um ar de ironia que a aborreceu, "o senhor não se porta com conveniência, se quer saber" ela disse irritada, "e a senhorita sabe que desejo pintar-lhe um nu" eu respondi com picardia, "espero que não se demore a decidir-se", "vê-se que o senhor não conhece seu lugar. Que nome possui para fazer esse tipo de proposta a pessoas de um nível social ao qual não pertence?" Contentei-me em sorrir com um leve ar de deboche enquanto Laura se afastava com as amigas.

A partir de então passei a mostrar-me com mais insistência. Apesar do ocorrido durante o jantar em sua casa, dentre as pessoas que não eram íntimas da família de Laura ou não haviam tomado parte na comédia, algumas até me cumprimentavam de longe, com acenos breves, e vez por outra aproximava-me de um ou outro grupo para uma rápida troca de palavras. Isso punha-me à vontade no meio de uma gente entre a qual, se alguém ficara sabendo do ocorrido, ou não se importava ou fingia para não comprometer-se, e assim chegava até a conversar sobre ópera com os apreciadores. Quanto a algum possível pretendente de Laura, tranqüilizava-me raciocinando desta maneira: o pai pretendia para a filha um belo casamento, por isso não haveria de atirá-la ao primeiro que aparecesse; cogitava em quem poderia interessar a ele como sogro e a ela como mulher, e penso que esse motivo impedia que Laura

firmasse compromisso logo, o que me dava algum tempo para formar um plano. Era bem isso o que se passava em minha cabeça: as evidências de que Laura estava perdida para mim não bastavam, e a idéia de "um plano" parecia-me viável, mesmo não havendo plano algum.

Uma tarde avistei Laura caminhando ao lado de uma senhora no centro da cidade e, como acontecia às vezes ao avistá-la na rua, pus-me a segui-la. Não tinha nenhum propósito com isto, queria apenas segui-la sem deixar que me visse, por isso mantinha-me a distância, escondido entre os transeuntes; nos lugares menos movimentados deixava que ambas avançassem um bom pedaço para eu prosseguir em segurança, e assim acompanhei-as durante algum tempo. Houve um momento em que a senhora afastou-se para o interior de uma loja e Laura se deteve na calçada olhando vitrines. Foi então que vislumbrei uma oportunidade única: Laura detivera-se em frente de uma vitrine — parecia distraída —, e do lado esquerdo havia uma porta que conduzia ao sobrado. A porta abria-se para um corredor sem iluminação que não permitia a quem estivesse na rua enxergar com clareza lá dentro. Não perdi tempo: atravessei a rua de um relance, sem ser notado por ela exceto quando a tomei pelo braço e a arrastei através da porta para o corredor. Surpreendida dessa forma, não teve reação, e quando deu por si estava comigo no fundo do corredor, onde apenas uma velha ocupava-se em recolher um punhado de lixo. A velha olhou-nos espantada e se afastou disfarçando um risinho, enquanto eu cobria a boca de Laura, "não grite" eu disse em tom de advertência, "não ouse gritar!". "O que o senhor quer? Está louco?" ela perguntou quando retirei a mão, os olhos fuzilando, mas não lhe dei tempo: beijei-a, decidido a aproveitar bem a oportunidade, e apanhei-lhe os peitos na mão em concha, apertando-os; mas ela empurrou-me com violência e, valendo-se das unhas para libertar-se, arranhou-me a cara e correu para fora. Na porta parou e olhou para trás. Em seguida saiu para a rua.

Na cabeça-de-porco, examinando o rosto cortado pelas unhas de Laura, eu tinha intenções criminosas. Em minha face direita, que ela atingira em cheio, três fundos cortes em diagonal, e do outro lado diversas lesões menores. O sangue correra na hora, obrigando-me a sair do corredor de cabeça baixa, o rosto escondido na camisa, e ir direto para casa não só tratar-me mas também esconder-me, precaução inútil, já que as pessoas voltavam-se para olhar, algumas até riam um pouco e cochichavam. Das feridas surdia agora uma água sangrenta que eu procurava secar com um lenço, e vendo-me naquele estado o Castrinho não evitou uma risada que me enfureceu. Creio tê-lo olhado com tal ódio que ele calou-se e recuou um passo, ficando junto à porta. "Foi ela?" perguntou depois de algum tempo, enquanto eu terminava de se-

car os ferimentos. Fiz que sim com a cabeça. "Mas que brava!" ele disse, "o que foi que você andou aprontando?" Depois de uns curativos rústicos que me deram algum alívio, deitei-me e fechei os olhos. "Fiz o que devia" respondi, "e agora suma-se daqui e me deixe em paz". O Castrinho saiu resmungando qualquer coisa e eu continuei deitado, pensando no que fazer. Meu ódio era tal que planejei entrar em sua casa à noite como um ladrão e desfigurá-la também enquanto dormia, e se naquela madrugada alguém passou pelo velho casarão de Botafogo deve ter visto um vulto encostado no muro em frente. Sim, eu estive lá naquela madrugada: com um casaco de gola alta para não ser reconhecido, permaneci várias horas em frente ao casarão pensando em que atitude tomar. Estava ali quando por volta de meia-noite escutei tropel de cavalos na rua e uma caleche parou defronte o casarão; recuei para um canto mais escuro e vi Laura saltar pelo braço do pai, entrando em casa (*"De onde terão vindo?"*). Estava ali ainda quando os galos começaram a cantar e um clarão a leste indicou a proximidade da aurora. O que me passou pela cabeça durante todas aquelas horas que permaneci defronte o casarão? Contornar a casa e arrombar uma janela nos fundos parecia-me um plano razoável. Não seria ouvido por ninguém, sabia abrir fechaduras com facilidade e como já conhecesse a casa por dentro, não teria dificuldades em chegar até o quarto de Laura. Mas o que fazer quando estivesse diante dela? Estaria dormindo, poderia estrangulá-la, cortar sua cara com uma lâmina, matá-la, qualquer coisa… Atear fogo à casa, "um bom golpe" eu pensei, "um bom golpe, mas…" Matar o velho, sim, pensei também em esfaquear o velho enquanto dormia, seria bem merecido, eu pensava, "bem merecido…", mas a verdade é que nada daquilo me satisfazia, e, ainda que não o admitisse, qualquer daqueles atos pareciame repulsivo. Contentei-me apenas em ficar espiando o casarão escuro que, com o nevoeiro que vinha do mar, foi, pouco a pouco, desaparecendo de minhas vistas. "Você a ama, idiota" eu disse para mim mesmo pouco antes do amanhecer, "você não faria nada contra ela, pois a ama feito um palhaço!", e voltei para casa furioso.

Só reapareci depois de um mês ou pouco mais, as feridas já cicatrizadas, embora pudessem ver-se ainda um lanhos avermelhados que todos notaram sem comentar (imaginavam na certa algum entrevero com uma mulher ciumenta, e eu não me dava por achado); essas cicatrizes, aliás, nunca desapareceram de todo, mesmo passados vários anos, veja — e Filipe aproximou o rosto, mostrando-me uns sinais oblíquos em sua face direita, ligeiramente mais escuros que a pele. — Durante aqueles dias em que me mantive afastado não tive notícias de Laura, e na noite em que reapareci tratei de ignorá-la o quanto pude. Também evitava mostrar-me logo, escondia-me por algum tempo num canto, em meio às

pessoas — fosse na ópera ou num dos cafés que freqüentávamos —, e punha-me a observá-la a distância; se me avistava, voltava o rosto, mantinha-se ereta, fingia não ter dado com minha presença, mas, a título de olhar em volta, movia a cabeça para um lado e para outro, com displicência e um desinteresse fingido, aproveitando contudo para verificar se eu continuava ali. Percebia meu olhar cheio de ódio sobre si e dissimulava, olhava noutra direção, fingia ignorar-me. Minha reaparição, contudo, durou pouco, e logo me afastei de vez dos lugares freqüentados por Laura. Reconheci que ela havia vencido, dei por encerrada a aventura e refleti que era inútil tanto amá-la como odiá-la. "Não tem remédio" pensei, e reassumindo minha condição de vagabundo retornei ao cais. "De volta ao lar e ao crime" eu ia pensando, enquanto caminhava ao encontro dos meus amigos de fato: marinheiros e contrabandistas.

Um incidente, porém, veio alterar o curso dos acontecimentos. Os desenhos que eu havia deixado com o tal vendedor de quadros foram vistos por um colecionador que se interessou em conhecer-me. Eram dez horas da manhã, e pancadas na porta acordaram-me de um sono tumultuado e descontínuo, pois fora dormir muito tarde, após um dia terrível em que conseguira fazer um bom estudo do rosto de Laura sobre um fundo retratando uma paisagem desolada, um deserto muito claro, iluminado pelo sol tórrido das duas horas, com rochas e barrancos impregnados de violenta luz. A paisagem fora concluída, mas o rosto era apenas um esboço que, contudo, não deixava dúvida sobre a pessoa retratada. Levantei-me praguejando e indignado, "o que tem o filho-da-puta do Castrinho de vir importunar-me tão cedo?". Abri a porta com um palavrão e dei com o homem, um cavalheiro de meia idade, bigodes espessos e grisalhos e a barba bem feita; vestia-se com bom gosto e simplicidade, e como fizesse calor trazia o paletó no braço. Tinha bengala e chapéu, e avançando um passo indagou: "O senhor Filipe?", "o próprio" respondi, "o senhor, o que deseja?", mas o homem não respondeu. Com uma liberdade que ele tomou antes que eu oferecesse, entrou, caminhou firme para o cavalete e aí se deteve observando com circunspecção o esboço feito no dia anterior. Eu continuei junto à porta, que fechei para evitar algum novo intruso (pensava no Castrinho), e esperei que o homem se manifestasse, o que fez algum tempo depois com uma única palavra em voz baixa: "Assombroso!", e começou a passear pelo quarto olhando as telas e desenhos que eu espalhara pelas paredes. Passava de um a outro sem palavra nem gesto de aprovação ou reprovação, e não fosse aquele "assombroso" apenas entredito eu não saberia se algo lhe agradara. Depois de uns dez minutos o homem voltou-se para mim: "O

senhor não deseja expor?" perguntou, "preciso de dinheiro com urgência" eu respondi, "o senhor ganhará dinheiro" ele afirmou, e eu achei por bem explicar que não precisava de dinheiro para ter alojamento melhor que aquele, roupas melhores, comprar comida, ou qualquer dessas necessidades para as quais atentamos em primeiro lugar; "há um negócio pendente, coisa particular" concluí, "não me importam as suas necessidades, mas se é de dinheiro que precisa, terá", "não preciso de pouco", "terá muito… ou, pelo menos, o suficiente no começo, desde que atenda a algumas exigências", "quais?", "deixe-me sentar, e conversaremos". E conversamos. O cavalheiro disse ter visto meus estudos e desenhos na casa do vendedor de quadros e os havia comprado todos, tendo inquirido ao comerciante sobre o autor, "e eu admito" acrescentou, "que não esperava encontrá-lo em lugar melhor que este"; em seguida apresentou-se como um crítico de arte bem relacionado e que uma palavra sua nos jornais e publicações especializadas bastaria para que meus quadros alcançassem preços satisfatórios cuja tendência, com o tempo, seria aumentar, "e só direi essa palavra" ele frisou, "porque reconheço o valor do que estou vendo aqui". Expôs suas condições, poucas: eu deveria expor onde ele determinasse, e também dar preferência às suas indicações nas próximas exposições que fizesse, exigências que me pareceram razoáveis, e por fim ele teria uma porcentagem alta nas vendas, "digamos, 60%", "excessivo" eu pensei. "60%?" perguntei ao fim de alguns segundos. "O senhor talvez ache muito…" ele começou, "é muito" eu disse, "seja, é muito, mas…", "nada feito". "Pense bem, pode ser uma grande oportunidade para quem começa…", "eu não começo" contestei-o outra vez, "eu comecei aos quinze anos, era um menino. Hoje tenho quase trinta, sou um homem", "um homem que precisa de dinheiro, e o poderá ter em breve", "sim, claro, tenho planos, obterei dinheiro por outros meios, mas jamais me deixarei roubar desta forma", "uma pena" ele disse levantando-se, como se fosse embora, "sim" eu concordei, "uma pena, pois o senhor só terá os estudos que comprou naquela casa e nenhum mais, pois nenhum outro sairá daqui", e o acompanhei até a porta. Antes de sair, o homem pareceu reconsiderar enquanto punha o chapéu, "digamos… 55%", "50%" eu retruquei, apesar de ainda achar que estava cedendo numa taxa muito alta, "afinal os quadros são meus". O homem sorriu, "vejo que é bom negociante também. Isso me agrada. Está bem, 50%" e despediu-se. Antes que saísse, porém, pus nova condição: "preços altos" e, taxativo, "só por preços altos eu me desfaço dos meus quadros, em especial destes" e indiquei os retratos de Laura, "e dessa forma ambos ganhamos mais", "não resta dúvida, os preços não poderão ser melhores, isto eu garanto" e levou dois dedos ao chapéu, despedindo-se, "aguarde-me".

A perspectiva de ganhar dinheiro de verdade com minhas pinturas; não os trocados que de ordinário recebia, mas uma grande soma, deixou-me eufórico. Sentia-me leve e sem preocupações quando retomei o retrato de Laura, ainda inacabado no cavalete. Em menos de três dias estava pronto, e depois de assinar depus os pincéis, voltei o quadro para a luz e recostei-me na cama, observando-o, estudando-o mais a fundo. Sim, eis Laura em carne e osso — podia-se dizer —, talvez respirasse, talvez se eu aproximasse o ouvido da tela pudesse ouvir as batidas de seu coração… essas considerações eu fazia no momento imediato da conclusão do trabalho, admirando mais a beleza da mulher que a perfeição da obra. Naquele noite dormi cedo e bem, pela manhã cobri o retrato e saí. Estive fora todo o dia e só regressei muito tarde, o mesmo acontecendo no dia seguinte, e assim, nesse intervalo evitei olhá-lo de novo. Só no terceiro dia retirei o pano com que o cobrira, examinando-o com atenção. Sim, era Laura, sem dúvida era Laura, "mas…"

Havia um "mas".

"Não, o coração não pulsa, essa é que a verdade… não respira, o sangue não circula… é uma boa pintura, sem dúvida, só uma boa pintura…"

Eu começava a ambicionar algo maior. O retrato era perfeito: o desenho correto, as cores reproduzindo com exatidão o tom de sua pele sob a luz clara do dia, a semelhança era grande, e a paisagem de fundo parecia vibrar, como numa tarde ensolarada de verão. Ninguém imaginaria que eu estivesse insatisfeito com ele, mas estava, e após tê-lo concluído e revê-lo passados alguns dias é que reconheci, não suas deficiências, pois não podia falar de deficiências, mas tudo que eu ainda não alcançara. Finalizado, o quadro parecia irretocável; para o projeto que começava a formar-se em minha cabeça, no entanto, faltava ainda alguma coisa. Planejava retratar Laura de meio corpo, as dimensões da tela um pouco maiores, mas ambicionando uma perfeição tal que, olhando para ele se dissesse não só ser de carne e osso, ter vida, mas… acima de tudo, ter alma! Comecei a perceber que o meio corpo — o busto — era o formato ideal, e as dimensões da tela tais que me permitissem pintá-lo em tamanho natural. Também não a retrataria de frente, mas ¾ de frente, olhando contudo para o espectador como se lhe desejasse falar. Eu deveria captar esse momento imperceptível do movimento dos olhos de uma pessoa que se volta para outra, encarando-a para dizer-lhe algo e o delicado sorriso que apenas se insinua em seus lábios antes de falar. Também o fundo não poderia ser uma paisagem clara e vistosa como aquela a fim de que não interferisse com o modelo: apenas o retrato de Laura importaria, mais nada, por isso o fundo seria plano, formado de cores neutras tendendo para o ocre, o terra e o negro, contudo com uma luz suave que entrasse pela esquerda. O modelo não es-

taria exposto diretamente ao sol, mas recebendo a luz de forma indireta, como alguém numa varanda no momento que antecede o crepúsculo. Durante umas duas horas meditei no novo quadro olhando o anterior, "será o absoluto oposto deste" eu pensava, "e terá alma!".

No dia seguinte iniciei o trabalho com ardor, e durante o resto da semana não deixei o quarto, esquecido de tudo — da necessidade de ganhar dinheiro, do crítico que me prometera uma exposição, e, por incrível que pareça, até mesmo de Laura. Só o que me interessava então era o retrato que ninguém talvez houvesse feito.

Não tardou, porém, dar-me conta de que a tarefa era muito difícil. Tudo que obtive dessa primeira tentativa foi um belo retrato, tão bom quanto o anterior, mas apenas isto, e mal o terminei, como me parecesse insuficiente, iniciei outro que ficaria inacabado: nos mesmo moldes, eu havia mudado um pouco a posição do corpo, pintei os cabelos soltos, ao contrário do anterior, e o olhar menos direto. O sorriso acabou ficando mais aberto e espontâneo, mas já não se tinha a impressão do momento — esse que antecede a fala — fixado na tela. O retrato era de alguém que estava apenas posando para o pintor, embora não houvesse ninguém posando para mim, exceto em minha imaginação. Aquilo enervou-me, e retomei os estudos a lápis do que eu pretendia, coisa que não fizera ainda. Durante mais uma semana não saí do quarto, enchendo folhas e folhas de papel com rabiscos, na esperança de captar a forma ideal, fosse a posição exata do corpo e da cabeça, o olhar e o sorriso, os cabelos que ora eu fazia soltos, ora presos, ora despenteados como de alguém que acaba de levantar-se… Mas foi inútil, e a cada novo desenho sem alcançar, sem ao menos me aproximar daquilo que ambicionava, sentia-me enfraquecer, e ao fim daquele período, quase sem comer nem dormir (o enfraquecimento devia-se mais à falta de comida e sono que aos nervos abalados), saí para a rua feito doido. Na escada esbarrei com o Castrinho, que voltava de suas andanças. "Olá, homem, que há contigo que não o vejo mais?" ele exclamou; "deixe-me, Castrinho, que estou enlouquecendo", "ora essa, é bem possível que sim pela sua aparência. Aonde vai dessa maneira?", "espairecer, arejar a cabeça", "parece mal, acaso esteve doente?", "estou há dois dias sem comer… mas agora, deixe-me…", "tenho novidades…", "outra hora… ou melhor, logo à noite… vá ao meu quarto…" e desci os degraus, ganhando a rua. Andei sem rumo certo e acabei no cais onde um tal Zarolho, imediato de um navio mercante que fazia a rota para a costa sul da África, avistando-me veio em minha direção e perguntou-me se eu me esquecera dos amigos. O Zarolho havia ganhado esse apelido depois de perder um olho numa briga; era um tipo da pior espécie: ladrão e assassino, costumava gabar-se de ter perdido a conta das mortes que carregava nas cos-

tas; apesar disso, era homem de confiança para negócios, trabalhávamos juntos há quase oito anos. Respondi que não, "de jeito nenhum!", apenas andava muito ocupado, por isso não aparecia. "Não quer viajar?", ele perguntou; estive inclinado a aceitar, "poderia esquecer essa mulher e essa loucura toda que me tira o sossego" pensei olhando as ondas, os homens que passavam com seus fardos, os cães sem dono; mas depois de um minuto fiz com a cabeça que não, que estava empenhado nuns compromissos, "enfim, estou com pouco tempo", "ora, mas você é um homem do mar" ele retrucou, "não pode ficar longe de nós. Não sente falta? A maresia, o balanço das ondas, o rum que se entorna a valer durante as calmarias…". Olhei o homem com uma cara que deve tê-lo impressionado, pois disse: "Você não me parece nada bem", "e não estou… não estou, é verdade", "mulher?" ele perguntou; eu respirei fundo, por fim confirmei: "Mulher". O homem acendeu um cigarro de palha, tragou e espiou para longe. "Não vale a pena afligir-se por mulher. Só nos dão dor de cabeça. Vamos ao mais importante: há trabalho em vista, e precisamos de alguém que nos ajude a fazer entrar a mercadoria com segurança", "quando?" perguntei, e o homem marcou para o dia seguinte depois das oito da noite, "encontre-se comigo aqui mesmo". Já me afastava quando ele me chamou. Parei. "Mulher? Deixa pra lá, não vale a pena". Fiz um gesto com a mão e continuei andando, "parece tão fácil" eu refleti, "parece tão simples quando não é conosco". Aquele serviço significava dinheiro fácil enquanto não surgisse nova fonte de renda, mas eu já estava propenso a abandonar tal atividade — não por escrúpulos, entenda bem, mas por absoluta falta de interesse, o pensamento ocupado apenas pelo retrato de Laura. Não podia, porém, dar adeus àqueles homens assim sem mais nem menos, pois, se de uma hora para outra tudo falhasse, eu teria de voltar ao cais e ao mar. De qualquer forma, eu ainda era um bom marujo e melhor contrabandista.

Retornava já noitinha pelo centro da cidade quando de longe avistei Laura ao lado do pai e na companhia de outras duas senhoras que eu não conhecia, e resolvi segui-los. Entraram pela Rua do Ouvidor, freqüentada pela melhor sociedade do Rio e onde Laura se sentia à vontade, cercada de admiradores em meio ao vozerio do povo que ia e vinha, entrando e saindo dos cafés, casas de chá e restaurantes de luxo. Caminhavam com displicência investigando o interior dos estabelecimentos a fim talvez de depararem algum conhecido, faziam acenos, riam entre si com despreocupação, e a certa altura detiveram-se em frente do L… (um restaurante da moda onde as melhores famílias iam jantar), àquela hora repleto, mas não entraram. Ficaram conversando na calçada e eu procurei me aproximar, evitando ser visto. A rua era bastante iluminada e muita gente passava em todas as direções. Parei sob o pórtico de uma

casa, fechada naquela noite e onde a luz não chegava, ficando quase no escuro e em segurança. Enquanto admirava Laura, no coração dois sentimentos — o amor e o despeito (talvez o ódio) — em combate, comecei a compreender que não poderia pintar o retrato que pretendia se não a tivesse junto a mim, modelo de carne e osso à minha frente, e não apenas na lembrança. Os retratos que lhe fizera até então, apesar da semelhança, não chegariam à perfeição se eu não pudesse olhá-la a cada momento. Cogitava que o ambicionado retrato deveria captar um instante imperceptível como lhe expliquei, e por isso o olhar, apesar de direto, e o sorriso, tinham de ser ao máximo espontâneos, mas nada disso seria possível a partir de um modelo imóvel. Laura deveria estar comigo todo o tempo, mas não imóvel à minha frente: a magia que eu buscava vinha de sua presença pura e simples, precisava de que ela ficasse por ali, andasse às vezes de um lado para outro, à vontade como se estivesse em sua casa, ou se reclinasse no canapé (está visto que eu não tinha um na cabeça-de-porco, seria necessário providenciar), ou se pusesse à janela, e conversasse, falasse de coisas banais, sua vida, suas ambições, enfim, qualquer coisa… Para isso eu faria um ligeiro esboço a lápis, ou mais de um enquanto ela estaria conversando, ou mesmo quieta às vezes, mas não imóvel; depois, escolheria o melhor, o que mais estivesse afim com meu propósito, para só então iniciar a tela. Tudo aquilo me parecia claro, nada impediria o êxito, exceto uma coisa: como fazê-la retornar à cabeça-de-porco? Continuava sob o pórtico a contemplá-la cada vez mais envolvido por sua presença e meus projetos quando notei que ela me havia descoberto. Olhara em minha direção e, ao ver-me, mostrou primeiro uma expressão de surpresa, depois de enfado ao desviar o rosto com seu habitual desdém, e por fim, numa segunda olhada, mais breve, um certo medo. *"Pensa talvez que lhe quero fazer algum mal, que tenciono sabe-se lá o quê!"* refleti, *"Estúpida!"*, e fugi do pórtico metendo-me por um beco escuro antes que ela tivesse tempo de olhar-me pela terceira vez.

Chegando, fui direto ao quarto do Castrinho. Que novidades teria? Encontrei-o bêbado. "Ah, aí está você… saiba, hoje resolvi embriagar-me", "estou vendo" eu disse, "o que tinha para dizer-me?", "eu? Eu tinha algo para dizer-lhe?", "escute aqui, Castrinho" e como ele estivesse deitado, agarrei-o pela gola da camisa levantando-o, sacudindo-o, "hoje não estou com paciência. Vá dizendo logo, ou vou-me embora" e o larguei, que de novo estirou-se nos lençóis imundos, "calma!… calma… sim, agora me lembro… encontramo-nos aquela hora na escada… sim, agora me lembro", "pois se lembra vá falando, ande!", "é sobre ela", "ela! Ela quem?", "ora quem, você sabe muito bem de quem estou falando", "sim, sei, como não saberia? Que novidades tem?", "por fim

casa-se". Estremeci. O Castrinho continuava deitado, os olhos fechando-se e abrindo-se com dificuldade pela bebedeira, mas levantou a cabeça para repetir: "Vai casar-se, entendeu?". Eu havia entendido, mas ainda não acreditava. "Como soube?" perguntei; "você sabe que eu sempre sei de tudo… tenho meus contatos", "nunca questionei seus contatos, mas desta vez é preciso certeza. Como soube?", "da mesma maneira que soube de tudo sobre a moça e o pai: por um empregado da casa a quem subornei. Ah, e saiba: você está me devendo uma nota, pois tive de pagar pelas informações". Remexi na carteira e tirei um punhado de cédulas, atirando-as em cima da cama. "Espero que baste", "por enquanto é suficiente", "e o resto? Casa-se, pois bem, mas quando e com quem?", "dentro de quatro meses… o noivo é um tal Medeiros… família tradicional, já se vê", "é… já se vê", e comecei a andar pelo quarto pensando no que fazer. Quatro meses! Era muito pouco tempo para mim! O que poderia fazer em quatro meses para mudar a situação a meu favor? Talvez fosse absurdo ter esperanças, embora as tivesse até então, até a notícia de seu casamento: mas agora as coisas mudavam. E quem seriam os tais Medeiros? "Castrinho, quem é essa família?", mas o infeliz já dormia o sono da carraspana. Caí sobre ele, sacudindo-o. "Castrinho, diga-me…", mas foi inútil. Deixei-o e retornei para o meu quarto.

Na manhã seguinte o colecionador reapareceu.

Entrou e antes de mais nada foi para diante dos três retratos de Laura — aquele que vira apenas esboçado; o seguinte, com o qual tentara aprofundar a percepção de sua personalidade, e o outro, inacabado. Eu os havia pendurado na parede próximos à janela, onde podiam ser vistos sob luz suficiente. O homem examinou ainda com atenção um a um os numerosos estudos a lápis acumulados sobre a mesa, e por fim perguntou: "Quem é ela?", "meu único motivo, por enquanto", disse; "uma namorada, suponho", "não é bem assim…", "não importa. Estes três quadros entram na exposição, mas quero também uma seleção dos melhores desenhos, e estas outras telas" finalizou, remexendo numa pilha de quadros que eu encostara à parede, num canto do quarto, "hum… paisagens, marinhas, alguns nus… hum!". Fiz que sim com a cabeça e estirei-me na cama. "Quando será?" perguntei. O homem olhou-me como uma velha raposa observa o franguinho novo que lhe vai servir de pasto, mas antes que ele falasse eu atirei com malícia: "Sei que está ansioso por esfolar-me, até imagino que venha com a intenção de alterar a seu favor a porcentagem combinada", e o homem embaraçou-se um pouco: "bem, é que há despesas… enfim, você só entra com o seu trabalho…", "já esperava por isto. Eu entro com a parte mais importante,

pois sem ela não haveria exposição alguma…", "ah, mas sem a minha intervenção onde o senhor pensa que iria mostrar seus quadros? Decerto nalguma calçada do centro da cidade, ou numa dessas lojinhas vagabundas que se encontram por aí", "o que foi combinado, está combinado. Se não concorda, por mim desisto" eu disse mais uma vez, taxativo. "Não vamos discutir mais sobre isso. Enfim, vale o sacrifício. Simpatizei com você", e mandou que me vestisse para sairmos. Enquanto me mostrava o lugar da exposição — o salão nobre de um luxuoso hotel, já reservado para daí a um mês e meio —, fez questão de frisar que era um ambiente fino, freqüentado pelos mais ricos, "um simples desenho aqui pode alcançar preços que você nem imagina!" disse, por isso enfatizava tanto a importância de sua contribuição: "Desde que eu dê uma palavra favorável, entende?", mas ao fim do discurso eu disse apenas que era muito reconhecido à sua ajuda e lhe daria um presente, um quadro à sua escolha (com isso queria dizer, em outras palavras, que não abria mão dos 50%, que ainda me pareciam extorsivos). "Dentro em breve você será um dos nomes mais aclamados da cidade" ele garantiu, "e com um pouco mais de tempo, do país! Bela perspectiva, não? Tudo isso deve-se a mim…", "…e aos meus quadros" eu completei.

No entanto, fui pego de surpresa com o sucesso daquela primeira exposição. Pinturas a óleo e desenhos — excetuando-se os três retratos de Laura, que não estavam à venda — foram adquiridos tanto pelos entendidos quanto pelos burgueses que nada percebiam mas compravam por ser elegante comprar quadros, ou por ser moda, ou por não terem onde meter seu dinheiro. Os motivos que levaram cada um a comprar pouco importam, desde que no final da noite uma bolada — uma respeitável bolada! — tenha entrado em meus bolsos, tanto que num rasgo de generosidade falei ao meu "benfeitor", apontando-lhe o segundo dos três retratos: "Serve aquele?". Naquela noite, contudo, não tive a minha desforra: conquanto eu esperasse com ansiedade vê-la surgir à entrada do salão, com sua beleza e sua soberba, e dar-se por vencida, Laura não apareceu. Eu tivera o cuidado de ocultar meu primeiro nome na divulgação da mostra através dos jornais, mas depois eu soube que ela estivera doente na véspera, indisposição que persistira pelo dia seguinte obrigando-a a ficar na cama. O sucesso, porém, não me fazia perder de vista o casamento de Laura, agora a pouco mais de dois meses. Relutava em comunicar aos Medeiros por carta anônima a verdadeira situação do pai da noiva: decerto não iriam acreditar, mas fora esse expediente nenhum outro havia de que pudesse lançar mão, e assim via aproximar-se o desenlace sem esperanças de impedi-lo. Uma assombrosa coincidência, porém, veio depor em minhas mãos a chance com que eu não podia contar: eu costumava passar diariamente pelo salão e aí demorar-me

meia hora conversando com os freqüentadores (pelo menos por algum tempo deixara — de novo — a vida de vagabundo, ainda que à noite regressasse à minha cabeça-de-porco); um dia vi aproximar-se de mim e cumprimentar-me um senhor de pouca estatura, muito distinto, cabelos já grisalhos, o rosto jovial e a fala franca, que me felicitou por meus quadros, e disse, elogiando os retratos de Laura, ignorar "que o senhor mantivesse relações com a família de minha futura nora". A novidade apanhou-me de surpresa, surpresa e espanto que me esforcei por disfarçar, e admiti, apertando-lhe a mão e improvisando uma história, que não era íntimo da família, fora contratado alguns meses antes para pintar-lhe o retrato, "ah… então eles cederam o retrato para figurar na mostra" disse o homem, "no entanto… é curioso, pois não cheguei a vê-lo em sua casa", ao que eu expliquei, continuando com minha improvisação, que na verdade o contrato, apenas verbal, fora rompido pelo pai da senhorita sem maiores explicações, e só resolvera terminar o quadro para não deixá-lo inacabado no ateliê, "como o senhor pode ver" acrescentei simulando inocência, "fiz algumas versões, e aquela ali, p. ex., que é apenas um estudo, deixei incompleta. Por essa razão os expus, mas não estão à venda". Tal declaração pareceu espantá-lo muito, e ele me encarou ao mesmo tempo com gravidade e um certo ar de dúvida, mas eu adiantei cerimonioso que não lamentava o incidente, "não posso atribuir ao senhor Camargo Villar intenções pouco honestas" e, baixando a voz com um ar de compreensão, "afinal, fui informado depois de que estão em dificuldades financeiras, como o senhor deve saber, sérias dificuldades, por sinal… então…" e dei de ombros, "num caso assim temos de ser compreensivos". O senhor Medeiros recompôs-se, já nada exprimiam suas feições exceto a gravidade anterior, que me pareceu natural. Deu algumas voltas pelo salão examinando uma vez mais os quadros, e foi de novo parar em frente dos retratos de Laura. Eu me retirara para um canto, e enquanto fingia distrair-me olhando a rua, vigiava o homem com atenção: parecia preocupado; sem dúvida ignorava a situação de Laura, e se o casamento fora acertado com data para breve devia estar se sentindo enganado por ambos, pai e filha. A certa altura chamou-me e disse: "Este quadro" apontou para o retrato cujo fundo representava um deserto "o senhor disse que não está à venda, pois não?", confirmei com um movimento de cabeça, e acrescentei: "Preferi não vendê-lo para o caso de a família resolver ficar com ele, no futuro. O outro, contudo, por força de compromisso pertence ao organizador da mostra, e o terceiro, como disse, um mero estudo, não está acabado… isto é, pode-se dizer que está, pois agradou-me como o deixei, e não penso em voltar a mexer nele". O homem não teve dúvida: "No entanto, eu gostaria de adquirir o quadro". "Compreendo, senhor,

e nesse caso abro mão. Será um bonito presente para sua futura nora. Vou liberá-lo para imediata entrega."

Naquela noite dormi feliz. Ou muito me enganava, ou o casamento de Laura estava desfeito.

Não, eu não me enganava: naquela mesma tarde o senhor Medeiros enviara por um criado o quadro e um breve bilhete para o pai de Laura, no qual desfazia o compromisso entre ambos informando que o filho já estava de viagem marcada para a próxima quinzena rumo à Europa, onde pretendia concluir os estudos. Teria acrescentado que "um artista, ou que profissional seja, não podia arcar com as dificuldades financeiras de seus clientes" e concluído de maneira teatral: "Em nossa família, mesmo à custa do próprio sangue, temos o hábito de saldar nossas dívidas".

"Com o rompimento papai quase enlouqueceu" disse-me Laura depois, "não compreendia nada do que se passava e de imediato foi à casa dos Medeiros para esclarecer a situação. Não foi recebido, nem ao menos admitiram que lá entrasse. Eu fiquei aguardando sua volta, mas não tinha nenhuma dúvida acerca dos fatos: olhava para sua assinatura na tela e compreendia, pelo menos em parte… Quando papai chegou, vinha transtornado e acusava-me: 'A culpa é sua!' gritou, 'você e seus amiguinhos! Você e seus amiguinhos!!' Apavorada com seu estado perguntei-lhe o que acontecera, mas ele deu-me as costas e recolheu-se à cama sem responder. Então resolvi ir até lá…" Laura contou-me esses pormenores quando apareceu na cabeça-de-porco cerca de quatro ou cinco dias depois do meu encontro com o senhor Medeiros, "só hoje tive coragem de vir procurá-lo". "E por que o fez?" eu perguntei com frieza, sentado em minha cama; "terá vindo lastimar-se e culpar-me por seu casamento desfeito?", "nem uma coisa nem outra… não sei ainda o que ocasionou o fim do meu noivado… vim porque…", "porque…?", "porque vi o retrato… guardei-o em meu quarto mas não tive coragem de pô-lo na parede… por causa de papai… imagino que o senhor Medeiros tenha julgado mal as nossas relações… não entendo por que ele pensou que lhe encomendáramos aquele retrato, deixando de pagar-lhe… talvez porque estivesse lá, à venda, sendo meu… não sei, não entendo nada… se o senhor fosse dizer-lhe que mal nos conhecemos… que pintou meu retrato de iniciativa própria… e que tudo não passou de um engano…", "para atirá-la nos braços do outro?" eu exclamei rindo, com sarcasmo, "e o que o senhor tem com isso? Não sou livre para dispor de minha vida?" retrucou com uma insuportável soberba, soberba de que se revestia para encobrir seu verdadeiro estado de ânimo, mas não resistiu por muito tempo e agarrou minhas mãos com desespero, "pensa, por acaso, que é fácil para mim estar aqui pedindo-lhe isso, cor-

rendo o risco de comprometer-me? Não vê que tudo estará perdido para mim se o casamento se desfizer?", "você se casa por interesse, para livrar-se a si e a seu pai da miséria", "não sei como o senhor conhece esses pormenores sobre nossa família… mas… que seja como diz! Acaso posso agir de outra forma?…", "não interessa como conheço os fatos, o que conta é que os conheço. Mas não se iluda, não espere que eu vá atirá-la nos braços de outro" e me levantei da cama dando-lhe as costas, fui debruçar-me à janela. "Mas que tem o senhor a ver com isso? Então o senhor alegra-se com…!" ela insistiu, e eu me voltei, "ah! Com que então a orgulhosa senhorita desespera-se, implora… se é para salvar um casamento de conveniência que poderá mantê-la nos altos padrões a que se acostumou, não hesita mesmo em humilhar-se?!, nem em vir aqui, em meu quarto, o quarto de um homem!… Que patético, senhorita Laura! Que belo papel está fazendo!". Laura encarava-me, atônita; dei um passo em sua direção, "eu ainda não me esqueci daquela noite em sua casa" disse, "e se quer saber, mesmo que pudesse desfazer o que fiz…", "o que o senhor fez?", "ainda não compreendeu? Apenas agarrei uma oportunidade, nada mais!", Laura moveu a cabeça como se não acreditasse no que eu lhe dizia, mas ao mesmo tempo os olhos enchiam-se de lágrimas, "esperava o quê, de mim? Uma atitude nobre? A senhorita e o seu pai terão sido nobres comigo?" continuei, com uma indolência calculada, sentando-me na cama. Mas Laura não respondeu, virou as costas para sair. Com raiva, a preveni: "a senhorita ainda vai voltar aqui", e deitei-me outra vez, embrulhando-me nos lençóis. Laura saiu em seguida.

Não tardou, com efeito, a voltar. Apareceu três dias depois, mas muito mudada. Tinha aparência de grande abatimento, e na fragilidade de seu corpo a beleza tornava-se mais doce, mais meiga, mais tentadora. Via-se que tinha chorado, e pareceu-me que sua saúde corria perigo. A transformação fora muito repentina, e eu me alarmei. Vê-la subjugada satisfazia-me, mas vê-la doente e correndo risco de vida, apavorava-me. Laura humilhava-se agora, pediu-me que lhe ajudasse a salvar seu casamento, "senão estaremos todos perdidos" disse chorando e, não mais me tratando de 'senhor': "você não ignora nossa situação", "bem… parece não ser das melhores" disse naquele tom de indolência calculada que resolvera adotar ao falar-lhe, "é pior do que você julga" e relatou-me que o pai estava falido, tivera de vender suas propriedades no interior de Minas Gerais e viera para o Rio de Janeiro com a esperança de investir o que lhe sobrava numa tentativa de reaver pelo menos em parte o que perdera, mas a vida na Capital era muito cara, "e você muito acostumada aos luxos" eu disse mais uma vez com maldade; ela concordou, cabeça baixa, desculpando-se, tinha sua culpa, sim, não negava,

o casamento era de conveniência, confirmava-o, pois "há uma coisa que você ignora: papai perdeu uma soma muito alta em alguns investimentos arriscados… foi imprudente… enfim… viu-se obrigado a hipotecar nossa casa…" e explicou que o pai contava pagar a hipoteca logo que pudesse dispor da ajuda do genro, "se não reavermos a casa iremos para a rua… não temos mais nada… mesmo os criados, fomos obrigados a despedir quase todos…" Transtornada com a perspectiva da ruína, debilitada e, não resistindo à exaustão e ao abalo nervoso que a afetava, Laura deixou-se cair em minha cama e ali ficou, o rosto levantado para mim com uma expressão indescritível de dor nos grandes olhos negros. "Sim" disse depois de um momento, "estou me vendendo, nessa história eu sou apenas uma mercadoria que pode alcançar algum valor… mas não é por mim, não só por mim, pelo menos… como é que eu poderia ver meu pai jogado na rua?". Pensei em atirar-lhe à cara que pouco me importava a sorte daquele velho cretino e cheio de soberba, e acrescentar que queria vê-lo, uma vez na rua, reunir os "da sua igualha" ao redor de uma mesa para ridicularizar os outros, e ainda dizer *Bon apetit!* Mas não o fiz. Em ver disso, perguntei: "Em quando monta a dívida?" Embora o casarão de Botafogo valesse muito mais que o valor da hipoteca, ainda assim a soma era altíssima, tudo que eu tinha conseguido com a venda dos meus quadros não bastaria. Mas eu tinha pelo menos como tentar obter o que faltava, *"voltarei ao cais…"* pensei, e disse: "Venha aqui dentro de cinco dias. Talvez eu possa ajudá-la". As feições de Laura não se alteraram, continuou prostrada olhando-me daquele mesmo jeito cheio de desespero, como quem pergunta "e agora, o que vou fazer?". Então repeti: "Não compreendeu? Volte daqui a cinco dias. Talvez eu possa ajudá-la". Continuou olhando-me sem compreender, até que minhas palavras começaram a fazer algum sentido em sua cabeça, "não percebo como…", "não importa" eu disse, "então você vai falar ao Sr. Medeiros?" ela perguntou, os olhos parecendo ressuscitar num lampejo de esperança, "não importa o que eu vou fazer" insisti, ajoelhando-me à sua frente e tomando-lhe as mãos (um gesto que poderia ser de carinho, ou de amor: mas em meu coração o sentimento era bem outro, pois a partir daquele dia tudo que fiz foi para humilhá-la), "apenas faça como estou dizendo".

Naquela noite retornei ao cais. A quantia que faltava não era nada irrisória; já previa as dificuldades em conseguir algum adiantamento sobre as operações futuras, mesmo assim fui procurar o Zarolho, que escutou meu pedido com atenção e balançou a cabeça com desânimo. "Você não pede nada razoável" disse; "eu sei, mas é um caso de vida ou morte", "vida ou morte", "sim… alguém poderá morrer…", "aposto como tem mulher na história", "não nego… mas não é uma amante,

nem uma noiva, nada parecido com isto", "é a mesma?", sorri, fiz que sim com a cabeça, "a mesma", e ele coçou o queixo onde uma barba rala formava um pequeno tufo, "será preciso consultar os outros", "eu nunca os deixei na mão, não será agora… aliás, já passei mais tempo a bordo de um navio que fora dele, e tudo para quê?", "você sempre foi muito bem recompensado", "não nego, mas agora é que estou precisando… e poderei pagar em breve…", "não sei… tenho de consultar os outros… afinal, nenhum de nós tem uma quantia tão alta à disposição… teremos de nos quotizar. Volte na semana que vem, e então já terei uma resposta", "não é possível… preciso para daqui a três dias. Faça um esforço… consiga pelo menos dois terços desse total… há outra coisa que você não sabe: estou ganhando bastante dinheiro com a venda dos meus quadros…", "engana-se. Li o seu nome nos jornais. Pelo visto, em breve nos abandona…", "ora, você já me conhece, e há quantos anos! Sabe que eu não vou deixá-los na mão. Ao contrário do que você pensa, é certo que não demoro voltar a navegar. Reúna o dinheiro que eu passo por aqui quando você marcar…", "está bem, venha em três dias. E isto só porque, como você disse, nós já o conhecemos". Em seguida procurei o colecionador, que me recebeu com muita cortesia, convidando-me a acompanhá-lo até o seu escritório, e enquanto servia-me um licor comentou meu repentino sucesso, "não está satisfeito? Todos falam de você agora, e, olhe, não tarda a receber encomendas", e falava da venda expressiva dos quadros, das perspectivas para nova mostra, e dos projetos que tinha em mente, "pois você tem ainda muita coisa escondida, sei que tem". Disse-lhe que estava satisfeito, e tão reconhecido por sua generosidade — não consegui evitar uma entonação de ironia quando falei em generosidade, mas acho que ele não percebeu — que tinha uma proposta de seu total interesse, e sem interrupção propus ceder-lhe "as coisas que estão escondidas", todos os meus quadros e desenhos em estoque na cabeça-de-porco ("pode ir lá verificar agora mesmo, se quiser", eu disse) para que ele expusesse onde achasse por bem, desde que me pagasse de imediato um quarto do valor total de todas as peças, "são 75% que estou cedendo" concluí. O homem estranhou o pedido, passou a mão pelos cabelos, andou pelo gabinete desconfiado. "O que está acontecendo?" perguntou por fim, "meteu-se em encrenca?", "eu, não. Mas preciso inteirar certa quantia…", "de quanto precisa?" perguntou, e assoviou quando ouviu a resposta. "Não é muito o que peço, na verdade é pouco pois todo o acervo que possuo irá render-lhe seis vezes mais" eu disse. "Não posso obter esse dinheiro de uma hora para outra…", "mas para daqui a três ou quatro dias… vá à cabeça-de-porco com o dinheiro, e poderá levar tudo que quiser". Quando o sujeito apareceu em meu quarto na data marcada tinha apenas parte do dinheiro, e apesar de já

esperar por isso não pude esconder minha irritação. De qualquer forma não regateei, e o deixei levar todas as peças que encontrou, uns quarenta quadros e cerca de sessenta desenhos. Meu quarto ficou vazio (semanas mais tarde, quando nova exposição minha foi anunciada e à qual não compareci nem mesmo na abertura, soube que o sucesso anterior se repetira, com quase todas as peças vendidas na abertura a preços elevados. O homem ganhara uma pequena fortuna às minhas custas, se bem que não tenha deixado de aparecer para pagar-me a parte que restava. Era um sujeito correto, afinal de contas). Antes do meio-dia fui ao cais, e também ali não obtive toda a soma que havia pedido. "Só consegui uma parte" disse o Zarolho, "espero que dê para alguma coisa. Você tem de compreender… não é fácil conseguir uma quantia assim em tão pouco tempo…", "está bem… ficarei quase a zero depois de fazer o que tenho de fazer… não faz mal… logo terei mais dinheiro", e voltei para casa aliviado.

Na data marcada, Laura chegou à cabeça-de-porco bem cedo, por volta das nove horas.

Vinha, como de costume, com o rosto oculto por um xale para não ser reconhecida. *"Com certeza envergonha-se de vir aqui"* eu pensei, mas como ainda me parecia doente, bastante pálida e visível nos olhos o mesmo sofrimento, preferi não recriminá-la. Laura entrou e ficou de pé no meio do quarto, olhou-me com acanhamento e deixando o xale cair nos ombros assim se manteve por alguns instantes. Eu continuei calado, e como havia acabado de me levantar, fechei a porta do quarto e comecei a fazer a cama. Laura por fim disse, a voz miúda como se falar significasse transpor um grande obstáculo e o fizesse com medo, que o pai não se convencera ao anunciar-lhe na véspera que no dia seguinte talvez recebessem uma ajuda, "de quem, minha filha?" ele teria perguntado, "a ajuda de que precisamos é o dinheiro para saldarmos nossa dívida, e quem iria nos emprestar? E mesmo que alguém nos empreste, é uma soma muito alta, como poderemos saldar essa nova dívida?". Laura preferira não dizer mais, e na cabeça do velho nasceu a suspeita, "filha, você não está fazendo nada de errado, não é?", e como ela lhe parecesse insegura diante desta dúvida, tomara-lhe as mãos com inquietação, "é preferível, Laura, a miséria à perda da honra". "Filipe, se você visse o rosto dele" Laura disse, sentando-se numa cadeira, "se visse os olhos dele ao suspeitar de mim… e ver-se obrigado a dizer aquilo sobre a honra…". Mais uma vez ocorreu-me que ao pai parecia desonroso a filha vender-se em troca do dinheiro, mas não via desonra em ele próprio vendê-la, se desse negócio Laura saísse com o nome de casada. Porém, preferi não ser tão cáustico, em vista de sua aparência ainda não ser das melhores. "Ele não quis saber quem se propunha a ajudá-la?" eu inda-

guei sem deixar-me influenciar, “e nem por que motivo?”, “preferi calar-me, só lhe garanti que minha honra estava assegurada”, “e está?” quase lhe perguntei, mas disse apenas que fizera bem “em não tocar no meu nome, decerto recusava-se a aceitar a ajuda… talvez preferisse ir dormir na rua, sob alguma marquise. Além do mais” eu acrescentei terminando de arrumar a cama, “não vou exigir que me pague. Em outras palavras: não terá de assinar uma promissória”, “então você tem o din…?” ela se ergueu, agitada, avançando um passo, recuando e sentando-se outra vez, embaraçada, “isto é… você quer dizer que… dispõe daquela importância?”, “sim, está aqui” e apanhei numa gaveta, entregando-lhe, um comprovante de depósito bancário em seu nome. Laura estendeu a mão para o papel hesitando em apanhá-lo, como se lhe custasse receber de mim o dinheiro que a livraria da miséria. Por fim examinou o documento e quis saber: “Como conseguiu esta importância?”. Dei de ombros, não respondi, mas ela adivinhou: “A venda dos seus quadros”, e olhando em volta notou as paredes nuas, não havia no quarto nenhuma peça de resto, “você desfez-se de tudo…”, “há porém uma condição para que você lance mão desse dinheiro” eu disse, sentencioso, e estou certo de que uma idéia errada acerca das minhas intenções passou-lhe pela cabeça. Nada respondeu, mas o modo como me encarou, a contração de seu rosto manifestando ao mesmo tempo decepção e tristeza, mostrava de modo inequívoco seu pensamento. Eu sorri meio debochado e fiquei encarando-a por algum tempo a fim de prolongar-lhe a expectativa e a perturbação, por fim desfiz o engano: “Tranqüilize-se. Como você mesma disse: sua honra está assegurada. Minha exigência é que pose para mim nos próximos dias… virá nos dias que eu marcar… tenho em mente um retrato… um quadro grandioso, será talvez a obra da minha vida, o máximo que penso conseguir, mas sem sua presença é impossível realizá-lo… depois de terminado poderá ir embora, e não precisará voltar”. Laura pareceu aliviada com o engano desfeito, e chegou a sorrir, “oh!, eu… eu imaginei…”, “sei o que imaginou” eu me adiantei com crueldade sem, no entanto, elevar o tom de voz ou modificar minha indiferença, “e sei que para a senhorita continuo a ser o mesmo… aceita esse dinheiro com escrúpulos, com vergonha, quase com nojo, mortifica-a ter de aceitá-lo!, mas não tem outra saída pois recusá-lo representaria escolher a miséria… eu, contudo, jamais faria uma proposta que me pudesse rebaixar aos seus olhos”; Laura olhou, envergonhada, o papel que tinha nas mãos e, percebi, corou um pouco. Quando levantou os olhos, estavam úmidos. Eu continuava indiferente, o rosto imóvel, encarando-a. Por fim, dobrou o comprovante e o guardou, e despediu-se de mim estendendo a mão, que eu recusei, “prometo vir… virei quando quiser” disse tentando um sorriso, e se foi.

De novo só, saí de casa: a manhã avançava, havia sol e nas ruas a multidão fluía em todas as direções. Eu, porém, sentia-me perdido, *"ela jamais será minha"*. Durante minha pequena guerra, transtornado, não conseguira avaliar a espécie de sentimento que me ligava a Laura. Já não podia teimar na idéia de um amor malogrado: o peso que sentia era mais profundo, um desejo feroz de desforra, e se houvera amor, já não podia reconhecê-lo nesse novo sentimento que me levava a reclamar sua presença, a querê-la junto de mim, para pintar o quadro que tinha em mente.

— Foi então — eu disse — que descobriu seu ódio por ela?

Filipe pareceu refletir um momento sobre minha pergunta, como de hábito fungou, franziu a testa, remordeu os lábios.

— Que ódio seria aquele por alguém cujo amor eu ainda era capaz de reclamar? — Fez uma pausa. Aproximou o rosto: — O Mal… não crê no poder do Mal? Não crê ainda?… Que forças diabólicas me dominavam então? Ah!… você ainda terá chances de compreender isto… Pois lhe afianço que não só o desejo de pintar aquele quadro, mas também de destruí-la fez com que a recebesse durante meses seguidos na minha cabeça-de-porco, para posar. Sim, desejo de humilhá-la e destruí-la… Como lhe disse, eu não queria um modelo imóvel, sentado à minha frente. Necessitava da presença dela, do espírito que pretendia roubar-lhe para fixar no retrato. Faltava-me para realizar minha obra máxima ouvir sua voz a poucos passos de mim, falando de coisas alheias ao que eu estava fazendo, como uma música distante. Olhar seu rosto entristecido, o sorriso com que procurava disfarçar o sofrimento, e em alguns momentos, sim, pedir-lhe que ficasse junto à janela, quieta, para que eu investigasse seus traços e os captasse com meu pincel… Laura obedecia-me sem questionar, no mais das vezes falava-me de seu dia-a-dia, de como o pai havia recuperado a saúde, do quanto ele insistia em saber o nome de quem os havia salvo, o que aliás lhe proibi desde o início; atirava a cabeça para trás, ria-se e passava a contar seus projetos: sonhava uma viagem pela Europa, "como você, que já viajou tanto" dizia, alegrava-se por poder freqüentar a sociedade sem medo, "e eu deixei de ser esbanjada. Até as coisas se firmarem, lá em casa é tudo ali, contadinho", e ia por aí afora discorrendo sobre mil futilidades que em nada me interessavam, mas que me agradava ouvir. Transcorreram-se os dias e ela manteve-se pontual (o trabalho não era diário, havia intervalos — às vezes de até uma semana — que eu aproveitava para descansar ou ir ao cais, mas bastava mandar chamá-la por um garoto que ela aparecia sem demora, com a mesma disposição de ânimo); já não fazia questão de disfarçar-se, ocultar o rosto para não ser reconhecida, e para evitar suspeitas, além de sempre se fazer acompanhar da tal preta (que nunca ia

até meu quarto, mas permanecia embaixo esperando pela senhora) teria comentado com as amigas que estava posando para um pintor cujo ateliê ficava num dos piores lugares da cidade, "mas por que esse pintor escolheu tão sombrio lugar?" perguntavam-lhe, "será um desses pobretões à caça de fortuna? Não será perigoso? Como você pôde envolver-se…?"; para não se comprometer inventara uma história, e referiu-me a história com graça: "Imagine, tive de dizer a elas que se tratava de um artista excêntrico que desejara criar um ambiente ideal para o quadro que tinha em mente, e assim sendo escolhera um lugar bastante 'diferente' para trabalhar", "pelo menos é limpo, não é?" teriam dito, "não… não muito, na verdade"… Laura parecia transformada. Em nenhum momento, exceto no início quando mantinha ainda alguma reserva, mostrara-se com escrúpulos por ter aceito o dinheiro que lhe oferecera, e à medida que se passavam os dias, com a recuperação de sua casa, a melhora de saúde do pai e o risco da miséria deixando de existir, parecia-me não agradecida ou servil em decorrência de uma obrigação, mas amiga, uma amiga íntima, de muito tempo. Sentia-se à vontade em meu quarto e vez por outra chegava mesmo a ralhar-me o desleixo em cuidar do ambiente! "Olha que uma casa pode ser simples e ao mesmo tempo agradável e acolhedora, basta uma arrumadela. Mas que descuidado você é!", e punha meu quarto em ordem como se pretendesse morar nele: mandava a roupa suja para a lavadeira, fazia minha cama, tirava o pó, varria o chão, e até o esfregava com pano molhado para remover as manchas de tinta, todos esses pequenos cuidados que eu jamais tivera. Momentos havia em que eu interrompia o trabalho e, cansado pelas horas diante do cavalete, ou esticava-me na cama para descansar, ou ia debruçar-me na janela a escutar o ruído das ruas, que chegava até mim abafado pelas paredes próximas. Laura, então, vinha também debruçar-se na janela ao meu lado, ou puxava a cadeira para sentar-se ao lado da cama, e continuávamos falando de uma coisa e outra. Mas a conversa às vezes ia morrendo, os assuntos acabando… Laura examinava o quadro, fazia um ou outro comentário com a leviandade de uma adolescente, que eu ouvia sem levar a sério e com um sorriso de complacência, e depois já não tínhamos o que dizer. A tarde ia na metade, ainda poderia aproveitar bem a luz para pintar — daria ainda algumas pinceladas, aplicaria uma ou outra camada de tinta… e assim, Laura permaneceria comigo mais uma hora ou duas. Nesses momentos acontecia-me observá-la de relance, passava-me pela cabeça como um raio toda a sucessão de incidentes desde que a conhecera, e o mal que me havia feito mais uma vez ferroava-me… Aproveitando-a distraída, olhava-a com um ódio súbito, e que imenso prazer fazia-me exultar em silêncio: ei-la vencida e submissa, eu pensava, aí está, que grande sem-vergonha! comigo

mesmo a escarnecia, sem deixar de refletir: *"Vejam só o que pode um punhado de cédulas do banco!"*, e se em tais momentos ocorria-lhe voltar-se para mim, estranhava meu olhar fixo em si, mas não era capaz de compreendê-lo, de suspeitar dos meus pensamentos. Não é, no entanto, simples entender a natureza de tais pensamentos. Quão estranho era meu sentimento, e nem mesmo eu consigo explicá-lo… Pois eu me satisfazia em odiá-la às vezes e pensar aquilo sobre cédulas de banco, humilhando-a apenas em minha imaginação… seria fácil falar, ofendê-la, humilhá-la enfim com piadinhas debochadas, mas não!… contentava-me em fazê-lo, sim, mas apenas em pensamento, de forma que ela de nada se desse conta!… E como explicar que, ainda que eu pensasse dessa forma a respeito de Laura, tais juízos, jamais expressos em palavras mas permanecendo desconhecidos dela — como são desconhecidos as atitudes e pensamentos daqueles que, embora junto à nós, nos atraiçoam —, não fossem sinceros? Eu agia, melhor dizendo, eu tão só pensava traiçoeiramente a seu respeito, pois não pretendia nem desejava contra ela nenhum mal físico ou moral ou de que natureza fosse; por que, apesar disso, meus sentimentos eram tão diversos? Como explicar que ao pensar aquilo sobre um punhado de cédulas bancárias, ao mesmo tempo que a olhava em meu quarto andando de um lado para outro, cantarolando uma canção ou uma ária, ensaiando um passo de dança, sobrevinham-me remorsos e um profundo sentimento de ternura?…

Que dias terríveis foram aqueles! E que piores estavam por vir!

Uma vez eu me debruçara na janela e Laura, aproximando-se, pusera-se um pouco atrás de mim; assim ficamos um ou dois minutos contemplando a tarde — o que podíamos ver da tarde além do quadrilátero da janela e o recorte dos telhados próximos. Eu havia parado por aquele dia — logo a luz se tornaria escassa, não tardando a noite —, e assim debruçado distraí-me a ponto de pensar que Laura havia saído sem eu perceber. Foi quando ouvi sua voz às minhas costas: "Às vezes cometemos erros de que nos arrependemos… o arrependimento deveria nos redimir, mas isso nem sempre acontece. Por quê?" Continuei debruçado, remoendo essas palavras que não esperava ouvir, e depois procurei em seu rosto algum traço, um sinal qualquer que me ajudasse a esclarecer aquilo. Havia certa expectativa em sua atitude e ansiedade em seu olhar, parecia esperar de mim qualquer gesto, uma reação com a qual eu não atinava. Ocorreu-me depois que Laura enfim estaria dizendo "eu estou aqui agora, e sou sua", mas de imediato recuei. Talvez eu tenha sorrido para ela então: de novo ferroava-me o orgulho, mais que o orgulho, a desconfiança, e enquanto mais uma vez me ocorria — contra minha vontade — aquilo sobre o poder de um punhado de cédulas,

pensei em que *"ela poderia enganar-me uma vez ainda…"*, e por último vinha-me, em ondas, aquela revolta, o mesmo ódio sempre tão vivo em meu coração, *"ela está aqui, talvez entregue-se, pode ser minha agora, mas isto já não me interessa, não a quero mais"*, todavia consciente de que mentia para mim mesmo: tudo que podia querer era fazê-la minha, entregar-me também, amá-la, mas venceu o desejo da desforra cuja oportunidade enfim se apresentava. Por isso eu lhe sorri, um sorriso de forçada indiferença, "todos cometem seus erros" eu disse, "é normal. É comum também perder e ganhar, corrigir os erros, e não corrigi-los quando não for possível… enfim, isto é viver", e acrescentei com displicência que naquele dia não trabalharia mais.

Depois de algum tempo — uns três meses — percebi que Laura começava a impacientar-se. Primeiro com pequenas reclamações acerca da desordem em que eu mantinha a cabeça-de-porco, "mal deixo de vir três ou quatro dias, e isto vira um chiqueiro!", depois protestando contra minha lentidão no trabalho; passou a tratar-me com descaso, e nas ocasiões em que não comentava acerca das festas e bailes que voltara a freqüentar, das declarações de amor que ouvia dos jovens mais ricos e bem-postos da cidade, criticava minhas maneiras ("Que maneiras você tem! Como espera que uma mulher lhe dê uma segunda olhada com atenção?"), dizia que não via futuro num artista que se vestia mal, que morava num lugar horrível como aquele, que levava horas diante do cavalete dedicando-se a um simples retrato ("A arte é apenas um meio de destaque para um homem elegante, não uma paixão, muito menos um meio de vida"), e que trabalhava em coisa tão subalterna e suja quanto um navio mercante, "você é marinheiro mesmo? Pesca bacalhau?"; expressava sua má vontade comigo por qualquer motivo, e bastava eu pedir que se calasse e ficasse quieta um ou dois minutos para estudar-lhe as feições, torcia o nariz, "olha-me a cara todos os dias. Já devia conhecê-la bem"; irritava-me sua maneira desdenhosa de falar mas procurava manter-me calmo — pelo menos no início mantive-me calmo, levando-a na brincadeira —, "conheço-a bem" eu dizia, "mas este é o meu modo de trabalhar", e no dia em que acrescentei com malícia que ela fora bem paga por aquilo, enfureceu-se: "Ah, lança-me em rosto a esmola que me deu! Toma-me por uma dessas mulheres de rua que trabalham a soldada?", e como eu perdesse a paciência também, naquele dia foi impossível continuar pintando. "Não foi uma esmola" eu disse, e mesmo que até então eu nunca tivesse feito nenhuma referência ao dinheiro (verdade é que não me arrependera nem lamentava ter-lhe dado aquele dinheiro), não pude, uma vez ditas as primeiras palavras, evitar o resto, revelar o meu coração para ela, "dei-lhe tudo que tinha, e até o que não tinha. Por que pensa que eu fiz isso? Por amor a você? Crê

que ainda sou o mesmo tolo apaixonado? Saiba que só conheço uma paixão na vida: a minha arte, já que um artista — alguém que mereça esse nome — põe sua arte acima de qualquer coisa, e foi por ela que a salvei de ser atirada na rua com suas tralhas! Não fosse por este quadro que ambicionava pintar, e para o qual precisava da sua presença, pouco me importaria com sua sorte. E quanto às mulheres que trabalham a soldada, com certeza ter-me-iam saído mais em conta!" Laura encaminhou-se para a porta, mas não lhe dei tempo de sair: sua atitude cheia de dignidade e orgulho tirou-me de mim, corri e a segurei pelos ombros, virei-a para mim com violência, encostando-a na parede, e assim nos encaramos alguns segundos em suspense. Perturbava-me a proximidade de seu corpo, sua fragilidade, o cheiro que vinha de si… ah!… como desejei beijá-la naquele instante!… seus lábios úmidos, seus grandes olhos assustados… Então tremi, reconhecendo que ainda uma vez Laura vencia, venceria sempre… tive necessidade de feri-la, de magoá-la mais: "Se você soubesse" eu disse então com uma fúria quase incontrolável enquanto a apertava contra a parede, "por que eu exigi que viesse aqui todos os dias… pobre coitada, se pudesse ao menos suspeitar…", "quer matar-me, é isso que quer…" ela disse assustada de verdade (creio que então minha cara não devia ser das melhores, era justo que se assustasse), mas eu ri, soltando-a, afastando-me um ou dois passos, "não, não é isso o que quero…"; ri ainda, como quem escarnece, mas não lhe disse tudo, "destruí-la, é isso o que quero, não matá-la…", isto — que eu apenas pensava — não disse. Laura baixou os olhos e seguiu para a porta, "é melhor mesmo que vá embora, não suporto vê-la mais por hoje! Mas volte quando mandar chamá-la"; ela moveu a cabeça, "não virei mais, esteja certo", "virá sim" eu disse em voz baixa e pausada, "virá, ou então eu é que irei bater à sua porta e cobrar o que me deve, e que me continuará devendo até terminar seu trabalho!"

Como se explicam tais fatos? Transtornado como estava à época, não tinha serenidade para entender o que acontecia e, dessa forma, evitar que chegássemos àquele ponto. Laura impacientava-se de ver-me dedicar todo o tempo ao quadro, esquecendo-me dela, da mulher que tinha diante de mim (era o que eu fazia!), e todas as recriminações que pouco a pouco foram se multiplicando contra mim visavam apenas a chamar minha atenção sobre si. Que motivos teria para falar dos moços ricos que a cortejavam se não espicaçar-me o ciúme? Por que criticar meus modos, repreender a vida que eu levava, quase como um mendigo, naquela cabeça-de-porco? Era enfim seu jeito de mostrar que me amava, o que a seu tempo se confirmaria, mas a tudo eu me mantinha fechado. Nada compreendi, talvez nada quisesse compreender, obcecado por um ódio do qual às vezes duvidava, mas que, também às vezes, fazia sentir

sua presença na forma duns assomos súbitos de revolta ao lembrar-me de tudo que havia passado por sua culpa.

Laura reapareceu no dia seguinte por volta das dez horas, insegura e com olheiras que resultavam de uma noite sem dormir. Sentou-se quieta junto à janela e não falou comigo. Também sem falar, peguei os pincéis e sentei-me em frente do cavalete. Distraí-me em misturar as tintas, compor tonalidades, experimentar direto sobre a tela, e acabei esquecendo-me dela. Não sei quanto tempo ficamos nisso, mas a certa altura ela disse: "Vou terminar meu trabalho. Não será preciso lembrar-me outra vez de que lhe devo dinheiro", e desviando os olhos da tela percebi o quanto parecia debilitada, tinha o rosto abatido e esforçava-se para não chorar.

Não houve mais discussões entre nós. Laura vinha, posava para mim, voltava a ocupar-se na arrumação do quarto como nos primeiros tempos, mas aquela já não era a mesma de antes: já não sorria, exceto quando eu dava a entender que assim era preciso, "no retrato você está sorrindo" dizia como justificativa. O sorriso brotava então espontâneo, vinha do fundo de si, cheio de luz, mas não durava: penso que se alegrava com meu pedido, mas só por um momento, e depois recaía em silêncio. Minha justificativa também não passava de mera desculpa: queria revê-la como nos primeiros dias, mas cedo descobri que era inútil: a graça com que aparecia em minha casa e dizia tolices sobre o quadro, seu jeito de menina grande, a alegria espontânea dos momentos em que referia seus planos para o futuro ou me contava dos bailes e festas onde estivera, tudo isso havia acabado. Com pouco, começou a aparentar cansaço: não lhe faltava apenas a alegria de antes, faltava-lhe também a mesma disposição física: adquirira olheiras e a palidez de suas faces acentuou-se. O trabalho, que me absorvia por completo, convertera-se numa tortura para ela, e no entanto esforçava-se por não o deixar transparecer. Percebi o que estava acontecendo, mas, em vez de interromper o quadro, pelo menos por algum tempo para que ambos descansássemos, eu prosseguia como um alucinado, sem me importar com as conseqüências. Apavorava-me o modo como às vezes, de seu canto, erguia o rosto, olhando-me timidamente — quando me parecia ver em seus olhos uma velada reprovação, um protesto silencioso —, e então que amargura eu ia encontrar em suas feições, que triste sorriso era aquele que não disfarçava sua dor, os lábios entreabertos e um brilho de lágrima nos olhos que em seguida baixava sem nenhuma palavra (penso que ela me via deveras como um credor, e tinha como ponto de honra saldar sua dívida depois do que eu lhe havia atirado na cara; por mais canalhas, porém, que fossem meus pensamentos, dissera aquilo para feri-la, não o nego, mas em hora nenhuma eu a vi como minha devedo-

ra nem pretendi dar a entendê-lo — exceto naquele momento de irritação); apavorava-me, como disse, mas persistia trabalhando no quadro. Agora estávamos envolvidos numa disputa silenciosa, vivíamos um clima de desequilíbrio e loucura que também me abalava, e se de dia para dia suas forças decaíam, eu me tornava irritável, irava-me com facilidade contra ela e a acusava de negligência, má vontade, pouco caso, acusações sem dúvida injustas e a que Laura opunha umas negativas frouxas, dizendo não ter tido tal intenção e desculpando-se com a promessa de não agir mais dessa ou daquela forma. Mas de que forma?, você me pergunta, e eu não sei responder, porque Laura na verdade não fazia nada que pudesse perturbar meu trabalho: acontecia era que eu não a suportava mais. Sua presença, de que eu não cogitava abrir mão, era suficiente para transtornar-me, e qualquer coisa passou a ser motivo para repreendê-la com dureza, não raro com xingamentos e ofensas. Laura, presumindo o que acontecia comigo, esforçava-se por tranqüilizar-me, sorria-me, fingia uma alegria e espontaneidade que estava longe de sentir, mas não tardava recair em sua indolência enfermiça e deixava-se estar em seu canto, quieta, largada, as faces murchas, os olhos fundos e brilhantes de febre, parados como a contemplarem a morte.

Durou seis ou sete meses aquilo e eu a teria matado se o delírio não chegasse ao fim: um dia, uma tarde no começo de um setembro radioso, quando eu num ímpeto de raiva passei a atormentá-la com gritos e repreensões de toda sorte (e por que motivo?, outra vez você me pergunta. Só porque eu lhe ordenara que ficasse junto à janela com o rosto voltado para a luz e ela, cuja saúde havia piorado muito nos últimos dias, baixara a cabeça para o peito devido talvez ao cansaço), Laura não resistiu caindo desmaiada. Na queda, bateu a cabeça no assoalho sofrendo um corte na fronte, por onde saiu sangue em abundância. Corri para ela, apanhei-a nos braços e a deitei em minha cama, tentando reanimá-la com tapinhas no rosto, mas sem resultado. Apavorei-me. Laura tinha febre alta — febre que eu ainda não havia percebido, assim como não percebera tudo mais. Com uma toalha úmida procurei refrescar-lhe as têmporas e limpar o sangue que continuava a correr, e enquanto ia passando com desvelo e susto o pano úmido em suas faces, vi no que a havia transformado: a jovem bela e saudável era agora um quase cadáver pálido, emagrecido, doente, e reconheci que a estava matando. *"Não posso continuar"* por fim dei-me conta, repetindo comigo mesmo em voz baixa enquanto numa carícia de apaixonado limpava o sangue de seu rosto: "não posso continuar… não posso… não posso…", e resolvi parar.

Quando, cerca de uma hora mais tarde, Laura recobrou os sentidos, agarrei-lhe as mãos e comecei a chorar com a cabeça reclinada em seu

peito. “Perdoe-me” eu dizia, “perdoe-me… perdoe-me…”, e ela, sem atinar com o que estava se passando, acariciou meus cabelos e afastou-me, sentando-se na cama com alguma dificuldade. “O que aconteceu?… Filipe… o que eu estou fazendo em sua cama?”, “você sentiu-se mal, Laura… perdeu os sentidos…”, “perdi os sentidos?… Então você teve de parar por minha causa?…”, “não! Não!… Esqueça isso!…”, “como sou desastrada… Oh! Minha cabeça dói…”, “você bateu a cabeça ao cair… fez um pequeno corte… não! não toque!… saiu sangue, mas não se alarme… qualquer ferimentozinho de nada sangra, mas não é grave… sangrou… sangrou mas eu já fiz um curativo… não precisa assustar-se, não ficará sinal algum…”, “mas eu não me lembro… não me lembro de nada…”, “não… mas… ouça, não é nada… logo você estará bem… e agora, tenho uma novidade… uma boa novidade…”, “uma novidade?” e ela sorriu, “ora, mas… o que poderá ser?… oh, como dói aqui!…”, “sim… dói, mas vai passar… não, não fique botando a mão… olha, que nem sinal vai ficar em seu roto… só sangrou um pouco… mas nem sinal…”, “sim, sim… mas a novidade…”, “sim, a novidade… ouça, a novidade é que… enfim… acabou!” e eu fiz um gesto significativo com as mãos, “acabou” repeti, e ainda uma vez, “ouviu? Acabou!”, “acabou?… mas, o que é que acabou?…”, “o quadro… acabou, não há mais o que fazer nele… você pode ir agora… mas antes tem de me perdoar todo o mal que lhe fiz… diga-me, Laura… diga que não me odeia e que consegue perdoar-me”, “mas… acabou… assim?… Como pode?… Ainda há pouco você pintava…”, “sim, mas… ouça, compreenda, não vou mais pintar… ele… o quadro… o seu retrato está pronto, ouviu?… pronto, acabado!…” e lágrimas, muitas lágrimas correram pelas minhas faces, como se um instrumento de tortura alojado dentro de mim fosse de súbito removido, “…a agonia acabou-se…” e eu apertava seus dedos com desespero e chorava como nunca havia chorado, parecia um menino de dez anos a quem houvessem dado uma surra. Laura se levantou um tanto insegura e caminhou para o cavalete junto à janela. O rosto, iluminado agora pelo sol que já se punha detrás dos edifícios, exibia preservado em sua beleza o que tinha de imaterial, e ainda que tudo em seu corpo prenunciasse a morte, ela vivia, com uma força terrível e com uma beleza que eu jamais alcançaria em meu quadro, e mais uma vez me senti derrotado. *“Que vingança foi essa, meu Deus?”* eu dizia para mim mesmo, perplexo, reconhecendo-me incapaz de destruí-la. Interrompia o quadro inacabado, e se o fazia era por pressentir-lhe a morte, *“que vingança é essa que pára o golpe definitivo no último instante?”*, e enquanto a via imóvel junto ao cavalete, quase sem forças, compreendi que meu ódio fora em vão. “Então está terminado…” ela disse com tranqüilidade. “Quebro meus pincéis se tocá-lo outra vez” eu res-

pondi levantando-me também e esfregando as faces com força, "quebro meus pincéis… quebro meus pincéis…" e insisti tolamente naquela frase, dando voltas pelo quarto com a cabeça entre as mãos, numa espécie de crise. Tonto, voltei a sentar-me na cama para não cair. "Impressiona-me… apesar de já tê-lo olhado tantas vezes" ela disse apoiando-se com as mãos magras e nervosas no recosto da cadeira, "é como se estivesse vendo-me não num espelho, mas em carne e osso… uma cópia de mim… não sei… incomoda-me". "Não é uma cópia de você, Laura" eu disse, fechando os olhos devido ao esgotamento que de um momento para outro me acabrunhava, "é sem dúvida o máximo que fiz até hoje, um quadro maravilhoso… mas jamais será uma cópia de você". Ela moveu a cabeça sem entender. "Por que diz isso?" Abri os olhos. "Talvez seja o imponderável…" eu disse, e Laura, ainda apoiando-se no recosto da cadeira conforme sua fraqueza lhe obrigava, estranhou minhas palavras, tentou sorrir para mim; "e agora?" perguntou; levantei-me, "agora você pode ir, está terminado… mas antes…", "?", "antes, perdoa-me…", "perdoá-lo?… mas de quê…?", "perdoa-me… perdoa-me" e as lágrimas voltaram a correr pelas minhas faces, "mas por quê?", "só quero que me perdoe…" eu dizia descontrolado, sem saber explicar-me; "não compreendo… você… você disse que ainda demoraria para terminar… e agora… de repente… diz que o quadro está pronto… e fica aí a falar em perdão…" e levou as mãos à cabeça, como a conter a confusão em que estava, "por que não termina o quadro? Eu não estou reclamando de posar… até agrada-me…", "é mentira!" eu disse enquanto as lágrimas persistiam em rolar, "eu a estou torturando!…", "não! não…!", "…esqueça a história da dívida, você nada me deve… em nenhum momento eu pensei dessa forma…", "eu sei, Filipe, eu sei…", "…só disse aquilo por estar zangado… porque você me irritou… mas eu nunca… em momento algum… pensei em cobrar-lhe o que quer que fosse", "eu sei, eu acredito em você!…", "mesmo que se recusasse a vir… a posar para mim… eu jamais lhe cobraria aquele dinheiro… pois não tem nenhuma importância para mim, Laura, nenhuma importância…", "eu sei, Filipe, eu sei… Por que torturar-se dessa forma?" e enquanto falávamos deu um passo para mim agarrando-me as mãos. Não me contendo mais, exclamei: "Eu a estou matando, Laura!… vá embora enquanto é tempo!… Fuja deste lugar maldito enquanto é tempo!… não quero que morra… Ouviu? Eu não quero que você morra…!" Aturdido, olhava-a bem de frente como se com meu olhar pudesse dizer-lhe tudo — o desespero, o arrependimento, o pavor, sobretudo o amor — que minha boca não dizia. Deixei-a e voltei a sentar-me na cama, senti-me tonto e deitei-me. Laura continuou na mesma atitude durante alguns segundos e depois aprumou-se, moveu a cabeça para um lado e para

outro, olhando ao seu redor, e deu uns passos pelo quarto, "quando eu me for, isto voltará à desordem de antes" comentou, embora devido ao seu estado de fraqueza já não fizesse nada, ou quase nada. Veio sentar-se ao meu lado na cama, e de repente reclinou-se para beijar-me. Mas eu desviei o rosto. "Por quê?" Eu não respondi. "No começo" ela continuou, "quando nos conhecemos… quando você ia à minha casa… havia alguma coisa…" Eu movi a cabeça numa negativa, "não?", "foi muito mais que alguma coisa", "?", "foi terrível demais… sempre fui um homem duro, não podia imaginar que o amor fosse assim…", "então por quê…?", "porque não sou digno…", "eu não penso assim", "eu fracassei, por isso não sou digno", "já disse não penso assim", "quis destruí-la, e não pude", "porque me ama…" Sentei-me na cama fazendo um gesto para que se calasse, mas ela continuou, "sim, ama-me… Não percebe que também o amo, que não há outra coisa que queira tanto quanto ficar ao seu lado?… Aqui, ou onde você quiser, mas ao seu lado…?", "vá" eu disse abraçando-a, "vá embora… Queria levá-la à loucura, não percebe?, vê-la doente, vê-la morta… odiei-a todo esse tempo… odiei-a todo esse tempo, Laura!…", "não, não me odiou", "…e agora que me conhece, pode compreender isso… este não é o seu lugar, o homem que a quis destruir não pode ser o mesmo a torná-la feliz", "como pode saber?… Isso só eu sei…", "por favor… por favor…", "sim, Filipe, só eu posso saber se é o homem que vai me fazer feliz ou não… vivemos muitos equívocos, eu compreendo, quantos erros cometemos, eu mais que você… mas os maus dias acabaram", "os maus dias nunca terminam para mim" disse, os nervos à flor da pele, "não, Laura, eu não posso… não vê que não posso?" Sentia uma última vez seu corpo junto do meu, o cheiro que vinha dele, o calor de febre em sua fronte pousada no meu ombro, falávamos muito rápido, frases entrecortadas pela aflição que nos dominava. Quanto tempo ficamos naquilo? Quanta coisa confusa dissemos um para o outro? Quantas vezes tive de repetir as mesmas coisas? Por fim ela pareceu resignar-se, "então não me quer mais" ela disse junto ao meu ouvido, a cabeça ainda reclinada em meu ombro, "eu tenho o quadro, tenho o seu retrato, é tudo quanto posso ter de você, tudo quanto mereço… e não me lamento: já é tanto, tanto…"

Afastei-a de mim. Em nenhum momento nos beijamos.

"Peço apenas que me perdoe" e, esgotado, deitei-me.

— E ela o perdoou… E depois, foi embora…

Filipe respirou fundo. Parecia abalado.

— …E o quadro está incompleto… quem diria!… — eu comentei, examinando ainda uma vez o retrato de Laura.

— Nos últimos dias, diante das mudanças ocorridas com Laura, a doença que a abatia, a iminência da morte, meu próprio estado de des-

vario, eu ficava retocando e retocando o retrato em detalhes mínimos e imperceptíveis que só eu, devido à minha exaltação nervosa, era capaz de perceber. Espalhava camadas mínimas de tinta aqui, ali, acrescentava um ponto de luz, atenuava uma sombra, enfim, coisas que só um olho treinado veria. O retrato, qualquer um diria estar acabado, menos eu, e quando naquela tarde, receando a morte de Laura, decidi parar, fui dominado por uma sensação medonha de incompletude que só depois de muito tempo atenuou-se. Ainda hoje, olhando-o, sinto que alguma coisa, qualquer coisa que não consegui captar e não sei definir, falta, mas é uma sensação apenas minha.

— Deve ser, pois não percebo o que possa ser modificado nele.

— Ninguém é capaz de perceber… no entanto, eu sinto que falta ainda alguma coisa… alguma coisa que não alcançarei nunca, porque, enfim… eu não poderia tocar nele outra vez…

— Talvez o que falte… seja a presença dela ao seu lado… o senhor a viu de novo? Soube dela? Ela viveu… morreu?

Filipe espreguiçou-se, deixando os pincéis em cima da mesa. Foi até a janela, olhou para fora.

— Minha vida voltava a ser a de um vagabundo como sempre — disse depois de um minuto —, não reapareci nos mesmos lugares que ela freqüentava, e mesmo quando fazia uma nova exposição minha permanência no local era pouca ou nenhuma. Continuei durante algum tempo, um ano talvez, naquela cabeça-de-porco, e um dia saí de lá sem deixar notícias sobre meu novo paradeiro. Até o Castrinho perdi de vista…

— Mas Laura, que foi feito dela? — insisti.

— Laura recuperou-se. Teria morrido se eu não parasse a tempo com aquela loucura, era obstinada e mesmo sabendo que adoecia sentia-se devedora e sacrificaria a vida por causa disso. Mas recuperou a saúde, soube pelos jornais que tempos depois se casou: apanhou um herdeiro rico como era seu sonho e ambição do pai. Passados alguns meses, nova notícia nas colunas sociais dando conta de que se mudavam para a Europa, e mais um sonho seu realizava-se: viajaria, conheceria o mundo. Depois não soube mais nada. Enfim, um final prosaico para uma quase tragédia.

Filipe terminara seu relato. No entanto, por mais que tentasse disfarçar, percebi em sua voz uma entonação de amargura.

— Mas não era ódio — eu disse.

Ele parou de pintar. O braço descaiu.

— Não era ódio — repeti —, ainda era amor — e apontei o retrato.

Seus olhos estavam vermelhos.

Assombro

"Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar."
(**Edgar Allan Poe** — *O Gato Preto*)



amanhecer não devia tardar, a madrugada avançara muito e a constelação do Cruzeiro, aparecendo numa fenda entre massas de nuvens pesadas que recobriam vastas áreas do céu, já se punha detrás dos montes, a oeste. No horizonte percebia-se uma vaga claridade, prenúncio talvez do novo dia. Não sei como fora parar no terreiro àquela hora, mas o fato é que eu fora até lá e, confuso, olhava a casa onde tantas coisas terríveis vinham acontecendo, detrás de cujas portas e janelas fechadas não se via qualquer sinal de luz. Tudo estava às escuras: a casa e o mundo, mas não se podia dizer que não havia luz porque, proveniente de uma fonte que eu não conseguia identificar, uma luminosidade se difundia pelas encostas (talvez houvesse um luar oculto que, através de uma certa transparência das nuvens, avançava, derramando-se dramaticamente sobre a paisagem. Eu refletia sobre isto um tanto perturbado, tentando explicar essa luminosidade, pois nos dias mais nublados, quando nenhuma porção do céu é visível, ainda assim vemos a claridade do sol, o que significa que ela atravessa as camadas de nuvens devido a essa mesma imperceptível transparência; um ou dois dias antes havia chovido forte e o céu se cobrira de nuvens de tal forma densas que dentro de casa era preciso acender o lampião caso quisesse ler um livro, no entanto de nenhuma forma se diria "é noite", mas sim "é dia", e não apenas por sabermos pela hora ser dia, mas porque apesar de tudo a luz do sol conseguia atravessar a enorme espessura das nuvens) —; uma luz, portanto, se difundia pelas encostas, desfazendo um pouco a escuridão, e caindo sobre as paredes brancas da casa tornava-a por um momento uma imagem quase irreal como que a dissolver-se aos meus olhos e reconstruir-se após, quando eu já me recuperava da surpresa. Eis diante de mim a casa com suas janelas e portas escuras, mas as paredes esbranquiçadas a se destacarem na noite sugerindo sortilégios e mistérios que eu não poderia penetrar. Eu já me convencia de haver alguma coisa errada naquilo — no fato de não lembrar como chegara até ali; naquela luz que de um momento para outro

surgira desfazendo o espesso negrume da madrugada; nas paredes da casa que sob essa luz semelhavam uma aparição — quando de súbito a porta da frente se abriu e diversas pessoas começaram a sair, empurrando-se apressadas e aos borbotões, rindo às gargalhadas como se não estivessem em seu perfeito juízo; a quietude da madrugada fora rompida e a noite enchia-se daquele riso medonho provocado sabe-se lá pelo quê, enquanto as pessoas se espalhavam pela varanda e, em seguida, desciam para o terreiro, passavam por mim ignorando minha presença e rumando para a estrada, onde desapareciam a caminho de Pilar. Tal acontecimento deixou-me perplexo: quem era e o que fazia ali aquela gente, se até o momento em que eu me recolhera estávamos em casa apenas seus moradores? Entre a multidão que saía, pois se tratava de uma multidão, avistei alguns conhecidos: Eliete e a irmã, o pároco, Rufina também aparecera muito suada à porta estrondeando como os demais um riso muito agudo que chegava a fechar-lhe os olhos, e atrás dela apareceram o Cardeal e seus irmãos. Não avistei a pupila, e apesar de confuso com o que via, passei a procurá-la tanto entre os que já se afastavam em direção da estrada quanto entre os que ainda saíam pela porta da frente — mas não a avistei entre eles. Aos poucos, porém, esta cena histriônica começou a me parecer menos cômica e mais assustadora, pois todas aquelas pessoas gargalhavam enlouquecidas — todas gargalhavam — mas nenhuma sorria, em nenhuma pude notar o menor sinal de felicidade. Por que ninguém sorria? Por que não se notava contentamento naqueles rostos congestionados pelo riso? Fazendo-me tais perguntas, ocorreu-me o quanto pode ser terrível alguém rir sem estar feliz, pois então o que é o riso senão um ludíbrio? (Não deixei de lembrar-me, nesse instante, da idéia defendida pelo Coronel de que o mal pode ser praticado como punição contra si mesmo, isto é, que ao entregar-se a práticas maléficas poderia alguém passar por tal padecimento que nele encontraria expiação. Tal idéia, por certo diabólica, não teria algo em comum com essa outra que me ocorria diante daquela multidão que gargalhava, mas em cujos lábios não se via nenhum sorriso? Pois não se nota aí uma contradição similar em ambas, uma contradição que ao mesmo tempo funcionaria como uma coadunação, isto é, que aquele que fosse capaz de sentir tal repulsa pelo mal e a ele entregar-se para receber sua punição seria também capaz de rir de tudo, mas de jamais sorrir?) Senti meu coração oprimido por esse pensamento, e da perplexidade passei ao medo quando vi, do meio da multidão que gargalhava, alguém que eu não conhecia — e que não saberia descrever com precisão, se homem ou mulher, se adulto ou criança — destacar-se e aproximar-se de mim, sorrindo-me. Eis enfim um sorriso, um único e terrível sorriso que menos que as gargalhadas eu podia compreender, agora

que a confusão se tornara maior. Enchera-me de pavor — e não sei explicar bem por quê — aquele sorriso que nada tinha de especial: era tranqüilo e amistoso, um sorriso de irmão, ou de filho, que no entanto fazia-me estremecer porque, além do mais, sobressaía a nítida cárie dos dentes! Intimidado, recuei sem desviar os olhos daqueles lábios que agora obliteravam a insanidade da gargalhada geral, continuei recuando devagar e, sem perceber, aproximando-me do barranco… então caí…

E sentei-me na cama, molhado de suor.

Fora um sonho: eu não estivera no terreiro, não vira nenhuma multidão sair da casa rindo a bandeiras despregadas; nada — nada daquilo fora real. Ainda impressionado, levantei-me e puxando uma cadeira para perto da janela, que havia deixado aberta, passei a espiar a noite. Havia luar, fora estava claro e podia mesmo distinguir com precisão os limites entre os montes próximos e as cadeias montanhosas pouco a pouco mais distantes.

Vez em quando ouvia o vento sacudir as árvores embaixo, em volta da capela, podia ouvi-lo ainda mais longe, no arvoredo que revestia as encostas; depois fazia silêncio outra vez. Pensando no sonho, não conseguia atinar com seu significado — se é que teria algum. Mas meu pensamento voltou-se então para os novos (ainda que temporários) moradores das Oliveiras.

Estavam enfim reunidos os três irmãos: o Cardeal, o Marujo e o Coronel. Que pretendiam? Quais seriam seus planos? Como terminariam aqueles dias que eu suspeitava perigosos?

Os acontecimentos que se seguiram têm, relembrados hoje, o sabor de lenda, de uma história fantasiosa dessas que se inventam para contar à meia-noite à roda das fogueiras numa espécie de desafio ao bom senso. Será preciso interromper aqui e ali a narrativa para interpolar episódios e retomá-la em seguida, juntando os pedaços, até formar um conjunto no qual se vislumbre um nexo, ainda que não se possa falar propriamente de nexo entre acontecimentos tão díspares: vi-me direta ou indiretamente envolvido em todos eles, mas cada um de nós nas Oliveiras parecia pouco a pouco desligar-se dos demais, isolando-se em setores particulares e impenetráveis onde encontrariam seu próprio fim — fim para o qual, com maior ou menor participação, contribuí acabando também por destruir-me; inda que mesmo hoje não consiga atinar com que outra conduta pudesse ter tido, não digo "ah se eu tivesse feito isso ou aquilo!", e não o digo porque não havia outra coisa a fazer. É certo que eu andava com os nervos um tanto desarranjados, não doido varrido, mas com o juízo, digamos, fora do lugar, o que, se não justifica as atitudes que tomei, pelo menos até certo ponto pode explicá-las. Imagino às

vezes que se eu tivesse retomado os caminhos da Igreja e seguido seus princípios, se eu tivesse dado lugar à fé em meu coração, o rumo dos acontecimentos — quem sabe — teria sido outro, não tão escabroso talvez, pelo menos para mim (pois se um ao menos escapasse de tal inferno nem tudo estaria mal); mas o que significariam a religião e a fé naqueles dias, quando já não tinha crença nenhuma, essa que gostaria de recuperar e que ainda hoje enfrenta dentro de mim uma aridez que julgo incurável?

Primeiro quero falar de uma nova visita que Eliete me fez.

Estávamos em junho, portanto cerca de três ou quatro semanas depois daquele almoço em família — o único de que participei, pois ainda que o Cardeal às vezes se referisse ao comparecimento de todos para o almoço ou para o jantar, nenhum de nós voltou a se preocupar com isso, de forma que não estivemos mais reunidos, cada um comendo à hora que bem entendia e ostensivamente evitando encontrar-se com os demais à mesa —; estávamos, portanto, em junho quando fui procurado nas Oliveiras por Eliete, sozinha, com o filho nos braços. Chegara pela manhã, por volta das dez horas, mas recusara-se a entrar: enquanto Rufina fora ao meu quarto chamar-me, ela permaneceu na varanda andando de um lado para outro e embalando a criança. Irritou-me vê-la: não só não a queria rever, como me transtornava mais ainda saber que já se tornara mãe de um filho meu e que me procurava sabe-se lá com que intenções. Fiquei por um momento espiando-a pela fresta da porta entreaberta: ia de um lado a outro, muito atenciosa com o bebê, ninando-o compenetrada de sua nova condição. Que ímpetos tive então de sair à varanda e atirá-la escada abaixo, experimentando com certo gozo vê-los cair, Eliete e o filho que, com um pouco de sorte — eu pensava —, arrebentaria a cabeça na quina de algum degrau. Contive-me, porém, refletindo que eu não deveria estar no meu juízo perfeito ao sentir prazer com essa antevisão (e de novo perseguia-me a idéia exposta pelo Coronel, tendo-me horrorizado o fato de que naquele caso o Mal seduzia-me de forma diferente, pois propiciava-me gozo pensar nele; ora, se eu tivesse feito o que me sugerira o pensamento, sentiria prazer, ainda que por um breve instante, e assim sendo — e essa conclusão assombrava-me ainda mais — eu não poderia contar com a redenção, mesmo que tivesse mil anos de arrependimento a padecer). Eu estava certo de que jamais faria aquilo — não me tornara, afinal, um criminoso capaz de tal gesto —, e horas mais tarde era mesmo com certo sentimento de remorso que me lembrava de meu impulso inicial ao avistá-la, e do prazer que por um breve momento experimentara. Naquela hora, porém, tudo que mais queria era vê-la pelas costas o mais rápido possível; para tanto, deliberei tratá-la com rudeza a fim de desiludi-la e des-

cartar-me logo de sua presença. Foi, portanto, com má catadura que apareci na varanda.

— João! — ela exclamou ao ouvir meus passos. Fez um movimento em minha direção mas conteve-se, ensaiou um sorriso que logo se congelou em seus lábios (observando-lhe algumas cáries ainda pequenas nos dentes da frente fiquei furioso, e minha cara deve ter-se tornado pior). Por fim Eliete deu um passo para mim, sorriu com certa timidez e disse, estendendo-me a trouxa: — Seu filho…

Mas eu não lhe dei atenção: passei ao seu lado e fui debruçar-me no parapeito no outro extremo da varanda. De lá, sem encará-la, perguntei:

— Que veio fazer aqui?

Desconcertada, Eliete baixou a cabeça, fingiu ajeitar a trouxa onde o bebê choramingou um pouco. Respondeu por fim:

— Vim para… pensei que…

— Fale logo. Estou ocupado.

— Pensei que você quisesse saber dele… isto é, dela, de nossa filha…

Balancei a cabeça. Não me deixava comover com sua atitude servil, pelo contrário, tal atitude tinha o poder de irritar-me ainda mais contra ela.

— Como vê, não posso interessar-me… como poderia interessar-me? Ora que estupidez pensar que…!

— É sua filha, afinal! — ela exclamou, ressentida.

Respirei fundo, bufei. Bati os pés. Deixei escapar, depois de dois ou três segundos:

— Lamentavelmente!

Eliete aproximou-se de mim.

— Não quer ao menos…?

Mas como eu me mantivesse quase de costas para ela, apoiado no parapeito, Eliete deteve-se a um passo de distância e não se arriscou a insistir para que eu visse a criança. Na verdade eu não tinha a menor curiosidade, não desejava vê-la e dizia comigo mesmo que o melhor seria que tivesse nascido morta, "e se a mãe tivesse morrido junto seria ainda melhor".

— Tudo que eu queria… era que você… e eu… — ela gaguejou, com a voz trêmula, como se fosse chorar.

Então eu explodi, não dominando mais minha irritação:

— Queria o quê, Eliete? Que eu me casasse com você? Que a trouxesse para viver em minha companhia? Que a amasse, e amasse essa criança? Que tudo fosse um "céu aberto" para nós?

Ela me olhou a princípio com surpresa e mágoa, mas à medida que minha irritação se tornava mais visível, que minhas feições se congestionavam, a surpresa e a mágoa transformaram-se em receio, depois em pavor.

— Será que você não se dá conta da realidade?… Por que não vai embora e não se esquece de vez do caminho das Oliveiras?

Diante da minha fúria Eliete recuou alguns passos. Continuei encarando-a com um ódio que se tornava concreto à minha volta, seria palpável aquele sentimento se eu estendesse a mão para tocá-lo!

De onde provinha meu ódio contra ela? Por mais que procure um motivo, não é fácil encontrar um, nem tão simples explicar tal sentimento. Seria causado pelo amor inútil que sentia pela pupila? Nesse caso o que eu procurava era uma forma de desforrar em alguém meu insucesso amoroso, e quem mais à mão para sofrer tal desforra? Mas essa explicação não é suficiente, porque naquele exato instante nem ao menos pensava na pupila e no que sentia por ela. Minha frustração estaria, sim, por trás daquele ódio que me fervia por dentro, do que porém eu não sabia, valendo-se de elementos menores para fazer-se sentir. Que elementos seriam esses? A fraqueza de Eliete? Sua submissão? Sua persistência frouxa — conquanto soe contraditório falar em fraqueza e persistência? É possível que se naquele momento ela avançasse contra mim e me esbofeteasse, demonstrando o mesmo ódio e com isso uma força que eu não podia esperar dela; é possível, portanto, que eu recuasse, que até concordasse em segurar nos braços a criança, em sentar-me na varanda junto dela, aplacado, e conversar, em ouvi-la e quem sabe fazer alguma promessa. Sua humilhação, porém, sua submissão pareciam-me intoleráveis.

Eliete baixou a cabeça. Esteve assim por alguns segundos, depois ainda de cabeça baixa fingiu mexer na manta que envolvia a criança, ajeitá-la melhor, para disfarçar seu desapontamento. Encarando-a ainda e com as mãos nos quadris numa atitude de decisão, passei a observá-la, chamando-me a atenção a linha perfeitamente reta de seus cabelos divididos ao meio, presos atrás em duas mechas. Não sei explicar por que aquela linha reta, que lhe deixava a nu o couro cabeludo, açulou-me o ódio que sentia e a custo controlei meu ímpeto de avançar e bater-lhe com quanta força tivesse. Controlei-me mas sorri, perverso, e Eliete levantou o rosto dando com o meu sorriso. Não deve ter percebido o que se passava comigo, apesar de minhas feições na certa exprimirem o Mal: apenas pareceu confusa, de novo baixou os olhos e caminhou para o portão. Parou no primeiro degrau e continuou ali por algum tempo, talvez a esperar que eu a chamasse. Olhando-a nessa posição uma nova onda de ódio quase fez com que eu me atirasse contra ela: poderia dar-lhe um pontapé nas costas então, ela perderia o equilíbrio mas antes de cair quem sabe não rodopiaria sobre si mesma e ainda teria tempo de olhar-me com espanto! Imaginei-a batendo contra o calçamento embaixo, levantando-se um tanto aturdida e assustada porque a criança tam-

bém teria batido nas pedras — sim, eu pensava, a criança resvalaria de seus braços e bateria a cabeça contra a quina do degrau, rachando-a com um barulho fofo feito um melão maduro quando cai, plof! "Nem chegaria a chorar" eu pensei, "morte instantânea", e tal pensamento aprazia-me por antever o desespero de Eliete diante da filha morta. O que aconteceria depois?, eu me perguntava olhando-a ainda de costas no primeiro degrau, o que viria a seguir?

Nada disso, porém, aconteceu: a criança não resvalou dos braços que a sustinham para rachar a cabeça contra a quina do degrau com aquele barulho fofo que eu imaginara, Eliete não caiu, eu não lhe chutei as costas… Tudo não passou de um ímpeto, um momento terrível mas breve: ela desceu para o terreiro, olhou-me outra vez mas não disse nada: olhou-me e foi embora.

Fiquei parado no mesmo lugar, de olhar fixo para onde ela estivera alguns minutos antes como se ainda pudesse vê-la; só depois de algum tempo reassumi o controle sobre mim mesmo, e tomado de repentina fraqueza caí sentado num banco. Afundei o rosto entre as mãos desejando a morte, suplicando a Deus em pensamento o alívio de uma lágrima, mas continuei vivo e com os olhos bem secos.

(Cumpre observar que é apenas aparente a contradição entre o que descrevo por último neste parágrafo e o que disse mais acima, acerca de um outro caminho que eu poderia ter seguido naqueles dias, ou seja, o da religião. Meu pensamento em Deus era apenas circunstancial, despido do misticismo revelador da fé; pedia a Deus um alívio sem esperar obtê-lo, e se depois eu me via no mesmo estado de antes não atribuía o insucesso a Deus ou à sua indiferença, ou mesmo à sua inexistência, que então, conquanto não pensasse nestes termos, parecer-me-ia plausível se me pusesse a cogitar a sério sobre essa questão. Eu havia então me afastado por completo dos caminhos de Deus e a fé gelara em meu peito, e mesmo nas poucas vezes em que procurara padre Elpídio na igreja de Pilar durante as últimas semanas, fizera-o apenas para falar a uma pessoa de bom coração, reto e puro, em quem pudesse ter confiança, o que não encontrava entre as paredes das Oliveiras, já que mesmo Rufina, a boa Rufina, parecia-me incapaz de compreender o que se passava comigo. Eis, portanto, o aspecto curioso do meu estado de irreligião: ainda que naquela época eu estivesse distante de Deus e a fé já não sobrevivesse em meu coração, assim mesmo eu ia à procura do padre, às vezes, e com ele tinha uma ou outra entrevista como descrevi no início de outro capítulo, porque na confusão que se formara em minha cabeça parecia-me, apesar de tudo, que só alguém que professasse com pureza a fé cristã seria capaz de trazer-me ao espírito o conforto e a paz de que tanto necessitava.)

— Por que não a destrói?

A pergunta e a voz que a pronunciara soaram uma coisa só: fizeram-me despertar, erguer o corpo, dar acordo de mim. O Marujo, à porta, olhava-me com malícia. Percebendo-me abismado, como se não o tivesse compreendido, repetiu:

— Sim, por que não acaba com ela?… Está claro que a detesta, pois do contrário faria dela sua mulher. Para ver-se livre de tal incômodo de uma vez por todas, destrua-a, destrua nela quaisquer esperanças.

Continuava olhando-o com ar de confusão, a indagar ao mesmo tempo o que ele pretendia e de que modo eu poderia fazer o que ele me aconselhava.

— Vejo que o mano padreco tem razão quando diz que você age, ou reage, às vezes como um perfeito idiota. Diabos! O que há com você, que não dá acordo de si? Será que não entendeu o que eu disse?

— N-não é isso… eu… é que…

— Ouça bem: uma mulher, quando pega no nosso pé e queremos ver-nos livre dela, é preciso ser humilhada, envergonhada publicamente, ferir seus brios se ela tiver brios, usar de todos os recursos. Ela não lhe dará sossego. Portanto é preciso agir.

— Mas… como?… Não sei bem… é que eu e ela…

— Ama-a? — ele perguntou, plantando-se diante de mim.

— Não — respondi.

— Pretende casar-se com ela?

— Não!

— Então livre-se dela. É só. É simples.

— Diga-me como?

Então vi aquele sorriso que ainda não lhe vira nos lábios: um sorriso mau; mas virando as costas, sem responder, saiu da varanda. De novo sozinho, e sem suspeitar de que estava prestes a cometer novo crime (embora por crime deva-se entender alguma ação vil, de uma repugnante torpeza), fiquei matutando de que forma Filipe poderia ajudar-me.

A vida nas Oliveiras mudara muito desde o começo do ano. Os acontecimentos descritos foram suficientes para, no decorrer de alguns meses, fazer de mim alguém em estado de constante sobressalto. A presença da pupila, por quem me apaixonara, transtornava-me, pois não apenas não era correspondido como ela tampouco parecia perceber esse sentimento, embora já o tivesse deixado claro uma ou duas vezes. Tal paixão tinha o poder de despertar um sentimento oposto em meu coração, ao lembrar-me dos meus amores incipientes, em especial do meu extinto namoro com Eliete, cuja maternidade parecia-me odiosa —

tanto mais quanto mais eu pensava que tomara parte nela. A chegada dos irmãos do Cardeal trouxe novidades, mas não amenizou a situação, de tal forma que, ao visitar-me com a filha nos braços, Eliete encontrou-me num estado de perturbação tão exacerbado que eu pouco a pouco sentia perder o domínio sobre mim mesmo, e o ódio que lhe tive, ainda que em parte se devesse à minha frustração com a pupila, devia-se também ao meu crescente descontrole nervoso.

Filipe continuava trabalhando no painel do "Juízo Final" e afirmando que, ao dar a última pincelada, seria tão perfeito que eu ouviria o soar das trombetas. Passou a trabalhar quase sem interrupção: comia o que apanhava na cozinha num e noutro intervalos, e em certos dias não punha nada na boca. Eu, às vezes, ia espiá-lo, e o que via me assustava: o homem, como que dominado pela idéia do quadro, não olhava para os lados, não interrompia um instante o trabalho a não ser para apanhar um recipiente com tinta, um ou outro pincel, ou um trapo com que limpar alguma área da pintura que não o satisfazia para repintar em seguida, e assim por diante. Em seu rosto comecei a perceber uns sinais a princípio pouco claros, mas depois mais evidentes, se não de loucura, pelo menos de algum tipo de desarranjo nervoso.

Filipe trabalhava dessa forma por vários dias seguidos e, não raro, se eu lá entrasse à noite, ou de madrugada, via-o pintando à luz de várias lamparinas, como se a pouca luminosidade não o atrapalhasse e também como se não precisasse dormir (na verdade dormia pouco, cochilava uma ou duas horas nos momentos de maior exaustão para acordar e continuar pintando). Então parava: e nos dias em que permanecia distante do painel transitava inquieto pelos cômodos, mal humorado ia de um lado a outro sem saber que fazer, por fim ia sentar-se na varanda onde se aquietava por várias horas, os olhos parados, não sei se pensando, não sei se de todo inerte. Vendo-o assim, imaginei que estaria descansando, reunindo forças para retomar a pintura. Mas não demorei a perceber que havia alguma coisa na casa capaz de desviar sua atenção do trabalho: certa manhã ao entrar sem ruídos na sala notei-o observando com atenção a pupila, que como de costume lia desatenta do que se passava à sua volta, sentada numa cadeira de balanço. Filipe, de costas para a porta, não me viu, e assim eu pude vigiá-lo, e com cuidado para não fazer nenhum barulho abaixei-me atrás de um móvel numa posição que me permitia vê-lo sem ser visto. O Marujo esteve espreitando a pupila um bom tempo, até que caminhou sem pressa em sua direção, parando ao lado da cadeira de balanço. Tampouco então a pupila mostrou percebê-lo ao seu lado, continuando com a atenção voltada para a leitura; mas quando Filipe movimentou a mão num gesto de carícia em seu rosto, deu sinal de vida: reclinou um pouco a cabeça

sobre a mão que a acariciava, moveu-a devagar ao ritmo daquele gesto. Nesse momento, sem poder conter-me mais, levantei-me e apressado saí da sala; não evitei ruídos desta vez, e notando que haviam chamado a atenção sobre si, penso que Filipe afastou-se e Giovanna retomou a leitura — ou, ao contrário, ter-se-iam beijado? Não sei, pois não estava mais lá para ver.

A casa pareceu recuperar sua rotina.

Durante o dia, os irmãos quase não se viam; falavam-se à hora do almoço e depois cada um se ocupava com seus afazeres: o Cardeal, sempre na biblioteca, lia aquele livro — o mesmo — que eu já vira sobre a mesa e cujo assunto ignorava por estar escrito em latim; o Coronel costumava sair, passar fora o resto do dia, cavalgar pelas redondezas e só regressar à tarde, e Filipe permanecia no salão, pintando. À noite se reuniam na biblioteca onde se punham a jogar cartas como passatempo. Filipe interrompia às vezes o trabalho para participar do jogo, mas nunca se demorava.

Se menciono esse jogo de cartas é porque teve influência decisiva no curso dos acontecimentos. Eu às vezes, ao passar para meu quarto, detinha-me um pouco no corredor para escutá-los, pois costumavam conversar durante as partidas; minha curiosidade sobre o que diziam logo esfriou, discutiam banalidades que de forma alguma podiam interessar-me, e assim, depois de alguns dias deixei de bisbilhotar suas conversas e ao passar pela biblioteca seguia direto para meu quarto. Uma noite, porém, uma frase do Coronel me chamou a atenção:

— Este jogo está se tornando maçador. Talvez devêssemos apostar algo mais do que apenas níqueis.

— Talvez devêssemos apostar nossas almas — propôs o Marujo em tom de galhofa.

— Apostar a alma está fora de moda — retrucou o Coronel —, além do mais não resultaria em proveito de ninguém. Que é que eu posso fazer com a alma de vocês dois, se eu ganhar a aposta?

— Nunca se sabe — continuou o Marujo, brincando.

— O que o meu caro irmão propõe que apostemos? — perguntou o Cardeal.

— O que for mais importante para cada um de nós.

— Não creio que tenhamos coisas muito importantes a arriscar — contestou o Marujo. — A mim, interessa-me apenas minha pintura, mas isso não é coisa que se aposte.

— Quem sabe! — tornou o Coronel, que passou a explicar sua idéia: quando alguém aposta algo que lhe é muito caro, fará grande empenho em ganhar, tanto maior quanto maior o valor da moeda em jogo. Se cada um apostasse algo muito valioso para si, ainda que essa

aposta fosse apenas simbólica, a disputa passaria a ter um interesse capital pela simples possibilidade de perder-se coisa tão importante.
— Há um quadro no salão — disse o Coronel a Filipe — que parece ter um significado especial para você. Aposte-o. Quem sabe não conseguirá mantê-lo?

— E que tem você para apostar? Possui alguma coisa tão valiosa? E o mano padreco, terá algo a botar na mesa?

— Eu — disse o Coronel — ponho na mesa a memória de Noní.

Não houve resposta às palavras do Coronel, como se o que ele dizia lhes causasse grande surpresa. E assim era, porque depois de um momento o Marujo perguntou:

— E de que vale isso? Que poderemos fazer com a memória dessa garotinha?

— Será algo ao menos importante para você, caro irmão? — o Cardeal indagou.

— Pelo menos estará sempre presente em mim — disse o Coronel. — Eu disse que a punição para o Mal é cometê-lo quando ele nos repugna…

— Não me parece que você seja um grande exemplo, Rodrigo — o Cardeal contestou.

— Não pretendo ser — respondeu o Coronel —, mas não estou feliz por ter apontado minha arma contra aquela criança… ainda que o fizesse quando menos para arrepender-me depois.

— Mas a memória de alguém não pode servir como moeda de aposta — disse o Marujo. — Digamos que eu perca: terei de entregar meu quadro, um quadro muito valioso por sinal, saiba que já me ofereceram pequenas fortunas por ele; mas se você perder, o que entregará?

O Coronel, sem responder, levantou-se e saiu. Não percebeu minha presença junto à porta, e eu achei por bem afastar-me mais para o fundo do corredor para não ser visto quando ele voltasse. Minutos depois entrou outra vez na biblioteca: tinha nas mãos uma pequena caixa de madeira. O que haveria nela? Aproximei-me da porta da biblioteca e espreitei, arriscando-me a ser descoberto.

— Eis o que estou apostando — disse o Coronel abrindo a caixa.

De dentro retirou a cabeça ressequida de uma criança, pondo-a em cima da mesa.

— Puh!… — exclamou o Marujo. — Oh, mano, por favor!…

— É uma espécie de amuleto — disse o Coronel. — Esta é Noní, carrego-a comigo como lembrança e expiação do meu crime. Sim, mano Agostinho tem razão, não sou nem pretendo ser um exemplo… não costumo me penitenciar dos males que já pratiquei… mas isto foi excessivo, até mesmo para alguém como eu.

— E é num jogo que quer se livrar de suas assombrações? — disse o Marujo.

— Livrar-me desta assombração — replicou — será torná-la maior, mais terrível. Bem vêem o que estou arriscando.

O Coronel, e eu não tinha a menor dúvida, era um homem perverso. Dera provas disso ao nos relatar seus feitos e suas idéias durante aquele "almoço em família", e como o fizera sem grande, ou, melhor dizendo, sem qualquer demonstração de contrição, pode-se avaliar meu espanto ao vê-lo falar em arrependimento por ter atirado em Noní, surpresa maior até do que saber que ele havia guardado numa caixa sua cabeça mumificada, para ter sempre próxima sua lembrança.

Neste ponto, faço uma pausa para referir um episódio indispensável para o curso da narrativa e para compreender melhor esse homem estranho que era o Coronel.

Depois daquele "almoço em família" procurei evitar sempre que possível não só a presença do Cardeal, mas também do Coronel, com quem logo antipatizara, antipatia tornada maior depois de ouvi-lo durante aquele almoço. Mas apesar dessa antipatia, o Coronel não me importunava, aliás nem se dava conta da minha presença na casa, e não parecia interessado em nada a não ser nos longos passeios a cavalo que fazia quase todos os dias (como eu em outros tempos; soube depois que às vezes durante tais passeios ia a Pilar, onde se divertia bebendo e pagando bebida para os freqüentadores dos botequins).

Foi numa dessas saídas do Coronel que entrei em seu quarto certo dia pela manhã, prevendo que ele demoraria a voltar.

O quarto era um dos mais isolados da casa, e a princípio nada parecia haver de extraordinário nele depois de o Coronel ter-se instalado. A cama estava arrumada, os lençóis esticados e o travesseiro no lugar, sinal de que seu ocupante era uma pessoa metódica e disciplinada; defronte, sobre uma pequena cômoda, viam-se alguns objetos de uso pessoal além de uma lamparina. Num dos cantos havia um cabide para várias peças, onde vi penduradas algumas camisas. No recosto de uma cadeira o Coronel tivera o cuidado de pendurar umas calças para que não amarrotassem, e embaixo da cama descobri duas malas de tamanho médio. Aquelas seriam todas as suas coisas? Teria ele tão poucos trastes? O que havia ali que sugerisse o homem de ferro que ele parecia ser? De repente tudo aquilo me pareceu absurdo: eu devia estar perdendo o juízo, não era possível que coisas tão fora do comum estivessem acontecendo: eu me enganara a respeito do Cardeal, da pupila, enganara-me quanto a todos eles, minha imaginação descontrolada talvez por algum tipo de excitação com a qual eu ainda não atinara havia criado todas

aquelas fantasias. Pois não era possível estar vivendo dias tão estranhos na companhia de pessoas tão normais. Seria de meter medo um homem que, ao sair pela manhã, deixa seu quarto em ordem, suas coisas — poucas coisas, por sinal — arrumadas com esmero? O próprio quarto — tão comum, uma cama, um cabide, uma cadeira, a janela aberta pela qual a claridade entrava assim como no meu — não seria diferente daquele, se seu ocupante tivesse o caráter que eu imaginava?

Todas essas reflexões, que para expressar gasto aqui um bom tempo e tantas palavras, passaram-me de improviso pela cabeça, e já no instante seguinte duvidava de que seriam razoáveis… Abaixei-me ao lado da cama e puxei uma das malas. Nada havia nela que me chamasse a atenção: algumas peças de roupa íntima, uns lenços, umas meias, meia dúzia de livros tratando de assuntos da caserna, e só. Repus a mala no lugar e puxei a outra, que abri também e comecei a vasculhar. Eu não sabia o que procurar, e nem ao menos saberia explicar por que decidira entrar no quarto do Coronel. Sabia, sim, que uma vez lá não sairia sem revistar seus pertences, embora sem a menor idéia do que pudesse encontrar. Nesse dia, devo acrescentar, a caixa, essa que ele exibira na mesa de jogo e na qual guardava uma cabeça ressequida de criança, não estava à vista, e não imagino onde estivesse (é possível que dentro da cômoda, que — como veremos — não tive tempo de abrir). "O mais certo é que não haja nada" eu pensava no momento em que um pequeno pacote apareceu sob umas peças de roupa. Desatei o laço que mantinha fechado o pacote, e no interior encontrei alguns papéis. "Nada de interesse" pensei, pois só havia documentos, entre os quais um certificado de ingresso na caserna, já muito velho e rasgando-se nas dobras, onde vi que o Coronel, então simples recruta, recebera o número 6 no pelotão de que fizera parte. Havia também um bem mais recente, de quando recebera a patente de Coronel, o sexto a recebê-la naquele ano, "também o nº 6" lembro-me de ter pensado sem dar de imediato com a singularidade de tal coincidência. Mas no momento seguinte sobreveio como um relâmpago a idéia: "deve haver um terceiro 6", e só então me dei conta do que estava (mas estaria mesmo?) prestes a descobrir. Minhas mãos tremeram, pois apesar de ainda ter dúvida, a idéia ao mesmo tempo me excitava e me enchia de pavor. O número 6 se referia a duas ocasiões importantes na vida do Coronel — seu ingresso na caserna e a promoção a uma alta patente —, logo deveria haver um terceiro número 6, pois, ordenando os pensamentos, parecia-me tão natural que houvesse, que muito surpreso ficaria se não o encontrasse. Repassei um a um, e com mais atenção, todos os papéis, para ter certeza de que nada me passaria despercebido, mas não encontrei nenhum registro digno de nota. "Deve haver um terceiro 6" eu insistia comigo mesmo, continuan-

do a revistar a mala. Então retirei umas peças de fardamento que havia embaixo de tudo, ao que parecia as únicas de que o Coronel dispunha, e encontrei a *faca*: aquela famosa faca referida por ele dias atrás, durante o almoço, que lhe fora dada como prêmio por sua iniciação. Ali estava a faca, e ali estava o terceiro 6: pois na lâmina podiam ver-se seis sinais, seis pequenas incisões circulares cujo significado, no entanto, eu por ora desconhecia.

Foi quando ouvi um barulho às minhas costas e num salto fiquei de pé, virando-me para a porta: à minha frente o Coronel, imóvel, olhava para mim com ar de deboche.

— Então espera as pessoas saírem para ir futricar suas coisas! — ele disse. — Mas que hábito feio!

Apesar do medo, e como era do meu temperamento nessas ocasiões, avancei um passo e atirei:

— Descobri tudo! Você tem o número da Besta!

E enfrentei o terrível Coronel, trêmulo, por certo pálido, encarando-o de frente. Senti uma ligeira tontura ao me passar pela cabeça que ele poderia atacar-me a qualquer momento, destruir-me sem que eu fizesse mais que permanecer imóvel no mesmo lugar, demonstrando uma falsa coragem. Mas o que se seguiu foi apenas prosaico: o Coronel abriu muito os olhos como se minhas palavras o espantassem e, ridículas que eram, explodiu numa gargalhada e caiu sentado na cama, começando a descalçar as botas.

— Como é? — dizia entre risos, enquanto desatava os cordões. — Você disse qualquer coisa acerca de um número…

Pregado no mesmo lugar, o medo e o nervosismo que um momento antes deixaram-me trêmulo deram lugar à vergonha, e senti minhas faces esbraseadas.

O Coronel virou-se para mim, fazendo com o rosto o trejeito de quem se contém para não rir, e em seguida soltou nova gargalhada.

— Como é mesmo essa história de Besta? — ele disse. — Conte-me, deve ser algo muito engraçado… Fale! Fale, que eu me pélo por uma boa piada…

Recuperando meus movimentos, porém, corri para a porta, escutando ainda às minhas costas suas risadas.

O Marujo, diante da pequena cabeça sobre a mesa parecia refletir sobre o que o outro dissera. Recostado, o corpo em atitude indolente, o cenho contraído, após uma pausa e sem se mover perguntou:

— O mano padreco, o que tem para apostar?

— Ora — respondeu o Cardeal —, não me parece que possua qualquer coisa de interesse, e assim…

— Possui sim — contestou o Coronel.

O Cardeal olhou para ele surpreso.

— Possui uma coisa muito valiosa — tornou o Coronel —, pelo menos presumo que seja valiosa.

O Cardeal baixou a cabeça. Parecia perturbado, como se desconfiasse da alusão. O Marujo levantou os olhos para o Coronel, que havia permanecido de pé e, recolhendo a cabeça de Noní, guardara-a outra vez na caixa.

— A pequena — esclareceu por fim o Coronel —, essa menina loira, sua pupila.

A idéia de que a Menina Vestida de Sol pudesse figurar como moeda de aposta numa mesa de jogo revoltou-me, e como ainda não haviam percebido que eu coscuvilhava sua conversa recuei na ponta dos pés até o fundo do corredor, onde fiquei um tanto atarantado, certo porém de que nada havia a fazer e, por mais indigna que fosse, eles não se deteriam em sua brincadeira de mau-gosto e o Cardeal concordaria com ela.

Naquela mesma noite as partidas começaram. Não conhecia o jogo que haviam escolhido nem compreendi as regras que nortearam as apostas, nas quais figuravam como fichas um valioso retrato a óleo, a cabeça de uma menina morta e… uma menina viva. É, porém, sumamente interessante verificar que, na verdade, apostavam-se três cabeças femininas, pois o retrato de Laura era um busto, enquanto a pupila figurava naquilo como uma simples cabeça, como se diz de uma rês, uma cabeça de gado. Como não se opusessem à minha presença, ou talvez nem dessem por ela — a princípio fiquei de longe, do corredor, onde não podiam ver-me; depois me aproximei, cheguei mesmo a entrar na biblioteca e espiar a mesa —, pude assistir às partidas mesmo sem compreender, atraído pela curiosidade.

Os primeiros jogos se estenderam por cerca de duas semanas; creio — mas não estou bem certo — que jogavam uma série de partidas antes de decidir-se quem seria o vencedor de cada uma das fichas, sendo a pupila a última a ser disputada. Será preciso acrescentar que desde o início criou-se entre os jogadores uma animosidade que, ao poucos, progrediu rumo a um verdadeiro clima de discórdia e mesmo de ódio? Não raro se levantavam em volta da mesa aos berros, com protestos e acusações de roubo, pragas e excomunhões (o Cardeal tinha esse poder, o de excomungar, que utilizava mesmo mais de uma vez, tanto que em certa ocasião o Coronel respondeu em tom de deboche que já fora excomungado pelo menos meia dúzia de vezes, e perguntou se o irmão não podia variar um pouco as punições), e penso que pouco faltou para que em certas ocasiões se atracassem. As noites de jogo tornaram-se no que parecia uma disputa entre loucos furiosos, e se deles

não resultou pelo menos uma tentativa de assassinato, foi porque de súbito terminaram.

Apesar da pertinácia com que o Cardeal e o Marujo se empenhavam nas partidas (podia percebê-lo em seus rostos contraídos, na tensão com que avaliavam cada descarte feito, no cálculo minucioso das cartas já descartadas e na expectativa daquelas que ainda iriam sair, donde presumi tratar-se de um jogo de raciocínio e não de sorte), o Coronel conquistou a cabeça da criança morta que ele mesmo oferecera e o retrato de Laura. Ao perder o retrato, o Marujo levantou-se proferindo acusações de roubo e dizendo que não entregaria coisa alguma até jogarem nova série de partidas, apenas os dois, e decidir quem de fato venceria. Não é preciso descrever a balbúrdia que se formou, igual a tantas outras que já haviam acontecido, mas quando, desistindo de discutir, o Coronel saiu da biblioteca afirmando que iria apanhar o que era seu, o Marujo o seguiu, não permitindo que entrasse no salão. Outra vez praguejaram um contra o outro, até se atracarem aos murros. O Coronel derrubou o irmão com relativa facilidade, entrou no salão e um segundo depois saiu de lá com o quadro em direção ao seu quarto.

Eu estava na porta da biblioteca e assistia à cena, espantado, quando o Cardeal, de quem me havia esquecido por alguns momentos, surpreendeu-me tomando-me pelo braço e cochichando junto ao meu ouvido:

— Ele não roubou… joga muito bem e é possível que ganhe de novo… Saiba que se isso acontecer ele vai levar a menina embora… o que é preciso evitar — fez uma pausa, pensativo. — Talvez seja necessário matá-lo — disse em voz mais baixa, um instante depois.

Mas na noite seguinte não houve jogo: nem voltaria a haver.

Nessa noite, uma sexta-feira, começaria em Pilar a festa anual em honra ao santo padroeiro. A festa iniciaria ao entardecer com uma missa, prosseguindo então até tarde com a gente do lugar reunida no pátio da igreja para passar o tempo, conversar, ouvir a banda de música e comer das guloseimas à venda nas barracas. Escutei quando o Marujo disse que não queria jogar naquela noite, pois pretendia ir à festa, pedindo que se reiniciassem as partidas na segunda-feira. O Cardeal concordou, embora o Coronel se mostrasse aborrecido com a interrupção, e o jogo foi adiado.

Alguma coisa, porém, que eu não previa, estava para acontecer…

Eu costumava freqüentar a festa do santo padroeiro de Pilar, ia todos os anos, e naquela noite, encaminhando-me para a aldeia, lembrava-me de que dois anos antes — nas comemorações de ano bom — eu era ainda o adolescente que podia ter sonhos, que se apaixonara por uma mocinha e, atrevendo-se a aproximar-se, cumprimentou-a, único recurso em meio a tantos planos e hesitações. Opondo-se a essas lembranças,

no entanto, surgia a imagem de Giovanna como a tinha visto na primeira manhã após sua chegada. Meu amor por Eliete começara a esfacelar-se antes disso; porém eu teimava em atribuir nosso rompimento à paixão nova que me desnorteara desde aquela manhã: a da visão — já não celestial, mas infernal — da Menina Vestida de Sol à mesa do café. Com esses pensamentos cheguei a Pilar e sem dar pela coisa — pois que continuava a pensar, atônito com o rumo que sem perceber dera à minha vida — misturei-me à multidão que enchia o largo da igreja e a praça em frente. Devia ser perto de dez horas. Parei a alguns passos do coreto e por algum tempo me distraí ouvindo alguns dobrados pela banda de música. Não sei quanto tempo estive distraído com a música, mas a certa altura notei a alguns passos de mim um agrupamento de pessoas que me pareceu familiar, e logo reconheci naquele grupo a família de Eliete que, como eu, distraía-se com a música. Todos estavam de costas para mim, menos ela que, no momento em que entregava o bebê à irmã, deu comigo e se deteve embaraçada, olhando em seguida noutra direção. Senti então um toque no ombro, e quando me virei vi junto a mim o Marujo, com um sorriso matreiro nas feições que, contudo, não chegava aos lábios.

— Aí está ela — ele disse inclinando o rosto para mim. — Por que não acaba de vez com essa história?

Franzi a testa numa interrogação.

— Ora, e por quê? Se não há mais nada entre nós…

— Há sim, você sabe — ele replicou —, e haverá sempre enquanto você não puser um fim ao caso.

— Não há mais nada — eu insisti.

— Ela vai voltar a importuná-lo — o Marujo tornou, inclinando-se de novo como que para falar ao meu ouvido.

— Mas olhe… até finge que não me vê…

— Mulheres! — disse ele com ar de deboche. — Estou certo de que não vai deixá-lo em paz enquanto não for drástico com ela.

— E que quer que eu faça? — tornei, baixando a voz mas acentuando-a com irritação.

Então ele inclinou-se mais para mim e cochichou qualquer coisa.

— Será mesmo preciso? — eu perguntei. — E dará resultado?

O Marujo deu de ombros.

— Mas será preciso…? — ponderei mais uma vez, titubeando ainda.

— Ora, aja como quiser — ele disse, e recuou um passo.

Então resolvi agir. Por que me decidi a isso? Que indícios eu tinha de que Eliete insistiria em perseguir-me — e, mais, de que tal perseguição podia ser perigosa — para que eu de uma vez lhe pusesse um fim? "Afinal ela não pode prejudicar-me… acabou-se entre nós, e pronto! Não

há que ter preocupação." No entanto continuei olhando para o grupo à minha frente, esperando que ela se voltasse para mim em algum momento, já decidido a ir até o fim.

Deu-se como eu previa: Eliete, que me virara as costas a pretexto de falar qualquer coisa à mãe atrás de si, olhou-me, e eu aproveitei para fazer-lhe um sinal. Não fez caso, mas a nova olhadela, novo sinal, e quando lhe fiz o sinal pela terceira vez ela se afastou do grupo alguns passos, e eu aproveitei para me aproximar. Já não titubeava, mas excitado e um tanto trêmulo agi da forma como o Marujo ditara. Eliete esperou pelo que eu tinha a dizer-lhe, mas não chegamos a trocar muitas palavras: comecei de imediato a falar alto, pretendendo chamar a atenção das pessoas mais próximas; ao perceber que todos olhavam para nós com surpresa e curiosidade, perguntei-lhe se não sentia vergonha de perseguir-me feito uma cadela tentando — acrescentei, mentindo com descaramento — impingir-me um filho que "eu nem posso estar certo de ser meu", e para culminar agarrei-lhe a cabeça com violência abrindo-lhe a boca com as mãos como se faz a um animal de quem se quer ver os dentes, e forcei-a a mostrar os seus dentes, puros no ano anterior quando eu me embebia em admirá-la, agora maculados por umas cáries incipientes.

— Vejam, todos, esses dentes podres — eu disse —, como poderia beijá-la agora?

Tal era meu estado de excitação que não atinava mais com o que acontecia. Meus atos e palavras, perdera o controle sobre eles, e era mesmo incapaz de perceber o que se passava à minha volta. Lembro-me vagamente de umas risadas, de um empurrão que me fez ir de encontro a um pau do palanque onde bati a cabeça, pancada que me deixou bastante zonzo e por fim perdi a noção de onde me encontrava: tal era a minha confusão que ao dar acordo de mim vi-me no escuro, recostado a uma árvore à beira do caminho para casa. Levantei-me apressado evitando pensar no que havia feito, conquanto me lembrasse de tudo, até mesmo do encontrão no pau do palanque. "O pai de Eliete" eu pensei revendo a cara do homem, ao mesmo tempo espantada e pesarosa ante minha atitude sem contudo fazer qualquer gesto de reação contra mim, "o pai não… os outros… sim, os outros" pois haviam sido os outros que me arrebataram Eliete das mãos e me empurraram. Ela abraçara-se à mãe, o pai acariciava-lhe os cabelos e virava para mim os olhos repreensivos, mas os outros de novo avançaram contra mim, e ainda que não se dispusessem a surrar-me gritaram qualquer coisa com as feições congestionadas apontando para fora do pátio da igreja. Eu, aturdido, não compreendia suas palavras; no entanto saí correndo, perseguido pela expressão reprovativa do senhor Germano e cheguei àquele pon-

to do caminho onde estive por algum tempo fora de mim, sem atinar com nada.

Pus-me a correr de volta para casa, porém a meio do caminho desisti, pensando em retornar à festa; mas entrando outra vez em Pilar mantive-me arredado pelos cantos escuros sem coragem de aparecer outra vez no meio do povo; aliás, durante todo o tempo eu sabia que não teria coragem para tanto, então pus-me uma vez mais a caminho de casa, andando devagar, hesitando entre continuar e retroceder a Pilar. Momentos houve em que parei e assim estive muito tempo, presa da mesma hesitação, retomando porém o rumo das Oliveiras, certo de não ser mais possível voltar ao arraial.

Chegando, parei no terreiro e olhei o casarão às escuras. Avistei nítido o vulto da casa, pois então começava a surgir detrás de umas nuvens que se desfaziam um avermelhado quarto minguante. Estremeci: tive a impressão de que no instante seguinte a porta iria abrir-se e de lá, como no sonho, começaria a sair uma multidão de pessoas rindo às gargalhadas, muitas das quais eu reconheceria… Com um gemido, levei as mãos a cabeça apertando-a com força e fechando os olhos, e quando olhei outra vez vi — o que teria de ver, pois nada mais havia para ser visto — o vulto do casarão em silêncio, como se ninguém o habitasse.

Então, ao episódio dessa noite juntaram-se as lembranças da discussão à mesa, durante aquele almoço em família, acerca da inocência, das minhas reflexões sobre a inocência ou loucura da pupila e do enigma incompleto dado pelo diabo em sua segunda visita ao Cardeal (*"Quando o anjo estiver à sombra da árvore que há no meio do jardim, e sorrir, mostrará a cárie dos seus dentes."*). A princípio o anjo à sombra da árvore parecia-me ser a pupila, de dentes puríssimos, impoluta porque inocente, mas agora surgia nessa trama Eliete, cuja cárie dos dentes significava corrupção. Contudo a solução que eu mesmo ensaiava para o enigma (após compreender que ele teria sempre uma solução diferente dadas as circunstâncias a que se aplicasse) não me parecia convincente, pois que mácula, que corrupção pesaria contra Eliete naquela história? A de ter se tornado mãe sem contar com um homem que lhe garantisse a honra, o que era frontalmente contra os hábitos de seu tempo e da pequena comunidade em que vivia? Mas está claro que nem a mim, que agira contra ela feito um canalha, tal coisa parecia razoável. Que mistério havia, portanto, naquela cadeia de deduções?

Entrei em casa apressado e corri ao quarto da pupila. Por que o fiz? A porta que o Cardeal pusera para fechar o caminho ao seu quarto permanecia aberta agora, já não havia impedimento a que eu a procurasse ali, mas desde a noite em que me fora revelada a verdade sobre ela eu

não voltara lá. O que me fez ir até seu quarto então? Seria algum súbito pressentimento? O fato é que experimentando a porta vi que não fora trancada. "Não há ninguém…" pensei, e entrei.

A pupila não estava lá. Desorientado, parei no meio do aposento e procurei identificar no escuro o ponto onde ficava a cama. Depois corri até a janela e a abri, para que o indeciso quarto minguante entrasse. Voltando-me vi com surpresa, numa poltrona junto à porta com a qual não dera ao entrar, o inconfundível vulto do Cardeal.

— Ela se foi — ele disse.

— O quê? — perguntei, atoleimado. — Quem se foi?

O vulto fez um movimento. Ajeitou-se na poltrona.

— É tarde — disse.

— Mas… por que é tarde? Quem se foi, afinal?

— Eu disse, ela… ela, não compreende?

O Cardeal suspirou.

— Ele a levou. Não se podia evitar.

— Quem a levou? — perguntei, assombrado.

— Ora, quem!… O nosso marinheirozinho a levou, eis tudo.

— Ele? Mas como é possível? Ainda há pouco o vi na festa…!

— Pois não faz meia hora esteve aqui e a levou. Partiram a cavalo. Penso que já deviam estar combinados.

— E não se podia evitar? — perguntei, furioso com a novidade. — Não era sua? Não a manteve consigo todo o tempo? Não a protegeu sempre? Até mandou pôr ali uma porta… Como não pôde evitar?

— Engana-se, garoto, não era minha. Mantive-a comigo todo o tempo, mas não a protegi também, e você sabe disso.

— …?

— Ele a levou consigo.

— Por que não pôde evitar? — insisti. — E para onde a levou?

— Há coisas que não se explicam. Tampouco sei onde eles estão. Partiram a cavalo, ouvi o tropel, é só o que sei.

— …

— Saiba que lhe fiz mais mal do que bem — disse o Cardeal.

— Ah, mas quanto a isso não tenho dúvidas…

— Teria sido melhor tê-la deixado morrer de fome pelas ruas.

— Também quanto a isso…

— Não tenha, não tenha! — gritou. — Não tenha dúvida alguma!

O Cardeal fez que ia levantar-se, mas continuou sentado, ajeitou-se outra vez na poltrona. Estaria louco?

Saí do quarto da pupila e fui para o meu. "Ele então a levou embora" dizia comigo mesmo em voz baixa, como se fosse preciso pronunciar as palavras para entender o que estava pensando. "Ele fez isso para não

perdê-la… sabia que acabaria perdendo-a no jogo, então fugiu com ela… mas aonde terão ido? E o que pretendem?"

Deitei-me, apaguei a luz, mas não consegui dormir com essas perguntas verrumando-me a cabeça. Não sei quanto tempo se passou, então escutei batidas na porta do quarto e, mesmo no escuro, pulei da cama. A batida se repetiu e ouvi a voz do Cardeal, que chamava por mim:

— João, abra!

Abri a porta e o vi à minha frente segurando uma lamparina sem combustível, prestes a apagar-se. Ele parecia assombrado.

— Ele voltou — disse, entrando em meu quarto.

Fiquei parado no mesmo lugar, apenas acompanhando seus movimentos com interesse.

— Eu vi sua sombra do lado de fora, próximo da minha janela. Quando percebeu que eu estava à janela, afastou-se.

— Mas quem…? — eu comecei. — O Marujo? — exclamei em seguida com verdadeira alegria. — Voltou? Graças a Deus! Trouxe Giovanna com ele?

— O diabo — ele disse, interrompendo-me. — Sei que ele vai aparecer para mim outra vez, qualquer noite destas… e dessa vez será terrível. A terceira vez é sempre terrível, aliás, eu já lhe falei sobre isso — e dando-me as costas foi até a janela, que abriu. Uma aragem apagou a chama da lamparina, mas o Cardeal pareceu não perceber. Deixou-a no peitoril da janela, onde também se apoiou, espiando para fora. — Das primeiras vezes ele veio confundir-me — disse então —, agora virá aterrorizar-me.

Admirado, fiquei olhando o vulto do Cardeal no vão da janela, uma sombra que a pouca claridade vindo de fora mal me permitia divulgar.

— Quem sabe não acabará com minha vida! — disse por fim, afastando-se da janela e saindo do quarto.

"Deus queira que assim seja" eu pensei, e trancando a porta voltei para a cama. Não me lembro de ter adormecido, a certa altura notei uma claridade entrar pela janela e abri os olhos, sentando-me: já era dia.

A primeira coisa que me veio à cabeça foi o episódio com Eliete na noite anterior. "Bem, está feito". Em seguida, o desaparecimento da pupila. "Ele a levou mesmo" pensei, procurando raciocinar com frieza e objetividade. "Primeiro é preciso saber aonde podem ter ido. E com que fim?… Bem, presume-se com que fim, mas… onde estarão?", e, decidido a sair o mais rápido possível à procura de ambos, preocupei-me em relacionar os lugares onde poderiam estar, embora tal decisão fosse de todo intempestiva: o que faria se os encontrasse?

Como não soubesse onde Florêncio se metera, eu mesmo selei um

cavalo e saí. (Diga-se aqui que já havia algum tempo, um semana ou pouco mais, Florêncio não era visto nas Oliveiras. Em que momento ele fora embora — se é que de feito partira —, que eu não percebi? Como veremos, a resposta a esta pergunta esclarece de forma inesperada alguns aspectos bastante obscuros da história.) Pouco antes de entrar na aldeia lembrei-me da cena que havia provocado na festa na noite anterior e sustei o passo do animal: seria visto após aquele vexame, apontar-me-iam com o dedo, quando passasse todos se calariam, observando-me, e em seguida escutaria risinhos às minhas costas, comentários apenas cochichados. Levei a mão à cabeça, no ponto onde recebera a pancada. Havia um pequeno ferimento, mas não era visível. Estive nessa indecisão por um minuto, mas em seguida a lembrança da pupila me impulsionou e fiz o cavalo avançar. As coisas, porém, não se passaram como eu temia: não fui apontado por ninguém, creio que não me notaram, e se alguém vendo-me lembrou-se da outra noite não fez qualquer comentário. Cruzei e recruzei as ruas olhando numa e noutra direção sem me ocorrer que bem pouco provável seria encontrá-los ali. Em seguida, atravessando Pilar, saí rumo ao povoado mais próximo, R***, com a expectativa de dar com eles a qualquer momento voltando de "seu passeio". Então comecei a esmiuçar a idéia desse "passeio", coisa que até então não fizera: o que teria se passado entre o Marujo e a pupila?, perguntei-me, não querendo admitir que aquele homem mundano a tivesse tocado. Mas a idéia de ambos entregues um ao outro se impunha, impossível não imaginá-lo despindo-a com vagar, envolvendo-a pouco a pouco, dando-lhe daquele prazer que até então experimentara sozinha. "Será mesmo retardada?" pensei, pois se em alguns momentos parecia-me que não, noutros não conseguia deixar de pensar que fosse. Suas atitudes estranhas — aquilo que me parecia retardamento mental — seriam decorrência da maneira como fora criada? Ou o Cardeal encontrara naquela criança apenas um objeto maleável que ele pudesse moldar e experimentar ao seu gosto, devido a uma loucura congênita? Não deixava de me parecer absurdo que ele tivesse experimentado com a pupila da maneira como me havia contado, se ela fosse uma criança — e depois uma adolescente — mentalmente sã. E assim pensando repassava a história de como a levara a explorar o próprio corpo e descobrir o prazer, e também de como a mantivera distante de outras crianças — meninas e meninos — de sua idade. "Não era normal… era doidinha desde a infância… do contrário ele não teria conseguido… pobre criança…"

Tampouco em R*** obtive qualquer informação que me levasse aos dois. Indaguei de várias pessoas, dei a descrição da pupila chamando a atenção para o fato de ter a pele clara e os cabelos muito loiros, quase

brancos!, e longos, "uma pessoa assim seria notada" respondeu-me o dono de um pequeno hotel, "se tivessem se hospedado aqui, por exemplo…". Concordei, "sim… tem razão… uma pessoa assim não passa despercebida em lugar nenhum…", e quando entrei de novo em Pilar, anoitecia.

Desci do cavalo em frente à mesma bodega onde anos antes tivera uma aventura com a Morte, ou seja, com aquele homem terrível que me obrigou a beber copos de aguardente e matou, num relance, com tiros certeiros, três assassinos que o caçavam. Haveria alguma ligação entre mim, a Morte e aquele lugar? Como eu poderia saber que me encontraria com Ela outra vez ali, e naquela noite? O que me teria feito parar justo em frente àquele estabelecimento, só no último minuto decidindo-me a apear e entrar se, tendo já desistido de continuar minha busca, resolvera voltar para casa? Depois de todos esses anos, quando os fatos já se distanciaram no tempo o suficiente para que eu pense de maneira desapaixonada sobre eles, quase sou levado a admitir que o que houve foi tão só uma coincidência — diga-se de passagem, trágica —, mas à época não pensei assim, e naqueles dias cheios de confusão que se seguiram vi-me convencido de que tal ligação existia: a Morte se manifestaria ali de tempos em tempos, e eu estaria presente para testemunhá-lo, diante do que fui tomado de tal pavor pela casa que passei a evitá-la.

Desci, pois, do cavalo e entrei. Eu queria alguma coisa? Pensava encontrar a pupila em companhia do Marujo em tal lugar? É certo que não: entrei e parei, e olhei em volta. Lembro-me de ter ouvido vozes, havia diversas pessoas, algumas próximas do balcão, outras sentadas às mesas; o cheiro forte de bebida e fumaça de cigarros enjoou-me. Apesar de haver muita gente no recinto, em especial mulheres da vida com seus fregueses (pois como o leitor deve estar lembrado, naquela bodega funcionava um bordel com quartinhos nos fundos para onde se via, vez em quando, dirigir-se um casal); assim pois, apesar de estar ali muita gente, não reconheci ninguém — não, decerto, que fossem todos desconhecidos, mas tal era meu estado de perturbação e de cansaço que não consegui reter na memória a identidade dos presentes, ainda que eu deva ter reconhecido um ou outro. Dei um ou dois passos e parei. Percebi — ou imaginei? — que todos passaram a agir com reserva, e algumas mulheres numa mesa próxima se levantaram e se afastaram na direção dos fundos. Os demais, pareceu-me que me olhavam com curiosidade, e eu os encarei também com certo ar de desafio. Ocorreu-me então que agiam dessa forma perante mim por me desprezarem, talvez até me temessem por minha ligação com os novos moradores das Oliveiras; os moços do lugar não teriam motivo algum de invejar-me depois do que eu fizera

na noite anterior, as moças já não quereriam nada comigo e as mães não me veriam como um bom partido para suas filhas. Por que pensei essas coisas naquele momento?

De repente senti que me seguravam o ombro por trás, e me virei.

O homem que me segurara pelo ombro, e que ao virar-me não reconheci, falou qualquer coisa. Em que termos acusou-me de desrespeitar uma moça de família e depois procurar diversão numa casa de tolerância? Estava de tal forma confuso que não só não entendi bem o que o homem dizia, como não esbocei qualquer resistência ao ser empurrado por ele contra o balcão; um outro que o acompanhava, e que também não reconheci de imediato, tentou interferir, mas já o que me havia segurado bateu-me com força, esbofeteou-me sem que nenhum dos presentes interviesse. O que se deu em seguida? Como descrever aquilo que eu não vi? Lembro-me apenas que num instante eu estava sendo surrado pelo homem, e no outro escutou-se um tiro e alguém caiu. O que me batia fugiu às carreiras, a dois passos de mim o Coronel (de onde ele surgira?), com aparência de embriagado, empunhava uma arma, e no chão havia um morto. A detonação fora, contudo, suficiente para acordar-me da confusão mental: o Coronel continuava no mesmo lugar com a arma na mão, em atitude de desafio, os demais contemplavam a cena num apavorado silêncio, e o homem caído parecia sem vida. Dei um passo na direção do corpo e, curvando-me um pouco, o reconheci: o Sr. Germano, pai de Eliete!

Então corri para fora, montei a cavalo e, mesmo com o risco de fazer o animal tropeçar e cair, toquei a galope para casa.

(Dias depois soube o que havia acontecido: eu fora visto entrando na bodega pelo pai de Eliete e por um amigo dele, um sujeito que eu também conhecia da aldeia. Esse homem testemunhara o ocorrido na véspera e, condoendo-se da ofensa feita por mim a uma família amiga, resolvera tomar satisfações. O Coronel, que por ali se divertia na companhia de algumas mulheres, ao ver-me surrado, para defender-me atirou contra o homem que me batia, mas como já houvesse bebido muito não teve precisão e acertou o pobre senhor Germano que, protestando contra o amigo para que me deixasse em paz, tentava arrastá-lo para fora.)

Ao entrar em casa não havia luz alguma acesa. Ainda assustado, não me preocupei em procurar uma lamparina ou uma vela: corri para cima, mas estaquei no meio da escada: à minha frente surgiu o vulto enorme e rotundo do Cardeal, que pude enxergar devido ao quarto minguante que entrava pela janela defronte mas cujo rosto eu não podia discernir. O Cardeal, no topo da escada, começava a descer: tendo já um dos pés no degrau de baixo, apoiava-se com uma das mãos ao corrimão.

— Foi procurá-la, não foi? — ele perguntou.

Continuei parado, e então me ocorreu um pensamento extravagante: se ele pisasse em falso e rolasse, esmagava-me contra os degraus, pois nem poderia esquivar-me nem segurá-lo, e muito menos teria tempo de retroceder. Continuei, porém, parado no mesmo lugar.

— Sei que foi — tornou ele —, sei que foi, mas não a encontrou… Bem sei que não. É inútil. Não a encontrará.

— Como sabe? — eu disse, ainda parado no meio da escada. — Eu bem posso tê-la encontrado…

— Não, sei que não a encontrou. E será inútil procurá-la, esses sertões são imensos, eles podem estar em qualquer lugar.

Subi um ou dois degraus e de novo parei, pois o Cardeal fez um gesto para que eu esperasse.

— Não há o que lamentar — ele disse —, nós a perdemos.

Essa frase, simples em sua aparência, teve o poder de irritar-me a tal ponto que tive de conter-me para não me atirar de socos contra aquela enorme massa de gordura, que, no entanto, ter-me-ia repelido e empurrado escada abaixo com facilidade.

— Por que diz que a perdemos? — retruquei. — Quando a tive, para que eu a tenha perdido? E ela, quando foi sua, para que também a tenha perdido?

— Oh, palavras, palavras, não servem para nada. Você gostou da menina e nada fez para tê-la…

— Desde o início o senhor deixou bem claro que eu devia manter distância dela. Até mandou levantar uma porta…

— E você levou a sério — ele disse em tom de desânimo. — Desde o início percebi que gostara dela, e…

— …no corredor. Além…

— …o que fiz foi apenas para tornar a conquista mais valiosa. Teria sido sua…

— …do mais ela é doida…

— …mas você perdeu a oportunidade que teve…

— …ela é doida, já disse, uma louquinha…

— …e agora é meu irmãozinho quem se refestela. Ah, quisera estar lá para ver…!

— Sim, ver! Ver, foi sempre isso que quis: ver, ver…

— Ver! Ah!… Você não imagina, meu caro primo, como é bom ver!… Se você também tivesse visto… Se a tivesse visto como eu vi, dar-me-ia razão agora…

— Uma louquinha! Como pôde?

— …aquela menina de nove, dez, onze anos tocando-se e rolando de prazer no tapete em frente à lareira… elevando os quadris enquanto se

acariciava, introduzindo-se os dedinhos… gemendo, gritando… e sorrindo-me como uma pequena decaída… até imobilizar-se, lassa, arfante, e assim ficar…

— Uma menina louca!

— Ela não é louca.

— Como pôde ter feito o que fez senão aproveitando-se de sua loucura e inocência?

O Cardeal soltou uma risada curta.

— Lembra-se do que disse Rodrigo outro dia à mesa, acerca da inocência?… Não há inocência, menino, não há inocência…

— Vocês estão todos doidos — eu disse, e terminei de subir a escada passando por ele, que se esquivou. Em cima, parei: — O Coronel matou um homem em Pilar ainda há pouco — eu disse —, com um tiro. Eu vi tudo. O homem ficou lá, caído…

Segui para meu quarto.

— João — a voz do Cardeal.

Parei no corredor e esperei. Depois de um momento, ele disse:

— Ele vai voltar.

— Sim — respondi, a voz apertada na garganta, pensando ainda na Menina Vestida de Sol —, depois de destruí-la…

— Não, não é aos fujões que me refiro — tornou o Cardeal, e fez uma pausa, durante a qual estive suspenso. — Não se recorda do que lhe falei outro dia? Quase posso sentir sua presença…

Então compreendi o que ele queria dizer.

— É provável que volte — eu disse. — E vai se sentir muito à vontade nesta casa — e sem mais segui para meu quarto.

Estive deitado durante certo tempo. Minha cabeça rodava. Não sei a que horas Rufina entrou, perguntando-me se eu me sentia bem. Respondi que sim, cobrindo o rosto para que não visse os ferimentos que recebera ao ser surrado na bodega, e lhe pedi que me deixasse só. Não consegui dormir, tocava os lábios machucados com a ponta dos dedos, sentia no rosto outros pontos dolorosos, entretinha-me em avaliar meus ferimentos, e devia ser bem tarde da noite quando me levantei decidido a voltar à aldeia. "Na festa…" ocorreu-me, "quem sabe se…?", e sem mais esperar saí de casa.

Creio que o estado de alheamento em que estivera no fim da tarde voltava a dominar-me, pois durante todo o trajeto não pensei no que acontecera na bodega: obcecado pela fuga da pupila com o Marujo, só com isso ocupava meu pensamento. Mas quando avistei as luzes de longe parei, e toda a cena do crime se reproduziu em minha memória. "O pai de Eliete está morto" pensei, "morreu por minha causa". Só então me lembrei de que com as várias escoriações pelo rosto minha aparência

estaria péssima para aparecer em público, além do que todos já deviam saber que eu estava envolvido no crime, embora sem culpa. Resolvi apear e deixar o cavalo amarrado a uma árvore e aproximar-me caminhando pelo escuro para não ser visto. De longe podia ouvir os ruídos da festa, mas a banda de música não tocava seus costumeiros dobrados. "Em respeito ao morto" pensei. Mais uma vez tive medo de aparecer em público. Parei num beco, recuando para um canto escuro de onde pus-me a observar as pessoas que iam e vinham na área iluminada; a festa estava vazia, num clima geral de consternação. Algumas pessoas paravam junto às barracas para beber, outras reuniam-se em grupos e conversavam, mas não havia a animação da véspera. Estive algum tempo naquele recanto e por fim decidi ir embora: meti-me por uma rua escura e me afastei do centro, mas seguia tão apressado que dei um encontrão em alguém que vinha em sentido contrário.

Ambos recuamos um passo e nos encaramos, e estremeci quando o outro me reconheceu.

— Ah, você…

Permaneci no mesmo lugar, sempre olhando o outro com firmeza. Naquele momento não senti medo, tive mesmo ímpetos de insultar o homem que ousara reconhecer-me e que decerto comentaria o ocorrido naquela tarde. "Talvez até dê o alarme, chame os outros, aponte-me como um animal curioso… mas não vou fugir… continuarei aqui, para mostrar-lhe que não tenho do que me arrepender…" Ele, porém, disse algo que eu não esperava:

— Não entendi nada, ontem.

— Nem eu, tampouco — apressei-me em responder, aliviado por verificar que ele não me associava ao crime na bodega e ao mesmo tempo aflito, pois previa um interrogatório maçante acerca do ocorrido na véspera.

— Afinal, não houve reconciliação entre vocês? — continuou o sujeito. — Estiveram para casar, pelo que soube…

— Soube mal, meu caro — respondi —, nunca pensei em casar com a menina… foi tudo um mal entendido…

— Ah… — e pareceu um tanto desconcertado, mas acrescentou: — Uma boa garota, ela…

— Sim — respondi com certa arrogância —, uma boa garota, muito boa mesmo, mas não me interessa em absoluto. Pode ficar com ela, se quiser.

— Êh, não é preciso se zangar, só estava comentando…

— Em má hora — respondi —, em muito má hora — e fiz que me afastava, mas o homem ainda me reteve, avançando um passo:

— Houve uma morte hoje por aqui…

De novo estremeci: então ele sabia do crime? E o que pretendia com aquela conversa mole sobre meu casamento com Eliete?

— Não estava lá… mas soube que foi um seu parente que matou um homem…

— Como meu parente? — perguntei, fingindo espanto.

— Um que está sempre por aí, bebendo… Não é seu parente? Diz-se que mora nas Oliveiras.

— Por morar lá será meu parente?

— Bem… pensei que…

— Pensou errado — disse, pondo-me a caminhar.

— É que o morto…

— Pouco me importa quem seja o morto. Adeus — e me afastei quase correndo.

É curioso como esse curto diálogo dê a impressão de que os últimos acontecimentos haviam sido banais e nada tinham a ver comigo — eu não só negara que o Coronel fosse meu parente, embora todos soubessem, ou devessem saber, do parentesco que havia entre nós, como também afirmara não importar-me com o morto. Aquele transeunte que me abordara para fazer perguntas talvez não se apercebesse de que fora minha atitude na véspera que culminara com o crime; expor Eliete ao ridículo, aludindo às cáries que começavam a aparecer em seus dentes, fora um gesto tão sórdido e miserável que, ainda que eu evitasse pensar nele, sentia por intuição que nenhum perdão para mim era possível, nem admissível, por parte dela, mais ainda agora com as conseqüências que teve. Essa sordidez, aquele transeunte talvez não notasse, talvez não tivesse entendido bem — como aliás afirmava — os acontecimentos, que de repente pareciam perder em importância de tal forma que até o assassinato de um homem em que me vira envolvido tornava-se algo menor.

Ao me afastar do sujeito estava resolvido a voltar direto para casa, mas não havia dado dez passos quando corri de volta e o alcancei:

— Diga-me uma coisa — eu disse, segurando-o pelo braço e fazendo-o parar —, não viu por acaso hoje, a qualquer hora… por aqui ou… ou em qualquer outro lugar… um homem… um homem de quarenta anos ou pouco mais… acompanhado por uma menina… uma mocinha, melhor dizendo, de uns catorze anos, de cabelos loiros muito compridos… por acaso não teria visto ninguém assim…?

O outro fez uma cara de quem rebusca pela memória, o que me parecia desnecessário devido a singular descrição que lhe fizera.

— Não… penso que não… não me lembro de ter visto ninguém assim…

— Ah… pena… é uma pena… — então saí da aldeia.

Ao chegar em casa era madrugada. Sentia-me cansado, e mal deitei adormeci. Apesar de ter deitado tarde, acordei cedo, antes das sete, e uma aflição comprimiu-me o peito quase sufocando-me: veio-me como um golpe a lembrança de que o pai de Eliete estava morto e que eu, de certa forma, fora a causa; penso que naquele momento a realidade dessa morte entrava por inteiro minha consciência, coisa que até então não acontecera; agora tinha por obrigação procurá-la, submeter-me ao seu julgamento, ser condenado com o ódio que veria — e que ansiava ver — em seus olhos, nos quais houvera apenas amor, porque se ainda encontrasse amor, pelo menos perdão nesses olhos, talvez eu não suportasse o peso da culpa; levantei-me dum salto, abrindo a janela para respirar o ar fresco da manhã, e me vesti para sair. Lembrei-me então de que a pupila ainda não voltara para casa, talvez não voltasse, e já me parecia impossível encontrá-los: se não haviam sido vistos pelas redondezas, por certo ter-se-iam metido sertão adentro, estariam escondidos na mata — o que seria extravagante não fosse tratar-se de um excêntrico e de uma demente —, podia ser que estivessem mesmo muito próximos, ver-me-iam passar no caminho sem serem vistos… "Inútil, inútil sair à sua procura…" eu dizia comigo mesmo enquanto me vestia, "mas agora… agora tenho um dever pela frente" e senti uma fraqueza nas pernas que me fez quase cair. Com esse desfalecimento, tive de apoiar-me na janela e ficar ali, respirando com dificuldade, pois se de súbito me levantara da cama e me vestira para ir à casa de Eliete, também de súbito eu me dava conta do que estava para fazer, e senti faltar-me coragem. "Como encará-la, meu Deus, como olhá-la de frente agora?"

Mas outra vez meus pensamentos se voltavam para a pupila.

— Ainda a amo — escutei minha própria voz, e me espantei não só com o que disse, mas com o som das palavras que eu não esperava pronunciar. Sim, amava a Menina Vestida de Sol, "mesmo louca, que seja louca, amo-a!…", cujas feições a todo instante se desenhavam de uma forma diferente na minha memória. Mas ela estava perdida para mim, e a consciência disto afligia-me sem remédio; a pupila pertencia agora ao Marujo, que decerto — ocorria-me — iria pintar-lhe um retrato, "após corrompê-la pinta-lhe o retrato", e sobrevinha o tardio arrependimento de não tê-la tomado quando o Cardeal por duas vezes ma ofereceu, insistindo comigo que a fizesse minha, pois talvez estivesse a salvo agora, "talvez".

De repente, porém, o sossego da manhã foi abalado por um tremendo alarido na biblioteca, e reconheci as vozes do Cardeal e do Coronel. Não entendi o que diziam: ouvi os gritos de um e de outro, sons como que de murros na mesa e de cadeiras atiradas a distância. Sobressaltado, corri para fora. A porta da biblioteca foi então aberta a pontapés e o

Coronel saiu a toda pelo corredor berrando palavrões e ameaças de morte, atirando-se escada abaixo (a tropeada nos degraus de madeira retumbava como um grande tambor, seguiu-se uma violenta pancada na porta da frente e uns últimos gritos já longe). Logo depois surgiu o volume rotundo e vermelho do Cardeal que, bufando e sem dar comigo ali, avançou o mais rápido que podia corredor afora, descendo também para o rés-do-chão.

O acontecimento, inesperado pela forma como se deu, fez-me esquecer minhas preocupações. Lembrei-me de que o Cardeal, dias antes, aludira à provável intenção do Coronel de carregar consigo a pupila caso viesse a ganhá-la no jogo; percebi então o motivo daquele destampatório: sabendo da fuga da menina com o irmão, enfureceu-se contra ele por ter ousado tocar um objeto que estava em disputa e que ainda não pertencia a nenhum deles, e mais furioso deve ter ficado contra o Cardeal, que não soubera proteger esse objeto mantendo-o a salvo da cobiça do outro. Enfim, conquanto a pupila não lhe pertencesse, sentia-se roubado, e sua honra de jogador estava manchada. Dei uma espiada para dentro da biblioteca: algumas cadeiras estavam caídas, um jarro de louça que havia num canto reduzido a cacos, a mesa fora do lugar e a porta, quebrada, pendia meio torta das dobradiças.

Embora já não se ouvisse barulho algum, sinal de que o Coronel não estava mais na casa, abeirei-me da escada com cautela, olhando para baixo. Comecei a descer, mas parei com o coração aos pulos: o Marujo acabava de entrar amparando a pupila, que parecia desfalecida. Embaixo o Cardeal, exasperado com os últimos acontecimentos, avançou na direção de ambos, mas Filipe não lhe deu tempo de falar:

— Não é preciso alarmar-se, meu caro irmão — e vendo-me no meio da escada: — Nem você, primo, não se alarme. Ela está apenas tonta. Bebeu… embriagou-se um pouco…

Deu tapinhas no rosto de Giovanna para despertá-la. A pupila gemeu qualquer coisa incompreensível e, sem ao menos abrir os olhos, continuou apoiando o rosto no ombro de Filipe.

— Não está habituada… exagerou um pouco… precisa de um banho — e olhando em volta: — Chame pela negra, que traga água, que lhe dê um banho.

O Cardeal, com gritos capazes de fazer tremer o madeirame da casa, chamou Rufina e ordenou que subisse para o quarto de Giovanna com caldeirões d'água morna. Depois, falou para o irmão em voz baixa:

— Rodrigo pretende matá-lo.

— Está tão furioso assim?

O Cardeal se afastou sem responder.

Presenciando aquilo, meus olhos enchiam-se de lágrimas — de tris-

teza, de ódio? Das duas coisas? Corri de volta para meu quarto e caí na cama chorando, mordendo o travesseiro para não gritar, sentindo minha ira estender-se agora também contra ele — o Marujo —, e me dei conta por fim do mal que me havia feito.

Agora seus passos atravessavam o corredor, Filipe carregava-a para o quarto e chamando-a repetidas vezes pelo nome tentava despertá-la. Instantes depois Rufina subiu a escada, e eu escutei movimento no salão, "vai retomar a pintura do painel como se nada tivesse acontecido".

Tomei uma resolução: levantei-me com o propósito de ir até o quarto de Giovanna, mas antes detive-me um instante à porta do salão. Não me enganara: Filipe recomeçara a trabalhar na pintura do Juízo Final, naqueles últimos dias bastante adiantada devido à maneira febril com que pintava, e que não tardaria a ficar pronta.

Como sempre ao trabalhar, tinha agora no rosto aquele ar de desequilíbrio, concentrava-se de tal maneira que, descabelado, sem camisa, os olhos rodeados por olheiras negras, a fronte a porejar suor que lhe escorria rosto abaixo (e que ele não limpava, exceto ao se deter um momento para avaliar o que já fora feito, quando então passava as costas do braço na testa, logo reiniciando o trabalho), o movimento de suas mãos não parecia consciente, tal a rapidez com que espalhava a tinta e ia criando luzes e sombras, delineando formas.

Pensei que não me tivesse visto, pois mantinha-se quase de costas para a porta.

— Talvez eu tenha cometido meu pior crime, porque ela era inocente, mas eu precisava daquilo para poder retratar a Mulher Vestida de Sol, aquela que tem a Lua sob os pés e doze estrelas sobre a cabeça — e, sem que eu esperasse, correu para mim, segurou-me pelo pulso e arrastou-me até o meio do salão. Então pude ver do melhor ângulo as figuras do painel: era uma pintura soberba, mesmo assustadora: contra o fundo, já quase pronto, que mostrava um céu vermelho escuro como se estivesse incendiado, viam-se os quatro Cavaleiros em seu galope e uma revoada de anjos a lançar maldições sobre a terra; o dragão e as bestas, com a grande prostituta montada numa delas, emergiam de umas crateras abertas não na Terra mas no próprio tecido do espaço, revelando atrás de si um vazio, um nada escuro feito breu. Todos os ícones do Apocalipse estavam representados, por exemplo, as igrejas, o livro com os sete selos, a figura do Supremo Juiz, à direita — como que a encerrar o quadro — mas por enquanto apenas esboçada. Filipe, no entanto, queria mostrar-me outra coisa — a personagem a que se referira, até então incompleta pois não tinha rosto: pintara-a em destaque, uma imagem que sobressaía pela precisão e beleza, além do tamanho, cujas feições começavam finalmente a tomar formas — as da pupila —, e inteiramen-

te nua: ou vestida, sim, mas apenas de luz, exibindo o grande volume do ventre inchado pela gravidez.

A afirmação de que Giovanna era inocente perturbou-me. Filipe parecia tresvariar. Como poderia ela ser inocente entregando-se a um tipo como aquele? Enquanto me convencia de que a menina era mesmo doida, e que Filipe o havia percebido — por isso falava em inocência —, mais uma vez vinha-me à lembrança o enigma proposto ao Cardeal pelo diabo. "Será ela o anjo?" pensei.

— Inocente — sussurrei, mais para mim mesmo — ou louca?

Filipe moveu a cabeça contemplando a pintura ainda inacabada. Assim esteve um ou dois minutos, depois avançou alguns passos na direção do painel.

— Era preciso possuí-la para captar sua natureza sublime e transferi-la para o quadro — disse, e já parecia outra vez esquecido de mim: retomou o trabalho da mesma forma obsessiva com que o fazia sempre.

Saí dali e fui para o quarto da pupila.

— Entre, minino — disse Rufina vendo-me de pé, indeciso à porta do quarto. Avancei um passo, ainda irresoluto. — Você gosta dela, minino… uma maldade o que fizeram, Deus nosso senhor que tome conta… ela é só uma criança…

A pupila estava sentada dentro da grande bacia de cobre, nua, ainda meio inconsciente, e só se mantinha naquela posição porque Rufina a apoiava contra si, passando-lhe uma esponja com sabão pelo corpo. Então fiz uma coisa inesperada: ajoelhei-me ao lado de Rufina que, percebendo minha intenção, afastou-se e entregou-me a esponja. Ela sabia do meu amor por Giovanna, que comigo não corria perigo algum.

Hoje, quando pressinto que minha vida não durará muito — o que não me amedronta nem me alegra, pois morrer é para mim tão indiferente quanto viver —, e recordo aquela hora; da perspectiva que hoje posso ter dos acontecimentos tremendos que se sucederam, entendo que há experiências únicas na vida, e penso até que há experiências tão singulares que, sejam uma benção ou uma maldição, estão destinadas a uns poucos na face da terra, de maneira que outros não só não as experimentarão como por certo não serão capazes de compreendê-las.

Como fazer que se entenda esses poucos minutos que se prolongaram *in abstractu* pelos meus sentidos vida afora, e que ainda hoje, se me ponho a lembrá-los e a descrevê-los quase posso retornar a eles, nítidos, redivivos, como se numa súbita irrupção surgissem neste canto de quarto a bacia com água morna, a esponja, e a pupila, inconsciente e nua, bastando que eu me ajoelhasse ao seu lado e de novo a amparasse?

O quarto pareceu atravessar uma região de sombra e emergir para a luz, e as vidraças tornaram-se líqüidas. O ar encheu-se de sons como se

trombetas soassem em surdina, e quando a amparei em meu peito, a cabeça reclinada para frente, e comecei a passar-lhe de leve a esponja sobre a pele o tempo tornou-se imponderável e os ponteiros do relógio teriam parado. Enchi com água a caneca de louça que Rufina trouxera e utilizava antes de eu entrar no quarto, derramando-a aos poucos sobre seus cabelos, que lhe afastava da fronte para a água não entrar-lhe nos olhos, e contemplei a beleza tão de perto que por um momento o assoalho pareceu elevar-se, transformar-se em movimento e vertigem, e as paredes se converterem em cristal transparente, através das quais eu pudesse vislumbrar o Céu. Não pensava em nada, gozava a visão celestial enquanto nossos corpos se dissolviam em partículas de luz, e nem senti desejo de beijar-lhe os lábios entreabertos, mas só de admirá-la, como um leigo diante da bem-aventurança. "O rosto de Deus…" ouvi ou veio de dentro de mim a frase, a voz? Pois sim, que essa devia ser a experiência do Paraíso — "o homem no Éden" pensei —, a contemplação da face divina, que não leva a desejos nem a pensamentos ditados pela razão, mas apenas à contínua e infinita contemplação…

Por fim apanhei-a nos braços, envolvendo-a com uma toalha, e a deitei na cama.

Seu corpo nu não estimulava minha concupiscência, mas olhá-lo por mais tempo pareceu-me ofensivo e o cobri com um lençol. Pus-lhe um travesseiro sob a cabeça, e, sentando-me ao seu lado, fiquei entregue à admiração. "O homem no paraíso terrestre…" pensei, "…a inocência…", e então me lembrei da afirmação feita há pouco pelo Marujo e percebi que, apesar do que havia acontecido, ele falava a verdade.

Mas não teria entrado a serpente no paraíso terrestre? Não teria estado sempre lá? Pois foi a serpente quem apareceu à porta do quarto:

— Aproveitando-se, hã? — virei-me para a porta, num sobressalto. O Cardeal estava ali. — Agora todos se refestelam!…

Uma revolta ferveu-me por dentro, e estive a ponto de lançar-me contra ele. Como aquele homem diabólico podia escarnecer assim do que eu julgava sagrado? Mas afinal, o que eu julgava sagrado? A pupila? Aquela que eu ainda há pouco amparara em meu peito, e cuja nudez em seguida velei pois que olhá-la em tais circunstâncias parecia-me ofensivo a ela, e a mim, e ao meu sonho?

Sim, em qualquer paraíso haverá uma serpente. Ou não haverá paraíso. Pois nesse momento senti um toque em meu corpo e num estremeção voltei-me para Giovanna: ela, nesse ínterim, havia despertado, mas ainda semi-inconsciente tocava-me, confundindo-me talvez com Filipe, procurava o meu sexo com as mãos engrolando umas frases que lhe saíam com certa dificuldade mas que deixavam claro o que pretendia.

Dum salto, levantei-me horrorizado: não, não era a face de Deus! O Mal, afinal de contas, não seduz também através da beleza?

— Espantado, garoto? — disse o Cardeal aproximando-se da cama. — Não se espante — acrescentou —, não se espante, é assim mesmo, é a natureza falando mais alto… — e examinando de relance a menina, para o que inclinou-se um pouco sem contudo descobri-la, acrescentou consigo mesmo: — Espero que ele não a tenha maltratado muito. Enfim… Só quero ver no que vai dar tudo isso… o outro vai voltar e matar esse estúpido… jogo é jogo, afinal de contas, e tem suas leis…

Saí do quarto confuso e triste, mas ainda escutei o Cardeal, que me chamava:

— Aonde vai, garoto? O que lhe deu?… — e como parecesse adivinhar meus pensamentos, disse ainda: — Não se assuste! É apenas a mulher buscando o fruto proibido e oferecendo-o ao homem…

Não escutei mais. Tapei os ouvidos e corri escada abaixo, indo esconder-me na cozinha. Rufina não estava lá. Não era possível continuar sozinho no meio daquele bando de possessos — pois agora e de uma vez por todas convencera-me de que os três irmãos não eram apenas loucos, mas endemoninhados.

De novo me lembrei de Eliete e de que momentos antes, ao levantar-me, estava decidido a procurá-la. Senti-me tonto, mas assim mesmo saí de casa.

O que fiz durante aquele dia? Onde estive? Lembro-me com mais clareza apenas de que à tarde eu estive na igreja, ajoelhado não diante do altar mas num canto perto da sacristia, e em dado momento senti um toque no ombro; abri os olhos: padre Elpídio inclinava-se para mim.

— Vejo que está acabrunhado, filho.

Movi a cabeça, os olhos baixados para o chão.

— Está aqui há muito tempo. Quer falar comigo? Talvez seja bom contar o que o aflige.

Comecei a chorar. O padre tomou-me pela mão e levou-me a um banco.

— Estou pronto para ouvi-lo.

Dei de ombros, como se não fizesse diferença falar ou ficar calado.

— João — e aqui sua voz assumiu um tom mais penetrante —, você se afastou dos caminhos do Senhor…

Funguei, escondi a cabeça entre as mãos.

— …e passou a práticas condenáveis…

Fiz que sim, sem levantar os olhos.

— …como, por exemplo, a de sábado à noite — continuou com lentidão, esperando que eu confirmasse, o que fiz com um sinal, sem encará-lo.

— Quando nos desviamos do caminho de retidão, filho, quando nos afastamos da Luz…

Respirei fundo, exasperado, movendo a cabeça. Padre Elpídio fez uma pausa.

— O que você fez contra essa pobre moça…

A cada frase, fazia uma pausa e observava-me.

— Contra ela e contra toda sua casa… mas principalmente contra si mesmo.

Esfreguei o rosto com as mãos, mas ainda assim não o encarei.

— Não posso absolvê-lo neste momento, mas também não quero condená-lo — ele disse —, pois o que aconteceu… parece-me que não se deveu apenas à sua vontade.

— Não, padre — eu disse por fim, a voz apagada. — Não que com isso pretenda abrandar minha culpa…

O padre suspirou. Pareceu meditar por alguns instantes, enquanto movia a cabeça num gesto de concordância.

— Eu sei que não.

Olhei para ele, lágrimas enchiam meus olhos.

— Por que não abandona aquela casa, filho?

Escondi mais uma vez o rosto entre as mãos.

— Não posso, não posso…

— Deve sair de lá. Você é apenas um menino. Eles o destruirão.

— Já começaram a destruir-me — eu disse, e então as palavras brotaram da minha boca aos borbotões, quase incompreensíveis porque enquanto falava, contando-lhe os acontecimentos daqueles dias, não conseguia suster o choro. Como padre Elpídio não conhecesse ainda os pormenores acerca de Giovanna, não compreendeu, fez-me perguntas e eu, mesmo atrapalhando-me, relatei-lhe em poucas palavras o que ouvira do próprio Cardeal, de como a encontrara na rua e a levara para sua casa e de como a corrompera na infância. Depois lhe falei de como a haviam apostado num jogo de cartas, de sua fuga com o Marujo e das conseqüências disso. Por fim, exasperei-me, esfreguei o rosto com as mãos, fiquei de pé, e em seguida caí de novo no banco, sem forças.

— Deixe aquela casa — ele recomendou mais uma vez —, venha para cá antes que você também se destrua.

— Não posso. Não posso abandoná-la, não tenho coragem para isso.

— Traga-a com você — exclamou o pároco, cruzando os dedos, o rosto velho e bondoso crispado diante do horror que mesmo para ele parecia excessivo —, é uma ovelha do senhor que está nas trevas! Aqui encontrará a Luz!

— Impossível — repliquei —, impossível… impossível…

Movi a cabeça. Levantei-me para sair.

— Não conseguiria tirá-la de lá — concluí. — Tenho de ficar até o fim.

Padre Elpídio considerou minha resolução, e de pé ao meu lado, encarando-me:

— Apegue-se então com Deus, meu filho — disse antes que eu saísse —, apegue-se com Deus. E tenha fé.

Então saí… mas já estava no pátio da igreja quando retornei. Havia ainda alguma coisa a ser dita, algo que parecia pesar-me na língua mas que eu não conseguira dizer. Parei diante do padre:

— O pai de Eliete morreu por minha causa. Ontem.

Ele crispou o rosto, olhando-me com firmeza.

— Eu soube o que aconteceu — disse. — Vê como o diabo enleia nosso caminho, quando lhe damos lugar?

Baixei a cabeça sem responder.

— Você tem um dever a cumprir — ele disse ainda.

— Eu sei…

— Vá procurar a menina. Será uma prova. E você não deve esquivar-se dela.

— Sim… hoje pela manhã eu já estava decidido a ir…

— Então…?

— Eu tenho mesmo de ir…

— Sim, tem.

Movi a cabeça e saí. Na rua parei e olhei para trás: da porta da igreja padre Elpídio apontou para o alto, como a dizer "procure forças nAquele que está lá em cima". Meio vacilante fui caminhando pela rua: teria coragem de procurar Eliete, eu, que até aquela hora tudo que fizera fora protelar esse momento?

Como consegui chegar lá? Em mim, duas forças se debatiam, travando-me os passos, estorvando minha decisão: o dever a ser cumprido, que me dirigia para adiante, e o pavor de estar na presença dela, que me forçava a retroceder.

Não encontrei ninguém no trajeto, mas ao me aproximar percebi que muitas pessoas haviam comparecido ao funeral. Ainda distante da casa parei e, escondido atrás de uma moita para não ser descoberto, fiquei à espreita. Uma mulher apareceu à porta falando com um grupo de pessoas que conversavam no terreiro, os presentes ora entravam, ora saíam, e algumas crianças começaram a descer para a estrada. Abaixei-me atrás da moita para não ser visto, e as crianças passaram bem rente a mim, afastando-se sem desconfiar da minha presença. Devia ser perto de cinco horas, pensei — quando sairia o enterro? Em seguida, porém, surgiu à porta uma outra mulher que eu não conhecia e olhou na direção em que as crianças haviam seguido, voltou-se para o interior da casa como

se falasse com alguém, então Eliete apareceu e saiu para o terreiro. Achei providencial sua aparição, pois via-me sem coragem de aproximar-me, e dei um passo para a estrada. Logo, porém, mudei de idéia e pensei que seria melhor continuar onde estava até resolver que atitude tomar, mas já não havia tempo de me esconder outra vez: Eliete aproximava-se, ouviu o ruído no mato e parou.

Eu também parei e, como já havia sido visto, dei dois ou três passos em sua direção e nos encaramos.

Ali estava ela, não mais a menina que de outras vezes me procurara, ou com amor, ou com esperança; mas uma mulher em cujo rosto jovem já se percebia claro o sinal do sofrimento. Não vi naquele rosto reprovação ou raiva, conquanto fossem estes os sentimentos que eu esperava, mais que isso, pelos quais ansiava. Preferia ter deparado com seu ódio, ter ouvido acusações contra mim, que me culpasse da morte do pai, que me amaldiçoasse. Mas não, só aquele jeito de interrogar-me em silêncio. Como não parecia disposta a falar, tive de dizer alguma coisa:

— Sou culpado.

Eliete não respondeu.

— Por tudo — acrescentei —, por toda dor que lhe causei.

Ainda não respondeu.

— Diga-me… o que fazer — supliquei.

Ela parecia refletir no que eu havia dito, mantendo uma atitude que me deixava pouco à vontade. Então, tomou minha mão como que para levar-me na direção da casa. Resisti um pouco no início, mas ela parou e olhou-me outra vez daquele jeito que me incomodava, e tive segui-la. Aquela seria a minha provação. O meu castigo.

Todos silenciaram quando entrei conduzido por ela, que me levou até o meio da sala indicando-me o corpo do pai no caixão, em cima da mesa. Não me atrevi a olhar para os lados, ainda que sentisse sobre mim, como um peso, a curiosidade de todos os presentes. Diante do morto, cujo rosto tranqüilo parecia de cera, chorei, sem alarde, quieto.

— Quero sair daqui — disse por fim em voz baixa, inclinando-me um pouco para ela, e Eliete acompanhou-me para fora.

Saímos, enquanto na porta e nas janelas as cabeças dos presentes assomavam, curiosas. Uma vez mais no terreiro, e afastando-me dos que ali também se encontravam, perguntei em voz baixa:

— A que horas sai o enterro?

— Daqui a pouco… não demora… você chegou em tempo.

— E agora? O que posso fazer?

Ela pensou um momento. Moveu a cabeça.

— Nada.

— Como nada?! Eu… — mas me interrompi. Sim, o que eu poderia

fazer? Dizer que me casava com ela? Pedir para ver minha filha? — Bem sei que nada posso fazer — eu disse —, e não esperava, vindo aqui…

Calei-me. Ela me encarava sem qualquer demonstração de revolta. Parecia apenas curiosa. Mas como estaria se sentindo, afinal? "Esconde os sentimentos" pensei, pelo menos era o que me parecia, "por eu não ser digno deles".

— Eliete — eu disse —, ainda que você me despreze… e que eu mereça o seu desprezo… e até seu ódio…

Continuou encarando-me, esperava que eu terminasse.

Movi a cabeça:

— Preciso ir — disse —, tenho algo a fazer — e me afastei andando ligeiro.

Em vez de voltar para casa, fui até Pilar, e pelo caminho ia pensando ora na pupila, ora no Cardeal, que a essa altura estaria na biblioteca lendo aquele livro estranho, ora no Coronel cujo paradeiro não se podia saber nem prever suas intenções, ora em Filipe, "que decerto está pintando", e chegava a vê-lo, a expressão fixa, tensa, a barba por fazer, os movimentos muito rápidos enquanto espalhava tinta sobre o painel.

Mas meu passeio pela aldeia durou pouco, pois, inquieto, não conseguia acalmar-me, e enquanto isso anoiteceu. Sentia uma opressão, um incômodo cujas razões eu atribuía à morte do pai de Eliete, mas detendo-me a investigá-la, via que não era essa a causa de tal sensação.

Em Pilar, andei daqui pr'ali, entrei num botequim, entrei na casa das putas (mas lembrando-me do sucedido na noite anterior saí apressado), entrei na igreja, pelos fundos pois a porta da frente estava fechada àquela hora, mas em cada um desses lugares não me demorei nem dois minutos. Pensei em voltar à casa de Eliete para acompanhar o cortejo até o cemitério, e era possível até que o encontrasse pelo caminho, mas no instante seguinte desisti da idéia, e enfiei por uma estrada deserta que conduzia a umas fazendas longínquas, submersas no sertão; caminhei até muito longe sem saber com que fim. Não encontrei viva alma pelo caminho. Passaram-se horas. Por fim refleti que minha conduta não era normal e me perguntei se tal atitude não seria um sério sinal de desequilíbrio: "Será que estou perdendo o juízo?" Resolvi voltar e seguir para casa. "Já deve ser tarde" pensei, tendo perdido a noção do tempo.

E só então me lembrei do que havia dito a Eliete no momento em que a deixara: "…tenho uma coisa a fazer". Mas que coisa eu tinha, afinal, a fazer? Dissera aquilo apenas por dizer, para ir embora o mais rápido possível, ou pretendia mesmo fazer alguma coisa? Verdade é que eu esmiuçava minhas idéias em vão, "não tinha nada a fazer" concluí por fim, "não tenho mesmo nada a fazer… que posso eu fazer, afinal?". "Casar com ela" ocorreu-me, e então aquilo me pareceu o mais acerta-

do, pelo menos o mais provável — sim, eu me casaria com ela não apenas para reparar o mal que lhe havia feito, mas porque já não podia ter esperança nenhuma quanto à pupila, que agora me parecia não apenas louca mas impura. "E a presença de Eliete ao meu lado como minha mulher" ia refletindo, de súbito animado com essa decisão que me fazia parecer, ao meu próprio juízo, muito nobre, "servir-me-á de grande apoio nesses dias tenebrosos. Ela estará comigo, escutarei o choro de minha filha e poderei embalá-la, cantar para ela dormir… ah, uma criança, o que não se faz por uma criança!… Sim, uma criança há de me dar forças… e também ela, que será minha mulher, também ela… uma família, enfim, uma família de verdade, e então não sucumbirei… oh, meu Deus!…" e estaquei aflito, no meio do caminho, larguei o corpo na relva e, puxando os joelhos contra o peito afundei o rosto nos braços e assim fiquei algum tempo, desnorteado. "Nada disso servirá de nada" pensei por fim, pois se era verdade que a pupila me parecia, mais que louca, corrompida, sabia também que não poderia casar-me com Eliete, e ao estado de euforia súbita que aquela idéia me proporcionou seguiu-se uma prostração que me fez desmoronar, deixando-me quase sem forças para levantar-me.

Mas levantei-me de um salto.

E quase caí outra vez, pois a tal esforço as pernas fraquejaram e andei dois ou três passos de quatro para não acabar estirado no chão. Num novo esforço pus-me de pé outra vez. "Por que, afinal, não posso casar-me com Eliete?" disse em voz alta, exasperado, enfiando os dedos nos cabelos e andando ao acaso alguns passos, "por que não posso criar minha filha, minha pobre filhinha… ter uma família?… Oh, eu preciso ter uma família… a minha família!… Custe-me a vida… é o que farei… é o que farei… sim, sim… é o que hei de fazer!…" Respirei fundo, puxando com vontade o ar fresco da noite para dentro dos pulmões, várias vezes, e por fim, convicto de ter tomado uma decisão que me reconfortava, a única decisão, aliás, cabível naquele momento, senti-me reanimado. "Estou bem… creio que estou bem… preciso ir para casa e dormir um pouco."

Mas naquela noite eu não iria dormir.

Ainda distante de casa, ouvi o que parecia gritos vindo da direção das Oliveiras, mas como começara a ventar forte não dei importância e prossegui caminho. Os gritos, no entanto — se eram gritos —, cessaram de repente, e, já mais perto de casa avistei um grande clarão vermelho. Parei, olhando na direção da claridade imaginando um princípio de incêndio em algum ponto da mata, e já me perguntava como teria começado quando mais perto percebi que não parecia provir da mata. "Que estará acontecendo? Estará a casa pegando fogo? Que novidade será essa?"

No entanto, ao chegar no terreiro de casa parei, a princípio sem compreender; um instante depois, horrorizado diante do que vi, recuei pouco a pouco em direção da estrada sem desviar os olhos do medonho espetáculo: em frente à varanda uma grande fogueira fora armada, à volta de um esteio que se usava para prender animais. Nesse esteio havia alguma coisa amarrada que, naquele momento, dava uns estremeções cada vez mais fracos; já não se ouvia grito nem gemido algum, talvez emitisse um ronco surdo, mas que se confundia com os estalidos do fogo na lenha seca; foi nesse momento que compreendi o que se passava: o Cardeal, que então surgiu detrás da fogueira, a cara incendiada pelo calor, resolvera reproduzir nas Oliveiras um dos antigos e medonhos rituais do Santo Ofício, e escolhera para sua vítima a negra Rufina que, amarrada ao tronco, já se transformara numa bola de fogo.

Vendo-me, o Cardeal avançou com aquela agilidade de que já dera demonstração outras vezes, e eu, apesar do meu pavor, ou talvez devido a ele, esperei no mesmo lugar.

— A negra — ele disse —, a bruxa… sim, a feiticeira, que eu já a havia surpreendido fazendo das suas… invocando o diabo… hoje eu a peguei, quase lhe abri a cabeça com um castiçal de bronze — e riu, olhando para a fogueira. — É preciso evitar a todo custo que *ele* volte, garoto… você não sabe, mas eu tenho medo de que *ele* volte, porque a terceira vez é sempre terrível… — Não sei se o Cardeal estava em seu juízo perfeito naquele momento ou se delirava. A idéia de que o diabo viria visitá-lo pela terceira vez, e de que essa terceira vez seria terrível, tornara-se para ele uma monomania capaz de levá-lo a atitudes extremas. Olhou para a fogueira e riu-se: — Veja como está — disse —, parece uma porca no espeto… pena que não sirva para nada, só mesmo para queimar até o fim…

Penso que Rufina fora surpreendida em um de seus costumeiros rituais de devoção, conforme a tradição das velhas religiões africanas. Mesmo que então eu não conhecesse o livro satânico que o Cardeal vinha lendo nos últimos tempos, e cujo título em latim eu mal pudera discernir na capa grossa e encardida pelo manuseio (só muito mais tarde, feito irmão leigo, calhou cair-me nas mãos um exemplar do *Malleus Maleficarum*), não me eram de todo estranhas as histórias das fogueiras erguidas pelo Santo Ofício; eu, que sabia das devoções de Rufina, poderia tê-la alertado para evitar que o Cardeal não se indispusesse contra ela — contra quem, aliás, parecia sempre de má vontade. No entanto, poderia eu imaginar que o homem fosse capaz daquilo? Essas reflexões me ocorreram mais tarde, pois naquele momento eu não tinha suficiente equilíbrio para pensar. O Cardeal, diante de mim, ainda falava — conquanto eu já não o escutasse — apontando para a fogueira; a cara

gorda e vermelha, o imenso nariz, os olhos miúdos sumidos no meio da gordura, tudo isso se confundia em minha cabeça de tal maneira que minha reação foi fugir: fugi espavorido, sem saber aonde iria.

Andava rápido e aos trambolhões no escuro: tomara por acaso o caminho de Pilar e a certa altura lembrei-me de mestre Alípio. Fosse apenas para pedir abrigo iria ter com padre Elpídio, que não me negaria acolhida, o que aliás me oferecera naquela mesma tarde; mas havia algo que somente mestre Alípio poderia fazer por mim, então sem mais me meti pelo trilho que levava ao seu casebre. Ali chegando, vi pelas frestas da janela que havia luz — o que me animou a bater à porta: não tardou, ouvi movimento e o mestre carapina perguntou quem era. Respondi, e em seguida ele abriu:

— Ah, o menino das Oliveiras!… Fazendo o que aqui a essas horas, menino?

— Eu vim… — disse, retorcendo as mãos uma na outra, mas a voz morreu-me na garganta. Mestre Alípio deve ter notado que nem tudo estava bem comigo; mandou-me entrar e indicou-me uma cadeira ao lado do fogão, onde ardiam algumas achas de lenha.

Numa pequena prateleira na parede, uma lamparina produzia uma luz amarela e uma fumaceira preta que subia em linha reta no ar parado do recinto.

— Eu… eu… — ainda tentando dizer alguma coisa sentei-me olhando o velho, que percebia o assombramento desenhado em meu rosto e por certo desconfiava de que algo muito grave acontecera.

— O menino parece assustado — disse, e serviu-me uma caneca de café quente.

— É que eu… — respondi, sentindo-me um pouco melhor enquanto bebia o café aos golinhos — …eu estou sozinho…

— Nesse mundo a gente sempre está sozinho — respondeu o velho acomodando-se num tamborete ao lado do fogão. — A vida é solidão — acrescentou —, bobo quem pensa de outra forma.

— Eu queria que o senhor me contasse…

— …uma história?

— …!

Então era mesmo isso que eu pretendia? Ouvir uma história? Seria isso que só mestre Alípio poderia proporcionar-me então?

Mas sim, que não estranhe o leitor: uma história era o que eu esperava dele, não uma história qualquer, mas aquilo que ele — pensava eu — deveria saber sobre minha casa. Parece inusitado que, diante dos acontecimentos que descrevi e tomado da excitação aflitiva que me desnorteava, eu me lembrasse à última hora do mestre carapina não apenas para pedir-lhe abrigo por aquela noite, mas para ouvir dele um

relato que, no entanto, apesar de interessar-me, por ora não parecia ter cabimento algum. Mas não é bem assim, pois embora meu estado de nervos não me permitisse pensar com calma, pude contudo refletir que talvez, dada a natureza dos fatos que mestre Alípio não esmiuçara em nossa primeira conversa, seria possível encontrar neles uma explicação, ou pelo menos indícios que esclarecessem a confusão em que minha vida se tornara. De certa forma, eu não me enganava — pelo menos vim a saber coisas que, de outra maneira, continuariam desconhecidas para mim.

— O menino quer escutar uma história!… Bem, ainda não é muito tarde, se vosmecê não tem sono nós podemos passar o tempo lembrando umas histórias antigas…

— Sim — respondi.

Mestre Alípio sabia o que eu queria ouvir.

— Eu não reparo não — ele disse —, o tempo passa mesmo bem melhor quando se escuta um bom causo… distrai…

E foi assim que ele resolveu falar.

Dito desta maneira, fica a impressão de que algum motivo oculto o impedira de relatar-me em nosso primeiro encontro a história que conheceremos em seguida, mas não é assim — e com isso se verifica que a maneira de referir-se um acontecimento pode levar a um juízo incorreto. Mestre Alípio decerto nada disse na ocasião anterior por ser tarde da noite, pelo mau tempo que enfrentávamos no caminho, pelo cansaço que pesa com mais força num corpo gasto pela idade, e mesmo, talvez, por julgar-me ainda muito criança para tomar ciência de tais assuntos. Agora, porém, a situação era outra: fora procurá-lo num momento de perplexidade em que me sentia perdido, da mesma forma como poderia ter ido à procura do vigário, mas o vigário não teria muito o que me dizer a não ser as palavras de ânimo e conforto que fosse buscar na religião, enquanto mestre Alípio, eu me mantinha firme nessa idéia, devia saber muito mais do que dera a entender. Vendo-me em sua casa àquela hora, e com a horrível aparência que eu devia ter então, achou por bem contar-me uma história — como disse, para distrair-me: sentado num banquinho ao lado do fogão, vez por outra ajeitando os tocos de lenha para avivar o lume e pitando com vagar, meio sumido no escuro, pois a lamparina mal alumiava o recinto, mestre Alípio falou por muito tempo.

Posso garantir que a história contada seja fiel aos fatos? Sempre hão de restar dúvidas: sabe-se que com o tempo os acontecimentos costumam tomar outras formas na lembrança, certos pormenores às vezes são, não direi deturpados, mas "ajeitados" para melhor corresponderem à fantasia de cada um, embora no caso de mestre Alípio, que não teria motivo algum para acrescentar ou diminuir, essa fantasia se limitasse talvez apenas a um colorido mais acentuado da narrativa.

Não há como reproduzir aqui a fala pitoresca do mestre carapina, suas breves interrupções para acender o cigarro de palha, jogar no fogo algum graveto ou mesmo pensar, pois o velho às vezes parava de falar por um ou dois minutos e parecia contemplar em silêncio os dias passados, só a brasinha do pito avivando-se, a espaços, durante uma tragada e outra: prefiro transcrever de forma direta o que me foi contado a fim de não estender demasiado esta já por demais prolongada narrativa. Uma outra razão para isso é que a fala do velho, fragmentada, não seguia a exata ordem dos acontecimentos: ora ele falava de uma coisa, ora de outra, ia e voltava sobre a história, a todo momento lembrando-se de algo que deixara para trás, o que me confundia, sendo preciso às vezes interrompê-lo para que esclarecesse melhor alguns pontos, e assim por diante…

Sobre a viúva Fragoso, mestre Alípio relatou coisas que ouvira de seu pai, pois não era nascido quando tais episódios se deram. Pelo que deduzo, pouco sabia acerca da chegada dos Fragoso a Pilar e dos fatos que a isso antecederam; o que foi contado no segundo capítulo, colhi do diário de Edgar, o qual no entanto continha lacunas: diversas páginas que ele talvez pretendesse preencher mas que, por qualquer motivo, permaneceram em branco. Comentou sobre a prosperidade do Fragoso velho, da excelente situação de suas terras e, por fim, mencionou uma visita que ele recebera e sobre a qual havia apenas uma breve referência no diário: a visita de um vizinho, Silvério Honorato Gomes. Naquela visita, a conversa entre Silvério e o velho Fragoso foi de certa forma amistosa: queria tratar dos limites das terras, já que suas propriedades eram confrontantes, e alegou possuir uns papéis. Ouvindo do que tratavam — pois decerto ouvira, e é provável até que estivesse escutando atrás da porta —, Domingas, a filha, entrou na sala, cumprimentou o visitante sem se aproximar e foi sentar-se junto ao pai. Silvério talvez já soubesse que seu vizinho possuía uma filha — pormenor, de resto, irrelevante —, mas, soubesse-o, não poderia esperar que essa mulher fosse tão jovem com um pai tão idoso, nem que fosse tão bela, e muito menos que pudesse impressioná-lo tanto. Silvério, à entrada da jovem, levantou-se interrompendo o que dizia e, algo perturbado, sentou-se após ela mesma sentar-se; teria perdido o fio da conversa ao se sentir investigado por olhos tão negros e inquisitivos que, sentia-o, adivinhava em tal visita suas verdadeiras intenções. Para não protelar nem criar suspense, deve-se esclarecer de imediato que essas intenções se não eram as piores, não seriam também as mais louváveis: Silvério passara a preocupar-se com os limites de suas terras ao saber que seu confrontante mais próximo avançara um tanto longe demais suas cercas; resolveu-se então a uma conversa com o vizinho, antevendo uma batalha judicial pois ele pró-

prio não estava em dia com os papéis da propriedade, mas ao mesmo tempo imaginava tirar alguma vantagem da querela, pois lhe parecia fora de dúvida que esses confrontantes também não teriam papéis regularizados. Silvério, porém não contara com duas coisas: primeiro, que o velho em cuja companhia iria tomar o café da tarde naquela primeira visita já não decidia sobre a fazenda: voltara-se nos últimos anos para a religião e os assuntos do espírito, deixando tudo nas mãos da filha, de forma que nem mesmo tinha conhecimento de o quanto haviam avançado as cercas de sua propriedade; e segundo que a pessoa em cujas mãos estavam as rédeas de tudo fosse uma mulher que lhe incendiaria o coração, mulher que acabaria se convertendo para si numa obsessão mas que era — como aliás ficou sabendo naquela tarde — casada… e fiel.

Essas explicações preliminares não têm a intenção de atenuar a culpa de Silvério Honorato Gomes no que sucedeu depois — o tremendo conflito que se desenrolou entre ambas as casas; servem apenas de esclarecimento: que os Fragoso, se acabaram vítimas, não eram de todo isentos de culpa pois haviam estendido suas cercas muito além do que deviam se não tivessem perniciosa intenção; e que Silvério, embora procurasse defender seus direitos, se pudesse obter alguma vantagem ilícita não hesitaria em fazê-lo. Com isso quero dizer que os dois lados se equivaliam.

O interesse pela jovem Domingas Fragoso fez que Silvério desistisse temporariamente de questionar acerca dos limites, e passado algum tempo dessa primeira visita lá retornou para convidá-los a conhecer sua propriedade, mostrando-se obsequioso com Domingas mas tendo de disfarçar a decepção ao ser deixado a sós com o marido dela, que pouco falava e lhe parecia um inoportuno, pior, um intruso. Antes de deixar a casa, como quem à última hora se lembra de um assunto trivial, disse que sobre a questão referida na visita anterior, revira nesse ínterim os mapas com mais atenção, e lhe parecera que não havia enganos na delimitação das propriedades, mas caso houvesse seria coisa de somenos, "que se resolve com facilidade" acrescentou, dando à voz um tom de desimportância como se o assunto não merecesse maior atenção, "preocupar-se com isso agora para quê, não é mesmo?". O Fragoso velho não se alarmou com ambas as visitas de Silvério, pois já não tratava de tais assuntos — como lho havia dito —, e o genro, se teve qualquer desconfiança, manteve-se como de hábito reservado, mas para Domingas havia qualquer coisa que lhe desagradava na atitude daquele homem, e foi sem entusiasmo e mesmo com algum mal-estar que acompanhou o pai em seu passeio à casa do vizinho. Foram recebidos como amigos, tomaram café com bolo no salão e conversaram sobre assuntos relativos à

administração de uma propriedade rural, Silvério a todo momento recorrendo à opinião de Domingas como se esta lhe fosse de particular interesse, o que não passava de pretexto para falar à moça. Em nenhum momento ter-lhe-ia perguntado pelo marido (ausente nesse dia), e quando se mencionou sua pessoa em duas ou três ocasiões não fez reparo e desviou a conversa. Domingas se sentiu perturbada ao perceber sobre si um ou outro olhar de Silvério, olhares que, apesar de não muito diretos, falavam claro de suas pretensões; momento houve em que, a um desses olhares seguiu-se um vago sorriso que lhas confirmou — e lamentou ter ido apenas em companhia do pai, mais ainda porque teriam de pernoitar ali, já que a viagem era longa e se regressassem naquele mesmo dia a noite os alcançaria no caminho, "é o que lhes aconselho" dizia Silvério franqueando a casa, "a estrada não é bem conservada para viajar à noite. Para não falar que será um prazer hospedá-los", tendo o velho Fragoso observado que, de outra vez, para o caso de pretenderem voltar no mesmo dia teriam de sair mais cedo de casa, "antes d'o sol nascer", ao que Domingas disse consigo mesma: *"Melhor será não voltar aqui"*. De tardezinha viram chegar a cavalo um rapazinho de seus treze anos que Silvério apresentou-lhes como seu filho. Estavam na varanda nessa hora. O rapazinho, que se chamava Antenor, sorriu, cumprimentou os visitantes com modos um tanto tímidos e um ligeiro rosado nas bochechas, que tanto podia ser proveniente da cavalgada quanto do embaraço de apertar a mão de uma mulher jovem e bonita, rosado esse que tornava mais vivas as sardas de suas faces, o buço que começara a formar-se sobre o lábio, e destacava a brancura de seu sorriso — e em seguida entrou em casa. Deteve-se um instante à porta e voltou-se para examinar os visitantes, seu olhar à procura não do velho mas decerto da bonita mulher que o acompanhava. À hora do jantar sentou-se bem defronte a ela na mesa grande do salão; talvez sentisse algum embaraço com a presença dos visitantes, mas portou-se bem; vez por outra levantava os olhos para Domingas, sendo bastante provável que nesses momentos os olhares de ambos se cruzassem; talvez Domingas sentisse alguma curiosidade quanto ao rapazinho, pois ainda que não passasse de um garoto, o que mais se evidenciava devido aos seus modos tímidos, possuía uma certa graciosidade de feições e de gestos que agradava. Seguiu-se ao jantar um serão durante o qual tomaram café, conversaram um pouco, e por fim se recolheram. Na manhã seguinte os Fragoso partiram por volta das dez horas, chegando em casa ao entardecer.

À noite Domingas referiu ao marido como transcorrera a visita e falou de suas suspeitas. "Esse homem pode estar planejando contra nós." O homem ao seu lado não a contradisse, pois ambos sabiam que motivos decerto não faltavam ao vizinho; só não compreendia por que pare-

cera desistir de suas intenções iniciais, ao alegar em sua segunda visita que revira seus mapas e que tudo parecia mais ou menos em ordem. Teria compreendido se Domingas mencionasse os freqüentes olhares que julgou perceber sobre si, mas como ela preferisse esconder esse pormenor, nada desconfiou. Ouviu a mulher acrescentar: "Ele tem um filho", e após uma pausa, "um filho adolescente… um garoto de treze anos…", mas já era tarde e estava cansado, bocejou duas ou três vezes, mexeu-se na cama e, sem lhe notar qualquer inflexão na voz, virou-se para o outro lado. Domingas, porém, não dormiu logo: pensava agora no rosto corado, entre infantil e adulto, do menino Antenor…

Mestre Alípio não deixou claro se Silvério era casado e quem seria a mãe de Antenor; "penso que estavam separados" disse, "não me lembro de meu pai ter falado sobre isso", o que de resto não faz falta à história. De interesse é saber que o desejo de Silvério pela vizinha cresceu a ponto de, a certa altura, não ter outro pensamento a não ser torná-la sua. Nesse ponto convém esclarecer que, apesar da distância entre as duas casas, cujo percurso mesmo numa charrete leve tirada por um cavalo ligeiro e resistente não gastaria menos de quatro a cinco horas, as visitas durante esse período foram mais ou menos freqüentes: ora só com o pai, ora também com o marido, Domingas esteve em casa de Silvério algumas vezes; de sua parte, Silvério, quase sempre em companhia do filho, volta e meia aparecia em casa de sua vizinha. O que entretanto se seguiria à morte do pai de Domingas (o velho Fragoso morreu de uma súbita pneumonia cerca de um ano e meio depois dessa primeira visita) seria uma guerra não por questões de limites, mas por motivo de amor — ou, como ficou dito, de obsessão.

Não devo, porém, seguir com a narrativa sem algumas explicações, pois o leitor decerto julgaria que o narrador resolveu acrescentar a seu talante elementos para apimentá-la, pretendendo com isso prender sua atenção a um livro que pouco a pouco vai ganhando volume. Reitero que em nenhum momento tomei tal liberdade e permaneço firme em meu propósito inicial de ater-me tão só aos fatos.

Melhor será descrever o que se deu quando Domingas repudiou a paixão de Silvério e referiu o caso ao marido que, num ímpeto de raiva, foi tomar-lhe satisfações dizendo-lhe nas barbas alguns desaforos. Sabe-se que Silvério vendo-se impossibilitado de alcançar seu fim iniciou a contenda pela questão das cercas, a princípio recorrendo à Justiça e, como esta ou fosse demasiado lenta ou excessivamente distante, ou mesmo sofresse alguma influência para tornar-se mais lenta e ainda mais distante, estabeleceu seus próprios limites e passou a levantar novas cercas de acordo com eles. Como ambos os lados contassem com homens armados, diversas e sangrentas escaramuças se seguiram, as quais

não vale a pena minuciar pois todas se pareciam e de todas resultavam iguais perdas, mortes inúteis e cada vez mais o acirramento dos ódios. Quando Domingas perdeu o marido, morto a tiros numa tocaia, ela, apesar de mostrar-se ainda resoluta e destemida, estando sozinha sentiu-se fraquejar, não dando, contudo, mostras de seu estado de ânimo para que seus homens não suspeitassem que lhes faltava comando. A partir de então a história da viúva transforma-se, no saber geral, em uma lenda cheia de controvérsias e contradições. Dizia-se que no velório e mesmo na hora do sepultamento, alguns vizinhos haviam comparecido com seus ares graves e suas roupas sóbrias, com seus chapéus de crepe e atitudes comedidas, descobrindo a cabeça, compenetrados; e que então, num salto, a viúva arrebatou a arma das mãos de um de seus empregados e correu a tiros com "aqueles urubus" que, espantados mais com os gritos e as faces contorcidas da mulher do que com as balas assoviando entre seus chapéus, fugiram a galope prometendo desforra. Até então as baixas haviam sido mútuas, e se os Fragoso logrando algumas vitórias mantiveram mais ou menos intactos os seus limites, sofreram baixas bastante sérias — na tocaia em que fora morto o marido de Domingas a mais grave — que não se compensavam de todo com as moedas de ouro acumuladas num grande baú de cedro escondido no quarto de dormir. Com a morte do marido de Domingas, dizia-se, tudo talvez permanecesse mais ou menos tranqüilo de então por diante não fosse ela correr a tiros com seus inimigos de forma tão humilhante e perante todos os presentes no velório, atitude que dava a entender que a identidade dos matadores — ou pelo menos dos mandantes — era bem conhecida. Como desforra, o corpo fora desenterrado na mesma noite e deixado à disposição de cães e urubus; quando o encontraram, os ossos espalhavam-se aqui e ali pelo meio do mato. A viúva os recolheu, ela própria, num saco, guardando-os numa gaveta da cômoda, em seu quarto, e como a cabeça do infeliz não fora encontrada ela jurara (ainda conforme a lenda) substituí-la pela de Silvério. Mas Domingas sentiu-se enfraquecida: ainda possuía seus jagunços e suas armas, seus escravos, seus cães e seu gado, ainda dispunha de suas plantações e do baú de cedro recheado de moedas — mas aquela determinação de antes parecia consumida. A violação da sepultura de seu marido causara-lhe tão grande abalo que passou a noite inteira à janela do quarto, a lamparina apagada, espiando a escuridão; naquela vigília procurou vislumbrar tudo que se podia esconder não na noite ou nas matas mas nas intenções dos homens e, muito maior e incompreensível, na trama da existência. Adormecera ao romper do dia, com uma única certeza: era apenas uma mulher e estava só. A partir de então seus limites estreitaram-se dia a dia, não sem luta, não sem perdas de ambos os lados — mas sem remé-

dio. Alguns anos mais tarde a fazenda Fragoso constava de pouco mais de um sexto do que fora, os escravos reduzidos à terça parte, os rendimentos só uma sombra do que haviam sido. Os anos correram, com eles atenuaram-se os ódios, um dia chegou em que a viúva convertera-se de há muito apenas numa velha proprietária, dona de boa terra mas não muita, possuidora de boas roças, de boas vacas, mão-de-obra escrava um tanto reduzida — e só. Uma velha senhora que, de seu canto, passava a conquistar simpatias, fazer-se afável, sorrir…

Neste parágrafo falei da lenda.

Mas nem tudo que faz parte de uma lenda — até mesmo porque usando tal palavra já deixo implícito que o que foi relatado não é de todo verídico — pode ou deve ser acreditado sem alguma ponderação. Senão vejamos: não é certo que havia vizinhos, nem inimigos outros no velório a não ser o obcecado Silvério, que lá comparecera não para dar à viúva as condolências usuais, mas para vê-la de perto, sondar suas possibilidades junto a ela (que o doido — não é impróprio chamá-lo assim — apesar de todos os confrontos ainda mantinha esperanças), embeber-se de sua presença ainda que numa situação pouco propícia; também não é exato dizer que Domingas correu com ele do velório a tiros, e neste ponto mestre Alípio parecia bem certo do que falava: "Invencionices, menino, invencionices. O povo inventa coisas… Não há dúvida quanto aos motivos de discórdia entre ambos, mas a viúva o que fez foi recusar-lhe a mão e virar-lhe as costas, não mais, quando Silvério se achegou a ela para dar os pêsames e afirmar que, apesar de tudo, não havia sido ele o autor da tocaia, pois, dizia, não era homem de traições".

A profanação do túmulo, porém, não era apenas invencionice. A sepultura fora aberta numa clareira dentro da mata. Um dos negros da casa foi quem, uma semana ou dez dias depois, deu com a cova aberta e o corpo exposto aos cães e urubus, já quase descarnado. Neste ponto a inventiva popular não exagerou: Domingas mandou que se recolhessem os ossos, embora a cabeça do defunto, por mais que procurassem, não fosse encontrada, e os deixassem num pátio interno da casa expostos ao sol para secarem; aquela noite de vigília, conforme a história contada por mestre Alípio, passou-a Domingas não à janela de seu quarto, mas de um quartinho menor nos fundos que, segundo consta, dava justo para esse pátio, e como fosse noite de lua cheia podia ver dali, branquejando, a ossada sem sua cabeça e sobre a qual ainda voavam moscas varejeiras. Por fim mandou recolhê-los e guardá-los, não numa gaveta em seu quarto, mas no porão, num nicho feito para eles. Consta que pelo menos uma ou duas vezes por semana descia até o porão e ajoelhava-se diante do nicho, onde derramava algumas lágrimas, aliviando assim o espírito conturbado com uma prece, numa súplica aos santos de

sua devoção para que intercedessem pela alma do falecido. Se jurara ou não, num ato de ódio e vingança, substituir a cabeça faltante pela de seu pretendente, não se sabe — sempre fiel aos acontecimentos, pelo menos o tanto que sua memória permitia, mestre Alípio preferiu não garantir como verdadeira tal particularidade, que parece não ter mesmo acontecido, pois Silvério faleceu anos depois durante uma viagem.

É certo que Domingas, depois disso, já não teve forças para continuar lutando como antes, apesar das novas escaramuças que enfrentou, mas o resultado e o fim da história é o que já sabemos.

Neste ponto o leitor deve estar se perguntando se alguma coisa deixou de ser dita. Vimos o início de uma paixão ou, como preferir, uma loucura, e vimos as conseqüências do repúdio a essa paixão, ainda que a descrição de tais episódios tenha sido abreviada, reduzida ao essencial. Pudemos compreender que Domingas, casada e fiel, não cedendo à paixão de seu inimigo deu origem a uma guerra, e se louvamos numa mulher sua fidelidade ao homem com quem decidiu compartir a vida, mais ainda a louvaremos nela que, depois de morto esse homem e profanado seu túmulo, para protegê-lo de novos vitupérios levou-lhe os ossos para dentro de casa, senão para a gaveta de um móvel em seu quarto, de qualquer forma para um nicho no porão. No entanto, entre esses dois extremos da história não teria havido qualquer coisa digna de nota, que não se pode passar por alto? Pois é certo que sim, já que a própria maneira como passei da notícia da paixão de Silvério para a do repúdio dessa paixão com as conseqüências que já conhecemos dá a entender isto.

O que teria, portanto, acontecido nesse entremeio?

Para falar de tais acontecimentos é preciso antes não esquecermos de o quanto Domingas se mantinha fiel a seu esposo e o que pode significar essa fidelidade. Pode uma pessoa manter-se fiel a outra mesmo na infidelidade, ou poderá ser infiel permanecendo fiel? O que é, em última análise, fidelidade? Ambas as perguntas, na verdade apenas uma formulada de maneiras diferentes, podem conduzir a uma linha de raciocínio e a uma conclusão surpreendentes, como veremos. Não cabe dúvida nenhuma de que a viúva se manteve fiel à memória de seu marido, pois além de jamais casar-se outra vez, o simples gesto de transportar seus ossos para o porão, preservando-os e indo vez por outra visitá-los, ocasiões em que fazia uma ligeira prece, benzia-se e se retirava se não mais aliviada pelo menos não tão cheia de angústia e sofrimento; este simples gesto, portanto, seria suficiente para demonstrar em que alta conta tinha ela o falecido, não nos esquecendo de acrescentar que ao casar-se estava convencida de amá-lo — sentimento de que também não temos o direito de duvidar. Afirmamos outrossim que Domingas repudiara

todas as investidas de seu pretendente, ignorando seus olhares insinuantes, repelindo-o nas ocasiões em que tentou atrever-se a algo além dos olhares; e, quando certa feita Silvério, pegando-se sozinho com ela durante uma daquelas visitas, tentou beijá-la a força, Domingas chegou mesmo a desferir-lhe um tabefe na cara, o que, no entanto, em vez de afastá-lo incitou-o ainda mais a assediá-la — assédio que culminou da maneira que vimos.

Mas mesmo uma mulher voluntariosa, de personalidade forte e decidida e não sendo mais uma adolescente, já sem a frescura da primeira juventude embora distante ainda, aos vinte e sete anos, da maturidade e da velhice, costuma ter seus momentos não direi de fragilidade mas de ternura. Não falo da ternura pelo marido, junto do qual fazia planos sem medir as dificuldades e sempre disposta a enfrentá-las como coisa simples; essa ternura, numa mulher que se casa por amor, mesmo na vida prática permanece, um tanto recolhida é verdade, para dar seus ares em momentos muito íntimos e especiais; refiro-me a atitudes que poderiam ser classificadas como infantis, por exemplo, cuidar com desvelo de um gatinho que machucou a pata, chorar por um filhote de passarinho que morreu, arrumar sobre a cama, numa almofada de cetim, uma boneca de louça que mandara vir da cidade, coisas tais, pequeninas, aparentemente sem grande importância, mas capazes de tocá-la fundo, despertando emoções e sentimentos insuspeitados.

Isso decerto explicará como uma mulher feita para a vida prática como Domingas, fiel ao marido e aos princípios religiosos que norteiam o casamento, pôde encantar-se por um garoto que se não tinha idade suficiente para ser seu filho, poderia ser um irmão mais novo, um caçula a quem houvesse carregado ao colo e trocado as fraldas. Tanto mais odiosas se tornavam para Domingas as investidas de Silvério, com mais ternura lembrava-se do filho, Antenor, de seu sorriso amplo e tímido, das sardas espalhadas em seu rosto, do rubor de suas faces adolescentes…

Com o passar dos dias a lembrança do garoto tornava-se cada vez mais persistente sem que ela, contudo, se desse conta do que de fato acontecia. Sem se aperceber, referia em conversa, a qualquer propósito, o jovem filho de seu vizinho, ora dizendo que o achara encantador (palavras que em si não continham mal algum) afirmando que gostaria de ter um filho como ele, ora sugerindo ao pai convidá-los para um almoço ou, quem sabe, fazerem um novo passeio à sua casa, do que logo se arrependia, pois se era certo que com isso iria revê-lo, estar em sua presença, não era menos certo de que teria também de aturar-lhe o pai, que a afligiria todo o tempo com seus olhares indecentes, sua insistência em dirigir-lhe a palavra, sua incômoda presença.

O desejo de estar com Antenor, desejo ainda inocente e, como acima foi dito, infantil, acabou vencendo o receio de encontrar-se com o outro, e nas semanas seguintes ou Silvério e o filho foram até sua casa aceitando um convite para almoçar ou jantar, ou ela e o pai, às vezes também o marido, foram a casa de Silvério, em cuja companhia e do filho cearam, prosaram, divertiram-se…

Desses encontros ficou claro que Silvério não desistiria de seu intento, tornando-se cada vez mais desagradável, ainda que em presença dos demais nunca se portasse com grosseria ou de maneira a transparecer sua intenção; mas não ficou menos claro que o menino Antenor tornava-se pouco a pouco indispensável para Domingas. Ocasiões houve em que puderam estar sozinhos por algum tempo, e nessas ocasiões conversaram mais à vontade, se bem que Antenor ainda se intimidasse um pouco na presença daquela mulher que também a si causava uma estranha perturbação. Domingas então podia, com habilidade, examinar o garoto sem dar na vista, e quando este lhe surpreendia um olhar acaso mais direto e profundo, esse olhar logo se transformava num riso bem humorado ou numa frase banal a disfarçar a fogueira dentro de seu peito. Quando, sozinha, ao refletir sobre isso dava-se conta de estar apaixonada pelo menino, Domingas não sentia qualquer medo nem remorso algum, pois para ela o amor por um menino de treze anos não consistia em traição ao marido, mesmo porque o sentimento por ele, ao contrário do que seria de esperar, permanecia intacto. Amava-o de um jeito, como a mulher deve amar o homem com quem já divide a cama há vários anos; amava o adolescente como uma menina ama seu primeiro namorado, e não será exagero dizer que havia duas Domingas numa única: uma, mulher casada, responsável, ambiciosa, capaz de defender sua casa e seu marido com a força de sua vontade; outra, uma menina voluntariosa e hábil, uma adolescente rediviva que brotava de seu eu mais profundo e buscava ansiosa pelo menino por quem se apaixonara; essa menina não tinha peias nem laços, não traía ninguém pois não tinha ninguém a quem trair — estava só, era só.

O leitor na certa terá suas dúvidas: baseado em quê, pergunta-se, faço tais considerações? Não estarei criando uma fantasia em torno da personalidade de Domingas com essa análise minuciosa e improvável? Talvez fosse mais simples, argumentará, dizer que ela rejeitou seu pretendente por ter-se interessado pelo filho dele, o que podia ser inesperado dada a diferença de idade, mas não anormal. Este ponto de vista, contudo, é muito simples, não satisfaz como explicação, requer por si mesmo aprofundamento — e a descrição feita no parágrafo anterior não saiu da minha fantasia, mas das palavras de mestre Alípio, de suas expressões e forma muito peculiar de contar uma história. Teria sido

mesmo assim? Recordemos que a História nunca é a descrição perfeita do que aconteceu, mas aquilo que foi registrado e de que nos lembramos sempre a partir de nossa própria perspectiva. Essa perspectiva pode, é verdade, contribuir em maior ou menor grau com inexatidões diversas, mas dito de outra forma revela em menor ou maior grau de exatidão aquilo que teria acontecido. Assim, a Domingas que fora cortejada por Silvério e se apaixonara por seu filho não estará muito distante da que descrevi acima.

Um dia, após um almoço em casa de Silvério, este convidou seus visitantes para o acompanharem até um açude que mandara construir havia pouco tempo, e onde iniciara uma criação experimental de peixes. "A senhora decerto apreciará vê-los à tona, lutando pela migalhas que atiraremos à água" disse ele inclinando-se para Domingas, e saíram. Não haviam se distanciado muito quando Domingas, alegando uma indisposição, disse que regressaria a casa, mas insistiu em que o pai acompanhasse seu anfitrião até o açude pois não desejava de forma alguma privá-lo daquele passeio ("Fará bem ao senhor, papai, que precisa caminhar um pouco" teria dito de forma a evitar que o próprio Silvério também desistisse, "e o senhor não se recusará a prestar-lhe esse obséquio, não é mesmo Sr. Silvério?"). Ao entrar na sala não encontrou ninguém, por isso se encaminhou ao sobrado, onde imaginou que Antenor estivesse; havia ali uma saleta onde o rapaz costumava ficar, entretido com as folhas que o pai assinava e que lhe chegavam em pacotes quinzenais. Domingas não se enganara: Antenor encontrava-se naquela saleta, não sentado lendo algum jornal mas à janela, espiando para um jardinzinho nos fundos da casa, e tão distraído que só deu com a presença da mulher quando esta foi debruçar-se também à janela.

— A senhora desistiu do passeio? — ele perguntou para esconder o embaraço.

— Sim… eu me senti um pouco indisposta.

— A senhora não está se sentindo bem? Quer que eu peça alguma coisa? Um chá, ou um café…?

— Não, não é preciso… já estou bem…

Debruçados lado a lado na janela, conversaram. Sobre o que falaram é impossível saber, presumo que Domingas manteve a conversação pois Antenor, tolhido com a proximidade da mulher, sentindo talvez em ondas adocicadas o cheiro da água de colônia que ela devia usar, pouco ou quase nada diria. Por fim, calaram-se e ficaram apenas contemplando o jardim, colorido pelas muitas florzinhas miúdas que desabrochavam, entre ambos um silêncio que se foi tornando incômodo pouco a pouco: incômodo para o rapaz, que não sabia como desfazer o embaraço que o imobilizava; e para Domingas, a quem a proximidade de Antenor punha

brasas no peito e que, de súbito, num gesto de excitação, se voltou inteira para ele. Antenor, percebendo-lhe o movimento, encarou-a: olharam-se assim por alguns instantes e de repente ela o beijou.

Nesse dia o garoto ouviu, assombrado, aquela mulher bela e terrível como uma divindade dizer que o queria para si, e teve medo. Não conseguiu reagir quando outra vez ela, já sem pensar nas conseqüências (que poderiam ter sido desastrosas), correu a fechar a chave a porta da saleta. Sozinhos agora, nada pôde Antenor contra ela, que o fez deitar-se no tapete, despiu-o o suficiente para tê-lo, assim como a si mesma, apenas levantando o vestido e pondo-se sobre ele que, entre deliciado e espavorido submeteu-se àquele estranho ritual de prazer e suplício.

O que se seguiu pode ser resumido em poucas palavras: Silvério exasperava-se dia a dia por ver-se rejeitado, Domingas dia a dia exasperava-se (ainda que não o deixasse transparecer, excessivo esforço que acabou por adoecê-la) em sua paixão pelo adolescente Antenor, com quem desejava estar mais e muitas vezes, sabendo porém que não tinha como provocar encontros tão freqüentes, a não ser que quisesse correr riscos excessivos. Ora, Domingas era uma mulher cautelosa; em casa e distante do garoto, e apesar do braseiro a consumi-la, sabia disfarçar o que se passava consigo, de maneira que nem o velho Fragoso nem o marido tinham como desconfiar. Ao mencionar Antenor em suas conversas falava sempre como mãe, a mãe que não conseguira ser até então, por isso não causou estranheza seu pedido a Silvério para que o filho passasse alguns dias com ela em sua casa (cumpre esclarecer que desde aquele primeiro encontro na saleta não se haviam visto mais), "sinto-me a mãe que ele não tem, senhor Silvério". Atendê-la em seu pedido era tudo que Silvério desejava para agradar-lhe, e pode ser até que tenha dito a meia voz, como galanteio (atrevido galanteio, diga-se de passagem), "e eu me sentiria feliz se a senhora desejasse mesmo ocupar esse lugar que está vago", mas sobre isso não há certeza, portanto não se deve levar muito a sério essas possíveis palavras. Antenor lembrava-se com muita clareza do que acontecera naquela tarde, pois bem pouco tempo fazia, mas é provável que em sua timidez essa lembrança teria seu tanto de perturbadora, além de deixá-lo envergonhado a ponto de não desejar que tal experiência se repetisse. Não houve, porém, como negar-se a atender a uma ordem paterna sem uma justificativa plausível, e nos dias em que esteve em casa de Domingas, a qual em presença do marido — compungido por imaginar a excelente mãe que seria se tal bênção lhes fosse concedida — o tratava com carinhos maternais, o menino Antenor viu-se de novo vítima de sua fúria. Dava-se quando o marido logo depois do almoço saía para a lida no campo, num recanto seguro da casa onde não havia o risco de serem surpreendidos pelo velho Fragoso,

por último bastante achacado e a maior parte do tempo permanecendo na cama: então, ela outra vez convertida na menina que dentro de si se escondia, e transformando o menino que tinha ao seu lado no homem que desejava, submeteu-o o quanto quis — durante as duas semanas que durou a permanência de Antenor em sua casa. Tal expediente foi outra vez utilizado, para que Domingas pudesse manter novos encontros com seu menino? Pode ser que sim, uma ou duas vezes, pode ser que não, de qualquer forma a situação não poderia prolongar-se, e que conseqüências pode haver para uma mulher apaixonada quando já não dispõe de meios para encontrar-se com seu amor?

Silvério, dando-se conta por fim de que não teria sucesso com a mulher que se convertera para ele numa obsessão, resolveu tomar medidas enérgicas contra ela e a guerra entre as duas casas tornou-se inevitável. À repulsa que Domingas sentia pelo vizinho associava-se a paixão por seu filho, a quem, depois daqueles dias de loucura, é possível que não vira mais, e essas duas fogueiras disputavam espaço em seu peito numa segunda guerra que a consumiria em pouco tempo, não fosse uma mulher de grande vigor.

Nesse ponto o velho Alípio fez uma pausa.

— O menino — disse depois de pensar um pouco e se remexer no tamborete onde estava sentado — não perguntou por que sinhá Domingas, sendo uma dona no vigor da mocidade e já casada há uns tantos anos ainda não tinha parido, quando era de esperar que quisesse aumentar a família?

— Consta que ela não teve filhos — eu disse —, talvez não pudesse tê-los…

— Nem sempre — tornou o velho — será por culpa da mulher que numa casa não se escuta choro de criança. O que se sabe é que sinhá Domingas um certo dia anunciou ao marido que estava prenha, coisa que deve ter provocado grande alvoroço em casa, até festejo, meu pai era desse pensar quando referia essa história. Meu pai era chegado daquela casa, pessoa de confiança da família… meu pai contava seus contos…

— Sim, mas o que ele disse ao senhor sobre isso?

— O menino já vai compreender… a moça Domingas ser casada e não ter parido até aquela ocasião é coisa que se podia explicar, por uma razão qualquer o organismo dela tardava, natural que ocorresse, mas não tardaria para sempre, e um dia, dizia o marido lá com seus botões, a mulher acabaria mostrando barriga. Acaso o homem pensava que essa dificuldade em progredir a família provinha dele? Homem nunca pensa assim, sempre se julga capaz de fazer filhos, é da sua natureza, todo homem preza a macheza que tem. Mas vai um dia sinhá Domingas se en-

canta dum menino e se deita com ele, e pouco tempo depois se dá conta de estar prenha… O homem, o marido, suspeita nenhuma nunca teve, desconfiaria da mulher com um menino ainda sem barba na cara? No seu modo de entender, o motivo é de alegria porque o organismo da esposa por fim desabrochava: os meses transcorrem, ela cada vez mais pesada, e vem um dia a casa se enche de choro de criança, e o marido inda é capaz de achar que o bebê é parecido com ele… Sinhá Domingas, porém, está quieta, lá consigo mesma ela tem suas certezas… que um menino de treze anos já pode uma coisa que até então seu marido, por mais que se tenham achegado um ao outro nos anos de seu casamento, não pudera…

— Mas então a Domingas engravidou de Antenor?

— O que se pode pensar dum caso assim?… Que sinhá Domingas não era seca, ali estava a prova dependurada de seus peitos, mamando… Podia dar-se o caso de, não sendo seca, não ser por demais fecunda e ter suas dificuldades em gerar, aquele seria um feliz acaso, e a criança calhava ser mesmo do marido… mas podia dar-se também que o marido fosse seco, que por mais que se deitasse com a esposa não a fecundasse… e isso quantos anos!… Talvez que ao encantar-se dum menino novo sinhá Domingas não estivesse apenas querendo ser menina também outra vez, mas buscasse uma coisa que dentro de casa não obteria… e que não seria difícil fazer crer tê-la obtido mesmo dentro e não fora de casa…

— Então não há certeza…?

— Certeza, quase que há… que dúvida pode haver?

— E que fim teve o filho de Domingas?

— Consta que a criança nasceu, um menino graúdo, "um garotão" dizia meu pai que o conheceu, que viu sinhá Domingas dando de mamar a ele…

Mestre Alípio levantou o rosto, olhando para o teto: tentaria imaginar a Domingas desabotoando a blusa e pondo na pequenina boca o mamilo gordo para aquietar-lhe o choro e fazê-lo dormir? Esteve assim por algum tempo, depois passou a mão pelas faces, curvou-se outra vez.

Pouco tempo depois teve início o confronto entre uma casa e a outra e Domingas sentiu medo pelo filho. Pensava decerto que Silvério seria capaz de uma atrocidade contra a criança? Ou queria que o menino crescesse distante de toda aquela violência? Fosse pelo que fosse, Domingas e o marido acharam por bem levá-lo embora; em certa época correu que a criança havia morrido de uma febre, depois não se ouviu mais falar dela.

— Mas o menino não morreu — eu disse.

O menino não havia morrido, o mestre carapina explicou, cresceu

longe de casa e nunca soube de quem era filho. E se o menino não morreu, acrescentou mestre Alípio em sua fala intermitente, decerto cresceu, e se cresceu, formou-se homem, e deu-se que se agradou de alguma moça, e se agradando de uma moça veio a se casar com ela, e casando por certo a emprenhou, trazendo ao mundo algum filho, mais certo que foi uma filha…

— ?

— Essa filha calhou ser batizada em igreja de padre com o nome de Cristiana.

— Cristianinha!…

Fazia quatro para cinco anos que Domingas conhecera Antenor — e dois que se iniciara a guerra entre as duas casas — quando seu marido sucumbiu na tocaia.

Antenor, não mais um menino mas um quase homem próximo dos dezoito anos, algumas semanas após esse episódio procurou Domingas em sua casa, onde a encontrou sozinha. Decerto não se esquecera dos poucos dias que passara ali, mas ia por outro motivo. Já não encontraria a divindade que o assombrara noutros tempos, mas uma mulher ainda bela, porém um tanto enfraquecida e desgastada pela luta, que o recebeu com cerimônia, indicou-lhe uma poltrona e mandou que lhe servissem café com biscoitinhos de polvilho.

— Vim pois achei que devia, que era meu dever — ele começou. Domingas não o interrompeu, de olhos fixos no rapaz esperou. — Sei o que pensa de nós, de meu pai… depois de tudo que tem acontecido… Mas garanto-lhe que não foi ele quem mandou matar seu marido…

Domingas alteou a cabeça, encarando-o com o tanto de altivez que lhe restava.

— …nem cometeu essa barbaridade de profanar sua sepultura.

— Foi ele quem o mandou desculpar-se?

— Não, já disse que vim porque julguei meu dever. Ele desconhece que estou aqui.

Domingas olhou o rapaz durante algum tempo: lembrar-se-ia daquela tarde em que o beijara como uma menina travessa e o possuíra como uma Fúria pela primeira vez; lembrar-se-ia daquelas semanas de desvario em que por meio de um artifício sutil o tivera em casa, decerto restando em seu coração algo daquele sentimento que a abrasara e que poderia renascer se lhe fosse permitido, mas como tudo isso parecia longínquo! Pensou também que longe dali um menino crescia na ignorância das coisas, pensamento que talvez fizesse avultar em seu coração essa renascente ternura, e até mesmo quem sabe procurava no rosto do rapazola diante de si traços de semelhança com esse menino, e é certo

que então seus olhos marejaram. Domingas era forte demais para chorar na presença do rapaz, e também deve ter achado que era muito tarde para pensar nessas coisas.

Quanto tempo durou esse momento?

— Já não importa — ela disse por fim —, já nada tem muita importância — e levantou-se.

Antenor também ficou de pé. Não havia mais nada a dizer. Fez um cumprimento e saiu. Domingas permaneceu no mesmo lugar, de pé, imóvel, enquanto ouvia o tropel do cavalo afastar-se no terreiro.

O que veio depois disso já se sabe. Antenor casou-se poucos anos depois, teve uma única filha a quem chamou Inês, sua esposa logo se transformou numa gorda matrona que ocupava seus longos dias em lindos e trabalhosos bordados enquanto a filha permanecia solteira.

Quanto a Domingas, que não voltou a casar-se, a quem ela permaneceu fiel? Ao marido assassinado ou ao seu amor por um adolescente que se perdera de si no tempo? Ao recusar um ou outro pretendente que nos anos seguintes lhe propunha matrimônio, quem ela tinha em seu pensamento? Essa pergunta só é possível responder ao nos lembramos de que havia nela não uma, mas duas Domingas: a esposa decerto mantinha-se fiel ao marido morto, mas a menina ao seu amor adolescente. Esta foi a história que o velho me contou naquela noite.

— Mas — eu perguntei —, e quanto ao que Antenor disse à Domingas na última visita?

Mestre Alípio balançou a cabeça. Limpou a garganta, cuspiu de lado.

— De próprio intento — disse —, o moço Antenor não estava mentindo, pois acreditava no pai. E com certeza ainda se lembrava dos tempos de garoto… do havido entre ele e Domingas… muito embora nunca tenha sabido do filho, isso é certo… Mas os Fragoso, mais gente lá não gostava deles… a tocaia tanto pode ter sido obra desses tais para fazer crer que foi a mando de nhô Silvério, ou então foi mesmo a mando de nhô Silvério, que boa coisa não era e mantinha por lá seus jagunços… Quanto ao corpo desenterrado, bem, àquela altura não era difícil acreditar que pudesse ser obra de vingança, para afrontar e quebrantar ainda mais sinhá Domingas. A sepultura fora cavada bem distante dentro da mata, meu pai conta… inda que não se visse qualquer sinal de enxada ou outra ferramenta de cavacar a terra, as lajes de pedra em riba da cova tinham sido removidas e o corpo desenterrado… Foi gente, sim, foi gente… as carnes, não, foi serviço de cachorro, cachorro-do-mato, talvez, ou de casa mesmo… cachorro anda por longe, e sentindo cheiro de carniça… foi cachorro que comeu, não um só, mas diversos, e largaram só os ossos espalhados pelo meio do mato… porém a cabeça sumiu mesmo, nunca foi encontrada… o que também pode ter sido obra da-

quele povo vingativo, como eu disse, pra quebrantar de vez sinhá Domingas…

Então, fazendo uma pausa, mestre Alípio mexeu na lenha para avivar o fogo. Levantou-se e de uma prateleira que improvisara, fincando uma tábua na parede, apanhou duas canequinhas de ágate, lavou-as com água fervente num canto do fogão e serviu-me seu café requentado e muito doce, cujo sabor não me pareceu de todo ruim. Também ele se serviu daquele café, "para espantar o sono" disse, conquanto eu não tivesse sono algum, e voltou a sentar-se na mesma posição enquanto sorvia o líquido muito quente aos golinhos, produzindo um ruído prolongado.

— Tem até uma história engraçada sobre esse caso da cabeça — continuou o velho carapina enquanto bebia o café —, pai garantiu que foi verdade, eu só acredito porque ouvi de sua própria boca. Quer escutar?

E contou: pouco depois de se terem instalado naquelas terras, Domingas e o pai contrataram colonos; como não tivessem empregados e precisassem de mão de obra experimentada, nada mais prático que arrebanhar algumas famílias precisadas de recurso, e foi o que fizeram. Dentre os colonos, houve uma gente que muito se apegou aos Fragoso: um casal de mineiros famintos que há muitos dias se arrastavam pelas estradas pedindo pouso. Lá se iam carregando pela mão um menino barrigudo de verme e outro doentinho de morte no colo da mulher. Pediam pouso aqui e acolá, ninguém os acolhia, e quando pensaram que só lhes restava deitar na beira do caminho e morrer, Domingas passou numa carroça. Vendo a miséria apeou-se e, sem mais, acolheu em seu seio o doentinho de colo, ninando-o penalizada. Perguntou aonde iam e eles deram conta do que passavam. A moça mandou que os famintos subissem à carroça e os levou consigo. Domingas não se preocupou com os estranhos: o homem parecia-lhe de bom procedimento, por isso deu-lhes pouso e cuidou da mulher, preparou um chá de erva-de-santa-maria para o menino cheio de vermes e salvou a vida do menorzinho. Então, já com moradia arranjada, o homem chegou-se um dia à Domingas e lhe disse: "Apois, sinhá dona, nós das Gerais somos raça de gente que não sabe o que é ingratidão. Disponha de nós pra qualquer carecimento, e só não oferecemos nossa alma porque esta já pertence ao lá de cima." Já ia saindo mas pareceu ponderar; parou e voltou: "Tem uma coisa que sinhá dona tem de saber sobre minha pessoa. Não vê que vim pra essas bandas por causa de ter posto fim na carreira de um tipo muito safado que faltou com o devido respeito a minha dona. Costurei o cabra na faca, mas afora isso não tenho mais atrapalhação nenhuma, e das usanças de mexer em coisa dos outros não tenho costume. Sinhá dona

pode ficar tranqüila comigo, mas se por força do que contei não aceitar minha permanência, do mesmo jeito serei agradecido mode o bem que fez pros meus". A revelação do crime não deu que pensar a Domingas: o que quer que ele tivesse feito não lhe dizia respeito, e manteve a família a seu serviço, decisão de que não veio a arrepender-se, pois esse homem foi um dos mais eficientes que teve a seu lado durante as lutas contra nhô Silvério. Quando a sepultura foi violada e deu-se o sumiço da cabeça do morto, esse homem de confiança e sua maior força naquela luta sumiu sem dar notícia por mais de mês. Até a mulher dele começou a chorar pelos cantos, consolada pela patroa que de si mesma já não dava acordo de força para continuar na contenda. Um dia reaparece o mineiro carregando um saco e chama a patroa no terreiro da casa. Correm a mulher, a patroa, os pretos, todo mundo. "Arranjei outra cabeça pra pôr no lugar da que lhe roubaram, Sinhá Fragoso, tá'qui." E abriu o saco: dentro havia uma cabeça, dizia-se de um jagunço, homem de confiança que matava a mando de nhô Silvério, e o mineiro explicou: "O patrão fugiu, ganhou mundo, senão era a dele que eu lhe trazia".

Estivemos um bom tempo calados, escutando o crepitar da lenha no fogão e o vento que vez por outra sacudia as árvores no terreiro com grandes golpes. Por fim, mestre Alípio pôs a caneca em cima do fogão, descruzou as pernas e disse:

— Acho que você deve saber sobre sua mãe.

Eu, que não esperava ouvi-lo tão de repente, e muito menos que fosse mencionar minha mãe, levantei o rosto para ele, mas como a luz da lamparina houvesse diminuído bastante, mal pude enxergá-lo quase sumido na escuridão da cozinha. No entanto, se afirmo que não esperava ouvi-lo falar em minha mãe, parece talvez que me contradigo, pois não o procurara à espera de obter uma luz para a confusão em que minha vida se tornara? Verdade é que a lembrança disso em tal circunstância não deixa de ser inesperada: afinal, transtornado com o que vira — e fugindo apavorado das Oliveiras —, o mais certo é que tal pensamento nem ao menos me ocorresse. Contudo, sabe-se que abalos muito fortes têm a propriedade de nos manter, por algum tempo, insensibilizados, o que explica não apenas como nesse momento tivera essa intenção mas também o interesse com que ouvia a história contada pelo velho carapina. É certo também que, refletindo com calma, mesmo explicando-se como tal pensamento pôde ocorrer-me em meio a tamanhas aflições, não se encontra nenhuma justificativa para tanto: todos os horrores que eu vinha testemunhando teriam alguma ligação com qualquer fato do passado desconhecido de mim, mesmo que mais de perto me dissesse respeito? Parece-me que não. Que esperanças, pois, eu poderia ter? Essas esperanças, no entanto, surgem-nos sem as explicarmos — e

não nos aventuramos a falar delas em voz alta com medo de que nossa ilusão não nos conduza a nada de concreto; procuramos escondê-las de nós mesmos, e permanecem obscuras até poderem, enfim, afluir sem nenhum receio. Terá sido isso o que me levou a procurar a companhia de mestre Alípio e ouvir suas histórias. Mas ele, até então, falara apenas de acontecimentos muito antigos.

— Vosmecê já é um moço — continuou ele —, logo será dono disso tudo, não convém que ignore sobre sua gente. Mas pode estar certo de que hoje em dia já não se fala tanto dessas coisas, a não ser uma vez ou outra. Não tarda e tudo cai no mais cerrado esquecimento — e fez uma pausa. — Além do mais — disse ainda — tenho escutado notícias do que anda acontecendo por lá. Fala-se na aldeia… o povo comenta… o vigário tem feito sermão sobre o fim dos tempos…

Mexeu-se. Procurava alguma coisa nos bolsos. Esteve quieto durante um bom tempo remexendo algo entre os dedos, como se pudesse ver no escuro. Depois estendeu a mão para o braseiro à boca do fogão, que já se apagava. Em seguida uma brasa rebrilhou, iluminando-lhe as feições: mestre Alípio havia preparado outro cigarro de palha.

— Alguém pode dizer que uma coisa não tem a ver com a outra — disse —, o que anda acontecendo por lá com o que vou lhe contar — explicou —, mas é certo que o menino não veio aqui à toa…

— Não…

— Soube da morte que se deu ontem — ele disse.

— Houve outra hoje.

— Outra?

— A preta Rufina…

— Morreu?

— Foi morta.

— Ah…

Mestre Alípio tragou franzindo o cenho e semi-cerrando os olhos, depois soltou uma baforada, a fumaça branca subiu, evoluiu devagar no ar parado e escuro da cozinha. A chama da lamparina, imóvel, diminuíra mais. O velho se levantou e, apanhando uma garrafa embaixo de um guarda-comida, despejou um pouco de querosene no bojo da lamparina, espevitou a torcida, a chama ganhou força.

— O menino decerto se lembra daquele homem, o Ruivo, e do que lhe contei certa vez.

Fiz que sim. A lembrança do Ruivo — e do que se passara naquela bodega — permanecia ainda, e permaneceria sempre bastante clara.

— Lembra-se decerto do que eu disse, a velha Domingas tinha criado não uma, mas duas crianças. O garoto que veio a ser o Ruivo tinha uma irmã gêmea.

Senti um abalo.

— O Ruivo desde cedo ganhou mundo, mas a menina continuou em companhia da velha, formou-se moça, e com o apego de mãe que a velha tinha por ela era natural que quisesse para sua menina um bom matrimônio, se bem que isso na cabeça dela não tivesse muito a ver com os encantamentos que fazem pouso no íntimo das moças donzelas. Não se tratava de casar a menina com um homem novo e vistoso, e sim com alguém que tivesse condições.

— E casou?

— Casou — ele disse. E após uma pausa: — Casou-a com o homem que vivia nas Oliveiras.

— !!…

— Casou-a com o pai do menino.

— Minha mãe?!… A irmã do Ruivo… foi minha mãe?!

Mestre Alípio não respondeu logo. A brasa do cigarro rebrilhou com mais intensidade por alguns breves instantes enquanto o velho parecia pensar.

Eu, tudo que sabia da história antiga desta terra e desta gente, aprendera no diário escrito por meu pai, que, para espanto meu, nenhuma referência havia feito àquela que seria minha mãe, exceto algumas linhas nas quais descreve sua chegada às Oliveiras já como sua prometida, tendo o casamento se realizado naquela mesma tarde:

> *"A moça que deverei desposar chegou hoje, acompanhada por uma ama velha que agora está com ela no quarto, preparando-a. Já a havia visto na fazenda, é uma mocetona rija — ainda que não passe de uma adolescente de apenas quinze anos — que decerto me dará um filho saudável e haverá de criá-lo com o amor típico dessas mulheres sertanejas, um amor despojado de derramamentos e excessos, nem por isso menor e menos maternal. É uma moça bonita, não resta dúvida, e minha carne deveria inflamar-se à sua vista, mas sinto-me árido, e às vezes me pergunto se estarei agindo com retidão em impor a uma mulher tão jovem minha companhia de velho sem mais vigor para o leito. Talvez não vá fazê-la feliz, mas sinto que minha vida não se alongará muito, uns pouco anos mais se tanto, apenas — e que Deus Nosso Senhor mo permita — para ver meu filho dar seus primeiros passos, pronunciar suas primeiras palavras, e bem cedo ensinar-lhe o caminho da fé, ensinamentos esses que espero incutir também nela, para que ela complete a obra. Enfim, quando eu morrer, deixá-la-ei muito jovem ainda, de forma que poderá casar-se outra vez. Só em face dessa possibilidade minha preocupação com essa moça é atenuada, e não me sinto culpado perante sua juventude.*
>
> *"Enfim, devo sentir-me satisfeito por ela ter-me sido oferecida, e mais,*

por não me ter recusado como consorte, pois do contrário eu não teria feito qualquer imposição, o que também contribui para eu não me sentir culpado.

"Esta noite já seremos marido e mulher: se ela me der logo esse esperado rebento, bem cedo deixarei de incomodá-la para que se sinta à vontade nesta casa. Tudo que quero é um final de velhice livre de tormentos e remorsos, e refletindo sobre isso concluo que a causa é louvável: para todo mal que ocorreu aqui com a minha contribuição, é necessário que pelo menos uma coisa boa fique registrada e para isso eu também contribua, e não se diga que minha passagem pela terra foi marcada pela maldade, nada de bom resultando dos meus atos. Deixarei algo bom no fim das contas: um filho."

Depois deste trecho nenhuma outra referência à minha mãe, exceto uma breve nota por ocasião do meu nascimento e outra dias depois de sua morte. As palavras de Edgar a respeito da morte de minha mãe não eram apenas breves, mas incompreensíveis. O que poderia ele pretender com a seguinte (e única) nota?

"Ela está morta. Tudo que eu queria era uma velhice livre de remorsos. Afinal serei maldito a ponto de não ter direito a isso?… Deixarei mesmo, afinal, algo de bom nesta vida?"

O mistério por trás desta anotação estava prestes a desfazer-se.

— Naqueles tempos — prosseguiu — conheci muito nhô Edgar. Dona Ismália também, mocetona bem apessoada! Deve ter sido um encanto para nhô Edgar, já idoso, ser possuidor daquelas carnes…

Fez uma pausa prolongada, e me pareceu que seu modo de referir-se a minha mãe fora indecoroso ("ser dono daquelas carnes"), era porém só um modo de falar, não havia maldade nessas palavras.

— Quando ela morreu falou-se muito por aí…

— O que se falou?

— Falou-se… o quê?… Ora, tudo… mas ninguém sabia de nada, é assim mesmo, o povo fala, comenta, inventa histórias… um diz "aposto que foi por isso ou por aquilo", os que escutaram já fazem daquilo uma verdade, já acrescentam suas opiniões… no fim das contas ninguém diz coisa com coisa, cada um tem uma explicação para o fato, e cada explicação está mais longe da verdade que a outra…

— Mas o que se falou?

— Ora, pouco importa… de resto, não variavam muito os comentários… que dona Ismália tinha um amante… que nhô Edgar mandou um dos negros da casa pendurá-la na viga da sala… ou que ela tinha se enforcado de remorso…

— Nunca me esqueci daquela manhã — eu disse. — Estava em meu

quarto e acordei com um grande alarido… ao descer dei com minha mãe pendurada de uma viga… não me importa o que o povo possa ter dito, faz tanto tempo que isso não tem qualquer importância agora…

— Mas vosmecê por certo deseja saber o que aconteceu…

Balancei a cabeça, fazendo que sim.

— Uns dias antes do acontecido eu fui às Oliveiras, ia lá de vez em quando, gostava de nhô Edgar, apreciava a prosa dele, é capaz que o menino até se recorde de me ver por lá — eu fiz que sim com a cabeça, recordava-me de algumas vezes em que o mestre carapina aparecera em casa. Mestre Alípio continuou: — Mas naquele dia encontrei o pobre homem muito abatido. "Se assente, seu Alípio" ele me diz, e eu me achego, sento num tamboretezinho, pergunto: "O senhor parece achacado, nhô Edgar", e ele me esclarece: "Estou doente, seu Alípio… estou doente da alma…" e então, como pôde, embrulhando as palavras, pois não sabia muito bem como referir o que se passava, e falando baixo como se tivesse medo de ser escutado, disse que havia descoberto uma coisa horrível sobre dona Ismália…

— E o que era?

Mestre Alípio fez uma pausa. Pareceu-me que refletia no que dizer, em como dizer.

— Nhô Edgar me garantiu — disse enfim — que dona Ismália vinha cometendo o pecado da carne… Homem de muita religião, muito estudado nas coisas de Deus, lia as Escrituras, sabia tudo aquilo… usava essas palavras, era seu jeito de falar.

Mestre Alípio não podia ver o estremecimento que me agitou o corpo. Lembrei-me de como minha mãe se comportava comigo na hora do banho, suas carícias exageradas, a maneira como beijava meu corpo… Meu pai havia descoberto? Como?

— "Mas como é que o senhor soube disso, nhô Edgar?" eu perguntei, abismado, "dona Ismália é moça séria, pela criação que teve nunca iria proceder mal!", mas ele não deu fé no que eu disse, "preste atenção, seu Alípio, que lhe refiro essas coisas na qualidade de pessoa de casa. Que não passe daqui!" e eu atinei que ele só me contava aquilo porque precisava falar com alguém do sofrimento que o consumia por dentro, inda que decerto não falaria com qualquer um, só comigo, pessoa muito chegada… Nhô Edgar estava certo de que dona Ismália tinha cometido aquele pecado… "Ela precisa pagar pelo que fez…" ele disse ainda.

— Mas… ele não disse o que sabia? Quais eram suas desconfianças? — insisti, especulando até que ponto mestre Alípio tinha conhecimento dos fatos, e de novo o velho se calou: a brasinha do cigarro brilhava e apagava, brilhava, apagava…

— O menino é certo que não se recorda… era muito criança naque-

la época… além disso uma criança nunca sabe de que jeito a mãe toca seu corpo…

E fez nova pausa. Percebi que minha suspeita era correta: Edgar, meu pai, descobrira sobre o comportamento de minha mãe comigo na hora do banho, e não suportando mais remoer sozinho seu desespero relatou o que sabia ao amigo. "Se ela estivesse pecando com um dos negros, mestre Alípio" meu pai teria dito ainda, "ou com algum homem da aldeia, eu seria capaz de tolerar, pois afinal é moça, tem lá seus apetites enquanto que eu já ando velho pra essas coisas", mas o carapina, percebendo que eu me lembrava bem de minha infância, evitou prosseguir nesses pormenores. Eu mesmo quase não ouvi minha voz, quando perguntei:

— Ele… não disse como descobriu?

A brasinha do cigarro descreveu uns círculos no ar. Depois o velho apagou-a com o pé. Mas o fumo era uso: preparou outro cigarro com sua calma costumeira, acendeu-o no braseiro do fogão, pitava outra vez.:

— Por alto — mestre Alípio disse —, muito por alto… um dia, parece que sem querer, espreitou quando… enfim, foi isso, mais ou menos isso… o pobre homem estava arrasado ao me referir essas coisas…

— Então ele a matou… ou mandou matar…?

— Não a matou… nem mesmo esperava por aquele remate… mas, também sem querer, fez com que ela se pendurasse lá…

— Como?!

— Nhô Edgar tinha um força muito grande nas palavras… uns dias depois do acontecido fui procurá-lo…

— …

— Ele me falou da conversa que tiveram… tinha-lhe atirado em rosto seu pecado terrível, dissera-lhe que o Inferno a esperava, que ela não teria salvação… olhe que eu conhecia o jeito dele falar de sua crença, uma ou duas vezes tentou converter-me, explicou-me a danação da alma, era de apavorar quando falava do Inferno… penso que a pobrezinha, escutando tais palavras ditas com tanta força… dona Ismália era uma moça forte, de boas cores, rija para o trabalho, mas fraca dos nervos, muito impressionável a coitadinha, assim desde criança, qualquer coisa a apavorava… Apois, uma ocasião, dona Ismália inda menina, estive na casa de sinhá Domingas a seu pedido, eu devia fazer por lá uns consertos no telhado… deu-se que, depois da janta, para distrair as crianças eu referi uns causos de assombração… coisa à toa, histórias… o garoto nem se incomodou, inté se riu, mas que apavoramento a pobre menina passou só de escutar esses causos, que medo se via em sua carinha miúda! Sinhá Domingas até me chamou a atenção, "não toque nesses assuntos perto da menina, seu Alípio" disse, "ela é fraquinha dos

nervos, se assombra com muita facilidade. Há de ter pesadelos e até passar mal de noite"… pois foi… daí que nhô Edgar descobriu o que ela fazia e a enlouqueceu com sua palavra… e depois penou de arrependimento…

Enquanto pensava em minha mãe e no que acabara de ouvir, fiquei olhando abismado a boca do fogão de lenha, onde o fogo começava a apagar-se. Mestre Alípio curvou-se e mexeu na lenha, atiçando o braseiro, e se levantou. Apanhou mais lenha num canto da cozinha e meteu-a no fogo, soprando para acender, e enquanto isso vi sua cara avermelhando à luz das brasas e a veia do pescoço, que saltava.

Ofereceu-me mais uma caneca de café e sentou-se de novo com as pernas cruzadas, apoiando o cotovelo no joelho e bebericando assim meio recurvo. A cada gole, sorvia o café com um ruído áspero que sobressaía na quietude da hora, enquanto a luz da lamparina de novo amortecia, intensificando-se as sombras no recinto.

— Eu conheci nhô Teodomiro — disse, quando eu não esperava que fosse dizer mais nada.

— Meu pai falou-me dele…

— Nhô Teodomiro não era homem de bom coração… mas certas coisas que ele fez de errado tiveram no meio a mão de nhô Edgar, antes de ele virar homem devoto…

— Ele também me falou dessas coisas…

— Quando chegou nesta terra, nhô Teodomiro ganhou admiração do povo… homem de muito dinheiro, produzia assombro em todo mundo… por exemplo, a capela que mandou construir nas Oliveiras, tinha até ouro nos santos do altar… aquilo rebrilhava…

— De onde ele veio? Meu pai nunca me disse, nem deixou nada escrito, embora mantivesse um diário onde fez muitas anotações.

— Nhô Edgar, pelo que se sabe, era primo dele… dizia-se… a mim também não chegou a referir donde provinham… só o que sei é que vieram, ocuparam as Oliveiras… uns anos depois nhô Teodomiro casou com senhorinha Inês, filha de nhô Antenor, teve festança, eu lá estive, testemunhei o que foi aquilo… e o que veio depois… nhô Teodomiro não tinha amor por dona Inês, nenhum amor… outro amor ele teve neste lugar…

— Cristianinha — eu disse. — Meu pai escreveu sobre isso. Mas ele não sabia que Cristianinha era neta da viúva Domingas…

— Há umas certas coisas sobre essa moça que nhô Edgar não ficou sabendo. Eu vim a colher por acaso…

— Ela teve um filho dele e depois sumiu… era muito nova então…

— Quase menina…

— Meu pai me contou, ou melhor, deixou escrito que Teodomiro

não se conformava… foi o único filho por quem teve amor, e não o viu mais… aos filhos que teve com Inês, e talvez por isso mesmo, detestava, assim como odiava à mulher…

— Esses que chegaram há pouco tempo…

— Sim, esses…

— Esses ele mandou pra fora de casa muito cedo, inda crianças…

— Pelo que meu pai deixou escrito, fez isso não só por não amá-los, mas também por ódio à mulher.

— É verdade… Na época muita coisa correu por aí, à boca miúda… falava-se, nem sempre o que se passa dentro de casa aí fica resguardado… mas não é o que importa… O desamor de nhô Teodomiro por sinhá Inês e os filhos que teve com ela se converteu em rancor na mesma medida em que, amando sinhazinha Cristianinha e o filho, perdeu a ambos… Foi isso… Mas no que conta a sinhazinha, dá-se que o menino dela viveu por longe daqui, mas um dia sem que ninguém dele desconfiasse apareceu…

— Ele voltou? Teria vindo conhecer o pai?

— Nhô Teodomiro já tinha morrido quando ele veio. Quem ficou sabendo? Além da velha Domingas, sua bisavó, que devia de ter sabido sempre do rastro da neta, ninguém. O homem andou por aí uns tempos, esteve em Pilar, trabalhou para uns e outros nuns serviços de roça, e depois se foi…

Esticou o braço na direção do braseiro, levou o cigarro à boca e pitou.

— Passado mais algum tempo, dois para três anos, voltou. Reapareceu sem que dele ninguém se recordasse… e agora ele vinha para ficar. Queria alojar-se em qualquer canto, arranjar uma colocação, esteve por aí, procurando…

— E achou?

— Logo no começo não, e tornou a se retirar, por pouco tempo porém. Como eu disse, tinha vindo para ficar, e não transcorrendo dois meses, pouco pra mais, pouco pra menos, do pé pra mão achou-se feitor nas Oliveiras.

— Nas Oliveiras?!

— Apois…

— Florêncio?!

Mestre Alípio pitou, a cabeça num movimento confirmativo.

— Quando o filho de sinhá Cristianinha voltou para cá, vinha de intenção formada…

— Sim, decerto com intenções quanto às Oliveiras…

— Não digo que não… Sinhá Cristianinha hoje é falecida, mas na época vivia ainda; calculo que deve lá ter contado ao filho sobre o pai, sobre a propriedade, deve ter dito "vai, que aquilo lá é teu", e ele veio…

— Mas se ele veio pensando na propriedade, então é certo que ele quer ser o dono!

Mestre Alípio fez um gesto com as mãos.

Uma idéia se formava em minha cabeça, confundia-me:

— Mas agora — eu disse — estão na fazenda os outros… os filhos de Inês…

— Que são meio-irmãos dele — completou o velho — mas não sabem.

— Será que ele pensa em matá-los?… E a velha Domingas? Será que ela está por trás dessa maquinação?

— A velha Domingas é mulher de seus mistérios, de suas sabedorias. E tinha também suas preferências pela vossa pessoa, não sabe?

O que mestre Alípio acabava de referir trouxe-me à lembrança certa noite em que a Fragoso aparecera nas Oliveiras e como eu fora espioná-la e acabei descoberto, tendo de submeter-me a um medonho abraço da velha. Recordei-me então de uma frase sua a meu pai naquela noite:

"— É preciso proteger o menino."

Referia-se a mim. À época, a possibilidade do aparecimento nas Oliveiras dos filhos de Teodomiro era muito vaga, apenas o Cardeal se correspondia vez ou outra com meu pai. Sabia da existência dessa propriedade no Brasil, vasta, é verdade, mas de pouca importância para alguém como ele. Dos outros dois não se tinha notícia. Ainda assim a velha Fragoso preocupava-se em proteger-me deles. Essa preferência por mim dever-se-ia apenas ao fato de ser eu o filho da menina Ismália, que havia criado de recém-nascida? É possível que seu apego à criança que criara se estendesse também ao filho dela — tinha-me talvez na qualidade de neto, se pensarmos que Ismália seria para ela uma espécie de filha, o que explicaria tal preferência, principalmente conhecendo, como agora conhecia, a tragédia de sua família: o marido assassinado, o filho por motivo de segurança crescendo longe dela, ela sozinha no mundo contra inimigos que a queriam destruir…

Isto seria tudo?

Mestre Alípio, como era seu costume, negaceou quando lhe perguntei. Não adiantava apertá-lo: para ele era talvez impossível falar de forma direta e ordenada: durante sua narrativa ia e voltava sobre as palavras, contava e recontava, perdia vez por outra o fio da meada, perdia-se, interrompia-se para pensar, a brasinha do cigarro rebrilhando no escuro, limpava a garganta nessas demoradas pausas e então era necessário lembrá-lo, "mas o senhor dizia…" e ele então se reencontrava. Como de costume, portanto, negaceou, fez um gesto com a mão que segurava o cigarro de palha, parecia concentrar-se e suas feições se dissolviam nas sombras.

Depois falou:

— Mas calhou que eu esqueci de referir ao menino umas certas coisas…

E ele de novo fez uma pausa prolongada, durante a qual esperei, sem apressá-lo mas impaciente, que prosseguisse. Sim, eu acertara em minha suspeita, ainda havia coisas a serem ditas.

— Quando andou por cá pela primeira vez, rapazote de seus vinte anos, o filho de sinhá Cristianinha, nhô Florêncio, fez suas estripulias… sabe-se que desencaminhou uma moça de Pilar, deixando-a prenha…

Tive um sobressalto diante desta novidade, e olhei mestre Alípio tentando adivinhar pela expressão de seu rosto — que mal podia enxergar no escuro da cozinha. Ele, no entanto, continuou sem se interromper:

— …e foi por causa dessa arte que sumiu alguns anos. No que voltou, quando já ninguém dele se recordava, não procurou pela moça, nem quis saber se o filho tinha nascido vivo ou morto.

— E nasceu vivo? — perguntei.

— Vivos, sim — disse mestre Alípio, e eu estremeci. Ele dissera "vivos"? — Vivos — repetiu. — Gêmeos, um menino e uma menina…

Então compreendi — e num ímpeto levantei-me, ainda sem acreditar, e encarei mestre Alípio que, com sua indiferença costumeira, tirava baforadas do cigarro de palha. Dei dois ou três passos pela cozinha levando as mãos ao rosto, esfregando-o com vigor.

— Só agora fico sabendo! — disse, pasmado. Apoiei-me numa parede, reclinando a cabeça para trás. — Por que só agora fico sabendo da verdade a meu respeito?… Por que, mestre Alípio, o senhor não me contou antes?

O mestre carapina não se moveu.

— As coisas têm sua hora, menino. Tudo tem sua hora.

Eis por que a viúva Fragoso demonstrava um interesse todo especial por mim: não seria natural, já que era minha tetravó? Pois se Ismália, minha mãe, era filha de Florêncio, e este filho de Cristianinha, neta de Domingas, ali estava eu — seu tetraneto!

Edgar, meu pai, teria conhecimento desses parentescos? Mestre Alípio acreditava que não; eu, pois do contrário teria encontrado alguma referência em seu diário, também penso assim, e concluo que ele devia atribuir tal interesse tão só ao fato de eu ser filho da criança que ela criara desde recém-nascida.

Sabedor dessa novidade, que me deixava pasmo, perguntei-me se a velha Domingas não teria em mente proteger-me daqueles que odiava. Não podia duvidar do seu ódio pelos três irmãos (em quem eu descobria um novo parentesco: já não eram meus primos, mas meus tios), filhos de quem ela julgara seu grande aliado contra o antigo inimigo, mas que se

convertera também em inimigo ao assassinar-lhe o filho único — o pai de Cristianinha, que terminara no fundo de um barranco —; e já não duvidava também de que minha tetravó em sua extrema velhice urdia contra eles no esconso de sua casa perdida na mata.

— Devo procurar por ela? — perguntei.

O velho carapina se levantou com vagareza, a luz da lamparina atingiu em cheio seu rosto, agora mais próximo da chama. Mestre Alípio tinha o rosto de alguém em quem o tempo deixara todas as marcas sem, contudo, vencê-lo.

— Ela havera de abraçar o menino com muita satisfação — disse.

Abraçar-me, minha tetravó! Tantos anos depois a idéia de ser abraçado pela velha Fragoso ainda me causava um certo incômodo!

— Sendo certo também — mestre Alípio acrescentou, ereto ao lado do fogão, o queixo descaído para o peito — que ela, se calhar, deve ter coisas a lhe dizer.

No fundo do terreiro, um galo cantou. Chegava a madrugada.

— Canta certinho esse galo — disse mestre Alípio. — Todo dia, canta certinho.

— Certinho? — perguntei, sem pensar no que dizia, indeciso ainda quanto ao que fazer quando amanhecesse.

— Apois, sempre! É ele cantar, e o dia não tarda clarear.

Mestre Alípio levantou-se e abriu a porta.

— Acerto minha hora por ele — disse ainda o velho. — Galinho bom esse, menino, galinho bom!

Olhei através do vão a madrugada ainda escura, a massa das árvores e folhagens próximas ainda indistinta, mas o céu começando a tingir-se de uma vaga claridade. Levantei-me também, firmando-me com alguma dificuldade nas pernas inseguras e sentindo um formigamento na planta dos pés; saí para o terreiro respirando o ar gelado da manhã enquanto o galo de mestre Alípio, a intervalos, cantava. Tudo que sempre ignorara acerca de meu nascimento me fora revelado; naquelas últimas horas confundiram-se em minha cabeça o horror do que testemunhara nas Oliveiras e a surpresa das novidades relatadas pelo velho.

Sentia minha cabeça rodar.

"Não tarda clarear" — advertia o galo, mestre Alípio por testemunha regulava sua hora por ele.

Quanto a mim — que rumo tomar agora? Pensei em minha tetravó, umas vagas lembranças da infância levaram-me a fazer uma careta, "não" pensei, "pelo menos por enquanto, não…"

Perto, mestre Alípio pigarreou e cuspiu.

Ao fundo o galo continuava a invocar o dia.

Eu, dentro de mim, mantinha-me imobilizado.

O Homem de Preto

"E, havendo aberto o terceiro selo, ouvi dizer ao terceiro animal: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo preto e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança na mão."
(**São João** — *Apocalipse, cap. 6 vers. 5*)



eria de esperar que ele reaparecesse, mas depois de tudo que acontecera naqueles dias verdade é que foi com surpresa que o vi outra vez nas Oliveiras.

O Investigador tornara-se conhecido por sua habilidade e persistência. Mesmo que levasse anos, dizia-se, dedicando-se a casos dos quais se diria insolúveis, não raro um criminoso era conduzido aos tribunais graças a essa pertinácia, que combinava uma inteligência viva e aguçada a uma paciência sem reservas que lhe permitia concentrar-se nos pormenores mais insignificantes, na reunião de elementos mínimos até formar indícios e provas irrefutáveis e, por fim, a Justiça estender a mão sobre o delinqüente sem que este lograsse safar-se ou defender-se. Sabia-se também de sua capacidade de perseguir um criminoso anos a fio até agarrá-lo. Usava armas com absoluta perícia, não hesitando em matar se não restassem dúvidas sobre a culpa, o que não fazia dele um justiceiro vulgar, pois era certo que não tinha por hábito atirar contra aqueles que se submetessem à sua voz de prisão. Conforme o que corria a seu respeito, tinha mais satisfação em prender do que em matar, pois não só seguia as normas legais como também, subjugado o criminoso, era-lhe possível olhá-lo nos olhos daquele seu jeito típico e dizer-lhe (isso afirmavam alguns que com ele haviam privado): "Você é um tolo. A mão da Lei alcança mais longe do que suas pernas podem correr".

Não por essas particularidades, teria ficado conhecido e até famoso por sua aparência estranha, quase ridícula: viajava num cavalinho preto um tanto magro e maltratado, que a mim me pareceu o mesmo de quando o conhecera, anos antes, e era bem possível que fosse, pois como haveria outro cavalo assim, escanzelado mas, ao mesmo tempo, dando a impressão de uma fibra e uma resistência incomuns, como se dissesse ao dono: "Vamos, que ainda posso percorrer bem todos os caminhos"? A esse animal de aspecto miserável, somava-se o aspecto não menos miserável do cavaleiro, franzino de corpo, que ora parecia ereto, ora recurvo, rosto chupado e comprido, cabelos cortados rente e um

bigodinho muito fino como que desenhado a lápis (olhando-o de longe parecia uma risca negra sobre o lábio). Suas roupas (excetuando-se a camisa) eram, de ordinário, não apenas pretas (de um preto, porém fosco que pelo uso já tendia para o cinza), como as mesmas — dir-se-ia que não dispunha de mais de duas mudas de roupa exatamente iguais: um terno surrado, sapatos bastante gastos sem verniz, e uma gravatinha estreita feito uma tira de pano a sobressair na camisa branca, entrevista sob o paletó. O homem dava ao mesmo tempo impressão de desleixo e pusilanimidade, conquanto não estivesse sujo — pelo menos estava tão limpo quanto lhe permitiam tais andanças por aqueles caminhos poeirentos —, mas essa impressão, pelo que já foi dito — e pelo que ainda veremos —, era enganosa.

Era esse o homem que naquela manhã, no salão principal da casa, entrevistava-se com o Cardeal. Falando em voz baixa, comedido de gestos, tinha por costume não encarar o interlocutor — quando o fazia, porém, provia-se o olhar de tal determinação que de imediato ficava claro não conhecer intimidações.

— Interessa-me apenas cumprir a lei, Eminência — ele disse, sentado numa poltrona defronte ao Cardeal. — Apenas o culpado me interessa — o homem de preto acrescentou. — Vim para prendê-lo. É só.

Essas palavras, disse-as sem se apressar, sem elevar a voz nem os olhos, toda sua atenção concentrada no chapéu, que ia girando e regirando devagar entre as mãos.

— Mas o senhor vem buscar um criminoso em minha casa — retrucou o Cardeal pondo-se de pé, agitado e com impaciência. Naquela manhã seu aspecto não condizia com sua posição, demonstrava um nervosismo indicativo de estar enfrentando uma tremenda batalha interior, e penso que só a custo mantinha um razoável equilíbrio, suficiente apenas para não expulsar o incômodo visitante. Além do mais, não penteara os cabelos e vestia o mesmo hábito de duas noites atrás, no qual era possível ver ainda algumas manchas de carvão e até mesmo um pequeno chamuscado embaixo, na barra. Aproximando-se dele sentia-se o cheiro de fumaça a impregnar-lhe o corpo. — O que o faz pensar que haja um aqui?

— Talvez não esteja aqui — disse o homem de preto —, talvez já não esteja aqui…

— Então!

Nesse momento o visitante levantou o rosto inexpressivo, seus olhos alcançaram o Cardeal e suas palavras acompanharam o olhar. Decerto próximo como estava dele sentia o forte cheiro de fumaça que havia em suas roupas e percebia seu mau aspecto, mas se mantinha indiferente. Sua voz não se alterou:

— Um homem foi morto na vila, Eminência, e diversas testemunhas juram que o assassino é um morador desta casa. Houve até quem afirmasse que se trata de um familiar muito próximo de V. Eminência. Persiste, pois, afirmando que ignora o fato?

— Não ignoro coisa alguma — respondeu o Cardeal —, sei que um homem foi morto na vila, e ouvi dizer que o assassino é um dos meus irmãos, um que possui patente de Coronel do exército. Tudo isso admito, e pouco me importa se o senhor veio aqui para prendê-lo ou não, e que o consiga ou não. O que estou lhe dizendo é que nesta casa ele não se encontra. Eis tudo.

O visitante pôs-se também de pé devagar. Súbito, deu outro rumo à conversa, isto é, calou-se por algum tempo enquanto parecia examinar o ambiente. Andou pelo salão como que de todo esquecido do que o levara ali, atitude que pegou o Cardeal de surpresa, deixando-o sem ação a observar-lhe os movimentos. O visitante, como se não necessitasse de um convite para explorar a casa, atravessou, sem se apressar, as mãos cruzadas atrás das costas, o aposento rumo ao vestíbulo (de onde se subia para o segundo andar), e uma vez aí olhou para cima, deteve-se ao lado da escada como que examinando o teto por algum tempo, enquanto o Cardeal, ainda sem tomar qualquer atitude, limitava-se a observá-lo.

— Certa vez estive nesta casa — disse o homem de preto por fim —, e lembro-me de ter chegado numa hora imprópria. Também naquele dia procurava um criminoso…

— E o encontrou aqui, por acaso? — apressou-se a perguntar o Cardeal em tom irônico e algo provocativo, de certo modo disfarçando o nervosismo que transparecia de suas mãos, as quais cruzava e descruzava, esfregando uma na outra repedidas vezes. — Pois me parece — acrescentou — que o senhor adquiriu o hábito de procurar criminosos nesta casa.

— Não, não o encontrei… a pessoa que eu procurava então não residia aqui, eu apenas viera tomar informações… essa pessoa, aliás, vem me escapando desde então — o homem de preto falava ora baixando a cabeça, ora olhando de relance para o Cardeal, ora voltando a contemplar o teto —, trata-se de um malfeitor ardiloso… diria mais, não só ardiloso como também inteligente e… por isso mesmo, perigoso… mas não vem ao caso. Naquele dia, como disse, vim apenas tomar informações, e cheguei num momento inadequado… Velava-se uma jovem senhora que na noite anterior se suicidara — neste ponto, o homem de preto apontou para o teto e olhou para o Cardeal —, pendurara-se naquele lustre ali… Havia um homem idoso junto ao corpo, aí mesmo onde o senhor se encontra… haviam posto aí uma mesa, e sobre ela o féretro… pois bem, quando me apresentaram, esse homem idoso levan-

tou-se um tanto desorientado, passou comigo para esta saleta e indicou-me o lustre, referindo-me a tragédia… por um momento tive a impressão de que tentava explicar-me o ocorrido na noite anterior, um suicídio e não um crime, e que por isso não via razão na presença de um investigador da polícia… enfim, uma situação assaz embaraçosa… — o homem de preto cruzou outra vez as mãos atrás das costas e voltou ao salão. Parou defronte ao Cardeal.

Encarou-o com firmeza, mas sem o menor sinal de afronta:

— Hoje sim, Eminência, minha vinda a esta casa é oficial, e aviso que não terei contemplações. Vim para prender esse homem, e pouco me importa sua patente: coronel do exército ou o que seja, quando estiver ao meu alcance será preso. Interessa-me apenas cumprir a lei.

O Cardeal deu de ombros, afastando-se.

— Prenda-o, se o encontrar. Nada tenho a ver com isso.

— Sim, Eminência, vejo que compreendeu e acredito quando afirma que nada tem a ver com isso. Também não leve a mal minhas palavras, nem as entenda como uma ameaça… pelo menos não como uma ameaça dirigida a si — fez então um breve movimento com a cabeça, inclinou-se e sem mais atravessou a larga porta da frente. No terreiro, montou o cavalinho magro e se foi.

Passara-se apenas um dia desde os acontecimentos descritos no capítulo anterior. Na véspera, em casa de mestre Alípio, enquanto este ainda no escuro da madrugada começava a agir (havia apanhado uma vassoura de palha e varria o terreiro; logo que clareasse um pouco mais partiria, com uma enxadinha no ombro, para a plantação), eu tomado de incertezas espiava os prenúncios do novo dia.

— O senhor não dormiu por minha causa — disse, vendo-o varrer.

— Que nada — ele replicou —, gente velha feito eu dorme pouco. Por costume levanto cedo — parou e apontou para o fundo do terreiro —, o galo — disse —, regulo minha hora por ele, e aproveito pra tirar um cochilo na hora do sol quente.

Caminhei até a beirada do terreiro.

— Acho que vou embora.

— O menino é quem sabe — disse, continuando a varrer. — Clareando um pouco mais, faço um café e frito umas fatias de angu.

— Não, vou embora — disse, ainda indeciso —, tenho de ir embora — e sem demorar-me mais, despedi-me dele e saí.

Não queria voltar para casa. Não sei se era o medo que me retinha, mas a todo momento parecia rever a fogueira em volta do tronco e nele,

amarrada com cordas, a massa escura de alguém a estrebuchar. Esfregava o rosto com força, abria os olhos, sacudia a cabeça tentando espantar a visão, mas ela persistia. Súbito, um cansaço enorme tomou conta de mim — pode ser que só então me apercebesse do cansaço —, fosse como fosse, eu já não me tinha nas pernas; andar, mesmo uns poucos passos, tornara-se uma atividade penosa, e a cada momento parecia que meus olhos se fechavam e eu ia cair. Parei na trilha e me apoiei no tronco de uma árvore, "preciso dormir" disse em voz baixa. Apesar de ser madrugada e fazer frio, agachei-me ao lado da árvore apoiando as pontas dos dedos na relva úmida, por fim sentei-me no chão sentindo a lassidão dos meus membros, e não tive forças para levantar-me.

Quanto tempo dormi? Era tarde quando abri os olhos, o sol já havia passado o meio do céu, encaminhava-se para o poente. "Dormi o dia todo" pensei, "foi o cansaço desses últimos dias… sim, o cansaço desses últimos dias…" e me levantei, "tenho de voltar para casa".

Voltar para casa fazia-me pensativo. Uma vez na estrada, seguiria mesmo o rumo das Oliveiras? Mais de uma vez pensei em ir até a aldeia, "padre Elpídio pode ajudar-me", e cheguei mesmo a cogitar numa volta à casa de mestre Alípio, embora sem saber o que pretendia em qualquer dos dois casos, pois era certo que pedir abrigo (ou a padre Elpídio, ou a mestre Alípio) não estava nos meus planos. Posso mesmo garantir que não tinha plano algum, e talvez pretendesse apenas protelar o regresso: devia-se isso a um certo horror por ter de passar pelo local da fogueira e, duma olhada que não conseguiria evitar, entrever a ossada de Rufina misturada aos carvões e restos de lenha queimada. Chegando à estrada, tomei o caminho das Oliveiras, apercebendo-me de que todo o tempo procurava enganar-me: era mesmo naquela direção que pretendia ir, retardando porém os passos o quanto podia. Meus pés conduziram-me na direção de casa como se já não seguissem o comando de minha vontade, ou mesmo como se em mim duas vontades se defrontassem mas só uma tivesse domínio sobre meu corpo. Quando cheguei já passava das três da tarde: fazia um grande silêncio, embora as janelas da frente estivessem abertas, bem como a porta da varanda lateral.

Não pude evitar uma espiada para o lugar da fogueira, mas — o que me pareceu espantoso — nada vi a não ser uns vestígios muito vagos do que acontecera na véspera: a terra estava levemente escura, a cinza e outros detritos haviam sido removidos e o chão bem varrido. Uma fina camada de terra fora por último espalhada sobre o local de modo a esconder os sinais do fogo. O Cardeal, ou seu criado particular a mando dele, fizera um bom trabalho, pois quem ignorasse o ocorrido não seria capaz de garantir que apenas na véspera erguera-se ali uma fogueira e alguém morrera nela. Esses cuidados tinham um aspecto de frieza e im-

piedade, varriam-se os restos de alguém morto como quem limpa o quintal do lixo acumulado, mas me foram benéficos: horrível seria, no estado de espírito em que me encontrava, deparar com os ossos enegrecidos de Rufina, quem sabe o crânio sobressaindo das cinzas com o riso imóvel e estúpido típico das caveiras (não introduzo aqui essa imagem apenas como recurso expressivo: ocorrera-me de fato ao passar pelo lugar da fogueira e constatar que havia sido limpo).

Entrei em casa e verifiquei não haver mais ninguém — exceto o Cardeal, que se trancara por dentro na biblioteca, o Marujo, que continuava no salão pintando seu painel, e a pupila, que lhe fazia companhia sentada junto a uma das janelas, e que nem ao menos olhou para mim quando assomei à porta. Da maneira como venho narrando, poderá o leitor advertir que ali estavam os moradores habituais da casa, com exceção do Coronel, que ainda não havia aparecido, mas não é essa a verdade: já foi dito que Florêncio desaparecera há dias; das negras que auxiliavam Rufina na cozinha e nos demais serviços domésticos (três ou quatro), nenhuma estava mais na casa; decerto apavoradas com o acontecimento da véspera não voltariam, eu pensei, e com efeito não voltaram; por fim, o criado particular do Cardeal, essa figura sem maior interesse para a história, cuja função durante todo o tempo em que esteve nas Oliveiras era atender o patrão em suas exigências, quais fossem, fiscalizar a preparação do almoço, dar ordens quanto à arrumação das dependências ocupadas por ele e pela pupila, além de outras atividades miúdas; fui encontrá-lo na despensa, quando entrei, e deduzi, tanto pela roupa quanto por uma pequena mala que se via ao seu lado, no chão, que se preparara para viajar. O homem, porém, parecia um tanto aparvalhado, e quando me viu alteou o corpo e suas feições se animaram um pouco, para logo em seguida abater-se de novo. Encaramo-nos por alguns segundos.

— Que faz aqui? — perguntei.

Ele, que baixara os olhos, voltou a olhar-me:

— Eu… eu já não fico nesta casa, mas… — levou um dedo aos lábios: — …psiu! Não diga nada. Ele não pode saber.

— Quem? Seu patrão?

— Sim, ele… Não posso mais… não suporto mais estar aqui, não é possível continuar servindo a alguém como ele.

— E por que não partiu antes? Ou, por outra, por que se manteve a seu serviço, conhecendo-o tão bem?

O outro deu de ombros.

— Sou um homem pobre — disse. — Entrei a seu serviço há alguns anos e me sujeitei às suas manias porque… enfim, porque me pagava um excelente salário, com o qual pude construir um patrimônio, mas…

— E por que ainda não partiu?

— Tenho medo… essa é a verdade, tenho medo…

— Ora essa! Medo de quê?

— Medo… medo dele!… Medo de que mande alguém atrás de mim… Quem sabe resolve matar-me também?

— Ora que bobagem! — exclamei. — Que motivos teria? — eu procurava demonstrar convicção. Parecia-me que o Cardeal, dadas as circunstâncias, não iria preocupar-se com a evasão de seu criado a ponto de mandar alguém no seu encalço, muito menos que pensasse em fazer-lhe algum mal.

— Motivos? Será que precisa de motivos?… Olhe, hoje cedo ordenou que eu limpasse o terreiro… Ontem exigiu que ajudasse a atar a negra no poste, mas eu desobedeci… você não viu, ela gritou muito até morrer… gritou de pavor… Não, ainda que precise do dinheiro que ele me paga… não suporto mais!…

— Na hora… onde estavam os outros?

— O que se diz marujo havia se embebedado

— Embebedado?! — estranhei, pois o Marujo ultimamente quase não bebia, dedicado como estava ao painel.

— Sim… e ficou no salão, dormindo. Não viu nada do que aconteceu. A menina, que parece abobada, apareceu na varanda de cima por momentos… depois retirou-se com indiferença… também não presenciou, pelo que suponho… eu corri para dentro, para longe… mas não foi possível deixar de ouvir…

— Você deve ir embora o mais rápido possível — eu disse, e para decidi-lo de vez: — Coisas estão ainda para acontecer — eu tinha quase certeza de que assim era, embora não soubesse o que estaria para acontecer —, e é bom que não esteja mais aqui… para sua segurança, seja dito — acrescentei com evidente exagero.

— Não é o que eu dizia?… Bem vê que tenho razão para temer.

— Mas não para ter medo de partir. O Cardeal não mandará ninguém procurá-lo. Quando me refiro a sua segurança… bem, eu também corro perigo, qualquer um de nós… se me compreende… corre, estando aqui.

— Sim — ele disse pondo-se de pé e apanhando a maleta —, eu vou… — passou por mim, mas no meio da cozinha parou. Voltou-se: — Você vai ficar? Apesar do que disse… não tem medo?

Sorri a essa indagação, movi a cabeça:

— Talvez tenha… Quem não teria? Mas tenho também motivos para ficar…

— Ah…

E nos encaramos ainda por alguns segundos. O criado particular do

Cardeal era um homem de meia idade, franzino e com os cabelos bastante grisalhos, mas estava assustado como um garoto.

— Bem — disse então —, adeus.

Saiu. Não o vi mais.

Já não havia criados na casa. Nos dias seguintes eu mesmo preparava minhas refeições, escolhendo para isso horários que julgava oportunos por me parecer que então nem o Cardeal nem o Marujo apareceriam na cozinha, e não me enganava, pois aconteceu apenas uma ou duas vezes encontrar-me com este último durante os horários escolhidos, e quanto ao Cardeal, que na maior parte do tempo permanecia ou em seu quarto, ou na biblioteca, penso que aqueles últimos dias passou sem comer — pelo menos não o vi em nenhum momento descer para preparar suas refeições, mas pode ser também que o fizesse à noite, ou de madrugada, pois se mantinha acordado até muito tarde e há muito já não se levantava cedo para caminhar. De resto não o vigiei mais naqueles dias a não ser para evitar encontrá-lo: fazia-o a todo custo, e como fosse forçoso passar próximo ao salão para ir de seu quarto à biblioteca, pouco parei também ali, mesmo desejando estar próximo da pupila, que agora permanecia todo o tempo em companhia de Filipe.

Na tarde em que retornei a casa, já quase noite o Cardeal falava a Filipe, que não interrompera a pintura de seu Juízo Final para ouvi-lo:

— Ele virá matá-lo — disse. O Marujo deve ter respondido alguma coisa que não ouvi, e o Cardeal continuou: — Você lançou mão de um objeto de aposta que ainda estava em disputa, mas ele… ele é um jogador, um jogador de fato, e não um simples amador — em seguida seus passos indicaram que se dirigia para a biblioteca. Trancou-se lá.

Devia ser bem tarde — eu dormira quase todo o dia, mas continuava exausto e não demorei a adormecer de novo — quando, abrindo os olhos, vi diante de mim a vasta rotundidade do Cardeal iluminada por uma lamparina que ele mesmo trouxera e a cuja luz seu nariz, tão grande, mais que nunca se assemelhava ao chifre de um rinoceronte. Um pouco aturdido esfreguei os olhos e sentei-me na cama. Ainda segurando a lamparina, com as roupas em completo desalinho — diga-se aqui que o Cardeal, conquanto usasse ainda seu hábito vermelho (de preferência ao preto, com o qual o vira algumas vezes), já não se preocupava em apresentar-se bem, nem muito limpo —, disse-me:

— Creio que estou enlouquecendo…

— !…

— Não tenho dúvida de que há gente rondando esta casa. Ouvi um tropel de cavalo ainda há pouco, e quando fui ver, não havia ninguém. E olhe que a noite não está assim tão escura…

Eu o olhava com assombro, sem ordenar os pensamentos, sem falar.

— Um homem morreu e foi para o Inferno — ele disse de repente. — Pelo menos devia ir para o Inferno, pois praticara muitos malefícios dos quais não chegara a arrepender-se. Mas que lugar seria aquele onde agora abria os olhos? Não, não havia nem fornos nem grelhas onde se diz que os maus pagam por seus erros, nem tampouco demônios que o espetassem com seus longos garfos… nada! O lugar nem mesmo tinha a aparência que se costuma dar ao Inferno em suas representações medievais… Enfim, ao homem parecia estar ainda na própria Terra, neste mesmo mundo de onde contudo havia partido: sem mais nem menos via-se num lugar ermo, algo montanhoso e com uma vegetação miúda. De onde estava avistou um caminho a poucos passos de distância. Não era bem uma estrada, não, tratava-se apenas de um caminho pelo qual, contudo, podia-se caminhar com algum conforto, conquanto não fosse suficiente para um carro ou uma charrete… O homem esperou um pouco a fim de aclarar as idéias, pois sentia-se bastante confuso: tudo de que se lembrava era estar numa cama coberto com lençóis e percebendo a presença de pessoas em volta, por certo familiares e amigos; depois dava consigo mesmo naquele lugar que tinha tanto de desconhecido, pois não se lembrava de ter estado ali antes, quanto de familiar, pois cada vez mais se convencia de continuar na Terra. Estranhava também sentir-se fisicamente bem, pelo menos nenhuma dor o incomodava, enquanto que antes, quando em seu leito, não apenas havia perdido as forças como também era acossado por dores constantes. Passado um certo tempo avançou até o caminho, ainda sem compreender o que acontecia consigo. Começou a andar tomando uma direção qualquer, pois como não soubesse onde estava, não tinha como fazer uma escolha orientada por algum propósito, assim seguiu na direção que lhe pareceu mais fácil: como o caminho descia rumo a um vargedo, visível não muito longe, ele resolveu descer. Alcançando o vargedo, o homem continuou a andar. Por quanto tempo? Não sabia, parecia-lhe estar andando há muitas horas, conquanto não sentisse nenhum cansaço: pelo contrário, a julgar por sua disposição física dir-se-ia que não dera meia dúzia de passos. Vez ou outra detinha-se e olhava em todas as direções, fosse procurando vestígios de algum povoado (já que o lugar parecia deserto), fosse tentando identificar por alguma particularidade que terra era aquela, e para isso, como tivesse viajado por muitos países, tentava recordar-se dos lugares onde estivera ou que mesmo vira em fotografias, a fim de encontrar alguma semelhança com a paisagem à sua volta, diferente a cada curva mas, ao mesmo tempo, sempre muito igual em sua totalidade. Isso o intrigava, pois não fosse estar convicto de que em momento algum voltara sobre os próprios passos, e de que também não deixara o caminho para aventurar-se em outras direções, diria estar

andando em círculos. Além do mais não avistava nenhum vestígio de presença humana, pois uma coisa que havia constatado é que não só não avistara uma ruína que fosse de qualquer construção, como também nenhuma pessoa, nem mesmo de longe e, para maior espanto seu, nenhum pássaro ou qualquer outro animal, e também não dera com nenhum rio, nem ao menos um simples córrego. A terra, conquanto não parecesse ressequida, era dessa cor monótona de onde não chove, e a vegetação, embora viva — vez por outra apanhava um talo de capim ou uma folha de árvore, que mordiscava para distrair-se —, parecia não existir. Essa impressão seria incompreensível a quem não estivesse naquele lugar, deixando-o atônito, pois se era certo que colhia um talo de capim, veja bem, *se era certo*, e o mordiscava, sentindo até a umidade da seiva, parecia-lhe simplesmente que, excetuando aquele talo, o resto da vegetação que via à sua volta não estava ali, isto é, não existia. Julgou achar uma explicação para o fenômeno atribuindo essa impressão a algum desarranjo dos nervos e resignou-se a aceitá-la, já que estando nesse lugar tinha de seguir em frente. "Sim" dizia consigo mesmo, "trata-se de uma espécie de ilusão… os nervos… devem ser os nervos". Em que momento começou a perceber que estava morto? Não era possível falar de um momento onde não havia noção de tempo. Foi dito que o lugar, conquanto a paisagem mudasse à medida que avançava, no todo parecia sempre igual; seja dito agora que o tempo, como o conhecemos, isto é, com o transcurso das horas que leva do dia para a noite e da noite para o dia, passando pela aurora, pela manhã, pela tarde, pelo ocaso, e assim por diante, o tempo, portanto, parecia não transcorrer: o infeliz caminhara dezenas ou centenas de milhas, uma jornada enfim que, em circunstâncias normais, levaria dias, semanas, quem sabe meses, mas parecia ser sempre a mesma hora, pois não houvera períodos de claridade entre períodos de escuridão, não anoitecera nem amanhecera nem uma vez, senão que desde o momento em que se vira naquele estranho lugar dir-se-ia que o ponteiro dos segundos de um relógio não teria andado sequer uma volta, sequer um quarto de volta!… Assim, o mais correto que se pode dizer é que a certa altura imaginou, juntando a muito custo suas lembranças, pois até pensar, raciocinar, era bastante difícil para ele, imaginou que talvez houvesse morrido e estivesse agora no que se costumava referir como "o outro mundo", esse "outro mundo" que nunca levara a sério e do qual às vezes mesmo desdenhara, e até duvidara. Mas o "outro mundo", segundo seu entendimento, seria o Céu ou o Inferno — não sendo católico, não cogitava um Purgatório. Lembrando-se de sua vida de erros (e então admitia seus erros sem, contudo, arrepender-se), imaginou que por certo o Céu, se existisse e ele estivesse morto, não lhe seria concedido; não havendo Purgatório, estaria então… no Infer-

no?! Logrando chegar a essa conclusão, se bem que lhe parecesse um tanto estapafúrdia, estacou: "Isto é o Inferno!" ele pensou, já não duvidando, e mais uma vez olhando em volta e vendo aquela paisagem sempre igual, deu-se conta por fim da medonha solidão do lugar. "Estou sozinho para sempre" foi seu pensamento seguinte, quando por um momento lhe foi dado compreender que estava ali há um tempo inimaginável, e onde continuaria toda a eternidade: caminharia infinitos dias, que não transcorreriam porque o momento presente seria para sempre o momento presente; procuraria por alguém, e não encontraria; não ouviria mais nenhum pássaro cantar, nem veria qualquer animal, nenhum regato cruzaria seu caminho e a estrada não teria fim, por mais que avançasse, e para seu horror percebeu que estava, sim, andando em círculos… mas num círculo infinito!

Ao terminar sua narrativa o Cardeal parecia hipnotizado. Falara sem interrupção, de pé à minha frente, sem arredar um passo, sempre segurando a lamparina que lhe iluminava as feições de forma assustadora. O que ele pretendia com tal história? De onde a havia tirado?

— E o que é um círculo infinito — disse ainda, em voz mais baixa e mais pausada — se não uma reta infinita?

Ocorreu-me que o Cardeal poderia estar com o juízo abalado, e uma idéia perversa me passou pela cabeça: não estaria pronto para receber uma nova visita *dele*, essa terceira visita que tanto o aterrorizava, pois segundo suas próprias palavras, e sabe-se lá por quê, seria terrível? Era hora, portanto, de fazê-lo crer que o diabo não tardaria em procurá-lo.

— Ouviu alguém andar aí fora? — eu perguntei então.

— Você também ouviu?

— É *ele* — eu disse, tomado de uma coragem que nascia da certeza de que o Cardeal não estava em seu juízo perfeito, e acentuei a palavra "ele". — Está brincando com o senhor, de gato e rato, compreende?

— Você também ouviu!

— Sim, com toda clareza.

— Então… ele está mesmo aqui — disse o Cardeal recuando um passo.

— Sim… e estou certo de que não tarda — embrulhei-me nas cobertas, deixando de fora apenas a cabeça, e fiquei de pé na cama. — A terceira vez é sempre terrível, não foi o que disse?… Pois eu estou convencido de que é a pura verdade… Se quer saber, li em algum lugar, não me lembro onde, li isso mesmo, a terceira vez é sempre terrível, e sabe por quê?… Porque ele vem colher o que plantou.

O Cardeal soltou um riso rouco e curto.

— E o que terá ele plantado, que venha colher nesta casa?

— O medo em seu coração.

De onde me vinham essas palavras? Como pude pronunciá-las, como se aquele homem que sempre me apavorara já não me causasse nenhum medo? Verdade é que eu tanto estava assombrado com minha ousadia, como temeroso de que ele, num repente, me agarrasse pela garganta com aquelas mãos enormes (aquelas mãos que, na véspera, brandira contra Rufina um castiçal de bronze para deixá-la tonta e dominá-la) e, furioso, me atirasse contra a parede. O Cardeal, porém, não fez nada disso. Continuou olhando-me com certa surpresa, como se lhe parecesse espantoso que eu soubesse aquelas coisas sobre a terceira visita e sobre o medo plantado em seu coração, e por fim recuou, saindo do meu quarto.

Mas não havia transcorrido meio minuto, voltou. Seu corpanzil apareceu na porta, no rosto um riso escarninho com que parecia comprazer-se.

— Eles estão lá agora… o cão e a cadela… não quer escutar?… Venha! — e fez um gesto para que o acompanhasse, desaparecendo outra vez no corredor. De início não compreendi bem o que queria dizer com essa referência a cão e cadela, mas no instante seguinte dei um salto da cama. Saí para o corredor e me aproximei do salão de festas, junto a cuja porta fechada avistei o vulto roliço e imenso do Cardeal segurando sua lamparina. Percebendo que eu também estava ali, fez um gesto com a mão para que me aproximasse sem ruídos, enquanto inclinava de modo característico a cabeça na direção dos sons que provinham do interior do cômodo, e então pude ouvir. Gemidos. Gritinhos histéricos e breves de mulher. Um roncado ofegante de homem. O Cardeal de quando em quando voltava para mim o rosto meio sorridente, e continuava prestando atenção.

— Agora eles se refocilam um com o outro — disse por fim, em voz baixa.

— Sente inveja? — eu perguntei. Tal pergunta tinha não só a intenção de provocá-lo, como também de disfarçar o impacto que aquilo me causava, afinal eu ainda não os havia escutado.

Mas o Cardeal não respondeu e eu, pesaroso, voltei para o quarto e me meti na cama. Mas não dormi outra vez naquela noite. Não sei quantas horas se passaram, por muito tempo continuei escutando ao longe os gemidos da pupila, depois tudo silenciou e, por fim, começaram a entrar pela vidraça as primeiras luzes da manhã.

Foi naquela manhã que o homem de preto chegou nas Oliveiras para entrevistar-se com o Cardeal. Depois que se foi, permaneci em casa todo o dia, que me pareceu excessivamente longo.

Mas o dia findou.

Anoiteceu.

Eu estava na cozinha preparando algo para comer quando um grande

alvoroço em cima desfez o aparente sossego da casa; corri, e no corredor defronte ao salão de festas deparei com o Coronel, que entrara em silêncio, e o Marujo, atracados e rolando pelo chão, esmurrando-se à vontade. Dessa vez, porém, o Coronel não encontrava pouca resistência, e mais de uma vez esteve a ponto de sucumbir, conquanto fosse mais corpulento e mais alto que o irmão. A pupila aparecera à porta e dera uma espiada, voltando para dentro com indiferença, e o Cardeal escancarara a porta da biblioteca, onde esteve parado observando o confronto. De súbito eles se puseram de pé, e, à distância de dois ou três passos, estudaram-se com ódio, prontos para nova investida. Ambos sangravam pelo nariz e pela boca, resfolegavam de cansaço e não diziam palavra, mas permaneciam imóveis, encarando-se. Então o Coronel, ainda sem dizer nada, avançou, fazendo com que o irmão se esquivasse, mas não teve intenção de atacá-lo, senão que passou por ele e seguiu na direção de seu quarto. Filipe ainda esteve alerta por algum tempo junto à porta, mas retornou ao trabalho e eu voltei à cozinha, onde terminei de aprontar meu jantar.

Um minuto depois Filipe apareceu e pediu-me um pouco do que encontrou pronto. Eu lhe dei o prato no qual havia fatias de pão frito e carne. Indiquei a leiteira, mas ele recusou: sentou-se, apanhou uma fatia de pão e começou a comer.

— Ele decerto pretende alguma coisa — eu disse.

O Marujo não respondeu. Continuou comendo e, mastigando devagar, olhava direto para frente, como se alguma coisa o preocupasse.

— O retrato dela — eu disse ainda —, não vai recuperá-lo?

Filipe encarou-me com uma expressão sombria nas feições. Qual dos dois mataria o outro?, eu me perguntei. O Coronel, eu pensava, voltara a casa para tomar satisfações com o irmão por ter apanhado a pupila, desobedecendo a certas leis tácitas entre jogadores. Por mais que o Cardeal afirmasse que Rodrigo era um jogador de fato e não um simples amador, e por isso não toleraria uma deslealdade, parecia-me um motivo fútil demais para que ele pensasse em assassinar o irmão. Desejaria a pupila? Essa hipótese me pareceu inconsistente: do que eu aprendera sobre ele podia afirmá-lo um homem perverso, mas não um lúbrico, em nenhum momento vira-o lançar olhos de cobiça sobre a menina; pelo contrário, Giovanna lhe parecia indiferente ao passo que Filipe desde o começo olhara para ela com intenções, fazendo os acontecimentos tomarem o rumo que haviam tomado — uma situação, como se deduz, penosa para mim. Se alguém ali tinha motivos para querê-lo morto, esse alguém era eu, não o Coronel, que apenas se vira privado de um objeto em disputa, e a satisfação que buscava talvez se resumisse num mero confronto, uma troca de insultos e de socos, não indo além disso. Mas

Rodrigo, presumindo-se que não roubasse nas cartas — o que ele podia fazer, embora eu não acreditasse nisso —, havia conquistado uma coisa importante demais para Filipe, de que este não parecia disposto a privar-se para sempre: o retrato de Laura. Não obstante o tom algo provocativo de minha indagação, Filipe manteve-se calado e continuou mastigando com aquela expressão carregada. Eu terminei e saí, deixando-o a reunir no prato com a ponta dos dedos os últimos farelos de pão e de carne.

Um instante mais tarde, à porta do quarto do Coronel, que a havia deixado entreaberta, eu hesitava em entrar, pensando voltar e meter-me na cama, mas ele percebera minha aproximação (deve ter reconhecido meu vulto, pois do contrário não permaneceria tão calmo), e vi que brincava com sua famosa faca:

— Entre, garoto, esteja à vontade.

Avancei um passo, entrei, agora estava em seu quarto e olhava para ele. Lavara o rosto com a água de uma grande jarra de louça que havia na mesinha de cabeceira, e no assoalho havia respingos de água e de sangue. Uma toalha úmida e com manchas vermelhas fora atirada por cima de uma cadeira. Lembrei-me da visita do homem de preto naquela manhã, que viera por sua causa, mas não fiz qualquer comentário.

— Ele deve estar doido — disse o Coronel —, doido varrido.

Pensei que falasse de Filipe, mas como não respondi, acrescentou, no seu jeito debochado de referir-se ao Cardeal:

— O padreco. Esteve aqui ainda há pouco, não se demorou, estava com uma cara terrível, disse umas coisas sobre o diabo. Acredita estar sendo assombrado ou coisa parecida. Está doido.

Continuei olhando para ele, um pouco acanhado por estar em seu quarto. Lembrei-me da primeira vez que entrara ali e da situação ridícula em que me metera ao fazer alusão ao número da Besta.

— Não pensa assim? — perguntou. Parecia não se lembrar desse episódio.

— Ninguém nesta casa é menos louco que os demais.

O Coronel soltou um riso curto, moveu a cabeça:

— Você tem razão. Vejo que não é nada bobo, pelo contrário, é até bastante esperto.

O retrato de Laura estava pendurado de um prego na parede defronte à cama, e sobre a cômoda, fora da caixa, a cabeça ressequida de Noní. Aproximei-me do móvel. Olhei primeiro o retrato, de que nunca me cansava, e em seguida a pequena cabeça. Tinha uma cor terrosa, a pele ao murchar grudara na caveira de tal forma que se viam as saliências ósseas, visíveis também pela boca entreaberta dentes pequeninos num sorriso perene; não tinha olhos, as órbitas eram duas cavidades para

dentro das quais as pálpebras se recurvaram, e quanto aos cabelos, eram curtos, cor de palha e tinham um aspecto baço, como de coisa encardida.

— Qual lhe agrada mais? — o Coronel perguntou.

Virei-me para ele, recostando-me na cômoda.

— O que pretende agora? — perguntei.

O Coronel franziu o cenho, mordeu os lábios como se pensasse no que responder. Continuava brincando com a faca.

— Fui a sexta pessoa a possuí-la — disse sem fazer caso da minha pergunta e indicando a faca.

— Eu vi os sinais — respondi, compreendendo que as pequenas incisões circulares que havia na lâmina indicavam o número de pessoas a quem havia pertencido.

— É uma faca muito boa — disse, e a estendeu para mim —, a lâmina não apresenta o menor sinal de ferrugem, nenhuma imperfeição. Aço de primeira, pode pegá-la — acrescentou, percebendo que eu receava tocá-la.

O cabo era de chifre e a lâmina, estreita e bastante comprida (feito um terçado), fora forjada, conforme afirmava o Coronel, num aço incorruptível. Quase não era necessário afiá-la, mas quando o fazia, explicou-me, usava a pedra de amolar muito de leve, passando-a pelo gume duas ou três vezes apenas. Não se via, com efeito, em seu aço nenhum vestígio de ferrugem nem qualquer imperfeição, exceto junto ao guarda-mão onde, num lado, apareciam as seis pequenas incisões circulares.

— Os sinais, foi o que me disse Capitão Macedo, foram feitos com diamante. Quando coube a mim sua posse, tive de arranjar um diamante também. Para mantê-la impoluta.

Devolvi-lhe a faca.

— E agora? — perguntei.

— Você não me disse de qual gosta mais — e indicou atrás de mim a cabeça mumificada e o quadro.

Pensei que estivesse brincando.

Voltei-me um instante e examinei outra vez o retrato e a pequena cabeça. Como resposta apenas dei de ombros.

— Não conseguiu livrar-se de seu remorso por tê-la matado? — perguntei.

— Ah, então é dela que gosta mais — ele disse com um sorriso.

— Não disse isso — repliquei.

— Disse, só que não sabe.

De novo dei de ombros.

— Capitão Macedo contou-me que essa faca pertenceu primeiro a um oficial estrangeiro, alemão, italiano, sei lá… pelo menos era a histó-

ria que referia. Teria viajado pelo mundo certa época, e a comprara no Oriente. A têmpera… só os orientais possuem o segredo de uma têmpera assim. Depois veio para o Brasil, morreu em combate, como um bravo, e a usou para defender-se até o fim. Capitão Macedo sabia apenas isso, e a história, apesar de um tanto fantasiosa, é possível que seja verdadeira. Depois a faca passou pelas mãos de mais quatro homens, um dos quais seu comandante, que lha presenteou ao aposentar-se quando ele, o próprio Capitão Macedo, não passava de um simples soldado. Consta que cada dono possuiu-a por merecimento. Como disse, é possível que essa história seja verdadeira, pelo menos em parte… todas as histórias têm um fundo de verdade… afinal, é uma lâmina e tanto.

O Coronel dissera essa última frase como suficiente justificativa para a afirmação de que a história possuía um fundo de verdade. Eu, porém, que fora ao seu quarto para saber o que ele tinha em mente de ora em diante, não dei muita importância ao caso.

— Noní — ele disse ainda —, Noní… cometi muitos crimes. Nenhum me perturba o sono, só esse…

— Ter matado um homem inocente… não o incomoda?

O Coronel suspirou.

— É verdade que atirei num homem, e acertei outro. Matei um inocente, como você diz. Sim, matei um inocente… mas eu sou um homem endurecido.

— Então isso não o incomoda…

— Procuro não pensar muito nisso.

— E por que não evita pensar também em Noní?

— Eu tento — ele disse, e de novo suspirou —, mas ela não deixa.

— Quem não deixa?

— Noní. Ela está sempre presente, seja em meu sono, seja em minha vigília…

— Por isso guarda a cabeça.

— Depois de morta, cortei-lhe a cabeça com essa faca.

— Quis guardá-la. Cortou-a e a curtiu, talvez em sal. E depois não se desfez dela.

— Noní não me permitiria desfazer-me dela.

— Se tivesse perdido, teria de desfazer-se.

O Coronel não respondeu, nem olhou para mim, senão que guardou a faca embaixo do travesseiro e esticou-se na cama, fechando os olhos.

— Noní aparece-me às vezes à noite, quando estou de olhos abertos no escuro. Senta-se ali, na beira da cama, e conversa comigo.

Ocorreu-me então que ele havia roubado no jogo. Até então não acreditava nisso, se ele era mesmo um jogador o roubo deveria parecer-lhe execrável, mas agora essa possibilidade tornava-se uma quase certeza.

— O senhor roubou — eu disse então, sem perceber. — Roubou no jogo.

O Coronel manteve-se quieto, nenhum músculo moveu, nem abriu os olhos.

— Sim — eu disse ainda —, para estar certo de que não perderia. Por isso não pode queixar-se de que ele também o tenha feito, ainda que de outra maneira.

O Coronel suspirou.

— Um homem esteve aqui hoje à sua procura — eu disse por fim. Por que o disse? Intencionava preveni-lo contra o Investigador, para que se defendesse? Não sei ao certo. Talvez tenha dito apenas por dizer.

— O que ele queria?

— Veio por causa do homem morto em Pilar.

— Polícia?

— Parece que sim.

Tornou a suspirar. Pediu, fechando os olhos:

— Saia agora, quero dormir.

Obedeci. Antes de ir para meu quarto parei no corredor, dei uma espiada pela porta entreaberta do salão de festas. A pupila deitara-se num canapé que havia a um canto, parecia cochilar mas não se cobrira, deixando as pernas roliças e brancas à mostra. O Marujo, não o vi, apenas escutei seus passos no salão: devia estar pintando seu painel.

Minha curiosidade acerca desse grande quadro quase me levava a entrar para vê-lo, imaginava-o quase acabado, e se era verdadeira a afirmativa do Marujo, de que precisava possuir a pupila para pintar-lhe o retrato na figura da Mulher Vestida de Sol, esse retrato estaria primoroso, tanto quanto o de Laura. Mas eu não me animava a entrar ali. Não seria, talvez, a presença de Giovanna a impedir-me, conquanto procurasse evitá-la (exceto às vezes, como então, quando a espionava furtivamente do corredor às escuras, sem o risco de ser descoberto). Mas agora o salão convertera-se numa espécie de alcova, onde ambos dormiam e viviam juntos; contra minha vontade ouvira-os refestelando-se, e o ambiente revestido dessa intimidade, não decerto matrimonial (pelo contrário, tratava-se de uma intimidade dissoluta), tornara-se um lugar reservado onde minha presença além de estranha seria indesejável. Devo reconhecer, hoje, que se de qualquer maneira eu entrasse para olhar o painel, o Marujo não se importaria e a pupila nem ao menos se dignaria a abrir os olhos. À época, porém, sendo muitos e variados os motivos que me mantinham em constante transtorno, eu não conseguia ver a situação dessa forma, por isso continuei a olhar Giovanna, furtivamente, suas pernas quase nuas, e depois me recolhi ao meu quarto.

Pela manhã fazia frio, um frio que chegara com atraso naquele in-

verno, pois — conquanto o calor abafado do verão já tivesse ficado para trás — até então os dias não haviam esfriado muito, e mesmo no outono, quando a temperatura começa a cair, houve semanas inteiras de sol e agradável calor. Esfriara pela madrugada, de repente, e ao amanhecer o céu encoberto prenunciava chuva, se não para já, pelo menos até o fim da tarde ou começo da noite. Apesar do mau tempo iminente, levantei-me cedo: não eram ainda sete horas e já estava na cozinha acendendo o fogão para fazer o café. Mesmo sendo a cozinha algo distante do resto da casa, notei que mais alguém descia àquela hora, e pela maneira de andar, batendo com força os tacões na madeira do soalho, tratava-se do Coronel. Em seguida a porta da varanda fechou-se, ele acabara de sair.

Foi no instante seguinte? Passara-se um minuto, dois? Mais? Eu me distraíra na tentativa de fazer a lenha queimar, pondo fogo primeiro num pequeno feixe de gravetos, e fui arrancado de meu descuido por três ou quatro estampidos consecutivos que me fizeram estremecer e largar de imediato o que fazia. Movido por um pressentimento acudi, e chegando ao vestíbulo vi o Coronel que entrava cambaleando, a pistola na mão e uma mancha de sangue a empapar-lhe a camisa na altura do peito. Olhou para mim um momento mas creio que não me reconheceu, passou à saleta e começou a subir a escada; caiu após ter subido alguns degraus, mas de um esforço conseguiu levantar-se e chegar em cima. No instante seguinte, também empunhando uma pistola, o homem de preto apareceu na soleira, esteve parado aí por breves momentos. Sua figura era a mesma da véspera, a mesma de três anos atrás, exatamente a mesma de quando aparecera pela primeira vez, e apesar da circunstância não se mostrava alterado nem nervoso, e a pistola, segurava-a com o cano voltado para baixo, não em atitude agressiva mas com o braço frouxo, e dir-se-ia que examinava o vestíbulo com calma, não como quem acabasse de trocar tiros e ferir alguém de morte, mas como uma visita que aguarda ser recebida pelos donos da casa. Vendo-me, moveu a cabeça à modo de cumprimento e sem pressa encaminhou-se para a escada, adivinhando o rumo tomado pelo Coronel. Primeiro examinou os degraus, onde se viam manchas de sangue, em seguida olhou para cima, e por fim, ainda sem pressa, pôs-se a subir. Assim que o homem de preto desapareceu em cima no corredor, não titubeei, e alcancei o quarto do Coronel em tempo de vê-lo caído de bruços sobre a cama, não mais empunhando a pistola mas agarrado à cabeça ressequida de Noní, segurando-a pelos cabelos com a mão direita crispada, como um náufrago se agarra a um tronco para não afundar. Estava morto.

A arma agora guardada no bolso direito do paletó — a parte inferior da coronha à vista —, o homem de preto, ao lado da cama e inclinado para adiante, observava-o com atenção.

— Está morto — disse, sem tocar o corpo. Endireitou-se. — Reagiu à voz de prisão — disse encarando-me. Não pretendia justificar-se: sua inflexão era de indiferença e profissionalismo, explicava o que tão só acontecera, e falando inclinou-se de novo para frente e observou o corpo outra vez sem tocá-lo —, sacou da arma e atirou primeiro, mas eu fui mais rápido em esquivar-me e atirei em seguida. Ele ainda atirou mais uma vez, mas já não tinha precisão, creio que atirou para cima, em todo caso noutra direção que não a minha, e depois correu.

À porta do quarto não tardou aparecer o Cardeal, atraído pelo tropel, e eu pressentindo-lhe a presença mais do que vendo-o, virei-me para ele.

— São os prenúncios — eu disse —, os prenúncios da chegada *dele*. Ele virá, agora estou certo de que virá, e há de ser terrível.

Senti grande satisfação em poder dizer essas coisas e aterrorizá-lo. Do homem poderoso e seguro que chegara nas Oliveiras meses atrás restava apenas aquela figura pavorosa, desacorçoada, dominada pelo medo, que se afastou de costas, devagar, até o som de seus passos se apagar nos cômodos distantes.

— Vou providenciar a remoção do corpo — ainda escutei o Investigador dentro do quarto.

— Posso fazer-lhe um pedido? — perguntei ao homem de preto.

— Sim — ele respondeu, voltando-se para mim e encarando-me.

— Quando ele for sepultado — e indiquei o corpo do Coronel em cima da cama —, enterre junto essa cabecinha mumificada…

— Hum… — ele fez, parecendo prestar atenção pela primeira vez na cabeça de Noní, que o Coronel ainda segurava, e até curvando-se para vê-la melhor, embora decerto já a tivesse percebido.

— Era uma lembrança muito preciosa para ele.

O homem de preto assentiu, "não há dúvida, meu rapaz, será sepultada com ele".

— Pode garantir-me isso?

— Posso — e sorriu brevemente.

— Obrigado — eu disse, e saí dali.

Encaminhando-me para baixo, detive-me um momento à porta do salão de festas. Filipe dormia sobre uns panos no chão, decerto pintara a noite toda e cansado demais não acordara, mas a pupila havia chegado até a porta para ver o que se passava, e ainda estava ali, vestida apenas com suas roupas íntimas, as pernas longas quase de todo à mostra, e, quando olhei em seus olhos grandes por um breve instante, tudo como que se desvaneceu: os horrores que habitavam aquela casa não só pareciam longínquos como desfeitos, inexistentes.

— Tudo isso podia ser esquecido — eu disse, não sei se para ela, mas

logo me calei. Giovanna olhara-me diretamente por alguns momentos mas, como se eu não existisse, voltou para dentro.

A morte repentina e brutal do Coronel aturdira-me. Desejando estar fora de casa, pelo menos por algum tempo, corri até a cocheira mas não encontrei cavalo algum: desde que Florêncio se fora os cavalos não eram mais recolhidos à cocheira, e se eu quisesse um teria de meter-me pelo pasto e procurá-los, no que não cogitei. "Irei a pé" pensei, "não sei para onde, mas irei a pé mesmo", e chegando na estrada hesitei quanto à direção a tomar, mas não por muito tempo: lembrei-me da igreja, se não como um refúgio espiritual, pelo menos como um abrigo temporário onde encontraria o semblante amigo de padre Elpídio e suas palavras de conforto. Também dali pude presenciar o reboliço que se fez na praça pouco mais tarde, quando o corpo do Coronel chegou: vinha envolvido num pano grosso que se prendia a uma vara de madeira, transportado por dois soldados. Dos transeuntes, todos correram e cercaram os condutores ao mesmo tempo para vê-lo, empurrando-se ou sendo empurrados pelos que vinham depois; alguns um tanto reticentes espiavam afastando-se em seguida e falando em voz baixa, outros proferiam palavrões e chegavam mesmo a rir-se, sem se preocupar em esconder sua satisfação. Pouco mais tarde apareceu o homem de preto, que dispersou o populacho e determinou que o morto fosse levado para os fundos da intendência. Não permaneci ali, portanto não sei que destino teve: presumo contudo que o Investigador comunicou o ocorrido aos seus superiores, ressaltando tratar-se "do autor de um recente homicídio na aldeia de Pilar", restando conclusa a investigação e mandando em seguida que o sepultassem.

Estive com padre Elpídio todo o dia, fiz-lhe companhia às refeições, e enquanto o ajudava nas suas tarefas domésticas (naquele dia a Jandira não aparecera, de forma que ele teria de avir-se sozinho) conversamos sobre vários assuntos, ele não perdendo a oportunidade de falar-me das Escrituras e contar-me histórias edificantes, não apenas da Bíblia mas também de suas experiências como sacerdote, que me tranqüilizaram, ajudando-me a espairecer das aflições que ultimamente me molestavam. Vale registrar aqui o interessante paralelo que, então e mesmo em tais circunstâncias, fiz entre a maneira com que meu pai em minha infância falara-me das histórias sagradas e o jeito ameno do pároco. Edgar, mesmo ao referir um episódio agradável — embora sua preferência recaísse nos mais sangrentos, ocorria às vezes escolher algum dos mais suaves —, não deixava de encontrar nele símbolos sombrios e os ressaltava para mim como se falasse a um adulto, com sua natural verve incendiária. Menciono como exemplo — ainda me lembro de alguns — certa vez que tinha a Bíblia aberta no capítulo 23 do livro de Levítico, que fala

das festas do Senhor, quais sejam, o sábado e a páscoa, entre outras. Poderia haver assunto mais inofensivo? Não, se não fosse buscar os versículos que tratam dos sacrifícios de animais que Jeová exigia, e descrever esses sacrifícios com quanto sangue pudesse ter, o que pareceria apavorante a uma criança de seis ou sete anos, já que se matavam e queimavam cordeiros de um ano, portanto quase filhotes, similares a alguns que havia pelas imediações de casa, e com os quais eu às vezes brincava, fazendo-me de imediato associar uma coisa a outra e imaginar os pequenos animais que me eram familiares trucidados em honra de um Deus invisível que apreciava, para assombro meu, cheiro de carne queimada! (Tenhamos em mente — e me perdoe o leitor se eu apenas me repito — que foi dessa maneira vigorosa, referida por mestre Alípio em nossa conversa, que falou a Ismália da gravidade de seu pecado e dos horrores do Inferno. Pode-se deduzir, conquanto eu não disponha de pormenores, com que termos se exprimiu e como teria sublinhado suas palavras com gestos, olhares e expressões faciais, de tal forma que a levou à morte e ele mesmo ao perpétuo remorso.) Padre Elpídio, ao contrário, era a mansidão em pessoa, e mesmo ao mencionar, p. ex., o combate entre Davi e Golias, que culmina numa pedrada certeira com que o pequeno pastor derruba e mata o gigante filisteu, descrevia a retidão de Davi e a graça que este achou aos olhos de Deus sem enfatizar o confronto, de forma a passar mais ou menos por alto seus pormenores. Naquele dia, percebendo meu estado de ânimo, procurou falar apenas de assuntos mais aprazíveis, e para distrair-me teve idéia de preparar um bolo complicado, com muitos ingredientes, no que gastamos boa parte da tarde, e enquanto trabalhávamos referia seus dias de juventude no seminário, como se ordenara e viera para aquela paróquia, as dificuldades que de início tivera para adaptar-se e conquistar seu rebanho e todas as miudezas de sua vida monástica. Passava das quatro horas quando saí, o céu estava carregado e escuro como se já anoitecesse, e vez por outra ouvia-se um trovão mais ou menos próximo. Sentia-me bem, não posso negar, pois não só a conversa agradável do padre contribuíra para meu bem-estar: também o ter estado distante de casa todo aquele dia, a maior parte do tempo ocupado, serviu para desanuviar-me o espírito. Mas a idéia de retornar para as Oliveiras deixara-me outra vez preocupado; caminhava ligeiro olhando o céu a todo momento, cada vez mais pesado e escuro, mais freqüentes os trovões e mais próximos; a chuva não demoraria e eu queria chegar em casa antes que caísse. No trajeto, contudo, à angústia que de novo me oprimia eu me perguntava por que ainda insistia em continuar lá. Intimamente, porém, sabia que aqueles dias tenebrosos estavam por terminar, embora não imaginasse de que forma. (Mais certo seria pensar que os dias tenebrosos nunca terminam,

cessam por algum tempo mas voltam, como se todos estivéssemos condenados — embora afirme isso do ponto de vista que tenho hoje e reconheça que não se pode estender tal afirmativa: só alguns herdam a escuridão. Eu talvez fosse um desses.) O Coronel estava morto; o Cardeal, louco ou não, era possível que partisse em breve, afinal não viera em definitivo, e quanto ao Marujo, tinha agora mulher (eu não duvidava de que a pupila partisse em sua companhia, aliás parecia-me improvável que voltasse para junto de seu tutor), e esses confins por certo não lhe convinham. Como fosse um homem do mar, não ficaria com ela todo o tempo, deixá-la-ia em alguma cabeça-de-porco, enfim, destruiria sua vida, como já começara a fazer (conquanto fosse lícito afirmar que sua vida começara a ser destruída na infância). Uma vez sozinho nas Oliveiras, de novo sossegado e vendo para trás esses dias maus, quem sabe não seria razoável procurar Eliete e enfim ter uma família! Assim pensando, quão sensato me parecia tal procedimento, não apenas sensato mas natural. Eu fazia previsões e formulava planos enquanto corria sem cogitar que o futuro pudesse ser muito diferente, e no que cheguei em casa a chuva começou a cair.

Nessa noite eu o vi outra vez — de uma das vidraças da frente contemplava a escuridão tempestuosa quando, ao clarão de um relâmpago, lá estava ele, na estrada, o chapéu tombado sobre o rosto e o balandrau amarelo terroso — pois seria amarelo mas também teria a cor da terra devido ao encardimento — batido pela ventania. O cavalo não demonstrava impaciência, imóvel à espera do cavaleiro e de sua decisão de continuar, as orelhas empinadas e o pescoço a prumo. A visão fora tão momentânea que julguei tratar-se mesmo de mera visão, ilusão não dos meus olhos mas da minha mente, um avantesma, mas passados alguns instantes novo clarão e ei-lo no mesmo lugar, na mesma atitude, a ventania ainda agitando-lhe o capote, a capa cor de terra, e seu único gesto foi levar a mão ao chapéu para que não lhe fosse arrancado da cabeça.

Em outros momentos dessa narrativa referi, não uma mas diversas vezes, uma peculiaridade da minha natural timidez que se manifestava através de uns ímpetos de coragem, em certos momentos quando devia recuar assustado, que me faziam perder o medo. Esse traço de minha personalidade manifestava-se vez por outra também na forma de uns impulsos tomados sem intenção prévia que não raro me levavam a uma situação da qual não podia recuar honrosamente, vendo-me por isso e sem que esperasse enredado, pois se tal atitude não fora planejada, uma vez em ação o que fazer, como proceder, como sair-me do embaraço em que me metia? Essas breves considerações são, talvez, suficientes para que o leitor compreenda o que aconteceu em seguida, quando, sem

mais, eu disser que fora parar na estrada em plena chuva, encharcado dos pés à cabeça, sem perguntar-me como, atônito por minha mente ter-me pregado a peça de uma visão, já que o cavaleiro desaparecera. Eu esperava ansioso pelo clarão dos raios e olhava para todas as direções tentando avistá-lo, examinava o chão para ver se havia pegadas de cavalgadura, mas todas as minhas tentativas resultaram inúteis. Então no mais denso negrume, desapontado com meu engano, senti uns dedos fortes como alicates pinçarem-me o ombro e estremeci. No escuro, a voz grave e tranqüila era-me contudo familiar:

— Outra vez! Sim senhor! — e sem soltar-me: — Vejo que você gosta mesmo de espionar, garoto.

— P-por favor… — gaguejei, e ele soltou-me.

— Pretendia seguir-me como daquela vez?

— N-não…

— Hum… bem, então vejamos: o que estará um rapazote como você fazendo aqui, debaixo de chuva, e a essa hora?

— Não sei que horas são…

— Ah, não!… Pois saiba, é tarde, aliás, é muito tarde. Vamos lá, o que pretende?

Um prolongado relâmpago iluminou-lhe o rosto, o mesmo rosto da outra vez, a mesma barba ruiva que lhe mantinha a boca invisível, os olhos sumidos na sombra produzida pelo chapéu. Eu, após aquele rompante que, sem refletir, levou-me a sair e encharcar-me de chuva gelada, encontrava-me imobilizado, as palavras pegavam-se-me à língua, meu entendimento falhava. Como resposta, dei de ombros.

No instante seguinte ocorreu-me que aquele cavaleiro era o irmão de minha mãe e, portanto, meu tio, por isso não precisava ter medo. Tal lembrança, contudo, não seria suficiente para livrar-me de meu encabulamento.

— Disseram-me… — eu comecei.

O Ruivo esperou.

— Sim — disse, instigando-me a falar —, disseram-lhe… disseram-lhe o quê?

— Que… que o senhor… o senhor…

— Que eu…? Hum?

— Que o senhor é meu tio.

— Ah!… Parece que acabo de ganhar um sobrinho! É isso?

Eu continuava estático, minha confusão parecia aumentar.

— Hum? — ele perguntou, aproximando o rosto. — É isso?

— Não… não sei… disseram-me…

— Então não sabe se é verdade ou não…

— Não… isto é… sei…

— Sabe?

— Sei… eu sei… é verdade.

— Ah, é verdade! Muito bem! Então saiba que fico feliz em ter um sobrinho.

Eu cheguei a sorrir? No escuro não se podia ver, mas a timidez impedia-me de sorrir.

— E agora que somos parentes — ele prosseguiu —, que tal contar-me o que veio fazer atrás de mim?

— Nada — eu disse —, eu só vim…

— …?

— …só vim…

— Sim…? Só veio… tomar-me a bênção? É isso?

Fiz um movimento: era aquilo? O que, afinal, me levara ali?

— Eu vim… porque o vi… só isso…

— Então é melhor voltar para casa, senão você vai resfriar-se. Está todo molhado, e a noite não é das mais quentes.

— Não, não é…

— Então? Não vai?

Fiz que sim com a cabeça.

— Vou — e virei-lhe as costas. Saí do lugar? Dei talvez dois ou três passos e parei, indeciso, uma indecisão que tardou: de cabeça baixa, hesitando entre ficar e voltar para casa, continuei imóvel sentindo a chuva descer por minhas costas e meu peito em fios gelados. Quanto tempo durou isso? Não tinha certeza de que ele estivesse ainda por perto quando disse, ainda de costas: — Um homem que o procura há muitos anos esteve aqui — fiz uma pausa, esperando ouvi-lo dizer alguma coisa. Depois acrescentei: — Anda por aí, consta que está na aldeia.

Um vento encharcado e forte na forma de uma rajada bateu-me de súbito, quase desequilibrou-me, sacudiu as árvores próximas. Por fim ouvi a voz dele em algum ponto no escuro:

— Um homem? À minha procura?

— Um homem que só se veste de preto — eu disse, satisfeito por ele ainda estar ali.

Mais uma vez, por instantes, estive pensativo.

— Sim… Um homem que só se veste de preto… Veja só!

Comecei a andar na direção de casa. Mas parei, não me virei para ele. Falei em voz baixa, mantendo também a cabeça baixa.

— Naquela casa… há alguém que acredita que o diabo virá visitá-lo.

O Ruivo não perguntou a quem eu me referia, mas com certeza ouvira minhas palavras.

— É um homem enorme, gordo, como nunca vi outro. E perverso. Muito perverso.

Fora intencional, dissera-o em voz mais baixa, a fim de — quem sabe — provocar-lhe uma resposta, mas continuou calado.

— Disse-me — eu continuei, sem saber ao certo por que tocava nesse assunto — que recebeu duas visitas *dele* antes, e que *ele* virá pela terceira vez.

E depois de um momento:

— Ele acredita que a terceira visita… *dele*… não tarda, e deverá ser terrível.

Outra vez, num golpe súbito, uma rajada batia-me fazendo pegar-me ao corpo a roupa ensopada, passava por mim numa fúria dando com violência contra as árvores e folhagens da beira do caminho.

— Diga-lhe — escutei por fim a voz grave e tranqüila no escuro — que o diabo virá… na próxima noite.

— O diabo? — eu perguntei, como um tolo. — Virá mesmo?

Porém não ouvi mais nada, nem mesmo um tropel de animal afastando-se. Continuei no mesmo lugar muito tempo ainda, sem importar-me com a chuva, mas ele já havia partido.

De novo agasalhado e espiando a chuva pela vidraça, uma preocupação passou a afligir-me: havia um homem que há tempos procurava pelo "Ruivo", bandido — segundo suas palavras — inteligente e perigoso. Esse homem implacável mantivera-se no seu encalço muitos anos, já o perseguia quando pela primeira vez apareceu nas Oliveiras havia quase uma década. Naquele exato momento esse caçador estava por perto, talvez em Pilar, e a caça também, conquanto não de todo exposta para ser capturada.

Refletindo com calma enquanto, por não sentir sono, continuava embaixo, no salão principal, reclinado numa larga cadeira de braços e espaldar a espiar a noite, eu conseguia explicar para mim mesmo minha atitude de há pouco, quando sem mais corri para a chuva perseguindo alguma coisa que poderia não passar de uma visagem, mera impressão visual provocada pelo estado de conturbação que, de novo em casa, me dominava o espírito: ali estava alguém a quem perseguiam e era preciso avisá-lo do perigo, "afinal é meu tio" dizia comigo mesmo para justificar-me, "irmão único de minha mãe", inda que tal justificativa fosse evocada apenas secundariamente. Teria sido apenas isso?

Eu admitia uma certa inclinação por aquele homem, inclinação que provinha antes por alguma razão com a qual não atinava de forma muito clara, do que graças ao alegado parentesco: quando o avistara pela primeira vez há três anos naquele mesmo ponto da estrada, de onde demorara-se a olhar as Oliveiras, longe estava de imaginá-lo um parente tão próximo, e só a curiosidade me fizera segui-lo. O que sucedeu depois, o episódio na estrada, a experiência traumática e surpreendente na

bodega, a conversa com mestre Alípio, que me falou do Ruivo como de uma espécie de vilão-herói, tudo isso contribuiu para que não o esquecesse, permanecendo como que uma admiração por esse homem quase lendário com quem, em confronto, ninguém teria prevalência. O leitor poderá lembrar-se aqui da maneira como me ocorriam minhas fantasias infantis a respeito da chegada de Lúcifer nas Oliveiras para implantar seu reinado de mil anos, e fazer talvez uma associação entre ambas as descrições, um tanto idealizadas, concluindo por uma certa atração de minha parte pelas coisas "negras", e não posso deixar de admitir que em certos casos o Mal possui uma espécie de beleza sombria que seduz, e o que me seduzia no Ruivo desde que o vira em ação e, em seguida, ouvira a seu respeito nada tinha a ver com o parentesco, de que vim a ter notícia somente bem mais tarde: a grande perspicácia e perícia que o tornavam quase sobre-humano, a lenda em que se tornara sendo ainda muito moço, a inteligência que, conforme o homem de preto, fazia dele alguém ainda mais perigoso, isso atraía-me conquanto — e eu sabia disso tanto quanto sabia que Lúcifer era apenas a velha e perversa serpente que se devia abominar — não passasse de um vil e desprezível criminoso. Contudo, mais uma vez eu me perguntava se teria sido apenas isso o que me levara a procurá-lo àquela hora, mas em minhas reflexões titubeava em avançar a partir daí, enveredando por outra linha de pensamento: tinha para mim que o Ruivo não se deixaria pegar com facilidade; apesar de sua longa carreira de crimes mantivera-se, até então, escapo não só de seus inimigos (tendo eu mesmo testemunhado o quanto era hábil e eficiente em defender-se) mas também da Justiça. Por outro lado, não tinha dúvida de que, se alguém representava para ele algum perigo, era aquele homenzinho franzino e tranqüilo, vestido de preto, que na véspera estivera nas Oliveiras. Eu supunha que quando ambos, o caçador e a caça, estivessem frente a frente, não seria possível prever o resultado do confronto. Alguém poderia arriscar um palpite, afirmando que o Ruivo levaria uma certa vantagem pois nunca hesitava em matar, enquanto o Investigador tencionaria antes prender. Tal raciocínio, porém, falhava por ser evidente. O Investigador, sabedor da fama granjeada pelo outro e de sua grande habilidade, não viria dessa vez com a intenção de apenas prender. Aquele não era um criminoso comum que em seu interesse a Justiça fizesse questão de capturar vivo, sendo mais certo que o preferisse morto a correr desnecessários riscos — portanto quando se defrontassem e um atirasse contra o outro, estariam ambos certos de não cair.

Enquanto seguia nessas ponderações, deixava de lado a questão inicial, que, no entanto, uma vez mais se impunha, em meu íntimo cogitando apenas desmerecê-la como algo de pouca importância, preocupa-

ção assaz irrelevante — que, impondo-se de novo nesse jogo de vaivém, provava justo o contrário do que eu me esforçava por acreditar: não, eu não me atirara pela noite e embaixo de chuva apenas para prevenir o Ruivo de que alguém pretendia capturá-lo, e que esse alguém se encontraria àquela mesma hora na aldeia. Já me picava a lembrança da alusão que fizera ao Cardeal, de sua crença desvairada numa terceira visita e do quanto isso o intimidava. O Ruivo não podia ignorar — e agora eu o admitia, ainda com alguma relutância e só por hipótese — o que acontecia nas Oliveiras, e não aparecera àquela hora gratuitamente. "Ele veio para matar" dei-me conta, finalmente — mas… antes… já não saberia disso antes, bem antes de sair à chuva? "Eu lhe disse como fazer" foi um outro pensamento que me ocorreu, embora de menor gravidade por apenas decorrer de minha atitude inicial, atenuando-o ainda a certeza de que ele não precisava de nenhuma instrução para isso. Por fim eu reconhecia, à força, que lhe dissera o que fazer e de que maneira, mesmo que já fosse essa sua intenção e soubesse muito bem como sair-se.

Quando naquela noite subi para meu quarto, bati à porta da biblioteca onde o Cardeal ainda se encontrava, apesar de já ser madrugada. Uma voz irritada respondeu lá de dentro.

— Tive um sonho — eu disse —, e *ele*… o senhor sabe quem… *ele* apareceu para mim e falou-me…

— …

— …falou-me que virá amanhã à noite.

Dito isto, não esperei resposta, segui direto para meu quarto.

Não se haviam passado dez minutos, o Cardeal apareceu, como na outra noite, segurando uma lamparina, mas desta vez não entrou, permaneceu à porta.

— Quer fazer-me crer que o "outro senhor" anda a visitá-lo também — disse com certo desdém, não visível nenhum sinal de perturbação em seu rosto —, mas não creio numa única palavra.

Sem fazer uma pausa, mas acentuando as palavras e elevando um pouco seu tom de voz, acrescentou:

— Cuidado, garoto, cuidado! Com esses senhores não se brinca… e comigo também não.

— Eu não estou brincando — repliquei, intimidado. — Foi o senhor quem garantiu que ele estava para aparecer de novo. Eu disse apenas que tive um sonho.

— Talvez ele agora dê para cavalgar à noite, embaixo da chuva — o Cardeal contrapôs, pegando-me de surpresa, pois então… ele também teria avistado o Ruivo na estrada em frente?! Teria percebido minha saída e, mesmo com aquele tempo e com tal escuridão, valendo-se dos

relâmpagos, ter-nos-ia visto conversando? Contudo lembrei-me do que dissera outro dia: que ouvira tropel de cavalo e alguém rondando a casa. Sosseguei com essa lembrança, e fingindo uma tranqüilidade que estava longe de ter, disse:

— Escutei também, ou penso ter escutado, um tropel…

Mas o Cardeal não prestou atenção às minhas palavras: enquanto eu falava afastou-se pelo corredor deixando-me sozinho.

Pode-se dizer que não amanheceu, conquanto a manhã houvesse chegado. Decerto amanheceu, se por amanhecer entende-se ter transcorrido a noite e por fim o relógio indicar com seus ponteiros as horas da manhã, isto é, as seis horas, as sete, e assim por diante. Relutar-se-ia, contudo, em admitir que era dia, ou pleno dia — donde se poderia pensar que o tempo havia parado nesse intervalo indescritível entre a madrugada e a aurora, quando apenas uma claridade baça indica que a noite está passando mas ainda não passou de todo, e que a aurora se aproxima, mas permanece ainda a alguma distância. Em outras palavras, aquele foi um amanhecer tão escuro e nebuloso, devido à grande densidade de nuvens que cobriam o firmamento e à chuva que persistia em cair, ora mais fraca, ora intensificando-se até adquirir o aspecto de verdadeira tempestade, com ventanias varrendo os cumes e as vertentes, de cima para baixo, com tremenda força, que o dia assemelhava-se mais à uma continuação da noite.

O Marujo havia acendido diversas velas no salão — além da forte luz de carbureto que usava — para continuar pintando, e o Cardeal, enfurnado na biblioteca, também não apagara a luz. Eu me levantei por volta das sete horas e fui até a cozinha preparar um desjejum, e também ali era necessário manter acesas algumas velas.

O frio era intenso e, terminando de comer, sem mais que fazer e não sendo possível sair, retornei para o quarto, onde, com a janela aberta, tentei distrair-me, folheando um livro. Em casa tudo estava quieto; salvo um ou outro movimento do Marujo no salão, ao arrastar uma cadeira, ou do Cardeal, ao levantar-se e sair da biblioteca, escutava-se apenas a chuva e a ventania sacudir com inusitada violência os arvoredos. No mais, o madeirame da casa produzia seus estalidos familiares, a cama rangia quando eu me movimentava, as letras baralhavam-se diante dos meus olhos…

Tendo dito acima que não amanhecera, é possível, sem incorrer em erro, complementar dizendo que também não anoitecera, no sentido comum em que se entende essa expressão. Pois por volta das três horas as nuvens tornaram-se mais compactas e a chuva, que havia diminuído perto do meio-dia, intensificou-se. Às quatro era quase noite fechada, e às seis horas, estando tudo como breu, era como se aquele dia sombrio

apenas tivesse escurecido um pouco mais devido a um adensamento maior nas nuvens, de forma que a noite não caiu vagarosa como nos entardeceres naturais, apenas sobreveio, súbita, medonha, mas ainda assim uma mera continuação da noite anterior que não chegara a findar de todo.

O dia transcorrera sem maiores transtornos: eu, nos horários convenientes, ia até a cozinha e preparava o que comer; o Marujo fazia o mesmo, tendo, no entanto, de acrescentar algo também para a pupila, e o Cardeal por sua vez comia pouco ou quem sabe jejuava, como já disse, sendo que naquele dia uma vez apenas escutei seus passos no corredor, e não estou certo de que saíra da biblioteca para ir à cozinha.

O que ele fazia o tempo todo trancado na biblioteca? Na verdade ele amanhecera na biblioteca, por volta das dez horas saiu e desceu a escada, esteve ausente algum tempo (durante o qual talvez estivesse na cozinha preparando uma refeição, embora eu não tenha certeza quanto a isso) e depois escutei seus passos subindo de novo, desta vez porém entrou no quarto e bateu a porta. Teria dormido? É possível, mas por volta das quatro saiu do quarto e retornou à biblioteca. Em que se ocupava? Lia. Aquele mesmo velho livro impresso em latim, que lhe vira tantas e tantas vezes folhear, o terrível *Malleus Maleficarum*, conquanto por motivos óbvios não tivesse ao que parecia mais razão para perder tanto tempo com tal leitura. Não ficava só nisso, porém: vigiei-o algumas vezes naqueles dias, espiando pelo buraco da fechadura: quando não lia, permanecia sentado, imóvel, de olhar fixo para frente, uma expressão estranha no rosto, dir-se-ia um ríctus de assombro, como se contemplasse o Inferno. Mantinha-se nessa atitude muito tempo, às vezes só os seus dedos mexiam-se batendo compassadamente sobre a mesa, e uma respiração muito leve fazia seu peito dilatar-se. O Cardeal se transformara num obsessivo, estaria louco? É possível que estivesse bastante desequilibrado então, mas, pensando bem, talvez não apresentasse muita diferença do homem que meses atrás chegara às Oliveiras. Compreende-se isso considerando que em sua chegada aparentava um estado de espírito de que talvez não gozasse: sua monomania manifestara-se não só àquela época mas por certo mesmo muito antes, conforme suas atitudes confirmavam, se lembrarmos o que testemunhei na capela certa madrugada, para não falar que segundo suas próprias palavras era ainda muito jovem quando recebeu a primeira visita… do diabo, talvez um dos primeiros indícios de desequilíbrio mental. Teria havido um agravamento de seu estado? Podia ser que sim, mas penso que em vez de "agravamento" dir-se-ia com mais pertinência que seu verdadeiro estado mental apenas se tornara mais evidente.

Teria algum pressentimento? Naquela noite, à certa altura, eu fui es-

preitar pela fechadura e já não o encontrei lendo nem imóvel e de olhar fixo, senão que andava de um lado para outro, os passos abafados pelo tapete, em cima da mesa o lampião de camisa com sua luz muito viva iluminando-o bem e lançando sua sombra enorme contra a parede dos fundos; apenas uma vez ou outra se detinha em frente à mesa, sem qualquer motivo, pois os livros não haviam sido abertos: apenas parava, permanecia de cabeça baixa por alguns momentos; às vezes apoiava ambas as mãos na mesa e curvava-se, deixando a cabeça pender como que tomado por uma prostração, e depois voltava a andar; súbito, imobilizava-se outra vez, agora defronte da estante, e parecia examinar as lombadas, para em seguida andar de novo daqui pr'ali, de lá pra cá, inquieto, aflito.

Era muito tarde quando aconteceu.

Eu, à medida que anoitecia, senti aumentar em mim a expectativa lembrando-me do que o Ruivo havia dito na véspera, isto é, que naquela noite faria uma visita ao Cardeal, por isso desci por volta das oito horas para o salão principal, acomodei-me na cadeira de braços e espaldar que, na véspera, transportara para perto de uma das janelas, e fiquei espiando para fora, esperando valer-me da luz ocasional dos relâmpagos para vê-lo chegar; a cadeira contudo era provida de um dispositivo que fazia reclinar o recosto, de forma que se tornava muito confortável quando, por exemplo, numa noite tão fria como aquela, embrulhado em cobertores e com os pés apoiados numa banqueta, alguém desejasse reclinar-se ali. Foi o que fiz, e acabei pegando no sono. Acordei — a que horas? — com um estrondo vindo de cima, como se uma porta, aberta de repente, batesse para trás com violência. Seguiram-se passos rápidos e gritos, que mesmo a distância pude mais ou menos entender: o Cardeal gritava alguma coisa como "ele veio!… ele está aqui!…", fazendo com que eu me levantasse dum salto e corresse para o vestíbulo. Na pressa não procurei acender o lampião que levara comigo, corri escada acima às apalpadelas, mas nem bem chegara no topo avistei o Cardeal que vinha em disparada (a luz proveniente do lampião que havia na biblioteca, conquanto não desfizesse de todo o negrume do corredor, dada sua extensão, provia-o pelo menos de uma claridade escassa). Vendo-me disse, sem se deter: "Eu sabia que ele viria!" e passando por mim começou a descer como que dominado por um grande pavor. Seu pé deve ter falseado pois ele rolou. A enorme massa de carne estatelou-se lá embaixo, imobilizou-se, permaneceu imóvel. Ao mesmo tempo apareceu à porta do salão de festas a cara congestionada do Marujo, que estivera trancado todo o dia, pintando. Soltou um palavrão e perguntou o que estava acontecendo.

Tonto com a rapidez desses últimos acontecimentos, não respondi, e

fiquei olhando de um jeito estúpido para ele. No entanto: não haveria algo mais na casa que tornava opressiva a atmosfera — se é próprio dizê-lo, já que a atmosfera nas Oliveiras desde muito tornara-se opressiva? Era sim como se houvesse algo mais então, uma presença invisível muito forte que se fizesse sentir, não fisicamente porém: sua existência ali e àquela hora parecia tocar a alma. Foi então que olhei para o fundo do extenso corredor: imóvel de encontro ao retângulo luminoso da porta, mas do lado de fora, avistei o vulto de alguém que não poderia estar naquele lugar, pois não havia na casa mais ninguém além de seus habituais moradores, agora reduzidos apenas a quatro pessoas. Enxergava o vulto, mas não seu rosto. Teria asas? Que estava fazendo comigo minha imaginação perturbada e doente? Chegara enfim, como eu imaginara na infância durante minhas lucubrações, *ele*, o Senhor das Trevas, para instaurar seu império na Terra? Mentiria se afirmasse que naquela hora tal idéia não me ocorrera, reforçada pela clara lembrança das fantasias infantis…

Mas a visão se desfez e então senti o cheiro de pólvora que se espalhava: quem agora vinha pelo corredor era o Ruivo que, conforme prometido, viera assombrar o Cardeal. Empunhava uma arma apontando-a, já, para o Marujo que, perplexo com o inesperado da situação, permanecia imóvel à porta do salão. Então eu avancei. O quão rápido agi não sei dizer, mas em tempo de interpor-me entre ambos:

— Não! — eu disse, minha voz apenas um sussurro, meus olhos espavoridos cravados no invasor.

O Ruivo parou.

— Não — repeti.

O Marujo, atrás de mim, recobrou o entendimento da situação e bateu a porta do salão, trancando-a por dentro. O Ruivo não parecia espantado com minha atitude.

— Vai embora agora — eu disse —, já basta… já basta…

Ele não respondeu: continuava encarando-me e sem alterar-se pôs a arma na cintura.

— Ele também pode matá-lo — eu disse ainda, recostando-me na porta agora trancada.

— Eu vim cumprir uma missão — disse por fim.

— Eu sei… eu sei… mas já basta… vá… ou então atire em mim também. Só assim sairei de onde estou — e com mais força comprimi as costas contra a porta, abrindo os braços como se com tal atitude eu pudesse melhor guardar a entrada do salão.

O Ruivo apenas sorriu, ou nem mesmo sorriu: retraiu os cantos dos lábios invisíveis sob a barba, mal movendo os músculos do rosto.

O que eu havia feito? Filipe teria sido morto se eu não interviesse,

pois o Ruivo entrara na casa decidido a cumprir uma missão de morte: caso isso tivesse acontecido, não estaria removido o último obstáculo entre mim e a pupila? Pode ser que, se naquela hora me ocorresse tal pensamento e, além do mais, tivesse tempo de ponderar em toda sua amplitude os motivos que tinha para odiá-lo, pode ser, repito, que não me interpusesse entre ambos — e o Marujo, inda que também fosse acostumado à violência devido a seu convívio com homens brutos, muitos entre os quais criminosos, não teria tido chance contra esse homem habituado a matar, não só porque o Ruivo, de ordinário, não encontraria alguém tão hábil no manejo de uma arma e sagaz a ponto de competir com ele, como também porque Filipe seria pego de surpresa, sem tempo para reagir. Naquele instante decisivo, contudo, não refleti, e o que fiz, fi-lo apenas obedecendo a um reflexo. Pode-se, portanto, questionar as razões, e encontrar uma explicação satisfatória é tão mais difícil quanto mais me conviria ver morto aquele que me roubara a Menina Vestida de Sol. Ocorre-me apenas que então não tentei proteger o odioso rival, mas alguém que, fosse como e quem fosse, possuía um dom, era capaz de realizar prodígios com suas mãos, e a esses prodígios, sim, eu defendia, um deles (naquele salão) ainda a ser terminado! Se, porém, foi esse o motivo que me impulsionou a interpor-me entre ambos, agiu em mim à revelia de meu conhecimento: também dessas ponderações não tive consciência.

Minha interferência salvou Filipe naquele momento, mas o Ruivo não desistiria apenas para atender meu pedido, e que obstáculo representaria para alguém como ele interpor-me eu à sua decisão? Ele mesmo o havia dito: viera cumprir uma ordem, e um menino não bastaria para impedi-lo, tanto que no momento seguinte segurou-me pelo braço com firmeza mas, ao mesmo tempo, com cuidado para não machucar-me, e como se eu não passasse de um boneco — e apesar da resistência que opunha — afastou-me da porta de uma vez. Apontou a arma para a fechadura, iria sem dúvida atirar, abrir a porta e entrar, mas sobreveio o inesperado:

— Solte o menino, Ruivo, e entregue-se.

A voz viera, súbita, do topo da escada. Ambos olhamos naquela direção, e a poucos passos de nós vimos o homem de preto, o Investigador com uma arma apontada para aquele que seria sua presa.

Como o homem de preto aparecera em momento tão improvável? O que aconteceu em seguida? A primeira pergunta responde-se a partir de conjecturas: o Investigador mantinha-se no encalço do Ruivo desde muitos anos, pode-se dizer que seu 'faro' permitira pressentir-lhe a presença nas imediações e o levara até ali, o que em outras palavras deve-se entender não apenas como intuição natural de investigante experi-

mentado como também fruto de informações que deviam chegar a seu conhecimento oportunamente. Decerto tivera notícia de que o Ruivo estava nas redondezas, afinal aprendera a caçá-lo e era paciente. Avistara-o em algum momento naquela noite? Seguira-o? Sem dúvida vira-o rondar as Oliveiras, talvez o tenha perdido de vista por algum tempo, pois além do negrume da noite continuava a chover forte; por fim, o alarido dentro de casa chamou sua atenção, ele decidiu-se a entrar e surpreendeu o Ruivo no momento em que este se preparava para matar de novo. A segunda pergunta, porém, que eu poderia responder com facilidade por ter presenciado os fatos, torna-se contudo um emaranhado difícil de desfazer em minha lembrança. Tudo se passou tão rápido que não estou certo de ter visto o que vi: ao ouvir a ordem proferida pelo Investigador, o Ruivo ainda me segurava pelo braço, o que me faz supor que de alguma fora o estorvei; senti que me jogava para um lado enquanto se movia como um raio em direção oposta; com o impulso, caí, e por uma fração de segundo perdi a ambos de vista, momento exato em que escutei um único estampido que, no corredor fechado, pareceu mais forte e me deixou surdo por alguns momentos; quando voltei a olhar, vi que ambos, o homem de preto e o Ruivo, estavam de pé e pareciam encarar-se, os braços que seguravam as armas pendendo frouxos ao comprido do corpo; no instante seguinte ambos caíram, quase ao mesmo tempo, quase um único ruído de queda no assoalho.

Levantei-me do chão e, um tanto aturdido, aproximei-me dos corpos tentando compreender por que escutara um tiro apenas conquanto dois tenham sido disparados.

Agora meus olhos se fixavam na vidraça do fim do corredor, pela qual uma claridade bacenta não tardou a mostrar-se, indicando o alvorecer. Uma tremura de malária tomara conta de mim, meus nervos não suportavam mais; eu mesmo, ainda presa do aturdimento inicial, pensava desnorteado no que fazer, e desejando afastar-me dali passei pelos corpos e desci. Encontrei o Cardeal caído embaixo, na saleta, o hábito ensangüentado e no peito uma perfuração, "morto" eu pensei. Saí para a varanda e fui debruçar-me no parapeito, onde estive durante um certo tempo com a mente quase de todo vazia de pensamentos. "Acabou-se?" eu me perguntei a certa altura, para em seguida sentir-me outra vez esvaziado até ouvir essa mesma pergunta repetir-se, autônoma, dentro de mim e de novo alhear-me, num ciclo interminável.

Em dado momento o Marujo apareceu na varanda, e só percebi sua presença pelo barulho que fez, ao recostar-se na porta, arrancando-me de minha alienação. Virei-me, e vi que algo o incomodava a ponto de transtorná-lo e deformar suas feições. Isso, no entanto, em face dos úl-

timos acontecimentos pareceu-me natural: eu mesmo não devia ter melhor aparência.

— O quadro — ele disse, recostando-se no portal e respirando fundo, aspirando com certa ansiedade o ar frio da madrugada —, venha vê-lo, garoto, você que sempre se mostrou sensível…

— Terminou-o?

— Creio que… não há mais o que fazer nele — ele disse, e esfregou o rosto com ambas as mãos. Estava pálido, olheiras bem escuras sobressaíam nessa palidez, e a barba por fazer tornava sua expressão um tanto assustadora. — Venha vê-lo — disse ainda e voltou para dentro. No mesmo instante reapareceu:

— O padreco está feito um porco! Viu?… E os dois lá em cima?… Com mil demônios, quem eram aqueles malucos?

O Marujo sempre me surpreendia, e agora com sua quase frieza deixava-me sem ação. Estivera a ponto de ser morto, e mesmo hoje me pergunto se ele se deu conta de continuar vivo graças a mim.

— Mas deixa pra lá, não importa — disse ainda, e antes de voltar para dentro: — Venha, garoto, venha ver o quadro. Olhando-o, é quase possível dizer que Ele, com efeito, está chegando!

Curioso dispus-me a acompanhá-lo, mas um tropel próximo fez-me parar: da direção da estrada, assomando na quase escuridão do denso nevoeiro que baixara naquele fim de madrugada, quando a luz ainda incerta rompia a custo através da atmosfera opaca, um cavaleiro avançava a passo. Reconheci Florêncio, montado num cavalinho branco que parecia andar com dificuldade, devido talvez à lama, ao caminho ruim e à falta de ferraduras.

— Você está bem? — perguntou, ao avistar-me.

Fiz que sim com a cabeça.

— Aconteceu alguma coisa por aqui? — quis saber, decerto adivinhando por minha aparência que nem tudo estava em ordem

Outra vez fiz que sim com a cabeça.

— Não quer falar a respeito?

Respirei fundo. Sem encará-lo, respondi:

— Há três homens mortos lá dentro.

Ele baixou os olhos, franzindo a testa. "Hum" fez, passou a mão pelos cabelos enquanto me olhava e parecia pensar no que lhe havia dito.

— Deveria haver apenas dois — por fim comentou.

Encaramo-nos por alguns segundos em silêncio. Tornei a baixar os olhos.

— O cardeal está morto… o Ruivo também.

— O Ruivo? — e Florêncio pareceu espantado com a novidade. — E quem é o terceiro?

— Um homem da polícia… um investigador…

— Ah!… — e ele pareceu compreender. Esteve um momento imóvel, o cenho ainda franzido e as faces crispadas. Então disse: — É preciso avisar as autoridades — puxou as rédeas, fazendo o cavalo mover-se. — Vou à aldeia providenciar.

Voltei para dentro de casa.

Detive-me um instante diante do corpo do Cardeal, depois abaixei-me e, sem saber por que tomava tal atitude, tirei o anel cardinalício de seu dedo, examinei-o demoradamente (era de ouro, pesado, certamente muito valioso) e o meti no bolso. Seria a única dádiva que eu herdaria daquele homem medonho, pois nada mais de valor havia entre seus pertences, conforme verifiquei mais tarde. Se ele possuía bens e fortuna, certamente ficaram perdidos em Roma.

Quando entrei no salão tive duas surpresas: a primeira foi verificar que Filipe havia feito as malas, e o retrato de Laura jazia em cima da mesa, sobre um pano grosso com o qual seria embrulhado para maior proteção, evidenciando o especial apreço que Filipe tinha por ele — já que nenhum dos outros lhe merecia os mesmos cuidados.

— Você vai embora? — perguntei, e o Marujo, nesse momento agachado perto da mesa tentando enfiar dentro de um saco de viagem alguns embrulhos, virou-se para mim.

— Não há mais o que fazer aqui — respondeu, pondo-se de pé. Parecia ainda mais exausto e desgastado na meia penumbra do salão. A pupila dormia ainda, deitada no canapé. — Isto virou um morticínio — ele disse —, a casa parece um hospício… além disso, tenho uma vida lá fora… o mundo… o mundo espera por mim… e eu por ele… é hora, é mais que hora… — Filipe falava entrecortadamente, de acordo com sua aparência perturbada.

O inesperado de sua partida fez que, por algum tempo, eu me esquecesse do motivo por que fora ali, e ao virar-me para o imenso quadro que retratava o Apocalipse, tive minha segunda surpresa! Para dar, porém, uma idéia do impacto que sofri é ao mesmo tempo suficiente e insuficiente dizer que, diante do quadro, poder-se-ia sem exagero exclamar "**Ele** voltou, contudo não mais como um cordeiro, mas como um leão" ou mesmo "Eis enfim o dia da Ira!". Como pode ser isso? Direi que seria suficiente por confirmar o que Filipe momentos antes, na varanda, havia dito sobre a obra: com efeito, produzia tal impressão; mas seria insuficiente para descrever toda a grandeza da pintura que eu tinha diante dos olhos.

Já fiz algumas observações acerca dessa obra, na qual Filipe trabalhara quase todo o tempo em que estivera nas Oliveiras, destacando-lhe as grandes dimensões, pois ele se valera de diversas tábuas largas e compri-

das encontradas no porão para preparar o painel. Fiz também ligeiros comentários acerca de algumas das figuras que já estavam prontas ou em via de serem concluídas, mas nada do que eu disse é bastante para dar uma idéia, mesmo que imprecisa, da pintura acabada. O que se via de tão extraordinário? Demoraria descrever o quadro em pormenores, mas é possível tentar uma síntese. Viam-se retratados os elementos do Apocalipse de forma muito expressiva e pouco comum, e cada um podia ser identificado na rede intrincada dos detalhes. As sete igrejas, por exemplo, de que fala o começo daquele livro, apareciam como pequenas construções um tanto toscas nos confins da vasta paisagem, e se falo aqui dessas sete igrejas a quem o Evangelista escrevera à época, é para mostrar que ali estavam os detalhes em suas minúcias, e a paisagem onde apareciam fora imaginada para exprimir um desolamento que só pode anteceder o próprio Juízo Final: uma terra crestada pelo calor, sem vestígios de vida, um deserto medonho no qual as pequenas construções semelhavam mais sepulturas que igrejas — e no entanto, eram igrejas! O quadro fora pintado de uma forma que primeiro abalava o expectador por sua unidade, entrevista nas figuras maiores, para só em seguida permitir um mergulho em seus pormenores. Os sete anjos estavam longe de ter a beleza tradicional dos anjos bíblicos, pelo menos das representações que conhecia doutros quadros, isto é, anjos de belas expressões, vestes claras ou coloridas e asas brancas: não!, o que se via era o horror de figuras hediondas empunhando com uma das mãos suas trombetas e com a outra espalhando desgraças, seus olhos vazios ou negros como órbitas de caveiras, suas expressões terríveis como de fantasmas ou demônios saindo da terra! Eis, no entanto, que não se tratava de fantasmas nem de demônios, mas dos sete anjos enviados pelo Céu! Os quatro cavaleiros eram imagens enormes e semitransparentes que avançavam através do firmamento contemplados com pavor por uma multidão que, na Terra, atirava para o alto os braços impotentes. As bestas e o dragão, Deus!, e a grande prostituta Babilônia, que concepção medonha levara o Marujo a representá-las como crianças — três meninos e uma menina impúbere, ainda muito nova —, na testa de uma das quais via-se inscrito o número 666, e enquanto eu olhava assombrado para aquelas quatro crianças ele ia explicando que a inspiração viera do que o Coronel havia dito sobre a inocência. “As bestas não serão reconhecidas” ele explicou, “e tampouco a prostituta, pois virão revestidas de inocência”, e assim por diante fui me detendo a cada momento num detalhe, numa particularidade, enquanto Filipe, percebendo que ponto do quadro atraía minha atenção, falava dele, esclarecia, explicava. Ainda que eu aqui não deva demorar-me mais que o necessário na referência à pintura, pois as páginas deste livro já se avolumam além das minhas expectativas inici-

ais, não posso deixar de chamar atenção para duas figuras que eu havia visto apenas esboçadas: a primeira delas, a Mulher Vestida de Sol, representava a pupila com tal exatidão que talvez apenas o retrato de Laura se pudesse comparar à perfeição daquele rosto vivo na superfície da madeira, vivo, sim, como se pudéssemos esperar que ela a qualquer momento se movimentasse: tal como o modelo, tinha a pele branca e os lábios vermelhos, os cabelos longos e muito loiros e os olhos nem azuis nem cinza, ou teriam essas duas cores interpoladas com habilidade por meio de pinceladas minúsculas, e para ser fiel ao texto Filipe a retratou grávida, iluminada pela Lua sob seus pés e pelas doze estrelas acima de sua cabeça. A segunda figura era o Filho do Homem, Cristo, que descia para o julgamento. Mas que Cristo havia Filipe retratado para escarmento da humanidade culpada? Não, decerto, um Cristo glorioso como é possível ver-se noutras representações, mas aquele que foi baixado da cruz, uma espécie de cadáver com o corpo coberto de chagas e sangue, a pele lanhada e arroxeada pelos açoites, com a coroa de espinhos ainda encravada em sua cabeça. No rosto uma autoridade infalível e nos olhos vermelhos um implacável rigor, para terror do homem exibindo no corpo seminu toda sua desgraça, não mais o Cordeiro que segue para o matadouro mas o impiedoso Leão que abate sua presa — pois, com efeito, atrás da figura desse terrível Juiz que se prepara para julgar, Filipe, em pinceladas diluídas que permitiam ver o fundo do quadro, pintara uma grande cabeça de leão com olhos de fogo e presas rutilantes.

A noite havia terminado por completo enquanto eu examinava com interesse e cada vez mais impressionado o painel, e conquanto o céu ainda estivesse nublado, o nevoeiro se desfizera aos poucos e o frio já não era tão intenso com o abrandamento dos ventos. Dizer que a noite havia terminado sugere-me uma outra imagem: que aquela longa noite — não a da véspera, mas a que compreendia todo o extenso período desde a chegada do Cardeal nas Oliveiras até esse instante em que ele jazia morto na saleta ao pé da escada — havia por fim terminado, sobrevindo um novo dia, em outras palavras, um novo tempo. Essa imagem, contudo, embora provida de interesse para a história, não seria exata, pois é certo que se uma noite de assombros havia terminado, minha vida não teria um próprio alvorecer. Eu era um jovem de dezessete anos incompletos mas me sentia envelhecido e, pior, dos efeitos nocivos que aqueles horrores tiveram sobre mim, e também por eu ter de certa forma herdado de minha mãe seu caráter impressionável, sentia-me doente, uma doença mais da alma que do corpo, mas que sobre este imprimia suas seqüelas.

A manhã avançava, os mortos haviam sido levados por volta das dez horas. Alguns curiosos, atraídos por comentários e pela presença de

soldados nas Oliveiras, haviam se aproximado; mantiveram-se a princípio de longe, mas depois vieram para mais perto, formando pequenos grupos que conversavam em voz baixa. Do andar superior da casa, evitando ser percebido, eu os espreitava pelas vidraças. Uma vez, porém, que os corpos foram levados cessava o interesse de estar ali e, formando um cortejo, todos partiram.

O Marujo, preparada sua bagagem e tendo arranjado algumas alimárias para transportá-la, partiu também pouco depois das dez horas. "Assim que chegue à cidade, providencio para que venham apanhar o painel" disse-me antes de ir. Eu estava de pé no terreiro quando ele partiu: dois burricos transportavam suas malas, a pupila seguia montada num terceiro burrico que Filipe, a pé, ia puxando. Chegaram à estrada, tomaram a direção de Pilar, seguiram ladeira abaixo saindo do alcance de minhas vistas.

Uma vez sozinho, senti um desânimo a tal ponto prostrar-me que minhas pernas vergaram-se e eu caí de joelhos. Quase me arrastando, fui sentar-me nos degraus que davam para a varanda. Curvei-me então e, os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça entre as mãos, permaneci de olhos fechados, quieto, esperando que passasse o mal-estar. Depois de algum tempo ouvi passos e levantei a cabeça:

— O menino agora vai fazer o quê? — era Florêncio, que se aproximara de mim.

— Vou embora — respondi, sem na verdade ter premeditado partir, de súbito porém apercebendo-me de que não havia nada mais lúcido a fazer. Poderia continuar vivendo naquela casa? Havia em toda aquela região alguma coisa que pudesse reter-me? Essas perguntas, sobre as quais não havia pensado a não ser no momento mesmo em que Florêncio indagava de mim o que faria de minha vida e eu respondia "vou embora", continham em si mesmas as respostas.

— Para onde?

Esfreguei o rosto com as mãos e estirei os braços. Levantei-me, firmando-me mal-mal sobre as pernas ainda um pouco bambas.

— Ainda não sei.

— Mas não tem recursos para isso…

Eu não havia pensado naquilo. Dei de ombros. Florêncio disse:

— Eu também estou indo. Se quiser vir comigo, ficarei feliz em tê-lo por companhia. Se não, posso arranjar-lhe algum dinheiro para ajeitar-se nos primeiros tempos. Pensa ir já?

— Antes de ir quero visitar uma pessoa…

— Visitar…? …ah, sim… Ela, decerto…

Fiz que sim com a cabeça.

— Por que não se casa com ela? — ele disse, pegando-me de surpresa. — Então não precisaria ir, teria uma família…

Florêncio havia-se enganado, um engano mesmo engraçado que me fez sorrir.

— Não, eu não me referia a… — disse, quase rindo, pensando que o engano tinha, no entanto, a utilidade de lembrar-me de que havia ainda uma outra pessoa a visitar antes de partir. — Pensava na outra… na viúva…

— Ah… a viúva… faz bem… afinal de contas sangue é sangue…

— Sim… mas Eliete também eu irei ver.

Florêncio mencionava o sangue, mas em nenhum momento pareceu lembrar que eu era seu neto, não fez referência ao fato e eu também me calei quanto a isso.

— Aceito sua ajuda — disse —, isto é, o dinheiro… Prefiro estar só por uns tempos.

Florêncio meteu a mão no bolso. Entregou-me um pacote de cédulas.

— Deve ser suficiente para os primeiros tempos — disse.

Havia bastante dinheiro naquele pacote, mas eu o guardei no bolso interno do casaco sem nem mesmo contar.

— Tudo isso vai ficar abandonado — eu comentei —, a casa, as terras…

Florêncio moveu a cabeça com vagar, olhando em volta como se considerasse sua decisão de partir.

— Muita coisa má aconteceu aqui — disse por fim. — Ela… — deu de ombros — …decerto preferiria que ficássemos, agora que nos pertence, mas a verdade é que não me interessa. Nunca me interessou, e só permaneci aqui todo esse tempo atendendo a sua vontade. Para ajudá-la em seu propósito. Mas isto acabou.

Concordei, baixando a cabeça e dando com minha sombra no chão, desenhada por um fraco raio de sol que varava as nuvens. Minha sombra, por sua aparência de trágico desvalimento, espantou-me desviando por alguns instantes minha atenção do que Florêncio dizia. Movi a cabeça perturbado e fechei os olhos.

Respirei fundo.

— Parece… parece que por ela todos sempre fizeram coisas contra sua própria vontade…

— Contudo não a podemos julgar — ele disse.

Franzi o cenho, movendo outra vez a cabeça.

— Não… não podemos julgá-la — concordei.

— Somente ela mesma poderá julgar-se. E talvez esteja velha demais para isso.

Desta vez, porém, não concordei, pelo menos não estava de todo convicto de que Florêncio tivesse razão — ainda que há muitos anos não a visse.

— Ela ainda deve estar lúcida — eu disse, a modo de indagação.

Florêncio fez que sim:

— Plenamente.

— Então não está velha demais para isso.

Florêncio sorriu. Balançou a cabeça.

— Preciso de sua ajuda ainda noutra coisa — eu disse.

— Noutra coisa?

Florêncio ajudou-me a transportar para a capela a grande pintura do Apocalipse feita por Filipe, prancha a prancha, e uma vez ali o recompus afixando-o à parede dos fundos, atrás do altar, uma parede alta e larga onde o painel ajustava-se com perfeição. Nenhum outro lugar seria tão adequado ao imenso painel, e não apenas porque estaria resguardado da ação das intempéries, mas principalmente pelo que representava, pois que estranha mensagem aquela, detrás do altar vazio e da nave deserta, a pregar para a solidão a destruição do mundo!

Estivemos por um largo tempo contemplando a maravilhosa pintura, mas no momento de nos despedirmos, apenas nos apertamos as mãos com um sorriso no qual transparecia um certo desencanto perante a vida. Florêncio montou em seu cavalinho branco e se foi e eu, dono de minha resolução, entrei em casa e, apanhando o diário de meu pai onde vinha registrando a crônica da família, durante quase duas horas ocupei-me em fazer as últimas anotações. Fechei-o depois, correndo o fecho de suas bordas, e pinguei sobre ele algumas gotas de lacre — uma providência inútil, pois não pretendendo levá-lo essas pequenas gotas de lacre não seriam suficientes para impedir que algum curioso o violasse (o que, contudo, não aconteceu). Reuni em seguida algumas roupas e outros pertences numa pequena mala e fui depositar o diário também na capela, sobre o capitel de uma coluneta decorativa na qual, noutros tempos, repousava um busto em mármore do antigo dono das Oliveiras.

Já passava um pouco de uma da tarde.

O sol, que há pouco conseguira encontrar estreita passagem para seus tímidos raios de inverno, voltara a esconder-se, mas embora as nuvens estivessem ainda carregadas e o frio se intensificasse com a aproximação da noite, não choveu mais. Foi então que ateei fogo ao madeirame da casa, e vigiei até estar certo de que tudo arderia até o fim.

A casa da viúva Fragoso ficava distante, na fundura da mata, e já anoitecia quando cheguei, mesmo instigando a montaria a um trote ligeiro durante todo o trajeto; o mato crescera no caminho mal preservado, tão alto e denso em alguns pontos que dificultava a passagem. Via-se, contudo, que nos últimos tempos houvera algum trânsito por ali,

o que se denunciava pelo mato parcialmente pisado por alimárias. Aproximando-me da casa, quase tão grande quanto as Oliveiras, já não tinha os mesmos receios da primeira vez. O lugar parecia deserto, fazia ali um grande silêncio; o amplo terreiro em frente, embora limpo, não devia ser capinado com freqüência pois uma relva rasteira o recobria quase por inteiro, e entre as fendas das pedras do calçamento brotavam numerosas folhinhas verdes, fora os diversos tufos de ervas que se viam até mesmo nas rachaduras do reboco. A lembrança que guardara daquele lugar era bastante vaga, mas então podia constatar que a propriedade mostrava um estado de quase absoluto abandono, sendo certo que a viúva teria pouca gente a seu serviço e não devia produzir mais nada a não ser o necessário para o consumo doméstico. As paredes eram cor de barro, descascadas da cal que um dia as embranquecera, e em alguns lugares viam-se brechas abertas pelo tempo através das quais aparecia seu esqueleto de madeira trançada. Tanto a porta quanto as janelas da frente, tive a impressão de que não mais se abriam; então apeei e segui em direção dos fundos onde, da primeira vez que viera, avistara dois pretos fazendo o serviço de casa até que ela, a própria viúva, aparecendo, percebeu minha presença e se pôs a examinar-me a distância com uma incômoda insistência. (Eu era um garoto e fugira assustado. Agora, porém, era com clara intenção que retornava, embora não pudesse ainda ser chamado de adulto.) Não vi pessoa alguma, conquanto alguns ruídos característicos indicassem presença humana, por isso me aproximei devagar, desejando antes ser descoberto que ter de anunciar-me, mas ninguém apareceu. Algumas janelas no rés-do-chão estavam abertas, e pude espiar através delas com certa curiosidade, mas nada de estranho ou anormal se via no interior desses aposentos: apenas o costumeiro de casas antigas, móveis em estilo colonial, o assoalho de madeira, um tapetinho de retalhos no limiar de uma das portas (artefato produzido ou por alguma preta velha, ou mesmo pela viúva, como forma de distração e passatempo). Aproximei-me de uma porta e espiei para dentro, um comprido corredor que devia conduzir à cozinha e ao resto da casa, de onde pude escutar com mais clareza ruídos que indicavam presença humana. Estive parado em frente à porta durante alguns minutos esperando que alguém aparecesse, mas por fim resolvi bater palmas. As palmas soaram como alguma coisa muito estranha, pelo menos incomum, no silêncio do lugar, e quase pude adivinhar que, na cozinha (tinha para mim que os ruídos entreouvidos provinham da cozinha), quem quer que ali estivesse interrompera o que fazia e se pusera a escutar por um momento para, em seguida, levantar-se e ver quem batia. Não tardou aparecer no fim do corredor uma preta que de lá ficou a olhar-me sem decidir-se a vir ter comigo nem a seguir para o interior da casa e

anunciar-me. Por fim decidiu, e ajustando na cabeça o pano com que envolvia a carapinha, avançou em minha direção.

— A dona da casa — eu disse quando a preta se aproximou —, a viúva…

— Vosmecê deve de ser o menino das Oliveiras — disse. A mulher possuía um aspecto severo e uma idade difícil avaliar, mas por suas roupas e suas feições teria entre quarenta e cinco e sessenta anos. Pareceu-me também curioso que ela se referisse a mim como o "menino das Oliveiras", como se esperasse minha visita, e de súbito me dei conta de que se a velha Fragoso sabia o que se passava nas Oliveiras, decerto estaria à minha espera, tendo advertido a criada a meu respeito. Pensando assim, pareceu-me óbvio que ela sabia de tudo, estando de tudo inteirada, e por certo Florêncio já lhe dera notícias dos acontecimentos daquele dia. Ainda frescas em minha mente as histórias contadas por mestre Alípio, a viúva Fragoso ganhava de repente em minha imaginação os contornos de uma criatura fantástica, talvez dotada de poderes sobrenaturais, que pudesse controlar os fatos e as pessoas e tudo isso tivesse em suas mãos, para manipular segundo sua vontade. Dito dessa forma, a descrição ganha certos contornos de irrealidade, mas a viúva, velha, centenária, porém lúcida e não de todo desprovida de forças — das últimas embora de que dispunha —, era ainda uma mulher não só de fibra, mas de ardis, e tinha suas artimanhas.

— Sim — respondi —, venho de lá. Sinhá Domingas está em casa?

— O menino venha no meu rasto — disse, e virou-me as costas.

Acompanhei a preta até o fim do corredor, entramos então por uma porta à esquerda, atravessamos dois ou três cômodos e, por fim, ela parou e virou-se para mim:

— O menino espere aqui, que vou chamar sinhá dona — e sumiu-se por uma porta.

Havia-me deixado numa sala mais ou menos espaçosa mobiliada com móveis muito antigos, de madeira negra, toscos como se fabricados com ferramentas precárias, mas nem por isso feios ou malfeitos: duas ou três poltronas ao comprido das paredes, dois sofás grandes, algumas cadeiras e uma larga mesa de centro, baixa, sobre a qual havia uma certa quantidade de enfeites na forma de estatuetas de metal (prata? ouro?), animais em pedra-sabão e diversas arcas pequeninas que continham sabe-se lá o quê (talvez nada, talvez jóias, mas não mexi em nenhuma para verificar). No soalho de tábuas nuas não havia tapete, mas nas paredes diversos quadros a óleo representavam passagens do Evangelho, alguns dos quais muito bons. Toda a sala cheirava a antigüidade, mais que a antigüidade, a velhice, e não falo em sentido figurado: como se o tempo tivesse cheiro, um cheiro real que eu não conseguia identificar impreg-

nava o ar deixando-me um pouco tonto, e sabendo o que sabia sobre aquela casa imaginei que tudo ou quase tudo ali deveria ter mais de cem anos. Ainda olhava em volta, examinando a sala, quando escutei um arrastar de chinelos no cômodo ao lado e, em seguida, firmando-se numa bengala vi aparecer na porta por onde, minutos antes, a preta desaparecera, uma mulher muito velha, velhíssima, encurvada pela idade mas deixando transparecer ainda uma grande força interior. Atrás dela vinha a preta como que amparando-a, o que a outra rejeitava, mostrando com isso não estar ainda inválida para andar escorada pelos criados.

A velha parou um momento ao dar comigo ainda de pé, olhou-me e fez um gesto com a mão para que eu me aproximasse. Obedeci, avancei até ela. Sinhá Domingas piscou os olhinhos miúdos e encovados, olhou-me com muita atenção movendo, durante esse exame, a cabeça num movimento afirmativo, como se dissesse "sim, senhor!…", e em seguida sempre apoiando-se na bengala avançou devagar até uma das poltronas próximas da janela, fazendo um gesto para que a acompanhasse.

Sentou-se um tanto recurvada, as mãos apoiadas na bengala que, em tal posição, ficavam-lhe à altura do queixo, de forma que os braços estavam estirados não só para adiante mas também um pouco para cima. Esteve assim quieta e de cabeça baixa por algum tempo, um ou dois minutos, durante os quais, enquanto observava com curiosidade seus dedos cheios de anéis antiquados em sua antigüidade, porém creio que valiosos, ocorreu-me o estranho pensamento de que tal criatura fora um dia alguém jovem em cujo ser dois seres conviveram: a mulher casada e fiel ao marido, a quem permaneceria fiel a ponto de, tendo enviuvado, não casar-se outra vez, e a menina rediviva, a adolescente fogosa que se apaixonara por um menino de treze anos, a ele entregando-se e dele concebendo… Parecia-me absurdo que assim tivesse sido, e no entanto fora assim, eu próprio era uma prova viva disso!

— Sei das coisas que aconteceram por lá — sua voz áspera e insegura de pessoa muito idosa cortou minhas reflexões. — Não fique de pé — acrescentou —, puxe um assento, venha pra perto de jeito que eu possa ver vosmecê melhor…

Nesse momento a preta retornou: acendeu dois grandes lampiões que pendiam do teto, e o ambiente encheu-se de uma luz amarelada que chegou a ofuscar-me, mas que em seguida pareceu-me fraca.

Obedecendo, porém, à sinhá Domingas, puxei uma poltrona de modo a ficar quase defronte a ela.

— A senhora dizia…

— Das coisas que aconteceram.

— Então a senhora teve notícia…

A viúva suspirou.

— Preciso manter-me viva — disse. — Na minha idade — acrescentou —, se ainda não enlouquecemos… e se ainda temos uma razão para continuar vivendo… quase podemos adivinhar as coisas…

— Sim — confirmei, julgando compreender o que ela queria dizer — , aconteceram coisas… — e baixei a cabeça por instantes.

— O menino já sabe do que deve saber — ela não perguntou, também não foi uma afirmação, apenas disse, e eu esperei alguns momentos antes de responder:

— Se é sobre minha mãe…

— Não apenas sobre ela.

— …e sobre o pai de minha mãe… e sobre a mãe dele…

Ela fez um gesto, como que complementando a enumeração.

— Sim — confirmei. — Soube pelo mestre carapina…

— Ah… o velho Alípio!

— Sim, eu estive em sua casa certa noite… então ele falou…

— Tempos faz que eu não via o menino. Fico satisfeita que esteja tão crescido, tão forte.

— Desde que minha mãe morreu…

— Que ele a matou.

— Como?

— Que ele, seu pai, a matou.

— Mas não!, ele não a matou!

— Ele — a viúva disse, fazendo uma pausa, como se falar seguidamente a deixasse cansada — esteve aqui um dia depois da morte dela. Falou-me do sucedido.

Fez nova pausa, balançou a cabeça.

— Foi como se a tivesse matado… não, ela não fez bem, não estava certo aquilo, mas não merecia o fim que teve… era só uma menina, e se ele a tivesse perdoado, se pelo menos não tivesse sido tão duro… — a velha balançou a cabeça numa reprovação tardia, e em seguida fez um gesto com a mão, como que a afastar a desagradável lembrança: — Mas isso não tem importância agora. Sim, desde que ela morreu não voltei àquela casa. Não pense, porém, que não cuidava de vosmecê. O menino esteve sempre protegido, gente minha vigiava… contava-me as coisas…

A viúva Domingas pareceu adivinhar meu pensamento, e antes que eu dissesse qualquer coisa, acrescentou:

— Vosmecê não estava sozinho também no dia em que aquele homem morreu na aldeia…

— O pai de Eliete…

— No que se deu aquele confronto… Gente minha ali cuidava…

porém há coisas que escapam do controle. Não era para o pobre homem morrer, aquilo eu não tive como evitar.

— Não vi ninguém tomando conta de mim nesse dia… em dia nenhum, essa é que é a verdade, mas nesse em especial…

— Mas cuidavam. Alguém sabia disso? Então, como é que vosmecê podia saber?

Eu baixei a cabeça por um instante.

— Por que a senhora não quis me ver todos esses anos? — perguntei em seguida, com ar de estranhamento.

— Não que eu não quisesse, pois eu quis… algumas vezes eu de longe espiei, sim, o menino… de longe, sem que me percebessem… além do mais, eu sempre tinha notícias… era o bastante. Não queria incomodar vosmecê com minha presença de velha…

— Mas não incomodaria — eu disse.

— Os velhos incomodam os moços, sim, é sempre um incômodo para um menino que uma velha esteja a maçá-lo por da cá aquela palha. Por isso preferi deixar vosmecê sossegado lá no seu canto. Além disso, não queria que o povo soubesse que eu ainda tinha qualquer coisa com aquela casa.

— A senhora diz que cuidava de minha segurança — eu disse, como a duvidar dela, atitude que, refleti depois, me pareceu indelicada, embora o tenha feito sem premeditar. — Mas talvez eu não estivesse seguro sozinho naquela casa.

Ela, contudo, pareceu não perceber, ou pelo menos não se importar.

— Mas estava — disse.

— Como!

— Florêncio, seu avô, vigiava…

— Meu avô… mas depois ele sumiu… só o vi de novo hoje!…

A viúva moveu a cabeça:

— Ele partiu quando eu o autorizei a partir. Quando não havia dúvida de que eles, os de lá, não iriam fazer-lhe mal. Que motivo teriam para fazer mal a um menino feito vosmecê?… Inda mais sendo parente! Disso esteja certo, meu neto… meu tataraneto… por cá eu velava… sim, por cá eu velava… Além do mais, o tio de vosmecê esteve também sempre por perto.

— Então sabe também de tudo que fiz — eu disse em voz mais baixa.

— As estripulias do menino? Ora… Não, não foi bem feito, coisa muito em desacordo isso de levar a desonra pra dentro da casa dos outros…

Senti um calor nas faces até as orelhas.

— Sim — disse com voz quase inaudível. Tive vergonha. Perante aquela velha que tantos horrores vira e perpetrara tive vergonha das minhas artes de adolescente.

— É uma boa moça. O menino deve reparar o mal-feito, em tempo deverá cumprir com seu dever.

— Eu cometi erros para os quais talvez não mereça perdão… pelo menos o perdão dela.

— Uma mulher quando ama é capaz de perdoar. Dá-se, porém, que o menino se afeiçoou a uma moça que esteve por lá…

Pasmou-me que ela soubesse disso.

— Não se espante — ela disse —, eu sei muita coisa. Mas essa moça não era para vosmecê, meu neto… meu tataraneto… e isso é um desgosto que há de lhe trazer sofrimento prolongado…

Somente por Florêncio a viúva Domingas poderia ter ouvido sobre Giovanna; seria ele e nenhum outro que a mantinha informada de tudo que acontecia nas Oliveiras; e surpreendeu-me que até Florêncio tivesse percebido a loucura que me dominou pela Menina Vestida de Sol.

— Já trouxe — eu disse —, mas eu não penso mais nisso. Partiu hoje e não a verei mais. Não é por ela que não cogito casar-me com Eliete. É que eu não seria capaz de perdoar-me, a mim, ainda que ela me perdoasse. A senhora não imagina, não sabe…

— Sei — ela me interrompeu —, sei, esteja certo de que sei… esse é o mais medonho dos tribunais que um homem pode enfrentar, esse juiz que dentro de vosmecê mesmo brande o martelo… ah, menino, eu conheço esse tribunal!

Baixou de novo a cabeça e ficou assim, só os braços estirados para adiante sobressaíam daquela massa escura, as mãos ressequidas pesadas de seus anéis, nos quais se refletia a luz dos lampiões, sobrepostas no castão da bengala.

Ainda de cabeça baixa, falou:

— Há quase cem anos enfrento esse juiz.

De longe, da cozinha, provinham os ruídos da preta nos seus quefazeres.

— Quase cem anos de ódio — ela acrescentou, transcorridos alguns instantes.

E agora, do lado de fora da casa, um machado batia: alguém partia lenha.

— Levei a vida nisso, a maldição atingiu a todos da minha linhagem.

Fora, os golpes regulares do machado feriam o anoitecer. A viúva falava em voz baixa.

— Um filho que se cria longe de sua mãe, e cresce, e forma sua família, até que um homem lhe cobiça a filha, e por isso o mata…

— O pai de Cristianinha — eu disse.

— O pai dela.

— Ele sabia de quem era filho? A família… Cristianinha sabia da senhora?

A velha suspirou. Moveu a cabeça de forma indefinível e tão vagarosa que parecia continuar imóvel.

— Estive sempre perto, mas nunca me dei a conhecer.

— Nunca?!

— E para quê?

Teria eu percebido um sorriso a contrair-lhe o rosto?

— Não… estive sempre perto, mas foi só…

— E Cristianinha, que foi feito dela?

— Morreu tão nova!… Ele, aquele demônio a amava, por isso a levei para longe. Deixasse, ela esperaria por ele, sempre… mesmo depois de vê-lo casar-se com outra continuaria esperando, por isso era preciso desiludi-la de vez, e então contei-lhe o que acontecera com o pai… "Ele o mandou matar" eu disse, "sentiu-se afrontado e o mandou matar"… Foi uma dor, um sofrimento que não se pode descrever… Uma tristura se abateu sobre a pobrezinha, foi perdendo o juízo, na solidão se finou. Bastava-lhe o filho que teve dele?… Qual nada, um amor nada supre… e quando esse amor é o pior que se pode ter, a dor do desencanto não tem igual… Ajudei a destruir minha neta? Ela teria sido feliz se permanecesse perto dele, ignorante da verdade?… Não sei a resposta para essas perguntas… O ódio, sempre o ódio, pois eu talvez preferisse vê-lo sofrer, destruí-lo, a fazer a felicidade dela… ele, que também amava o filho e por isso fiz que nunca mais o visse. O filho de Cristianinha, o avô de vosmecê, viveu sem destino certo, andarilho… até que botei ele lá, nas Oliveiras… mas antes lhe contei tudo, para que ele soubesse de sua importância… de que outra maneira poderia saber que era o bisneto da velha Domingas?… Depois foi a vez da menina Ismália, e do irmão dela que tão novo já se tinha feito um foragido da lei… quase cem anos, e o resultado de minha família foi esse.

— Tanto ódio terá valido a pena? — perguntei.

Sinhá Domingas mantinha-se ainda de cabeça baixa.

— O menino conhece toda a história?

Dei de ombros. Sabia o que ouvira do mestre carapina.

— Mestre Alípio — ela disse, pensativa —, sim… ele lhe contou… — e dando outro rumo a sua fala: — Carapina de mão cheia está ali! Esta casa foi toda reformada por ele, hoje na aparência não está em boas condições, mas essas vigas, esse telhado, tudo mais foi ele quem reformou… está como novo… resiste ainda ao tempo…

Esses comentários acerca de mestre Alípio eram uma fuga momentânea às recordações que, com minha chegada, devem ter-se tornado mais intensas e amargas. Procurava acalmar o espírito.

— Não, meu neto, nenhum ódio vale a pena…

— Então!

— Nenhuma embriaguez também vale a pena, mas quem, dominado pelo vício, deixa de tomar sua cachaça?

— Então foi só uma questão de vício?

— O menino ainda não sabe o quão terrível pode ser o vício. Quer-se sempre mais… sempre mais… não se sossega, não há limites para a embriaguez, como não há para o ódio.

Suspirei. Eu podia, mesmo conhecendo a história, compreender as razões daquela mulher? A adolescência pode comparar-se a cento e vinte anos de vida?

A viúva aprumou um pouco o corpo, moveu a cabeça em dúvida.

— Quando ele apareceu por aqui eu pensei que fosse tempo de retomar o ódio, que se mantinha guardado mas não esquecido.

Encarou-me.

— Ele foi o instrumento de minha vingança e também o de minha punição.

Sorriu, como se aquilo fosse engraçado.

— Uma coisa eu não entendo — eu disse.

— Pois diga…

— A senhora quis vingar-se de seu Honorato, o pai de Inês…

— Ah…

— … pelo que o pai dele fez com seu marido… a tocaia… e a violação da sepultura… embora não haja certeza de que tenha sido ele…

A velha nada disse de imediato, como se meditasse na resposta. Então acrescentei:

— Pelo menos foi o que mestre Alípio disse: não havia certeza…

Calei-me por um instante, e continuei:

— Seu Honorato também procurou a senhora depois do acontecido, não mais o menino de treze anos, mas um homem… e garantiu que aquilo não fora coisa do pai.

A velha ouvia-me atenta, mas mantinha a cabeça baixa, movendo-a vez por outra com lentidão.

— Além disso ele era o pai do seu filho.

A velha balançou a cabeça devagar. Compreendia aos poucos o sentido de minhas palavras.

— Tudo estava extinto, meu neto… meu tataraneto… aquele fogaréu que me abrasou por amor dum menino foi coisa da mocidade, inda que uma mocidade tardia… e eu envelhecera de repente. Tudo estava extinto.

E após uma pausa:

— Restara apenas o rancor.

Volveu o olhar em minha direção:

— Dei a menina em casamento ao pai de vosmecê, para que o filho deles fosse o dono daquelas terras, e ela acabou morta. Procurei os filhos do outro esses anos todos, até encontrá-los, para que fossem destruídos e pelo menos o menino escapasse ao Mal… mas qual foi o resultado?… A escuridão.

— A escuridão? — perguntei sem compreender.

A velha pareceu meditar por alguns segundos.

— Meu pai — ela disse em seguida — em sua idade avançada era um homem devoto. Disse-me certa vez que neste mundo somos todos herdeiros da escuridão. Esse é o legado do nosso pai primeiro, Adão, por ter provado do fruto proibido… Mas meu pai dizia que por nossas obras podemos trocar a escuridão pela luz… inda que muitos não atentem para isso. Eu, o que deixei para os que nasceram de mim a não ser a escuridão?

— Então foi a senhora que fez com que eles se reunissem nas Oliveiras? — eu me surpreendia com o poder daquela mulher que parecia perdida na fundura do sertão, mas possuía longos tentáculos…

Ela aparentava cansaço. Suspirou, pigarreou.

— Muitos anos tive gente minha investigando o paradeiro deles — disse, acompanhando as palavras com um movimento de cabeça.

— Mas isso levou muito tempo — não pude evitar essa observação, talvez inconveniente diante de pessoa tão idosa, mas é certo que eu não estava em condições de refletir sobre tal miudeza —, não teve medo de morrer antes de realizar seu intento?

— Morrer… Sempre se está sujeito à morte, meu neto. Joga-se, eis tudo. Se a morte vier antes da cartada seguinte, paciência. Não, eu não receava morrer. Podia ter morrido há tempos? Podia… Com a idade que tenho, isso é mais que esperado… mas estou viva…

— Viveu para ver concluída sua obra — eu disse, e de pronto reconheci a impropriedade de tal observação.

— Não valeu grande coisa — ela retrucou —, e eu sabia disso, sempre soube, da mesma forma que o bêbado sabe que não vale grande coisa continuar embriagando-se… mas não podia parar, pois era só o que tinha…

E depois de uma pausa:

— Soube que um deles escapou…

Fiz que sim com a cabeça, sem coragem de encará-la, a ela que, agora, fixava-me com seus olhos miúdos, sumidos na fundura das órbitas.

— …e que o tio de vosmecê morreu.

Confirmei, ainda com um aceno.

— Não tenho ciência de como se deram as coisas nesta manhã. Requeiro de meu neto… de meu tataraneto… que me conte.

Permaneci um momento de cabeça baixa, refletindo. Que lhe diria? Poderia dizer-lhe que eu, seu sangue, impedira-lhe a completa vingança? Por outro lado, deveria omitir a verdade?

— Um polícia apareceu — eu disse, evitando pormenores. — O mesmo que havia matado um deles um dia antes…

— Ah… aquele homem… aquele polícia que usa roupas pretas…

— Sim — confirmei —, ele…

Sinhá Domingas curvou-se ainda mais.

— Um homem terrível — disse baixando mais a voz. Mal lhe escutava as palavras. — Há quantos anos perseguia o rapaz. Eu sempre soube disso, consegui protegê-lo por muito tempo… mas há coisas que escapam ao nosso controle… Fale-me do resto.

— Bem, ele… ele apareceu de repente dentro de casa… ordenou-lhe que se rendesse, mas…

— O tio de vosmecê não era homem de render-se…

— Não…

— E então foi morto.

— Ele… meu tio… que acabara de atirar naquele homem enorme… bem, eu estava perto dele… então ele empurrou-me e eu caí… e não pude ver bem como aconteceu… escutei contudo um único tiro…

— Um único tiro…

— É que eles atiraram ao mesmo tempo e o estampido foi um só…

— Ah…

— E depois ambos caíram… também ao mesmo tempo…

— Mortos, os dois — ela disse —, o polícia e… o tio do menino…

Fiz que sim com a cabeça.

A velha manteve-se encurvada. Notava-se apenas um leve movimento naquela trouxa de pano, naquele volume escuro à minha frente, do qual sobressaíam os braços esticados para frente, as mãos muito magras e enrugadas firmando-se na bengala, o brilho de seus anéis.

— Depois Florêncio apareceu — eu disse, tentando desviar o rumo da conversa.

— E vosmecê lhe tomou a bença.

— Não — respondi —, nem falamos disso… eu não toquei no assunto de nosso parentesco… e ele também pareceu não prestar atenção a isso. Conversamos pouco. Eu disse que iria embora e ele me ofereceu algum dinheiro. Foi só.

— É o jeito dele — a viúva disse —, mas ele gosta de vosmecê, decerto que gosta. Afinal, vosmecê é neto dele.

— Ele sempre soube?

— Soube, o tempo todo ele sabia. A mãe do menino não, ela nunca soube de quem era filha… não deixei que soubesse… era mulher, e fra-

ca dos nervos… pobrezinha, não fossem os nervos, estaria viva… — e a viúva raspou a garganta mais uma vez, os dedos remexeram no castão onde se firmavam.

— Um foi embora — ela disse, mostrando que não perdera o rumo da conversa, como eu pretendia. — Fale-me dele.

— Não há o que falar — disse, contrafeito por voltarmos ao ponto que eu tentara evitar. — Foi embora. Partiu hoje pouco depois das dez. Levou a menina com ele.

Sinhá Domingas queria saber por que ele não estava morto, mas não perguntou diretamente. Cabia a mim dizer, embora sem acreditar que ela desconfiasse de que fora eu a interferir e evitar que o Marujo fosse morto. Durante algum tempo nem eu nem ela falamos, um silêncio incômodo que perdurou…

— Foi culpa minha — eu disse por fim.

— Ah…

— Sim, eu… quando ele, meu tio, avançou com a arma na mão… eu me interpus entre ambos e o outro escapou…

— Ah…

— Ele não podia morrer antes… de terminar o que estava fazendo. Era algo grande e muito importante… foi melhor assim.

— Uma pintura — ela murmurou.

Até isso a velha Domingas sabia!

— Uma pintura enorme, representando o fim dos tempos… Florêncio me disse…

— Então ele esteve aqui, hoje?!

— Ele saiu pouco antes do menino chegar, decerto vosmecês não se encontraram porque ele tomou outro rumo dentro da mata. Mas me fale do acontecido…

— Foi isso… eu me interpus entre ambos… foi quando o polícia apareceu e… e…

A cabeça de sinhá Domingas avultou da massa escura de panos, elevou-se, os olhos miúdos e fundos voltados para algum ponto acima de minha cabeça.

— Já é noite — ela disse —, estamos no inverno… e as noites de inverno são longas.

— Sim — respondi —, tenho de ir. Vou dormir na aldeia, e amanhã…

Um sorriso começara a formar-se nos lábios da velha Domingas, as mil rugas de sua cara centenária se contraíam naquele sorriso que lhe tomava toda a fisionomia. O que lhe provocava esse riso? A inutilidade da grande luta que lhe movera toda a vida? Ou ver que justamente eu, um quase garoto, e de seu próprio sangue, no final dessa luta obstara-lhe a completa vitória?

Dizendo que era hora de ir, pus-me de pé. Não esperei que ela também se levantasse; talvez — eu pensava — não tivesse forças para fazê-lo, mas teve: firmou-se na bengala e ergueu-se nas pernas, estendendo a mão para mim. Tomei-lhe a mão com respeito, curvei-me e beijei-a. Mas não resisti, e aproximando-me mais, abracei-a com carinho.

— Adeus — eu disse.

— Eu o abençôo — ela respondeu.

Passava de meia-noite quando cheguei à casa de Eliete.

Ela me recebeu com surpresa e sem esconder a alegria que minha inesperada e tardia visita lhe causava. Mas seu rosto crispou-se quando disse que estava de partida. Evitei encará-la, gaguejei algumas palavras tentando mostrar-lhe meu arrependimento e vergonha, e fiz questão mesmo de deixar claro que me considerava indigno de seu perdão, no que fui sincero. Chorei ao ter minha filha — a pequena Tereza, como fora batizada por padre Elpídio — em meus braços e apertá-la contra o peito; continuei chorando quando Eliete, sem pedir-me para ficar e sem pronunciar a palavra perdão, disse-me que me reconhecia culpado de algumas coisas e inocentes de outras, dentre estas últimas não me culpava pela morte do pai, concluindo que em seu coração havia lugar apenas para o amor. Era, porém, impossível para mim ficar ao seu lado, e ela pareceu compreender e resignar-se.

Tirei do bolso interno do casaco o pacote de cédulas que Florêncio me dera, e separei para mim apenas uma pequena parte:

— Nada tenho de meu, Eliete — eu disse entregando-lhe o resto —, isto é só o que posso fazer por você. — Pus-lhe na mão também o anel cardinalício: — E isto — disse — é ouro, vale muito, vai ajudá-la. Terá de vendê-lo a algum colecionador de antigüidades, ou mandar um ourives derreter…

Aquela noite tomei um quarto em Pilar. Na manhã seguinte, cedo, segui para a cidade próxima, que fica a algumas horas de cavalgada, e de lá ganhei o mundo.

Não vale a pena, nem é meu propósito, esmiuçar minha vida daí por diante.

Direi apenas que enfrentei o mundo, eu que dele quase nada conhecia, e sobrevivi.

Nenhuma notícia eu tive dos personagens dessa história nos longos anos que se seguiram, e bem pouco pensei neles. Não posso omitir que por dois anos ou pouco mais tentei encontrar o rastro do Marujo e de Giovanna, e cheguei mesmo a vaguear à sua procura pelo cais de várias cidades costeiras, pois me parecia impossível a pupila, onde quer que passasse, não deixar seu sinal na lembrança de alguém. Seria meu amor por ela tão grande a ponto de me fazer ver coisas além da realidade?

Não creio, sua beleza e sua figura pouco comum seriam mais que suficientes para que se lembrassem de sua passagem, ainda que não permanecesse no mesmo lugar mais do que uns poucos dias. Certa vez, em minhas andanças pelo norte do país, quando fiz as habituais perguntas à dona de uma pensãozinha numa pequena vila de pescadores, e descrevi Giovanna, a mulher concentrou-se por um momento e disse: "Sim, seu moço, ali pros lados da baixa, numa casinha de madeira, mora um casal com essa parecença… vieram de fora, estão por lá já vai pra mais de ano. A moça é como o moço refere, mas o nome não lembro não". Senti meu coração pulsar, parecia que o sangue afluía-me todo para a cabeça deixando-me tonto, mas… quando bati à porta da casinha e fui recebido pela moradora… era uma jovem de cabelos loiros e compridos, um pouco alta e magra, e de olhos claros… sim, pela descrição podia confundir-se com Giovanna… mas não era ela… não possuía aquela inefável beleza… não se vestia de luz… Decepcionado, murmurei umas desculpas, que não me levasse a mal, havia me enganado de casa, e me afastei. Por fim, reconhecendo inúteis minhas investigações, desisti, e passei a ocupar-me com minha própria vida. Por muito tempo não me preocupei mais com o caso, até que um dia, transcorridos cerca de quinze ou dezesseis anos, tive um abalo: numa casual visita a um museu em R…, no Uruguai, aonde fora a passeio, deparei com um quadro cuja assinatura chamou-me a atenção por conhecê-la bem: era a assinatura de Filipe. Senti-me desfalecer, e para não cair tive de apoiar-me na parede. Um funcionário, percebendo o que se passava comigo, correu a acudir-me. "O quadro" eu disse apontando a pintura, "aquele quadro…". O que apurei foi no entanto muito pouco: sabiam apenas que fora doado onze anos antes pelo próprio pintor, que participara de uma exposição coletiva durante o breve período em que esteve de visita na cidade. "Aqui está" disse-me o diretor do museu, "conforme o registro deu entrada em nosso acervo em 19…" e pareceu considerar a data com grande atenção. "Uma peça valiosa" concluiu, "lembro-me bem: era um artista de raro talento". Mas não sabiam se vivia só naquela época ou se teria uma esposa, não sabiam mais nada. Então pareceu-me definitivo: a Menina Vestida de Sol estava mesmo perdida para mim, e nunca mais tive qualquer notícia de seu paradeiro.

A certa altura recrudesceram minhas preocupações com a fé e as coisas referentes à religião e ao espírito. Fiz-me então irmão leigo numa certa ordem terceira que não vem ao caso mencionar e passei a levar uma vida monástica, estudando as Escrituras e discutindo-as com os demais. Minha tendência para a fé, contudo, não deixou de ter seus altos e baixos, e os períodos de ascese alternaram-se com os de incredulidade quase da mesma maneira como se deu durante minha adolescên-

cia, de forma que a única certeza que adquiri a esse respeito é que até então não obtivera certeza alguma, isto é, que a fé era algo escorregadio a escapar-me como areia entre os dedos. O que acontecia comigo não passava despercebido aos membros da congregação, e eu mesmo não fazia questão de escondê-lo: pelo contrário, esforçava-me por ser franco com todos não só para buscar forças e luz junto a eles — ou fazê-los pensar assim —, como para melhor esconder meus deslizes, que não foram poucos. Na verdade, tenho para mim que não obtive êxito em esconder meus erros de todos, mas como a tolerância mantinha-se como a tônica para que a ovelha transviada não se perdesse de vez e retornasse ao aprisco, foram tolerantes comigo e eu procurei corresponder-lhes, mais ou menos, às expectativas.

Houve uma época em que adoeci. Não quero me prolongar quanto ao meu estado de saúde, ao qual já fiz algumas referências, mas alguns esclarecimentos são necessários. Adoeci, e por época de minha doença passei por certas situações por demais penosas que não desejo minuciar, o que contribuiu para o agravamento de meu estado. Minha compleição, que se não era das mais fortes também não se podia considerar enfermiça, não resistiu à soma de tantas adversidades, e o que seria um resfriado comum descambou para uma pneumonia que me prostrou na cama por várias semanas. Examinando-me durante minha vagarosa convalescença, o médico que me acompanhava julgou alertar-me para o fato de que o estado dos meus pulmões não era dos melhores, e decerto eu tinha alguns bacilos, destacando que havia um ponto positivo nessa constatação: o diagnóstico fora feito numa fase muito inicial da doença, o que facilitaria a cura. Com isso, o tratamento que deveria ser mais ou menos breve prolongou-se. A essa altura eu já me fizera irmão leigo e quis ver nessas provações uma mui justa punição para a incredulidade que vez por outra derruía toda uma estrutura íntima que eu, com o auxílio dos irmãos, construía baseada na fé. Não obstante o tratamento prolongar-se por dois ou três anos, e mesmo eu observando todas as recomendações e prescrições médicas, o doutor nunca pôde me dar por curado. "Você está bem" dizia-me ele, "mas é preciso estar sempre alerta e ter cuidado", o que significava que eu nunca ficaria bem. Seguiu-se uma afecção no fígado que por pouco não me levou à morte, e sobrevieram ao longo dos anos umas e outras mazelas (entre as quais duas blenorragias) que não convém descrever mas que, aos poucos, foram derruindo minha saúde até tornar-me neste quase velho, embora eu mal tenha chegado aos quarenta anos. Com isso, em absoluto não sei quanto tempo viverei, mas por certo não me restam muitos anos pela frente, o que não me preocupa, como já disse. Morrer com meu propósito realizado não me causa nenhum susto, e não posso garantir que aprecie vi-

ver. O propósito a que me refiro é a escrita deste livro, que não sei se chegará ao prelo — importa-me mais que os acontecimentos fiquem registrados não na forma de um diário, irregular e incompleto, mas na de um livro, o que torna, em qualquer tempo, não apenas fácil uma edição como também acessível o conhecimento dos fatos. Como surgiu a idéia de converter em livro as simples anotações feitas por meu pai e, depois, por mim, de forma manuscrita, naquele caderno? Há tempos, como tenho por hábito, pus-me a pensar no obscuro significado de existir, e me ocorreu quanto da história do homem se perde ao longo dos séculos, pois o que se registra é apenas uma parcela mínima de tudo que aconteceu. Boa parte dos fatos são ocorrências triviais sem nenhum interesse histórico, mas há coisas que, mesmo envolvendo apenas pessoas comuns, merecem memória, pelo menos como curiosidade. Teria sido esse o pensamento de meu pai quando começou, muito cedo, a redigir seu diário, ou seria apenas uma mania sua? Fosse como fosse, pensei então, aquilo que ele pretendeu não deveria perder-se, e preservá-lo tornou-se para mim uma maneira de respeitar sua memória. Como eu por herança também participara da escritura do diário, e os fatos registrados não eram triviais como se verifica após a leitura, pareceu-me mais que oportuno transformá-los em livro.

Isto posto, tomada a decisão, era preciso recuperar o diário, que à época não levara comigo por parecer-me um peso extra e inútil, e, se bem que não tivesse certeza de encontrá-lo tanto tempo depois no lugar onde o deixara — vinte e três anos se passaram desde que fui embora — , voltei com o firme propósito de levar a termo aquilo a que me propunha, o que venho fazendo bastante penosamente ao longo desses meses, pois aqui estou há exatos quatro meses batendo as teclas desta máquina de escrever e amontoando folhas ao meu lado. Pelo número de páginas a que cheguei, o leitor bem pode deduzir que tenho levado uma vida monástica: às vezes saio para uns passeios pelos arredores, e prefiro para isso as horas matinais, assim que me levanto (tenho o hábito de levantar-me cedo, de forma que ao sair caminho um pouco até por volta das sete horas, quando retorno ao meu quarto, faço uma ligeira refeição e ponho-me a trabalhar).

Em meus passeios retornei à capela das Oliveiras algumas vezes pois me era difícil estar aqui, tão perto, e não ir até lá vez em quando contemplar a grande pintura; admirar seus detalhes é o que faço todas as vezes, em face do arrebatamento que o quadro, como obra de arte, produz em qualquer espectador; porém vou até ali para uma vez mais admirar o inesquecível rosto, a Menina Vestida de Sol. (Pergunto-me por que Filipe não o mandou apanhar, como havia dito. Ou veio, mas encontrando a casa queimada imaginou que o painel também fora destruí-

do? É uma hipótese, embora implausível. Outra, mas que tampouco me parece plausível, é que não tenha retornado a este lugar nem mandado alguém, esquecendo-se por completo de seu Apocalipse, ou não mais se importando com ele. Assim decidi levá-lo eu mesmo, e para isso contratarei uma transportadora; depois pretendo doar a obra a algum museu, onde eu poderei visitá-la sempre que sentir saudades: é a maneira que tenho de, pelo menos vez por outra, rever aquele rosto…)

Uma ocasião também me aventurei pelo caminho que levava à casa da velha Domingas, mas não havia como passar: a mata fechara sobre ele, e a casa, eu soube, estava em ruínas. "O telhado afundou, algumas paredes caíram" disse-me um morador antigo que encontrei no caminho. Pelas informações que me deu, deduzi que minha tataravó morrera pouco tempo depois da última visita que lhe fiz, como se apenas estivesse esperando o desfecho de tudo para partir.

No mais, permaneço todo o tempo neste quarto, escrevendo. O estalajadeiro é bastante gentil, mas não por minha condição religiosa, visto que não uso hábito; traz minhas refeições às horas certas sem se mostrar bisbilhoteiro — exceto por uma única vez, quando perguntou-me se eu era escritor. Disse-lhe que sim, para não entrar em detalhes, e que precisava de sossego para terminar meu trabalho — por isso escolhera Pilar. O homem compreendeu e não se intrometeu mais.

Pouco resta para contar: não devo omitir certas reflexões que o leitor irá decerto cobrar, e com toda razão, se delas me abstenho; e ainda um último episódio, estranho mas não de todo inesperado, antes que esta longa e triste história receba seu ponto final.

Conclusão

"Estas serão, talvez, minhas últimas palavras que
poderão ser lidas neste diário"
(**Bram Stocker** - *Drácula*)

Há quatro meses vivo nesta hospedaria chamada Patmos, e escrevo, e finalmente me apercebo de estar próxima a conclusão — conclui-se o relato como deveria ser, pois tudo mais tem seu tempo e finda, pois tudo finda, e até mesmo o Tempo terá um fim.

Há certa matéria, contudo, acerca da qual dirá o leitor que decerto negligenciei e mesmo que esqueci. Não, não negligenciei nem seria possível esquecer, pois tal matéria se encontra no cerne desta narrativa, sem a qual a história que ora vos desfio perderia grande parte de seu significado; se não voltei a mencioná-la foi apenas para obedecer a uma ordem, de forma que cada assunto seja tratado a seu tempo, e esse tempo chegou.

Refiro-me ao verdadeiro sentido do enigma que o estranho visitante do Cardeal — tenha sido ou não o diabo, tenham mesmo ocorrido aqueles encontros ou não passado de construções de uma mente enferma — lhe deixou naquela noite longínqua.

Seria racional pensar que a mensagem contida naquela simples mas misteriosa frase destinava-se a mim? Que através do Cardeal a *criatura* queria falar comigo anos depois, utilizando-o como uma espécie de correio? Pois outra coisa não foi ter o diabo falado comigo, mesmo valendo-se de um meio incomum, e com tanto tempo de antecipação dos acontecimentos que com essa mensagem se coadunam — mesmo que se possa julgar presunção de minha parte pensar assim (pois, afinal, quem sou e que importância tenho para que algo dessa natureza ocorra em função de mim?) —, se com isso confirmar uma idéia que me ocorreu em certa época e da qual venho me ocupando nos últimos tempos. Posto que não pretenda desenvolvê-la aqui, pois constitui matéria para outra obra, livro ou não, mas mesmo assim algo diverso, mais próximo de um escrito filosófico, ei-la em linhas gerais: há, segundo penso, uma conexão entre as coisas que vai muito além daquilo que podemos imaginar ou mesmo achar viável e coerente, e que ocorre à revelia dos conceitos de importância ou relevância dentro do contexto humano (de tal forma que, se assim for, não importa que eu seja alguém obscuro, impor-

ta apenas que eu faça parte do universo que me cerca e, portanto, sujeito às suas leis, por mais estranhas e inesperadas que possam parecer), conexão que se estende no espaço e através do tempo na forma de um abrangente emaranhamento de pontos e caminhos, similar a uma rede. Imaginemos como exemplo o episódio seguinte, talvez um pouco exagerado, mas que cabe como ilustração do que pretendo expor: uma certa senhora casada, ao abrir pela manhã a janela de seu apartamento, deixa cair na rua um objeto qualquer, digamos um cinzeiro de metal, que se encontrava sobre o peitoril, no exato momento em que passava embaixo um cavalheiro. O cinzeiro, diga-se a título de esclarecimento, fora deixado naquele local por um sobrinho dessa senhora que estivera de visita na tarde anterior em companhia da mãe: o menino fora para a janela brincar com o cinzeiro, ali o esqueceu, onde acabou ficando, por inadvertência, quando a janela foi fechada à tardinha, até o incidente da manhã seguinte. Ao perceber o que acontecia, o cavalheiro curva-se, recolhe o objeto e olha para cima, dando com a referida senhora à janela, um tanto contrafeita pois mesmo sem querer quase atinge com um objeto pesado a cabeça de um transeunte. A senhora resolve então descer, desculpar-se e recuperar o cinzeiro. Uma vez embaixo e formalizadas as desculpas, o cavalheiro sorri e admite que se fosse atingido sofreria uma lesão bastante séria, mas tudo havia terminado bem e não restavam motivos para alarme, palavras de alívio para a embaraçada mulher que, por sua vez, sorri e explica a causa do incidente. Ambos continuam a conversar por algum tempo, surge uma mútua simpatia e um convite para almoçarem juntos. A senhora não esconde sua condição de casada, mas convida o cavalheiro para um dos próximos domingos, dizendo que seu marido ficaria satisfeito em tê-lo à mesa após saber do ocorrido. O convite é aceito, o almoço transcorre no melhor clima de cordialidade, e o cavalheiro, já quase um íntimo da casa, despede-se no fim do dia afirmando nunca haver passado tão bem. Que conseqüências relevantes decorreriam desse episódio, não fosse ter havido nas intenções do cavalheiro algo mais que simples amizade pela mulher, e ela, mesmo hesitante, correspondido? Pois correspondeu e, às ocultas do esposo (de outra maneira não haveria de ser!) passou a encontrar-se regularmente com o cavalheiro, mantendo com ele um romance que durou até o esposo traído dar por acaso com ambos, a mulher e o amante, numa atitude mais que óbvia. Ocorre que esse pobre homem é o chefe dos correios da cidade; devido ao desacerto conjugal que vem atravessando sente-se perturbado a ponto de prejudicar o desempenho de suas atribuições, e acaba por perder uma correspondência contendo importantes documentos destinados a certo homem de negócios que, não os recebendo, não pôde fazer prova a seu favor num processo judi-

cial que enfrenta, acaba por gastar em vão tudo o que tem com advogados e ficar por fim na miséria junto com sua família, que de ora em diante se verá na contingência de contar com a boa vontade alheia para sobreviver. O que se deduz daí? Que através de uma sucessão de acontecimentos, alguns meninos famintos e maltrapilhos estendem agora a mão à caridade pública devido ao fato de um outro menino, um certo dia, estar brincando com um cinzeiro numa janela. Tal anedota mostra uma dessas cadeias de acontecimentos inter-relacionados a que me referi, mas se verifica de pronto que tais relações são apenas causais, e também casuais. Não haverá, porém, um outro tipo de cadeia de conexões que pareçam ocorrer de acordo com uma intenção, conquanto não possamos compreender seus propósitos, nem afirmar que haja um? Pois ao constatar que numa noite distante o Cardeal, meu primo e tio, escuta de seu estranho visitante um enigma que décadas depois aplica-se a mim, e quando já não esperava encontrar para ele uma explicação, percebo — e não será racional percebê-lo? — algo mais que um mero conjunto de relações de causa e efeito: vejo aí uma clara conquanto incompreensível intenção (e quem me garante que este livro, que ora escrevo e penso ser o resultado de minha vontade, não está sendo ditado por essa intenção de obscura natureza, que prevê ligá-lo a algum acontecimento dentro de cinqüenta ou cem anos, de capital importância para aqueles que nele estiverem envolvidos, de forma que poderão, como eu faço agora, perguntar-se: "Terá sido escrito de propósito para mim, apesar de isso parecer absurdo, pois faz um século?").

Deixemos, no entanto, de lado essas divagações e sigamos adiante.

Lembrar-se-á o leitor do enigma proposto ao Cardeal por seu visitante noturno? Ei-lo mais uma vez:

> *Quando o anjo estiver à sombra da árvore que há no meio do jardim, e sorrir, mostrará a cárie dos seus dentes.*

O Cardeal acreditava que tal enigma dizia respeito ao próprio homem edênico e a seu estado de inocência. Ele seria o anjo que, uma vez *à sombra da árvore que há no meio do jardim*, isto é, ao adquirir o conhecimento e perder a inocência — que, segundo suas próprias palavras, não pode conviver com o conhecimento — estaria perdido para seu estado anterior de pureza: mostraria *a cárie de seus dentes*. Tal interpretação, porém, por sua própria natureza parecia demasiado evidente, e aquela criatura — real ou sonhada, mas ardilosa, impossível imaginá-la de outra forma — não se mostraria tão pouco sutil. O Cardeal, que não tocou outra vez no assunto comigo, ter-se-ia sentido satisfeito com essa compreensão do enigma? Não estou certo, mas eu mesmo já havia procura-

do uma explicação que se ajustasse às minhas experiências, ainda que à época eu estivesse longe de cogitar, como hoje, nessa cadeia de fatos inter-relacionados independente dos nossos conceitos de tempo e valor. Vamos recordá-la: de início pareceu-me que o anjo do enigma fosse a pupila devido à sua personalidade estranha, que me levara a crer numa suave loucura a conferir-lhe uma auréola de inocência, mas depois sobreveio aquele episódio dos dentes de Eliete — a jovem que eu pensei amar e de quem construí uma imagem ideal, meu grande erro, até me dar conta de que ela afinal não passava de uma pessoa comum, decorrendo a definitiva degradação dessa imagem que existia apenas em meus sonhos. No entanto relutei em aceitar esse entendimento e por fim o rejeitei por completo, não só por me parecer banal e insuficiente, como também por não poder, de acordo com minha consciência, atribuir a Eliete corrupção alguma pelo fato de ter agido contra princípios sagrados para a pequena sociedade rural em que vivia. Quanto ao desencanto a que me conduziu essa paixão inconseqüente, e fez-me compreender a diferença entre o que se idealiza e a crueza da verdade, isso tampouco bastaria para coadunar-se com a figura descrita pelo enigma: como eu, como qualquer um, Eliete era apenas alguém sujeito a fraquezas e pequenas misérias. Outras idéias me ocorreram naqueles tempos, mas não vale a pena esmiuçá-las, e por fim admito que o enigma apenas se conservou em minha memória, mas sem solução.

Viria o tempo em que eu encontraria uma resposta?

Há quatro meses, pois, estou nesta casa chamada Patmos, e escrevo. Andei por aí, pelos arredores, retornei à capela algumas vezes — impossível seria evitá-lo, impossível seria estar tão próximo à face maravilhosa e não contemplá-la —, tenho feito também alguns passeios de manhã, muito cedo, mais raro à tarde, e quase todo o tempo permaneço lendo o diário, relembrando os antigos acontecimentos e redigindo esta crônica.

Há coisa de uns dez dias, porém, quase concluído meu trabalho e cansado de escrever, resolvi quebrar um pouco essa rotina e saí à tardinha para um passeio aqui mesmo pelo centro de Pilar. Parei ao acaso em frente à porta desse estabelecimento famoso e intrinsecamente ligado à minha vida, a taberna na qual aos treze anos de idade o Ruivo obrigou-me a beber aguardente até vomitar e depois matou três homens diante de mim; onde também conheci mulheres da vida — pois aí funcionava um prostíbulo — e troquei o amor pela devassidão, e, por fim, onde assisti ao assassinato de um inocente, de que eu participei como uma espécie de "pivô".

Uma jovem vistosa apareceu à porta nesse momento, olhamo-nos e ela sorriu — e mais que sua natural beleza chamou-me a atenção a pu-

reza desse sorriso, pureza não apenas física no qual dentes grandes, brancos e perfeitos rebrilharam à luz do crepúsculo, mas também imaterial, pois apesar de tudo era possível perceber uma angélica delicadeza a transudar de todo o seu ser naquele sorriso. "Não quer entrar e tomar uma bebida" ela convidou, e eu para não desapontá-la aceitei. Não havia muitos fregueses àquela hora e mesmo esses, apesar de eu ser um estranho, não prestaram atenção em mim, exceto talvez por estar acompanhado da jovem e ocupar uma das mesinhas mais próximas da porta. Enfim, notaram que alguém acompanhava a jovem que todos deviam conhecer, olharam em nossa direção duas ou três vezes e depois se esqueceram de nós como de algo sem qualquer importância.

Bebemos um pouco e conversamos muito. Ela não quis falar de si; disse-me o nome, Júlia; nascera em R***, mas disposta a deixar a família mudara-se para Pilar, "poderia ter-me mudado pra uma cidade grande" disse, "mas preferi Pilar, tanto por não ser muito distante de casa quanto por não ter tanta gente", e depois de um momento de reflexão: "Não sou afeita a multidões". Obstinou-se, porém, em calar qualquer outra informação a seu respeito, o que me pareceu compreensível: era patente sua função no estabelecimento, via-se isso não apenas por suas roupas pouco decentes como também por certas maneiras que se tornam características em pessoas desse meio; assim, ao omitir informações sobre si pretenderia evitar aos seus — ainda que não residissem muito próximo — mais um motivo de vergonha.

Não sendo propriamente uma mulher vulgar, pois não houvera tempo ainda para corromper-se de todo, punha certo empenho em mostrar-se como as outras — essas que começavam a aparecer pelo ambiente naquele princípio de noite (e de sua jornada de trabalho). Júlia conservava ainda alguma delicadeza, pouco passara dos vinte anos, e, conforme pude apurar de nossa conversa (embora tivesse sido um tanto evasiva), "caíra na vida" há pouco tempo, de forma que não conseguira por enquanto tornar-se "uma delas". Durante nossa conversa eu a avaliava, e senti por ela uma grande piedade, pensando se não haveria um meio de fazê-la retroceder nesse caminho que decerto escolhera — pelo menos em minha imaginação — contra sua vontade. Convidei-a a jantar comigo na hospedaria, já que na taberna não serviam refeição, o que me pareceu muito oportuno como pretexto para afastá-la, pelo menos uma noite, daquele lugar.

Jantamos e, para espanto do estalajadeiro, que talvez não esperasse ver-me em companhia de uma "daquelas mulheres", continuamos conversando até certa hora. Júlia, contudo, pareceu disposta a conhecer meu quarto, pelo menos foi o que deu a entender quando, aludindo a que já era tempo de levá-la embora, perguntei onde morava. Ela deixou

cair a cabeça para frente, assim permanecendo alguns instantes, e em seguida ergueu o rosto e me encarou com um sorriso matreiro:

— Talvez eu não queira ir para casa — disse. — Por que não me mostra seu quarto? Tenho curiosidade em ver como é o quarto de um escritor.

Repliquei que não era escritor, apenas decidira-me a escrever qualquer coisa sobre uns fatos que conhecia, e por isso procurara um lugar tranqüilo onde pudesse dedicar-me ao trabalho sem sofrer muitas interferências. (Está visto que não entrei em detalhes acerca do meu livro e nem que havia nascido e me criado em Pilar.)

— Ainda assim — retrucou — é o mais perto que vou chegar de um escritor neste lugarzinho infame.

Fiz-lhe ver que não ficaria bem ela subir ao quarto de um homem sozinho, e ainda que nada de mal houvesse nisso, pelo menos perante nossa consciência, o estalajadeiro poderia não ficar satisfeito. Ela, porém, retrucou dizendo que o estalajadeiro não podia opor nenhuma objeção, já que ele mesmo levava mulheres para lá, e uma vez mesmo chegara a convidá-la.

— Convite que eu não aceitei, claro! — e insistiu: — Vamos, mostre-me suas coisas!

A jovem insinuava-se e por isso a lamentei, tão moça e tão inexperiente desse mundanismo de meretriz que à força procurava demonstrar! Mas não posso negar que sua graça tocara-me, possuía uma certa frescura que o péssimo ambiente da taverna não desfizera de todo e devo admitir que, apesar de minha condição religiosa (de pouco significado para mim, tanto mais que era desconhecida de todos) e do meu precário estado de saúde (o que poderia constituir um real obstáculo), ainda era homem e minha libido manifestava-se a ocasiões.

Júlia enfim subiu comigo para o quarto.

Uma vez ali modificou-se, fez-se mais natural e espontânea: esqueceu-se por exemplo das momices que se esforçava por aprender, e passou a espiar meus modestos petrechos com uma curiosidade infantil; pôs um papel em branco na máquina e escreveu seu nome — Júlia Maria da Conceição — procurando as letras no teclado com uma dificuldade divertida, voltando-se para mim com um riso de pura alegria quando terminou, e depois perguntou-me se podia examinar meus escritos. Tive dúvida em permiti-lo, mas em seguida refleti que de forma alguma uma jovem de hoje conheceria os fatos narrados, e consenti. Júlia, entretanto, limitou-se a sopesar o maço de laudas e apenas passou os olhos por algumas páginas do início, logo se desinteressando, mas comentou que alguém precisava "ter estudado muito para escrever tanto"; respondi que não era bem assim, podia ser até — acrescentei — que tudo aquilo

não tivesse valor algum, mas ela parecia disposta a considerar-me ilustre, e foi taxativa:

— Não, você é um homem instruído!

Dei de ombros, aceitando o elogio, e a recebi nos braços. O gesto fora inesperado de ambas as partes, conquanto nem um nem outro duvidasse de ser aquele o termo natural das nossas relações de amizade quando nos dispusemos a subir para o quarto, afinal ela tinha sua profissão (ainda que novata, é certo que vivia dela), e eu era um homem prestes a converter-me em freguês. Mas a atitude fora inesperada porque, uma vez que entramos em meu quarto e passei a mostrar-lhe minhas poucas coisas, que nenhuma curiosidade poderia despertar em ninguém que não desejasse ver nelas algo importante, houve como que por encanto uma transformação: Júlia era outra vez a menina que devia ter sido há até bem pouco tempo, e eu um amigo com quem se divertia sem maldade. Por isso, quando nos vimos um nos braços do outro sentimo-nos de momento embaraçados e talvez até tenhamos corado, pois de súbito o real motivo de estarmos ali saltava, por assim dizer, às nossas vistas.

Esse embaraço não perdurou, ou perdurou o tempo suficiente para que nos entendêssemos. Estávamos agora abraçados e nos olhávamos nos olhos. Ela tinha um leve cheiro de colônia como se tivesse tomado banho à tarde, mas já mesclado a outros cheiros de que se teria impregnado desde então, não identificáveis, um pouco acres, que se poderiam denominar cheiro de mulher da noite, conquanto ela ainda não o fosse de todo. Sentir esse cheiro produziu em mim uma ligeira vertigem: há muito eu não mantinha qualquer contato o sexo feminino, em parte devido à minha condição religiosa, em parte (talvez maior) por eu, nos últimos tempos, mesmo nos últimos três ou quatro anos, ter-me mantido o mais das vezes recluso ou recuperando-me de doenças que me acometeram com freqüência. O calor que emanava de seu corpo causou-me uma sensação de doce embriaguez, senti o peso dela em meus braços, e seus braços ao redor do meu pescoço, tudo isso revelando-se para mim como novidade. Neste ponto parece-me necessário esclarecer que desde minha partida das Oliveiras não mantivera nenhum relacionamento amoroso duradouro, e tal preocupação não me ocorria, principalmente por não ter-me afeiçoado a ninguém. Uma família era para mim algo fora de cogitação. Em decorrência dos males que me prostraram a partir de certa época, com suas recaídas e seqüelas, menos ainda me relacionei com mulheres, de forma que ao abraçar Júlia naquela noite passava com efeito por uma experiência nova. Disse acima que nesse tempo não me afeiçoei a ninguém. Em toda minha vida eu havia amado a duas pessoas: Eliete, em primeiro lugar, e em segundo a pupila.

Meu amor por Eliete revelara-se em si mesmo um autêntico fracasso, mera ilusão de garoto. Giovanna, porém, fora para mim uma espécie de ícone com quem não cogitara, de início, nem mesmo um contato físico: na minha juventude romântica, a pupila figurara um objeto de culto. Está claro que se ela não me tivesse ignorado com a obstinação que conhecemos, o objeto de culto se converteria na mulher de carne e osso, mas ainda assim não perderia de todo talvez aquela aura com que a princípio a revesti, aura que Eliete não teria nunca. Uma representou na minha vida de adolescente a descoberta do corpo e subseqüentes decepção e cansaço, a outra representou o desvario da paixão e o amor duradouro. Mas Júlia — o que representaria essa jovem para o homem maduro que a abraçava naquele momento?

Pela primeira vez em muitos anos uma onda de ternura invadiu-me — de tal forma que não há impropriedade alguma em afirmar que descobria o amor outra vez.

— Não sou um homem jovem — eu disse, essas palavras as únicas que me ocorreram então.

— Eu não me importo — ela respondeu, seu hálito quente e com gosto de vinho nos meus lábios. — Além do mais, isso se percebe. Não estou aqui enganada.

— Também não tenho boa saúde — continuei.

— Mas está vivo — ela disse com um sorriso malicioso.

— Muito menos tenho o que lhe oferecer — concluí a enumeração das minhas desvantagens, lembrando ao mesmo tempo que hoje poderia ser um homem rico, dono de vastas propriedades, as quais, no entanto, abandonara sem o menor remorso há pouco mais de duas décadas.

— Não espero que tenha — ela disse com voz ainda mais suave.

Fez uma pausa enquanto nos olhávamos, e, penso eu, deve ter julgado conveniente acrescentar, a título de explicação:

— Eu sou uma mulher da vida, você deve estar pensando, e me entrego aos homens por dinheiro. E é verdade…

— Isso é triste…

— …mas esse não é o caso agora: não pretendo cobrar, não de você.

— Não?

— Não lhe pedirei nada se ficarmos juntos esta noite, como nada lhe pedirei se continuarmos juntos pelo resto do tempo que você ainda permanecer por aqui. Ou pelo resto de nossas vidas, se você quiser.

— Por quê? O que viu em mim que lhe agradou?

— O que uma mulher vê num homem que lhe agrada: não é nada em particular, e ao mesmo tempo é tudo. Não é o dinheiro dele, nem sua beleza…

— Que eu em absoluto não tenho.

— …mas é algo que não pode ser medido por meio desses valores.

— Como pode saber essas coisas?

— Venho observando-o há algum tempo, ora em seus passeios pela manhã, ora quando calha sair à tardinha.

— Então vigiava-me?

— Pode-se dizer que sim. Por isso você não me é de todo estranho, ainda que só hoje tenha sabido seu nome. E lhe tenha dito o meu.

Beijamo-nos após esse mais ou menos longo preâmbulo como se nos fôssemos conhecendo aos poucos, timidamente, um sem ousar invadir o outro de súbito, mas pisando o terreno com cautela para evitar surpresas desagradáveis. Assim nossos lábios apenas se tocaram no começo, com alguma indecisão para, pouco a pouco, entreabrir-se e dar passagem às nossas línguas, que se encontraram — de início com receio, mais afoitas depois. Não nos beijamos tomados de frenesi, senão que fomos avançando aos poucos e provando esse sabor da única maneira que não enfastia: devagar.

Também quando nos deitamos e eu a despi, não o fiz sem antes improvisar um quebra-luz para não ver tão cruamente seu corpo nu, pelo contrário, quis que o ato de despi-la fosse o menos constrangedor, ainda que não se deva falar em constrangimento nessa hora, e antes de invadir de vez sua nudez procurei conhecê-la da mesma forma como a beijei: sem arroubos excessivos, numa atitude em que havia mais alma do que corpo. Assim também não me exibi para ela, e até procurei evitá-lo, em vista de meu corpo magro de homem enfermo não constituir uma bela visão, pelo menos uma visão atraente, e como eu agi, também ela agiu, despindo-me como se na verdade me vestisse. Agora o contato dos nossos corpos nus convertia-se numa união plena que eu talvez não conhecia, da qual teria quem sabe uma vaga lembrança, apenas uma noção imprecisa por nunca a ter experimentado daquela forma, e depois, quando repousamos um ao lado do outro, o sono veio quase ao mesmo tempo fechar nossos olhos. Júlia dormiu primeiro, escutei seu ressonar suave junto de mim, e depois eu também adormeci.

Estaria carcomido demais para o amor? Poderia esperar ainda felicidade na vida? Um homem como eu podia, com algum bom senso, pensar em ter ao seu lado uma mulher saudável e jovem e com ela formar uma família?

Essas perguntas eu me fazia na manhã seguinte enquanto, já desperto, permanecia deitado para não acordar Júlia — que ainda ressonava —, e reconheço, hesitando em admitir que não enveredava pelo absurdo, que era possível fazer planos tão prosaicos como ter uma casa, uma família, criar filhos. Seduzido pelo sentimento que começara a fazer vulto em meu coração, procurei ponderar sobre aqueles que o haviam

antecedido e estabelecer sua verdadeira natureza. À paixão juvenil e inconseqüente por Eliete e ao amor intenso e desatinado que sentira pela pupila, ambos tanto mais marcantes por coexistirem com uma longa série de trágicos acontecimentos (sem mencionar os poucos mas luxuriosos envolvimentos que tive nos anos seguintes, indignos mesmo de uma referência ainda que abreviada); contrapunha-se essa ternura nascente pela mulher adormecida ao meu lado, ternura carnal e ao mesmo tempo divina, e verdadeira, pois que se revestia de uma absoluta compreensão do outro: Júlia não figurava para mim nem a mulher vulgar nem o ícone intocável, mas tão só o ser humano capaz de amar e de ser amado.

Seria, portanto, absurdo sonhar agora com essa felicidade simples de que todos desfrutam, mas até então desconhecida para mim? Teria eu vindo a Pilar apenas para escrever um livro ou, como decorrência daquela cadeia de conexões a que me referi há pouco, o livro cogitado seria apenas o meio necessário para que eu encontrasse o amor e, com isso, a felicidade e a paz? Essa idéia, que — como disse no início deste capítulo — vem me ocupando o pensamento nos últimos tempos, entusiasmou-me a ponto de converter-se numa quase certeza, e me propiciando renovadas esperanças fez-me experimentar uma rara sensação de bem-estar.

Júlia continuou em minha companhia. O estalajadeiro, durante uma ausência sua, veio ter comigo e, um tanto sem jeito, falou de algumas banalidades até entrar no assunto que o levara ao meu quarto, e quis saber se eu conhecia bem a moça com quem andava 'me divertindo'. Isso se deu três dias depois que Júlia passou a estar comigo na pousada. A expressão 'divertindo-me' irritou-me por sua vulgaridade, mas irritava-me mais ainda ver que aquele homem não percebia a natureza de meu relacionamento com a jovem a quem decidira regenerar, fosse casando-me com ela (o que cogitara, bastando que me desligasse de meus vínculos sacerdotais), fosse de uma outra maneira, provendo-a de recursos suficientes para que não precisasse recorrer a meios ilícitos de subsistência (nesse caso, não hesitaria em recuperar minhas propriedades, cujos papéis eu conservara). Apesar de irritado, mantive-me calmo e não demonstrei ao estalajadeiro o aborrecimento provocado por sua intromissão, mesmo porque — reconheci — o pobre homem não tinha como saber essas coisas. Respondi que sim, conhecia bem a moça, era uma boa moça, eu disse, que por alguma triste circunstância se perdera, mas que podia recuperar-se. O estalajadeiro franziu o cenho, pensativo, formando um pequeno bico com os lábios e baixando a cabeça, "ah… sendo assim…". Talvez ele estivesse preocupado com a reputação de sua casa, e quanto a isso lhe garanti que não daria motivos de escânda-

lo, assegurando-lhe ainda que, com referência à hospedagem de Júlia, poderia incluí-la em minhas despesas. Penso que sua real preocupação fosse essa pois, diante de minha garantia pareceu muito aliviado e saiu murmurando que "sempre esteve certo de tratar com um cavalheiro".

Neste últimos dias vivi feliz, uma felicidade que há muito não conhecia. Júlia não retornou à bodega e assim passamos todo o tempo juntos. Durante o dia caminhávamos pelos arredores; ela, no começo reticente a respeito de si, fez-se mais espontânea, e atendendo a minha curiosidade falou-me de sua família: o pai, um bêbado que passava os dias prostrado, e a mãe uma infeliz, que trabalhava na roça para sustentar o marido imprestável. "Isso não é novidade" disse, reconhecendo o lugar-comum de sua história, "há muitos casos assim…". Filha única, acrescentou, na infância e adolescência suportara os assédios desse homem que em muitas ocasiões a pusera no colo e a acariciara de uma forma muito pouco paternal. Quando compreendeu a natureza de seu sentimento em relação a si, afastou-se, mas tendo de viver na mesma casa viu-se obrigada a aturar seu ressentimento, que se manifestava na forma de xingações constantes, insultos de toda sorte e algumas vezes pancada, ocasiões em que se via obrigada a reagir com suas poucas forças de menina, "mais de uma vez meti-lhe as unhas na cara para defender-me" ela disse, "defender-me de meu próprio pai". A mãe? "Minha mãe o teme, parece mentira, mas a verdade é que minha mãe o teme. Não sem razão: quantas vezes foi espancada por ele!" Como se tornara meretriz? Fiz-lhe a pergunta direto demais, e receei ofendê-la, logo me desculpando pela falta de tato em tratar um assunto tão pessoal. Mas ela sorriu: não se ofendia, afinal era mesmo aquele o nome, meretriz. Admitia não ser um nome agradável, mas sua vida não era agradável, portanto o nome não representaria um agravante. "A miséria nos leva a fazer coisas que abominamos…" ela disse, e eu retruquei: "Mas há sempre uma chance de retroceder". Ela então aconchegou-se a mim como à chance que parecia enfim ser-lhe concedida. Pediu que falasse de mim e eu atendi a seu pedido. Falei no entanto muito por alto, disse que não tinha ninguém, contei a respeito de minha saúde e referi outras miudezas que não me comprometiam. Não faltaria tempo para ela saber mais a meu respeito: tendo outra vez esperança e sentindo necessidade de ser feliz, receava assustar o objeto de minha felicidade e perdê-lo, por isso agia com cautela. Assim não nos tornamos tão conhecidos quanto já nos tornáramos íntimos.

Hoje bem cedinho acordei com batidas à porta do quarto, e enquanto me vestia com má vontade imaginava o que quereria o estalajadeiro àquela hora. Júlia, com as batidas e o movimento que fiz ao levantar-me, acordou: "Que horas são?" perguntou, "quase sete" respondi, "o

estalajadeiro está batendo" e fui abrir. Diante de mim, entretanto, vi uma mulher magra e bastante envelhecida, dessas que se acabam muito cedo vítimas de uma existência cruel e que transitam sua miséria na forma desse desgaste visível até os ossos. Atrás de mim, Júlia, que de onde estava tinha uma perfeita visão do corredor, saltou na cama tentando abafar um grito de vergonha:

— Mãe!

Ao mesmo tempo a mulher cravara em mim os olhos, que se abriam muito num espanto quase silencioso:

— João!

Não compreendi logo o que se passava. Júlia, ainda na cama, compunha-se com o lençol, enquanto encabulado, olhando ora a mãe ora a filha, eu me submetia ao exame daquela mulher que nunca vira na vida, mas que não apenas sabia meu nome como parecia conhecer-me bem.

— Não me reconhece, João? — ela disse. — Estarei tão mudada assim?

A voz, conquanto diferente, pareceu-me familiar, e agora também suas feições, que eu não podia reconhecer naquele rosto enrugado por uma velhice precoce nem naquela boca onde faltavam dentes, foram arrancando de minha lembrança os traços ainda preservados e deles se revestindo, para meu espanto, ou pior, para meu terror, pois ao mesmo tempo compreendia a desgraça final que me alcançava: ali estava Eliete a dizer-me com sua inesperada presença que em todos aqueles dias eu me deitara com minha filha!

Passa das quatro horas.

É uma tarde clara, mas o sol não está forte. Pode ser que chova à noite, mas então já espero estar viajando.

Desde manhã escrevo, num estado de exaltação próximo do desvario redijo esta *comclussam*.

Presumo que o leitor questione se nesses quatro meses não me ocorrera em nenhum momento ir à procura de Eliete e de minha filha. Talvez — e com justa razão isso poderia ser cogitado — eu esteja apenas querendo dar um desfecho mais dramático e até improvável à história, e assim o episódio do incesto não passaria de uma excrescência, um apêndice não só indesejável mas irreal. Enquanto escrevo não consigo evitar um sorriso, ironizar minha própria desgraça, pois ainda que eu dê razão ao leitor não posso esquecer que tudo mais nesta longa história é da mesma forma indesejável e improvável, mas não menos real, e como meu propósito foi em todo o tempo não fugir à realidade, não seria agora, no fim, que enveredaria pelo caminho da ficção. Não obstante essas considerações, alguns esclarecimentos são necessários.

Não há dúvida de que todo esse tempo eu me lembrei de Eliete e de minha filha e, pelo muito que eu desejava conhecer Tereza, pensei em procurá-las. Mais de uma vez, portanto, eu me peguei decidido seguindo o rumo do sítio de sua família para, a certa altura, sustar os passos sem coragem de prosseguir: dominava-me subitamente um medo desse reencontro, sem que eu tivesse uma noção muito clara das razões desse medo; seria certamente a idéia de dar-me a reconhecer depois de tanto tempo e depois de todo o mal que lhes causara — ainda que nossa despedida tenha ocorrido em paz — o que me provocava um pânico e eu retrocedia de ânimo abatido para a estalagem.

Ocorria-me às vezes que Eliete pudesse encontrar-me casualmente na rua, mas dois motivos levavam-me a não alarmar-me quanto a essa possibilidade: primeiro, o sítio onde residia — presumindo que ainda residisse lá — era suficientemente afastado para que sua vinda a Pilar fosse freqüente a ponto de facilitar um encontro; e, segundo, seria muito pouco provável que ela me reconhecesse: nessas duas décadas minha aparência passou por modificações tais que eu já não pareceria familiar a ninguém, e com satisfação constatei que os poucos conhecidos de outros tempos com quem casualmente cruzei por ali não me reconheceram; penso por último que talvez padre Elpídio ter-se-ia lembrado de mim, isso devido à forte ligação que houve entre nós naqueles dias terríveis, mas, informando-me logo que cheguei a Pilar, disseram-me que o bom sacerdote morrera há um par de anos, já muito idoso, e um outro padre viera ocupar-lhe o lugar. Tais circunstâncias me deixavam seguro para transitar pelo centro do vilarejo e mesmo pelos arredores sem ser incomodado, mais ainda porque trabalhando quase todo o tempo muito pouco seria visto pelas ruas.

Um dia, porém, tomei a decisão de procurá-la, ainda que isso me custasse, e partindo bem cedo pela manhã, após hora e meia de caminhada cheguei àquela casa onde, numa época que me parecia inconcebivelmente distante, eu pensara buscar e encontrar a felicidade. Havia ainda qualquer coisa de familiar naquele caminho, e, ao alcançar as imediações da pequena fazenda que pertencera à sua família, tive a impressão de que tudo se preservara intacto para mim em meu regresso.

Senti uma constrição no peito, um abalo, por me encontrar enfim tão perto de tudo que havia abandonado há tantos anos, e um pensamento me ocorreu: haveria tempo ainda de me redimir?

Não, pois Eliete não estava lá.

— Apois, seu moço — e um homem ares rústicos que, com sua mulher e filhos, ocupava a casa de caseiros, estendeu-me a mão num gesto de simpatia —, dona Eliete… alembro sim, mas foram-se embora ela mais o marido, não sabe?, faz muitos anos… é, tinha perdido a mãe fazia

pouco tempo, adonde que vendeu a fazenda pr'um ricaço de São Paulo que andou por aí procurando terra pra comprar… sim, tinha uma filha pequena, muito doentinha… disseram que a pobrezinha padecia do pulmão… parece que foi polo frio daquele ano… foi um inverno muito frio, inté o povo no geral se ressentiu… inda mais criança… é, resistiu não, muito frio, não sabe?, a pobrezinha morreu…

Estava acabado. Meus laços com o mundo já não existiam.

Restava-me apenas concluir a missão que me havia imposto e esperar o momento final.

Meu encontro com Júlia se deu há pouco, já prestes a concluir o livro, e durante esses últimos dias deixei-o quase de lado para descansar e gozar dessa esperança que renascia e também fazer planos. Júlia poderia ter descoberto alguma coisa sobre nós se lesse um pouco mais os meus escritos? Penso que não, mas ela quando muito passou os olhos pelas primeiras páginas e sopesou o maço de laudas, afirmando em sua simplicidade que só uma pessoa instruída escreveria tanto. Eu talvez pudesse ter descoberto a seu respeito, mas Júlia — sendo este o seu nome de profissão, substituindo aquele que recebera na pia batismal, Tereza, e no qual talvez já não pensasse muito — a maior parte do tempo evitou mencionar a família, e quando o fez não foi clara o suficiente: não chegou a referir-se diretamente à mãe, a não ser para dizer que sempre ocultara dela as investidas de seu suposto pai — do qual nunca tivera motivos para desconfiar que fosse apenas padrasto, e quem tampouco fizera qualquer alusão a isso. Disse há pouco das transformações que me fizeram irreconhecível, pelo menos de quase todo mundo… Aqui interveio talvez a (má) providência, ou quem sabe o acaso, pois sempre há lugar para o acaso, e se calhou não nos encontrarmos eu e Eliete nem quando saía à rua, nem durante meus passeios mais demorados pelos arredores, o reencontro entre nós, possível mas não muito provável, deu-se hoje pela manhã à porta do meu quarto — quando e onde eu não poderia esperar.

Como ela soube de nós? Onde me terá visto em companhia da filha? Como pôde reconhecer-me e compreender o que se passava? Perguntas, perguntas… mas tais perguntas já não fazem sentido, já não servem para nada…

— O que vocês fizeram, João? — foi o grito de pavor daquela mulher acabada, olhando-me com seus grandes olhos angustiados.

Eu a encarei com perplexidade e medo, estremeci ao compreender o que acontecia e por um momento estive inerte. Tornou-se-me então evidente a inusitada ligação que parecia haver entre mim, aquele estabelecimento — a taberna —, e a Morte, e penso não haver mais qualquer dúvida de que tal ligação com efeito existe: pois dele não proveio

mais uma vez contra mim a Morte, numa forma estranha e imprevista, mas assim mesmo não menos terrível, pelo contrário, até mais que das outras vezes? (E eis então que essa linha de pensamento conduz-me, numa divagação sutil, a recordar-me do obsessivo pavor com que o Cardeal referia o seu terceiro encontro com o diabo, afirmando sempre, não se sabe por quê, que "a terceira vez é sempre terrível". Daquela mesma taberna veio meu terceiro encontro com a Morte, e foi com efeito o mais medonho!) Voltei-me devagar para Júlia, evitando encará-la, e mandei que se vestisse. Ela tentou uma recusa, não compreendia — o que estava acontecendo afinal? "Você conhece minha mãe?" quis saber. Eu, no entanto, exasperei-me e ordenei com severidade, quase gritando, que se vestisse e saísse logo dali, mas para amenizar aquele momento dei um passo em sua direção e falei baixinho, já não retendo as lágrimas, "é preciso… por favor, é preciso que seja assim", nossos olhares se cruzaram, "é preciso que seja assim" repeti, e ela obedeceu. Quando, já vestida e pronta para acompanhar a mãe, Júlia se aproximou para abraçar-me, recuei: "vá" eu disse retraindo-me, "sua mãe poderá explicar-lhe" e evitando olhá-la de novo virei-lhe as costas.

Não as vi sair.

Não sei se Eliete revelou a essa filha, assediada na infância por um padrasto bêbado, que uma vez adulta havia se deitado com seu verdadeiro pai. É possível — é mesmo certo — que tivesse tomado a decisão de contar-lhe a verdade, ainda que isso não fosse fácil; poderia usar de algum subterfúgio para mantê-la na ignorância, mas penso que não a convenceria, mormente depois de Júlia testemunhar o assombro com que eu e sua mãe nos encaramos, donde presumo que, de uma forma ou de outra, ela acabou conhecendo a verdade. Isto, porém, sinto que já não importa, serão apenas pormenores que não acrescentam interesse à história, pois certo é que quase nada mais importa: a história chega ao fim.

Ter-me-á este último episódio conduzido à solução do enigma?

Venho refletindo sobre isso desde cedo, quando, já não susceptível de espanto ou perplexidade, descobri ao olhar-me no espelho uns princípios de cárie nos meus dentes — que, apesar das minhas moléstias, foram sempre perfeitos. Percebo agora que o anjo referido não podia ser Eliete, como em certa época julguei que fosse, nem a pupila, como também cheguei a cogitar, e quanto a mim… seria ridículo assumir esse papel. O enigma talvez não falasse de ninguém mas de circunstâncias que, em conjunto, adquiriam um certo sentido: direi primeiro que um anjo apareceu-me em sonho, naquele sonho perturbador em que eu me encontrava no terreiro defronte à varanda, pela madrugada, e súbito vi sair da casa um grande número de pessoas rindo feito doidos às garga-

lhadas, nenhuma das quais, porém, exibindo a suavidade de um sorriso. No sonho, contudo, à certa altura aparece alguém que com doçura sorri: alguém que eu nunca soube descrever, se homem ou mulher, se adulto ou criança, surge dentre a loucura da multidão que gargalha e se aproxima de mim com um sorriso já inquinado pelo Mal, mostrando-me a cárie dos seus dentes! Por que estou convencido de ser um anjo — ou melhor, *o anjo* — que me apareceu então nesse sonho? Pois não serão os anjos aqueles que não possuem sexo, e assim não se pode dizer que este seja homem e aquele mulher? E não serão eles seres intemporais de quem tampouco se dirá "é um adulto" ou "é um adolescente" ou ainda "trata-se de uma criança"? Este seria o anjo simbólico, mas um anjo de carne e osso — sua contrapartida humana — eu o apertara em meus braços uma única vez, vinte e três anos atrás, antes que o abandonasse: a criatura que eu havia gerado numa hora de arrebatamento juvenil, esse mesmo que partilhara da minha cama aqueles dias, entregando-se a mim com amor e esperança e despertando-me também esperança e amor: era parte de mim — não apenas a carne que eu gerei, ou o pó, como se queira, mas a própria angelical inocência enfim destruída —, e comigo se completava o ciclo com os meus dentes começando a apodrecer: sua corrupção e a minha, e a pior de todas, nosso incesto. A árvore do meio do jardim, aquela do fruto proibido — e sempre é possível atribuir símbolos aos fatos ou fatos aos símbolos, conquanto nem tudo nesse mistério seja apenas fatos nem apenas símbolos —, revelava-se então através de um nexo com a narrativa bíblica, não como a busca da sabedoria e da imortalidade, mas tão só do prazer carnal, que me permitira gerar aquela criatura e depois com ela mesma gozá-lo ainda uma vez.

Da inocência muito se falou aqui, e finalmente percebo — o que agora me parece tão claro como a luz do dia — que este é um bem perene e não se perde com a perversão do inocente. Perene, porém ilusório… e se há nisso uma contradição, ou um novo enigma, calo-me, pois já não tenho respostas: tudo que idealizei nestes últimos dias não passou de sonhos, visualizações, impossibilidades — como a própria existência; aliás, conclusão a que forçosamente cheguei no fim deste tempo: a vida é tão somente um desordenado conjunto de sonhos e impossibilidades, enredados pelo qual vivemos apenas ilusões, mas esta foi uma das poucas verdades que pude conhecer.

E foram necessários muitos anos para perceber essas coisas.

finis drama

As datas no romance

1- 1872: em fins desse ano, Teodomiro compra a propriedade a que dá o nome de Fazenda das Oliveiras;
2- 1874: Teodomiro muda-se para as Oliveiras e seduz Cristianinha;
3- 1875: nasce o filho de Teodomiro e Cristianinha;
4- 1879: Teodomiro se casa com Inês Honorato Gomes. Também nesse ano a viúva Fragoso — aos 73 anos de idade — visita Teodomiro, e conversam sobre seu próximo casamento com Inês, aludindo ainda ao romance dele com Cristianinha;
5- 1880: nasce o primeiro filho do casal; os demais em 1881 e 1883;
6- 1895: nascimento de Ismália;
7- 1900: aos 94 anos, a viúva Fragoso visita Teodomiro na noite em que ele morre. O primeiro filho do casal — o Cardeal — tem dezenove anos;
8- 1910: Ismália, aos quinze anos, casa-se com Edgar;
9- 1910, dezembro: nascimento de João;
10- 1912-13: Filipe conhece Laura;
11- 1918: Ismália se suicida (João tem oito anos). O Investigador chega pela primeira vez às Oliveiras durante o velório à procura do Ruivo para prendê-lo;
12- 1921, setembro: morte de Edgar;
13- 1923: João, aos treze anos, se encontra pela primeira vez com o Ruivo, que conta 28 anos;
14- 1925-26: na noite de ano bom, aos quinze anos, João fala pela primeira vez com Eliete;
15- 1926: em janeiro João e Eliete namoram, ela engravida aproximadamente em agosto; o rompimento ocorre em outubro do mesmo ano;
16- 1927: em janeiro o Cardeal chega às Oliveiras. Em maio chegam seus dois irmãos.
17- 1927: A viúva Domingas Fragoso tem cerca de 120 anos (73 + 21 + 26 ou 27). Contava, portanto, mais de cem anos quando, em suas visitas a Edgar, era espionada por João ainda menino. Nesse ano Filipe está com aproximadamente 44 anos, tendo conhecido Laura catorze anos antes, entre 1912 e 1913;
18- Alípio, que tem seus setenta anos, conta a João coisas ouvidas a seu pai, que convivera com Heitor; na época em que se dão aqueles episódios ainda não era nascido.

Contemplei a menina — pois era uma menina, uma adolescente de catorze anos, se tanto: tinha a pele muito clara e nas faces cheias assomava um leve rubor, um rosado esmaecido de pétala, enquanto os cabelos longos, lisos e de um loiro quase branco, refulgiam à claridade da manhã que enchia o recinto; os olhos, de uma cor indefinível e cambiante que eu diria entre o azul e o cinza, não se fixavam em coisa alguma — mal se voltaram para mim à minha entrada e logo se desviaram, alheios a tudo, distraídos, perdidos em profunda introspecção, enquanto os lábios carnudos, entreabertos, sobressaíam vermelhos feito romãs, como que pintados de carmim. Um raio de sol, entrando pela vidraça do lado oposto da sala, ia refletir-se nos espelhos da cristaleira às suas costas, envolvendo-a num clarão de tal forma que se diria *vestida de Sol*, e os cristais dentro do móvel brilhavam como estrelas ao redor de sua cabeça…